UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

André Luiz de Castro Mariano

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA PRIMEIRA DENOMINAÇÃO PENTECOSTAL BRASILEIRA

MARÍLIA – SÃO PAULO

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ANDRÉ LUIZ DE CASTRO MARIANO

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA PRIMEIRA DENOMINAÇÃO PENTECOSTAL BRASILEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Área de concentração: Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga.

MARÍLIA – SÃO PAULO

2021

M333c

Mariano, André Luiz de Castro
Congregação Cristã no Brasil : análise antropológica da primeira denominação pentecostal brasileira / André Luiz de Castro Mariano. -- Marília, 2021
337 p. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Antônio Mendes da Costa Braga

1. Congregação Cristã. 2. Racionalidade. 3. Dogma. 4. Etnografia. 5. Pentecostalismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Marília

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA PRIMEIRA DENOMINAÇÃO PENTECOSTAL BRASILEIRA

AUTOR: ANDRÉ LUIZ DE CASTRO MARIANO
ORIENTADOR: ANTONIO MENDES DA COSTA BRAGA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em CIÊNCIAS SOCIAIS, pela Comissão Examinadora:

Prof(a). Dr(a). ANTONIO MENDES DA COSTA BRAGA (Participaçao Virtual)
Departamento de Sociologia e Antropologia / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Prof(a). Dr(a). ANDREAS HOFBAUER (Participaçao Virtual)
Departamento de Sociologia e Antropologia / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Prof(a). Dr(a). KARINA KOSICKI BELLOTTI (Participaçao Virtual)
Departamento de História / Universidade Federal do Paraná

Prof(a). Dr(a). CARLOS ALBERTO STEIL (Participaçao Virtual)
Departamento de Antropologia / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof(a). Dr(a). PAULA MONTERO (Participaçao Virtual)
Departamento de Antropologia / Universidade de São Paulo

Marília, 05 de abril de 2021

Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker
Coordenador do PPG em Ciências Sociais

Quero dedicar esta Tese a minha mãe, que compartilhou e se alegrou comigo, deste sonho de uma vida. Mas, como uma flor de um importante jardim, ela foi colhida no auge de seus 70 anos, em julho de 2017.

In memoriam
Aurea de Castro Mariano

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, quero agradecer a Deus, que é para mim uma fonte de inspiração, confiança e vida.

Agradeço aos meus filhos, noras e netos por ter compreendido minhas constantes ausências e o pouco tempo reservados a eles nestes últimos quatro anos.

Agradeço à minha esposa Neide. Neste período de doutoramento, com os nossos filhos casados, muitas vezes ela deixou também de ter minha atenção e presença, sendo uma das mais penalizadas pela minha procura incansável de conhecimento.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Antônio Mendes da Costa Braga, por ter dedicado parte de sua vida nesses últimos anos me orientando e ensinando fundamentos científicos e me presenteando com sua amizade.

Agradeço aos professores doutores Andreas Hofbauer (PPGCS/Unesp) e Karina Kosicki Bellotti (PPGHIS/UFPR) pelas contribuições na Banca de Qualificação e por também por participarem da Banca de Defesa. Da mesma forma sou grato aos professores doutores Carlos Alberto Steil (PPGAS/UFRGS) e Paula Montero (PPGAS/USP) por aceitar participar da Banca de Defesa.

Agradeço aos examinadores suplentes das Bancas de Qualificação e Defesa, aos docentes do Departamento de Ciências Sociais da Unesp, Campus de Marília e a todos os servidores públicos que contribuíram para minha formação e me auxiliaram prontamente nesta etapa da vida.

Agradeço a cada companheiro(a) de sala de aula, cada Ancião, Cooperador e cada Congregado(a) da denominação Congregação Cristã do Brasil em que estive presente, bem como aqueles que entrevistei remotamente. Obrigado por cada uma das interlocuções.

Agradeço a cada interlocutor que fizeram parte da Congregação Cristã, e mesmo deixando de ser um congregado da CCB, respeitosamente, propiciaram relevantes informações sobre a denominação pesquisada. Boa parte destes dados ajudaram problematizar meu objeto de pesquisa.

Agradeço ao Ancião Itamar Bueno Coutinho, presidente nacional da Assembleia Cristã, por disponibilizar boa parte de seu acervo sobre a CCB.

Agradeço ao professor doutor Marcos Silva da Silveira (PPGA/UFPR), por ter me ensinado a dar os primeiros passos em relação a este tema de pesquisa. E, ao professor doutor Micael Alvino da Silva (Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política/UNILA), por ter, como historiador, mas também como um congregado da CCB, lido e dado contribuições sobre o texto de Qualificação – introdução; capítulos 1, 2 e 3; anexos I e II desta tese.

Agradeço a todos aqueles que estiveram direta ou indiretamente envolvidos nesta empreitada. De alguma forma, esta tese faz parte da vida de cada um e espero estar honrando-os, na mesma medida em que me sinto honrado em desenvolver este trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta tese é um esforço de interpretar a primeira denominação pentecostal brasileira, a Congregação Cristã no Brasil a partir das ciências sociais. A presente denominação, ao contrário de outras Igrejas e denominações evangélicas, não deve ser interpretada como uma religião de caráter universal. Além disso, a Igreja pesquisada possui várias características que envolvem racionalidade e outras relacionadas a dogmas. Estas características, somadas a sua tradição religiosa, vem em parte mantendo a denominação blindada a possíveis transformações.

Palavras-Chave: Congregação Cristã; Racionalidade; Dogma; Etnografia; Pentecostalismo.

ABSTRACT

This thesis is an effort to interpret the first Brazilian Pentecostal denomination, the Christian Congregation in Brazil, from the social sciences. The present denomination, unlike other churches and evangelical denominations, should not be interpreted as a religion of universal character. In addition, the researched Church has several characteristics that involve rationality and others related to dogmas. These characteristics, added to its religious tradition, come in part keeping the denomination shielded from possible transformations.

Key words: Christian Congregation; Rationality; Dogma; Ethnography; Pentecostalism.

RÉSUMÉ

Cette thèse est un effort pour interpréter la première dénomination pentecôtiste brésilienne, la Congrégation Chrétienne au Brésil, à partir des sciences sociales. La dénomination actuelle, contrairement aux autres églises et dénominations évangéliques, ne doit pas être interprétée comme une religion de caractère universel. De plus, l'Église étudiée présente plusieurs caractéristiques qui impliquent la rationalité et d'autres liées aux dogmes. Ces caractéristiques, ajoutées à sa tradition religieuse, viennent en partie, gardant la dénomination à l'abri d'éventuelles transformations.

Mots clés: Congrégation Chrétienne; Rationalité; Dogme; Ethnographie; Pentecôtisme.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Triangulação entre os pontos pesquisados..... 28
Figura 2 – Parte da liderança da CCB em 1948..... 61
Figura 3 – Almoço no Brás: filha e genro de Francescon..... 70
Figura 4 – Almoço no Brás: trabalhadores voluntários..... 71
Figura 5 – Almoço nas dependências da Sede do Brás na Assembleia Geral..... 71
Figura 6 – CCB de São Paulo década de 1950..... 83
Figura 7 – CCB Sede no Brás década de 2020..... 83
Figura 8 – CCB Sede no Brás (vista externa)..... 84
Figura 9 – CCB Sede no Brás (vista interna 1)..... 84
Figura 10 – CCB Sede no Brás (vista interna 2)..... 85
Figura 11 – Casa de Rezas..... 109
Figura 12 – Igreja CCB..... 109
Figura 13 – 1ª CCB Santo Antônio da Platina..... 115
Figura 14 – CCB atual: CCB Central de Santo Antônio da Platina..... 116
Figura 15 – Caixa de coletas..... 171
Figura 16 – Gazofilácio de ofertas Específicas (localização na Igreja)..... 172
Figura 17 – Bancos de madeira..... 304

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de novos adeptos São Paulo, Paraná, Outros Estados: 1962/2018..... 295
Gráfico 2 – Percentual de Igrejas São Paulo, Paraná, Outros Estados: 1962/2018..... 296
Gráfico 3 – Gráfico populacional brasileiro de Evangélicos de todas as linhas e da Congregação Cristã no Brasil..... 331
Gráfico 4 – Gráfico de crescimento no Brasil: populacional e Evangélicos de todas as linhas..... 332
Gráfico 5 – Gráfico populacional no Brasil e da Congregação Cristã no Brasil..... 332
Gráfico 6 – Gráfico populacional no Brasil e da Congregação Cristã no Brasil..... 333
Gráfico 7 – Gráfico populacional da Congregação Cristã no Brasil (evolução)..... 333
Gráfico 8 – Gráfico populacional da Congregação Cristã no Brasil (Adesões e Igrejas)..... 335

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – CCB Estados em crescimento 2000/2010 280
Quadro 2 – CCB Estados em decréscimo 2000/2010 281

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Assembleia de Deus

AP – Áreas de Ponderação

CCB – Congregação Cristã no Brasil

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEQ – Igreja do Evangelho Quadrangular

IPDA – Igreja Pentecostal Deus é Amor

IRIS – Indústrias Reunidas Irmãos Spina

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OP – Obra da Piedade

TI – Tribo Indígena

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

CENÁRIO DA COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA 26

CAPÍTULO 1 – PERSPECTIVA DIACRÔNICA SOBRE LOUIS FRANCESCON, FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL E SUA CRIAÇÃO. 32

1.1 – EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA 1 72

1.2 – REGISTRO ETNOGRÁFICO 2 77

1.3 – REGISTRO DE CULTO EM JUÍZO (OCORRIDO EM 1926) 80

1.4 – INTERPRETAÇÃO DOS DADOS APRESENTADOS 81

CAPÍTULO 2 – PESQUISADORES BRASILEIROS E/OU VINCULADOS A IES NACIONAIS, QUE SE DEDICARAM AO CONHECIMENTO DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: DA DISSERTAÇÃO DE MANOEL GONÇALVES CORRÊA (1986) À TESE DE NORBERT HANS CHRISTOPH FOERSTER (2009). 87

2.1 – PESQUISADORES BRASILEIROS: MANOEL LUIZ GONÇALVES CORRÊA ... 87

2.2 – PESQUISADORES BRASILEIROS: CÉLIA MARIA GODEGUEZ DA SILVA 91

2.3 – PESQUISADORES BRASILEIROS: NILCEU JACOB DEITOS 99

2.4 – PESQUISADORES BRASILEIROS: VALÉRIA ESTEVES NASCIMENTO BARROS 106

2.5 – PESQUISADORES BRASILEIROS: GLOECIR BIANCO 111

2.6 – PESQUISADORES BRASILEIROS: IRANILDE FERREIRA MIGUEL 118

2.7 – PESQUISADORES BRASILEIROS: SÉRGIO ARAÚJO LEITE 126

2.8 – PESQUISADOR DE IES NACIONAL: NORBERT HANS CHRISTOPH FOERSTER 135

CAPÍTULO 3 – UMA INTERPRETAÇÃO DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL 143

CAPÍTULO 4 – PROCESSOS DE EXCLUSÃO E EXCLUÍDOS PELA CCB 185

CAPÍTULO 5 – RAZÃO E DOGMA DENTRO NA ESFERA RELIGIOSA DA CCB 213

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CCB, UMA DENOMINAÇÃO DESENCANTADA 249

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 268

ANEXO I – OS PRIMEIROS TRABALHOS DE PESQUISA SOBRE A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: POR QUE O INTERESSE DE PESQUISADORES ESTRANGEIROS? 274

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL INTERPRETADA POR ÉMILE-G. LÉONARD 274

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL INTERPRETADA A PARTIR DE WILLIAM R. READ 292
CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL INTERPRETADA A PARTIR DE EMILIO WILLEMS 310
ANEXO II – PENTECOSTALISMO(S) NO BRASIL 327
CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL DENTRO DO CENÁRIO NACIONAL 330
REFLEXÃO SOBRE OS DADOS E PROBLEMATIZAÇÃO DO CONTEXTO 335

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta tese é contribuir, de forma mais substanciada possível, para o conhecimento do pentecostalismo clássico desenvolvido no Brasil, a partir da primeira denominação pentecostal fundada no País, pelo italiano Louis Francescon em 1910, a Congregação Cristã no Brasil (CCB). Para isto, um dos grandes teóricos clássicos das Ciências Sociais, o sociólogo alemão Max Weber deve ser visto como fundamental no desenvolvimento deste trabalho, pois suas teorias, além de contribuírem significativamente para pensar o mundo moderno com seus desdobramentos, fornecem referenciais teóricos que ajudam a interpretar o Pentecostalismo Clássico no geral e a Congregação Cristã no Brasil em particular.

Cabe ressaltar que uma das características mais importantes de Max Weber foi seu esforço em abstrair elementos úteis e aplicá-los em sua sociologia compreensiva no sentido de chegar ao cerne das formas de racionalidades no interior tanto da ciência quanto da religião, sempre partindo do princípio de que da primeira se buscava as balizas teóricas e da segunda, as balizas práticas. Além disto, pode-se considerar que Weber não via prioridade em uma ou outra, mas acreditava e demonstrava seu interesse em ambas às esferas de saberes, por entender que elas contribuíam, ainda que de formas diferentes, para a construção da racionalidade presente no Ocidente.

Neste sentido, podemos dizer que para Max Weber tanto protestantismo e capitalismo, quanto religião e modernidade estão intimamente relacionadas e ao contrário das ideais iluministas em que religião deve ser substituída pela ciência, em Weber a religião pode ser entendida como peça na formação da sociedade, tanto quanto a ciência. Este é um paradigma minimamente intrigante, pois passamos boa parte de nossas vidas sendo ensinados que religião e ciência, ou vice versa, são duas partes opostas de uma mesma moeda, quando o que deveríamos aprender é que ambos os lados formam a moeda. Portanto, não há juízo de valor ou se atribui o mesmo valor sem que haja distinção. Dito de outra forma, podemos atestar que alguns defendem o pensamento de que a religião deve ser entendida como a responsável pela solução dos problemas físicos e metafísicos enquanto a ciência deve ser combatida, pois ela tem como finalidade a destruição da fé. De outro lado, a ciência é vista como verdadeira, objetiva, de possível experimentação e comprovação e deve substituir a religião subjetiva e irracional, pois a ciência verdadeiramente possui saberes sólidos. O que chama a atenção é que as Ciências Sociais em suas origens tinham as religiões, os sistemas religiosos, as ditas

sociedades primitivas, bem como a própria sociedade moderna, como partes de suas responsabilidades como Ciência empírica e teórica.

Dentro deste contexto de pesquisa, coloca-se a Congregação Cristã no Brasil, pesquisada pelas Ciências Sociais e apresentada como objeto de pesquisa nesta tese de doutoramento. Tal fato, por si só, deveria apresentar alguma relevância, sobretudo se compararmos o volume de trabalhos deste segmento religioso com os quase incontáveis montantes de pesquisas sobre o neopentecostalismo no Brasil, cujo maior subsídio vem pela Igreja Universal do Reino de Deus e dos vários pesquisadores reconhecidamente consolidados na pesquisa deste segmento. Em atividade, basta apenas uma piscadela, para citar Ricardo Mariano, Ronaldo de Almeida, Cecília Mariz, Ari Oro, dentre outros. Porém, se fizermos o mesmo em relação ao Pentecostalismo Clássico, e principalmente, sobre a Congregação Cristã no Brasil, existe uma carência de pesquisas de longa duração, bem como de pesquisadores que dominam o tema com propriedade. Em 2001 Key Yuasa afirmou em sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Genebra:

> From this short presentation of works by a French historian, a North American cultural anthropologist, a North American expert on Church Growth, a Swiss theologian, church historian and missiologist of pentecostal extraction, by church leaders in Christian Church of North America, by two younger pastors of Italian extraction: one from Argentina and the other from the USA, by a church leader and editor of the Italian Assemblies of God, and finally by a Scottish researcher (in Portuguese language) it is noticeable that no scholarly or significant work has been done so far on CCB by a Brazilian researcher. (YUASA, 2001, p. 09).

Oito anos depois, em 2009, o alemão Norbert Hans Christoph Foerster que defendeu sua tese em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo escreveu algo muito parecido com Yuasa:

> Enquanto publicações sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) enchem prateleiras, pode-se contar com os dedos os estudos sobre a Congregação Cristã no Brasil. São do meu conhecimento como produções nos últimos 20 anos uma tese de doutorado em teologia e cinco dissertações de mestrado, das quais três em Ciências da Religião: uma de Célia Godeguez da Silva, defendida em 1995 na UMESP, (com uma pesquisa de campo reduzida), outra de Gloecir Bianco com o título *Um véu sobre a imigração italiana no Brasil*, defendida em 2005, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, e a terceira de Sérgio Araújo Leite, com o título: *Entre o culto e o cotidiano: A mulheres da Igreja Congregação Cristã no Brasil da cidade de Carapicuíba*, defendida em 2008 na PUC. Em 1996, Nilceu Jacob Deitos defendeu, no curso 'História do Brasil' na Universidade Federal de Santa Catarina, a dissertação *Representações Pentecostais do Oeste Paranaense (A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel 1970-1995).* Valéria Esteves Nascimento Barros apresentou, no ano 2003, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, a dissertação *Da casa de rezas à Congregação Cristã no Brasil: o pentecostalismo guarani na terra indígena Laranjinha/PR*, na qual ela descreve a conversão de uma tribo indígena ao pentecostalismo da Congregação Cristã no local, com uma pesquisa de campo muito interessante. A única tese de doutorado sobre a Congregação Cristã foi defendida por Key Yuasa (com o título *Louis Francescon. Uma biografia teológica*), no ano de 2001 na Universidade de Genebra; ela trata de aspectos teológicos e históricos da

> CCB e do seu fundador, Louis Francescon. Todas as outras pesquisas em nível de pós-graduação sobre a Congregação Cristã foram realizadas há 20 anos ou mais atrás. (FOERSTER, 2009, p. 30; 31, grifo do autor).

É diante deste cenário que entendo ser relevante situar a Congregação Cristã no Brasil na agenda de pesquisa sobre o pentecostalismo brasileiro, pois estamos falando de uma lacuna de conhecimento científico que pode e deve ser subsidiado por uma abordagem teórico-científica desta que é a mais antiga denominação pentecostal em atividade no Brasil, e a segunda igreja com mais seguidores entre as igrejas evangélicas, atrás apenas da Assembleia de Deus.

Conhecer melhor o que esta Igreja e os seus adeptos representam é conhecer melhor a própria sociedade brasileira, visto que este grupo, por mais distinto e peculiar que possa parecer, faz parte da sociedade brasileira e contribui na formação desta, por meio de seu estilo de vida, sua visão de mundo, suas relações e ações sociais. Cabe ressaltar que o campo de pesquisa em torno da Congregação permanece carente, mesmo com alguns esforços realizados por pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas.

Até o início da década de 20 deste século, a conjuntura quanto ao volume de produções acadêmicas praticamente não se modificou, o que permitiu a retomada das contribuições dos pioneiros na pesquisa da Congregação Cristã no Brasil e daqueles que vieram pesquisando este segmento religioso ao longo dos anos. Neste quadro, os primeiros trabalhos são de pesquisadores estrangeiros em meados do século XX, seguidos de outras produções a partir da década de 1980, quando surgem as primeiras pesquisas produzidas por brasileiros vinculados a Instituições de Ensino Superior nacional. Estes trabalhos, ainda que esporadicamente, surgiram aqui e ali, remontando um período de trinta anos. Não são muitos, mas esta é uma realidade que, mesmo parecendo tímida, vem mantendo a CCB no circuito de pesquisa.

Acredito que esta falta de pesquisas não é resultado de situações isoladas, mas de um conjunto de fatores. O campo de pesquisa me mostrou que como grupo sectário, a entrada é difícil, demandando um esforço muito grande e estratégias que em sua grande maioria, não estão disponíveis na literatura antropológica. Dito isto, gostaria de sinalizar três pontos que julgo importantes. O primeiro está relacionado com a entrada. Como os convites mais promissores acontecem no interior das redes sociais dos adeptos, ou seja, amigos íntimos e parentes, o pesquisador que não se encontra dentro desta condição, vê suas chances de inserção serem reduzidas a níveis desanimadores, pois sabemos que em linhas gerais, não se abre o coração, tampouco se relaciona intimamente com estranhos. Outro ponto significativo,

agora em relação aos que conseguem entrar, trata-se da resistência que estes religiosos têm com a divulgação do que passa dentro da própria religião. Não que existam segredos que não podem vir a público. A razão repousa muito mais na necessidade de se manterem humildes, depositando todas as honras a Deus. Um terceiro fato que pode corresponder a deficiência de pesquisas, e que pode ser polêmico, é a possibilidade de pesquisadores olharem o grupo de modo preconceituoso. Creio que poucos iriam admitir, mas o montante destes aumenta em casos de autorreflexão.

Retornado a Max Weber como referencial teórico, boa parte de seus conceitos, ou de conceitos apropriados pelo autor e elevados a um *status* de significação histórica e sociológica, tais como racionalidade, racionalização, seitas (protestantes) e carisma servem para interpretação da Congregação Cristã como objeto de pesquisa. Pois, em tese esta denominação funciona como um todo organizado, construído racionalmente por meio de sua liderança, cujos valores são apropriados por seus adeptos, configurando assim em resultados práticos. Valores que remontam a sua *gênesis*, ainda no início do século XX, e que vêm sendo reforçados diante das questões que foram surgindo na própria trajetória da Igreja ao longo dos mais de cem anos. Estes parecem representar exclusivamente a manutenção da tradição, mas não se trata apenas disso. O que ocorre, em boa medida remete às ações racionais. É por isso que entre os muitos conceitos, a noção weberiana de racionalidade é central neste trabalho. Num exame mais atento e problematizado sobre a Congregação Cristã, percebe-se que esta possui características de ações sociais de viés muito mais racionais, no sentido weberiano, do que as de tipo carismáticas, emocionais ou mesmo tradicionais. Portanto, nota-se que a fórmula com que esta denominação foi iniciada e se desenvolveu ao longo dos anos (em 2020 ela completou 110 anos de fundação), demonstra repetidas vezes sua capacidade como organismo racional.

Por outro lado, para se compreender este segmento religioso, é preciso considerar outros elementos que não são claramente racionais e que têm uma relação de afinidade com o protestantismo pesquisado por Max Weber. Assim, quanto a CCB é possível começar com sua semelhança ao ascetismo mais comum apresentado por Weber, ou seja, aquele encontrado no protestantismo de linha puritana e calvinista, portanto, vinculados à crença na predestinação. Sabe-se que os anabatistas fogem à está última regra, tendo como ponto comum a todas as seitas protestantes ascéticas os valores oriundos do puritanismo. No caso da Congregação Cristã, trata-se de uma religião pentecostal que tem em seu cerne tanto os elementos éticos do puritanismo, quanto a crença na predestinação, herdada por seu fundador, Louis Francescon, em sua primeira conversão. Ou se for melhor, em sua passagem pelo

protestantismo presbiteriano. Um ponto a ser destacado nesta realidade é que, embora não exista no interior da CCB uma discussão teológica sobre predestinação, tal como existe na Igreja Presbiteriana, na prática, os adeptos da CCB vivem impulsionados por este pensamento cotidianamente.

Ao visitar as pesquisas desenvolvidas pelos poucos, mais de uma dezena de pesquisadores que investigaram a CCB até a presente data, é possível perceber algo em comum: aparentemente há uma concordância de que, assim como observado por Max Weber nas seitas protestantes, a salvação na CCB é individual mediante comprovação ao ser bem sucedido neste mundo, ao mesmo tempo em que o rejeita taxativamente.

Em termos weberianos, esse ascetismo intramundano resulta em comprometimento e desenvoltura sistemática por meio de uma ética que glorifique a Deus, o que está alinhado com o que ocorre na Congregação Cristã no Brasil e que pode ser visto no comportamento desde um funcionário que trabalha dentro de uma empresa metalúrgica ou, até mesmo, em uma professora que atua em seu magistério. E assim como esta forma moderna de relação com o trabalho produziu um tipo específico de comportamento na Europa histórica da Reforma anterior a Weber, quanto na Europa e América do Norte nos tempos de Max Weber, ela vem produzindo algo semelhante no tocante a esta denominação vinculada ao pentecostalismo clássico brasileiro.

Ecoa também na CCB outra característica das seitas protestantes, e que tanto fora enfatizada por Weber, a saber, a seleção voluntária dos membros, seguida de um acompanhamento contínuo de sua conduta como membro da seita, seja dentro ou fora do ambiente religioso, criando assim um padrão de excelência valorizado inclusive por pessoas fora da religião que veem nestes virtuosos seguidores a certeza que não serão usurpados. Assim como em Weber, a inserção voluntária de um novo membro é definida tanto por parte do grupo que recebe aquele que deseja e possui as qualidades necessárias para fazer parte, quanto do indivíduo que voluntariamente avança rumo ao coletivo religioso. Em linhas gerais, essa é a definição de seita e o que a difere de uma Igreja que não exige do indivíduo este tipo de ética. Segundo Weber:

> É importante que a participação numa seita significasse um certificado de qualificação moral e especialmente de moral comercial para a pessoa. Isso contrasta com a participação numa 'Igreja' na qual a pessoa 'nasce' e que permite que a graça brilhe igualmente sobre o justo e o injusto. Na verdade, uma Igreja é uma corporação que organiza a graça e administra os dons religiosos da graça, como fundação. A filiação a uma Igreja é, em princípio, obrigatória e, portanto, nada prova quanto às qualidades dos membros. **A seita é, porém, uma associação voluntária somente daqueles que, segundo o princípio, são religiosa e moralmente qualificados. Quem encontra a recepção voluntária da sua participação, em**

> **virtude da *aprovação* religiosa, ingressa na seita voluntariamente.** (WEBER, 1982, p.351, grifo nosso).

Nestes termos, a seita não se coloca como aquela que está à procura incondicional de novos seguidores, ao contrário, eles são minuciosamente selecionados. O que não é diferente na Congregação Cristã no Brasil, e o que mais uma vez a posiciona em alinhamento com o protestantismo ascético de Weber. Portanto, na CCB o proselitismo vigente é o privado, seja no interior de suas casas, de seus templos, ou o seleto nos locais de trabalho, dentro de escolas, dentre outros. Segundo Freston (1994), uma das razões fundamentais para a interpretação deste contexto é a doutrina da "predestinação" muito difundida no calvinismo e presente na Congregação Cristã no Brasil. Graças a essa concepção, os membros não se sentem pressionados a buscarem novos adeptos, como ocorre em outras denominações pentecostais, pois Deus é quem se encarrega de escolher e enviar os candidatos à salvação. Portanto,

> [...] a doutrina da C[ongregação] C[ristã] age como um amortecedor, permitindo que ela se contente com os velhos métodos. Isso dá à igreja uma estabilidade em muitas áreas. Não existe a tentação de experimentar com novos tipos de culto em nome da atratividade. A predestinação responde por todos os sucessos e fracassos da igreja. (FRESTON, 1994, p. 104).

Durante a minha pesquisa de mestrado (2010-2012), foi possível perceber empiricamente que este segmento religioso não está muito preocupado em aderir novos adeptos, e nem mesmo manter dentro do grupo pessoas que não concordem com o que é proposto por eles. É como se a qualidade e a unidade que envolve a crença, fosse mais importante que a quantidade de adeptos sem uma homogeneidade definida, ou com marcas de conflitos. Nesse sentido, não se deve pensar as adesões como simples ações transcendentes via predestinação, cujos membros são selecionados previamente pelo Sagrado[1], sem algum tipo de interferência humana. Este fato deve ser considerado pelos estudiosos dos fenômenos sociais da religião. Portanto:

> A Congregação Cristã, diferente não só da Assembleia, mas de todas as outras de origem pentecostal e neopentecostal, não sai para as ruas à procura de novos adeptos, ou seja, não pratica a chamada *evangelização*, ou pelo menos, não nos termos destes grupos, selecionando assim as pessoas que serão os possíveis candidatos à sua membresia. Isto é feito, sobretudo a partir de um conhecimento prévio das pessoas, através de vínculos familiares ou afetivos. Geralmente as pessoas que entram em um templo destes, pela primeira vez, estão sempre acompanhadas de alguém mais próximo. (MARIANO, A., 2012, p. 32, grifo do autor).

A ação transcendente de recrutar novos adeptos atribuídos a Deus pode ser visto como sendo compartilhada com os membros da seita pentecostal. Portanto, são escolhas conscientes

[1] Utilizo o termo Sagrado em maiúsculo, quando estiver vinculado a Deus.

voltadas também para o campo racional. Em outros termos, a predestinação não deve ser percebida apenas com a comprovação do sucesso nos empreendimentos mundanos, ou na agremiação de novos adeptos por atribuição da vontade, ou plano Divino[2]. Ela é também um esforço racional e metódico, cujo resultado é um *ethos* específico com resultados práticos particulares, inclusive em relação a quem deve, ou não ser inserido no grupo.

Retomo Max Weber, agora por sua Obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" (2002), em que fica explícito que a transição do tradicional para o moderno não é nova, até mesmo com conteúdos da Reforma. Ele (2002) ao analisar as possíveis razões que contribuíram para o desenvolvimento do capitalismo ocidental, defendeu que houve superação de pensamentos tradicionais presentes em Lutero por pensamentos modernos oriundos das ideias de Calvino. O desenvolvimento, ao longo da história, de conceitos como "vocação de Lutero, e "predestinação" de Calvino são alicerces que calvinistas, puritanos, e sectários batistas se apoiaram para desenvolver uma ética do trabalho, da obtenção de lucro sobre o capital e retenção de patrimônio. Para Weber a formação religiosa protestante, envolvendo o pensamento da glorificação de Deus, é peça fundamental para o novo contexto. Ou seja, Deus criou e elegeu algumas pessoas para destacar a Sua glória neste mundo, e para tal, é preciso que seus eleitos se envolvam socialmente, mas em conformidade com seus mandamentos e projetos. Ambos – mandamentos e projetos – estão relacionados com uma vida irrepreensível diante dos homens, como também ao aproveitamento metódico do tempo, que não pode ser perdido com coisas que não edificam. Pois perder tempo é perder a oportunidade de execução de trabalhos que glorificam a Deus, configurando desobediência ao Ser supremo. Nesse sentido, essa forma de se pensar e agir com base nestes conceitos modernos é particular a um modelo construído no Ocidente e que é distinto de outras perspectivas não ocidentais, e por consequência foram capazes de criar não só uma visão de mundo peculiar, mas também comportamentos que produziram desdobramentos e consequências sem precedentes históricos:

> E assim como o mundo não conheceu uma organização racional do trabalho fora do Ocidente moderno, ou talvez por causa disso mesmo, tampouco conheceu um socialismo racional. [...]. Mas embora tenha havido em toda a parte privilégios de mercado urbano, companhias, corporações e toda sorte de diferenças legais entre a cidade e o campo, **o conceito de cidadão e o de burguesia não existiram fora do moderno Ocidente. Do mesmo modo, o proletariado como classe não poderia ter existido, pois não existia uma organização racional do trabalho livre sob disciplina metodizada**. As lutas de classe entre as parcelas credoras e devedoras; proprietários rurais e sem-terra, servos ou meeiros; interesses comerciais e consumidores ou senhores de terras existiram em toda parte nas mais diversas combinações. (WEBER, 2002, p. 28, grifo nosso).

[2] Utilizo o termo Divino em maiúsculo, quando estiver vinculado a Deus.

Foi no Ocidente que o espírito capitalista ditou novas regras para o trabalho que passa ser visto como *vocação* e ao mesmo tempo como uma dádiva frente ao Sagrado e, portanto, deve-se produzir com esmero, pois é pelo trabalho que se engrandece o Reino de Deus (WEBER, 2002, p. 53). Dito de outra forma, agora, com o espírito do capitalismo a dedicação individual de tempo integral e exacerbada, passa a ter um caráter positivo como resultado da recompensa divina, enquanto que na perspectiva tradicional, o trabalho, sobretudo o trabalho excessivo, era visto como forma negativa, decorrente do castigo divino. Resumindo em poucas palavras: o trabalho maximizado deixa de ser categoria punitiva, para ser prova de sua eleição, resultando assim em aproveitamento legítimo das oportunidades dadas por Deus. Mas, o acúmulo de riquezas não deve valorizar a si próprio e sim honrar a Deus. Porquanto, o cidadão dos céus, mas que mora na terra, não tem o direito de gastar seus dons em seus próprios deleites (WEBER, 2002, p. 124; 125).

Como sabemos, a perspectiva de um trabalhador que é um eleito de Deus para glorificar seu nome na terra através de seu trabalho, somada à perspicácia de aproveitamento das oportunidades dadas por Deus a seus escolhidos e, por fim, o entendimento de que não se pode colocar fora aquilo que foi conquistado com trabalho, dilataram a porta de entrada para o capital e ao mesmo tempo estancaram a porta de saída. Esses trabalhadores, contemporâneos de Weber e que tanto contribuíram para sua pesquisa, possuem semelhanças com os pentecostais, membros da Congregação Cristã no Brasil.

No período em que estive fazendo pesquisa de campo e trabalhando com adeptos da CCB, foi possível verificar empiricamente, em diversas ocasiões, que este grupo de religiosos, quando estão fora de seus ambientes eclesiásticos, mantém comportamentos que por meio de Weber é possível entender, tais como fidelidade a seus patrões na relação com o trabalho e produtividade; recusa de associação aos sindicatos no sentido de reivindicar melhores salários por via de greves; afastamento de atitudes que possam manchar suas imagens; e outras mais. Todos estes comportamentos e outros da mesma natureza só são possíveis porque esses fiéis aprendem desde cedo que tudo aquilo que eles fazem serve para "glorificar a Deus". Ou seja, sua fidelidade, dedicação e esmero incondicional ao trabalho, mesmo que esteja a serviço de outro, carrega seu total envolvimento e o melhor dos resultados, pois a motivação é a de trabalhar para Deus e não para o homem. Nesse sentido, comprometer a produção, trabalhar sem motivação, reivindicar direitos trabalhistas através de greves, entrar na justiça contra o empregador, entre outras possibilidades semelhantes, é se posicionar contra a própria vontade

Divina[3]. Isso não quer dizer que não existam exceções. Mas nestes casos, são pontuais. Portanto, é diante deste contexto que possivelmente muitos trabalhadores pentecostais da CCB sejam preferidos por empresários e empresas que veem nesses funcionários, uma forma de crescimento de seu capital e ao mesmo tempo, de minimização de problemas.

É unanimidade entre os pesquisadores que abordaram a Congregação Cristã no Brasil, que essa, dentro do contexto evangélico e pentecostal, é uma denominação do tipo *sui generis*. Neste sentido, poderíamos elegê-la para a construção de um tipo-ideal, ou mesmo um tipo-puro de religiosidade pentecostal, que ajuda na compreensão de outras Igrejas e denominações de linha cristã em atuação no Brasil, quiçá até mesmo com outras religiões. Sua estrutura racionalizada, nem sempre observada à primeira vista, pois nossos referenciais sobre religião como tema, seja na academia ou no senso comum, rapidamente nos conduzem para significações já construídas, sendo preciso superar parte destes paradigmas.

Seus templos[4] são um exemplo de racionalidade, pois externamente mantém um modelo padronizado com pinturas simples nas cores cinza e branco, fazendo com que sejam rapidamente identificados onde quer que estejam. Dentro deles, nada de cruzes, vitrais decorados com algum símbolo que remeta à crença, ou quaisquer outros elementos, a não ser a frase situada no altar, presente em todas as suas Igrejas, "EM NOME DO SENHOR JESUS". Outro símbolo que poderia sugerir algum tipo de misticismo, e que é reduzido significativamente a um patamar apenas de vinculação religiosa, é a "Santa Ceia". Enquanto no catolicismo a eucaristia pode ser disponibilizada a seus fiéis semanalmente, e na maioria das Igrejas pentecostais mensalmente, fornecendo aos adeptos maiores possibilidades de agir afetivamente e até mesmo misticamente, seja pela crença na transubstanciação do Corpo de Cristo, ou pela consubstanciação do mesmo, na Congregação Cristã ela é disponibilizada apenas uma única vez ao ano. Ou seja, uma redução significativa do impacto desta cerimônia, dando mais espaço para ritos racionalizados como os testemunhos, os hinos que pouco se modificaram ao longo dos anos e as mensagens com objetivos específicos e direcionados.

Um dos poucos momentos de intensas manifestações emocionais acontece nos batismos. A saber, o batismo nas águas e o batismo no Espírito Santo. O primeiro marca o rito de passagem e a inserção na religião, sendo condição necessária a toda e qualquer pessoa que deseje ingressar no segmento. Mesmo que ele venha de outra denominação protestante ou

[3] Utilizo o termo Divina de forma idêntica ao Divino em maiúsculo, quando estiver vinculado a Deus.
[4] Embora as construções dos templos da CCB sejam realizadas com mão de obra voluntária de seus adeptos, não se vê falhas estruturais, trincas, deficiência de acabamento. Ao contrário, suas construções demonstraram o alto nível profissional dos trabalhos no interior do grupo.

pentecostal de todas as "três ondas[5]", ele precisa ser rebatizado. Talvez pareça forçado posicionar essa realidade a algum tipo de racionalidade, mas fato é que com esta exigência, ela se coloca como nenhuma outra, como a única detentora de determinada legitimidade, funcionando quase como uma patente. Já o segundo tipo de batismo, o do Espírito, esse sim é visto como supranatural carregado de emoções e, para um expectador externo, parecem manifestações quase irracionais. Cabe dizer que em ambos os batismos as emoções estão presentes, mas geralmente a maior intensidade acontece em momentos específicos de orações marcadas por glossolalia. Não por acaso, esta manifestação atribuída ao Espírito Santo é vista como uma das principais características de uma denominação pentecostal.

Para finalizar, outra especificidade contida na Congregação Cristã no Brasil é sua relação com a música. O estilo de música no formato de Orquestra presente em todas as igrejas, com ocorrência em todos os cultos semanais, demonstra mais um pouco desta racionalidade presente nesta instituição.

Esta tese parte do conhecimento da Congregação Cristã no Brasil, defendendo que esta possui características que nos permitem entender como uma religião pode atuar como um sistema organizado, cujas escolhas e construções funcionam de forma sincronizada e estratégica. Este sistema que pode ser entendido como resultado intelectualizado e racionalizado desta religião, acaba rompendo com a tese primária de Émile-G. Léonard, que atribuiu à Congregação Cristã no Brasil como um tipo de religiosidade desvinculada de fundamentos teóricos e intelectuais sólidos, e que para ele, só não foi mais grave em decorrência dos muitos protestantes, que segundo o teórico, eram, antes de migrar para a Congregação Cristã, membros das Igrejas Presbiterianas.

Esta tese, portanto, busca mostrar que, ao contrário do pensamento de Léonard, a Congregação possui um sistema racionalizado, que transcorre de forma eficiente, e que por isto as poucas mudanças que ocorrem ao longo dos anos, dando a impressão que estas não aconteceram – porque uma religião como organismo composto por indivíduos sempre está em processo de mutação –, são muito mais em decorrência de resultados deste processo racionalizado, do que por força das tradições. Um exemplo disto é a presença de mulheres

[5] O cientista social Paul Freston (1994, p. 70; 71), foi o pioneiro em dividir o pentecostalismo brasileiro, e o fez por meio de ondas. A Primeira onda é composta pelas Igrejas Congregação Cristã e pela Assembleia de Deus; a segunda onda pelas Igrejas Quadrangular, Brasil Para Cristo e Deus é Amor; e a terceira onda conta com a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus, sendo estas as que abrem a última onda e também as mais conhecidas. Outro teórico que demarcou o pentecostalismo em três foi o sociólogo Ricardo Mariano (1999), não havendo diferença do que foi realizado por Freston (1994) anos antes, entretanto, é a tipificação mais conhecida dentro e fora da academia. Assim, as denominações CCB e AD representam o pentecostalismo clássico; a IEQ, BPC e IPDA tem seu *status* alterado para o deuteropentecostalismo; e a IURD mais a IIGD passam a compor o neopentecostalismo (MARIANO, 1999, p. 29; 32).

membros da denominação nas esferas de trabalho secular, em locais que não vão comprometer o que é defendido pela religião, e que estão em conformidade com os valores da modernidade. Estas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade brasileira, e que a CCB não está imune, são tratadas em reuniões de lideranças, transformadas em registro de "ensinamentos" e repassados aos membros para que ajam conforme as diretrizes estabelecidas pela Igreja.

CENÁRIO DA COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA

Um dos grandes desafios de nós pesquisadores é, e sempre será, a superação de paradigmas, apoiados naqueles que já foram cuidadosamente construídos com profissionalismos, dedicação, entendimento e porque não dizer, com entusiasmo. Porquanto, uma boa pesquisa necessita de uma dose nada modesta de afinidade do pesquisador com seu objeto, que deve ser apoiado nas bases do conhecimento científico. Para isso, não é preciso fazer parte do grupo, ou seja, ser nativo, não obstante imprescindível um mergulho ousado, destituído de temores, preconceitos e balizas que trazemos consciente ou inconsciente, resultado de nossa própria visão de mundo. Essa última, se não pode ser eliminada – pois faz parte de nós –, deve ser constantemente policiada.

Meu objeto de pesquisa, como já foi mencionado, é a denominação pentecostal clássica Congregação Cristã no Brasil. Sendo esta tese um esforço na construção de mais um capítulo da pesquisa que se iniciou no mestrado em Antropologia Social. E embora tenha fechado várias lacunas no tocante ao objeto, o contato com o campo – com a CCB e seus adeptos – despertou várias outras inquietações, perguntas e possibilidades, que, certamente, abrem caminhos para novas questões e novas pesquisas.

Cabe registrar que nesta altura tenho um elevado volume de dados já coletados em todas as regiões do país. Mas entendo não pode ficar à margem uma inserção significativa ao campo no Brás, em São Paulo, na Sede da Congregação Cristã no Brasil. Se não foi lá que tudo começou, é a partir desta Igreja que tudo acontece.

Qualitativamente, os dados de pesquisa até o momento, abordam o estilo de vida e a visão de mundo dos adeptos – anciães[6], cooperadores, diáconos, irmãs da Obra da Piedade e

[6] Quero ressaltar que "anciães" é o plural de ancião para os nativos que fazem parte da denominação Congregação Cristã no Brasil. Portanto trata-se de um termo êmico. Sendo assim, todas as vezes que utilizarei o termo no plural, seguirei o que é comum ao grupo. Com algumas exceções, aparecerá a palavra anciãos, apenas

membros comuns – da referida denominação, tendo seu maior volume coletados através de interlocuções, observações de campo e momentos de interações formais e informais com sujeitos de pesquisa e possíveis interlocutores em várias cidades de diferentes estados. Entre ela uma ganha destaque, a saber a cidade de Porecatu, no Norte do Paraná, situada a aproximadamente 480 km da Capital, Curitiba, e a 13 km da divisa com o Estado de São Paulo. A escolha deste município foi estratégica, por proporcionar variadas oportunidades difíceis de serem alcançadas nas grandes metrópoles, sobretudo, pela extensa geografia e o elevado índice de habitantes, inviabilizando a possibilidade de observações do cotidiano das pessoas, além de aumentar o grau de dificuldade de se estabelecer contatos com objetivos de criar e nutrir laços fraternais, indispensáveis para o desenvolvimento de um trabalho que consiga chegar ao cerne mais íntimo das relações sociais.

A cidade, segundo dados do IBGE, possui uma população que não ultrapassa 15.000 habitantes, além de ser planejada, contando com uma geografia bastante reduzida, fazendo com que a maioria dos moradores se conheça, seja pessoalmente, "de vista", ou de "ouvir falar". Pode-se dizer que, neste contexto, ninguém passa despercebido e isso contribuiu significativamente para o volume e a qualidade dos dados apreendidos entre abril de 2017 até meados de 2019. Com os últimos doze meses desse período, marcados pela intensificação da pesquisa de campo.

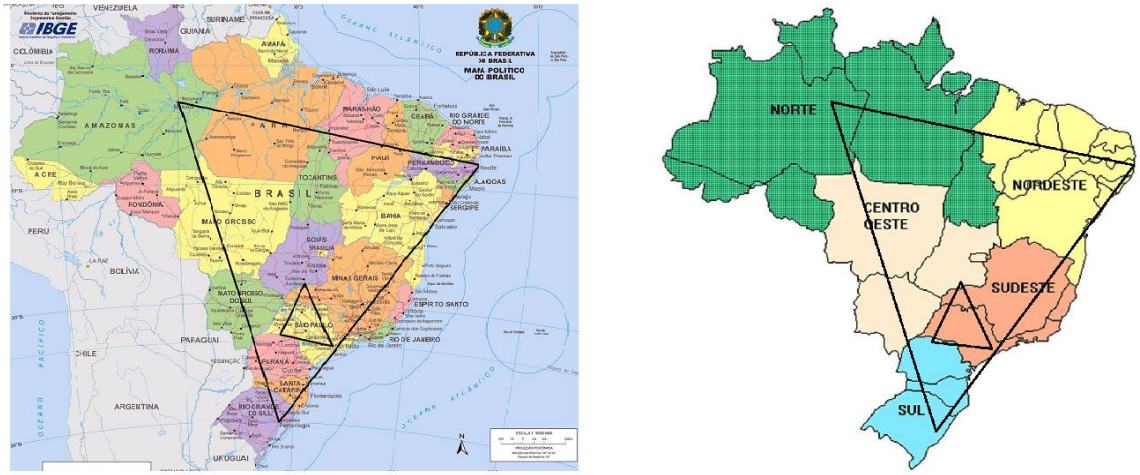
Fora deste núcleo, a partir da segunda metade de 2019, em meio as várias reflexões, inquietações e hipóteses, decorrentes de inserções anteriores em Curitiba e região metropolitana (no período do mestrado), bem como outras a Itumbiara/Goiás e Santos Dumont/Minas Gerais (já no doutorado), concluí ser necessário estender a pesquisa a outras Regiões do Brasil, Estados e capitais escolhidos previamente. Tudo, claro, sem perder de vista o objetivo. A primeira cidade escolhida foi Porto Alegre, em 20 de julho de 2019, permanecendo até o dia 23, quando segui de avião para Recife, retornado no dia 26 do mesmo mês para meu ponto de origem. Embora não tenha permanecido nestas duas cidades por muitos dias, foi o suficiente para observar e confirmar padrões a nível nacional como, por exemplo, a uniformidade das construções e estruturas arquitetônicas dos templos, a mesma liturgia nos cultos, formas semelhantes de se vestir, tanto para homens, quanto para mulheres, a saudação com "ósculo santo"[7] ao final de cada culto entre os homens, a separação dos assentos de homens e mulheres, os pequenos grupos de conversa que se formam ao final de

quando estas estiverem sendo apresentadas pelos autores que estarão sendo citados ao longo desta Tese, mantendo assim o que foi escrito no original.

[7] Beijo no rosto.

cada culto nas laterais dos templos. Grupos de homens e grupos de mulheres. Uma terceira viagem ocorreu em fevereiro de 2020, para Manaus, com finalidade de corroborar esta constatação e ao mesmo tempo, fechar um ciclo, ou quem sabe seja melhor dizer, triangulação.

Figura 1 – Triangulação entre os pontos pesquisados



Fonte: desenvolvida pelo autor

Na triangulação maior, as distâncias de acordo com o Google Maps entre Porto Alegre no Rio Grande do Sul e Recife em Pernambuco é de 3.832 km, ou de 05h e 25min de voo; de Recife/Pernambuco e Manaus/Amazonas está em 4.674 km ou 03h e 55min; e finalmente, a distância entre Manaus/Amazonas e Porto Alegre/Rio Grande do Sul, se posiciona em 4.480 km ou 06h e 10min de voo. A média entre as cidades fica em 4.328 km e a média do tempo de voo é de 5h e 16min. Na triangulação menor, as cidades também segundo Google Maps, estão separas por: Porecatu/Paraná e Itumbiara/Goiás, 665 km em 8h e 29min (carro); Itumbiara/Goiás e São Paulo/Capital, 695 km em 8h e 23 min (carro); finalizando, São Paulo/SP a Porecatu/Paraná, fica em 554 km em 6h e 10 min (carro). Neste caso a média de distância entre as cidades é de 638 km. Estes últimos deslocamentos estão calculados em automóvel. Cabe registrar que, somadas ambas as triangulações, foi possível alcançar todas as cinco regiões geográficas do Brasil.

Boa parte das cidades escolhidas é resultado de oportunidades que foram aproveitadas para a própria pesquisa, mas nem sempre com relação direta com ela. Em Porecatu, estive atuando como pastor titular de uma denominação evangélica de maio de 2016 a meados de 2019. Já em Porto Alegre e Recife viajei a trabalho, aproveitando os intervalos para fazer pesquisa de campo; em Manaus a viagem foi exclusivamente para fazer etnografia e assim

fechar a triangulação. Em Itumbiara, eu, minha esposa e sogra, fomos visitar familiares delas, alguns que já conhecia e outros não. São Paulo entrou na agenda mais por ser a Sede. Com poucos recursos, cada oportunidade foi aproveitada estrategicamente para coletar o maior volume de dados possível, e vejo que todas formam decisões acertadas. O mesmo aproveitamento estratégico ocorreu quanto às apresentações de comunicações em congressos científicos durante o período do curso, assim como a integralização dos créditos e disciplinas cursadas.

Durante o percurso acadêmico, foram escritas e apresentadas cinco comunicações, que desempenharam um papel importante no desenvolvimento da abordagem metodológica que foi sendo adotada. A primeira, nas dependências da Universidade Estadual de Campinas, no Iº Encontro Nacional do Centro de Estudos em História Cultural das Religiões em abril de 2017, cujo título foi "Congregação Cristã no Brasil e mídia: uma denominação na contramão das Igrejas Pentecostais". A segunda comunicação, com o título "Congregação Cristã no Brasil: uma denominação subsidiada pelo calvinismo reformista", foi apresentada do 3º Simpósio Sul da Associação Brasileira de História das Religiões em novembro de 2017. O evento foi realizado nas instalações da Universidade Federal de Santa Catarina. A terceira foi apresentada no 3º Simpósio Internacional da Associação Brasileira de História das Religiões, com o título "Congregação Cristã no Brasil e sua relação com a música" em outubro de 2018, também sediado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Somadas a estas, duas outras comunicações em 2019. Uma na primeira metade do mês de julho, no 19º Congresso Brasileiro de Sociologia, com o trabalho "Congregação Cristã no Brasil: análise científico social da primeira denominação pentecostal brasileira". A outra, "Peregrinações católica e congregacional cristã a partir de uma leitura de interpretação geertziana de cultura e weberiana de tipos de ação social", foi apresentada na XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, na segunda metade do mesmo mês.

Sendo assim, é possível considerar que a atual conjuntura conta com oito produções, das quais três advindas de disciplinas cursadas dentro do Programa de Pós-Graduação, todas, dialogando com o objeto de pesquisa. Todos estes trabalhos foram subsidiados pelos vários dados coletados no campo de pesquisa, ao longo dos anos.

Ao longo desta tese, procuro sempre que possível apresentar exemplos e reflexões que corrobore com minha tese central, a de que existe uma presença acentuada de elementos racionais na Congregação Cristã no Brasil que sobrepõe os valores tradicionais e também aqueles que envolvem o iluminismo religioso apontado por Léonard. Os mais de cem anos de fundação da Congregação Cristã no Brasil mostram que não se trata uma denominação

efêmera, e que sua construção pentecostal não pode ser alinhada a decisões tomadas sem bases sólidas. Além desta, trabalho com cinco hipóteses. As três primeiras estão intimamente relacionadas, assim como as duas últimas: (1) a tradição como mecanismo de barreira para mudanças no estilo de vida e visão de mundo dos adeptos; (2) a padronização litúrgica dos cultos e da cultura religiosa independente da região geográfica onde a Igreja está localizada; (3) a Congregação Cristã no Brasil prioriza quase em sua totalidade os textos do Novo Testamento para formar um padrão; as duas últimas hipóteses com base nas percepções de Paul Freston (1994) ao pontuar a CCB como uma Igreja com "[(4)] quase nenhuma fonte escrita e [(5)] extrema dificuldade para entrevistas" (FRESTON, 1994, p. 68). Quanto a este assunto, minha hipótese de que parte deste cenário é real, parte não é. O que vai fazer a diferença em relação tanto ao acesso de fontes escritas quanto a uma inserção produtiva no tocante aos interlocutores trata-se dos esforços empregados para superação de ambas as dificuldades.

O presente texto está dividido em três partes. A primeira conta com esta introdução, que trouxe informações situando o objeto pesquisado e os locais em que foram coletados os dados para esta pesquisa. Soma-se a esta introdução, uma apresentação da vida e obra de Louis Francescon. Neste caso entende-se que conhecer da melhor forma possível as origens e as trajetórias de vida de Francescon, o fundador da CCB, é conhecer melhor a própria Congregação Cristã. Em seguida trar-se-ão as contribuições de pesquisadores que também escolheram a Congregação Cristã no Brasil como objeto de pesquisa. Trata-se de uma revisão bibliográfica de 1986 a 2009. Cabe dizer que procuro me fazer presente nos textos, mantendo sempre que possível um diálogo com estes autores ao complementar dados, ratificar informações e em alguns casos retificando. Não são muitos os pesquisadores, mas o suficiente para lançar luz ao nosso objeto aqui pesquisado, de maneira que estes venham contribuir, e ao mesmo tempo, ajudar a dar nossa própria contribuição.

A segunda parte conta com os resultados das minhas pesquisas empíricas e etnográficas, cujos dados são problematizados teoricamente a partir das ciências sociais, subsidiando assim esta tese.

Já a terceira parte conta com dois anexos. O anexo I envolve os primeiros trabalhos de pesquisadores no tocante a suas contribuições sobre a Congregação Cristã no Brasil. Uma particularidade entre eles é a de serem pesquisadores estrangeiros interessados em compreender e interpretar um segmento religioso desenvolvido no Brasil. Os três primeiros pesquisadores a pensar a CCB foram o historiador Émile-G. Léonard (1951; 1952; 1953), o teólogo William R. Read (1965) e o antropólogo social Emilio Willems (1967). Neste anexo I

estão as apreensões principais destes pesquisadores em relação à CCB como objeto de pesquisa. E, assim como procurei sempre que possível me inserir na revisão bibliográfica de 1986-2009, complementando dados, ratificando informações e retificando outras, o fiz com estes pesquisadores clássicos. O anexo II trata-se de um esforço em contextualizar a Congregação Cristã no Brasil, dentro do cenário religioso evangélico brasileiro, através da problematização de dados quantitativos e de gráficos. Nesse sentido, leva-se em consideração que a Congregação é uma entre várias outras denominações pentecostais, mas se destaca por ser a pioneira no segmento religioso pentecostal no Brasil e com algumas particularidades que a distingue de todas as outras denominações.

CAPÍTULO 1 – PERSPECTIVA DIACRÔNICA SOBRE LOUIS FRANCESCON, FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL E SUA CRIAÇÃO.

Key Yuasa é certamente um dos maiores entendidos da vida e obra de Louis Francescon, fundador da Congregação Cristã no Brasil. Doutor em Teologia pela Universidade de Genebra na Suíça, tem sua trajetória construída e marcada pelo envolvimento religioso, através de seu ministério como pastor da Igreja Evangélica Holiness, com as contribuições de seu amigo Walter Hollenweger, especialista em pentecostalismo e professor da Universidade de Birmingham na Inglaterra. Além disso, a iniciação de Yuasa no universo de pesquisa, foi com seu trabalho como assistente na década de 1960 do pesquisador Emilio Willems. Esse contexto ganha destaque, pois foi este envolvimento que o colocou em contato com a Congregação Cristã no Brasil, abrindo caminho para anos mais tarde, se dedicar a sua própria pesquisa. Nesta tarefa, Yuasa buscou subsídios no Brasil, nos Estados Unidos e Itália, ou seja, países que marcaram trajetória de Louis Francescon e onde ele fundou e/ou ajudou a fundar Igrejas, do mesmo segmento pentecostal.

Sua pesquisa que resultou na tese "Louis Francescon: a Theological Biography 1866-1964" defendida em 2001 é fundamental para aqueles que desejem se debruçar sobre o pentecostalismo de origem norte-americana e exportado para o Brasil, aparentemente sem pretensões além da evangelização dos imigrantes italianos no Brasil, mas que ao longo dos mais de cem anos de fundação, se transformou em um dos maiores movimentos pentecostais a nível mundial. Este movimento tem no Brasil, capítulos historicamente relevantes, seja pelo pioneirismo do pentecostalismo brasileiro, ou pelos milhões de adeptos, ou por se destacar aqui, mais do que em outros continentes e países, a ponto de sua sede no Brás em São Paulo ser considerada a Sede Mundial da Congregação Cristã, ou pelas características peculiares de seus adeptos. Neste sentido, a grande contribuição de Yuasa foi a abordagem sistemática da vida de seu fundador, através de acervos históricos públicos, internos à denominação e pessoal; de interlocuções com amigos e parentes de Francescon; do contato com anciães que conviveram com o próprio fundador e ajudaram a estruturação/legalização da Igreja.

Em síntese, o trabalho de Yuasa (2001, p. 1), consiste na abordagem da vida de Louis Francescon, um italiano que nasceu do norte da Itália em 1866, e que em 1890 emigrou para os EUA, lugar em que se converte do catolicismo para o protestantismo e ao lado de outros italianos, fundam a Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago em 1892. Neste ramo religioso, Francescon se envolve ativamente chegando a fazer parte dos membros do Conselho, com peso nas tomadas de decisões, atuando por aproximadamente 12 anos. Em

1907 ao entrar em contato com o movimento pentecostal e experimentar a proposta deste, ao lado de sua esposa e amigos de crença, se pentecostalizou. Logo em seguida é iniciado no ministério pentecostal, ajudando disseminar a nova crença entre seus compatriotas e se envolvendo em novos projetos como a fundação da "Primeira Banda Pentecostal Italiana". A partir de 1908, acreditando ter sido comissionado a evangelização, dá início a uma série de viagens missionárias pelos EUA, Argentina, Brasil, Itália e Norte da África.

Yuasa está presente neste texto por ter buscado insumos e enfrentado grandes desafios em sua investigação sobre Louis Francescon. E isso nos remete à valorização de sua pesquisa, sobretudo porque nos fornece elementos que dificilmente poderíamos alcançar. De acordo com o autor, uma das grandes dificuldades no desenvolvimento de sua pesquisa foi a cobertura da extensão geográfica percorrida por Francescon ao longo de sua vida, o que o condicionou a viajar para três continentes com objetivo de coletar dados. Segundo Yuasa (2001),

> [...]. As raízes pessoais de Louis Francescon estão no norte da Itália [...], enquanto seu início protestante e mais tarde pentecostal aconteceram em Chicago, Illinois, EUA, o local de sua residência fixa [...], porém seu campo missionário favorito [...] e que de fato seu trabalho cresceu melhor, onde sua autoridade espiritual e quase apostólica nunca foram contestadas, foi o Brasil. (YUASA, 2001, p. 05, tradução nossa)[8].

Todo este esforço e dedicação não podem ser negligenciados, sobretudo, porque não são muitos os trabalhos acadêmicos, resultados de pesquisas mais substanciais no tocante a este objeto em específico. O próprio Key Yuasa chama a atenção para esse assunto, quando relaciona alguns poucos pesquisadores, oriundos de países externos, como França, EUA, Suíça, Itália, Argentina, Escócia, mas nenhum pesquisador brasileiro. Conforme o autor (2001, p. 06-09), os pesquisadores que se dedicaram a este objeto foram: Émile-G. Léonard, Emilio Willems[9], William R. Read, Walter Hollenweger, Louis De Caro, Norberto Saracco, Joseph Colletti, Francesco Toppi, Reed Elliot Nelson e ao final ele chama a atenção com a seguinte afirmação: "é notável que nenhum trabalho acadêmico significativo tenha sido

[8] Louis Francescon's personal roots are in Northern Italy before the man ern Italy before the turn of the XIX century. us Protestant and later Pentecostal beginnings and the place he experienced life determining conflicts search and early solutions was in and around Chicago, 'isen' place of his more permanent residence and citizenship. But his favorite mission field where he telt there was good response and growth, and in fact his work grew the best, and where his spiritual and quasi apostolic authority was never contested, was Brazil.

[9] O alemão Emilio Willems teve sua formação acadêmica forjada em ciências econômicas, mas também em sociologia e etnologia. Na Universidade de Berlim, Willems teve contato com as teorias weberianas, conhecimento que marcou sua trajetória como teórico das ciências sociais. Em 1931 Emilio Willems veio para o Brasil, atou como docente no estado de Santa Catarina e depois em 1936 na Universidade de São Paulo. Em 1949, Willems se muda para os Estados Unidos, exercendo os trabalhos de docência e pesquisa na Universidade de Vanderbilt.

realizado até agora envolvendo a Congregação Cristã no Brasil, por um pesquisador brasileiro"[10] (YUASA, 2001, p. 09).

Em nosso atual contexto, podemos contar em 2020/2021 com a tese de doutorado em Teologia do próprio Key Yuasa, "Louis Francescon: a Theological Biography 1866-1964", defendida na Universidade de Genebra, na Suíça, em 2001, sendo este filho de emigrantes japoneses vindos para o Brasil; e também a tese de doutorado em Ciências da Religião do alemão Norbert Hans Christoph Foerster, defendida na Universidade Metodista de São Paulo em 2009. Para além destas teses, existe sim um número reduzido de dissertações de mestrado, desenvolvidas por pesquisadores brasileiros, e que vem aumentando com os anos. A saber: Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (1986), Célia Godeguez da Silva (1995), Nilceu Jacob Deitos (1996), Valéria Esteves Nascimento Barros (2003), Gloecir Bianco (2006), Iranilde Ferreira Miguel (2008), Sérgio Araújo Leite (2008), André Luiz de Castro Mariano (2012), Polyanny Lílian do Amaral Braz (2015), Carlos Renato de Lima Brito (2016), Gláucia Borges Ferreira (2018) e Jaqueline Moura da Silva Sauter (2018). Um fato interessante é que destes doze pesquisadores, a metade seguiu para o doutorado. E dos seis que seguiram, três já defenderam duas teses, mas nenhum deu continuidade a sua pesquisa sobre a CCB. Dos três que estão com o doutorado em andamento, Braz e Brito também mudaram seus objetos de pesquisa. A primeira para "Evangélicas Feministas", dentro de uma abordagem entre religião e gênero, porém com outro foco que não, a CCB. E, o segundo para "Um olhar sobre a regência de corais nas igrejas evangélicas brasileiras", portanto passa a abrir o leque de denominações, e não apenas a CCB.

Acredito que uma das razões do pequeno volume de trabalhos sobre a Congregação Cristã no Brasil seja também a forma com que o grupo se relaciona com a possibilidade de estar em evidência. Na verdade, percebe-se que, para o grupo, colocar-se em um lugar de honra é ocupar um lugar destinado a Deus. Portanto, isto é uma espécie de tabu, apresentado pelo próprio Francescon e seguido doutrinariamente pelos seus seguidores. Esta atmosfera foi sentida por Yuasa e também por quaisquer outros pesquisadores que desejem conhecer tal

[10] Entre as principais razões está o grau de dificuldade de se coletar dados via adeptos e material escrito. Paul Freston (1994, p. 68) mostra isto ao posicionar as Igrejas Assembleia de Deus e Igreja do Evangelho Quadrangular entre as denominações com "considerável facilidade", pois elas contam com "muitas fontes escritas, inclusive histórias domésticas e facilidade para se fazer entrevistas" em comparação com a Congregação Cristã que segundo o pesquisador, trata-se de uma denominação de "extrema dificuldade", com "quase nenhuma fonte escrita e extrema dificuldade para entrevistas". Luís de Castro Campos Jr (1995, p. 30) afirma que: "São poucas as informações sobre a Congregação Cristã. Os registros sobre a origem deste movimento não foram divulgados"; além do fato da sociologia da religião desenvolvida no Brasil, em seu início ter se preocupado em compreender o "declínio do catolicismo" (PIERUCCI, 2004, p. 14); o surgimento e o crescimento rápido do nepentecostalismo brasileiro na década de 1970 e a "relativa facilidade" de se fazer pesquisa com este grupo, demandando menos esforço quanto a coleta de dados, se comparado com a CCB.

objeto. Portanto, um quadro que intimida e desestimula, sobretudo, os menos resilientes, ou com pouca paciência para esperar o momento certo, ou que tenha dificuldades de criar novos caminhos para uma aproximação. Aquele glamour que alguns sentem por poder ser entrevistado, com a possibilidade de ter seus nomes registrados na história, não encanta essas pessoas. Ao contrário, é visto como anátema. Yuasa sentiu essa dificuldade. Eu, como pesquisador, também senti e o que nos leva a crer que não é diferente a outros que passaram ou passarão por estas estradas. Um parágrafo de Yuasa resume com propriedade o nível de dificuldade a se enfrentar quanto a coleta de dados:

> [...] temos que apontar as tremendas dificuldades em encontrá-los e colecioná-los. Houve um caso em que esse pesquisador conseguiu ter em mãos uma carta original de Louis Francescon, mas não havia como copiá-la, e ele teve que devolvê-la à pessoa que mostrava. Outra vez, em uma cidade do sul do Brasil, ele levou dois anos de conversas assíduas com um jovem para obter uma carta circular de Francescon. Ele teve que demonstrar interesse suficiente nisso, tomando cuidado para não ficar muito ansioso e evitar uma reação contrária. Dois anos para uma única carta! Mas ele acha que valeu a pena. Essa dificuldade também foi sentida pelos pastores italianos nos EUA, quando eles queriam registrar e documentar fielmente como as coisas haviam acontecido com sua Igreja no começo. Anthony De Gregorio escreveu cartas a L. Francescon muitas vezes, pedindo informações sobre o início da obra italiana [...]. (YUASA, 2001, p.10, tradução nossa)[11].

Aqui foi possível ver que tanto Yuasa, quanto De Gregorio, ou quaisquer outros, vão encontrar dificuldades em acessar materiais, sendo necessário um esforço bem maior se comparado com outros segmentos pentecostais. O fato é que, a forma com que a Deidade[12] é vista por eles, como detentor de todos os méritos, acaba eliminando boa parte do fornecimento de dados:

> Quanto ao seu bom desejo de saber mais sobre o início da minha vida terrena e a missão que nosso Senhor desejava operar por meio desta pobre pessoa, não posso lhe favorecer nisso, querido irmão, porque nesta obra, as ações do homem não devem ser consideradas, porque tudo foi feito pelas mãos de nosso Senhor Benigno e Onipotente. (LOUIS FRANCESCON, 31/12/51, *apud* YUASA, 2001, p. 10; 25, tradução nossa)[13].

De acordo com a pesquisa de Yuasa (2001), Louis Francescon se manteve firme, rejeitando ao longo de sua vida todos os pedidos desta natureza, independentemente de onde,

---

[11] But we have to point out the tremendous difficulties in finding and collecting them. There was an instance when this researcher was able to have in hands an original LF letter, but there was no way to copy it, and he had to hand it over back to the person who showed it to him. Once, in a Southern city in Brazil, it took him two years of assiduous conversations with a young person in order to get a hold of a LF circular letter. He had to demonstrate enough interest in it while being careful not to be overly anxious to avoid a counter reaction. Two years for a single letter! But he thinks it was worth it. This difficulty was experienced by the Italian pastors in the USA when they wanted to faithfully record and document how things had happened with their church in the beginning. Anthony De Gregorio wrote letters to L. Francescon many times asking for information about the beginnings of the Italian work.

[12] Utilizo o termo Deidade em maiúsculo, quando estiver vinculado a Deus.

[13] As to your good desire to know more about the beginnings of my earthly life and the mission that our Lord has wished to operate through this poor person of mine, I cannot favor it dear brother, because in this work man's doings should not be stressed, because all has been done by the hands of our Benign and Omnipotent Lord.

ou de quem vinha. Nem mesmo a velhice, ou aproximação de sua morte, o compeliu a deixar algo robusto para posteridade. Mas, para entender um pouco melhor a forma como Francescon enxergava o mundo, é preciso conhecer partes importantes de sua vida.

Louis Francescon nasceu no dia 29 de março de 1866 em Cavasso Nuovo, província de Udine, na Itália. Quinto filho de Pietro e Maria Lorsa Francescon, teve uma vida sofrida e de muita escassez. Aos 15 anos, foi para Budapeste, Hungria, onde trabalhou com seu irmão mais velho, Oswaldo. Entre os 20 e 21 anos ele se alista e vai prestar Serviço Militar, onde permaneceu por 34 meses e também onde aprendeu a ler e escrever (YUASA, p. 34). Foram poucos os anos de estudos em sua vida: "Nasci em uma família pobre e, por necessidade de trabalho, não consegui nem terminar o 2º ano do ensino fundamental" (LOUIS FRANCESCON, *apud* YUASA, p. 27). Assim que concluiu o Serviço Militar, Francescon emigra da Itália para a América do Norte, seguindo os passos de seu irmão: "Eu, Luigi Francescon, nascido em 29 de março de 1866, em Cavasso Nuovo, na província de Udine, na Itália, um trabalhador de mosaico, vim para a América após concluir meu mandato militar, chegando em Chicago, em 3 de março de 1890" (SHRIVER, 1946, p. 6; 9 *apud* YUASA, 2001, p. 39). Louis Francescon escolheu Chicago e os Estados Unidos como seu porto, ou seja, o local de suas partidas para outros continentes, bem como seu lugar de chegada. Isso aconteceu até não ter mais forças para viajar e também até o fim de seus dias[14].

Em Chicago, Francescon chega em 1890 como católico nominal, mas em 1891 se converte ao protestantismo em uma Igreja liderada por um também italiano chamado Giuseppe Michele Martino Nardi, mais conhecido como Michele Nardi (1850-1914). Foi ele, o primeiro e um dos principais influenciadores na vida de Francescon. Key Yuasa defende que Michele Nardi foi "uma das principais fontes iniciais da espiritualidade de Louis Francescon, por sua imagem de evangelista, de um cristão italiano e de discípulo de Cristo" (YUASA, 2001, p. 57).

Se a figura de Nardi contribui para a construção de características de Francescon, penso que outra característica deve ser somada a esta: a de ser de um discípulo paulino. Não restam dúvidas que Jesus Cristo e o Espírito Santo são centrais na teologia de Francescon, mas para aqueles que acompanham, ou se aprofundaram no relacionamento com adeptos da Congregação Cristã no Brasil, percebem elementos do fundador Louis Francescon, como discípulo do Apóstolo Paulo.

[14] A figura de Louis Francescon é a de uma pessoa pobre, trabalhadora, com poucas oportunidades em seu país de origem e que precisa buscar fora as condições necessárias para contornar a pobreza. E, é através do comprometimento com o trabalho que deve ser responsabilidade de todos, que se garante boa parte da plenitude dos valores da vida.

Nesta perspectiva, Nardi, assim como o Apóstolo Paulo, são exemplos seguidos por Francescon. Portanto, se Jesus é aquele que fez discípulos, mas não se preocupou em abrir Igrejas, se Ele não estruturou outros grupos fora de seu núcleo. Se Jesus, Ele mesmo, não saiu de uma região geográfica definida, não viajou para outro país, não se preocupou em alcançar outras pessoas a não ser os judeus – e mesmo os seus discípulos, tiveram dificuldades para centrifugar seus ministérios, com destaque para o Apóstolo Pedro – o Apóstolo Paulo realiza tudo isto. No século I foi o Apóstolo Paulo, e no início do século XX foram Nardi e Francescon que se preocuparam em alcançar pessoas fora de sua nação. Foram eles que promoveram a religião para fora, e também os que após formar um coletivo de seguidores partiam para novas incursões, mas voltavam quando necessário, seja para instruir ou corrigir a Igreja por eles plantada. Além disto, Jesus não escreveu cartas para as Igrejas. Quem fez isso foi o Apóstolo Paulo e bem mais tarde, Louis Francescon.

A imagem de Paulo é uma imagem desprendida, que não se estagnou por muito tempo, que não se prendeu a limites. Nardi ficou menos de dois anos como líder religioso da Igreja de Chicago. Ele também não tinha vínculos rígidos com instituições:

> De alguma forma, apesar de colaborar com diferentes denominações, Nardi não era afiliado a nenhuma denominação. Ele trabalhou algumas vezes com os metodistas na Itália e nos EUA, colaborou com os valdenses, mas a denominação que herdou a maior parte de seu trabalho foi a presbiteriana. Em Chicago, Nardi iniciou três locais de culto para o povo italiano em um curto período (1890-1891). E todos os três ele partiu dos presbiterianos. (SIMPSON, 1916, p. 135; 136 *apud* YUASA, 2001, p. 60, tradução nossa)[15].

Ao que parece, sua missão era ir até "as ovelhas italianas perdidas", onde quer que estivessem. Missão que Francescon levou a sério, indo muito além de seu discipulador.

Em uma das saídas de Michele Nardi, o grupo de pessoas lideradas por ele deram início à Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago. Assim, em abril de 1892, dentro do solo estadunidense, nascia uma nova Igreja com menção a Itália, um núcleo de pessoas imigrantes italianos, pastoreada por um italiano, Phillip Grilli, que veio para substituir Michele Nardi. Dentro desta conjuntura, Francescon é escolhido para atuar como Diácono[16], ou seja, para fazer parte da liderança da Igreja.

A Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, não nasceu como uma Igreja amadora, e sim profissionalizada, inclusive, contando com apoio financeiro e assessoria:

---

[15] Somehow, although collaborating with different denominations, Nardi was not affiliated to any one denomination. He worked at times with the Methodists in Italy and in the U.S. , he collaborated with the Waldensians, but the denomination which inherited most of his work was the Presbyterian. 69 In Chicago, Nardi started three places of worship for the Italian people in a short period (1890-1891). And all three he left for the Presbyterians.

[16] Conforme Book of Records, Minutes, FIPCC (Fisrt Italian Presbyterian Church of Chicago), p. 3 *apud* Yuasa (2001, 79; 80).

> A missão italiana está sob os cuidados de um missionário ordenado, direto da Igreja Valdense, na Itália. Esse irmão fiel acaba de iniciar seu trabalho e está realizando reuniões de um tipo ou de outro todas as noites na semana, com encorajador sucesso. Existem cerca de 20.000 italianos na cidade, e muitos deles parecem ansiosos para ouvir o evangelho. O salário desse bom irmão atualmente é fornecido pelas igrejas através do Comitê Missão Lar. (WESTON, 1892, p. 343 *apud* YUASA, 2001, p 79, tradução nossa)[17].

Foi também na Primeira Igreja Presbiteriana de Chicago que Francescon conheceu sua esposa Rosina Balzano. O nome dela já aparece na relação daqueles que faziam parte do rol de membros da nova Igreja em abril de 1892. Portanto, já fazia parte do ambiente frequentado por Francescon. Eles se casam no dia 1º de janeiro de 1895. Em síntese Yuasa faz o seguinte registro a respeito da primeira parte da vida protestante de Francescon:

> Ao conhecer M. Nardi, L. Francescon conheceu Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Aderindo à Bíblia e à comunidade cristã de língua italiana, ele conheceu sua noiva e companheira de vida, com quem veio criar uma família de seis filhos: Elena, Daniel, Paolo, Jane, Stephen e Mary. Nesse sentido, os eventos mais importantes de sua vida estavam acontecendo dentro e ao redor de um centro que era Jesus Cristo e depois a comunidade cristã à qual ele pertencia: A Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago. (YUASA, 2001, p. 81, tradução nossa)[18].

De acordo com Yuasa (2001, p. 81; 97), nesta Igreja Francescon foi iniciado ao ministério como Diácono, atuando nesta função por 08 anos, quando ascendeu à posição de Ancião em abril de 1901. Ainda como Diácono, Francescon participava das decisões mais importantes da Igreja, tinha acesso às demandas e também às mazelas. Participava das reuniões anuais em que eram apresentados os relatórios, das questões e diretrizes para o ano seguinte. Neste contexto, Francescon tinha acesso e conhecimento da maior dificuldade enfrentada, a saber, a falta de recursos da própria igreja local para assalariar seu pastor, dependendo assim de recursos externos, mas não sem antes sobrecarregar os membros. Ele também tinha oportunidade de aprender sobre o funcionamento e administração eclesiástica, para então problematizar tudo o que via e ouvia. Conforme Yuasa (2001, p. 97), entre os assuntos da pauta da época estavam: "Discussão anual sobre o salário do pastor, campanha para a propriedade de Igreja, doações a irmãos americanos, ajuda para os necessitados, evangelização na Itália". Além disso,

---

[17] The Italian mission is under the care of an ordained missionary direct from the Waldensian Church in Italy. This faithful brother has just commenced his work and is conducting meetings of one kind or another every night in the week, with very encouraging success. There are about 20,000 Italians in the city, and many of them seem eager to listen to the gospel. The salary of this good brother at present is provided by the churches through the Home Mission Committee.

[18] Meeting M. Nardi, L. Francescon got to know Jesus Christ as his Lord and Saviour. Sticking to the Bible, and to the Italian speaking Christian community he met his bride and life companion, with whom he came to rear a family of six children Elena, Daniel, Paolo, Jane, Stephen and Mary. In that sense the most important events in his life were happening in and around a center which was Jesus Christ and then the Christian community to which he belonged: The First Italian Presbyterian Church of Chicago.

> [...] houve discussões anuais sobre doadores, participação dos fundos do Presbitério, que cobririam a maior parte das despesas da Igreja Italiana e como a Igreja Italiana contribuiria para corresponder à contribuição da Igreja Americana. Assim, foi possível para Francescon ter uma visão mais próxima do estilo presbiteriano da administração da Igreja. Ele acompanhou as dores de parto de uma Igreja Presbiteriana Italiana, auxiliada pelo Presbitério Americano. E, com o tempo, teve a oportunidade de fornecer relatórios financeiros mensais e discuti-los e aprová-los, às vezes, para presidir a reunião da Diretoria e pregar nos serviços quando o pastor não estava presente. (YUASA, 2001, p. 97, tradução nossa)[19].

Esta foi uma das razões da saída de Francescon da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, mas não a fundamental. Para Key Yuasa (2001, p. 98), são quatro as razões: "a) A questão do batismo: desempenho e forma; b) A questão da lealdade à Igreja; c) A questão do pagamento ao ministério; e d) A questão da forma de adoração".

Tão antiga quanto à questão da dificuldade financeira em subsidiar seu pastor foi a do batismo, que surgiu em 1894. É possível conjecturar que estas sejam as causadoras do afastamento de Francescon pelo período de dozes meses, do seu trabalho como diácono, ocorridos entre abril de 1894 e abril de 1895.

> No início de 1894, enquanto trabalhava em Cincinatti, Ohio, aconteceu uma noite que eu estava lendo Colossenses, cap. 2, ajoelhado no meu quarto e, quando li o versículo 12[20], ouvi uma voz repetida duas vezes: 'Você não obedeceu a este meu mandamento'. Eu respondi: Senhor, ninguém me falou sobre isso. (FRANCESCON, 1946, p. 02 *apud* YUASA, 2001, p. 98, tradução nossa)[21].

Este episódio aconteceu nove anos antes do rompimento de Francescon com a Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, que ocorreu em 1903. Ele também produziu vários desdobramentos, promoveu discussões, envolveu pessoas, gerou facções. O quadro gerou em Louis Francescon uma dúvida central que foi compartilhada simultaneamente com seu atual e antigo pastor, porquanto escreveu para ambos: "Então escrevi naquela noite para o Sr. Grilli e o Sr. Nardi sobre isso, na mesma noite, pedindo informações"[22].

---

[19] […] were also annual discussions about donors, participation of the Presbytery's funds which would cover most of the expenses of the Italian Church, and how the Italian Church would contribute in order to match the American Church' contribution. So it was possible for Francescon to have a closer view of the Church administration Presbyterian style. He accompanied the birth pains of an Italian Presbyterian Church, aided by the American Presbytery. And with time he had opportunities to give monthly financial reports and have them discussed and approved, sometimes, to preside the Board meeting, and preach at services when the pastor was not present.

[20] "Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos" (Carta de Paulo aos Colossenses 2:12). Aqui, Francescon passa a ver como necessário o batismo por imersão como condição fundamental para se estabelecer uma relação de eternidade com Deus. Esta percepção da forma de batismo difere da forma exercida pela Igreja Presbiteriana que era, e ainda é hoje, realizada por aspersão de água sobre aqueles que vão ser integrados a igreja. O batismo por imersão tido como bíblico traz exemplos como o do próprio Jesus, batizado no Rio Jordão.

[21] In the beginning of 1894, while in Cincinatti, Ohio, for work, it happened to me one night I was reading Colossians chap. 2, kneeled in my room, and when I read the verse 12, I heard a voice which repeated twice: 'You have not obeyed this my commandment'. I answered: 'Lord, nobody told me about this'.

[22] Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, 1926-1932, p. 1287 *apud* YUASA, 2001, p. 99.

A resposta do pastor Phillip Grilli estava em conformidade com a denominação que ele representava, mas contrária ao que Francescon entendia como necessário: "O Sr. Grilli me escreveu dizendo: 'Não vemos necessidade – não vemos necessidade de tentar acomodar a esta coisa'"[23]. Já a resposta de Michele Nardi, sem o peso de representar alguma denominação, foi mais favorável àquilo que preocupava Francescon: "A resposta voltou do Sr. Nardi: 'Quando eu acreditar eu serei batizado por imersão'"[24].

Francescon, não se limitou a manter sua conversa com o pastor Phillip Grilli, elevando o assunto à pauta de reunião: "Quando voltei no final de 1894, alguns meses depois, trago ao conselho de ministros, anciães e diáconos, o conselho da Igreja, a questão deste versículo e os estatutos presbiterianos, eles são contra batismo por imersão"[25].

De acordo com Yuasa (2001, p. 99), "[...] quando em 1942 ele escreveu suas anotações autobiográficas, ele considera esse batismo como um batismo bíblico":

> Como membro da administração daquela Igreja, falei sobre essa forma de ministrar o batismo das escrituras e como o próprio Senhor ordenou que eu o obedecesse: todos estavam contra mim, incluindo o pastor, a quem eu havia informado por carta, na mesma noite, que o Senhor falou comigo. (FRANCESCON, 1946, p. 02; 03 *apud* YUASA p. 99, tradução nossa)[26].

Entre o episódio de Cincinnatti até efetivamente ser batizado se passaram mais de nove anos. Conforme Key Yuasa (2001), no dia 20 de julho de 1903, Francescon e Beretta sofreram um golpe em uma reunião da Diretoria, no tocante à questão batismal. Algum tempo depois, o pastor Phillip Grilli viajou para a Itália e Michele Nardi, como aconteceu outras vezes, estava interinamente pastoreando a Igreja em Chicago.

> [...]. Francescon e G. Marin estavam trabalhando em Elgin, não muito longe de Chicago. Beretta estava lá e Francescon falou com ele novamente sobre a necessidade de ser batizado por imersão. Beretta foi convencido dessa vez e, dois dias depois, ele foi batizado por um irmão americano, membro da Igreja dos Irmãos [...]. (YUASA, 2001, p. 111; 112, tradução nossa)[27].

Assim, Beretta tornou-se credenciado para fazer o mesmo. Francescon não perde a oportunidade, sendo batizado no Lago Michigan (CAMPOS JUNIOR, 1995, p. 26). O próprio Francescon narra sua experiência em sua pequena biografia:

---

[23] Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, 1926-1932, p. 1549 *apud* YUASA, 2001, p. 99.
[24] Ibidem, p. 1549 *apud* YUASA, 2001, p. 100.
[25] Ibidem, p. 1287; 1288 *apud* YUASA, 2001, p. 99.
[26] As a member of the administration of that church, I spoke about that form of ministration of scriptural baptism and how the Lord himself ordered me to obey him: everybody was against me, including the Pastor, whom I had informed by letter, that same night, when the Lord spoke to me.
[27] Francescon and G. Marin were working in Elgin not far away from Chicago. Beretta was there and Francescon Spoke to him again about the need to be baptized by immersion. Beretta was persuaded this time, and two days later he was baptized by an American brother, member of the Church of the Brethren.

> Como o pastor se encontrava na Itália, competia a mim como ancião, presidir o serviço que se realizava no domingo. Assim tive oportunidade de dizer ao povo o que eu sentia em meu coração e lhes falei: Após 09 anos que o Senhor me falou em obedecer ao Seu mandamento, amanhã com a ajuda de Deus, terei a oportunidade de obedecê-lo e se algum de vós quiser assistir, venham. (FRANCESCON, 1977, p. 09).

Segundo Yuasa (2001, p. 101), "Francescon acalentou a ideia de Cincinatti em ser batizado como adulto e por imersão de 1894 até 1903, quando ele foi batizado por Beretta ao lado de outras 18 pessoas". De forma especificada:

> [...] cerca de 25 pessoas apareceram na segunda-feira de manhã, 7 de setembro de 1903, na margem do lago, e 18 foram batizadas por Joseph Beretta, incluindo Rosina Francescon, Alberto e Teodora (Dora) Di Cicco, Pietro e Angelina Menconi, Pietro e Emma Ottolini, Carlo Groppe, Dora Gardella, Vito Nicola e Angela Moles, Demetrio Cristiano, Augusto Lencione, etc. (YUASA, 2001, p. 112, tradução nossa)[28].

Pouco tempo depois, o pastor Phillip Grilli voltou da Itália e em reunião, Louis Francescon, após fazer uma introdução de sua vida como religioso, sugeriu que aqueles que desejassem ser participantes das promessas, teriam que obedecer a Deus. Em seguida apresentou sua demissão de Ancião, Secretário e membro da Igreja. Aos que lhe pediram para ficar, ele disse que a decisão não era por ele "premeditada, mas sim ordenada, por Nosso Senhor" (FRANCESCON, 1977, p. 10).

Key Yuasa (2001) resgata uma série de depoimentos de parte daqueles que saíram com Francescon e que nos dá uma dimensão do contexto da época. Tais informações nos permitem pensar a questão e a forma de execução e recepção do batismo. O batismo, mesmo que seja considerado elemento fundante, isoladamente não conseguiria promover divergências a ponto de provocar um cisma tão radical como ocorreu. Basta pensar que, Igrejas e denominações de origem cristãs como a própria Presbiteriana, Metodista e a Católica, mantém tal prática ao longo dos anos, sem repensar ou modificar esse paradigma. Além disso, geralmente as pessoas não rompem com sua religiosidade de origem, seja para fundar outras Igrejas ou para migrar para outros segmentos de linha cristã, por não concordar com a forma de realização do rito de passagem.

Com a saída de Francescon, aqueles que compartilhavam naquele momento da(s) mesma(s) crença(s) resolveram segui-lo. De acordo com Yuasa (2001, p. 112):

> Este grupo de pessoas estava saindo da Igreja Presbiteriana, mas não tinham um lugar definido, ou um tipo particular de Igreja que eles quisessem participar. Eles

[28] […] about 25 people showed up on Monday morning, September 7, 1903 at the Lake side, and 18 were baptized by Joseph Beretta, including Rosina Francescon, Alberto and Teodora (Dora) Di Cicco, Pietro and Angelina Menconi, Pietro and Emma Ottolini, Carlo Groppe, Dora Gardella, Vito Nicola and Angela Moles, Demetrio Cristiano, Augusto Lencione etc.

> tinham Cor. 14[29] como guia para o trabalho e um conjunto de diretrizes, de modo que não queriam um ministério pago. Eles não queriam uma vida na igreja carregada de livros e burocracias. Chamamos esse agrupamento de Igreja da Casa I, porque eles se encontravam em casas regularmente. (YUASA, 2001, p. 112, tradução nossa)[30].

Baseado nos relatos apresentados por Yuasa (2001), as razões de Francescon, e de sua esposa Rosina, são semelhantes e não se afastaram da questão do batismo que parece ser central. O primeiro afirmou que: "Esta decisão não foi minha, mas a decisão do Senhor" (FRANCESCON, 1942, p. 4 *apud* YUASA, 2001, p. 113) e a segunda: "O batismo nas águas por imersão. O Senhor nos revelou a verdade"[31]. Mas, o posicionamento de Albert Di Cicco quando questionado no Tribunal da Corte de Chicago sobre as razões que o fez sair da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, a resposta foi que eram: "Várias razões. Beretta, Francescon e eu conversamos há muito tempo sobre as coisas da Igreja. O batismo nas águas por imersão era uma coisa"[32]. Além desses, as objeções constantes de Nick Moles, mencionadas pelo próprio Di Cicco em juízo[33] na Corte de Chicago, quando questionado sobre quem seriam os responsáveis pela saída, abarcam mais elementos:

> Na verdade, Nick Moles tinha algo a dizer sobre isso. Ele costumava falar que 'não acreditava no batismo de crianças; não acreditava em ter seu nome escrito no livro da Igreja, pois pensava e acreditava que o nome dele precisava estar escrito no Livro da Vida no Céu, isso é tudo; não acreditava que os ministros deveriam sair de uma faculdade para (poder) pregar a Palavra de Deus, pois o dom de pregar é um dom do Espírito Santo e não pode ser comprado em uma faculdade ou seminário'. Estas foram as três principais razões pelas quais nos retiramos daquele lugar! (YUASA, 2001, p. 113; 114, tradução nossa)[34].

---

[29] O capítulo 14 da Carta de Paulo aos Coríntios vai tratar especificamente dos chamados "dons espirituais". Para isto Paulo orientar seu grupo a reconhecer o dom de profecia e consequentemente o profeta que transmiti, mas também enfatiza o "falar em línguas" (glossolalia). Paulo deixa claro que ambos devem fazer parte da igreja.

[30] This group of people was leaving the Presbyterian Church, but they did not have a definite place, or a particular type of church they wanted to join. They knew that I Cor. 144h was the guide for their work. They had a set of guidelines such as that they did not want a paid ministry. They did not want a church life loaded with books, and bureaucracies. We have called that grouping House Church I, because they met in homes, regularly.

[31] Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, 1926-1932, p. 916 *apud* YUASA, 2001, p. 113.

[32] Ibidem, p. 1700; 1701 *apud* YUASA, 2001, p. 113.

[33] A Congregazione Cristiana (formada pelo grupo da Igreja Casa II) e a Assemblea Cristiana (formada pela Igreja Casa I) estiveram envolvidos em um processo judicial na Corte de Chicago entre os anos de 1926 a 1932: O grupo que havia saído da Primeira Igreja Italiana de Chicago, se fracionou pouco depois por divergências internas, mas voltou a se unir com a entrada de Louis Francescon no movimento pentecostal. Portanto, a experiência do "falar em línguas" reatou os grupos da Casa I e Casa II, porém esta unidade não perdurou e novamente a separação ocorreu. Nesta altura o grupo já tinha algum patrimônio, com destaque para uma gráfica própria. A divisão dos bens ocorreu, ficou acertado entre as partes que a gráfica atenderia a ambos os grupos, mas o acordo informal foi sendo quebrado e a causa parou na justiça.

[34] In fact Nick Moles had something to say about it. He used to say that he a) did not believe in children's baptism b) did not believe in having his name written in the church book, for he thoughtand believed that if his name is written in the Book of Life in Heaven, that is all we need. c) Did not believe that ministers should come out of a collegein order to (be able to) preach the Word of God, for the gift of preaching is a gift of the Holy Spirit and cannot be purchased in a college or Seminary. These were the three main reasons we withdrew from that place! Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea

Diante destas variáveis, é possível sugerir que, isoladamente, nenhuma razão conseguiria promover mudanças, e sim a soma destas. Sendo assim, creio que essa afirmação não comprometa a tese de Yuasa (2001, p. 114), quando demonstra que o batismo e a resistência ao ministério pago são as razões que levaram Francescon a crise e rompimento com sua instituição religiosa originária. Basta pensar que Francescon, como diácono, ancião, secretário e membro, conviveu com o desgaste do ministério pago por todo período em que fez parte da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, ou seja, por 12 anos. E, como foi dito anteriormente no tocante à forma de batismo, ele suportou esta questão por mais de nove anos, sem romper seus vínculos religiosos com a Igreja, o que indica que poderia suportar mais tempo.

Ao que parece, o desgaste sofrido pelo grupo de descontentes ao longo dos anos, e as constantes conversas entre eles, não foram suficientes para abrir caminhos para uma saída estratégica e planejada, a ponto de superar o dilema: Para onde seguir? Possivelmente não se havia estabelecido contato com uma Igreja de perfil alinhado ao que eles pensavam, pois se houvesse eles seguiriam em direção a esta comunidade religiosa. Também não existia um projeto de formar uma Igreja a partir deles. Se fosse assim, logo de início teriam alugado um espaço para dar seguimento ao projeto. Portanto a forma como tudo aconteceu justifica o início de certa forma improvisado, com reuniões sendo realizadas nas casas, daqueles que saíram.

> Aconteceu também, que aqueles que comigo obedeceram ao mandamento, quiseram abandonar a Igreja o que não julguei conveniente fazerem, todavia o fizeram. Foi necessário então que nos reuníssemos em vários lugares, pela necessidade dos que não sabiam ler. Assim, a primeira reunião foi feita em casa do irmão N. Moles, na qual eu fui eleito ancião. Nessa mesma ocasião, propus aos irmãos G. Beretta e P Menconi para dirigirem o serviço uma semana cada um; depois de algumas noites, resolveu-se reunir em minha casa. (FRANCESCON, 1977, p. 10; 11).

A esse respeito, Albert Di Cicco relatou: "Durante três anos, juntos com Louis Francescon, nos encontrávamos na casa de Francescon e em nossa casa. Uma noite em sua casa e na noite seguinte na nossa. Nada elaborado. Foram apenas nossas famílias. Meu pai e sogra e L. Francescon também"[35].

Esta conjuntura de cisão da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago conta com estes elementos aqui apresentados, mas ela pode e deve ser ampliada e/ou interpretada com outros dados e reflexões. Por exemplo: A razão de a Igreja carregar em si o título de

---

Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, 1926-1932, p. 1702; 1703 *apud* YUASA, 2001, p. 113; 114.

[35] Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, 1926-1932, p. 1680 *apud* YUASA, 2001, p. 115.

italiana em pleno solo norte-americano, mostra que se trata de uma Igreja voltada para um grupo étnico específico. Mas esta coesão não garante a inexistência de diferenças interna, inclusive aquelas que representam a igualdade de acesso aos bens religiosos disponibilizados pela Igreja. O fato de Francescon ser uma pessoa pobre, com poucos estudos e o dele destacar como necessidade a atenção especial para aqueles que não sabiam ler, ou o fato dele ser um trabalhador braçal e o de Albert Di Cicco dizer que por vários anos tenha disponibilizado sua casa para as reuniões pode representar convivência entre iguais, mas também representar algo mais. Pode envolver o descontentamento, ou dificuldades de integração da parte do grupo mais pobre, com poucas oportunidades inclusive a de não saber ler, com aqueles que sabiam ler, e possivelmente estando dentro de uma condição social melhor. Isto pode representar inclusive resistência a valorização intelectual configurando em tensão entre o intelectual versus o não-intelectual; ou a inteligência humana versus a sabedoria oriunda de Deus.

Menos de três meses do rompimento com a Igreja Presbiteriana e início das reuniões nas casas, Louis Francescon decide viajar para a Itália, para rever sua família. Ele embarca no dia 02 de dezembro de 1903. Seu retorno para Chicago só ocorre em maio do ano seguinte, sendo surpreendido com uma atmosfera de austeridade e divergências internas no seu novo grupo religioso. Diante deste quadro, a princípio, Francescon tenta reestabelecer a unidade, ou seja, colocar a casa em ordem, mas depois de meses de tentativas frustradas, em outubro de 1904, decide desvincular-se do grupo. Um relato de Francescon, na Corte de Chicago, resgatada por Yuasa (2001, p. 117) retrata seu sentimento sobre o assunto.

> 'Quando saí do grupo, senti em meu coração, parar para meditar, e orar, e me aprofundar no conhecimento da Palavra de Deus' Ele repetiu a explicação: 'Em uma reunião pública, eu disse que não retornaria até que o Senhor me enviasse de volta, mas que ficaria distante para orar, meditar e aprofundar na Palavra de Deus'. (YUASA, 2001, p. 117, tradução nossa)[36].

Francescon rompe com o pequeno grupo e algumas pessoas o acompanham em outra frente. Assim, nasce o que Yuasa (2001, p. 115) chamou de Igreja Casa II. Portanto, o grupo de dissidentes da Primeira Igreja Presbiteriana de Chicago, partiu em setembro de 1903; um ano depois, em outubro de 1904 um novo capítulo é escrito com mais um cisma, resultando em dois grupos: Igreja Casa I e Igreja Casa II, permanecendo assim até setembro de 1907, quando um evento reúne novamente os dois grupos.

[36] When I came out from the group I felt in my heart to retire myself in order to meditate and pray and to deepen myself in the knowledge of the Word of God He repeated the explanation: In a public meeting, I said I would not return until the Lord sent me back, but I will stay away to pray and meditate and deepen myself in the Word of God. Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, p. 1303; 1304 *apud* YUASA, 2001, p. 117.

Mas, para chegar neste ponto, alguns elementos importantes foram sendo agregados ao cenário. Um deles está relacionado com a falta de resultados desejados. Key Yuasa ao analisar os depoimentos dos envolvidos, consegue dados que o permite interpretar que, depois de três anos, Francescon e seus companheiros de frequência na Igreja Casa II, "[...] de alguma forma estavam cansados, e não haviam visto muito crescimento em qualidade ou quantidade [...]" (YUASA, 2001, p. 119). Portanto, parece não fazer muito sentido dividir, e dividir e não haver crescimento. Além disso, é provável que eles mesmos tenham se questionado sobre suas próprias experiências teofânicas, chamados ministeriais e, escolhas ligadas as suas divergências de crenças.

É nesta altura que entra na história destes dois grupos, o movimento pentecostal que estava sendo desenvolvido no início do século XX, nos Estados Unidos. O depoimento de Albert Di Cicco na Corte de Chicago em 1929, nos fornece pistas para entender um pouco melhor o que estava para acontecer, mudando totalmente a trajetória de Francescon. Neste, Di Cicco reproduz as falas de Francescon:

> [...] 'No domingo passado à tarde, eu fui passear com algumas das crianças quando cheguei na Avenida Chicago e a Rua May'. Nós dois estávamos à mesa e ele estava falando comigo na sala de jantar. Ele disse: 'Ouvi um testemunho lá na Avenida Chicago. Um homem disse perto da Avenida Norte, do outro lado Mozart, vindo do Parque Humboldt, que o Senhor estava batizando os crentes em seu Filho, com a Santa Graça, do mesmo modo como Ele fez no tempo dos apóstolos, no dia de Pentecostes. Eu fui lá'. (YUASA, 2001, p. 119, tradução nossa)[37].

A autobiografia de Francescon nos diz com detalhes o local exato onde ocorreu seu primeiro contato pentecostal, e as circunstâncias. De acordo com Francescon:

> O Senhor me fez encontrar com um irmão americano, um dos primeiros a receber a promessa do Espírito Santo, em Los Angeles, no ano de 1906 e, por meio dele soube que na W. North Ave, 943, havia uma missão que anunciava a promessa do Espírito Santo e que o próprio pastor (W. H. Durham) a havia recebido. Na primeira semana frequentei sozinho aquele serviço e o Senhor me confirmou que aquela era Sua obra. (FRANCESCON, 1977, p.11; 12).

Albert Di Cicco disse que Francescon conversou com ele várias vezes dentro de uma semana sobre o assunto e que, ao final dela, depois de buscar bases bíblicas que justificasse o que estava acontecendo, convencido disse ao amigo: "Amanhã, domingo, nós visitaremos! E assim foi feito" (YUASA, 2001, p. 119).

[37] "'Last Sunday in the afternoon, I took a walk some of the children and when I got as far as Chicago Ave. and May St,.' both of us, him and me were at the table and he was speaking to me in his dining room, and he said: 'I heard the testimony there on Chicago Ave. A man said in the N. Avenue near Mozert right across the street from Humboldt Park, the Lord was baptizing the believers in his Son, with the Holy Grace, the same as He did in the time of Apostles, in the Day of Pentecost. I went over there'". O autor alertou que o texto possui complicações, pois foi resultado transcrições em Tribunal, de emigrantes italianos simples, que não dominavam o inglês e a ajuda de interpretes, o que pode comprometer o resultado final. Ao fazer a tradução para o português, procurei considerar esta variável. Após análises geográficas pelo Google Maps e também dos relatos da autobiografia de Francescon, procurei adequar a citação a fim de deixá-la inteligível.

Ao contrário do que estavam acostumados, ou seja, com um ambiente religioso construído para atender um público de imigrantes italianos, o ambiente que encontraram era eclético. A citação de Di Cicco, resgatada, mostra isso:

> Percebemos que havia uma mistura de pessoas: alemães, escandinavos, noruegueses e suecos. E a mensagem era: I) Salvação pela graça pela fé no Filho de Deus, tendo o Filho comprado à redenção na cruz, derramando seu precioso sangue. II) E também outro, o qual enfatizava muito, o batismo do Espírito Santo com o falar em línguas desconhecidas, como nós vimos registrado nas Escrituras em dois ou três lugares. E eu estava totalmente convencido que estas coisas ocorreram assim. Acredito que Francescon também estava convencido. [...]. (YUASA, 2001, p. 120, tradução nossa)[38].

Assim, em maio de 1907, Louis Francescon, sua esposa Rosina Francescon, Albert Di Cicco e cônjuge Teodora Di Cicco, foram os primeiros a frequentar as novas reuniões com proposta pentecostal com ênfase no batismo com o Espírito Santo. Em julho, Rosina Francescon é a pioneira entre os quatro a ter contato com a experiência do falar em línguas, ou seja, de glossolalia, falando em sueco. Logo em seguida é a vez de Teodora Di Cicco experimentar o mesmo, porém falando chinês. Somente no dia 25 de agosto de 1907, diz Francescon, "o benigno Senhor se comprazeu selar também a mim" (FRANCESCON, 1977, p. 12).

Francescon não fornece maiores detalhes, por exemplo em qual língua ele foi "selado", visto que ele faz questão de indicar tanto de sua esposa, quanto de Dora Di Cicco, ou como foi a experiência de seu amigo Albert Di Cicco. Entretanto é relevante notar que Francescon deixa explícito que não foi ele o primeiro a ser escolhido para receber este tipo de dádiva Divina, mesmo sendo homem no exercício de um protagonismo religioso e doméstico. Dito de outra forma, são elas e não ele(s), que(m) inaugura(m) a promessa do Espírito Santo entre os italianos.

Por outro lado, foi Francescon que o Sagrado escolheu para alcançar os italianos. De acordo com Yuasa (2001):

> A segunda coisa que aconteceu com L. Francescon naquele lugar é que ele foi reconhecido e, de certa forma, consagrado para ser um evangelista do povo italiano: 'Durante quanto tempo estávamos aguardando o cumprimento da Promessa de Deus, o Senhor fez saber ao irmão Durham, entre outros, que Ele havia me chamado e me

[38] We noticed that there was a mixture of people: Germans, Scandinavians, Norwegians and Swedes. And the message was: 1) Salvation by grace through faith in the Son of God, having the Son purchased redemption on the cross by shedding his precious blood. II) And then the other, on which he laid very much emphasis on, was baptism of the Holy Spirit with speaking in unknown tongue as we have it recorded in the Scriptures in two or three places. And I was fully convinced then, that things stood that way. I believe that Francescon was also convinced. Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, 1926-1932, p. 1687 *apud* YUASA, 2001, p. 120.

> preparado para levar Sua mensagem ao povo italiano'. (Notas autobiográficas de Louis Francescon, p. 05 *apud*, YUASA, 2001, p. 121, tradução nossa)[39].

Declaração semelhante a essa, está na IV edição brasileira sobre o "Histórico da Obra de Deus, revelada pelo Espírito Santo no Século atual" (FRANCESCON, 1977, p. 12).

Com este entendimento, acreditando ter sido comissionado pelo Sagrado a evangelização dos italianos, Francescon passa a propagar a nova crença entre seus pares, dos quais, Pietro Ottolini é um dos primeiros. Ambos trabalhavam juntos na construção de Mosaicos[40]. Francescon, no dia 24 de agosto de 1907, iniciou um diálogo sobre as suas experiências pentecostais e o que estava sendo realizado através do pregador pentecostal W. H. Durham. Assim, no dia 31 de agosto de 1907, Ottolini convidou Francescon para entrar em sua casa para dar maiores detalhes a ele e também a sua esposa sobre o que seria essa "obra do Espírito Santo". Segundo Yuasa (2001, p. 133) Ottolini e sua esposa "ficaram profundamente impressionados com as palavras de Francescon e com uma poderosa oração feita por ele". As palavras de Ottolini sobre o que sentiu, depois do que viu e ouviu, e ao se deparar com um Francescon transformado, foram: "Havia uma mudança radical que nos obrigou a dizer que de fato, já não era o Francescon, o homem que conhecíamos como protestante" (DE CARO, 1977, p. 33 *apud* YUASA, 2001, p. 133).

De acordo com Key Yuasa (2001, p. 133), Pietro Ottolini ficou tão impressionado que decidiu ir assistir ao culto na Missão da Avenida Norte. Ele se convenceu que aquilo que Francescon havia dito era verdade. Neste momento, a distância existente entre o líder da Igreja Casa II e a liderança da Igreja Casa I começa um processo de redução, isto porque, no outro dia, no culto na Igreja Casa I, Ottolini que também era Ancião ao lado de Peter Menconi, explicou o que havia visto e escutado de Francescon. O resultado foi que, na noite de 1º de setembro de 1907,

> Ottolini levou Peter Menconi com ele, para visitar a Missão Avenida Norte. Menconi foi também convencido da genuína autenticidade do que ouviu e viu com seus olhos, comparando com as testemunhas das Escrituras sobre o Espírito Santo. Durante aquela semana, Ottolini, Menconi e alguns outros membros seguiram até o fim de semana, na Missão na Avenida Norte. (YUASA, 2001, p. 133, tradução nossa)[41].

---

[39] The second thing that happened to L. Francescon in that place is that he was recognized, and in a way consecrated to be an evangelist to the Italian people: 'During what time we were awaiting the fulfilment of God's Promise, the Lord made known to brother Durham, among others, that He had called and set me in readiness to carry His message to the Italian people'.

[40] Tipo de arte manual especializada realizada na construção civil, que consiste na utilização de pequenas pedras coloridas montadas de forma estratégica, resultando em desenhos ou mesmo frases. Tais obras podem ser realizadas em pisos, paredes ou tetos de construções.

[41] Ottolini took P. Menconi with him, to visit the North Ave. Mission. Menconi was then convinced of the genuineness of what he witnessed with his own eyes, and the explanations he heard, as comparing with the Scriptures' testimonies on the Holy Spirit. During that week and the following week- end Ottolini, Menconi and

Foi também neste período que Pietro Ottolini e sua família, em um dos cultos, passaram por uma experiência supranatural.

Em 14 de setembro do mesmo ano, foi a vez de mais um italiano chamado Giovanni Perrou se aproximar de Francescon e orientado por ele, também teve a mesma experiência pentecostal. Além destes, somaram-se G. Marin e A. Lencioni (FRANCESCON, 1977, p. 12; 13). No dia seguinte, 15 de setembro, G. Perrou, começou a orar e se colocar como instrumento do Sagrado, dentro da Igreja Casa I: "Perrou, tendo estado cheio do Espírito algumas horas antes, fez uma oração. De repente, o poder de Deus caiu entre os evangélicos italianos e vários deles foram batizados no Espírito Santo" (DE CARO, 1977, p. 34 *apud* YUASA, 2001, p. 134).

Nas palavras de Yuasa (2001, p. 134), "as manifestações duraram extraordinariamente muito tempo. Ao meio-dia, Ottolini e outros mandaram chamar Francescon. A mensagem era a seguinte: 'O Senhor quer que você esteja em nosso meio'[42]. Francescon chegou às 14:00h". É interessante que o próprio Francescon narra esta história, mas de uma perspectiva diferente, porém com as mesmas características de marco histórico:

> No inesquecível dia 15 de setembro do mesmo ano [1907], na casa de oração da W. Grand Av. 1139 [Igreja Casa I], o Senhor se manifestou ao irmão A. Lencioni, e muitos dos presentes. Julgando que ele não se encontrava em si, formaram um ambiente confuso, por não discernirem a Obra de Deus. Dois dos presentes (P. Menconi e Luigi Garrou) vendo isto, vieram me chamar, dizendo-me que fosse depressa onde eles se encontravam reunidos; antes de sair, orei ao Senhor que me determinou ir. Ao entrar naquele local, o Senhor me abriu a boca para falar-lhes do poder do Sangue do Concerto Eterno e que só por Ele se pode permanecer em pé na presença de Deus e obter as Suas fiéis promessas. Imediatamente, o Senhor se manifestou com Sua Presença, selando os irmãos P. Menconi, A. Andreoni. A Lencioni e outros, e as maravilhas de nosso Senhor e Seu grande poder foram conhecidas e manifestadas a todos quantos vinha para vê-las e o Senhor convencia e os selava, jovens e velhos (na fé) e entre esses os irmãos G. Marin e Umberto Gazzari. (FRANCESCON, 1977, p. 13; 14).

Outra contribuição deste dia histórico veio através do depoimento de Albert Di Cicco em Juízo, à Corte de Chicago, em 1929: de acordo com ele, "[...] o Sr. Francescon foi até minha casa e disse: 'Irmão Albert, você sabia ontem à noite, o Senhor batizou na Missão da Avenida Norte, o irmão John Perrou (da Avenida Grande, onde Menconi era o Ancião) [...]"[43]. E complementa dizendo:

> Quando abrimos a porta, encontramos muitas pessoas deitadas no chão, atingidos pelo poder de Deus, e nos juntamos a eles orando e louvando ao Senhor como era

---

some others visited the North Ave. Mission On September, 15h as G. Perrou, who had been baptized with the Holy Spirit on the day before , at the North Ave.

[42] DE CARO, 1977, p. 35.

[43] Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, 1926-1932, p. 1695 *apud* YUASA, 2001, p. 134.

> nosso costume fazer. E, enquanto estávamos lá, o Senhor batizou vários deles com o Espírito Santo em nossa presença. Um deles foi P. Menconi, o Ancião daquela Igreja. (YUASA, 2001, p. 134; 135, tradução nossa)[44].

De acordo com a pesquisa de Yuasa (2001, p. 135): "Naquele dia, 15 de setembro de 1907, no terceiro culto, Ottolini disse que se sentiu levado pelo Espírito Santo a dizer: 'O Senhor enviou o irmão Francescon aqui para que possamos ouvir a palavra de Deus através dele'". A narrativa de Francescon sobre esse assunto foi:

> Na terceira vez, aconteceu que, quando o irmão Menconi subiu ao púlpito, o irmão P. Ottolini (impulsionado pelo Espírito Santo) deu um grande salto e gritou, dizendo: 'Irmão Menconi. Cesse! O Senhor enviou o irmão Louis Francescon entre nós para que ele pudesse ministrar para nós'. Então o irmão Menconi foi persuadido a se retirar e, novamente, assumi o cargo de Ancião – até junho de 1908. (Narrativa de Francescon. YUASA, 2001, p. 135, tradução nossa)[45].

De Caro lança luz sobre esse assunto, através da narrativa do próprio Ottolini sobre a ocorrência: "Francescon, dominado pelo poder, declarou: 'Agora sei que o Senhor falou através do irmão Ottolini'. Ele então avançou para o púlpito e pregou um sermão poderoso, no qual, todos foram feitos para realizar o que o Senhor havia falado" (DE CARO, 1977, p. 35 *apud* YUASA 2001, p. 135).

Diante disso, Yuasa (2001, p. 136) afirma que os acontecimentos do dia 15 de setembro o promoveram publicamente e assim legitimou a liderança de Francescon, entre a Igreja da Casa I e da Igreja da Casa II no sentido de confirmação da vocação dada por Deus para ministração do Evangelho ao povo italiano. Ele também se apoia na citação de De Caro. Segundo o autor (1977, p. 35; 36 *apud* YUASA, 2001, p. 136) "Ottolini descreve esse dia como sendo um dia de 'memória sagrada' e Francescon o descreve como 'o inesquecível 15 de setembro'... Este foi o dia em que o Senhor fez; ... 15 de setembro de 1907, pode-se dizer que foi o dia em que o Movimento Pentecostal Italiano nasceu".

No início de dezembro do mesmo ano, Francescon recebeu uma revelação Divina, que ele mesmo profetizou:

> Eu, o Senhor, permaneci no meio de vós e se Me obedecerdes e fordes humildes Eu mandarei convosco todos os que devem ser salvos. Vos tereis unidos por um pouco de tempo a fim de vos preparar, para depois mandar alguns de vós em outros lugares para recolher outras minhas ovelhas. Este é meu sinal que vos dou para confirmar

[44] As we opened the door, we found many of the people there lying on the floor, stricken down with the power of God, and we joined them praying, praising the Lord as it was our custom to do and while remained there, the Lord baptized several of them with the Holy Spirit in our presence. One of them was P. Menconi, the elder of that church. Registros sobre "Louis Nardini, Joseph Carriere and Congregazione Cristiana versus Assemblea Cristiana, Albert di Cicco and John Menna. Etc". Corte de Chicago, p. 1697 *apud* YUASA, p. 134; 135.

[45] The third time it chanced that as brother Menconi mounted the pulpit, brother P. Ottolini (driven by the Holy Spirit) gave a great leap and called out, saying: 'Brother Menconi,. Cease! The Lord has sent brother L. Francescon among us that he might minister unto us'. Then was brother Menconi persuaded to retire to his seat and I again, assumed the post of Elder – until the June of 1908.

> que vosso Deus é quem vos falou. Este local será pequeno para conter as pessoas que chamei. (FRANCESCON, 1977, p. 15; 16).

De acordo com Francescon (1977, p. 16; 17), após esta profecia, um dos membros da Igreja decidiu comprar sessenta cadeiras, que se somaram às que já estavam no local. Algumas famílias da sua Igreja de origem, a Igreja Presbiteriana Italiana e também da Católica começaram ter suas próprias experiências com Deus, e o fato de serem citadas, permite entender que tais acontecimentos aproximaram Francescon de seus antigos grupos. O resultado de tudo foi que, no domingo posterior a profecia as cadeiras existentes foram insuficientes para todos se assentarem. Em torno de um mês depois da profecia, os resultados começam a se mostrar favoráveis, portanto, setenta dos novatos foram batizados nas águas e, muitos destes, no Espírito. O saldo dos primeiros cem dias foi visto como positivo, contando com muitas curas milagrosas tanto de pessoas desenganadas pela medicina quanto de indivíduos com doenças crônicas. Mas, os fatos também foram capaz de produzir descontentes. "O Senhor permitiu entretanto, que passássemos duras provas e perseguições; mas não fazíamos caso delas, porque a Graça de Deus abundava em nossos corações e as suas promessas eram fiéis" (FRANCESCON, 1977, p. 17).

O impacto de uma profecia desta natureza, vista em termos weberianos de carisma pessoal, legitima o próprio Francescon como alguém que possui capacidades extraordinárias. Assim, Francescon não só é visto como a pessoa que tem intimidade com Deus, mas também como a pessoa responsável por atuar como legítimo porta-voz da Deidade. O reconhecimento coletivo do vigor de seu carisma é renovado cada vez que novos conversos são acrescentados ao grupo, e ao mesmo tempo pressiona cada pessoa em particular, mas que fazem parte do grupo religioso, a obedecer às regras (manter a tradição) e ao mesmo tempo zelar pela humildade (esvaziar a si mesmo). Isto vai auxiliar a manutenção de uma visão de mundo e um estilo de vida próprio da Congregação Cristã no Brasil, antes plantado por Francescon.

Retornando a Yuasa é possível perceber que ele, para interpretar o lugar que Francescon ocupou como pilar na história da denominação, se apoia em Hollenweger ao apresentar Francescon como "o pai do movimento pentecostal italiano" (HOLLENWEGER, 1972, p. 250 *apud* YUASA, 2001, p. 136) e também aquele que serviu de inspiração para que italianos alcançassem italianos com a promessa do Espírito. Segue abaixo, a síntese das primeiras rotas da expansão deste movimento pentecostal italiano pela América do Norte, nos termos de Yuasa:

> A expansão espontânea desse grupo de pessoas é uma característica notável de seu estilo de vida. a) Rosina Francescon foi em outubro de 1907 a Los Angeles para testemunhar à família de Nicola Moles; b) Vindos de Hulberton NY, um grupo de

> irmãos e irmãs vieram observar o que estava acontecendo e ficaram na comunidade por vários dias; eles foram selados, ou seja, eles também falaram em línguas e depois voltaram; c) em janeiro de 1908 P. Ottolini e G. Perrou, foram para Nova York, passando por Hulberton; d) A. Lencioni foi em fevereiro para Hulberton, NY; [...]. (YUASA, 2001, p. 137, tradução nossa)[46].

Aqui percebe-se uma mudança de paradigma na história da Igreja evangélica de linha italiana a partir de Louis Francescon. Com a adoção pentecostal, o desejo missionário passa ser o de alcançar os italianos onde quer que eles estejam. Ou seja, nos Estados Unidos, na Itália e em países que receberam imigrantes italianos. Este é um contexto em certa medida complexo, primeiro porque é do conhecimento de todos que conhecem a Congregação Cristã que um dos legados de Francescon é a rejeição do ministério pago, exigindo da liderança da Igreja brasileira que os envolvidos no trabalho religioso, anciães, cooperadores e diáconos, não abandonem a participação em atividades laborais para que possam se manter. Ele pode ser um empresário, um pedreiro, um mecânico, um marceneiro, um profissional liberal. Sua renda só não pode ser em parte, ou no todo, oriunda da Igreja. É trabalhando fora que eles obtêm seus rendimentos, se sustentam e mantém suas famílias. Mas, ao analisar a ordem dos fatos narrados por Louis Francescon em sua autobiografia (1977), é possível entender algo diferente. Porquanto em março de 1908 "o Senhor fez saber a mim e ao irmão G. Lombardi que deixássemos o nosso trabalho material, para dedicarmo-nos inteiramente à obra que Ele nos havia preparado; ambos nos encontrávamos em má situação financeira e cada um com 6 filhos menores [...]" (FRANCESCON, 1977, p. 17; 18).

Francescon conseguiu implantar na Igreja brasileira uma tradição religiosa voltada para o trabalho comum e necessário para a grande sociedade, que sobrepõe a própria atividade ministerial, mas ele mesmo precisou deixar de ser um trabalhador de mosaicos para se dedicar ao ministério em tempo integral. Além disto, o pentecostalismo vinculado a Francescon não contou com instituições de fomento, financiando suas viagens missionárias, mas nada disso impediu o pentecostalismo de linha italiana de ter se espalhado por vários países mesmo na sua etapa inicial.

Key Yuasa mostra o quanto o desejo de levar aos italianos a experiência pentecostal se transformou em uma missão extraordinária, recrutando e comissionando várias pessoas a sair em busca de novos seguidores. De acordo com Yuasa

[46] The spontaneous expansion of this group of people is a notable feature of their life style. a) Rosina Francescon went in October 1907 to Los Angeles in order to testify to the family of Nicola Moles.. b) From Hulberton N.Y., a group of brothers and sisters came to see what was happening, and stayed with the community for several days, they were sealed, that is to say, they also spoke in tongues and went back c) January 1908 P. Ottolini and G. Perrou, went to New York, via Hulberton d) A. Lencioni went in February to Hulberton, NY.

> [...] e) Em abril, quatro partiram para a Itália, e três retornaram sem frutos, exceto Demetrio Cristiani, cujos parentes aceitaram a Cristo, retornando para Chicago; f) Em 29 de junho, L. Francescon foi para S. Louis. Lombardi se juntou a ele em St. Louis depois de um mês, ambos foram para a Califórnia. Lombardi voltou rápido da Califórnia para Chicago e de Chicago partiu para Roma em setembro de 1908. Em Los Angeles, Francescon se acolheu na casa de N. Moles, várias irmãs italianas. Neste meio tempo Serafino Arena foi salvo. Algum tempo depois, ele h) Arena, voltou para Sicília, na Itália, para ser uma testemunha de Cristo. Francescon retornou em março de 1909 para Chicago e em 18 de abril; i) partiu para a Filadélfia e de lá voltou em 22 de julho. Pouco depois, na companhia de Lucia Menna e Giacomo Lombardi; j) Francescon partiu para a Argentina, visitando os parentes de Lucia Menna em San Cayetano, e depois também em Buenos Aires, e a partir daí; k) em março de 1910, juntamente com Lombardi, foi para o Brasil. Após visitas na cidade de São Paulo; l) Lombardi partiu para Roma e Francescon viajou para Santo Antonio de Platina, no norte do estado do Paraná. (YUASA, 2001, p. 137, tradução nossa)[47].

Gostaria de fazer uma pequena abordagem do início do trabalho de Francescon, na América Latina, sobretudo, no Brasil. No dia 04 de setembro de 1909, Francescon saiu de Chicago ao lado de G. Lombardi e Lucia Menna em direção a Buenos Aires, na Argentina, para propagar a crença pentecostal. Eles divulgam seu trabalho por mais de seis meses, e em 08 de março de 1910, já haviam plantado duas Igrejas, uma em Buenos Aires, e outra em Tigre.

William Read, que atuou como missionário no Brasil nomeado pela "United Presbyterian Church" dos Estados Unidos, embora tenha uma formação teológica, fez uma pesquisa etnográfica sobre a Congregação Cristã no Brasil em 1963. Ele também traz dados importantes sobre Louis Francescon que podem ser somados aos que foram apresentados até aqui. Um deles fala sobre a passagem de Francescon pela América Latina. De acordo com Read (1965) o objetivo inicial desses missionários era "falar com membros dispersos da família" de Lucia Menna e G. Lombardi e amigos imigrantes italianos que moravam na Argentina, sobre suas próprias experiências transcendentais, através do Espírito Santo. Neste país, eles encontraram resistência e acumularam outras experiências, porém, "todas atribuídas por eles ao poder do Espírito Santo. Houve um tempo em que esses dois foram presos por não terem medo de prestar testemunho da poderosa obra do Senhor no meio deles" (READ, 1965,

[47] e) In April four departed for Italy, three returned without fruits, except Demetrio Cristiani, whose relatives accepted Christ, and came back to Chicago f) June 291, L. Francescon went to S. Louis. Lombardi joined him in St Louis after a month, and both went to California. Lombardi returned early from California to Chicago and from Chicago in September 1908 left for Rome. In Los Angeles Francescon gathered in N. Moles house, several sisters, and S. Arena was saved. Sometime later he h) Serafino Arena, went back to Italy, Sicilia, in order to be a witness for Christ. Francescon returned in March, 1909 from Los Angeles, and on April 18th i) he left for Philadelphia, and from there he returned on July 22. Not long after that, in the company of Lucia Menna and Giacomo Lombardi, j) Francescon departed to Argentina, visiting Lucia Menna's relatives in San Cayetano, and then in Buenos Aires also, and from there, k) in March 1910 together with Lombardi went to Brazil. After visits in S. Paulo city, l) Lombardi left for Rome and Francescon travelled. to San Antonio de Platina, in the North Parana State.

p. 22). Após esta escala na Argentina o próximo destino da dupla missionária pentecostal foi o Brasil.

Acreditando em uma diretriz Divina, eles seguem viagem para São Paulo, capital (FRANCESCON, 1977, p. 19-21). Francescon e Lombardi chegaram ao Brasil em um sábado, dia 12 de março de 1910. "Chegamos a São Paulo em 12 de março à noite. No dia seguinte, um domingo, sentimos o Senhor nos levando a dar um passeio no jardim, onde encontramos um homem sem fé, e o Espírito Santo conversou com ele de tal forma que ele não tinha objeções"[48]. Maiores detalhes sobre este encontro só foi possível graças a pesquisa de Key Yuasa (2001): "Pouco depois da chegada de Francescon a cidade, durante uma caminhada no jardim, ele ouviu uma conversa em italiano. Dois homens estavam tentando descobrir o nome de um animal enjaulado no meio do jardim"[49]. Francescon (1977), em sua autobiografia narra o episódio nos seguintes termos:

> Em 8 de Março de 1910, por determinação do Senhor, partirmos direto à São Paulo, (Brasil). No segundo dia de nossa chegada àquela Capital, Divinamente guiados, encontramos no Jardim da Luz um italiano chamado Vicenzo Pievani (ateu) morador de Sto. Antônio da Platina, Est. do Paraná, e lhe falamos da Graça de Deus. (FRANCESCON, 1977, p. 21).

Quanto a este episódio, Read (1965, p. 22; 23) diz que o contato entre os missionários italianos e o novo amigo compatriota produziu uma amizade que levou Pievani fazer o convite "para ir com ele para sua casa em Platina [Santo Antônio da Platina], no Paraná". E, fato importante, foi que no primeiro momento, o convite não foi considerado, mas depois foi repensado. Segundo William Read: "Eles não se sentiram levados a aceitar o convite naquele momento, mas, continuando em São Paulo, descobriram que seus esforços não foram muito proveitosos".

Na fonte autobiográfica de Francescon, ele disse que Pievani retornou para sua casa dois dias depois do encontro. Francescon e Lombardi permaneceram em São Paulo até o dia 18 de abril, quando Lombardi decidiu retornar para Buenos Aires e Francescon em seguir para Santo Antônio da Platina (FRANCESCON, 1977, p. 21).

É impressionante a riqueza de detalhes apresentados por Francescon. Hoje, com rodovias pavimentadas e uma boa infraestrutura, a distância entre São Paulo e Santo Antônio da Platina é de 425 km que podem ser percorridos em aproximadamente 05 horas. Mas, em 1910 a realidade era outra e Francescon fornece pontos importantes, como o caminho necessário para chegar ao destino esperado, passando por Salto Grande/SP, e em seguida

[48] Carta de Louis Francescon de Santo Antônio da Platina, em 17 de junho de 1910 para alguém em Chicago *apud* YUASA, 2001, p. 189.
[49] Informação vinda de Hellen Carriere, Filha de Louis Francescon, *apud* YUASA, 2001, p. 189; 190.

Santo Antônio da Platina. A distância entre São Paulo e Salto Grande é de aproximadamente 383 km e de Salto Grande até Santo Antônio da Platina 64 km.

> Parti de S. Paulo às 5:30 horas com uma terrível dor lombar que me impediu de tomar alimento durante todo aquele dia. Cheguei a Salto Grande às 23 horas e nesse lugar o Senhor me disse ter preparado tudo para mim, a fim de cumprir minha missão; e assim aconteceu, porém, faltavam fazer cerca de 70 quilômetros a cavalo, atravessando matas virgens infestadas de jaguaras e outras feras existentes no lugar. Pela graça de Deus, fiz este resto de viagem com um guia indígena, chegando em Sto. Antônio da Platina em 20 de Abril. (FRANCESCON, 1977, p. 22).

Louis Francescon ficou na casa de Vicenzo Pievanti de 20 de abril de 1910 até 20 de junho do mesmo, mas neste período ele consegue efetivar seu trabalho missionário no Brasil ao batizar no Riacho "Boi Pintado" (BIANCO, 2007, p. 22), os primeiros adeptos, sendo onze no total (FRANCESCON, 1977, p. 23). O trabalho de Francescon especificamente foi iniciado no Brasil, no Estado do Paraná e também encontrou resistências, provocando perseguições, como ele relata:

> O resto do povo daquele lugar, sabendo da minha chegada e da minha missão, juram matar-me, tendo como chefe um sacerdote de determinada denominação. Isto teria sucedido se Deus não intervisse com Seus meios. O Senhor me fez saber e permanecer lá até 20 de junho; nessa prova eu estava pronto a me entregar aos inimigos, a fim de poupar a vida dos poucos crentes que o Senhor havia chamado. (FRANCESCON, 1977, p. 23).

A narrativa do próprio Francescon coloca Santo Antônio da Platina em evidência como o lugar de surgimento do pentecostalismo no Brasil, portanto, São Paulo aparece como um segundo capítulo. Dando sequência, Francescon tendo voltado para São Paulo nos últimos dias da segunda metade de junho (aproximadamente dia 22), permaneceu na Capital paulista até o final do mês de setembro. Em São Paulo, Francescon passou a frequentar a Igreja Presbiteriana situada na Rua Alfândega, no Bairro do Brás. O fundador da Congregação Cristã disse que havendo

> [...] chegando àquela Capital, o Senhor permitiu abrir uma porta resultando que cerca de 20 almas aceitassem a fé e quase todos procuravam a Divina virtude. Uma parte eram Presbiterianos, e alguns Batistas e Metodistas e alguns também Católicos Romanos. Alguns foram curados e outros selados com o Bendito Dom do Espírito Santo. (FRANCESCON, 1977, p. 24).

Aqui, é importante considerar que independente de suas religiões de origem, todos tinham em comum, o fato de serem imigrantes italianos. Para Deitos (1996) ao contextualizar historicamente a Congregação Cristã do[50] Brasil, é imprescindível considerar sua

[50] Nilceu Jacob Deitos (1996) utilizou o nome Congregação Cristã do Brasil e não Congregação Cristã no Brasil. Em 1986, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, o primeiro pesquisador brasileiro a desenvolver uma dissertação de mestrado sobre a CCB, já havia utilizado o termo "no Brasil" para a denominação. Em sua formação inicial a igreja foi registrada como Congregação Cristã do Brasil, mas em 21 de abril de 1962 em Assembleia extraordinária com a presença do ancião João Finotti ficou definido: Artigo 1º "A Congregação Cristã no Brasil – Região de S. Paulo – anteriormente denominada Congregação Cristã do Brasil, registrada no Cartório do 1º

especificidade em ser uma Igreja pentecostal de imigração italiana, pois ela se desenvolveu a partir da comunidade de imigrantes italianos que se estabeleceram no Bairro do Brás em São Paulo. Outra característica histórica, ligada diretamente a esta é a de ter mantido por muitos anos seus cultos em língua italiana, direcionados para imigrantes italianos. Além destas características particulares, teologicamente, ela mantém uma forte influência presbiteriana e calvinista em decorrência de sua base na Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago e também da Igreja Presbiteriana do bairro Brás. (DEITOS, 1996, p. 55).

Quem também dá uma pequena pincelada sobre esse assunto é Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (1986). Além dos demais autores, Corrêa vai acrescentar que o Bairro do Brás, em São Paulo, era mais que um simples lugar de italianos, quando Francescon chegou pela primeira vez ao Brasil. O Brás na época era uma colônia italiana dentro de São Paulo. Além disso, já sabíamos que Francescon havia pregado na Igreja Presbiteriana, em língua italiana, provocando cisão, mas o adendo vem na contextualização do que existia como expectativa da Igreja na época. Segundo Corrêa (1986, p. 11), os "novos membros da Congregação Cristã no Brasil acreditavam que o Senhor enviara Francescon à Igreja Presbiteriana para corrigir os erros cometidos e para espalhar a mensagem cristã." (CORRÊA, 1986, p. 11).

Além destes, Read (1965), com a propriedade de ter feito trabalho de campo no Brás, fornece um importante fato histórico sobre o fundador da Congregação Cristã, que vai agregar e ao mesmo tempo corroborar o que já foi dito sobre o retorno à capital paulistana e seus desdobramentos. Conforme o pesquisador, Francescon ao chegar a São Paulo,

> [...] foi convidado a ficar na casa de Philip Pavan, Rua Alfândega, no Bairro do Brás. Havia uma Igreja Presbiteriana em funcionamento neste bairro, e um domingo Louis teve a oportunidade de pregar nela. Ele falou em italiano. Um dos presbíteros discordou violentamente da maneira e da mensagem e ordenou que o Sr. Louis saísse da igreja. Quando Louis Francescon deixou o grupo presbiteriano, outros foram com ele, o que levou à divisão desta Igreja Presbiteriana que estava apenas começando na região. Alguns membros da Congregação acreditavam que o Senhor enviou seu fundador, Louis Francescon, à Igreja Presbiteriana para 'endireitá-los' e chamar um grande número para a glória e honra de Seu Nome, mas os Presbiterianos não quiseram ouvir [...]. (READ, 1965, p. 23, tradução nossa)[51].

Ofício de Títulos e Documentos sob. nº 4938, formada de membros sem distinção de nacionalidade ou raça, é uma comunidade cuja Fé, Doutrina e Estatutos se fundamentam na Bíblia, abrangendo as Congregações de todas as demais Regiões nos Estados Unidos do Brasil, onde Deus se compraz plantar sua Obra".

[51] […] was invited to stay in the home of Philip Pavin, Rua Alfandega, in the district of the Brás. There was a Presbyterian Church functioning in this district, and one Sunday Louis was given an opportunity to preach in it. He spoke in Italian. One of the Presbyterian elders disagreed violently with the manner and message and ordered Sr. Louis out of the Church. As Louis Francescon left the Presbyterian group, others went with him, which led eventually to the splitting of this Presbyterian Church which was just getting started in the area. Some members of the Congregação believe that the Lord sent their founder, Louis Francescon, into the Presbyterian Church to 'straighten them up' and call out a great number to the glory and honor of His name, but the Presbyterians would not listen.

Para complementar esse acontecimento da *gênesis* da Congregação Cristã no Brasil, algumas informações de Iranilde Ferreira Miguel (2008) servem para melhorar o quadro sobre este segmento religioso. De acordo com ela, as informações a seguir "são relatos orais, que foram escritos posteriormente e que fazem parte de acervo pessoal de membros da CCB, que gentilmente cederam a nós" (MIGUEL, 2008, p. 85, Nota de rodapé 56). Sendo assim, segue os relatos:

> Segundo relato de Luigi Francescon, sua pregação foi aceita em São Paulo entre os crentes italianos da Igreja Presbiteriana. Seu primeiro contato foi com Felipe Pavan, que sendo presbítero da Igreja Presbiteriana, deu toda a liberdade para Francescon presidir o culto e falar ao povo das 'boas novas da salvação', porém, após uma semana Felipe Pavan suspendeu a liberdade de Francescon nos cultos. Outro irmão, Santo Pontalti, abriu sua casa para que se fizessem cultos ali. Logo depois, Felipe Pavan, dizendo ter tido uma revelação na madrugada, onde o Senhor lhe dizia que Francescon era um enviado de Deus, juntou-se ao grupo que agora congregava na casa de Santo Pontalti. Diante do ocorrido, a Igreja Presbiteriana retirou-se do salão levando todos os bancos e o órgão da Igreja, deixando o salão vazio. Felipe Pavan, que trabalhava numa serraria, encarregou-se de fazer bancos e ali começaram os cultos três vezes na semana, e nos outros dias os cultos eram feitos nas casas dos irmãos. Nos domingos à tarde faziam o culto na Praça Antonio Prado, ou Jardim da Luz e na Água Branca. (MIGUEL, 2008, p. 84; 85).

Através das informações de Miguel (2008), é possível entender que Francescon permaneceu em São Paulo entre aqueles que aceitaram a crença pentecostal por aproximadamente dois meses. Neste período, Francescon esteve consolidando os primeiros adeptos e os preparando para viver a crença e as experiências voltadas para o Espírito. Francescon precisava antes de retornar para América do Norte, ter a certeza que as bases necessárias estavam realmente firmes, batizando os novos crentes nas águas e o mais importante para a nova proposta, auxiliando-os a alcançarem o batismo no Espírito Santo.

De acordo com Miguel,

> [...] o primeiro batismo que foi feito na Ponte Grande , presidido por Francescon, onde foram batizados: Felipe Pavan e sua esposa Ângela Braga Pavan e seus filhos Germílio Pavan e Paulo Pavan; o casal Ernesto e Esterina Finotti e seu filho João Finotti, e seus tios Santo Pontalti e Isabela Pontalti. (MIGUEL, 2008, p. 85).

Embora Miguel não tenha fornecido as informações sobre o Batismo no Espírito Santo de Felipe Pavan e Ernesto Finotti, é possível considerar que ambos anciães tenham passado pela experiência da glossolalia. Porquanto, no meio pentecostal o ser batizado no Espírito Santo é condição obrigatória aos aspirantes ao exercício do ministério eclesiástico[52]. E, esta condição em se tratando da CCB, é internamente potencializada, desde suas origens. Dito isto, nas palavras de Miguel: "Alguns dias depois, Francescon ungiu para o ministério de ancião,

[52] Ser batizado no Espírito Santo, ou seja, "falar em línguas" entra como requisito para cargos que exigem ordenação (ungidos). São eles os anciães e diáconos.

os irmãos Felipe Pavan e Ernesto Finotti. Logo em seguida ele retornou aos Estados Unidos" (MIGUEL, 2008, p. 85).

Dentro do que foi apresentado até aqui, gostaria de deixar uma pequena contribuição, mas que passa a ser relevante na medida em que agrega mais elementos na construção deste episódio de cisma, origem e continuidade do movimento pentecostal envolvendo Louis Francescon.

Assim como Léonard, Read e Yuasa foram atrás de fontes, contanto com um grau de perspicácia e sorte, também tive o privilégio de entrevistar em maio de 2020, o Sr. Miguel Lysias Spina, filho de Miguel Spina. Seu pai foi um dos pioneiros da Congregação Cristã no Brasil. De acordo com meu interlocutor, assim que parte do grupo de presbiterianos rompeu com Francescon e outra parte o acompanhou, o grupo que o seguiu passou a se reunir na casa de seus avós paternos, que eram imigrantes italianos. Foi lá que o fundador da Congregação Cristã realizou parte de seus cultos. Segundo o Sr. Miguel Lysias Spina, Louis Francescon

> [...] começou congregar e se reunir na Presbiteriana e depois de um certo tempo por questões de divergência de diretrizes que ele veio aplicar aqui no Brasil, não aceitaram algumas coisas. Então ele se retirou, e os que tinham aceitado a forma que Louis Francescon pregava, quiseram sair com ele. Alguns, como não tinham aonde se reunir, um encanador italiano, de nome Liberato Gregório, meu avô, pai do meu pai, que morava na Rua da Graça, no Bom Retiro (onde ele morava na Rua da Graça era uma Vila com diversas famílias que haviam aceitado o evangelho e congregavam com eles naquela Igreja), e como o meu avô tinha uma casa grande, ele cedeu a casa para fazer as reuniões da Congregação. Então as primeiras reuniões, os primeiros cultos foram feitos na casa deste meu avô. (Sr. Miguel Lysias Spina: entrevista realizada em 06/05/2020).

Assim, a contribuição desta citação, que pode parecer dissonante da apresentada por Iranilde Ferreira Miguel, sobre o que ocorreu imediatamente após a saída de Francescon da Igreja Presbiteriana, ou seja, o acolhimento da Família Spina, aos ideais de Francescon. Podemos considerar a casa dos Spina como outro ponto de pregação da mensagem pentecostal entre a comunidade italiana do Brás, em São Paulo. Não por um acaso, o nome e a assinatura de Nicolino Spina aparece na Ata da Assembleia Geral do dia 23 de maio de 1928, como "componente da comissão compiladora dos Estatutos" da Congregação Cristã. Ata que foi publicada no "DIÁRIO OFFICIAL" de São Paulo, no dia 31 de maio de 1928. Esta família teve uma participação significativa na origem da Congregação Cristã e, coincidentemente, ou por uma dádiva Divina, ou por obra do destino, cresceu lado a lado com a própria Igreja:

> Em 1916, meu avô lutando para sobreviver (ele era um encanador), os seus filhos conseguiram um dinheiro que a minha avó havia juntado como costureira e emprestou para eles, que compraram uma impressorazinha [impressora para gráfica]. Eles começaram a imprimir, ganhando um dinheirinho extra com impressão. Durante o dia eles trabalhavam cada um em uma empresa, no seu emprego, e à noite eles trabalhavam na gráfica que eles tinham feito. Mas nos dias de culto, eles faziam diferente. Um ou dois ficavam trabalhando durante o dia nesta impressora e a noite,

> quando tinha culto, eles afastavam a impressora, afastavam os papeis, colocavam bancos e eram feitos os cultos nesta sala. E assim foi por alguns anos. (Sr. Miguel Lysias Spina: entrevista realizada em 06/05/2020).

Dito isto, outro ponto importante e que merece menção é a forma com que Read (1965) contextualiza o cenário da época em relação ao intenso processo de acolhimento de estrangeiros no Brasil. De acordo com o autor:

> Um estudo sobre imigração italiana no Brasil a partir de publicações censitárias revela que esse foi um período em que grandes ondas de imigrantes italianos estavam chegando ao Brasil e Argentina. Esses imigrantes se estabeleceram em certos distritos de São Paulo quando chegaram, sendo atraídos por seus compatriotas já 'em transição' para a cultura brasileira e a vida nacional. O bairro do Brás era uma colônia italiana em crescimento na cidade de São Paulo. Os mais velhos falaram exclusivamente italiano, enquanto as crianças rapidamente escolhem o português, enquanto brincavam com crianças brasileiras nas esquinas e frequentavam as escolas com eles. Mas esse processo de integração racial levou duas ou três gerações, e a chegada de Louis Francescon foi oportuna, pois ele foi capaz de entrar e trabalhar em uma comunidade de italianos que estava 'em evolução' dentro de sua nova cultura, mas ao mesmo tempo recebe novos imigrantes regulares do seu antigo país. Esta foi a situação sociológica e étnica em que esta Igreja foi implantada e oferece uma incomum oportunidade para aqueles interessados em pesquisar o crescimento da Igreja no meio de grupos étnicos diferenciados. Como nos Estados Unidos, muitos imigrantes italianos no Brasil tornaram-se pessoas substanciais e são bem vistos pelos seus concidadãos. (READ, 1965, p. 23; 24, tradução nossa)[53].

Retornando a análise da citação anterior do próprio Francescon, sobre as "20 almas que aceitaram a fé", e também com as escritas de Yuasa, agora sobre Finotti que foi um dos interlocutores de Yuasa. Na época em que o cisma envolvendo Francescon ocorreu, ou seja, o rompimento com os presbiterianos brasileiros, Finotti tinha apenas 16 anos. Anos mais tarde, Finotti se transformou em um dos anciães mais respeitados dentro da Congregação Cristã no Brasil. O pesquisador Key Yuasa conseguiu no período de suas pesquisas, entrevistá-lo e assim, obter informações importantes e abertura de oportunidades:

> Entre todos os líderes do CCB com quem tivemos a oportunidade de conversar, João Finotti, foi o mais cordial, atencioso e carinhoso, com cuidado fraterno em ordenar e para levar ao pesquisador os tesouros do Evangelho, como eles tinham experimentado. Ele teve o cuidado de tentar entender que tipo de interesse estava nos guiando, e muito cuidadoso no sentido de garantir a aprovação formal de seus pares para conversar sobre as questões da vida e da história do CCB, mesmo sendo ele, o Ancião Presidente. Ele foi gentil em nos apresentar a outros anciãos, aos

[53] A study of Italian immigration to Brazil from census publications reveals that this was a period in which great waves of Italian immigrants were coming to Brazil and Argentina. These immigrants settled in certain districts of São Paulo upon their arrival, being attracted to their fellow countrymen already 'in transition' into the Brazilian culture and the national life. The bairro of the Brás was an Italian colony in the growing city of São Paulo. The older ones spoke Italian exclusively while the children quickly picked up Portuguese as they played with Brazilian children on the street corners and as they attended school. But this process of racial integration took two or three generations, and the arrival of Louis Francescon was timely, for he was able to enter, move, and work in a community of Italians that was 'in evolution' into their new culture, but at the same time receiving new im migrants regularly from the old country. This was the par ticular sociological and ethnic situation in which this young Church was planted, and it offers an unusual opportunity for research for those interested in church growth through dis tinctive ethnic groups. As in the United States, many Italian immigrants in Brazil have now become people of substance and are well regarded by their fellow citizens.

> membros de sua família e até nos mostrou uma série de cartas que L. Francescon o mandou. (YUASA, 2001, p. 191, tradução nossa)[54].

Yuasa conseguiu estreitar o relacionamento, entrar na intimidade e acessar a rede de relacionamento de Finotti, o que é incomum de acontecer tal envolvimento entre adeptos da Congregação Cristã e um pesquisador. Key Yuasa (2001) sabia disso:

> Tivemos a chance de vê-lo liderando os serviços, e pregando. Nós o conhecemos em sua casa com sua esposa, filhos, genro, sogro (um ancião também) e um visitante. Vemos agora, que tudo isso foi tremendamente significativo porque João Finotti era um elo vivo, e testemunha da primeira visita de L. Francescon ao Brasil em 1910. Ele falou sobre Francescon, de quem costumava receber cartas de orientação, conselhos, exortações e inspiração. (YUASA, 2001, p. 191, tradução nossa)[55].

Ele explorou com responsabilidade as oportunidades para sondar e construir a imagem de Louis Francescon, através de Finotti: "Não conheci ninguém como L. Francescon no mundo. Outros podem ter mais conhecimento científico ou sabedoria humana, mas na esfera espiritual, eu nunca vi ninguém com esse discernimento afiado, e sabedoria"[56]. Mas, também sentiu a força das limitações: "Embora tenhamos visto essas cartas, não foram autorizados a lê-las, ou copiá-las, como era o nosso desejo" (YUASA, 2001, p. 191; 192). Além disso, ele, possivelmente ao questionar Finotti a que se deve o volume numérico da Congregação Cristã, contribuiu com a seguinte citação: "O Ancião João Finotti nos disse que ele achava que o segredo do crescimento, a 'chave de ouro' para a vida de uma Igreja saudável era a Obediência a Palavra de Deus através da Bíblia, e a orientação do Espírito Santo". (YUASA, 2001, p. 192).

Francescon esteve no Brasil dez vezes[57] dentro de um período de 38 anos. A nona destas dez vezes, parece encerrar um ciclo em seu ministério apostólico, tanto que escreve sua pequena autobiografia e um "Histórico da Obra" datada de março de 1942 em Chicago, Illinois. Nestes registros é possível entender que Francescon nutria um sentimento positivo em relação à Igreja brasileira, e de certa animosidade em relação à Igreja norte-americana,

---

[54] Among all the CCB leaders with whom we had the opportunity to talk with, Joao Finotti, was the most cordial, attentive, and affectionate, with brotherly care ', in order to lead the researcher into the treasures of the Gospel, as they had experienced it. He was careful to try to understand what kind of interest was guiding us, and very careful in the sense of securing formal approval of his peers to talk to an outsider, about the questions of life and history of CCB, even though he was the Presiding Elder. He was kind to introduce us to other elders, to members of his family and even showed us a number of letters L. Francescon had sent him.

[55] We had the chance to see him leading the services, and preaching. We met him in his home with his wife, children, son-in-law, father-in-law (an Elder also) and a visitor. We see now, that all of this was tremendously significant because João Finotti was a living link, and witness of L. Francescon's first visit to Brazil in 1910. He said of Francescon, from whom he used to get letters of orientation, advices, exhortations and inspiration.

[56] João Finotti em entrevista com Key Yuasa. Informações utilizadas com a permissão do Dr. Emilio Willems.

[57] O número de vezes que Francescon esteve no Brasil possui divergência entre alguns pesquisadores. Alguns pesquisadores como Read (1965, p. 25) e Freston (1994, p. 77) registraram que foram 11 vezes. Já Key Yuasa (2001, p. 15) fala em 10, o número de vezes que Louis Francescon esteve no Brasil. Este montante apresentado por Yuasa está em conformidade com a própria autobiografia de Francescon (1977, p. 24; 29), portanto, fato corroborado.

explicitado em seu livreto, nas páginas 24 e 25. Mas, esta relação com o Brasil nunca se transformou em permanência, da mesma forma seus pensamentos sobre a América do Norte, não motivaram sua saída de Chicago. Acredito que pelo menos dois fatores contribuíram para isto: Primeiro, o seu ministério apostólico, pois de acordo com a concepção bíblica, o apóstolo é aquele que planta Igrejas, mas não se fixa no lugar. No máximo, o que ele faz é retornar de tempos em tempos para rever fiéis e orientá-los em casos de dúvidas ou conflitos, o que pode ser feito também por cartas. Uma segunda razão trata-se da família nuclear. Em linhas gerais, sua esposa e filhos sempre permaneceram nos Estados Unidos. Das dez viagens de Francescon ao Brasil, apenas em uma delas sua esposa Rosina Francescon esteve ao seu lado.

Em relação à Igreja do Brasil, em 1942 Francescon disse: "Até agora o Senhor me enviou nove vezes ao Brasil[58] e todas às vezes tenho notado maior progresso no meio deles, quer espiritual, quer material" (FRANCESCON, 1977, p. 24). Já em relação a Igreja nos EUA, ele disse:

> Todas as vezes que eu voltava à América do Norte, encontrava sempre novidades no meio dos irmãos; coisas diferentes daquilo que tinham aprendido no começo. Agradeço a Deus, porém, que sempre me iluminou e me fez discernir o bem do mal, mantendo-me firme no Seu conselho e na Sua verdade. (FRANCESCON, 1977, p. 25).

Depois destes registros, Francescon retornou ao Brasil mais uma vez em outubro de 1947, permanecendo quase um ano (FRANCESCON, 1977, p. 29). A foto a seguir é um registro da última viagem de Francescon ao Brasil, desta vez, acompanhado de sua esposa Rosina. No grupo fotografado, composto por 21 pessoas estão o casal Francescon e parte da liderança da Igreja brasileira. São eles: Louis Francescon, Rosina Balzano Francescon, Miguel Spina (Ancião da Igreja do Brás), Pascoalino Daniele (Tesoureiro), Caetano D' Angelo (Vice-tesoureiro) e Rosalina (esposa de D' Angelo e filha de Januário Tetti). Januário Tetti foi o primeiro Diácono da Igreja do Brás.

[58] Francescon retornou ao Brasil mais uma vez: "O Senhor se comprazeu enviar-me novamente ao Brasil, sendo desta vez, acompanhado de minha esposa. Deixamos Chicago Illinois, em 24 de outubro de 1947. Permanecemos no Brasil até 18 de outubro de 1948" (FRANCESCON, 1977, p. 29).

Figura 2 – Parte da liderança da CCB em 1948

Fonte: acervo de Itamar Bueno Coutinho, gentilmente fornecido em 2020.

Acredito ser oportuno abrir mais um parêntese para um parágrafo da apresentação realizado William Read (1965) sobre Louis Francescon, parágrafo este que vai adiantar alguns pontos que ainda serão abordados. De acordo com o pesquisador, Francescon,

> [...] tornou-se o fundador desta Igreja Evangélica incomum e em rápido crescimento. Ele era uma pessoa humilde, despretensiosa e sempre ficava com uma família italiana que tinha uma casa pequena, muitos filhos e um pequeno quarto, mas grande o suficiente para o Sr. Louis ter uma cama e uma mesinha. Ele passou muito tempo estudando a Bíblia e orando, visitava os membros da Igreja regularmente e era o favorito das crianças. Ele não impôs encargos financeiros à jovem Igreja para nenhuma de suas necessidades físicas e pagou a maior parte de suas viagens com dinheiro que o Senhor lhe fornecia como 'resposta da oração pela fé'. Suas últimas duas viagens foram pagas pela Congregação, mas todo o seu modo de vida reagiu contra qualquer coisa que colocasse pressão financeira sobre a Igreja. (READ, 1965, p. 25, tradução nossa)[59].

[59] […] became the founder of this unusual and fast-growing Evangelical Church. He was a humble, unassuming person and always stayed with an Italian family that had a small house, many children, and a little room just big enough for Sr. Louis to have a bed and a little table. He spent much time in Bible study and prayer, visited church members regularly, and was a favorite with children. He placed no financial burdens upon the young Church for any of his physical needs, and he paid for most of his trips with money that came to him from the Lord, in 'answer to believing prayer.' His last two trips were paid for by the Congregação, but his whole manner of life reacted against anything that would put any financial strain upon the Church.

Em 1963, ano em que Read esteve fazendo pesquisa de Campo no Brás em São Paulo e que Francescon ainda estava vivo, Read falou o seguinte sobre o fundador da Congregação Cristã: "Ele agora tem 96 anos, completamente cego, vive em Chicago, Illinois, onde fundou outra Igreja bastante semelhante à Congregação no Brasil. Ele ainda prega de tempos em tempos, mas está esperando que seu Senhor o chame para o céu" (READ, 1965, p. 25). O que aconteceu em 1964. Fecha parêntese!

Retornando ao assunto anterior, basicamente, o início e o crescimento da Congregação Cristã aconteceu a partir de um público alvo específico, ou seja, imigrantes italianos. Siepierski (2002) apresenta:

> A congregação Cristã tem seu início em São Paulo através de um cisma provocado por Francescon na Igreja Presbiteriana do Brás. Seu desenvolvimento se dá primordialmente entre imigrantes italianos e seus descendentes. Sua expansão geográfica segue a trilha do café que havia empregado largamente a mão de obra imigrante e que havia facilitado a penetração do presbiterianismo no interior de São Paulo e Minas Gerais. Assim, a Congregação Cristã se tornou bastante interiorana, estabelecendo-se majoritariamente nas dinâmicas áreas cafeeiras do interior de São Paulo, do Sul de Minas Gerais e do Oeste do Paraná. (SIEPIERSKI, 2002, p. 556).

Gostaria de concluir esta apresentação com uma citação de Gunnar Vingren, um dos fundadores da Assembleia de Deus, quando fez a sua primeira incursão missionária ao Sul do Brasil em 1920, passando pelo Rio de Janeiro até chegar a Santa Catarina. Na viagem de volta ao Pará, ele esteve em várias cidades, entre elas São Bernardo do Campo, onde "visitou uma Igreja pentecostal italiana". Ela mostra com clareza este núcleo inicial de italianos na formação original da Congregação Cristã:

> Senti a liberdade do Espírito Santo entre esses crentes. Eles testificavam de maneira gloriosa e falavam em línguas pela operação do Espírito Santo. O irmão Luiz Francescon falou-me sobre todos os milagres que Deus havia realizado, quando enfermos haviam sido curados. O Senhor curara paralíticos, cegos, tuberculosos e aqueles que haviam quebrados pernas e braços. (VINGREN, 2010, p. 117).

Mas, se nas primeiras décadas existia uma característica de pentecostalismo ítalo, ele foi se transformando nos anos seguintes para ítalo-brasileiro até chegar ao reconhecimento de Igreja brasileira. Portanto, se na década de 20 do século anterior, Gunnar Vingren a reconhece como uma Igreja pentecostal italiana, na década de 60, William Read (1969), não mais. Segundo o autor (1969, p. 249), a "Congregação Cristã no Brasil tem se tornado inteiramente brasileira. Nada se vê ali que lembre que essa denominação começou entre imigrantes italianos. [...]". Em sua análise, tal mudança de paradigma, resultou em seu crescimento numérico, pois a denominação ao desvincular-se de um nicho específico, criou abertura para outros públicos:

> [...]. Ao invés de cair no erro de conservar-se dentro das fronteiras étnicas italianas, a Congregação Cristã no Brasil se lançou na evangelização da sociedade brasileira, e

> nesse processo se nacionalizou, conservando tão-somente aqueles costumes italianos que foram incorporados como doutrina (o ósculo santo, e o véu, que as mulheres usam nos cultos). (READ, 1969, p. 249).

Retornando a Emilio Willems (1967), embora sua abordagem sobre a denominação tenha sido pontual, pois de forma geral ele trata do universo evangélico protestante e pentecostal, Willems, assim como outros pesquisadores fornece dados importantes podendo ser considerados como mais algumas peças de um grande mosaico – utilizando a figura do próprio Francescon – em continua construção. Dito isto, gostaria de apresentar uma citação que vai mostrar o lugar de destaque que a música tem dentro da Congregação Cristã. De acordo com Willems:

> A princípio, a Congregação Cristã era uma seita[60] para imigrantes italianos, porque todos os serviços eram realizados no idioma italiano. Parte da herança italiana pode ser vista na extraordinária importância que essa seita dá à música. A música instrumental é explicitamente reconhecida como um meio de 'louvar a Deus' e, sempre que possível, as congregações mantêm uma orquestra. Em contraste com a música folclórica das outras seitas pentecostais, a música tocada pelas orquestras da Congregação Cristã é mais sofisticada e com estilo operístico. As regras especiais determinam que os 'irmãos músicos continuem a estudar música, mesmo depois de terem sido examinados e admitidos'. Se possível, eles devem ter um professor ou alguma outra pessoa com competência. (WILLEMS, 1967, p. 118; 119, tradução nossa)[61].

Outro ponto importante, que aparece como reforço ao que já falamos anteriormente sobre a Congregação Cristã ter se adaptado à cultura dos imigrantes italianos, vem por Willems (1967), ao sinalizar o que era ser um imigrante de origem italiana no Brasil do inicio do século XX, quando Francescon chegou no país. Willems também aponta para a mudança de estratégia destes imigrantes, no sentido de melhor se encaixar na realidade brasileira. Segundo o autor:

> Os italianos estavam sendo rapidamente assimilados pela sociedade brasileira, e entre as gerações mais jovens havia muito poucos que desejavam ser lembrados da herança nacional de seus pais ou avós. Assim, guiados pela oportunidade e pela revelação divina, os anciãos da seita decidiram abandonar a língua italiana em 1935. Esse ajuste oportuno a uma situação cultural em mudança, não apenas garantiu a sobrevivência da seita, mas também lançou as bases para uma expansão cada vez mais rápida fora da cidade de São Paulo e do estado de São Paulo. (WILLEMS, 1967, p. 119, tradução nossa)[62].

---

[60] Willems, como cientista social, sempre que utiliza o termo seita o faz no sentido weberiano.

[61] At first the Christian Congregation was a sect for Italian immigrants because all services were conducted in the Italian language. Part of the Italian heritage may be seen in the extraordinary importance which this sect pays to music. Instrumental music is explicitly recognized as a means to 'praise God,' and when ever feasible, the congregations maintain an orchestra. In contrast to the folk music of the other Pentecostal sects, the music played by the orchestras of the Christian Congregation is more sophisticated and rather operatic in style. The special rules that regulate the constitution of orchestras determine, among many other details, that 'the brethren musicians continue to study music, even after having been examined and admitted. If possible, they should take a teacher, or some other competent person.

[62] The Italians were rapidly being assimilated by Brazilian society, however, and among the younger generations there were very few who wished to be reminded of the national heritage of their parents or grand parents. Thus guided by opportunity and divine revelation the elders of the sect decided to drop the Italian language in 1935.

Na mesma linha, Read em um dos tópicos da Obra "New Patterns of Church Growth in Brazil" (1965) vai dar seu parecer sobre as causas do crescimento da Congregação Cristã (p. 41), atribuindo a existência de mais de 1.200.000 imigrantes italianos que vieram trabalhar no Estado de São Paulo no cultivo cafeeiro entre os anos de 1889 e 1913. O autor sinaliza que tal cenário mudou a composição populacional do estado de São Paulo, e ainda registra que muitos destes italianos que no primeiro momento entraram no Brasil para o trabalho na terra, foram se enraizando no país e prosperando. Alguns permaneceram no interior, se transformando em proprietários de fazendas, pequenos produtores rurais e trabalhadores do campo. Outros se mudaram para as cidades, das quais a capital paulista foi um dos principais destinos. Assim, com uma maioria participando da produção agrícola, e do processo de industrialização como trabalhadores proletariados no campo e na metrópole, e com uma minoria que se transformou em proprietários de Fábricas e donos de seus próprios negócios, o estado foi sendo formado. De acordo com o autor: "Em 1950, a cidade e o estado de São Paulo continham 24% da população", composta por imigrantes e descendentes de italianos (READ, 1965, p. 41).

De acordo com Read (1965, p. 23; 24) estudos censitários da época apontavam para um grande crescimento do número de imigrantes italianos no Brasil, atraídos por compatriotas já estabelecidos no país e em plena absolvição da cultura nacional, sobretudo pelas novas gerações. A exemplo desta inteiração intercultural, o bairro do Brás em São Paulo, que no fim do século XIX e início do século XX era considerado uma colônia italiana em crescimento, de forma que crianças brasileiras e italianas brincavam nas mesmas esquinas e estudavam nas mesmas escolas. Foi esta conjuntura que Francescon encontrou e foi nela que "ele foi capaz de entrar e trabalhar em uma comunidade de italianos que estava 'em evolução' dentro sua nova cultura, mas que ao mesmo tempo recebia novos imigrantes regulares do seu antigo país" (READ, 1965, p. 24). Read também sinaliza que no futuro, novas pesquisas poderiam ser desenvolvidas a partir destes referenciais, ou seja, resultado do processo de contato entre imigrantes italianos e brasileiros, mas também outras envolvendo a conexão com outras culturas de imigração no Brasil, e seus desdobramentos.

Foi este o contexto histórico e cultural que Francescon encontrou em 1910 e nos anos seguintes. Assim:

> Quando o fundador, Louis Francescon, um italiano, chegou ao Brasil, ele já estava pronto para entrar em uma enorme colônia italiana. Ele pregou, viveu, trabalhou,

---

This well timed adjustment to a changing cultural situation not only assured survival of the sect but laid the foundations for an increasingly rapid expansion outside São Paulo City and the state of São Paulo.

> pastoreou e batizou neste elemento italiano. Ele não tinha barreiras culturais a superar. O movimento se espalhou entre os italianos e, com o passar dos anos, saltou natural e progressivamente do italiano para o brasileiro sem nenhuma dificuldade, pois em 1930 duas gerações de italianos haviam se integrado com sucesso à sociedade brasileira e o fundador começou a pregar e ensinar em português em vez de italiano. (READ, 1965, p. 41, tradução nossa)[63].

Acredito ser oportuno tomar como ponto de partida essa citação de Read e assim, fazer alguns recortes para em seguida tentar problematizá-los. Sabemos que Francescon, o fundador da Congregação Cristã esteve dez vezes no Brasil em 38 anos, sendo a primeira chegada em março de 1910 e a última partida em outubro de 1948. Sabemos também que, no Brasil, Francescon estava pronto para alcançar religiosamente italianos e nada muito além deste grupo de imigrantes. Francescon investiu boa parte de seu tempo e conhecimento neste público para a formação da Igreja. Para se ter ideia, das dez viagens de Francescon ao Brasil, as sete primeiras aconteceram sistematicamente dentro de um período de quatorze anos e as outras três vezes em um período de vinte e quatro anos. Falando de outra forma, Francescon atendendo a Igreja fundada por ele, concentrou 70% de suas viagens ao Brasil em um período de tempo menor; e 30% de viagens em uma janela temporal muito maior – o primeiro recorte se deu de março de 1910 a dezembro de 1924 e o segundo recorte de janeiro de 1931 a outubro de 1948.

É possível que esta redução nas vindas de Louis Francescon ao Brasil tenha sido em decorrência da II Guerra Mundial. Também é possível que o grande intervalo entre as vindas ao Brasil tenha sido o cisma enfrentado por Francescon na Igreja de Chicago, inclusive com seus capítulos judiciais. Seja uma, outra, ou ambas as razões, elas mostram o quanto este segmento religioso pode ser explorado. Mas, aqui, o que interessa dizer é que, tudo indica, que os primeiros anos foram fundamentais para o processo da implantação e consolidação dessa denominação. O que justifica o maior número de viagens no início dos trabalhos e diminuição dessas viagens em decorrência da construção de bases religiosas mais sólidas. Outro ponto importante é que a maior presença de Francescon no Brasil tenha sido a necessidade de fazer uma boa leitura do cenário que envolvia seus compatriotas imigrantes, a Igreja implantada por ele e a realidade cultural brasileira. É importante sinalizar que boa parte do sucesso do empreendimento de Francescon foi saber, de forma bem definida, qual era seu público alvo e, tão importante quanto, foi saber cambiar para um abrasileiramento da Igreja.

[63] When the founder, Louis Francescon, an Italian himself, arrived in Brazil, he had ready entry into a huge Italian colony. He preached, lived, worked, pastored, and baptized in this Italian element. He had no cultural barriers to overcome. The movement spread among the Italians, and, as the years passed, it jumped naturally and progressively from the Italian to the Brazilian without any difficulty, for by 1930 two generations of Italians had integrated successfully into the Brazilian society and the founder had begun to preach and teach in Portuguese instead of Italian.

Neste ponto, os recortes são importantes e os idiomas dos hinários são fundamentais para esta compreensão.

O primeiro Hinário de uso da comunidade a qual Francescon fazia parte, foi impresso em italiano no ano de 1912 na cidade de Chicago-EUA (YUASA, 2001, p. 148). Foi este hinário que os primeiros adeptos no Brasil tiveram acesso, através de seu fundador. O segundo foi impresso na mesma ordem, de língua e cidade, no ano de 1924 (READ, 1965, p. 24). A mudança inicia a partir da terceira edição do Livro de hinos, em 1935, impressa no Brasil pelos Irmãos Spina, com seus 329 hinos em italiano, mas que pela primeira vez contava também com os mesmos hinos em português. A mudança completa ocorreu em 1943 quando foi impresso o quarto hinário com todos os hinos em português. Em 1951, a edição em português foi revisada (READ, 1965, p. 24).

Uma curiosidade histórica é uma informação de campo de Read em 1963. Na época ele registrou que "uma edição revisada e ampliada, está sendo contemplada para 1965" (READ, 1965, p. 24). Ela realmente aconteceu. E foi a ela que tive acesso quando fiz as primeiras inserções no campo em 2010, pesquisando a Congregação Cristã no Brasil. Na época, as informações e percepções a respeito dela foram:

> A congregação Cristã defende ser a *maior orquestra do mundo*. Para que haja uma uniformidade nas canções eles se utilizam de uma espécie de catálogo de canções com o título *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus*. Neste constam 450 canções escritas, cifradas e compiladas, para utilização de pessoas comuns e de músicos. A última destas edições data de março de 1965, apenas seis meses após a morte de Louis Francescon em 07 de setembro de 1964[64]. Quem sabe podemos falar em uma espécie de *Cannon*, ou seja, uma cristalização dos hinos disponibilizados, de forma a não se incluir outros, como por exemplo, os de estilo *Gospel Music*? Utiliza-se até hoje, a mesma edição de 1965 e, ao que parece, este catálogo de canções é tão antigo quanto à denominação. (MARIANO, A., 2012, p. 34, grifo do autor).

Uma das notas no prefácio do hinário diz: "Mantivemos, como nas edições anteriores, a maioria dos hinos que o Senhor tem preparado desde o início desta obra em nosso país, porém com as alterações que se fizeram necessárias, acrescentando também outras melodias e poesia [...]. São Paulo, março de 1965"[65].

Iranilde Ferreira Miguel em sua dissertação de mestrado em Educação, pela Unesp, Campus de Presidente Prudente, defendida em 2008, embora tenha pequenas divergências, conseguiu em apenas um parágrafo apresentar as mudanças ocorridas neste catálogo. Conforme Miguel, (2008, p. 98, 99):

> Inicialmente a CCB cantava em um hinário escrito em italiano, intitulado *Nuovo Libro D'inni e Salmo Spirituali*. Em fevereiro de 1936, publicou-se a segunda edição

[64] CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. **Edição Unificada**. São Paulo, 2002, p. 51.
[65]CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. **Hinos de Louvores e Súplicas a Deus** São Paulo – SP Ed. Geográfica, 2002, p. 05.

> do hinário intitulado *Hymnos e Psalmos Espirituales* Nº. 2. Em 1951, foi apresentada a 3ª edição do hinário, agora intitulado *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus* composto de 300 hinos de cultos oficiais e 30 hinos de reunião de jovens e menores. Grande parte destas melodias foram mantidas do hinário anterior, acrescidas outras de autores estrangeiros e também de irmãos. Em março de 1965, publicou-se a quarta edição do Hinário, intitulado *Hinos de Louvores e Suplicas a Deus*. Nº. 4 compostos de 400 hinos de cultos oficiais, 50 hinos de reunião de jovens e menores, sendo selecionado entre estes, hinos especiais para Batismos, Santas Ceias e Funeral. Grande parte destas melodias foi mantida das edições dos hinários anterior, acrescidas outras de autores estrangeiros e também de irmãos CCB. Este hinário é usado até hoje. (MIGUEL, 2008, p. 98; 99).

Um derradeiro hinário foi publicado em 2011, com algumas poucas alterações, sendo este o mais atualizado e em vigor em todas as Igrejas da denominação no Brasil e nas filiais no exterior, que respondem a Igreja brasileira com Sede no Brás em São Paulo.

Assim, foi possível perceber pelas mudanças ocorridas nos Hinários que retrata uma adequação às novas realidades, ao implementar paulatinamente a transição de uma Igreja tipicamente italiana para uma demanda mista e em seguida para um público brasileiro.

Para além dos Hinários, podemos deduzir que Francescon passou por um intenso processo de leitura e compreensão ao longo dos anos, em paralelo com a formação da Igreja no Brasil. Já foi dito que de 1910 até 1924 ele esteve no Brasil sete vezes, entretanto um detalhe importante deve ser posto: a soma dos dias que compõem este intervalo de tempo entre 1910 e 1924 é em torno de 5.380 dias, e destes, Francescon esteve no Brasil 2.985 dias. Portanto mais da metade deste período, o fundador se dedicou à Igreja brasileira, enquanto um percentual menor foi dividido entre outras Igrejas que ele fundou, ajudou fundar, organizar legalmente em Chicago, outras cidades nos Estados Unidos e Itália. Pode-se dizer que, nestes quase três mil dias, Francescon não só estruturou a Igreja, fez discípulos, conquistou uma imagem em certa medida apostólica, mas ele também soube aproveitar a oportunidade de estar no Brasil para interpretar melhor a vida entre os brasileiros.

Quando não estava no Brasil, e sim em Chicago onde mantinha residência fixa, Francescon estabelecia contato com a Igreja brasileira através de cartas. William Read presenciou a chegada de uma destas: "Ele enviou cartas de encorajamento para a Igreja no Brasil, e em 1964 eu estava presente quando uma de suas cartas foi lida para todos, incentivando a Igreja a permanecer fiel e humilde diante do Senhor" (READ, 1965, p. 25; 26). Yuasa também teve contato com algumas cartas, através de João Finotti: "Ele foi gentil em nos apresentar a outros anciãos, aos membros de sua família e até nos mostrou uma série de cartas que L. Francescon enviou para ele" (YUASA, 2001, p. 191). Francescon em certa medida, registrou suas diretrizes a partir de cartas, e mesmo quando não conseguia mais escrevê-las – por volta dos seus 92 anos – não cessou. Passou a sua filha Helen Francescon

Carriere a responsabilidade de passar para o papel suas orientações. Tudo indica que uma destas direções à Igreja tenha sido na Convenção Geral de 28 de março de 1959, nas vésperas de Francescon completar 93 anos. A Assembleia Geral, embora é claro, não tenha contado com a presença de Francescon, já com a saúde debilitada, contou com a presença de sua filha, Helen e de seu genro Joseph Carriere (YUASA, 2001, p. 171). Em Ata da Assembleia Geral ficou registrado a necessidade de se manter em vigor a "revelação que Deus deu ao Seu servo" Louis Francescon:

> Jesus é a Cabeça da Igreja, o Espírito Santo é a Lei para guiá-la em toda verdade, sua organização é a Caridade de Deus no coração de seus membros, que é o vínculo da perfeição. Onde esses três não governam, é satanás quem governa em forma de homem para seduzir o povo de Deus com sabedoria humana[66].

A carta com esta orientação de Francescon e que foi para a ata, colocada dentro daquele contexto específico carrega em si alguns significados. Primeiro trata-se de orientações do fundador, quando este estava caminhando para os seus últimos anos de vida. Portanto, Francescon estava em uma altura da vida que lhe permitia refletir sobre o que aconteceu na sua vida e através dela, e assim dar suas derradeiras orientações com base na análise do que ele acumulou como conhecimento ao longo dos anos. Para isto, deve-se considerar que Francescon, embora não tenha estudado muitos anos, a análise de sua trajetória e suas conquistas ao logo da vida diz muito sobre ele. Considerando a presença de igrejas em muitos países, e dos milhares de seguidores no Brasil e no mundo, a estrutura eclesiástica que mantém em funcionamento eficiente a denominação, o reconhecimento de seu ministério dentro e fora da Igreja, dão sinais claros do lugar ocupado pelo fundador da CCB.

A ata de março de 1959 traz um conceito que norteia a forma como a Igreja olha para dentro de seu grupo e para fora dele. Nesta denominação (1) Jesus se destaca. Ele é visto como a Cabeça da Igreja, mas também é reconhecido como Senhor. (2) O Espírito Santo é aquele que conduz os crentes em direção à verdade Divina, mas também é aquele que batiza os fiéis extraordinariamente. (3) Deus é Caridade, portanto, é a representação do amor. Quem obedece a Sua vontade encontra a perfeição, mas quem não obedece não tem lugar no Reino.

A segunda parte conceitual destaca que a sabedoria humana é vista como negativa e contrasta com a sabedoria Divina que é percebida como positiva. A sabedoria humana é entendida como o resultado de abandono ao governo trinitário e a entrada do governo do maligno, materializada no homem que vive distante de Deus. Mesmo assim, geralmente não há na Congregação Cristã no Brasil uma negação da ciência, ou uma resistência aberta à

[66] Ata da Reunião Geral de 28 de março de 1959, em São Paulo Capital, Sede do Brás: prestação de Relatório e Balanço do ano de 1958.

formação, inclusive a acadêmica. Poucas foram as vezes em que encontrei alguém austero ao conhecimento adquirido formalmente. Mas muitas vezes vi a apologia da crença na sabedoria oriunda de Deus, o que não é o mesmo de negação do conhecimento humano ou negação da ciência.

Em março de 2020, o Governo de Estado de São Paulo, para lidar com a Covid 19, torna público os decretos nº 64.862, de 13 de março de 2020, suspendendo "eventos com público superior a 500 (quinhentas) pessoas" e o decreto nº 64.881 declarando "medida de quarentena no Estado de São Paulo". Assim, as maiores Igrejas da Congregação Cristã em todo Estado paulista interromperam suas atividades acatando aquilo que o governo paulista havia decretado. Ou seja, reconhecendo e obedecendo ao governo dos homens. Diante desta conjuntura, a Congregação Cristã para com suas atividades presenciais e opta pelos cultos à distância de forma *on line*.

Em outubro de 2020 a denominação se preparou para a retomada dos cultos presenciais, seguindo as diretrizes do decreto 64.959 de 04 de maio de 2020. Mas, antes do retorno, foi produzido e publicado um vídeo de três minutos orientando os adeptos como se comportar na Igreja. O vídeo é pedagógico, e mostra passo a passo o que cada um deve fazer, desde a chegada na igreja, até a saída ao término do culto. Dito isto, três pontos devem ser destacados. O primeiro, logo no início do vídeo um dos líderes da Congregação Cristã no Brasil diz: "Irmãos, meu nome é Gerson, sou médico voluntário, iremos apresentar a todos o processo de retomada dos cultos. Iremos apresentar a nova forma de organização, limpeza e higiene segundo os protocolos médicos conhecidos". Note que aqui não é o Ancião ou Cooperador que vai dar as orientações, mesmo sendo estes as maiores autoridades na Igreja. Gerson, ainda que seja um líder religioso fala como autoridade na área da saúde e não como autoridade eclesiástica. Além disso, ao longo do vídeo ele não menciona a fé que protege e cura os crentes, e embora não a negue, ele também não nega o lugar da ciência, ao contrário, ele a destaca quando afirma a necessidade de se seguir os "protocolos médicos conhecidos".

O segundo ponto de destaque, ainda relacionado os cuidados com a pandemia da Covid, o vídeo assim como reconhece o lugar da ciência e da saúde, reconhece e destaca a área da limpeza. Aqui, não é o médico que orienta e sim alguém do CCLimp (Congregação Cristã Limpeza). "Eu sou irmão Marcos Alves, voluntário, ajudo no CCLimp, um departamento que cuida da limpeza das casas de oração. Devido ao cenário atual de pandemia, vamos apresentar a metodologia de limpeza química e ferramentas profissionais". Marcos também não menciona a crença na intervenção Divina, mas sim na razão, destacada no profissionalismo daqueles que são treinados para o trabalho de limpeza, utilizando

ferramentas definidas (medidor de temperatura, borrifadores de produtos químicos líquidos, panos de limpeza, rodos, vassouras, puxadores, baldes e Equipamentos de Proteção Individual) a partir de uma metodologia específica.

Por fim, o terceiro ponto é o caráter voluntário dos serviços prestados. Tanto o médico quanto o profissional da limpeza enfatizam sua disposição em realizar seu trabalho de forma não remunerada. Isto vale não só para ambos, mas para todos aqueles que prestam trabalhos para a denominação.

Retornando à presença de Helen Francescon Carriere e seu marido na convenção da CCB. Ela e o marido Joseph Carriere estão ao lado direito da foto (figura 3). Chama a atenção o fato dela, como mulher, estar ocupando um lugar entre os homens, na mesa de almoço, o que não é comum neste segmento religioso. É possível que a condição de ser filha de Francescon pode justificar a presença dela entre os homens, mas o registro tornado público confronta diretamente uma regra presente naquele momento e que permanece até hoje, ou seja, a separação pública de ambos os sexos. Na parte de baixo, está o Ancião Miguel Spina. Atrás deles é possível ver uma das cozinheiras em pé. Estas trabalhadoras são membros da denominação e responsáveis pela organização e preparação de toda a alimentação. Estes trabalhos são sempre voluntários, mas de grande valor simbólico para os trabalhadores envolvidos.

Figura 3 – Almoço no Brás: filha e genro de Francescon

Fonte: acervo de Itamar Bueno Coutinho, gentilmente fornecido em 2020.

Figura 4 – Almoço no Brás: trabalhadores voluntários

Fonte: acervo de Itamar Bueno Coutinho, gentilmente fornecido em 2020.

Figura 5 – Almoço nas dependências da Sede do Brás na Assembleia Geral

Fonte: acervo de Itamar Bueno Coutinho, gentilmente fornecido em 2020.

Penso que as páginas deste capítulo sejam suficientes para que se possa entender um pouco sobre a figura de Louis Francescon em suas origens, aspirações, escolhas, consolidações sociorreligiosas e também alguns possíveis caminhos dos desdobramentos, não só da Congregação Cristã no Brasil, mas também de parte do Pentecostalismo Clássico brasileiro, sobretudo, por ser ela a primeira Igreja pentecostal do país. Porém, antes de finalizá-lo gostaria de apresentar dois pontos que estão intimamente ligados à própria vida e Obra de Louis Francescon, pois representam a possibilidade de observar acontecimentos do presente e ao mesmo tempo compará-los com outros eventos de mesma ordem em um passado remoto. Neste sentido o faço através de etnografias e de fotos, para instrumentalizar algumas reflexões relevantes das quais busco defender ao longo do texto.

Dito isso, apresento o primeiro dos pontos que julgo ser relevante, através de dois registros etnográficos em cultos na Congregação Cristã no Brasil e um registro de culto feito em Juízo, em Massachusetts, EUA. Chamo a atenção para o fato de que o primeiro registro foi retirado do meu caderno de campo, referente a um culto ocorrido em Manaus/AM, em fevereiro de 2020. O segundo registro etnográfico foi feito por William Read, em 1963, referente a um culto ocorrido na Sede da CCB, no bairro do Brás, em São Paulo/SP. Já o registro do culto feito em Juízo é fornecido por Key Yuasa. Esse registro remete a 1925 e diz respeito a um litígio ocorrido na Corte de Chicago, MA, EUA, onde os litigantes eram os membros do grupo original de onde derivou a CCB. Esse grupo – do qual Louis Francescon fazia parte – havia se dividido em duas Igrejas: Assemblea Cristiana e Congregazione Cristiana.

Peço que o leitor fique bem atento ao que vai ser descrito em cada um dos registros. Ao final, acredito, podemos avançar em direção ao que esta pesquisa sinaliza como sendo algumas das particularidades da Congregação Cristã. Ou seja, sua racionalidade.

1.1 – EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA 1

Essa experiência começa em uma noite de fevereiro de 2020, numa quinta-feira. Eu havia chegado ao Aeroporto Internacional Eduardo Gomes em Manaus, capital do Amazonas, com o objetivo de participar de mais um culto da Congregação Cristã no Brasil. O objetivo era entrar em contato com uma realidade completamente diferente da que se havia experimentado até o momento. O culto esperado era o de domingo à noite na Igreja Sede. São

nas sedes, e nos domingos que se concentram a maioria dos membros dessa comunidade religiosa.

Assim, aproveitei alguns dias que antecederam o culto para me familiarizar com o ambiente. No domingo à tarde eu já havia visitado várias localidades da cidade, como a Zona Franca de Manaus, também feito um passeio turístico, visitado uma tribo indígena, e ao encontro do Rio Negro e Solimões, conhecido algumas das particularidades do cotidiano dos ribeirinhos. A experiência advinda desses passeios em Manaus me colocou, de fato, diante de uma realidade completamente nova, diferente de tudo que eu já conhecia.

No domingo, por volta das 17:00h eu já estava de banho tomado, barbeado e vestido com roupa social e sapatos, pois os anos de campo pesquisando a Congregação Cristã me ensinaram que para os homens, se queremos ser aceitos no grupo, não necessariamente é preciso estar trajado de terno e gravata (embora seja o mais recomendado), mas uma roupa adequada é essencial – caso seja uma pesquisadora, ela deve considerar ser fundamental estar de vestido e não de calça, se possível sem pinturas no rosto e nas unhas, sobretudo, as de cor vermelha, ser discreta e se direcionar exclusivamente às mulheres. Neste segmento, se por um acaso o pesquisador estiver trajado com calças jeans, camisa de malha e tênis, saiba que sua ida a campo será um fracasso. Eu já havia participado de cultos na Congregação Cristã em várias cidades e em todas as regiões do Brasil, exceto na região norte. Aquela ida a um culto em Manaus tinha como objetivo fechar uma triangulação que tinha iniciado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e passado por Recife em Pernambuco, em meados de 2019.

Cheguei à Igreja, situada na Rua Ovídio Gomes Monteiro, 2041 no Bairro Alvorada às 19:00h, trinta minutos antes do início do Culto. Cumprimentei o porteiro na entrada e o saudei com a "Paz de Deus". Em seguida falei que era um visitante e que minha residência de origem era o Paraná, e perguntei a ele se poderia participar do culto com eles. Educadamente ele me disse: "Claro que sim!", e me emprestou um hinário de músicas que fica disponível para os visitantes. Entrei e me assentei do lado direito, no meio da igreja. Esta posição é a ideal para aqueles que querem observar o máximo de dados possíveis. Nas vezes que entrei em contato, primeiramente com os anciães, eu acabava sendo convidado para me assentar nos bancos da frente e assim, só tinha acesso às informações que aconteciam no púlpito. Nesta posição intermediária, era possível ver o que acontecia na frente nos lados e até atrás, caso fosse necessário virar rapidamente para verificar algo.

Dentro da igreja uma multidão se formava educadamente, com os homens desde a entrada principal seguindo para o lado direito da igreja e as mulheres para o lado esquerdo. Havia quatro fileiras ao todo sendo duas para os homens, e duas para as mulheres, dando a

entender que o grupo era dividido de forma equilibrada. Do lado direito das mulheres na parte da frente havia um grande Órgão com uma mulher cuja cabeça estava coberta por um véu. As outras mulheres, em sua grande maioria, também estavam com suas cabeças cobertas, com seus véus brancos e bordados nas pontas. Do meu lado, o esquerdo, os homens das mais variadas faixas etárias, estavam trajando seus ternos, gravatas, sapatos bem polidos, seus cabelos aparados e barbas feitas. Na fileira do meu lado direito, ainda do lado masculino estavam os músicos, com suas partituras, e outros que iam aos poucos se acomodando e se preparando para a grande apresentação com a aparência de uma grande orquestra. O silêncio, assim como em outras idas a campo, chamava a atenção, pois era um paradoxo diante da multidão que se formava com a entrada das pessoas que chegavam e se ajoelhavam nas barras de madeiras dos bancos. O único som que se ouve é o das orações a meia voz, feitas por aqueles que acabavam de chegar. Até mesmo as crianças pareciam ser educadas para não conversar dentro da "Casa de Deus".

Exatamente às 19:25h os músicos começaram a tocar um hino de abertura[67]. Parece ser sempre a mesma melodia. Logo que terminaram, houve mais um momento de silêncio que durou em torno de 05 minutos. Logo em seguida um homem de terno aparentando ter aproximadamente uns 60 anos foi caminhando em direção ao púlpito. Certamente era o ancião responsável pela Igreja Central. Este sobe no altar, e acima dele no alto da parede estava escrita a frase "EM NOME DO SENHOR JESUS". A sua frente o púlpito com três microfones fixos que dispensava ter que segurar para falar. Então ele somente ajusta a altura do microfone central e pronuncia a frase "Deus seja sempre louvado!". Toda igreja em coro diz: "Amém!". Em seguida ele pronuncia: "Iniciamos este santo culto a Deus, em Nome do Senhor Jesus!". A igreja repete novamente a palavra, "Amém!". Sem ler um Salmo ou fazer uma oração (como é comum em outras denominações) ele se volta para seu público e pede a eles uma sugestão de hino. Um homem se levanta e sugere o hino 280.

Nós tivemos alguns segundos para abrir nossos hinários e os músicos suas partituras. A organista fez a introdução e em seguida os músicos começam a tocar seus instrumentos acompanhados pelas vozes da igreja. Homens e mulheres cantando juntos em um grande coro. Quando terminou o coro, foi repetido o procedimento. O hino sugerido também por um homem foi o hino 142 e o desenvolvimento foi o mesmo. Quando fora executado o segundo hino, o responsável por presidir o culto naquela noite pede a sugestão de mais um hino, mas desta vez ele o chama de "hino da oração". A escolha foi o Hino 106, seguindo as mesmas

[67] Depois descobri que se chama "hino do silêncio".

etapas. Assim foram cantados três hinos, e em seguida o dirigente apresentou as linhas de oração: pelas enfermidades, causas, famílias e testemunhos, dentro de uma perfeita comunhão. Pediu para que Deus estivesse em nosso meio através de uma Santa Palavra. Em seguida a igreja pronunciou em coro mais um "Amém!", e todos se colocaram de joelhos e alguns oraram a meia voz, até que no meio destas uma voz feminina se destaca na multidão.

Quando ela começou orar, todos se calaram e a sua voz foi a única a ser ouvida por quase três minutos, até que ela cessou, e o ancião disse: "Deus seja sempre Louvado!". A igreja complementou com "Amém!". Em seguida, o presidente do culto pediu a sugestão de mais um hino. Desta vez uma mulher pediu o hino 275, seguindo o mesmo ritual dos hinos com a introdução feita pelo órgão, seguido pelos instrumentais e o coro. "Avante eu vou, com Cristo eu vou, para entrar no eterno Reino de esplendor; sigo pela graça e fé a Jesus o Salvador; nada quero deste mundo, avante eu vou....". Logo após cantar este hino, o ancião presidente daquele culto convidou aqueles que desejassem a dar seus testemunhos.

Neste momento, homens e mulheres iam se revezando, sempre de frente para o público. Do lado direito, na frente das fileiras masculinas estava o microfone destinado aos homens e do lado esquerdo à frente da fileira feminina estava o microfone para as mulheres. Todos ao relatar suas experiências estavam indo à frente para "pagar" seus testemunhos. Realmente para boa parte das pessoas que estão neste grupo religioso, a cada dádiva Divina que é recebida, se faz necessário compartilhar com outros, o que receberam. Neste sentido, se não pagam, ficam em débito com Deus e com a comunidade. Para outros, o ir à frente para compartilhar é a única oportunidade que eles têm para estar diante de um microfone palestrando para seus pares, pois nos cultos, somente os anciães, cooperadores e algumas poucas vezes os diáconos, estão legitimados a pregar para o público que está dentro da igrejas[68]. Assim, muitos aproveitam para publicizar acontecimentos vividos por um conhecido, ou mesmo alguma história que escutou em algum lugar, mas que faça sentido na liturgia do culto.

Neste dia, os primeiros testemunhos foram de uma mesma pessoa: um homem que chegou à frente e introduziu sua fala com a frase "Deus seja Louvado!". A igreja em coro disse: "Amém!". Ele contou primeiramente sobre a conversão e batismo depois de uma cura milagrosa de um conhecido, resultado de seu proselitismo; a outra história contada foi a de alguém que gostaria de tocar na orquestra, mas não conseguia aprender tocar seu bombardão[69]

[68] Embora qualquer um dos congregados, homens, tenham "liberdade da palavra", na prática o que se percebe é o uso da mesma por um pequeno e seleto grupo de pessoas.
[69] É um instrumento de sopro de médio porte.

de forma alguma. Depois de tentar tocar muitos dias e não conseguindo, em um dia chuvoso, quando estava do lado de fora de sua casa, ele foi atingido por um raio e daquele momento em diante ele começou milagrosamente a tocar como nunca havia acontecido antes. O segundo testemunho foi também de um homem, que agradecia a Deus por viagens feitas sem problemas, pelas forças que estava recebendo do Sagrado. O terceiro testemunho foi de uma mulher que agradecia também por muitas viagens, visitando parentes inclusive o filho que estava doente, e que precisava da oração da igreja. Assim os testemunhos foram sendo desenvolvidos da mesma forma: indo à frente, propagando a frase "Deus seja Louvado", tendo em resposta o "Amém!" da igreja, seguido dos relatos.

Entre o início do culto até o fim dos testemunhos se passaram 57 minutos, portanto, mais longo do que o habitual. Nesta altura da liturgia, o tempo médio é de 45 minutos. Logo após os testemunhos, o ancião presidente deu uma série de avisos de atividades ao longo do mês, como reuniões, a data do batismo dos aspirantes, reunião para curso de línguas de sinais, mudanças de horários de cultos em algumas igrejas de outros bairros e cidades da região metropolitana, etc. Depois destes recados, um outro homem, vestido a rigor, foi à frente, para falar sobre as coletas. O ancião neste momento se assentou em uma das cadeiras que ficam no altar, enquanto ouvia, o que acredito ser o tesoureiro, que falou com a igreja sobre as melhorias e novas construções que precisam ser realizadas. Salientava, também, a necessidade de se ajudar na "Obra da Piedade", reforçando que quaisquer ofertas deveriam ser anônimas, e depositadas na caixa de ofertas. Ele também pediu ajuda voluntária para fazer a limpeza da igreja. Assim que os recados foram dados, o ancião retomou as falas e reforçou o pedido de ajuda na limpeza, inclusive disse que se necessário, ele mesmo ajudaria neste trabalho.

Após este momento administrativo, o ancião presidente justificou a igreja que por estar além do horário previsto, ele estaria suprimindo o próximo hino, que seria o hino de antecedência da "Palavra", ou seja, da mensagem. Neste momento houve silêncio, enquanto o ancião ia até um e outro, olhando discretamente, dando um pequeno sinal, como quem pergunta ao interlocutor se Deus teria uma mensagem para a igreja, através dele. Neste dia, todos sinalizaram não ter uma palavra para o povo. Quando isso acontece, aquele que está presidindo fica incumbido da pregação. Ele precisa estar sempre pronto e não tem como declinar. Assim, ele pediu à igreja para abrir suas Bíblias no Livro de Ageu Capítulo 1, lendo todo o capítulo. Sua mensagem foi um alerta à postura estática. "Todos nós estamos meio inertes, todos! Desde o servo que vos prega, até o irmão que está lá fora. Ultimamente todos nós estamos meio inertes e o Senhor nos repreende pela palavra do Profeta Ageu e do Espírito Santo de Deus, que está falando com cada um de nós...". Segundo ele é preciso limpar a

nossas vidas, a casa do Espírito Santo. “É preciso retirar aquilo que não foi Deus que colocou. Não se pode ser um pouquinho crente!”. A ordem é a de arrumação da casa espiritual. Caso isso não aconteça, “lá na frente o Senhor vai tomar alguma coisa dele, porque o Senhor não vai perder nossa alma, não vai jogar nossa alma fora, não vai dar nossa alma de mão beijada para o nosso inimigo, por causa das nossas fraquezas...”. A mensagem foi uma mistura de orientação e imposição do medo de um castigo Divino, afirmando ser preciso estar pronto porque nunca se sabe o momento em que será preciso orar por alguém doente, ou por alguém que está enfrentando o diabo. Segundo ele é preciso que Deus esteja em nossas vidas, e também é preciso servir ao Sagrado no que for necessário. Ao final ele foi encerrando a pregação com entusiasmo incentivando e encorajando as pessoas a serem vencedores diante de Deus. Toda mensagem foi desenvolvida em 27 minutos.

Assim que terminou a mensagem a igreja se colocou de joelhos, orando a meia voz, até que se sobressaiu uma voz masculina que orava fervorosamente no meio da igreja. Quando ele terminou a igreja toda disse “Amém!”. No fim foi cantado mais um hino, e em seguida o ancião encerrou o culto dando uma espécie de bênção apostólica, dizendo que a comunhão do Espírito Santo permanecesse para sempre nos corações. A igreja disse “Amém!”. Logo após as pessoas foram se levantando e saindo organizadamente e beijando uns aos outros. Homens beijando homens e mulheres beijando mulheres. E, como aconteceu das outras vezes, eu, como pesquisador, também me encontrei fazendo parte deste ritual, mas já não me sentindo constrangido como das primeiras vezes em campo. Quando o culto terminou era 21:25h. Ali, depois de concluir meu trabalho em Manaus, foi o momento de retornar para o hotel e me preparar para retornar para o Paraná, no outro dia. O passeio em Manaus me apresentou uma realidade muito diferente de tudo o que conhecia. Já aquele culto na Igreja Sede da capital manauara me pareceu muito familiar. Na realidade, fosse em Porto Alegre, fosse em Recife, ou em Manaus, o culto, na sua estrutura, etapas, liturgia, é o mesmo.

1.2 – REGISTRO ETNOGRÁFICO 2

Aconteceu em um domingo à noite, às 9:30 dentro de um táxi sendo dirigido por um dos mais densos povoados da cidade de São Paulo, chamados Brás. Nós chegamos a uma certa interseção da Rua Visconde de Parnaíba, e encontramos essa rua principal bloqueada por uma enorme multidão de pessoas. O táxi encontrou um engarrafamento, com carros

alinhados tentando superar esse gargalo de pessoas, com dois ou mais policiais brasileiros tentando fazer as coisas voltarem ao normal o mais rápido possível. Isso acontece todas as quartas-feiras, domingos e casamentos à noite, pois nestes dias estão agendados os cultos noturnos na Igreja Matriz da Congregação Cristã no Brasil, e milhares participam desses cultos. Muitos dos carros estão próximos dos fiéis. Todas as linhas de ônibus próximas de repente se veem abauladas como se fosse à hora do rush. Há apenas um espaço disponível, quando o ônibus enche sua capacidade com uma multidão entusiasmada de pessoas humildades e felizes a caminho de casa após outra reunião inspiradora e espiritualmente útil com os muitos irmãos e irmãs da crescente Congregação Cristã no Brasil.

Vamos assistir a um culto típico e ver o que torna essa Igreja tão diferente. Uma palavra de cautela – é bom chegar pelo menos trinta minutos antes do início. A banda de 100 peças já está em seu lugar na parte frontal e central do imenso santuário, e seus membros estão organizando as músicas, entrando em sintonia e recebendo sugestões do Maestro[70] *ou líder da banda.*

Todas as mulheres sentam-se no lado esquerdo e, quando chegam, tiram os véus e cobrem a cabeça. Ocasionalmente, você vê uma cabeça feminina sem véu. 'Por que ela não tem um véu?' Você se pergunta. 'Ela não se sente deslocada?' Mais tarde, você aprenderá que essa mulher e outras pessoas com a cabeça descoberta ainda não foram batizadas. Do lado masculino, você vê um oceano de homens, de todas as idades, tamanhos, formas e cores, vestidos com ternos, camisas brancas e gravatas. Nenhum está de mangas curtas ou roupas esportivas; todos estão de sapatos e parecem bem arrumados. Muitos deles são responsáveis empresários, donos de garagens e lojas, professores e afins.

O santuário, com cerca de 4.000 assentos, enche-se de maneira rápida e silenciosa. O ancião designado como diretor do culto da noite sobe ao púlpito exatamente no centro da área elevada em frente ao batistério. Ele faz uma breve pausa e seu olhar sobe, seguindo as colunas altas, até repousar sobre o lema que diz: EM NOME DO SENHOR JESUS. O primeiro hino é anunciado e, quando a banda começa, todos se juntam ao canto, mas permanecem sentados. Alguns estão ajoelhados em oração, pois os bancos têm barras para se ajoelhar. Um homem começa a chorar amargamente bem na sua frente enquanto o hino progride. Outro homem entra durante o canto. Ele passa por vários outros e, encontrando um lugar, ajoelha-se e ora.

[70] O termo correto é "Encarregado de Orquestra" e não maestro.

Depois do hino, é hora de oração e o líder no púlpito está orando fervorosamente. Sua voz é levada a todos os cantos do santuário pelo sistema de som público, mas todos estão orando audivelmente. O grande volume de oração soa como uma cachoeira que ruge. Todos estão ajoelhados e, acima do rugido, pode-se ouvir o som agudo de uma mulher gritando; ela continua a gritar mesmo depois que o tempo de oração termina, mas ninguém parece notá-la, e ela volta ao seu lugar.

Agora é hora de testemunhos. As mulheres sobem os degraus até o microfone no lado esquerdo do púlpito e os homens sobem as escadas no lado direito. Eles se revezam. Os depoimentos devem ser edificantes, pois, se não for, o ancião encarregado simplesmente desligará o microfone, ou dirá à pessoa que está aproveitando o tempo, sem edificá-lo – em resumo, ela está falando na 'carne'. Muitas vezes, os que testemunham contam como foram ajudados por meio de uma mensagem dessa e daquela pessoa e o que aconteceu como resultado. As orações respondidas de maneiras especiais são sempre assuntos bem-vindos neste período. É um tempo de interesse, instrução e bênção para todos – especialmente para aqueles que testemunham.

Após o canto de outro hino, é hora da mensagem da noite. O homem que tem direcionado o culto, pontua não ser ele o pregador. O Espírito Santo colocará a mensagem, necessária a todos, no coração de um dos anciãos ou diáconos que estão sempre sentados na primeira fila. Todo mundo espera agora o movimento do Espírito Santo. Quem pregará hoje à noite? Depois de um tempo de espera, um dos homens da fila da frente surge e confiante se dirige ao púlpito. Ele é recebido pelo colega que dirige o culto e logo está no púlpito lendo sua Escritura. Em seguida, ele chama a congregação mais uma vez para orar.

A mensagem desta noite é baseada em Mateus 24: 1-14 e é uma mensagem bíblica simples para que os crentes estejam prontos para a segunda vinda de Jesus. Não há sensacionalismo, oratória exaltada, vocabulário acima do nível intelectual de quem escuta. Ocasionalmente, uma figura ou ilustração interessante é usada.

No final do sermão, nenhum recado é dado, apenas o canto do hino final com a Bênção Apostólica. Quando a congregação parte, é costume cumprimentar o maior número possível de pessoas com o Santo Beijo, e várias vezes você é beijado por quem está saindo. O Santo Beijo é praticado por ambos os sexos, mas os homens beijam apenas homens, e as mulheres beijam apenas mulheres; não há beijo sagrado misto.[71] (READ, 1965, p. 20-22).

[71] Traffic jam. If we happened some Sunday night at 9:30 to be in a taxi driving through one of the thickly populated manu Tacturing districts of the city of São Paulo, called the Brás; and if, by chance, we came to a certain intersection on Rua Visconde de Parnaiba, we would find this main street blocked by a huge crowd of

1.3 – REGISTRO DE CULTO EM JUÍZO (OCORRIDO EM 1926)

"Você poderia nos dizer como os cultos eram executados? *'Quando estávamos juntos por volta das 7:30 da noite, a) começávamos o culto em nome do Senhor; b) cantando duas ou três canções e depois; c) nós íamos para oração. Nem sempre era o mesmo. Às vezes, um*

---

people. The taxi would encounter a traffic jam, with cars lined up trying to get through this bottleneck of humanity, with two or more Brazilian traffic cops trying to get things back to normal as quickly as possible. This happens every Sunday and Wednesday night, for on these nights are scheduled the evening services in the Mother Church of the Congregação Cristã no Brasil, and thousands attend these services. Many of the cars in the jam belong to the worshipers. All the bus lines nearby suddenly find themselves bulging as if it were the rush hour. There is only standing room available as bus after bus fills to its capacity with an enthusiastic throng of humble, happy humanity on its way home after another in spiring and spiritually helpful meeting with the many brothers and sisters of the rapidly growing Congregação Cristã no Brasil.

A typical worship service. Let us attend a typical worship service and see what makes this church so different. A word of caution — it is good to arrive at least thirty minutes before the evening culto begins. The 100 piece band is already in its place in the front and center section of the huge sanctuary, and its members are arranging music, getting in tune, and receiving their cues from their Maestro or Band Leader.

All the women sit on the left side, and as they arrive they get out their veils and cover their heads. Occasionally you see a feminine head without a veil. "Why doesn't she have a veil on?" you ask yourself. "Doesn't she feel out of place?" Later you learn that this woman and others with uncovered heads have not been baptized yet. On the men's side you see an ocean of men, of every age, size, shape, and color, dressed in suits and wearing white shirts and ties. None are in short sleeves or sports clothes; all have shoes, and appear to be well groomed. Many of these are responsible businessmen, owners of garages and shops, teachers and the like.

The sanctuary seating about 4,000 fills quickly and quietly. The ancião (elder) who is designated as the director of the evening's worship goes up to the pulpit exactly in the center of the elevated area in front of the baptistry. He pauses briefly and your gaze drifts upward following the high columns till it rests on the motto that says: EM NOME DO SENHOR JESUS ("In the name of the Lord Jesus"). The first hymn is announced, and when the band begins, all join in the singing but remain seated. Some are kneeling in prayer, for the pews have kneeling bars. A man begins to weep bitterly just in front of you as the hymn progresses. Another man comes in during the singing. He makes his way past several others and, finding a place, he kneels and prays.

After the hymn, it is prayer time and the leader in the pulpit is praying fervently. His voice is carried to all corners of the sanctuary by the public-address system, but all are audibly praying. The great volume of prayer sounds like a roaring waterfall. All are kneeling, and above the roar one can hear the high pitch of a woman shouting; she continues to shout even after the prayer time is over, but nobody seems to notice her, and she is soon back in her place.

It is now time for testimonies. The women go up the steps to the microphone on the left side of the pulpit, and the men go up the stairs on the right side. They take turns. The testimonies must be edifying, for if they aren't, the ancião in charge will simply turn off the microphone or tell the person that he is taking the time of all without edifying in short, he is speak ing in the "flesh." Many times those who testify tell of how they were helped through a message of such and such a person and what happened as a result. Prayers answered in special ways are always welcome subjects at this period in the service of praise. It is a time of interest, instruction, and blessing for all — especially for those who testify.

After the singing of another hymn, it is time for the message of the evening. The man who has been directing the culto to this point will not be the preacher. The Holy Spirit will place the message, needed by all, on the heart of one of the elders or deacons who are always seated in the front row. Everybody waits now on the moving of the Holy Spirit. Who will preach tonight? After a time of waiting, one of the men on the front row arises and confidently makes his way to the pulpit. He is welcomed by his colleague who has been directing the service, and is soon in the pulpit reading his Scripture, after which he calls the congregation once more to prayer.

The message this evening is based on Matthew 24:1-14, and is a simple, Biblical message to the believers to be ready for Jesus' second coming. There is no sensationalism, no exalted oratory, no vocabulary above the intellectual level of those listening. Occasionally an interesting figure or illustration is used.

At the end of the sermon, no invitation is given, just the singing of the final hymn with the Apostolic Benediction. As the congregation leaves, it is the custom to greet as many as possible with the Holy Kiss, and several times you are kissed by those passing on the way out. The Holy Kiss is practiced by both sexes, but males kiss only males, and females kiss only females; there is no mixed Holy Kissing. (READ. 1965 p. 20-22).

orava, às vezes dois oravam e às vezes três oravam; d) Depois da oração, cantávamos outra música e então; e) tínhamos alguns testemunhos. As pessoas eram livres para testemunhar, ou ler uma frase, se quisessem, ou dar uma pequena explanação, ou alguma falar de parte das Escrituras. Depois disso; f) alguém falava um pouco mais, Beretta, Francescon ou Menconi e algumas vezes Ottolini. Depois que terminarem a pregação, nós; g) cantaríamos uma música; h) iríamos orar e depois; i) seríamos dispensado e voltaríamos para casa'"[72].

1.4 – INTERPRETAÇÃO DOS DADOS APRESENTADOS

Em tese, como já apontado, defendo que a Congregação Cristã no Brasil possui uma racionalidade não vista em outras denominações pentecostais. A rigor, um verdadeiro culto pentecostal tem como característica o desconhecimento de como será o desenvolvimento dos cultos e a Congregação Cristã, mesmo sendo uma denominação pentecostal, inclusive com vários episódios de cultos com manifestações de glossolalia, esta instituição religiosa possui uma liturgia altamente racional/disciplinada, rígida, quase burocrática.

Como pesquisador deste segmento religioso, acredito que a soma dos anos e a participação de vários cultos em lugares distintos foram fundamentais para que eu começasse a perceber que poderia haver algo relevante e diante disto, fosse à procura de mais dados para verificação desta realidade da padronização dos cultos. Assim, eu que havia etnografado atividades em muitas igrejas do Paraná, no Sul do país e, também, no Sudeste, avancei para viagens curtas, porém objetivas, sempre aproveitando uma ou outra oportunidade para coletar mais dados em outras regiões. Em Goiás, aproveitei uma visita familiar. Este foi o meu primeiro voo mais longo. Depois foi em Porto Alegre, cidade situada no extremo sul do país. Nesta pesquisa de campo, a oportunidade surgiu com a participação em um trabalho de poucos dias. Embora eu estivesse nele com recursos próprios, mas como diz o ditado popular, foi possível matar dois coelhos com uma cajadada só. A terceira viagem foi para Recife, Pernambuco, no nordeste brasileiro. As situações foram idênticas às da viagem para Porto

[72] "**Could you tell us how the service ran?** 'When we were together around 7:30 in the evening we would a) start the service in the Name of the Lord b) by singing two or three songs and then c) we would go to prayer. It was not always the same. Sometimes one prayed, sometimes two prayed and sometimes three prayed. d) After the prayer we would sing another song and then e) we would have a few testimonies. People were free to testify or to read a phrase, if they wanted to, or give a little explanation or some part of the Scriptures. An then, after that, f) someone would speak a little longer, either Beretta, Francescon or Menconi, and Ottolini sometimes. Then after they are through with the preaching, we g) would sing a song, h) we would go to prayer and then, we i) would be dismissed and go home'" (YUASA, 2001, p, 116).

Alegre. A quarta viagem foi a de Manaus, na região norte do Brasil. O registro etnográfico 1 está dentro de todo este esforço e investimento de tempo, dinheiro e sobretudo, de trabalho de campo científico.

O ponto reflexivo a que refiro aqui é a formatação litúrgica racional – resultado de uma construção pensada e encaixada dentro de uma escala de desenvolvimento sistemático – e disciplinada, por parte dos envolvidos. Os dados de Manaus, como disse anteriormente, foram coletados em fevereiro de 2020. Já no registro etnográfico 2, feito por Read, em São Paulo, é possível ver as mesmas etapas do culto em Manaus sendo desenvolvidas com variações pouco perceptíveis. O detalhe importante não é a distância de quase 4.000 quilômetros entre uma igreja e outra da mesma denominação, e sim a distância cronológica. Esta apresentação etnográfica foi feita por William Read como resultado de seu campo em 1963 na Igreja Sede da Congregação Cristã no Brasil em São Paulo (READ, 1965 p. 20-22). Ou seja, mais de cinco décadas e meia, separam um evento do outro e os anos não provocaram mudanças significativas na liturgia. E, para corroborar com esta colocação, que é por si só intrigante, somo a ela o que chamei de pontuação litúrgica dos cultos (ou registro de culto em Juízo). O texto de Yuasa que apresenta a ordem litúrgica do culto foi apresentado em Juízo por Albert Di Cicco, em uma ação que envolvia os dois grupos, resultado do cisma da Igreja Assembleia Cristã de Chicago, nos Estados Unidos em 1925 da qual Francescon fazia parte. Com esta divisão, ele decide adotar o nome Congregação Cristã para o seu grupo, mas a divisão do patrimônio não teve um desfecho amistoso e precisou ser levado ao Tribunal de Chicago, resultando em quase 2.000 páginas de transcrições. A ação só foi resolvida em 1935[73] (YUASA, 2001, p.163) e a página referente à fala de Albert Di Cicco no processo é a de 1.714 conforme apresentado por Key Yuasa (2001, p. 116, 131). Assim, se pode concluir que pelo menos 85 anos separam a etnografia de Manaus e o depoimento de Di Cicco. Neste sentido, nem mesmo os abismos de tempo e espaço interferiram no modelo de culto adotado pela CCB, o que pode representar um tipo de racionalidade fundamental dentro deste grupo sociorreligioso: não há improvisação, há previsibilidade das condutas e escolhas, os papéis sociais são claros e bem definidos, as ações estão voltadas para a comunidade de "irmãos", há uma centralidade do "Senhor Jesus" em todos os aspectos da vida e a contínua preocupação com a Salvação.

[73] "The final decision was reached only on June 1935 , when Faction A paid Faction B US$ 3,400.00, and the Faction A retained the title of property of the 1350-1352 West Erie Street. And as to the costs and fees with the Court and Master, the parties were ordered to pay each one his own part." (YUASA, 2001, p. 163).

Se o primeiro ponto aqui apresentado foram as etnografias em relação ao modelo litúrgico dos cultos, o segundo ponto são as fotos. A comparação entre o passado e o presente sinaliza algo semelhante, ou seja, a manutenção dos formatos ao longo dos anos. Mas não é só isto, pois as fotos na página da denominação passam mensagens e possui significados.

Figura 6 – Culto da CCB de São Paulo na década de 1950

Fonte: Página do Facebook da CCB[74].

Figura 7 – Culto da CCB Sede no Brás na década de 2020

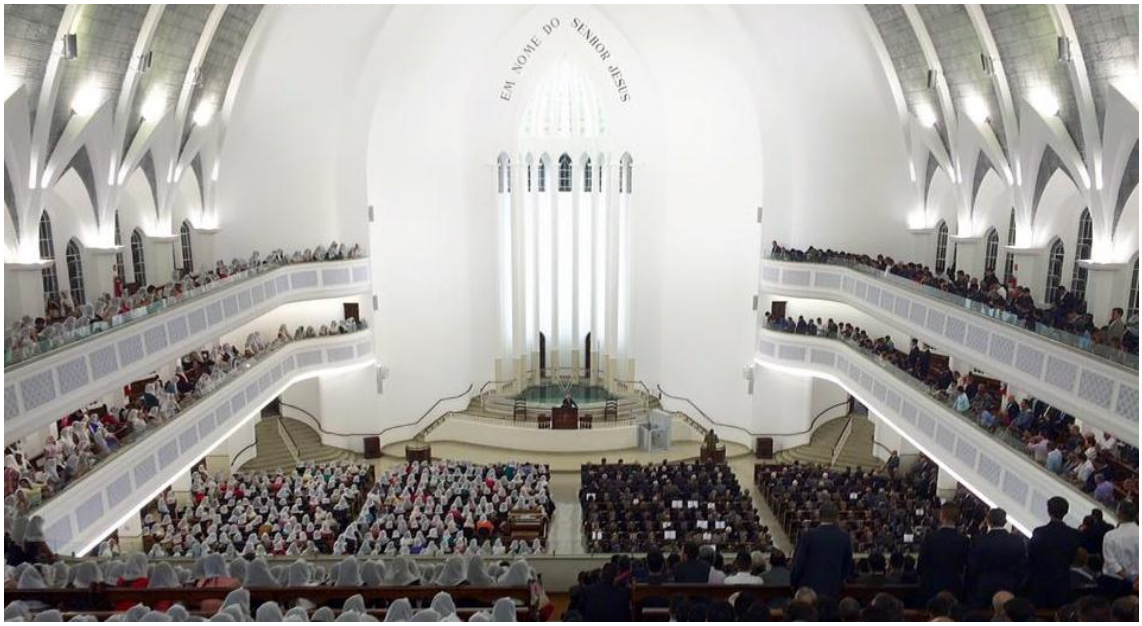
Fonte: Página do Facebook da CCB [75].

[74] Disponível em: https://www.facebook.com/CCB.BRAS.OFICIAL/ Acesso em: 29 jan. 2021.

Figura 8 – CCB Sede no Brás (vista externa)

Fonte: Página do Facebook da CCB [76].

Figura 9 – CCB Sede no Brás (Interna 1)



Fonte: Página do Facebook da CCB [77].

[75] Disponível em: https://www.facebook.com/CCB.BRAS.OFICIAL/ Acesso em: 29 jan. 2021.
[76] Disponível em: https://www.facebook.com/CCB.BRAS.OFICIAL/ Acesso em: 29 jan. 2021.
[77] Disponível em: https://www.facebook.com/CCB.BRAS.OFICIAL/ Acesso em: 29 jan. 2021.

Figura 10 – CCB Sede no Brás (Interna 2)

Fonte: Página do Facebook da CCB [78].

Este conjunto de fotos apresentadas acima, disponíveis na página oficial da CCB no Facebook, mostram claramente a padronização dos templos, a disposição que separa homens e mulheres dentro das igrejas e também a uniformidade das vestes masculinas ou femininas. Os itens aqui apresentados mostram algo que precisa ser destacado: existe um padrão CCB de organização e parece haver um esforço em tornar público este fato.

Assim, as imagens publicadas nas plataformas digitais, ou nas igrejas físicas, ao mesmo tempo que transmitem uma imagem de organização, elas também sinalizam a possíveis futuros adeptos se eles possuem o perfil desejado, presente na denominação. O que se vê nestas imagens fazem parte da própria identidade da Igreja, refletindo parte daquilo que estou identificando aqui como uma racionalidade própria da CCB – as imagens, os templos e até a liturgia engessada dos cultos criam fronteiras, inibem aqueles que têm dificuldades em seguir padrões tentar ultrapassar.

Mesmo assim, podemos dizer que a Congregação Cristã no Brasil, durante estes cento e dez anos de existência, se deslocou do ponto zero e jamais deixou de agregar novos adeptos ao longo dos anos, alcançando a marca de 2.289.634 membros, segundo dados do último censo, o de 2010. Seu Templo do Brás é uma demonstração de sua imponência, bem como representação do espaço que ocupa dentro do cenário nacional e religioso. Ao mesmo tempo, a CCB demonstra sua força e vitalidade organizacional seja na liturgia através da participação

[78] Disponível em: https://www.facebook.com/CCB.BRAS.OFICIAL/ Acesso em: 29 jan. 2021.

de seus membros, seja na disposição de sua estrutura física, seja na forma com que os departamentos estão dispostos. Isto parece ser reflexo da forma como se organizam como grupo religioso, construindo uma religiosidade composta, em certo grau, sobre o carisma de sua liderança, mas, sobretudo sobre escolhas feitas de forma significativamente racionais e que foram sendo consolidadas em doutrinas e ensinamentos ao longo do tempo.

CAPÍTULO 2 – PESQUISADORES BRASILEIROS E/OU VINCULADOS A IES NACIONAIS, QUE SE DEDICARAM AO CONHECIMENTO DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: DA DISSERTAÇÃO DE MANOEL GONÇALVES CORRÊA (1986) À TESE DE NORBERT HANS CHRISTOPH FOERSTER (2009).

Entre as razões dos autores estarem em ordem cronológica é justamente para demonstrar além das abordagens dos temas, preocupações, hipóteses e interpretações de cada autor, está também o momento temporal em que a CCB passou ser considerada como objeto de pesquisa entre pesquisadores brasileiros. A de se considerar que em relação aos grupos religiosos de linha cristã, inicialmente as ciências sociais se preocupou em interpretar o catolicismo, alguns grupos protestantes históricos, e depois o neopentecostalismo com destaque para Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Esta última, graças ao lugar que ocupara como uma denominação totalmente nacional; às visibilidades promovidas pelas mídias; e seu alto grau de exotismo, com práticas nada comuns em comparação com as outras denominações pentecostais, em boa medida fizeram da IURD a preferida entre muitos pesquisadores. Mas há de se considerar que existe uma lacuna a ser coberta, colocando o pentecostalismo clássico na agenda de pesquisa.

Este é um dos esforços ao longo desta tese e assim como os pioneiros tiveram a oportunidade de dar suas contribuições nesta pesquisa, gostaria de fazer o mesmo com os nossos próprios pesquisadores. Dito isto, vamos dar voz a eles e elas.

2.1 – PESQUISADORES BRASILEIROS: MANOEL LUIZ GONÇALVES CORRÊA

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa é Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista, Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e Livre-docente na Universidade de São Paulo. Nesta última Instituição de Ensino Superior, Corrêa atua como professor há mais de 20 anos na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

No mestrado, Côrrea pesquisou o pentecostalismo clássico, cujos dados foram coletados em dez cultos em igrejas da CCB na cidade de Campinas/SP de janeiro de 1981 a março de 1982 resultando na dissertação “Ritual e representação: o discurso religioso da Congregação Cristã no Brasil”, defendida em 1986. Este trabalho, ainda que não tenha sido com a profundidade de uma tese de doutorado, é o de um brasileiro pioneiro na pesquisa empírica, neste segmento religioso.

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (1986) estava preocupado com as manifestações linguísticas discursivas, proferidas dentro dos cultos a partir de duas fontes: a dos fiéis e a dos anciães. Para ele, os testemunhos dos fiéis; a pregação dos anciães; e as manifestações linguísticas do próprio ritual compõem "o discurso religioso da Congregação Cristã no Brasil". Nesse sentido, as falas de todos os lados estão intimamente ligadas dentro de uma relação de complementação umas das outras. Ou seja, tanto as falas oriundas dos testemunhos dos fiéis se entrelaçam e fazem sentido no interior do ritual, inclusive ao ancião que preside o culto, quanto às falas do próprio ancião incorporam e dão sentido as falas dos testemunhantes. Porém, o conteúdo das falas e a ordem com que são apresentadas, resultam em um sentido místico na liturgia do culto, indo além de uma simples estruturação formalizada a ser seguida mecanicamente, interferindo em acontecimentos e manifestações que, em certa medida são imprevisíveis, representadas na forma e no conteúdo das orações. Assim, se por um lado o ritual implica em padronização do discurso, através de um vocabulário próprio da religião em questão, por outro a forma com que os sujeitos propagam seus dizeres misticamente, buscam compactar o mundo em sua vertente transcendental ao mundo natural. Portanto, "entre o que é divino e o que é temporal".

Este discurso religioso embora seja direcionado ao público doméstico, cuja oposição entre o divino e o temporal acontece no interior do grupo, dando sentido a uma consciência pessoal e coletiva interna, estes mesmos discursos comumente rompem as fronteiras ao ampliar o alcance desta relação para outros campos nos quais eles se percebem como os "escolhidos por Deus", em comparação com os outros, situados no "mundo do pecado".

Na perspectiva de Corrêa (1986), a configuração preponderante na CCB é a de que os "outros", inclusive todas as Igrejas situadas por eles como concorrentes – e por isso, há um esforço em esvaziar a sacralidade destas – devem ser santificados, através da inclusão na sua denominação. Isso é possível por acreditarem ser a religião verdadeira, com a missão de sobrepor o mundo, agindo sobre ele. Isto será possível ao utilizar o discurso no sentido de propagar, convencer/engajar e legitimar essa visão entre seus adeptos. E, é no interior do ritual litúrgico dos cultos, através da linguagem promovida nas falas dos adeptos e dos líderes que aparece a tensão entre "salvos" e "condenados"; entre o que é transcendente e mundano; entre o divino e o temporal. (CORRÊA, 1986, p. 27; 28).

O *status* de culto centralizado na Trindade, com destaque na Pessoa do Espírito Santo, não é característica própria da Congregação Cristã no Brasil, e sim das Igrejas pentecostais. Da mesma forma, as manifestações desta Divindade sobre os seguidores mais fervorosos, resultando na crença de uma maior intimidade com o Sagrado, também não se limita apenas

aos que estão ligados exclusivamente a CCB. Portanto, é comum ao pentecostalismo como um todo. Neste sentido, se de um lado está o Sagrado que aparentemente pertence a todos, e de outro os crentes santificados pelo contato com o Espírito Santo, o lugar por excelência onde tudo acontece é o culto. Nesta moldura, a Congregação se destaca porque utiliza este espaço físico e temporal para fins pedagógicos, compostos nas etapas linguísticas e litúrgicas do início ao fim de cada culto, em uma linguagem sistematizada entre os entes envolvidos, com padrões pré-definidos de uniformização da crença e da ação (CORRÊA, 1986, p. 30).

De acordo com a perspectiva de Corrêa (1986), todo o processo ritualístico litúrgico é composto por sete etapas sistematicamente interligadas: Saudação Inicial >>>Chamada do Hino >>>Momento da Oração >>>Testemunhos >>>Avisos, Recebimento da Palavra, Leitura da Bíblia e Discurso do Ancião >>>Agradecimento Final >>>Saudação Final E Ósculo Santo (CORRÊA, 1986 p. 34-50). Mas o autor dá uma atenção especial para as três etapas centrais, ou seja, as Orações, os Testemunhos e o Discurso do Ancião.

O momento da oração é um momento comunitário, sem distinção ou segregação de qualquer natureza. Aqui, todos podem depositar suas petições a Deus, mesmo o visitante que em outros momentos, não pode se expressar publicamente. Corrêa (1986, p. 53), entende que este é um dos pontos altos da liturgia do culto, e um dos mais esperados, porquanto os participantes apresentam a Deus suas demandas com pedidos possíveis e impossíveis. Além disso, ele também representa um momento em que o participante se sente implicitamente autorizado a se destacar no meio da comunidade religiosa.

Se o momento da oração é um momento comunitário, o momento dos testemunhos, não é. Aqui já apresenta uma seleção dos participantes, isto porque, a habilitação não é abrangente, deixando fora aqueles que não são batizados, incluindo os visitantes e frequentadores que ainda "não nasceram de novo". Pessoas que estão com restrições (em disciplina), penalizadas por alguma falta, também não estão autorizadas, explicitamente. Para aqueles que podem se valer desta oportunidade, de acordo com Corrêa (1986, p. 54), o fato de os testemunhos serem explanados após o momento da oração, fornece ao candidato que fala, um sentimento de proximidade com Deus. Este sentimento vai além, pois o participante, no momento em que ora já se vê revestido de poder, coragem ou de gratidão, sendo impelido a socializar suas próprias experiências, ou experiências que são de seu conhecimento e que tem relevância para a comunidade.

Interligado, e em sequência ao momento da oração e dos testemunhos, está o terceiro momento linguístico na liturgia, composto no discurso do ancião. Se o primeiro pode ser visto como totalmente comunitário e o segundo como semi-comunitário, o terceiro é exclusivo em

várias vertentes. Ao ancião é permitida a participação também nas primeiras fases, mas a participação nesta derradeira é vinculada a um grupo reduzido e através deste, os discursos são compactados dentro de uma consciência de íntima relação com o Divino e que vai alterando os níveis de legitimação desta relação hierarquicamente. Ou seja, conforme o lugar em que se encontra o participante na escala de atuação se dá a legitimação de sua participação. Resumindo: um visitante pode participar da primeira escala, mas não das outras; uma mulher pode participar das duas primeiras etapas, exceto da terceira; um porteiro, encarregado de música, ou músicos, podem participar também das duas primeiras, porém não estão habilitados a pregação da Palavra, dentro da liturgia do culto. Só estão autorizados à pregação os anciães, ou os cooperadores, ou os diáconos presentes no culto, desde que sejam convocados a falar em nome de Deus. Estes, além de habilitados a este tipo de fala, podem atuar nas outras etapas anteriores. O que há em comum a todas elas são as congruências entre as partes.

"Ritualização do discurso" é o termo utilizado por Corrêa para falar sobre a forma com que os discursos são elaborados dentro de uma estruturação sistemática no interior do ritual religioso, de forma que expresse o rumo que deve seguir a liturgia. Neste contexto, no caso da CCB, há de se considerar que tal discurso está intimamente ligado à relação que os atores religiosos têm com sua Divindade. Além disso, é a "Palavra de Deus", que neste caso são os valores que Deus passou para os anciães mais antigos são os mesmos que eles repassam para os seus sucessores através do discurso (CORRÊA, 1986, p. 60; 61). Este processo de transmissão da Palavra pode ser considerado o primeiro ponto no ritual como exigências nos discursos e um dos mais importantes.

Um segundo ponto importante no ritual e nas exigências dos discursos envolve uma escala mais ampla de participantes. Neste caso, o discurso se encontra nos testemunhos dos adeptos, propagados para toda a comunidade. As falas dos testemunhantes precisam ter caráter supranatural, envolvendo os ouvintes dentro de uma atmosfera de sacralização, identificação, satisfação do público, dos líderes religiosos e da própria Divindade. Esses discursos, além do objetivo de alimentação das expectativas dos domésticos da fé, também têm pretensão de chegar até aqueles que não são membros, mas estão ali, podendo ser inseridos ao grupo através de um discurso convincente (CORRÊA, 1986, p. 64).

O terceiro ponto relacionado com as exigências dos discursos traz para o centro da reflexão a figura do ancião. De acordo com Corrêa (1986, p. 66; 67), os resultados qualitativos e quantitativos dos testemunhos dos fiéis, serve de termômetro para sua própria autoavaliação, pois trazem um panorama da sua capacidade de interseção, transmissão e

eficácia, sendo finalizado em um retorno positivo, ou negativo a partir de seus ouvintes. Quanto maior é sua capacidade de produzir um discurso convincente de que possui uma íntima relação com Deus, maior é a sua possibilidade de intermediar novos engajamentos, e ao mesmo tempo garantir a solidez dos antigos.

O quarto e último ponto de exigência está relacionado como o próprio adepto no interior da sua relação com a Divindade. É ele que avalia as retribuições recebidas, em decorrência da sua fidelidade, e procura ser capaz de agradecer publicamente a Deus, e ao mesmo tempo se colocando como representante desta gratidão. Neste momento, quanto mais eloquente, envolvente e convincente de uma íntima unidade com a Deidade é o leigo que testemunha, maior sua capacidade de recrutar seu auditório e ser aprovado por ele (CORRÊA, 1986, p. 67-69).

Em linhas gerais a natureza destes discursos e suas exigências são compostas por duas etapas de interlocuções. A primeira aborda o "Momento da Oração", "Testemunhos" e o "Discurso do Ancião". Nesta ordem: "Os fiéis interpelam a Divindade (eles pedem)"; em seguida: "Os próprios fiéis testemunham a possibilidade da resposta"; e na sequência, através do líder religioso e de seu discurso: "Deus responde". A segunda etapa da interlocução dentro da liturgia e do ritual no culto é formada pelo "Agradecimento Final". Embora o fiel tenha oportunidade de agradecer no momento em que testemunha, muitas vezes como pagamento do voto, ou seja, na divulgação pública de sua graça recebida e consequentemente a gratidão ao Sagrado, é na finalização do ritual que todos, sem quaisquer formas de distinções (homens e mulheres que testemunharam ou não testemunharam; que são da liderança ou membro sem ocupação formal; com anos de participação ou apenas um visitante) têm oportunidade de agradecer. Neste momento: "Os fiéis agradecem" (CORRÊA, 1986 p. 126).

2.2 – PESQUISADORES BRASILEIROS: CÉLIA MARIA GODEGUEZ DA SILVA

Célia Maria Godeguez da Silva defendeu sua dissertação de mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo em 1995. Sua pesquisa sobre a Congregação Cristã no Brasil é a primeira pesquisa desenvolvida por uma mulher sobre a CCB e uma das primeiras na abordagem deste segmento religioso. Portanto, antes dela, somente a dissertação de Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (1986) havia sido desenvolvida por um pesquisador brasileiro.

O título de sua pesquisa foi “Tentativa de compreensão da instituição religiosa Congregação Cristã no Brasil”, sob a orientação do Professor Antonio Gouvêa de Mendonça. Em um primeiro momento, o trabalho pode parecer frágil, sobretudo pela carência de dados empíricos. Ela mesma reconhece que teve muitas dificuldades em acessar interlocutores e mesmo se esforçando, não conseguiu romper as barreiras que estavam a sua frente. Quanto a essa realidade, Silva (1995) faz a seguinte declaração,

> [...]. Como é uma igreja que não se expõe, as informações a seu respeito têm que ser tiradas ‘à fórceps’. Com todas as implicações que tem essa metáfora. Para se ter uma idéia, suas principais lideranças, nas escassas entrevistas que se permitem dar, revelam muito pouco ou quase nada da vida da instituição. [...]. (SILVA, 1995, p. 11).

Além desta dificuldade, ela relata também a falta de material escrito pela denominação e também de trabalhos de pesquisa sobre a Congregação Cristã, o que para ela, foi mais uma dificuldade enfrentada em sua reflexão sobre o objeto de pesquisa. (SILVA, 1995, p. 14; 123).

Realmente essas são duas dificuldades – cujos elementos fornecidos seja pela sólida inserção ao campo de pesquisa ou pelos referenciais teóricos diretos para se apoiar que são fundamentos – que podem em tese ter comprometido a pesquisa e talvez por isso, o título, logo de início pareça tão tímido: “Tentativa de compreensão...”.

Mas, um ponto forte no trabalho de Silva (1995), foram suas pontuações sobre a Igreja através de uma série de materiais internos, exclusivos à denominação. Ao longo do texto é possível acessar informações relativas aos livretos da Congregação Cristã: “Artigos de Fé” (Edição 1954/1962); “Histórico da Obra de Deus Revelada pelo Espírito Santo no Século Atual”, de Louis Francescon; o Estatuto de 1980 da Congregação Cristã no Brasil; “Histórico e Instruções sobre as Orquestras nas Congregações”, de 1977; “Pontos de Doutrina e da Fé que Uma Vez Foi Dada aos Santos”, de 1965; “Resumo da Convenção de 1936” e “Resumo de Ensinamentos de 1948”, ambos pulicados em 1994. Além disso, ela não estava totalmente sem recursos téoricos, seja no geral ou específico. Ela teve acesso aos textos de Emile-G. Léonard, de Émilio Willems e de Manoel Luiz Gonçalves Corrêa.

Dito isso, antes de seguir em frente, gostaria de mencionar que selecionarei algumas abordagem realizadas por Silva (1995), que são relevantes para nossa tese. Embora a autora tenha feito assim como os outros pesquisadores, uma apresentação sobre a trajetória de vida de Francescon e o surgimento da Congregação Cristã no Brasil desde suas origens, optei pela escolha de autores que além dessas informações, fizeram pesquisa de campo mais sólida, como é o caso de Yuasa (2001). Assim, com Silva (1995), trago informações que são

peculiares, e específicas. Neste sentido, gostaria de começar com uma citação que demonstra sua intenção primária e o que resultou ao término da pesquisa. Conforme Silva:

> A proposta inicial deste trabalho era situar a Congregação Cristã no Brasil, dentro do contexto histórico e religioso nacional e, concluímos que esta instituição é formada por um todo integrado e harmonioso e está apoiada por crenças, dogmas, doutrina e valores que estão fortemente enraizados na tradicional sociedade brasileira. (SILVA, 1995, p. 126).

Tendo iniciado por uma consideração final, gostaria de pontuar as partes da pesquisa de Silva (1995) que acredito serem relevantes. Uma delas é sobre Louis Francescon e as implicações de sua trajetória de vida na própria denominação. De acordo com Silva (1995, p. 28) o "fundador da Congregação Cristã no Brasil era uma pessoa de decisões demoradas e atitudes bem pensadas". Esta colocação faz sentido, mas é preciso aprofundar na biografia de Francescon, para compreender que a maioria das decisões mais importantes e, também, as mais conflituosas foram concluídas depois de longo tempo. Outra informação importante, e de certa forma vinculada à anterior é o fato de Francescon depender sempre da direção Divina para seguir em frente em suas decisões. Ou seja, as questões, muito mais do que compartilhadas com Deus, elas eram percebidas como respostas do próprio Sagrado. Em relação a isso, de acordo com Silva (1995) Louis Francescon "em seu Histórico, passa por experiências carregadas de iluminismo: recebeu orientação diretamente de Deus, tanto na questão do batismo no Espírito Santo, quanto para partir em missão para o Brasil e fundar a Congregação" (SILVA, 1995, p. 118). Essa forma de enxergar o mundo e de agir sobre ele, vem sendo reproduzida pelos fiéis da CCB ao longo dos anos, como parte de sua moral religiosa: "A doutrina, os dons do Espírito, a ética da salvação individual e o iluminismo podem ser apontados como chaves de leitura para a compreensão da Congregação Cristã no Brasil" (SILVA, 1995, p. 122).

Através da pesquisa de Célia Maria Godeguez da Silva, é possível também acessar um retrato do que era o contexto vigente no Brasil do início do século XX, quando Francescon chegou a São Paulo, em sua viagem missionária. Conforme Silva, quando o fundador da CCB chegou ao Brás, ele encontrou uma espécie de "pequena Itália", com as particularidades deste país europeu, funcionando em pleno solo brasileiro. "O idioma, os jornais, as revistas e até os manuais de operação de equipamentos eram em italiano. Além da praticidade, buscava-se superar a condição de anomia que predominava entre os imigrantes italianos" (SILVA, 1995, p. 51).

Mesmo assim, a vida destes muitos imigrantes italianos não era fácil. Eles, como trabalhadores que vieram para ocupar postos nas indústrias e na própria construção da

metrópole paulista, se viam menosprezados pelas elites, além de se sentirem, "culturalmente ilegítimos e politicamente inferiorizados". Nesta conjuntura marcada por variadas formas de pressões, distantes de sua pátria e enfrentando jornadas extremas de trabalho, muitos deles, não especializados e envolvidos em trabalhos braçais, viram na religião pentecostal clássica uma forma de válvula de escape para estas pressões aliviando a carga emocional e, ao mesmo tempo, fornecendo algum tipo de esperança. De acordo com a pesquisadora (1995):

> A cidade de São Paulo exigia dos indivíduos migrantes um dinamismo novo e, de certa forma, acelerado. Este dinamismo rápido gera no migrante uma ausência de identidade social, pois seus objetivos e laços sociais encontram-se alterados dada à nova maneira de viver. Pode-se afirmar que estes indivíduos estão constantemente numa situação de desencontro consigo mesmo e procuram adequar-se a novas formas de ajuste, quer social, político ou religioso. Neste aspecto, a religião tem contribuído para ajudar aos indivíduos desajustados a encontrarem sua nova identidade. É nas igrejas que se encontram elementos de valores tradicionais, de consolo. Esses elementos reconstituem a vida dos indivíduos na sociedade ou no novo grupo. (SILVA, 1995, p. 51; 52).

Assim, o pentecostalismo que nasce no Brasil por meio de Francescon e que tem raiz étnica italiana, acaba servindo como um instrumento religioso de unificação destes imigrantes. Mas, esse mesmo contexto religioso envolvendo um grupo de italianos que passam estar ligados não só por laços geográficos lá (na Itália) e cá (no Brasil), agora também por laços de crença, sofrem alguns desafios. Nesse sentido, para Silva, um dos grandes desafios e que, por sua vez, tinha capacidade de interferir e comprometer a integridade da Igreja era justamente a forte herança da dimensão política presente na mentalidade italiana. Assim,

> [...]. Para a Congregação o italiano iria tornar-se o grande obstáculo, pois trazia na alma uma experiência política amadurecida nos movimentos grevistas europeus. De um lado, a Congregação tinha um alvo preciso – conseguir adeptos entre italianos. Mostra-o bem o hinário de que os cultos se serviam, publicado em italiano até 1935. De outro lado, os trabalhadores italianos formavam a linha de frente da mobilização operária que, em greves sucessivas, sacudia a consciência do trabalhador urbano brasileiro. E isto dificultava a Congregação. Obter adeptos entre os italianos não era tarefa fácil. (ROLIM, 1995, p. 49 *apud* Silva 1995, p. 55).

Essa pode ter sido uma realidade enfrentada pela denominação, porém existem provas que nunca foi negligenciada pelo fundador, que tratou do assunto em uma de suas cartas.

Anteriormente, reconheci que Silva (1995) foi feliz em obter registros escritos da própria CCB, que são de uso interno. Realmente em se tratando desta Igreja pentecostal, estes são achados importantes. Neste ponto, gostaria de contribuir com algo semelhante, tanto em relação ao privilégio de ter acesso a um material incomum, quanto à reflexão sobre o possível envolvimento dos italianos em movimentos grevistas. Em minha jornada pesquisando o segmento, tive a oportunidade em ter uma cópia de uma das cartas de Louis Francescon para a

Igreja de São Paulo, escrita em 1962, aproximadamente dois anos antes de sua morte, e que mostra a preocupação do fundador em tratar do assunto.

> DEUS SEMPRE ETERNAMENTE LOUVADO, ALELUIA.
> Oak Park, 10 de Outubro de 1962.
>
> Louis Francescon, aos meus queridos irmãos Anciãos, Cooperadores e Diáconos, e irmandade em geral. A graça e a paz de Deus, com a doce comunhão do Espírito Santo, tenha sempre a presidência e o domínio em vossos corações, para que possais sempre permanecer firmes na fé que uma vez foi dada aos santos. Agradeço a Deus, por me conservar em vida, e discretamente bem, servindo-O com forças que Ele me concede, e espero também que esta vos encontre desfrutando das suas Bênçãos, firme nesta Graça, observando seus Conselhos, os seus Mandamentos, com a certeza de chegardes ao fim, aprovados, tendo combatido o bom combate, guardado a fé, para esperar a coroa da Justiça, juntos a todos os que O servirem até o fim, conforme vimos o exemplo do Apóstolo S. Paulo, e em outros santos antes que nós. Aleluia. Lembremo-nos de que fizemos com o Senhor um Concerto, de O servirmos todos os dias da nossa vida, e Ele é o fiel cumpridor das Suas promessas, e não negará o galardão, porém, aos que Lhe forem fiéis até a morte. Por certo, queremos nos submeter sempre mais e mais a Ele, e com Ele venceremos tudo, e chegamos ao fim para recebermos a Coroa da Vida eterna. Aleluia. Por uma carta que me fôra enviada pelo caro irmão Reynaldo Ribeiro, fiquei ciente de um movimento que se manifesta aí, e vários de nossos irmãos tem aderido a esse movimento grevista?
> Ora, na verdade sabemos que os trabalhadores devem pertencer aos Sindicatos, mas nós, povo de Deus, embora sendo obrigados a pertencer, mas somente devemos dar as contribuições, mas não participar nas suas rebeliões, mesmo em ocasiões de greves, sempre que possível o povo de Deus deve se esquivar, e mesmo que não possa comparecer ao trabalho, devem ficar em paz em casa, esperando terminar o movimento, e se a greve não é geral, o povo de Deus deve tomar parte com os pacificadores e não com os rebeldes. Somos um povo diferente, um povo apartado, especial, zeloso e de boas obras. Fomos resgatados com o Sangue do Cordeiro, e não podemos nos misturar com o mundo, devemos andar como filhos da luz, e não das trevas, não devemos mostrar obras infrutuosas das trevas, mas condena-las, por isso disse o Senhor: 'Vós sois a luz do mundo e o sal da terra'. Diz na segunda carta de S. Pedro, cap. 2, principalmente no verso 10: 'Mas principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as dominações; atrevidos e obstinados, não receando blasfemar as dignidades. Convém ler os demais versos desse capítulo. Também diz em Romanos 13, vs.1: 'toda a alma esteja sujeita as potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus'. Portanto, vemos como diz em S. Pedro, falando das dominações, quer dizer, que devemos andar em obediência aos nossos senhores segundo a carne, conforme diz em Efésios cap. 6, verso 5: 'Vos, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo.' vs. 6 'Não servindo a vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus'. Blasfemar das dignidades, quer dizer, das autoridades superiores, portanto devemos tomar cuidado, para não nos encontrar, não somente contra as autoridades e nossos senhores segundo a carne, mas também contra a Palavra de Deus. Desde que não nos obrigam a ir contra a Lei Divina, podemos nos sujeitar aos superiores. Lede também diante da irmandade, o cap. 5 da 1 aos Coríntios, do verso 7 em diante, e também Judas, até ao verso 7. Aleluia (FRANCESCON, 1962).

Esta carta possui um conteúdo que é observado na vida prática destes religiosos, e permanecem sendo tratadas pelos líderes da Igreja, através da tradição oral, sobretudo nas Reuniões de Ensinamentos e nas mensagens de púlpito, através de anciães, cooperadores e

diáconos. Este tratamento dado aos membros não é novo e parece perpassar todas as gerações de adeptos. A exemplo, Silva cita Rolim com a seguinte pontuação sobre o pentecostalismo clássico:

> A expressão 'seita' parece visar à incipiente penetração pentecostal, conseguindo adeptos nas camadas mais pobres e nos trabalhadores urbanos. Pregava-lhes a obediência à autoridade e os patrões eram por elas vistos como autoridades legalmente constituídas, Na época, o pentecostalismo tinha apenas três anos de existência, mas sua influência ia se fazendo sentir em São Paulo e no Norte, onde se alastrava em Belém e nas cidades mais próximas. (ROLIM, 1985, p. 77, *apud* SILVA, 1995, p. 55; 56).

Com essas informações é possível ver que a Congregação Cristã no Brasil conseguiu crescer inicialmente como uma Igreja étnica e teve capacidade de reduzir os impactos que podiam comprometer seu crescimento e sua imagem dentro da sociedade brasileira. Com isso, além de interferir na pressão que os imigrantes italianos tinham que enfrentar por estar em outro país, dando a estes o suporte religioso necessário para suportar a nova realidade, ela também trabalhou através de seu fundador e continua trabalhando, por meio de sua liderança religiosa, a construção de uma mentalidade de aceitação da realidade, sem conflitar com algumas formas de demandas. Com isto a denominação tem conseguido evitar atritos, ou manchar a reputação da Igreja ou de seus adeptos e consequentemente comprometer seu crescimento. Boa parte desta mentalidade, em termos weberianos, traz em si uma postura de ascetismo intramundano, pois o próprio Francescon diz em sua carta: "Fomos resgatados com o Sangue do Cordeiro, e não podemos nos misturar com o mundo". Porquanto, sabemos que no ascetismo intramundano, o pensamento que orienta a mente religiosa é o estar neste mundo sem ser deste mundo.

Outra informação que quero resgatar em Silva (1995), é referente a alguns comportamentos peculiares a CCB, mais especificamente os relativos à não associação com pessoas fora de seu meio religioso, pois estes são vistos como "infiéis". Ela apresenta três situações de tabus: sociedade nos negócios, matrimônio e envolvimento político.

Conforme levantamento de Silva (1995), através de documentos da CCB, ela verificou que os membros da Igreja não têm por prática estabelecer sociedade com alguém fora do grupo e nem mesmo a união matrimonial com pessoas que não sejam da própria denominação. De acordo com a pesquisadora, "pessoas que não comungam da mesma fé", são vistas e chamadas por eles de "infiéis", portanto, não são ideais para a formação de um empreendimento, ou de uma família nuclear:

> A palavra de Deus não admite sociedade com os infiéis em negócios desta vida, nem tampouco em enlaces matrimoniais. (2 Cor 6.13-16)[79], É obrigação do ancião ou cooperados apresentar com cuidado esta exortação feita à Igreja de Deus, a fim de evitar uma ruptura no perfeito plano de Deus. (Resumo dos Ensinamentos de 1948, edição de 1994, p. 15, *apud* SILVA, 1995, p. 70).

Além desse fato peculiar à CCB, outro caso distinto é a forma como ocorrem as etapas de legitimação do matrimônio: em primeiro lugar, para aqueles que já fazem parte do grupo de religiosos, não se aceita que um casal se amasie. Ou seja, eles não podem se relacionar sexualmente sem que a união tenha sido legitimada pelo casamento no Civil. Caso um casal desconsidere essa regra, ambos sofrem sanções. A mais comum é a perda imediata da liberdade, ou seja, não podem dar testemunhos ou pedir hinos. Caso seja músico, ele não poderá mais frequentar os ensaios ou tocar nos cultos. Da mesma forma a mulher, se ela for organista, também sofre as mesmas restrições. Em segundo lugar, para aqueles que se casam no Civil, não existe complementação com uma cerimônia de casamento no religioso. Esta é uma regra. Portanto, não há na Congregação Cristã no Brasil e nem em outros países que a Congregação Cristã esteja presente e que possua vínculos com a Sede do Brás, qualquer tipo de celebração de casamento dentro de seus templos. Também não se permite que casamentos sejam realizados em outros tipos de ambientes preparados para uma cerimônia que seja nos moldes de alguma forma de casamentos como conhecemos. O que geralmente acontece é uma oração, realizada no próprio cartório, ou em alguma residência que receba a família e os amigos mais íntimos.

Conforme Silva (1995, p. 71): "Não há cerimônias religiosas para casamentos; pode-se fazer uma oração, por qualquer irmão presente, após o ato civil, pedindo as bênçãos de Deus para os noivos, famílias e pessoas presentes no ato. A cerimônia nunca é feita nas congregações". Ainda, de acordo com a autora, uma das justificativas apresentadas pelo grupo é a relação que estas celebrações têm com as "festas pagãs" (SILVA, 1995, p. 71).

O terceiro exemplo de não ligação é relativo à política institucionalizada. Sabemos que a Congregação Cristã no Brasil se apresenta como uma denominação "apolítica". Ou seja, não se liga, apoia direta ou indiretamente, formal ou informalmente qualquer candidato ou partido político. Eles também não dependem, pedem favores, ou aceitam ajuda de pessoas ou representantes dessa natureza. O que eles acessam é aquilo que tem direito, garantido por Lei

[79] "Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos; Deus, porém, aniquilará tanto um como os outros. Mas o corpo não é para a fornicação, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo. Ora, Deus, que também ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará a nós pelo seu poder. Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, pois, os membros de Cristo, e os farei membros de uma meretriz? Não, por certo. Ou não sabeis que o que se ajunta com a meretriz, faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne." (1 Coríntios 6:13-16).

a todos cidadãos brasileiros. Para além disso, Silva (1995, p. 73) diz que a Congregação Cristã não impede as pessoas de votarem, mas orienta os membros a escolherem candidatos que acreditem na existência de Deus. Caso um de seus adeptos se aventure a pleitear uma candidatura política, ele, como qualquer cidadão brasileiro com mais de 18 anos, é livre para fazê-lo, mas não contará com o apoio da Igreja que faz parte ou da denominação. Nestes casos, conforme Silva (1995), acontece justamente o oposto, ou seja, a Igreja

> [...] trabalhará contra o seu desempenho porque é considerado como 'quebra de fidelidade à sã doutrina'. Uma vez participante de qualquer movimento este membro será afastado de suas funções na congregação e não poderá trabalhar em nome da Congregação Cristã. [...]. (SILVA, 1995, p. 73).

Outro ponto que quero retomar, dentro da dissertação de Silva, é a sua apresentação sobre o que seria a função social da religião, tendo em mente que sua pesquisa envolveu a Congregação Cristã no Brasil, segue a referida definição:

> A religião exerce importantes funções sociais, à maneira que se adapta à ordem social existente. A religião estimula a aceitação de normas predominantes e das relações sociais estabelecidas. O consenso acerca da doutrina religiosa e a uniformidade da prática religiosa contribuem para a solidariedade do grupo. O ritual não só reafirma as crenças partilhadas pelas pessoas, como também congrega os crentes numa comunidade moral, incentivando a conformidade às suas ordens. Participando dos cultos o fiel expressa suas atitudes em relação ao Divino e confirma sua participação na Igreja e na comunhão dos demais membros. Estão intimamente ligados, pois compartilham das mesmas crenças e experiências. (SILVA, 1995, p. 115).

Quanto à própria denominação, Silva (1995) chega ao final de seu trabalho, considerando que a Congregação Cristã no Brasil, rejeita toda forma de organização entendida como humana. O que prevalece é o iluminismo religioso, pois "Deus fala aos corações dos homens e dirige suas vidas de acordo com Sua vontade. Tudo nesta instituição tem o direcionamento divino: a Palavra de Deus, os testemunhos, as orações, a atribuição de cargos, a formação de igrejas [...]" (SILVA, 1995, p. 118).

Este pensamento é central e reflete em todas as decisões que são tomadas pelos adeptos da denominação. E, é dentro dos cultos, o local por excelência de transmissão dos valores religiosos, através da oralidade de suas lideranças, que as pessoas recebem a teoria direcionada para viver uma vida com o mínimo de envolvimento com as coisas deste mundo. Em linhas gerais, eles colocam suas esperanças em uma possível vida futura para além deste mundo, em um paraíso num mundo que está por vir. A única responsabilidade neste cenário é a obediência e sujeição a Deus. Mas é o fiel que decide a medida com que esse envolvimento vai se desenvolver. Quanto mais se sujeita a Deus, mais próximo está do plano da salvação eterna. Quanto menos se sujeita mais distante está de uma boa relação com seu Deus. Quanto a isso, Silva diz:

> O iluminismo é a chave de leitura nesta instituição, Deus revela aos seus membros como devem conduzir suas vidas, à fim de alcançarem a salvação. O Espírito é livre e ninguém pode detê-lo, mas cabe ao fiel discernir até que ponto ele pode avançar e dar liberdade total ao Espírito. Este controle é feito através de um pré-julgamento, ou seja, existe também o espírito de contenda e este deve ser eliminado da vida do cristão. Cabe ao membro da igreja saber distinguir o que vem de Deus ou não, através da comunhão que mantém com a divindade durante os cultos. (SILVA, 1995, p. 124; 125).

Assim, Silva (1995) chega à conclusão de que a Congregação Cristã no Brasil não tem sua crença construída sobre materiais escritos, mas através do que aprendem pela tradição oral e da crença na iluminação Divina. Os valores recebidos têm suas origens nas orientações de seu fundador, Louis Francescon; nas informações obtidas nas "Reuniões de Ensinamentos", onde os anciães e diáconos recebem as orientações dos mais antigos e repassam para os membros que estão abaixo na hierarquia eclesiástica; e na manutenção da tradição de uma forma geral. Ou seja, de tudo que aprenderam com os pioneiros e que vêm sendo ensinado ao longo dos anos, reforçando os valores de fé e obediência fiel a estas regras recebidas.

2.3 – PESQUISADORES BRASILEIROS: NILCEU JACOB DEITOS

Nilceu Jacob Deitos é Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No mestrado, Deitos, assim como Corrêa, pesquisou a Congregação Cristã, mas também mudou de projeto no seu doutoramento. Em sua nova abordagem o pesquisador se dedicou a entender a "Construção do Imaginário Católico".

Na pesquisa que resultou a Dissertação "Representações Pentecostais no Oeste Paranaense: A Congregação Cristã do[80] Brasil em Cascavel (1970-1995)" Deitos procurou compreender as implicações e a forma como o pentecostalismo da Congregação Cristã no Brasil construía suas representações sociais a partir de um campo geográfico específico na cidade de Cascavel, situada na região Oeste do Estado do Paraná. Entre os aspectos de representações, Deitos (1996) seleciona duas que ele entende como pilares na desenvoltura da

[80] No dia 21 de abril de 1962 em Assembleia extraordinária com a presença do ancião João Finotti, ficou definido: Artigo 1º "A Congregação Cristã no Brasil – Região de S. Paulo – anteriormente denominada Congregação Cristã do Brasil, registrada no Cartório do 1º Ofício de Títulos e Documentos sob. nº 4938, formada de membros sem distinção de nacionalidade ou raça, é uma comunidade cuja Fé, Doutrina e Estatutos se fundamentam na Bíblia, abrangendo as Congregações de todas as demais Regiões nos Estados Unidos do Brasil, onde Deus se compraz plantar sua Obra". Portanto, quando Deitos pesquisou, já havia ocorrido a alteração.

estrutura religiosa e que fundamenta a própria denominação, bem como seu imaginário pentecostal. São elas o “caos” e o “nomos”. Mas, cabe ressaltar que ambos os conceitos representativos não são peculiares à CCB, pois o pesquisador mesmo apresenta em diversos momentos ao longo do seu texto, provas que estes fazem parte também da conjuntura Católica e Protestante. Esta última de linha Luterana.

Além disso, Deitos vai também defender que mudanças econômicas, tecnicistas e industriais, que marcaram o início do processo de transição do rural para o urbano a partir da década de 1970 no Oeste paranaense, proporcionaram um campo fértil para o crescimento do pentecostalismo naquela região, diante das incertezas do novo contexto. Porém, o mesmo cenário obrigou às lideranças católicas e a protestante a repensarem seus próprios modelos, atualizando seus discursos no sentido de fornecerem algo mais alinhado com as demandas.

De acordo com Deitos (1996) no interior desta nova sociedade se destaca um modelo de religioso que é resultado de um contínuo esforço de dar sentido ao mundo, por parte dos adeptos da Congregação Cristã. Nessa conjuntura o imaginário religioso vai imprimir uma separação radical de mundo que contará com a presença dos escolhidos de Deus de um lado, e de outro, o mundo perdido com suas armadilhas.

Esta é uma das razões que motivou Deitos a pesquisa, procurando perceber as mudanças no imaginário religioso, ao mesmo tempo em que havia uma ruptura na hegemonia da Igreja Católica e também da Igreja Luterana em Cascavel. Ambas as religiões coabitavam e conviviam com certo grau de harmonia, mas foram impactadas com a chegada do pentecostalismo e a propagação do número de adeptos pentecostais. Além disso, ele mesmo disse que sua escolha pela Congregação Cristã se deu porque ela foi uma das primeiras Igrejas pentecostais da região e, também, por ser uma das maiores em montante de adeptos na cidade entre os cascavelenses.

Um ponto importante na percepção da construção do imaginário do religioso pentecostal da Congregação Cristã é a utilização do discurso para explicitar e modelar os participantes. Embora ele não tenha citado Corrêa (1986) para tal afirmação sobre o assunto, suas colocações seguem em linha com o que foi percebido por Corrêa, quase uma década antes. Nesse sentido, segundo Deitos:

> A partir dos discursos empregados por grupos pentecostais é possível perceber as representações por eles utilizadas que vão dando sentido ao seu mundo religioso. São nas falas proferidas nos cultos que de maneira privilegiada o corpo de representações se evidencia com maior nitidez, fazendo com que ali o imaginário religioso seja abastecido e revigorado, o qual consegue dar conta do corpo de representação constituído. (DEITOS, 1996, p. 03).

Talvez, um avanço sobre o que Corrêa (1986) escreveu tenha sido o de ampliar o alcance destes discursos para além das fronteiras da liturgia. Portanto, embora Deitos reconheça que os cultos são os locais por excelência de propagação das falas, o quadro não se limita a isto, pois se aplica também aos ambientes de convivência externa do cotidiano do religioso, inclusive com pessoas que não são do grupo. Esta propagação do imaginário incorre nos termos do comportamento e até na forma de se vestir dos adeptos. Nesta linha, o pesquisador reconhece que os pentecostais se identificam com estas representações produzidas no interior dos cultos, mas acredita que é preciso observar como funcionam os discursos nas práticas diárias e o que eles provocam no contato social geral (DEITOS, 1996, p. 04; 05).

Para desenvolver parte de suas reflexões, Deitos vai se apoiar nas teorias de Peter Berger (1985), o qual atribui à religião a responsabilidade em fornecer parte dos elementos para a formação social. Nesta ótica, a religião ocupa um papel cultural, repassando as pessoas referenciais para que estas possam interpretar a si mesmas e ao mundo em que estão inseridas. Deitos justifica sua escolha afirmando que: "À produção sociológica deste pensador é utilizada no estudo do pentecostalismo quando analisamos entre os pentecostais a ideia de 'caos', que é caracterizado por um imaginário bastante presente nas pregações, cultos e discursos dos 'crentes'" (DEITOS, 1996, p. 05).

Da mesma forma que Deitos (1996) resgata a ideia "caos" em Berger (1985), ele também o faz com o conceito de "nomos", e com ambos busca pensar o pentecostalismo e seu crescimento no Oeste paranaense. Diante disto, se o "caos" representa a desordem e a instabilidade, o "nomos" significa a reversão deste quadro, seja no interior de uma sociedade ou de parte desta. Neste sentido não se pode inferir valor a esta ou aquela religião, mas conferir eficiência àquela(s) que melhor respondem as questões críticas da sociedade, no sentido de reduzir, ou eliminar o que desestabiliza a sociedade. Quanto maior sua capacidade de se sair bem, maior reconhecimento tem. Para problematizar isso, Deitos (1996, p. 05) mais uma vez utiliza Berger:

> Segundo Berger, uma ordem significativa, ou nomos, é imposta às experiências dos indivíduos. Portanto, dizer que a sociedade é um empreendimento de construção do mundo eqüivale a dizer que é uma atividade ordenadora ou nomizante. Ainda, segundo o autor, o nomos objetivo é interiorizado no decurso da socialização. O indivíduo se apropria dele, tomando-o sua própria ordenação subjetiva da experiência. É em virtude dessa apropriação que o indivíduo pode "dar sentido" a sua própria biografia. '*O nomos socialmente estabelecido pode, assim, ser entendido, talvez no seu aspecto mais importante, como um escudo contra o terror'* (BERGER, 1985, p. 35 *apud* DEITOS, p. 05, grifo do autor).

Para contextualizar historicamente a região do Oeste do Paraná, onde está a cidade de Cascavel, Deitos procura trazer informações históricas que mostram que se trata de uma região relativamente nova, cujo início como forma de exploração comercial se deu a partir, segundo ele, da última década do século XIX, através de indígenas paraguaios, recrutados por argentinos, para a produção de erva-mate. Este trabalho se desenvolveu por aproximadamente meio século, quando na década de 1940, a região começou receber os primeiros migrantes colonizadores vindos da Região Sul do Brasil e depois, outros oriundos da região norte paranaense envolvidos com o plantio de café. Todas estas pessoas tinham em comum o desejo de prosperar a partir do uso na terra dentro de uma perspectiva rural (DEITOS, 1996, p. 13-20).

Estas mudanças não foram apenas em relação à cultura de plantio, mas se estendeu também para a esfera religiosa. Dos colonizadores sulistas, a região norte paranaense recebeu o protestantismo Luterano do Rio Grande do Sul. Do estado de Santa Catarina e, também, de algumas partes do Paraná, o catolicismo veio como herança religiosa. Já do norte do Paraná, migrantes ligados à cultura cafeeira, dentre os quais, mineiros, paulistas e até nordestinos, contando com alguns de origem pentecostal, mas em menor número. Neste cenário com a presença de católicos e protestantes, de acordo com Deitos, era o catolicismo a religião hegemônica, a que possuía a maior estrutura para atender a população com várias igrejas e, também, a que conseguia fornecer um discurso que melhor se encaixava às necessidades do público (DEITOS, p. 27; 28). Esta construção inicial dos colonizadores forneceu além de uma separação religiosa, uma distinção étnica. “A colonização do Oeste teve como característica a separação dicotômica entre italianos-alemães e católicos-protestantes [...]” (DEITOS, p. 41).

É relevante dizer que as relações entre estas religiões, embora de um lado se aproximem por serem de linha cristã, por outro possuem características distintas. Mas Deitos em seu trabalho mostra que esta relação entre o catolicismo e o protestantismo luterano no Oeste do Paraná era em certa medida harmônica, inclusive com capítulos de ações ecumênicas com a presença de ambas. Porém, quando a relação envolvia católicos e pentecostais não existia harmonia alguma (DEITOS, 1996, p. 42). Este fato também se estendeu entre protestantes luteranos e pentecostais, sobretudo, os da Congregação Cristã. Na prática o tradicionalismo luterano e a predestinação calvinista, da qual a Congregação Cristã é herdeira, são lados opostos da mesma Reforma, e que geram conflitos, seja em maior ou menor grau, até hoje.

Na forma como Deitos apresentou a moldura histórica, a conjuntura até o final da década de 1960 resultado das ordens econômicas, sociais culturais e religiosas apresentava um

quadro de relativo equilíbrio, mas as mudanças abruptas iniciadas a partir das décadas de 1970 e 1980 em decorrência do processo de modernização agrícola, de mecanização da produção e de expansão para os mercados internacionais, interferiram significativamente no "nomos" estrutural, resultado da transformação de um estilo de sociedade rural, com todas as suas implicações, para um estilo social urbano com toda a sua bagagem. Essa explosão populacional, com pessoas chegando de várias partes em um curto espaço de tempo, o crescimento exponencial da estrutura da região, tecnológica agrícola e industrial necessária para dar suporte a esta nova conjuntura, promoveu uma situação adversa para o catolicismo, mas ao contrário, foi um terreno fértil para o pentecostalismo (DEITOS, 1996, p. 44-46).

> Neste campo sócio-econômico e cultural, o pentecostalismo aparece como possibilidade de agregação e nomização de pessoas que, no embate das transformações, têm nesta manifestação religiosa algo que dá sentido para suas vidas. É através da vivência das práticas religiosas que conseguem construir tal sentido, coibindo a possibilidade de uma situação caótica que se apresenta num contexto de transformações. Nesta análise, um aspecto que se desponta é a relação entre o "caos" e o "nomos". A preocupação e esforço que são empregados para nomizar uma determinada situação, pressupõe a possibilidade de uma situação de caos. Sem esta possibilidade não haveria razões que justificassem e exigissem uma nomização, mesmo porque esta já estaria dada. (DEITOS, 1996, p. 47; 48).

Isto não quer dizer que o pentecostalismo encontrou o cenário propício para superar ou substituir o catolicismo no Oeste do Paraná. Para Deitos (1996, p. 50; 51), as transformações sociais e econômicas decorrentes deste processo rápido e pujante de urbanização com viés capitalista, não interferiu significativamente no montante de membros católicos, no sentido minorativo. Ou seja, ela não perdeu sua hegemonia, não obstante o novo contexto trouxe a possibilidades reais para a aproximação e proliferação do pentecostalismo na região.

Dentro do pentecostalismo, a escolha de Deitos (1996, p. 57) pela CCB se deu por três razões: primeiro, por ser uma das pioneiras entre as Igrejas pentecostais no Oeste do Paraná; segundo por ser uma das mais numerosas de Cascavel, com aproximadamente 3.000 adeptos; por fim, a terceira e mais relevante das motivações para o pesquisador, a forma como desenvolve seu proselitismo, sem a utilização de meios midiáticos ou evangelismo de massa, se valendo apenas do proselitismo pessoal. Ou seja, uma agremiação através do discurso ao "pé de orelha".

Cabe ressaltar que Deitos fez pesquisa de campo dentro e fora dos templos. Nos cultos, foi possível ao pesquisador participar, observar a dinâmica e o desenvolvimento dos discursos, e suas representações. Fora, ele entrevistou adeptos da CCB em seus trabalhos seculares e, também, em suas vivências no cotidiano. Com isto foi possível problematizar parte do imaginário religioso desta denominação. Dentre eles, Deitos apresenta o que pode ser a mais emblemática das representações deste imaginário, o "iluminismo religioso". De acordo

com Deitos (1996, p. 61): “Trata-se de uma iluminação que os fiéis da Igreja acreditam ter recebido diretamente do Espírito Santo” – sabemos que esta tese não é nova, já apresentada por Léonard em 1951; 1952 e 1953, mas Deitos não faz menção ao pesquisador em momento algum. Deitos reforça pontos diretamente relacionados com a posição central ocupada pelo Espírito Santo no interior da denominação, a saber: a não necessidade de se aprender a Bíblia por vias humanas, o afastamento de pregações em ambientes públicos, e o não uso de órgãos de propagandas em massa para promover a crença.

Ainda dentro deste mesmo iluminismo, o pesquisador vai fazer uma apresentação panorâmica. Volto dizer, próxima do percebido por Léonard, mas apoiada em Rolim (1987). Na citação, Deitos afirma que:

> O iluminismo é bastante nítido nos cultos da Congregação onde se expressam principalmente nas orações coletivas e nas pregações, que são realizadas improvisadamente pelos crentes, cientes de que não são eles que optam por falar e pregar, mas por impulsionamento do próprio Espírito Santo. O rigorismo moral também é bastante manifesto entre os fiéis. Nos cultos, as mulheres ocupam lugares separados dos homens, além de trajarem vestidos compridos e véu na cabeça. No interior dos templos as mulheres jamais podem cumprimentar os homens, por ocasião do culto, mesmo que sejam seus maridos. (ROLIM, 1987, p. 33; 34 *apud* DEITOS, 1996, p. 61; 62).

É interessante que o próprio Francisco Cartaxo Rolim (1987), para falar sobre este “Iluminismo” presente na Congregação Cristã no Brasil, também não citou Léonard, mas independente disto, ele vai mostrar os momentos em que esta iluminação ganha evidencia e vai se aproximar também do que defendeu Corrêa em 1986. Portanto, de acordo com Rolim:

> Este iluminismo aparece nos cultos em dois momentos precisos: nas orações coletivas e nas pregações. Nas orações coletivas todos começam a orar ao mesmo tempo. De repente, a voz de um crente começa a se impor e as outras vão gradativamente diminuindo até se calarem. Só aquele crente continua a oração, o tempo que desejar, sem que o dirigente lhe determine o momento de acabar. Acredita-se que Deus o iluminou para orar. No momento da pregação, o dirigente do culto dá a palavra a quem se sentir inspirado para pregar. Do meio da assistência alguém se levanta e vai ao púlpito. Abre ao acaso a Bíblia e começa a falar. (ROLIM, 1987, p. 34).

Deitos para pensar o contexto religioso, social e econômico da região Oeste do Paraná, mais especificamente da cidade de Cascavel, ele o faz a partir da perspectiva de “mercado de bens simbólicos” (DEITOS, 1996, p. 68). Para o pesquisador, a religião ou Igreja que fornece às pessoas os bens simbólicos que mais correspondem às suas necessidades, que os ajudem na solução de seus problemas, ou que atuem na organização, ganham mais espaço. Quanto mais estes produtos forem acessíveis em sua capacidade de despertar demandas externas, maior suas chances de conquistar novos adeptos. Mas as necessidades de obtenção destes bens são potencializadas quando se está inserido em uma estrutura mais urbana que rural. Deitos afirma que a vida metropolitana desperta muitos medos e incertezas e a dinâmica pentecostal

não só fomenta o temor, mas também trabalha para fornecer o antídoto. No que se refere ao terror, Deitos resgata uma afirmação de Bittencourt Filho (1987), dizendo que "paira sobre muitos um medo constante da fome, da morte violenta, do desemprego, da doença, da solidão, da total desagregação familiar, da perda absoluta da dignidade" (BITTENCOURT FILHO, 1987, p. 22 *apud* DEITOS, 1996, p. 68). Além disso, contextualiza o *locus* onde é aplicado:

> Este clima constantemente é manifesto pelos fiéis quando em seus cultos, seja nos momentos de oração, seja nos testemunhos, apontam questões do mundo material, caracterizado pelo mal, pela perdição, e principalmente pela doença, como fica expresso na pregação de um cooperador [...]. (DEITOS, p. 68; 69).

Com estes elementos, Deitos mostra que o cenário social, econômico e religioso da cidade de Cascavel, não pode ser interpretado apenas por uma ou outra variável, mas deve ser pensada à luz de todos os acontecimentos. Embora seu trabalho possua objetivos bem definidos a partir da História como ciência, talvez o que todas estas variáveis tenham em comum, e que seu trabalho em vários momentos fornece indícios, é o aspecto capitalista. Uma região que iniciou com a exploração argentina, através de índios paraguaios, plantando erva-mate, que foi colonizada por agricultores de linha protestante luterana e de católicos do Sul do país e, também, de outros da região norte do Paraná. Boa parte antes de chegar ao norte paranaense tinha suas origens em São Paulo, Minas Gerais e no Norte do Brasil, dos quais alguns poucos pentecostais, por volta de década de 40 do século passado, não vieram por motivações religiosas e sim a procura financeira de vidas melhores. O que aconteceu da década de 1970 em diante, foi a potencialização das mudanças que já estavam em curso, porém o "caos" que estas modificações provocaram em decorrência da transição volumosa do rural para o urbano, em um curto período de tempo, forneceu a atmosfera propícia para a disseminação do pentecostalismo. Portanto, ao que parece foi pela sua capacidade de implantar um "nomos" na vida das pessoas e dos grupos que o pentecostalismo foi se estabelecendo. Não que o catolicismo ou o protestantismo não tenham feito o mesmo, pois não houve uma substituição tão emblemática de valores tradicionais se comparados com o pentecostalismo. Porém a conjuntura propiciou ao pentecostalismo da Congregação Cristã as condições para se transformar também, em uma das grandes denominações de Cascavel. Feitas essas considerações, vamos seguir para outra pesquisa sobre a Congregação Cristã no Brasil, através do trabalho produzido por Barros em 2003.

2.4 – PESQUISADORES BRASILEIROS: VALÉRIA ESTEVES NASCIMENTO BARROS

Valéria Esteves Nascimento Barros é Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, Mestre e Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. No mestrado Barros pesquisou uma das tribos indígenas Guarani, dentro de uma nova configuração provocada pela conversão de alguns membros da tribo ao pentecostalismo, e por consequência um aparente abandono da religião da tribo, antes alimentada pela "Casa de Rezas". No doutorado a antropóloga permaneceu dentro de sua pesquisa com os Guaranis, entretanto, por outro viés que não a Congregação Cristã no Brasil.

A pesquisa de Barros (2003), dentre todas as pesquisas utilizadas até aqui e que contribuirão para pensarmos a CCB, é a mais antropológica que se pode empregar. Seu trabalho, além de estar vinculado a um Programa em Antropologia, ela também vai ser desenvolvida a partir de um dos grupos clássicos da antropologia como ciência, ou seja, a alteridade a partir de uma tribo indígena.

A pesquisadora estava preocupada em entender como se dava a conversão e as implicações destas na vida social, política e econômica de integrantes da tribo indígena Guarani, que vivem na Aldeia de Laranjinha, situada no interior do Paraná, próximo ao Estado de São Paulo. Partes destes índios aderiam ao pentecostalismo clássico promovido pela Congregação Cristã no Brasil, que na época (2003) já estava em atividade na Aldeia a aproximadamente dez anos. Dito de outra forma, Barros (2003, p. 08-11) estava buscando respostas para o que seria o sentido de adesão por parte dos Guaranis, pois com a chegada desta Igreja na tribo, "praticamente todo o grupo se converteu à nova religião". Mas, para isso, era preciso ir além da simples conversão, ao analisar "os pontos de 'ressonância' entre sistemas simbólicos aparentemente distintos" e como estes são selecionados pelos participantes fornecendo elementos para a construção cultural, resultando em uma história própria que se dá pelo contato das diferenças. Deve-se ainda, no interior da conjuntura, considerar o dinamismo e a criatividade com que as religiões indígenas se saem no contato com as formas de religiosidades de linha cristãs, que por sua vez não devem ser entendidos apenas como sincretismo religioso (BARROS, 2003, p. 11).

Um ponto relevante é o lugar dos Guaranis em terras paranaense. De acordo com Barros, eles são os primeiros habitantes da região, antes mesmo da chegada dos primeiros europeus (BARROS, 2003, p. 31). Já os Guaranis de Laranjinha são compostos por descendentes dos grupos de remanescentes que tiveram contato com os jesuítas durante os séculos XVI e XVII. Eles também tiveram contato com bandeirantes paulistas; descendentes

dos “cayuas”, que vieram com os funcionários imperial a partir de 1852; os descendentes do Ñandéva que saíram do Mato Grosso e do Paraguai com o objetivo de chegar ao litoral, mas se estabeleceram na região; com Guaranis de outras regiões; com uma família extensa dos Kaiowá que se juntou à tribo na década de 1990, vindos do Mato Grosso do Sul (BARROS, 2003, p. 32). Mas, estas muitas origens não devem ser entendidas como uma multidão de pessoas, pois a própria pesquisadora mostra através dos dados da FUNAI de 2001, que o total de pessoas que compunham a Tribo Indígena de Laranjinha na época era de 239 indivíduos (BARROS, 2003, p. 42).

Outro dado relevante trata-se das divisões internas de pertencimento. Na perspectiva da Tribo Guarani, existem três categorias que dividem a estrutura de legitimidade dos integrantes relativos ao grau de pureza. São elas o “índio puro”, o “misturado” e o “mestiço” (BARROS, 2003, p. 43). Os primeiros seriam aqueles que são filhos de pais Guaranis; o segundo, trata-se de filhos de Guaranis com outras descendências indígenas; e o terceiro, filhos de Guaranis com não-índios. É neste contexto que aparece a figura de Mário, pois arrisco dizer que este, tenha sido o sujeito mais importante para a pesquisa desenvolvida por Barros, justamente por ocupar uma posição central em toda a trama e por agregar várias atribuições ao longo de sua trajetória de vida.

> Mário nasceu no dia 14 de janeiro de 1956 em Santa Isabel do Ivaí-PR, fora de aldeia indígena. Filho de mãe guarani (Lica, importante figura ligada à casa de rezas) e pai não-índio (Júlio Brito Jacinto, ex-funcionário da CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná, “amansador de índios”). Mário já foi cacique e chefe de posto da TI Laranjinha e atualmente é funcionário da FUNAI. [...]. Casado com mulher guarani, Mário possui 8 filhos e atualmente é o cooperador responsável pela igreja da CCB existente em Laranjinha. (BARROS, 2003, p. 46).

Mário ganhou projeção dentro e fora da aldeia e sua trajetória de vida é no mínimo intrigante, pois aparentemente rompe com uma lógica interna. Portanto, ele é um mestiço, que nasce fora da aldeia, que somente vai morar com a tribo aos oito anos de idade. Mesmo assim se torna um líder indígena respeitado, e ao se converter ao pentecostalismo da Congregação Cristã no Brasil, tempos depois passa a ser Cooperador da Igreja dentro da própria Aldeia Indígena. Sua vida é uma referência e uma influência para os seus pares.

De acordo com Barros (2003, p. 77, 86-88), Mário após se converter ao pentecostalismo se transforma em uma referência a ser seguida, fazendo com que boa parte do grupo seguisse seus passos. Sua influência dentro da tribo já era significativa, por uma série de fatos, dos quais o reconhecimento espiritual pode ser entendido como destaque. Sua mãe, Lica, era uma das responsáveis pela “Casa de Rezas” e ele atuava ao seu lado nos trabalhos desenvolvidos, inclusive era visto por muitos como seu sucessor. Com sua conversão, Mário

passa a ver sua vida como dividida em dois momentos distintos. Antes e depois de sua conversão. Antes, tratava-se de um período em que lhe faltava conhecimento bíblico e por isso vivia em engano.

Seu envolvimento com a espiritualidade da "Casa de Rezas", e também com as demandas de seu grupo fez com que ele se transforma-se em um representante e líder fora da aldeia, chegando a ser chefe de posto e cacique. Foi também fora da aldeia que em meados da década de 1980 ele começou a participar de cultos na Congregação Cristã, se batizando em 1986. Dois anos depois sua esposa Elizete, e quatro de seus oito filhos seguiram seu caminho, se convertendo também. Em 1990 deu-se início aos primeiros cultos dentro da Aldeia, no mesmo terreno onde existia a "Casa de Rezas". Estes cultos eram dirigidos por um cooperador que vinha da cidade de Santa Amélia[81], a aproximadamente 04 Km de distância.

> Inicialmente, estes cultos envolviam a participação de poucas pessoas (moradores da aldeia já convertidos ou que interessavam-se em assistir os cultos, vizinhos da região, pessoas de Santa Amélia), mas segundo o relato de diferentes pessoas do grupo, Mário continuamente convidava todos na aldeia a participarem. É importante mencionar que nessa época, estes primeiros cultos celebrados na aldeia dividiam espaço com a casa de rezas, que ainda estava ativa, e que a conversão de algumas pessoas dentro de diferentes famílias muitas vezes causou desentendimentos e descontentamentos. (BARROS, 2003, p. 88).

Outro ator social importante na Aldeia Indígena Laranjinha é Bertolino. Ao contrário de Mário que nasceu fora da Aldeia e era mestiço, Bertolino nasceu na tribo de Laranjinha em 1937 e tudo indica que era índio puro, ou seja, filho de pais Guaranis (BARROS, 2003, p. 43, 60). Além disso, ele, com a conversão de Mário passou a ser responsável pelas atividades espirituais de origem indígena.

De acordo com a pesquisadora (2003, p. 60; 67; 88), Bertolino era uma figura importante dentro da sociedade indígena, por ter sido cacique por várias vezes e também por atuar na "Casa de Rezas", onde em 1990 era o principal rezador, trabalhando ao lado da mãe de Mário. Mas, diante dos constantes convites feitos por Mário, Bertolino e sua esposa Tereza, passaram a frequentar esporadicamente os cultos da Congregação Cristã. Com uma vida doméstica marcada por crises envolvendo bebidas alcoólicas e violência doméstica por parte Bertolino, sua esposa decide se batizar, entretanto, só seria possível se eles se casassem no civil. Bertolino concorda não só com o casamento, mas também em abandonar a "Casa de Rezas", para seguir sua mulher em direção ao pentecostalismo. Com sua conversão, a "Casa de Rezas" entra em decadência e encerra suas atividades. É por isto ele é considerado o último rezador e dirigente de cantos.

[81] Santa Amélia é uma cidade paranaense de pequeno porte, com pouco mais de 3.000 habitantes, situada a 390 km da Capital, Curitiba.

> Com a entrada da Congregação Cristã no Brasil na TI[82] Laranjinha, as pessoas progressivamente pararam de frequentar essa antiga casa de rezas, que era uma construção retangular ao estilo dos "ranchos" tradicionais, feita de lascas de madeira e sapé. Como já foi dito, essas construções tradicionais precisam ser refeitas constantemente, mas dado o pequeno número de participantes que continuou frequentando a "igreja guarani", os homens resolveram construir uma outra, bem menor, e num local de mais fácil acesso. Nessa pequena casa de rezas que pude visitar, de formato circular, estavam guardados todos os instrumentos, objetos e enfeites utilizados anteriormente: os chocalhos (*mbaracás*), os instrumentos femininos (*takwa*), os recipientes de cedro utilizados nos rituais, colares e cocares cerimoniais, e outros pequenos objetos rituais. Em frente a ela havia um pequeno terreiro com quatro cruzes formando um pequeno pátio. Entretanto, quando voltei a campo em novembro de 2002, essa pequena casa de rezas havia caído com as chuvas, e segundo algumas pessoas, não havia a intenção de construírem outra. (BARROS, 2003, p. 68).

Figura 11 – Casa de Rezas

Fonte: BARROS (2003, p. 69).

Figura 12 – Igreja CCB

Fonte: BARROS (2003, p. 90).

A pesquisa de Barros (2003) apresenta a existência de um quadro crítico como causador da mudança de religião para o pentecostalismo da Congregação Cristã. Dentre os problemas geradores de crises, o alcoolismo ganha destaque, por ser o mais comum, inclusive envolvendo a própria liderança da aldeia, como foi o caso de Mário e Bertolino. Ambos, enquanto caciques e ativos nos rituais da "Casa de Rezas", também conviviam com o excesso de ingestão de álcool. O trabalho de Barros (2003, p. 76-78; 96) também mostra que se somam-se a este fator, a violência familiar, as brigas entre índios, as índias com muitos filhos de pais diferentes e a infidelidade conjugal. Estas eram as razões apontados pelos seus interlocutores. Ao perguntar a um informante se a "Casa de Rezas" não podia resolver estas questões ele respondeu a Barros: "*Antes, os rezadores conversavam muito com as pessoas, procuravam orientar... mas elas não tinham nenhum compromisso com os rezadores. Com a igreja é diferente, o compromisso da pessoa é com Deus e ela deve viver de acordo com o que está na Bíblia*". (BARROS, 2003, p. 77; 78, grifo do autor).

[82] TI – Tribo Indígena

Gostaria de fazer uma pontuação em relação ao consumo de bebidas alcoólicas por parte dos indígenas que se converteram à Congregação Cristã no Brasil, e que frequentam a igreja na Aldeia de Laranjinha. Este tema mostra a capacidade da denominação em adaptar seus conjuntos de regras e aplicá-los de acordo com a necessidade e os problemas que enfrentam em cada contexto. Porquanto, o antropólogo Emilio Willems (1967, p. 152; 153) já havia registrado que a Congregação Cristã no Brasil não proíbe seus adeptos ao consumo de bebidas alcoólicas, o que distingue de outras Igrejas pentecostais. Eu mesmo, ao checar esta informação com o Sr. Miguel Lysias Spina, confirmei a veracidade do fato em entrevista no dia 24 de maio de 2020. Na época ele me disse que não é problema o consumo, mas sim o excesso. Porém, no caso de Laranjinha a fala é de proibição em sua totalidade, o que mostra que as regras, mesmo que estejam ligadas à tradição, elas se ajustam na medida necessária para eliminar o caos. Acredito que esta situação em relação a Igreja de Laranjinha, não seja um caso isolado.

Retornado a pesquisa de Barros (2003), ela, ao trazer estas informações sobre o contexto envolvendo os Guaranis na Aldeia Laranjinha, se aproxima da conclusão de seu trabalho, defendendo que as escolhas e as mudanças ocorridas no interior da tribo, são uma adaptação e uma releitura dos elementos vivenciados pelo próprio grupo dentro de sua cultura. É possível perceber em seu trabalho que boa parte das exigências da Congregação Cristã são muito próximas do que a tribo vivenciava cotidianamente. Por exemplo, o casamento preferencial realizado entre os membros da CCB está muito próximo da categoria "índio puro", já indicando isto. Outro exemplo é o de Mário, que se antes era cacique e um dos líderes da "Casa de Rezas", permanece líder, mas agora como Cooperador e responsável espiritual da Igreja na Aldeia. A própria relação com o Sagrado na eminência de estar atento para ouvir sua voz e de falar em nome deste, na prática não se afasta do praticado em ambos os ambientes, dentro de suas características metafísicas:

> [...] a importância dos sonhos e visões, que conectam os indivíduos a outro nível da realidade e permitem o acesso à divindade; a inspiração do líder religioso, que fala sob inspiração divina; as regras de conduta que conduzem o fiel ao 'paraíso'; a interpretação comunitária dos dramas pessoais; a crença na destruição futura do mundo. (BARROS, 2003, p. 100).

Semelhante aos alinhamentos, a própria dinâmica das escolhas e da construção resultado do encontro destes dois modelos de crença religiosa – CCB e Casa de Rezas – no caso dos indígenas de Laranjinha, não foi como se pode pensar, a eliminação da cultura e do estilo de vida Guarani. Ocorreu sim uma adaptação das duas esferas, potencializando inclusive as esferas política, social e econômica da aldeia, graças a uma vinculação entre a

cosmologia Guarani a partir de seu referencial primário na "Casa de Rezas" e da doutrina pentecostal contida na Congregação Cristã no Brasil. Na sequência, vamos a outras contribuições sobre a Congregação Cristã, agora, a partir de uma pesquisa pelas Ciências da Religião, desenvolvida por Bianco.

2.5 – PESQUISADORES BRASILEIROS: GLOECIR BIANCO

Gloecir Bianco é graduado em Administração pela Faculdade Católica de Administração e Economia, Especialista em Marketing pelo Instituto Superior de Pós-graduação/PR, Especialista em Gestão Avançada de Negócios pela Fundação Getúlio Vargas e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. No mestrado, desenvolveu sua pesquisa a partir de dados coletados com adeptos da Congregação Cristã no Brasil, resultando na dissertação com o título: "Um Véu Sobre a Imigração Italiana no Brasil", defendida em 2006. Seu trabalho foi publicado em 2008, com a epígrafe "Italianos Pentecostais"[83] pela Editora Protexto (Curitiba/PR) e é esta obra que utilizamos também para nossa pesquisa no doutorado.

Seu trabalho fez parte de um grande projeto de pesquisa, com um aporte de especialistas no assunto dignos de nota. Além de ser orientado pelo Professor João Baptista Borges Pereira, que ao longo de sua trajetória orientou 20 pesquisadores no doutorado pela Universidade de São Paulo e mais de 60 pesquisadores de mestrado entre a USP e a Universidade Mackenzie, Bianco também contou com as contribuições do Professor Antonio Gouveia de Mendonça, do Professor Leonildo Silveira Campos e do Dr. Key Yuasa.

No tocante ao projeto de pesquisa, o objetivo era entender um pouco melhor a situação da imigração no Brasil, a partir de um recorte religioso, resultando em sete trabalhos, dos quais a pesquisa de Bianco é um destes:

> Este livro origina-se a partir das pesquisas realizadas pelo autor para a monografia de Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Presbiteriana Mackenzie e faz parte de um projeto coordenado pelo Professor Dr. João Baptista Borges Pereira sobre etnia e religião no Brasil. Desse conjunto, fazem parte seis outros trabalhos, sendo cinco deles coordenados pelo próprio Professor Dr. João Baptista e um outro coordenado pelo Professor Dr. Antonio Gouvêa de Mendonça. O primeiro deles tem

[83] A publicação contou com um número reduzido de exemplares, com destino voltado mais para o acadêmico e menos comercial. A cópia que utilizo para a pesquisa foi gentilmente cedida e entregue em mãos pelo autor em junho de 2020. Desde o dia 01 de abril venho mantendo contato com o pesquisador, para ter seu trabalho. Antes disto, tentei por inúmeras vezes contatá-lo em 2018 e 2019, sem sucesso. Além deste, o trabalho que mais tive dificuldade para conseguir foi a Tese do Dr. Key Yuasa, que só foi possível acessar com mais profundidade a partir de um exemplar que está na USP.

> como objeto de estudo a cidade de Pedrinhas e analisa a identidade étnica, a identidade religiosa e o pluralismo religioso numa comunidade italiana no interior de São Paulo. O segundo trabalho analisa a presença e o significado de protestantes negros em uma congregação presbiteriana (Comunidade Alvorada) na cidade de Londrina, no Norte Paranaense. A terceira monografia tem como objetivo estudar as religiões Ortodoxas e recebe como título: Russos e a Igreja Ortodoxa do Exijo. Um outro trabalho propõe desvendar as relações entre coreanos e presbiterianos em São Paulo e, finalmente, um estudo sobre os alemães e os movimentos messiânicos no Brasil meridional. O trabalho orientado pelo Professor Dr. António Gouvêa de Mendonça, que também faz parte do projeto, trata das relações entre grupos indígenas (Missão Caiuá) e as relações entre cultura indígena e o Protestantismo no Brasil. Todos os trabalhos citados, semelhantemente a este, propõem analisar a questão sob duas vertentes teóricas: a da imigração e a da religião. (BIANCO, 2008, p. 20).

Seu trabalho é resultado de pesquisas empíricas e interlocuções com adeptos da CCB nas Igrejas de Santo Antônio da Platina, em Curitiba no Bairro Boa Vista e em São Paulo no Brás. Uma das preocupações de Bianco era pensar o que motivou a imigração italiana no Brasil e como a Congregação Cristã no Brasil, como Igreja étnica italiana, se adaptou as necessidades destes imigrantes. Um ponto importante desta conjuntura era a de se considerar as múltiplas motivações que podem levar uma pessoa, ou grupo, sair de suas origens. Bianco (2008) afirma que geralmente, o que se pensa são nos aspectos econômicos, relacionados com possíveis oportunidades de crescimento e ascensão. Mas ele acrescenta outras motivações, como o espírito aventureiro que nutre o desejo de enfrentar o desconhecido, e também a presença políticas estratégicas por parte do governo brasileiro que na época foram formuladas para atrair mão de obra de imigrantes. Estas estão entre as motivações que devem ser consideradas entre as possibilidades. No caso brasileiro, o autor entende que o processo de imigração sempre fez parte da história do país, desde a colonização, e a vinda de europeus à procura de novas oportunidades sempre esteve presente, resultando na própria construção cultural do Brasil (BIANCO, 2008, p. 30; 31). No tocante aos imigrantes italianos, além destes apontados acima, e que estão entre as possibilidades mais comuns, Bianco também sinaliza para a imigração de pessoas e grupos de pessoas que vieram para o Brasil não espontaneamente, mas fugindo de perseguições políticas e até mesmo em exílio. Neste sentido, são várias as frentes que alimentaram o processo imigratório italiano:

> Pode-se, contudo, afirmar que nunca cessou a contribuição de forças italianas desde a primeira colonização européia no Brasil. É possível salientar cinco períodos bem definidos do movimento migratório italiano: o primeiro, ligado à aventura e ao pioneirismo que vai até o início do século XIX; o segundo, que seguiu ao problema do exílio político, na primeira metade do século XIX; o terceiro, a partir de 1870, que pode ser denominado o da grande migração; o quarto, que sucedeu aos anos vinte do século XX, ligado às perseguições fascistas (motivos raciais); e, finalmente, o quinto período, estritamente relacionado com o imediato período após-guerra, quando, aproveitando a generosa hospitalidade do Brasil, muitos italianos, comprometidos com o antigo regime fascista, procuraram refúgio por aqui. [...]. (BIANCO, 2008, p. 33).

Destes cinco momentos imigratórios, Bianco destaca o ocorrido nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século passado, mais especificamente entre os anos de 1870 e 1930. Esta foi uma "imigração programada" e contou com subsídios financeiros, custeio de translado e fornecimento de moradia, para ocupação no trabalho rural. Parte destes imigrantes italianos seguiu para os estados do Sul do Brasil e outra parte para o interior do estado de São Paulo, para trabalhar na cultura do café. Milhares de homens, mulheres e crianças, em sua maioria com baixo poder econômico, trocaram de pátria à procura de melhorias. Mas, muitos deles também encontraram grandes dificuldades, tanto no campo quanto na cidade (BIANCO, 2008, p. 31-35). A citação de Bianco que segue, mostra o que era este contexto:

> Em São Paulo, que chegou a ser identificada como uma 'cidade italiana' no início do século XX, os italianos se ocuparam, principalmente, na indústria nascente e nas atividades de serviços urbanos. Chegaram a representar 90% dos 50.000 trabalhadores ocupados nas fábricas paulistas em 1901. No início, entretanto, o destino era mesmo as fazendas de café do interior paulista, que também incluía o que conhecemos hoje como interior paranaense. Logo que os italianos chegavam, o governo os recebia em alojamentos provisórios. Em 1882 foi inaugurada uma hospedaria no bairro do Bom Retiro, no entanto, o local era pequeno e lá proliferavam diversas doenças. Foi necessário, então, começar a construir um novo local que pudesse atender à demanda crescente de estrangeiros. Em junho de 1887, começou a funcionar a Hospedaria do Imigrante, com capacidade para 1.200 pessoas, mas esse número muitas vezes foi ultrapassado, sendo registrada, em várias oportunidades, a presença de 6 mil pessoas alojadas. Nos 91 anos de atividades, estima-se que o local tenha acomodado aproximadamente três milhões de pessoas. Atualmente, o complexo abriga o Museu da Imigração. (BIANCO, 2008, p. 36; 37).

Os que seguiam para as fazendas de café tinham que enfrentar condições pesadas de trabalhos, pois o objetivo principal, na maioria das vezes, era o de preencher as mesmas ocupações laborais dos escravos. Embora as condições tenham sido aparentemente melhores, com possíveis privilégios, ainda assim eram condições críticas. Segundo Bianco:

> A grande massa de italianos que se tornavam colonos ou empregados de uma fazenda de café, trabalhavam em condições muito duras, tendo pequenas oportunidades de acumular algum capital. Eram proporcionalmente poucos os que realizavam o sonho da compra de urna pequena propriedade e, quando o faziam, não se tratava de propriedades de grande valor. As famílias de imigrantes que chegavam nas fazendas de café se submetiam a um contrato de trabalho segundo o qual todos, inclusive mulheres e crianças, deviam trabalhar. O contrato determinava, ainda, que cada família cuidaria de um número determinado de pés de café, recebendo para cada mil pés uma certa quantia em dinheiro. Além disso, o contrato lhes dava direito a casa e quintal, podendo criar animais, fazer horta, plantar milho e feijão entre as fileiras do cafezal que estivessem a seu cuidado. Raramente, no entanto, podiam dispor de excedente dessa produção para comercializar. (BIANCO, 2008, p. 37; 38).

Alguns outros imigrantes que conseguiam juntar determinadas somas de dinheiro, optavam seguir para a capital, São Paulo, à procura de maiores avanços, mas encontravam, ainda que de forma diferente, as mesmas dificuldades marcadas pela vida laboral exaustiva e

com baixo reconhecimento social e econômico, porém agora como operários nas indústrias paulistanas. Com poucos direitos e muitas obrigações, talvez seja possível afirmar que este foi um contexto para o imigrante italiano, análogo ao trabalho escravo. Mas alguns não se condicionavam a situação desfavorecida:

> Semelhantemente à condição nas fazendas de café, na condição de operários da indústria, era muito difícil ao imigrante melhorar de vida, quer financeira quer socialmente. Assim, não era raro que italianos e estrangeiros, em geral, procurassem trabalhar por conta própria, realizando serviços e trabalhos tipicamente urbanos nas maiores cidades brasileiras. Acabaram por se especializarem como mascates, artesãos e pequenos comerciantes; motorneiros de bonde e motoristas de táxi; vendedores de frutas e verduras, tanto como ambulantes, como em mercados; garçons em restaurantes, bares e cafés; engraxates, vendedores de bilhetes de loteria e jornaleiros. [...]. (BIANCO, 2008, p. 38).

Através deste retrato panorâmico, nota-se que a vida de um imigrante italiano no Brasil, não era das melhores. E, é possível considerar que para muitos destes, o sonho de uma vida melhor pode ter se transformado em um grande pesadelo. Neste contexto, a implantação da Congregação Cristã em 1910, provavelmente ajudou e auxiliou boa parte deste grupo, quase atuando como uma religião potencializada na medida certa para estes italianos que optaram pelo êxodo. Um ponto importante na vertente deste pentecostalismo e que também pode ter contribuído para a estruturação desta denominação é a origem do protestantismo de missão que começou chegar ao país a partir da segunda metade do século XIX. Este protestantismo, assim como o pentecostalismo clássico implantado no Brasil, era de origem norte-americana.

Gloecir Bianco (2008, p. 65; 66), com base na classificação feita pelo professor Antonio Gouvêa de Mendonça, apresenta como denominações protestantes de missão vinculadas inicialmente às Igrejas da América do Norte: Igreja Anglicana, Episcopal, Metodista, um ramo da Luterana que partiu dos Estados Unidos, Presbiteriana, Congregacional, Batista e Menonita. A motivação missionária destes grupos era a transformação do Brasil, transformando as pessoas.

Esta informação sobre este tipo de protestantismo que já transitava por aqui é importante, pois como sabemos, parte dos primeiros adeptos da Congregação Cristã no Brasil eram anteriormente, presbiterianos, batistas e metodistas, além de católicos. Assim, o fato de partirem de uma mesma origem geográfica e cultural, se não foi vantajoso, pelo menos foi um obstáculo a menos. Variáveis como identidade nacional e cultural italiana, bem como identidade religiosa, seja ela protestante de origem norte-americana ou católica romana, no conjunto da obra interferem no resultado.

Além destas informações, Bianco também aborda fatos relacionados a presença de Louis Francescon em Santo Antônio da Platina, cidade onde aconteceram as primeiras conversões. Um fato que gostaria de resgatar da dissertação de Bianco diz respeito a Pievani. Já falamos dele no capítulo 1. Ele é o italiano ateu que Francescon conheceu em São Paulo. Pievani "era um próspero comerciante [...] proprietário do único hotel do lugar" (BIANCO, p. 88). Também foi em Santo Antônio da Platina, e nesta mesma época que Francescon batizou Felício Mascaro, que está na foto abaixo ao lado da primeira igreja da CCB desta cidade.

Figura 13 – 1ª CCB Santo Antônio da Platina

Fonte: Site CCB Hinos[84].

[84] Disponível em: http://ccbhinos2.tempsite.ws/ccb-curiosidades-congregacao-crista-no-brasil/Foto-da-Primeira-CCB-Congregacao-no-Brasil-MTIw Acesso em: 04 fev. 2021.

Figura 14 – CCB Central de Santo Antônio da Platina

Fonte: Acervo do autor – Mariano.

De acordo com Bianco (2008), foi na casa de Mascaro que Francescon foi acolhido quando esteve em Santo Antônio da Platina pela primeira vez. Os parentes de Felício costumam contar como foram os momentos de tensão após o batismo das 11 pessoas ao aderir à nova religião:

> Segundo relato dos crentes da Congregação, o vigário e seus 'capangas' cercaram a casa de Felício Mascaro, onde se encontrava Louis Francescon. Felício Mascaro resolveu então enfrentar os perseguidores e proteger seu hóspede. Enquanto falava com os perseguidores na frente da casa, Louis Francescon fugia pela janela dos fundos em direção a um matagal. Algum tempo depois, após anoitecer, começou uma chuva torrencial. Louis, então, resolveu retornar ao terreiro da casa de Felício e lá se enterrou num monte de palha de arroz, só permanecendo com a cabeça para fora. A chuva continuou a noite toda e, pela manhã, Felicio, preocupado com o hóspede, saiu à sua procura e o encontrou sob o monte de palha de arroz, dormindo tranquilamente. Tentou, então, convencê-lo a entrar e se secar, já que, com a chuva que caíra a noite toda, estaria, com certeza, todo molhado. Francescon, então, saiu do monte de palha de arroz e lhe mostrou que estava completamente seco, caracterizando para eles um 'milagre'. (BIANCO, 2008, p. 95).

Gostaria de fazer uma pequena análise sobre parte deste acontecimento, que isoladamente pode passar despercebido, mas se colocado ao lado de outros eventos, pode ter um significado pertinente. Em Bianco (2008), vimos que Francescon não foi acomodado na casa, ou no hotel de Pievani, que era um próspero comerciante, e a pessoa que Francescon

conheceu primeiro. Yuasa (2001) em sua tese também mostrou que Francescon em suas visitas ao Brasil, consumava ficar na casa de uma família simples, mas que contava com um quartinho separado para ele. Em minha pesquisa descobri que entre os membros da Congregação Cristã, no Brás em São Paulo, estavam os Spina. Estes são um dos pioneiros na história da Igreja e uma família de imigrantes italianos que muito prosperou na capital paulista. Não estou dizendo que Francescon jamais se hospedou entre os mais abastados, nem mesmo a questionar as razões que levavam Louis Francescon optar pelas famílias menos abastadas, mas mostrar que Francescon sempre procurou viver o mesmo estilo de vida que tanto pregava. Ou seja, uma vida simples, com o mínimo de coisas possível para não interferir na humildade que ele recorrentemente defendia, dentro de uma lógica em que a honra, a glória e a autoridade não poderiam ser compartilhadas com os homens, por mais santos que fossem.

Aliás, a preocupação com o poder, ou melhor dizendo, com a eliminação do poder, sempre foi um dos interesses de Francescon. Conforme Bianco (2008), desde o início, Francescon se dedicou a combater qualquer forma de relação de poder, e para isto, estabeleceu uma orientação que levava todas as decisões para a esfera metafísica, de forma que as Divindades de Jesus Cristo e o Espírito Santo detêm o poder sobre tudo que está ligado à denominação. O primeiro como Cabeça da Igreja, o segundo como Guia nas tomadas de decisões. Este modelo que foi reiteradamente transmitido por Francescon à Igreja brasileira, não pode faltar o próprio Deus na composição da trindade.

> [...]. A fórmula trina estabelecida por ele recebeu sucessivas aprovações e, pelo que se percebe, ainda hoje perdura na direção da Congregação Cristã. Os oficiais, então, nomeados, não contrariam a fórmula original, eles reconhecem Jesus Cristo como cabeça da Igreja. As decisões são submetidas à oração e divididas através de testemunhos de duas ou três pessoas, então, se houver unanimidade, a decisão é tomada. Se não houver o processo se repete até que, por unanimidade, chega-se à decisão. (BIANCO, 2008, p. 108).

Além de Francescon transcender a autoridade da Igreja, ele também esvazia a legitimidade do líder religioso, substituindo a figura do pastor, cujo rebanho deve se submeter a sua autoridade eclesiástica, pela figura do ancião, que mesmo sendo uma referência para aqueles que o observa e uma voz a ser considerada, ele não se difere dos outros que fazem parte do grupo. A própria necessidade de trabalhar no secular para se manter financeiramente, sem depender da Igreja para isso, ao mesmo tempo que o difere de outros grupos protestantes e pentecostais que possuem pastores em tempo integral, com direito a prebendas, o ancião se iguala ao seu grupo, justamente por fazer o que todos fazem.

Bianco (2008, p. 110) acredita que este estilo de vida, proposto por Francescon e praticado pela Congregação Cristã no Brasil, é uma das razões que geram resistência e oposição por parte de outras denominações protestantes e pentecostais em relação à CCB.

Outro ponto que Bianco (2008, 110; 111) traz sobre a Congregação Cristã no Brasil, e que é uma herança de Francescon com resultados expressivos no crescimento no número de adeptos, foi o modelo de mobilização missionária a partir dos próprios membros que se sentem comissionados a ganhar novos seguidores.

A obra de Bianco mostra em linhas gerais que a figura de Louis Francescon, seus ideais, seu estilo de vida e sua origem italiana foram elementos fundamentais para que o pentecostalismo da Congregação Cristã no Brasil desse certo, justamente por atender uma demanda inicial específica de imigrantes italianos. Bianco acredita que através de Francescon, houve uma forma muito sólida de unificação de parte significativa dos italianos residentes fora de sua pátria, e que por meio da religião se tenha fornecido segurança, assistência e direção, sobretudo em um momento crítico, não só pela chegada destes imigrantes italianos em uma nova terra, mas também pela sua fragilidade econômica inicial. É possível dizer que a própria denominação foi se estabelecendo estruturalmente, com mais e melhores templos, à medida que seus componentes foram acendendo financeiramente. E, embora a denominação tenha iniciado e contado com boa parte de seus membros das camadas pobres da sociedade brasileira, o fato é que a Igreja não é mais a mesma. Uma prova disto é a imponência dos templos, sobretudo aqueles que formam as Igrejas Centrais.

2.6 – PESQUISADORES BRASILEIROS: IRANILDE FERREIRA MIGUEL

Iranilde Ferreira Miguel é Graduada em História e em Pedagogia, Especialista em Letras e Educação pela Universidade do Oeste Paulista, em Gestão Educacional pela Universidade de Campinas e Gestão da Rede Pública pela Universidade de São Paulo. Ela também é Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente. No mestrado, desenvolveu uma pesquisa com professoras da rede de ensino e que também fazem parte da Congregação Cristã no Brasil, a partir de um recorte de gênero, buscando no conjunto, compreender como se dá a construção da cidadania e a emancipação das pessoas. Um ponto diferenciado em sua pesquisa é que ela atua como docente na rede de ensino pública no estado de São Paulo e, também, é adepta da CCB. Cabe ressaltar que o fato

dela ser nativa em sua religiosidade, não a impediu de formular uma boa pesquisa, pois entendo que ela conseguiu muito mais se distanciar para problematizar sua relação dentro da religião, do que impedida de interpretar de forma significativa seu objeto, justamente por esta mesma relação.

Miguel, desde o início de seu texto deixa claro que seu interesse de pesquisa foi sendo moldado mesmo antes de sua inserção na academia. De acordo com ela, os assuntos envolvendo gênero, religião e relações de poder, presentes no ambiente educacional, sempre a instigava. Uma das grandes questões para ela era a proposta laica dentro das escolas, em defesa de uma neutralidade. Para ela, na prática esta neutralidade jamais existiu. Conforme a autora, "festas juninas, nos finais de ano, ou em eventos durante o ano letivo, a presença de elementos religiosos católicos era constante" (MIGUEL, 2008, p. 14).

Sua formação foi sendo construída por um lado a partir de sua relação com a escola, pois Miguel viu que era preciso se profissionalizar para em seguida conquistar seu próprio trabalho, vendo no magistério a forma legítima de subsidiar seu sustento. Decisão que também foi construída através de seu pai que entendia que suas filhas precisam se qualificar e ter certa independência. E por outro lado através de sua vida religiosa dentro da Congregação Cristã, e foi na religião que ela descobriu sua grande "paixão", a música, atuando na Igreja como organista.

Sua escolha como formação foi pelo curso de História, e o contato com as teorias marxistas envolvendo as lutas de classes, deram sentido de direção a sua forma de ver o mundo do qual faz parte. Nas palavras de Iranilde Miguel:

> Como professora, meu discurso e minhas práticas se davam com o intuito de levar os alunos a compreenderem os mecanismos de poder que provocavam as desigualdades sociais. Eu me considerava uma professora marxista, que acreditava e defendia a luta de classes, mas, além disso, eu trazia em minha bagagem minha religiosidade: eu era antes de tudo uma mulher pentecostal da CCB. Pertencer à CCB implicava ser uma mulher diferente: cabelos compridos, saias, roupas com mangas, ausência de joias ou pinturas. (MIGUEL, 2008, p. 15).

Essa pertença religiosa, expressada em seu estereótipo pentecostal clássico, resultou em experiências que somadas à presença de práticas de origem religiosa católica dentro da esfera educacional acentuaram sua percepção de não haver neutralidade. Sua forma de se vestir e se comportar, bem como de outras professoras que são do mesmo segmento religioso, recorrentemente era alvo de perguntas inconvenientes, críticas e julgamentos, transformando em alguns momentos, a escola, em um "palco de tensões e conflitos" (MIGUEL, 2008, p. 15).

Um ponto relevante no trabalho de Miguel (2008) se dá por sua leitura sobre como a religião interfere diretamente na formação pessoal das professoras da CCB, ocasionada pela

tradição oral vigente na própria denominação. Para a autora a representação de ser uma mulher pentecostal está diretamente atrelada ao sistema simbólico religioso, antes mesmo da iniciação da própria educação formal, e que continua sendo construída paralelamente ao lado desta. O resultado é o de uma professora com posturas diferentes, percebidas tanto pelos que estão dentro, quanto pelos que estão fora. Dito de outra forma, trata-se da visão de mundo de uma professora formada para atuar no ensino regular, convivendo com formação religiosa e com o que ela vive fora da religião. Neste caso, dentro do ambiente escolar. Sendo assim,

> [...] as representações das professoras da CCB, não podem ser entendidas desvinculadas do sistema simbólico do grupo a que pertencem. As professoras da CCB expressam em suas representações o sentido que dão ao mundo, as formas como o enxergam a partir de suas crenças, de seus valores, dos seus códigos e das interpretações que compõem o imaginário de seu grupo. (MIGUEL, 2008, p. 30).

Nesse contexto de pesquisa, Miguel, após entrevistar professoras no ambiente escolar e que não são adeptas da Congregação Cristã, sobre a forma com que elas percebiam suas colegas de trabalho, religiosas da CCB, teve como respostas que elas sim, são vistas como diferentes. Mas ao perguntar as professoras religiosas pentecostais, o que seria ser crente da Congregação Cristã no Brasil, a resposta sobre sua condição de diferença, não destoou das respostas anteriores. Portanto: "A forma de ser e ver o mundo pelas professoras entrevistadas, não está desvinculada da linguagem do grupo. A CCB é entendida pelas professoras como ímpar [...]" (MIGUEL, 2008, p. 31).

Nesta altura, apontando de um lado para uma formação produzida no interior da religião e por outro a formação intelectual formal, Miguel (2008, p. 32-35) entende que ambos são resultados de fenômenos humanos. Portanto, ela interpreta que o conjunto de regras e ensinamentos fornecidos, sem distinção das partes envolvidas, é horizontal, convergindo em culturas singulares. E, nesta construção cultural o homem é formado e ao mesmo tempo fornece elementos para construção de sua própria cultura. No caso das religiões esta mesma formação pode produzir assimetrias internas, segregações de gênero e formas de dominações injustas:

> Considerando que, ao longo da história, as civilizações desenvolveram, criaram seus usos e costumes, roupas, enfeites, cortes de cabelos, formas de ser e viver, não podemos ignorar que as religiões ao determinarem regras de usos e costumes também produzem um modo de viver, produzem representações e um imaginário diferente. Entretanto, não podemos deixar de sinalizar as relações de dominação e submissão presentes nas relações de gênero existentes no interior das religiões. (MIGUEL, 2008, p. 35).

Nota-se que ao mesmo tempo em que ela fornece abertura para promover uma crítica sobre a relação de dominação e a disparidade no tratamento de gênero, ela apresenta o pentecostalismo como um dos pilares na formação da sociedade brasileira. Para a autora: "A

forma como os pentecostais veem o mundo e se posicionam nele são de extrema importância para construção da cidadania e da sociedade" (MIGUEL, 2008, p. 36).

Se esta sua posição é questionável ou não, o fato é que ela vai pontuar várias práticas e formas produzidas pela denominação como os muitos templos que disponibilizam em média, três cultos semanais para formação de seus adeptos e o comprometimento destes em se fazer presentes; a postura distinta a outros segmentos ao adotar uma postura apolítica e "antidizimista"; a expertise de sua administração financeira, subsidiada por meio de ofertas voluntárias destinadas a Obra da Piedade, bem como voltadas para construção e manutenção de seus templos. Tudo feito dentro de um processo transparente com prestação de contas.

Ao que parece, o esforço em situar a Congregação Cristã como formadora social, resulta em um paradoxo, pois, somados ao papel da escola e dos trabalhos desenvolvidos pelos professores, fica claro que a pesquisadora acredita que o resultado final é a construção de uma cidadania atuante, o que é contrário aos anseios desta religião. Conforme Miguel "[...] a cidadania que queremos pressupõe a manutenção da luta contra a exclusão social com espaço para as novas subjetividades, novos sujeitos e os novos direitos" (MIGUEL, 2008, p. 51).

Se parece certo que este desejo de engajamento social e modificações significativas podem ser consolidados através das escolas, não se pode afirmar que este tipo de desejo venha por meio das instruções repassadas através da Congregação Cristã, seja no interior da religião, ou na relação com o mundo fora dela. Não negligenciando a capacidade da denominação em produzir organização e direção confiável, sistematicamente construída, pois ela se diferencia nestes quesitos, mas parece não haver espaço para transformações significativas por meio dela. Isto vale para as relações na esfera privada da religião e, também, na esfera pública no tocante a outros grupos religiosos ou não.

A autora reforça: "A cidadania que queremos, com participação, repúdio às injustiças e respeito, passa obrigatoriamente pela *"humanização dos homens",* para quem o homem é um ser histórico e inacabado [...]" (MIGUEL, 2008, p. 52, grifo do autor).

A posição da pesquisadora começa a ficar mais clara quando ela volta à atenção para os resultados práticos da segregação de gêneros na religião e uma supervalorização masculina histórica sobre o feminino. Ela que, além de ser pesquisadora e docente, é também atuante na Congregação Cristã no Brasil, reconhece que na sua denominação, assim como em outros estratos sociais, as mulheres são colocadas distantes do protagonismo. Diante disso, e a partir de seu próprio universo religioso, Miguel diz:

> Pouco se fala, nos templos religiosos, sobre mulheres guerreiras e sábias que fazem parte dos textos bíblicos. Afinal, o que é que se divulga de pregações e ou com que frequência se faz referências à história de Débora, uma juíza, profeta e guerreira, que liderou os israelitas contra os cananeus por volta do século 12 a.C.? No livro bíblico de Juízes, no Velho Testamento, é contada a história dessa mulher, no entanto, poucas vezes Débora é citada nos sermões religiosos das igrejas cristãs. De modo geral, as mulheres bíblicas são apresentadas aos fiéis numa visão estereotipada, que na maioria das vezes depõe contra as mulheres. (MIGUEL, 2008, p. 56).

Se no início da sua dissertação, parece haver um posicionamento quase apologético por parte da autora, aqui, como estamos observando, o seu olhar se volta para seu grupo ao mesmo tempo em que se dá início a um esforço de distanciamento para desnaturalização de sua realidade religiosa:

> Na luta pela cidadania, as mulheres lutam para sair das sombras, e em alguns casos, elas sequer sabem que estão na sombra e que são dominadas pelo silêncio. Nesse sentido, meu olhar recai sobre a mulher, professora e pentecostal da CCB, porque entendo que as relações de gênero que se estabelecem no interior da igreja e o discurso religioso da CCB estão fortemente relacionados com a produção do silêncio e da submissão das mulheres. (MIGUEL, 2008, p. 59).

Um ponto importante destacado pela autora, e posicionado estrategicamente, volta-se para o perfil do grupo a que pertence. Ela deixa explícito que não se trata de pessoas incultas, com pouca formação intelectual. Possivelmente esse adendo seja para combater possíveis interpretações superficiais em que se vincule este tratamento entre gêneros como falta de conhecimento:

> No que tange aos crentes da CCB, podemos dizer que seus membros são oriundos dos mais diversos segmentos sociais: profissionais liberais, funcionários públicos até os mais altos postos, empresários e executivos dentre outros. Além disso, é possível observar que os templos da CCB estão espalhados em bairros das periferias e em bairros elegantes, e que os cultos são frequentados por fiéis de várias classes sociais. Nos estacionamentos das igrejas da CCB é possível observar muitos carros novos, populares, de luxo e até importados. (MIGUEL, 2008, p. 59; 60).

Voltando ao trato de gêneros, dentro de um contexto mais amplo, Miguel (2008) entende que no passado, as mulheres foram tolhidas do protagonismo, sendo confinadas dentro de seus lares, impedidas de participarem de grandes eventos e de atuações públicas. A atuação em espaços públicos, assim como a autorização para ter seus nomes escritos na história, segundo Miguel, pertencia aos homens. Mas, esta realidade vem sendo reescrita a duras penas e o silêncio vem sendo rompido. Novos espaços estão se concretizando, o direito de escrever a história por parte feminina vem sendo conquistado, mas há muito a ser realizado. Nos termos de Miguel: "Interessa-nos aqui, as mulheres, seu silêncio e seus gritos. Por que foram e permaneceram silenciadas? Como romperam com o silêncio? Emanciparam-se? Por que elas têm uma história separada? O que isso significa?" (MIGUEL, 2008, p. 68).

De acordo com Miguel (2008) desde a segunda metade do século XX, vem ocorrendo de forma acentuada várias mudanças significativas no tocante ao espaço ocupado pelas mulheres e em boa medida graças a movimentos como o feminismo. Esta ascensão vem servindo a duras penas para equilibrar a hierarquia entre gêneros. Mas, na contramão destes avanços, as grandes religiões procuram blindar essas transformações, tentando manter a mesma formação original e abafando todo tipo de contestação deste modelo:

> Uma vez estabelecida à hierarquia entre os sexos, bastava articular instrumentos e mecanismos que garantissem a sua perpetuação. Como pesquisadores entendemos que a religião e a educação foram e ainda são instrumentos e mecanismos que garantem a hierarquização dos sexos. (MIGUEL, 2008, p. 73).

A pesquisadora reforça sua afirmação sobre estas duas esferas distintas e aparentemente contraditórias, mas que convergem para a mesma realidade quando atuam como formadoras de indivíduos e reproduzem realidades tangíveis. Portanto, para a autora: "No interior dos templos religiosos, no cotidiano das escolas são criados e recriados discursos e práticas que camuflam as desigualdades e reforçam as estruturas consideradas naturais e biológicas" (MIGUEL, 2008, p. 73).

Em relação especificamente sobre a religião e a segregação de gênero no interior desta, Miguel diz o seguinte sobre a Congregação Cristã no Brasil:

> A participação das mulheres nos cultos e no funcionamento da igreja é restrita e controlada. As mulheres devem participar dos cultos: orar, testemunhar e chamar hinos. Mas não podem pregar a palavra, a participação na orquestra é controlada já que existe apenas um órgão em cada igreja e não há abertura para se tocar outro instrumento na orquestra. Durante os cultos, as mulheres sentam-se separadas dos homens, e cobrem a cabeça com um véu branco. É um mandamento para as mulheres cobrirem a cabeça quando fizer orações. Nenhuma mulher da CCB ora sem véu. [...]. (MIGUEL, 2008, p. 104).

As mulheres não estão habilitadas à pregação da Palavra, portanto estão distantes da produção pública do conhecimento que só pode ser viabilizado pelos homens que estão na posição superior na hierarquia. Ou seja, são os anciães e cooperadores, com raras exceções os diáconos que têm direito a voz dentro da liturgia dos cultos. Nota-se que não é qualquer homem, pois trata-se de um pequeno grupo de pessoas legitimadas para isto, mas nunca é uma mulher. Quanto a isso, Miguel ainda complementa ao afirmar que "[...] as relações de gênero no interior da CCB vão além do silêncio nos cultos. Ser mulher na CCB exige enquadrar-se a um conjunto de regras, proibições e normas de comportamentos determinados pelos homens. [...]" (MIGUEL, 2008, p. 106).

É perceptível que estamos falando de uma dominação que privilegia os homens, e o conjunto de regras, muitas delas representadas nos usos e costumes dão manutenção nesta formação. Miguel chega a apontar que nem sempre este quadro está livre de tensões, portanto

no meio do grupo existem sempre mulheres que rompem com algumas regras, mas somente aquelas passíveis de aceitação, sem que haja um rompimento radical. Neste contexto, as resistentes cortam os cabelos, pintam as unhas, usam saias curtas ou adotam a calças como vestes. Estas são chamadas de "irmãs moderninhas" e estão sempre sendo comparadas com aquelas que "temem a Deus".

Para Miguel (2008, p. 108), embora exista uma separação de sexos, ainda que sejam percebidos com marcas de injustiça, o conjunto acaba sendo legitimado, pois a Igreja sempre que possível fornece uma identidade própria:

> Embora reconheça que as relações de gênero no interior da CCB são permeadas por uma relação de dominação do masculino sobre o feminino, faz-se necessário investigar o que a igreja dá a essas mulheres. Arriscamos-nos a dizer que a igreja lhes dá uma identidade. (MIGUEL, 2008, p. 108).

Se dentro do ambiente eclesiástico, as mulheres são restringidas a alguns espaços e atividades, ao que parece no ambiente externo às possibilidades não são muito amplas. De acordo com Miguel (2008), a atuação como docente é a que mais se encaixa na realidade da Congregação Cristã no Brasil:

> Uma observação mais atenta nos mostra que a profissão docente é a profissão que mais atrai as mulheres da CCB. Um grande número de mulheres da CCB que trabalha fora de casa são professoras. Assim sendo, o imaginário vivido pelas mulheres da CCB não se limita apenas ao ambiente da igreja, na medida em que as referidas mulheres atuam de forma significativa no espaço escolar. (MIGUEL, 2008, p. 110).

É claro que está afirmação não é resultado de uma pesquisa específica, desenvolvida através de questionários e tabulações, mas se considerarmos que a informação vem de pessoas que vivem tanto a realidade religiosa, quanto a atuação como docentes, elas têm acesso a algumas informações e observações *in loco* privilegiadas. Eu mesmo, no decorrer de minha pesquisa, a única mulher que era da CCB e que trabalhava fora a que tive acesso durante a minha pesquisa, foi a professora e pedagoga no estado do Paraná, Maria Pressuto. Uma hipótese da escolha, ou permissão pelo trabalho como docente seja o fato de poder ser quem elas realmente são, uma "mulher crente". Como professora elas não precisam usar calças, passar maquiagem, lidar com questões que vão de encontro aos seus dogmas. Uma enfermeira não pode trabalhar de saia, nem mesmo é comum a uma vendedora atender os clientes com o rosto limpo, portanto sem maquiagem. Não estou dizendo que não haja mulheres da CCB nestes ambientes laborais, mas para as que optam por estes, irão encontrar maiores desafios do que as que seguem para o ensino formalizado. Atuando como professoras elas não precisarão trocar de roupas para ir e vir (saia x calça), ou se maquiar ao chegar ao trabalho e

retirar a maquiagem ao retornar para casa. Somam-se a estes fatos, as cobranças dos não crentes.

Em entrevista, Miguel teve como resposta que as professoras evangélicas que atuam na educação possuem características peculiares. Portanto,

> [...] a diretora de uma escola sobre as professoras pentecostais, quando lhe foi perguntado se ela reconhecia de imediato uma professora pentecostal: 'As evangélicas são diferentes, nós reconhecemos no traje e no comportamento. Não se envolvem em grupos', mais adiante ela completa que as assembleianas e as da CCB, são identificáveis de imediato: '[...] pelo cabelo e pela roupa... e sem maquiagem'. (MIGUEL, 2008, p. 111).

A professora que é pentecostal da CCB vive em meio a uma série de tensões dentro de seu ambiente de trabalho. Constantemente precisa lidar com questionamentos que tem mais a ver com sua religião e menos com seu próprio trabalho. Além disso, sua religiosidade muitas vezes é confrontada quando precisa lidar com festas folclóricas, ou eventos ecumênicos, comuns nas escolas públicas, dos quais vão se esquivando na medida do possível. Muitas vezes esta diferença cria uma atmosfera de resistência e de rejeição, mas em alguns momentos elas são vistas como capacitadas para atuarem como conselheiras e como intercessoras, recebendo pedidos de oração para problemas difíceis, sofridos por suas companheiras de trabalho. O fato é que ao longo do tempo ela precisa saber lidar com as mais diversas situações de forma a não dificultar sua convivência com as pessoas, sem se deixar influenciar por hábitos que possam interferir em sua identidade. Em contrapartida, aqueles que dividem seus espaços, precisam se esforçar para conviver com a diferença de forma respeitosa e verdadeira. Mas para que esta realidade possa ser palpável, é necessário, de acordo com Miguel, colocar o assunto em pauta, pois,

> [...] embora o discurso circulante afirme que 'religião não se discute', percebemos que se faz necessário incluir na pauta das discussões as questões referentes à identidade/diferença, produzidas pelas religiões. Sabemos, entretanto, que essa é uma tarefa complexa, já que não se constitui numa questão gerada no interior de movimentos sociais, e nem possui características reivindicatórias de nenhum grupo social. As professoras da CCB não se organizarão para exigir 'respeito' à sua identidade, ou à sua diferença. Tampouco deixarão seus usos e costumes para conquistar uma suposta igualdade. (MIGUEL, 2008, p. 132).

Com estas contribuições de Iranilde Ferreira Miguel (2008), é possível perceber que a Congregação Cristã no Brasil, como uma das denominações atuantes no cenário brasileiro, possui especificidades peculiares, gera mecanismos hierarquizantes internos e comportamentos que refletem até mesmo fora do ambiente religioso. Com Miguel, que podemos dizer ser nativa, foi possível acessar algumas particularidades do núcleo da Congregação Cristã, que demandaria muito tempo, treinamento e sensibilidade por parte de um pesquisador externo. E, para apresentações que pareçam ser parciais, temos vários outros

trabalhos de pesquisadores que não são adeptos da referida religião e que podem servir de comparação, garantindo assim certa imparcialidade.

2.7 – PESQUISADORES BRASILEIROS: SÉRGIO ARAÚJO LEITE

Sérgio Araújo Leite é Graduado em História e também em Pedagogia, Especialista em Gestão Educacional pela Universidade de Campinas e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No mestrado, pesquisou a Congregação Cristã no Brasil a partir de um grupo de mulheres que trabalham fora, e que moram em Carapicuíba, cidade da região metropolitana de São Paulo. O pesquisador procurou entender as possíveis mudanças de paradigmas que envolvem este novo contexto, e ao mesmo tempo compara com os discursos produzidos no interior da denominação.

Seu trabalho possui contribuições significativas para compreender mais um pouco deste universo religioso pentecostal, que é a Congregação Cristã no Brasil. Boa parte de suas interlocuções nos fornecem uma visão panorâmica do que ele pretende mostrar ao longo do texto, e ao mesmo tempo, subsidia mesmo que despretensiosamente outras reflexões, pois alguns de seus dados vão além da sua proposta.

Dentro de sua pesquisa, gostaria de chamar a atenção antecipadamente para um detalhe importante que pode abrir alguns questionamentos em seu trabalho, portanto, o grupo selecionado para fundamentar sua hipótese. Mais especificamente, Leite (2008), para defender a existência de modificações no interior da religião, através da emancipação feminina, utiliza um grupo de mulheres que fazem parte de um nicho específico: mulheres que já possuem uma visão de mundo que tem o trabalho externo como algo consolidado, e estas em sua maioria são professoras, com formação acadêmica, algumas com especialização Lato Sensu e Stricto Sensu. Ou seja, um grupo que por si só, já possuem uma condição definida neste sentido emancipatório. Creio que seria relevante se houvesse uma abordagem também com mulheres que cuidam exclusivamente do lar, ou que trabalhem em outras esferas laborais, como por exemplo, as empregadas domésticas, ou mesmo as avós que se ocupam dos afazeres das filhas que trabalham fora. Não restam dúvidas que o quadro no interior desta religião vem se modificando ainda que lentamente, mas a comparação dos discursos nos diferentes níveis podem apresentar outros resultados.

O interesse do pesquisador pelo tema ocorreu pelas suas constantes observações de como algumas mulheres adeptas da Congregação Cristã no Brasil se comportavam e se posicionavam, em seu ambiente de trabalho, uma escola pública estadual paulista. Ao longo dos anos, em algumas situações problemas envolvendo filhos de mães de alunos e que também eram adeptas da CCB, elas entravam em contado com ele, que atuava como Diretor da escola. Esta posição lhe permitiu perceber como a pedagogia da Igreja era reproduzida por estas mulheres, mas ao mesmo tempo, outro tipo de discurso e comportamento sinalizava para uma adoção moderna por parte destas, demonstrando dissonância entre os posicionamentos. Assim, de acordo com Leite (2008, p. 05): "Estudar essa igreja é analisar o grande conflito entre aqueles que buscam uma coerência e manutenção de sua origem com a sociedade emergida das transformações e necessidades sociais da mulher brasileira.". Para o autor, existe dentro da religião um grupo de pessoas que defendem uma tradição que confina as mulheres dentro de seus lares, e outro que rompem com estes costumes, avançam para fora e agem de forma diferenciada destoando em parte dos valores religiosos. Mas, quando estão dentro da igreja, participando dos cultos, adotam uma postura silenciosa, evitando tensões conflituosas.

O autor (2008) entende que as mudanças que vem ocorrendo no Brasil ao longo dos anos, tanto sociais como econômicas, vem colocando em evidência a situação da mulher, e ao mesmo tempo vem sendo construído um processo caro de ocupação de espaços, que atingem também as mulheres da CCB, portanto, precisam ser problematizados:

> O objetivo do presente estudo consiste em analisar as mudanças nas duas últimas décadas, da mulher membro da Igreja Congregação Cristã de Carapicuíba-SP, as transformações ocorridas no nosso país afetaram ou não essas relações de gênero no interior da denominação e na vida em geral dessas mulheres. A adaptação a uma nova realidade social, contrapondo-se a uma pedagogia estruturada desde a formação da Igreja (1910), marcada pela tradição de grupos familiares, imigrantes italianos com forte influência católica [...]. (LEITE, 2008, p. 12).

Outra informação de Leite (2008, p. 13-16) sobre a sua pesquisa foi como ele acessou informantes e ao mesmo tempo expandiu sua rede. Ele aproveitou a oportunidade estabelecendo contato com mulheres que trabalhavam com ele e mães de alunos que frequentavam a escola, mas que também eram membros da CCB. A partir deste núcleo de relações ele também acessou novos informantes, participou de alguns cultos e chegou a frequentar a casa de algumas pessoas mais próximas. Neste ambiente menos informal, algumas informações vieram fluidamente. Foram através destas interlocuções que o pesquisador percebeu que essas mulheres precisaram desenvolver um estilo de vida duplo. Dentro da igreja elas se apresentam alinhadas com os ensinamentos dos líderes, e com os

valores morais ditados pela religião. Fora da igreja, nos ambientes externos de trabalho diário, elas apresentam uma postura mais arrojada, consciente de sua capacidade de atuação na sociedade, com uma postura de atuação e não se submissão. Entre os seus principais interlocutores estavam 15 mulheres, destas, 02 eram diretoras de escolas públicas.

Durante seu texto, o autor vai trazer alguns pontos sobre a CCB que gostaria de reportar, ainda que de forma fragmentada. Um dos assuntos trata-se da Obra da Piedade. Leite (2008) aponta uma realidade sobre este departamento que é interessante. Os cortes de auxílios aos assistidos pela OP, diante de retornos insuficientes de acordo com os padrões da denominação. Ou seja, a busca pela emancipação:

> Nós ajudamos a irmanzinha durante 04 meses, mas, fica difícil manter, pois até hoje seus filhos não arrumaram nenhum bico para fazer (um menino de 16 anos e duas meninas 13 e 14 anos), a gente chega lá e, sempre encontra a casa suja, uma bagunça danada, os filhos não frequentam a igreja, estão sempre em casa vadiando, então a gente avisou que não vai manter a ajuda, pois Deus não se agrada dessa situação[85] (LEITE, 2008, p. 43).

Outra informação relevante é sobre a existência de anciães analfabetos atuando dentro da Congregação Cristã, sem que isto seja visto como um problema. De acordo com o pesquisador: "É muito comum se ouvir comentários de fiéis na igreja que 'o ancião tal é analfabeto, porém Deus usa grandemente o irmão e faz obras maravilhosas'. O Poder é exercido pela experiência, não só por idade, mas também pelo tempo 'na graça'" (LEITE, 2008, p. 45).

Eu, em minhas pesquisas, nunca presenciei, mas uma de minhas interlocutoras, Fabiana Zarbano, em abril de 2020 me informou este fato. De acordo com ela, nestes casos, uma pessoa lê o texto bíblico para o ancião, e ele em seguida interpreta o que foi lido.

Pelo menos dois pontos são importantes aqui. Primeiro, ao contrário do que se possa imaginar, um acontecimento como este pode ser mais positivo para os ouvintes religiosos do que negativo, pois demonstra um suposto milagre, resultado do poder Divino, visto que o pregador não possui formação, a não ser o aprendizado da vida. Segundo, nenhuma grande denominação protestante ou pentecostal dá esta abertura para um líder religioso.

Esta é uma das maiores distinções entre o modelo presente na Congregação Cristã no Brasil e outras denominações de linha cristã, inclusive católica. Conforme Leite (2008):

> Esses fatores comprovam que a Congregação Cristã no Brasil se caracteriza por uma hierarquia gerontocrata, baseada na autoridade tradicional do ancião que tem o dom de interpretar a palavra recebida de Deus e por isso inquestionável em todos os setores da vida do fiel. (LEITE, 2008, p. 45).

[85] Joana (Obra de Piedade), entrevista concedida autor, Leite: gravação em áudio, Carapicuíba, 19/05/2007.

Na religião cristã, os dois sacramentos que tiveram origem com a própria fundação do cristianismo, ou seja, o batismo nas águas e a Santa Ceia são ápices dos processos que estão envolvidos. Na Congregação Cristã não é diferente. Quanto a Santa Ceia, trata-se de um evento anual, marcado com antecedência e devidamente propagado entre a comunidade para que todos se organizem para participar. Conforme Leite (2008, p. 45; 46), os adeptos "são aconselhados a não convidar ninguém que não seja membro da igreja" – o que faz sentido, o fato de ser um evento fechado, evitando pessoas de fora, mesmo aqueles que estão em processo de inserção na religião. Ele também traz informações sobre a questão do vinho, que deve ser servido em cálices que são preenchidos e após cada participante beber um pouco, ele passa para o seu "irmão". O mesmo acontece com o pão, que os grandes pedaços são fragmentados através de cada pessoa que após tirar uma pequena partícula, passa para seu companheiro de fé.

Anterior às informações de Leite (2008), outra pesquisadora que pontuou esta parte da liturgia anual da CCB e que ajuda entender este contexto foi Silva (1995): "A Santa Ceia deve ser efetuada com um só pão e partido com a mão, e também com um só cálice, não alterando o que é determinado na Palavra de Deus, Para servi-la deve-se honrar sempre, primeiramente ao ancião, cooperador ou diácono local" (Resumo da Convenção Realizada em Fevereiro de 1936, p. 07 *apud* SILVA, 1995, p. 93).

Em 2020 com esta pandemia de Covid 19 que o mundo vem enfrentado, as informações que tive foi a de que no primeiro momento a Santa Ceia estava suspensa até que fosse estudada uma forma alternativa para que ambos os elementos eucarísticos fossem servidos. Uma possiblidade que avança é a de serem servidos em recipientes individuais, enquanto permanecer este quadro.

Um ponto de tensão na Santa Ceia são os confrontos da liderança que preside este tipo de culto com os fiéis (LEITE, 2008, p. 46). Por ser uma denominação que exige dos seus membros uma conduta de vida exemplar, o ancião coloca à prova a imagem dos seguidores perante Deus e perante os homens, em uma encruzilhada que um desviante dificilmente consegue contornar, coagindo o mesmo a uma conduta de vida que esteja em conformidade com a visão de grupo ou ao constrangimento. Portanto,

> [...]. Os anciões repetem durante toda a cerimônia que aqueles que sentirem que não estão bem, com problemas de relacionamento, ou que não estejam agindo conforme os ensinamentos não devem se dirigir para o local de distribuição da Santa Ceia, pois seria um pecado aos olhos de Deus. Entretanto, ao não se levantar para ir até o local, esse membro torna-se alvo de atenção e de murmúrios de outros fiéis. (LEITE, 2008, p. 46).

Como religião de linha cristã, a Congregação Cistã tem os chamados sacramentos como fundamentais para o exercício da própria religião. Assim, Batismo e Santa Ceia são etapas na vida do religioso que não podem ser negligenciados. Leite (2008) mostrou que a eucaristia é para aqueles que já fazem parte do grupo, ou seja, para os que foram batizados. O pesquisador aponta para o fato da CCB não aceitar batismos de outras Igrejas, mesmo que sejam pentecostais, mas o autor complementa esta informação quando apresenta a frase que todos escutam da pessoa que está conduzindo a cerimônia, ao passar pelo rito de passagem: "Em Nome do Senhor Jesus te batizo, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (LEITE, 2008, p. 49).

Pode parecer de pouca importância, mas boa parte dos adeptos da CCB, afirmam que uma das razões de se rebatizar, é justamente porque as outras Igrejas não batizam da forma correta, pois não falam o que realmente precisa ser dito. Um dos erros, dizem eles sobre outros pentecostais é por incluírem a palavra EU e excluírem "Em Nome do Senhor Jesus". Ou seja: "Eu te batizo, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Outra razão de rebatismo é o não reconhecimento do batismo por aspersão.

Outra informação importante apresentada pelo pesquisador (2008) é algo que venho coletando em minha pesquisa, ao longo dos anos, mas que fica cada vez mais claro. Nesse sentido, conforme Leite:

> Esses novos membros são aceitos no grupo sem nenhuma restrição, porém não participam de todas as atividades. Apenas com o tempo e o conhecimento de suas personalidades, na medida em que conhecem toda a prática religiosa e se firmam no 'caminho da graça' é que o grupo passa a confiar neles como verdadeiros membros da igreja. É preciso ganhar a confiança dos fiéis mais antigos, numa espécie de período probatório, sendo finalmente aprovados por comportamento exemplar. (LEITE, 2008, p. 49).

A dissertação resultado da pesquisa de Leite, como vem sendo observado, para chegar a sua tese, traz inúmeras informações que auxiliam àqueles que têm o tema como objeto. Assim, gostaria de chamar a atenção para os relacionamentos conjugais. O pesquisador faz menção sobre o assunto e aponta para a única possível forma de aceitação para os casos de divórcio, portanto são os casos de adultérios. Nestes casos, aquele que rompeu com a regra deve ser excluído do grupo, enquanto à parte ofendida, no caso o cônjuge, tem o apoio do grupo e mantido seus direitos frente a este. Fora estes casos, os outros não devem configurar em separação. Para isto, existe um esforço por parte da liderança em dar manutenção na relação do casal, com aconselhamentos que podem envolver orientações para possíveis ajustes, ou tolerâncias. Mas, de acordo com Leite (2008):

> Se, mesmo após os conselhos do ancião, as orações e a busca da palavra, ainda assim não chegam a um consenso, a decisão de separação é deixada a critério das

> partes envolvidas. Caso a separação não tenha sido causada pela infidelidade de um dos dois, ambos perderão a liberdade, punição que também atingirá qualquer um que venha a se casar com um dos membros do casal desfeito. (LEITE, 2008, p. 50).

Neste sentido, àquele(a) que perde a liberdade: "não pode chamar hinos, não pode dar testemunhos, nem participar da Santa Ceia, porém não é proibido de entrar nos templos" (LEITE, 2008, p. 51). A de se considerar que para tal segmento religioso, quem rompe com o tabu fica negativamente marcado, e este, mesmo que conclua todo processo de divórcio, caso se envolva em um novo matrimônio, transmite essa marca para o novo cônjuge, ficando condicionado às mesmas restrições[86].

Mais um dado que gostaria de resgatar é a uniformidade ou padronização do tipo CCB. Embora Sérgio Araújo Leite não tenha feito campo fora de Carapicuíba, em sua pesquisa ele conseguiu esta informação:

> A Congregação Cristã é vista e entendida por todos como única no seu campo, não importando a localização, sua pedagogia fundante é a mesma e pode ser reconhecida como tal, seja num culto no sertão da Bahia ou no interior do Rio Grande do Sul, ou ainda no centro da cidade de São Paulo. Os discursos têm unidade, os procedimentos, as vestimentas, enfim toda a preparação, o desenvolvimento e a conclusão dos trabalhos religiosos são respeitados rigorosamente. (LEITE, 2008, p. 55).

Dentro de sua pretensão, Leite se preocupou em compreender a complexidade dos lugares em que se encontram parte das mulheres que fazem parte da CCB, buscando assim, um distanciamento do senso comum em direção a um senso crítico sobre o assunto. Embora tivesse hipóteses como ponto de partida, Leite afirma que foi no curso da pesquisa que as informações foram construindo um novo olhar para seu objeto de pesquisa, o que justifica em parte significativa a relevância de se aprofundar conhecimento:

> Quando iniciamos o trabalho, a visão que tínhamos dessas mulheres da Congregação era reducionista: todas eram pobres, dignas, resignadas, semi ou analfabetas. Com o aprofundamento da pesquisa, percebemos que havia outras mulheres da Congregação que não se encaixavam no perfil já pré-estabelecido como sendo o das mulheres pentecostais da Congregação Cristã no Brasil, uma vez que, eram atuantes na sociedade e quando questionadas, posicionavam-se sobre os mais variados assuntos. Cabe, portanto, nos perguntarmos sobre a ambiguidade presente nessas mulheres. [...]. (LEITE, 2008, p. 61; 62).

[86] A própria dinâmica da igreja reduz muito os casos de separação, ao orientar de forma incisiva quase como uma proibição a união com pessoas de fora da religião, mesmo que estas sejam evangélicas. Além disto, o fato de haver um sectarismo exacerbado, exigindo dos fieis um comportamento exemplar com risco de exclusão, também minimiza as chances de pessoas que pertencem à denominação desviarem das regras presentes, sobretudo aquelas tratadas nas reuniões de ensinamentos. Com isto não quero dizer que não existam violências domésticas, mas que as chances são reduzidas diante do contexto religioso em específico. Porém os exemplos do Sr. José (capítulo 3) que passou décadas e décadas casado e correndo riscos, chegando dizer que estava liberto quando sua esposa morreu de causas naturais, ou a da cunhada de Pedro que corria riscos de morte (capítulo 3) dão uma ideia dos riscos de uma união insalubre dentro da religião.

Ao analisar o contexto sociorreligioso envolvendo homens e mulheres, considerando estes atores sociais inseridos nos processos de modernização ocorridos no país, mas especificamente na região de Carapicuíba, onde as igrejas pesquisadas estão localizadas, Leite percebeu que se existe um ideal de mulher dentro da visão de mundo da CCB. Neste modelo elas são vistas como "dona do lar, mãe zelosa e mulher carinhosa". Mas este quadro vem sendo impactado com as novas formas de se pensar as relações sociais, questões políticas e conjunções econômicas das últimas décadas do século XX e início do XXI. Dentro deste contexto histórico, social e cultural, no interior da religião pentecostal clássica da Congregação Cristã, aqueles que estão tanto na cúpula quanto na base buscam formas menos conflitantes de lidar com o assunto. Isto acontece evitando conflitos abertos, ora adotando posicionamentos mais velados, ora promovendo discursos mais voltados para os valores defendidos pela denominação, ora simplesmente relevando as conceituações mais rígidas. Para Leite (2008):

> As relações de poder e de gênero no interior da Igreja Congregação Cristã no Brasil em Carapicuíba é tratada tendo como referência a Pedagogia construída por essa denominação ao longo dos quase cem anos de Brasil, a mulher reage da forma que foi educada, em silêncio, se posicionando da maneira que lhe resta, seu papel na sociedade em geral e a repercussão dessa maneira de agir no interior da igreja, numa constante e mútua ambiguidade, a mulher não reage e a Igreja não pune mais, fechando os olhos para não ter que punir pela quebra de suas leis. (LEITE, 2008, p. 85).

Um ponto forte na pesquisa de Leite são as interlocuções com seus sujeitos de pesquisas. Não restam dúvidas que conseguiu informações valiosas, com profundo grau de intimidade. Talvez o lugar que ocupava como diretor de escola pública tenha ajudado não só no acesso aos melhores informantes, mas também na confiança destes. Um exemplo resultado destas abordagens foi o relato da Dona Antônia que atribui a sua conversão a Deus e a CCB, as razões principais para um casamento mais compatível. Contextualizando sua posição entre as mulheres, ela tem o lar e os cuidados da família como sua total responsabilidade. Segue relato na íntegra:

> Sou casada há 45 anos, porém, meu casamento nunca teve comunhão, não era crente, era muito jovem e sem nenhuma experiência. Na primeira noite, eu estava com muito medo, pedi ao meu esposo, que não tivéssemos nada, pois estava cansada, (festa de roça no interior do Paraná é o dia todo, a mulher trabalha 'feito uma mula'), foi o suficiente para ele achar que eu não queria ele, ou então que eu não era mais virgem, pois como pode uma mulher recusar o marido na primeira noite, alguma coisa estava errada, ameaçou devolver-me para os meus pais, foi terrível, mudei logo depois para São Paulo e conhecemos essa graça, meu marido se converteu primeiro, foi o que me salvou, pois Deus me deu sabedoria e entendimento para manter meu casamento até hoje[87]. (LEITE, 2008, p. 88).

[87] Antonia, entrevista concedida ao autor, Leite: gravação em áudio, Carapicuíba, 13/05/2007.

Outro relato relevante é o da interlocutora Fátima. Ela se encaixa em modelo existente na sociedade brasileira, e também dentro da Congregação Cristã no Brasil, no tocante a mulheres que trabalham fora para complementar a renda da família. O ponto destacável aqui é como os valores religiosos e as proibições, oriundos dos chamados "ensinamentos", formam um conjunto cultural religioso que as pessoas carregam e que respondem por suas escolhas, ditando comportamentos, moldando por fim, um estilo de vida compatível com a própria religião, do qual as pessoas não conseguem se distanciar:

> Fiquei desempregada quase um ano, precisando trabalhar resolvi aceitar o primeiro emprego que encontrasse, porém, meu esposo não aceitou que trabalhasse em uma padaria no bairro em que moramos. Assim depois de um tempo, encontrei em uma loja de cosméticos e perfume, porém, uma das exigências é que as moças trabalhem maquiadas, fato que gerou um problema, pois além de meu marido não aceitar, eu mesma não me sentia bem, já que nasci na graça (na Igreja Congregação Cristã no Brasil) e nunca tinha me maquiado. Aceitei por necessidade, mas, me maquiava apenas no shopping e me lavava antes de vir para casa, só consegui ficar dois meses, não me sentia bem ficar o dia todo maquiada, mesmo sendo bem mais leve que as outras meninas da loja. Dobrava o joelho e buscava a palavra todos os dias, pedindo uma graça, até que Deus me preparou outro serviço[88]. (LEITE, 2008, p. 89).

Foi selecionado entre as interlocuções realizadas por Leite até aqui, um caso de uma mulher que não trabalha fora, destinando sua atenção à família em tempo integral. Outro exemplo real foi relacionado a uma que trabalha fora, cuja necessidade é a complementação da renda familiar. Nota-se que ela fala de aceite por necessidade e da insistência em conseguir da Deidade outro trabalho que estivesse mais alinhado com o que aprendia na religião.

Agora, um terceiro exemplo retomado entre outros é o de uma mulher totalmente responsável pela provisão do lar, que retrata em parte outras possibilidades de modelo de família, mesmo fazendo composição do quadro de adeptos da CCB. Adma é uma mulher que se encaixa no ideal mulher moderna, independente, provedora do lar através de muito trabalho, mantendo com eficácia sua família.

> Quando separei do meu marido, (por motivo de adultério) tive que me submeter a um segundo período de aulas, por isso, minha mãe passou a cuidar o dia inteiro de meu filho, o meu tempo era para o serviço e para sustentar a casa, sei que não é certo ficar longe do filho assim, mas Deus sabe do meu esforço, os irmãos nem reparam mais o fato de eu ser separada, pois sabem que sou uma serva de Deus honesta e trabalhadora[89]. (LEITE, 2008, p. 98).

Um quarto e último caso selecionado entre as interlocuções trata-se de uma mulher que também é membro da CCB e que se encaixa em um modelo diferente dos anteriores, ou seja, de uma mulher cujo trabalho fora de casa é uma construção racionalizada em certa medida e contrária às orientações da própria religião. Ela abre mão de se dedicar

[88] Fátima, entrevista concedida ao autor, gravação em áudio, Carapicuíba, 22/06/2007.
[89] Adma, entrevista concedida ao autor, Leite: gravação em áudio, Carapicuíba, 18/05/2008.

integralmente aos cuidados da família, terceirizando parte desta tarefa a outra pessoa contratada para isto, mas que ao mesmo tempo valoriza sua religião. Além disso, seu exemplo fornece vários pontos de reflexão, dentre os quais estão o trabalho externo como escolha de vida e não por necessidade, e ao mesmo tempo o envolvimento do marido nas tarefas domésticas. Estas tarefas, neste caso em específico são de responsabilidade de todo núcleo familiar. Assim, seja trabalhando fora ou compartilhando as tarefas domésticas com o cônjuge, sinaliza para uma emancipação do modelo religioso, sem abandonar suas convicções transcendentais.

> Nasci 'na graça', só me batizei aos 12 anos e diferente das irmãs da igreja só me casei depois de acabar a faculdade, eu tinha 27 anos, sabia que depois eu ia ter problemas para fazer isso, meu marido sempre me apoiou, mas no começo, meu sogro questionou o fato dele deixar eu trabalhar fora. Sempre trabalhei, dando aulas no Estado, meu marido me ajuda em casa no que é possível, mas temos uma empregada para facilitar, pois é muito cansativo temos duas filhas ainda pequenas. Faz pouco tempo terminei o mestrado, dou aulas em uma faculdade em Cotia e estou conversando com meu esposo sobre dar início ao Doutorado. Vou buscar a palavra para poder começar[90] (LEITE, 2008, p. 100; 101).

Esses quatro exemplos são suficientes para demonstrar que a figura feminina dentro da Congregação Cristã no Brasil pode ser diversificada, portanto, com múltiplas facetas. Vejo a dissertação de Leite (2008) como uma das mais ricas fontes de informações sobre a Congregação Cristã no Brasil, com dados variados dentro de um objeto definido.

Diante deste novo contexto promovido pelo mundo moderno, destinando as mulheres novas possibilidades de se afirmar fora do tido como convencional, em confronto com valores defendidos pela religião pentecostal da CCB, Leite defende que a Igreja não quis mudar seus discursos, muito menos alterar seus estatutos, preferindo a isto "simplesmente fechar os olhos para o 'além da Igreja'" (LEITE, 2008, p. 107). Mas as mulheres que pensam e agem de forma diferente também adotam uma postura semelhante, evitando confrontos:

> O silêncio das mulheres em Carapicuíba evita o conflito aberto com a hierarquia da Igreja. Permitindo uma mudança lenta e gradual quase imperceptível, na medida em que as transformações sociais de uma forma invisível penetram no interior da Igreja, através dessas mulheres e de suas relações com os membros em geral, principalmente os mais jovens, que se posicionam de forma diferente perante a sociedade em geral. (LEITE, 2008, p. 109).

Assim, pode-se dizer que elas, avançam em suas conquistas, pois nestes casos, as correntes que correm alimentadas pelo mundo moderno, resultado de conquistas femininas dentro e fora da religião, se mostram mais livres quando se evita criar obstáculos, mesmo porque estes, jamais conseguirão impedir o curso inevitável destas mudanças, ainda que sejam vistas como lentas. Dito de outra forma, de acordo com o pesquisador Sérgio Araújo Leite

[90] Márcia, entrevista concedida ao autor, Leite: gravação em áudio, Carapicuíba, 21/05/2008.

(2008), essas mudanças estão presentes no seio da denominação tanto quanto estão na sociedade geral.

2.8 – PESQUISADOR DE IES NACIONAL: NORBERT HANS CHRISTOPH FOERSTER

Norbert Hans Christoph Foerster é Graduado em Teologia pelo Pontificium Athenaeum S. Anselmi de urbe e pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. No mestrado, pesquisou a construção da Identidade religiosa de jovens católicos a partir dos contextos sociopolíticos e sociorreligiosos e no doutorado pesquisou os aspectos da tradição e transmissão religiosa dentro da Congregação Cristã no Brasil, na região do ABC paulista. É justamente sua derradeira pesquisa que nos interessa para nossa tese.

Foerster em sua tese "A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social no ABC paulista: aspectos de sua tradição e transmissão religiosa – a instituição e os sujeitos" (2009) buscou entender como se dá a transmissão religiosa e a construção da tradição a partir da Congregação Cristã no Brasil em uma região de vulnerabilidade social no ABC paulista, situada na região metropolitana de São Paulo. Portanto, ele entende que atualmente, a reprodução da crença encontra dificuldades pela ineficiência das instituições religiosas em controlar as tensões produzidas dentro e fora da religião, em decorrência dos contornos da atual conjuntura produzida pela modernidade. Assim, este contexto reflete diretamente nos resultados da religião pentecostal, demandando uma análise científica, subsidiados pelas informações coletadas das redes sociais a que os adeptos da Congregação Cristã estão inseridos.

Foerster percebe assim como outros pesquisadores que a tradição e a transmissão da crença pela CCB são basicamente pela tradição oral, exceto pelo hinário. Ele também reconhece que a denominação resiste tanto quanto possível as influências oriundas da modernidade, dentre elas a emancipação feminina. Neste ponto a condição da mulher segundo a tradição presente na CCB deve ser de submissão ao homem. Somados a isto, o pesquisador reconhece que a hierarquia na CCB criou e mantém um modelo geroncrata. Assim, "a legitimação da autoridade é mais tradicional que carismática, sua propagação acontece pelas redes de parentesco, vizinhança e amizade, e sua estrutura é segmentária, sem governo central e preservando certa independência entre as várias unidades [...]" (FOERSTER, 2009, p. 20).

Conforme o autor (2009), o movimento pentecostal produzido inicialmente pela CCB foi de uma Igreja étnica italiana, e que aparentemente foi se transformando em uma denominação nacional sem grandes conflitos, porém a postura do segmento em não produzir material escrito é uma agravante para se defender esta percepção de harmonia no curso do processo. Nota-se que mudanças não são muito observadas na trajetória desta, possivelmente pela sua própria estrutura eclesiástica:

> Tendo nascido como um movimento pentecostal de migrantes italianos, a Congregação Cristã começa como pentecostalismo de *brancos*, e apesar de hoje brasileiros serem a ampla maioria e, na periferia de São Paulo, não se sente qualquer herança italiana à primeira vista, ela continua sendo até hoje a denominação pentecostal menos negra [...]. (FOERSTER, 2009, p. 24, grifo do autor).

Esta pontuação de Foerster faz sentido em parte porque uma compreensão profunda necessitaria de investimento de tempo e estreitamento de relacionamentos entre pesquisador e pesquisado que sejam significativos. O fato de ser uma Igreja mais branca e menos negra, não quer dizer que haja uma espécie de segregação racial. Não estou dizendo com isto que não existam casos de racismo. Mas o que posso afirmar com relativa segurança é que nestes dez anos em que venho mantendo contatos com certa periodicidade com este segmento religioso – em sua maioria com objetivos de pesquisa – é que jamais passei, ou sofri algum tipo de situação de rejeição ou de preconceito, sendo eu um pesquisador negro, pesquisando uma denominação de maioria branca. E, assim como existe espaço para um líder religioso analfabeto exercer seu ministério eclesiástico, existe também lugar para líderes negros ocuparem o mesmo espaço. Portanto, acredito que neste caso, as razões que levam a CCB ser uma denominação menos negra, ou pelo menos no estado de São Paulo, faça mais sentido quando se considera sua atuação em recrutar novos adeptos a partir de sua rede familiar. Se este modelo permanecer, o aumento de negros pode estar relacionado com a presença de mais negros crentes dentro da CCB alcançando sua rede familiar. E quanto ao escasso material impresso, eles existem e não são poucos. O que eles não estão é disponível ao público comum, mas circulam internamente atuando na pedagogia dos fiéis. O pesquisador vai precisar de um esforço a mais para alcançar esse material e, diga-se de passagem, será sempre um achado significativo.

Dito isto, acredito que se são poucas as mudanças que ocorrem na denominação. Não restam dúvidas que a tradição de se seguir os ensinamentos dos pioneiros ocupa um lugar definido, porém seguir essa tradição está condicionada a eficiência que esta tem na vida dos indivíduos e da própria sociedade religiosa, dando sentido às demandas em seu cotidiano. Por outro lado, os estatutos da denominação e ensinamentos em sua forma escrita e falada

mostram sim, que existe uma capacidade de absolvição de mudanças. Mas estes mesmos estatutos e ensinamentos quando é preciso retomam algo do passado de forma integral ou resumida, para reforçar o que estão vivendo no presente. Isto pode ser visto como reafirmação da tradição, mas também pode demonstrar que sua elaboração inicial foi realizada de forma coerente e em certa medida bem sucedida. Assim, contestações e dissensos só fazem sentido e avançam quando estes não chocam com os pilares da religião. Um exemplo disto é o divórcio. Já foi pontuado que não se aceita divórcio a não ser por adultério. Isto não quer dizer que não existam rompimentos por incompatibilidade no relacionamento. Mas quem o fizer sabe que não pode contar com o apoio da Igreja e muitas vezes nem da família, quando esta faz parte da denominação. Outro exemplo é o da mulher que trabalha fora. As chances de um homem assumir o papel doméstico enquanto a mulher atua como mantenedora da família é praticamente nula. E nos casos em que ambos precisem unir forças para manter financeiramente o lar, caso alcancem a independência financeira e um deles tenha condições de sair do trabalho, ambos se sentirão honrados e abençoados por Deus com a saída dela e não dele.

Retornando a questão da liderança eclesiástica na CCB, assim como Bianco (2008), Foerster (2009, p. 26) afirma que se trata de uma hierarquia do tipo gerontocracia. Ou seja, o poder "está nas mãos dos membros mais velhos" podendo ser considerados idade ou tradição. O primeiro remete ao tempo de vida e o segundo ao tempo à frente de uma igreja, como por exemplo, o fundador de uma CCB local. Este modelo elimina possíveis disputas por poder. Em suma, conforme Foerster,

> [...] o ancião é líder porque é o mais velho, e por isso, o mais apto como guardião da tradição, e sobre isso não há discussão. Em segundo lugar, sim, ele deve ter também um certo carisma e uma condução de vida condizente com as normas da Congregação. Assim como a autoridade na Congregação Cristã não é carismática, ela também não é burocrática. Não é o diploma que determina quem será o líder, porque não há diplomas. Não há estudo e diploma de teologia na Congregação Cristã. Também não há clero. Todos são leigos; [...]. (FOERSTER, 2009, p. 26).

Na tese, Foerster (2009, p. 29) apresenta duas hipóteses centrais: que as mudanças na tradição da CCB ocorrem de forma pouco perceptível, e que a identidade religiosa dos adeptos da CCB é mais sólida em comparação com outros segmentos de mesma linha, mas quando a igreja se depara com contextos de extrema vulnerabilidade, seu modelo eclesiástico passa a ser um entrave na solução dos problemas da sociedade social geral, da qual eles também estão inseridos, justamente por sua postura fechada e restrita ao próprio grupo religioso.

Para construir sua pesquisa, Foerster participou aproximadamente a quatro dezenas de cultos. De acordo com ele, sua entrada foi viabilizada por um conhecido, que o apresentou a algumas lideranças da denominação. Estes, ao ouvirem suas pretensões quanto a pesquisa, consentiram seu trabalho (FOERSTER, 2009, p. 34). Essa informação é relevante por mostrar que a presença de um membro abre alas fazendo a ligação entre o pesquisador e aqueles que podem legitimá-lo a realização da pesquisa é uma realidade. A informação também indica que o trabalho de pesquisa iniciado da cúpula para a base, pode fazer uma grande diferença na coleta de dados.

Frequentando os cultos, Foerster (2009, p. 55) percebe que os rituais e suas respectivas etapas funcionam como local de construção e reprodução da religião através das transmissões dos anciães, mas também dos envolvidos nos cultos que fazem uso da fala, construindo assim uma memória coletiva. Desta forma, paulatinamente a religião é construída. Essa não é uma característica apenas da CCB, entretanto o pesquisador vê nesta um uso diferenciado do ritual:

> Dentro das modalidades pentecostais de crer, o rito da Congregação Cristã é um dos mais elaborados que encontramos no campo pentecostal. Com raízes calvinistas e ao mesmo tempo pentecostais, encontramos no culto da Congregação Cristã, de maneira simultânea e paradoxal, indícios de uma vida racional e metódica que almeja a salvação da alma (nos hinos e na pregação) como expressões emocionais (nos momentos de oração e dos testemunhos). (FOERSTER, 2009, p. 61; 62).

Se no rito existe a formação do religioso para que este possa transitar dentro e fora da religião, a partir dos referenciais que ele adquire ao longo de sua construção religiosa, algumas das diretrizes e ensinamentos podem se romper, ou ser ressignificados. Foerster (2009) defende que algumas mudanças vêm ocorrendo e esses efeitos são notados quando se observa, por exemplo, que os estudos acadêmicos passam a ser valorizados por parte de alguns adeptos da CCB. De acordo com o pesquisador já se tem registros de fiéis da referida denominação frequentando cursos de Teologia (FOERSTER, 2009, p. 110). Sem dúvidas esta derradeira informação significa um distanciamento radical com os princípios defendidos pela denominação desde sua fundação, no início do século XX. Sabe-se da existência de quebra de outras proibições ou pelo menos a tolerância redundando em aceitação velada como o uso da TV, rádio, a presença de religiosos na academia, o acesso à Internet (que parece jamais ter sido visto como um tabu, sobretudo pelo entendimento que a internet é um instrumento auxiliador aos estudos. Mesmo assim o tema já foi objeto de discussão em reuniões no Brás), mas com certeza a pretensão de conhecer melhor ao Sagrado por vias humanas e não apenas pelo Espírito Santo, que é o único e legítimo professor, trata-se de algo sem precedentes na história desta denominação. Neste sentido, nas palavras de Foerster (2009, p. 110): “Pode-se

resumir que, referente ao uso da TV e rádio e ao estudo, estamos evidentemente diante do fim de algumas tradições da Congregação Cristã".

Entre as abordagens de Foerster sobre a CCB, gostaria de mencionar também sua análise de indicadores sociais. Tendo optado por coletar os dados para esta abordagem entre os adeptos da Congregação Cristã nas cidades de Diadema e São Bernardo do Campo. Comparando com os valores de "outros grupos pentecostais, os sem-religião e a população local" ele percebeu na região de sua pesquisa que, além da CCB ser uma denominação com o menor percentual de negros e com as melhores rendas familiares *per capita*, ela possui os "menores índices de vulnerabilidade social do que os outros grupos" (FOERSTER, 2009, p. 123). Além disso, ele chegou à seguinte conclusão: "Surpreendentemente, há pouca desigualdade no total de rendimentos por cor entre os membros da Congregação nas APs[91] estudadas" (FOERSTER, 2009, p. 128). E para refinar sua percepção, o pesquisador procurou ampliar seus subsídios. "Uma vez que o número do total era pequeno (138 brancos, 8 pretos, e 103 pardos, como já informado acima), repeti o estudo para todos os moradores das APs (3415 brancos, 321 pretos e 2827 pardos)" (FOERSTER, 2009, p. 128).

Em relação aos rendimentos, Foerster (2009) também levantou e comparou os dados entre os gêneros, concluindo que existe uma desigualdade acentuada entre os ganhos de ambos, o que o surpreendeu.

Particularmente, penso não ser surpresa este fato, por pelo menos duas razões, que estão intimamente interligadas. A primeira trata-se de uma realidade nacional que é a disparidade valorativa entre os sexos e que entra nas mais variadas áreas de atuação como política, esporte e religião. Portanto, se a CCB vem demonstrando uma segregação entre os sexos bem mais acentuada do que outros segmentos religiosos e não religiosos, é quase um curso lógico tal resultado. O mesmo não ocorre quando o assunto é o equilíbrio entre negros e brancos. Sabemos que no Brasil os abismos que separam ambos perpassam todas as esferas como educação, trabalho e renda. E estes não podem ser vistos a partir de uma interpretação simplista de conexão do tipo causa e efeito. Por exemplo, negros e brancos com a mesma formação não retrata salários idênticos e nem as mesmas oportunidades de crescimento no mercado de trabalho.

Retornado a Foerster, suas conclusões sobre o assunto foram:

> Com respeito ao total de todos os rendimentos, há uma visível desigualdade entre os gêneros na Congregação moradores das APs. Fiquei surpreso tanto com a pouca desigualdade destes rendimentos entre brancos e negros como com a acentuada desigualdade entre os gêneros. Não esperei que nas APs o fator gênero iria ter um

[91] Áreas de Ponderação.

> impacto tão mais forte do que o fator cor. Este resultado, um tanto inesperado por mim, me levou a aprofundar a questão da desigualdade ou distância social entre os gêneros, uma vez que se sabe que no culto da Congregação Cristã a distância entre homens e mulheres é particularmente acentuada, tanto pela organização no interior da casa de oração, onde homens e mulheres sentam em lados opostos, como pela organização do poder (a mulher não pode ocupar nenhum cargo na estrutura hierárquica da Congregação) como na vestimenta (a mulher batizada deve se cobrir com o véu, sinal de submissão, na casa de oração e no momento de orar). Considero que a questão da desigualdade entre homens e mulheres na Congregação torna a mulher especificamente vulnerável quando ela é a responsável pelo domicílio. [...]. (FOERSTER, 2009, p. 130; 131).

Dentro do seu contexto de pesquisa, ou seja, as cidades de Diadema e São Bernardo do Campo, para aprofundar suas questões sobre vulnerabilidade social, Foerster (2009), escolhe a região de Vila Moraes. No período da pesquisa, residiam no local cerca trezentas famílias, totalizando entre 1500 a 2000 pessoas. Estes moradores vivem em situação de intensa vulnerabilidade social, com mínima atenção do Estado e por estar localizada em uma extensão geográfica irregular, convivem com as constantes tensões de serem expulsos da região. Em relação ao trabalho e consequentemente a renda, a maioria dos moradores tem como opção o trabalho informal, ou seja, sem garantias legais (FOERSTER, 2009, p. 141-144). "Alguns homens trabalham ocasionalmente como pedreiros ou serventes. Possivelmente, as mulheres têm mais oportunidades de trabalho (como domésticas) do que os homens. [...]" (FOERSTER, 2009, p. 146). Em relação à mobilização social com objetivos de reivindicar do Estado melhores condições, a conjuntura não se movimenta a ponto de produzir elementos para transformações significativas, dentre os quais o rodízio constante de pessoas é uma das maiores agravantes. Portanto, o vem e vai de moradores, na melhor das hipóteses enfraquece os vínculos e na pior, não se estabelece nenhum. Ali, as pessoas estão geralmente apenas de passagem. Quanto a isso, Foerster diz:

> Resumindo, pode-se dizer que os moradores da Vila Moraes não têm laços suficientemente fortes para constituir um *ator social coletivo* além de mobilizações raras e ocasionais. Talvez a presença pouco duradoura e apenas transitória de muitas famílias contribua para este quadro de uma ampla fragmentação social. Os grupos religiosos estabelecidos, como Congregação Cristã, Assembleia de Deus, Igreja Católica também não têm força suficiente para se impor aos seus membros, moradores da Vila Moraes, como 'comunidade imaginada' principal. [...]. (FOERSTER, 2009, p. 156, grifo do autor).

Um dos pontos fortes da Congregação Cristã é sua estrutura construída para atender seu próprio grupo e, com isto, depender minimamente de outros arranjos, ou mesmo dos mecanismos estatais. Sua forma condutiva e indutiva na relação com seus sectos, produzem muito mais que um estilo de vida. Produzem uma visão de mundo. Conforme Foerster:

> Fixar o sujeito na estrutura da instituição religiosa é uma boa estratégia para o sujeito fixar sua memória subjetiva na corrente de memória coletiva da instituição. A Congregação Cristã fixa um número elevado de homens, de todas as idades e

> todas as classes sociais, na sua estrutura, tornando-os músicos da orquestra, produzindo sujeitos que fixam sua memória subjetiva na corrente de memória coletiva da instituição. (FOERSTER, 2009, p. 261; 262).

Mesmo assim, existem exceções no meio do grupo e tudo indica que quanto mais os seguidores se distanciam das condições de alta vulnerabilidade, maiores são as probabilidades de adotar hábitos socialmente mais comuns. Quanto mais infligidos pelas condições de vulnerabilidade social, maior a dependência dos bens e serviços disponibilizados pela religião, e consequentemente maiores são a obediência aos dogmas defendidos pela Igreja. Um exemplo de pessoas menos dependentes é Nádia e Beto. De acordo com Foerster (2009):

> O casal Nádia e Beto mora numa área de baixa vulnerabilidade. Eles são um casal inserido de uma maneira muito mais forte na modernidade do que a geração anterior. Eles têm TV em casa, a mulher trabalha fora de casa, eles reservam o sábado como dia de família para passear junto com os filhos em lugares públicos, incluindo *shoppings*, e, o mais importante, eles fazem tudo isso *sem nenhum remorso*, porque Deus ainda não revelou a eles que deveria ser diferente. Há, portanto, um nítido deslocamento no *continuum* entre o polo coletivo e o polo individual, em direção ao polo individual. A pertença religiosa tem traços mais fortes de *associação livre*, o constrangimento social sentido pela *tradição institucional* tem menos força. A Congregação Cristã consegue produzir a subjetividade neles em menor medida, e não mais em sua quase totalidade. [...]. (FOERSTER, 2009, p. 263, grifo do autor).

Outra compreensão resultado da pesquisa de Foerster foi sobre a condição feminina dentro da denominação. Sabe-se que as mulheres na CCB ocupam um lugar inferior ao do homem perpassando toda a estrutura. Não obstante, o autor percebeu que em situações de extrema vulnerabilidade social, elas sofrem ainda mais com esta segregação entre gêneros, fazendo com que elas se sintam deixadas de lado a ponto de resultar, em alguns casos, ao abandono da própria religião (FOERSTER, 2009, p. 265). O quadro se agrava mais se estas mulheres em situação vulnerável forem divorciadas, separadas ou mães solteiras.

> [...] as dinâmicas societárias religiosas da Congregação Cristã agem como via de inclusão social numa área de alta vulnerabilidade social de uma maneira limitada, e há membros, especialmente mulheres em situação de vulnerabilidade social, que se sentem escanteadas e iniciam um processo de 'desafiliação'. Tanto as observações de campo como as conversas informais e entrevistas confirmam, portanto, a informação do quadro estatístico que na CCB, a desigualdade social entre homens e mulheres é fortemente acentuada. (FOERSTER, 2009, p. 271; 272).

Se internamente a denominação pentecostal em questão tem dificuldades para lidar com determinadas demandas quando o assunto é vulnerabilidade social, o mesmo ocorre quando se trata de relações externas. Neste caso, de acordo com Foerster (2009, p. 272), "verificou-se que os seus membros podem ter uma sociabilidade reduzida com indivíduos que estão fora desta rede, pela simples razão que a maioria congrega três vezes por semana ou até mais, o que reduz o tempo disponível para outras oportunidades de convivência".

Foerster, chega aos seguintes resultados em sua pesquisa: primeiro, que a tradição vinculada à Congregação Cristã no Brasil vem passando por mudanças, ainda que estas sejam "bem camufladas". Em segundo lugar Foerster conclui que a formação da identidade religiosa dentro da Congregação Cristã é uma "identidade religiosa forte", moldando seus fiéis hábitos de acordo com suas intenções prévias, mas que estes mesmos valores podem ser uma agravante quando se está em contextos de intensa vulnerabilidade social. Em seus termos: "A hipótese afirma, portanto, que a tradição da instituição consegue se impor com força na subjetividade dos seus fiéis, mas alerta para a possibilidade de limites desta força em áreas de vulnerabilidade social" (FOERSTER, 2009, p. 273). Além destes dois pontos conclusivos, ele também tem como resultado como são formadas as redes de relacionamentos dentro da CCB. Elas se dão pela inserção de parentes e amigos próximos, e o processo de mobilização destes nos agregados ocorrem muito mais pelas redes sociais pessoais, do que através dos cultos. Assim, para Foerster (2009): "*Quer-se dizer com isso que a escolha de fazer parte da CCB não é somente racional, mas tem uma forte conotação afetiva*" (FOERSTER, 2009, 274, grifo do autor).

Através deste corpo de pesquisadores, acredito ser possível ter uma dimensão das preocupações e dos interesses de cada um destes teóricos das Ciências Humanas, sobre a Congregação Cristã no Brasil. Outras pesquisas de mestrado foram desenvolvidas após a tese do alemão Norbert Hans Christoph Foerster – quatro dissertações de mestrado –, mas nenhuma outra tese de doutorado sobre a Congregação Cristã foi desenvolvida até aqui. A partir do próximo capítulo, entramos na segunda parte desta tese, com nossas próprias interpretações sobre a CCB como nosso objeto de pesquisa.

CAPÍTULO 3 – UMA INTERPRETAÇÃO DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

A Congregação Cristã no Brasil possui fortes indícios da existência de mecanismos organizados, formando assim uma identidade religiosa coesa, por meio de processos desenvolvidos racionalmente, que não é simplesmente um tipo de "iluminismo religioso" (LÉONARD, 1951; 1952; 1953). Ela, como instituição apresenta sua estrutura de forma tal que os resultados são perceptíveis desde os contextos mais visíveis como a sua parte arquitetônica, com templos padronizados em todo território brasileiro, até outros contextos mais internos e reservados como sua parte administrativa, com prestação de contas para o grupo; a mobilização, engajamento e investimentos dos adeptos em torno de necessidades específicas, podendo ser apenas investimento financeiro, mas pode contar também com o acréscimo do investimento laboral, na realização dos projetos.

É envolvendo um conjunto metodológico da antropologia (pesquisa etnográfica, diário de campo, dentre outros), os dados empíricos e a apresentação panorâmica em que ocorreram os fatos a serem narrados, que nos próximos parágrafos busca-se compartilhar as informações que se acreditam necessárias. Mesmo que tais detalhes possam vir a parecer desnecessários em um primeiro momento, os apresento por entender que eles contribuem para a construção mais detalhada do cenário a que pertencem.

Em maio de 2011, tive a oportunidade se ser admitido como soldador MIG/MAG em uma grande indústria metalúrgica de estruturas metálicas, situada na cidade de Araucária, região metropolitana de Curitiba no Paraná – uma grande empresa com mais de mil funcionários e filiais no Rio de Janeiro e Juiz de Fora/MG. Naquela conjuntura, entrar nesta empresa foi fundamental para obter dados sobre o estilo de vida e visão de mundo dos adeptos da Congregação Cristã no Brasil. Permaneci trabalhando e convivendo com eles, por mais nove meses após a conclusão da pesquisa, totalizando 28 meses de envolvimento direto com os interlocutores.

Aproximadamente um mês depois, foi admitido também como soldador MIG/MAG o jovem Israel[92], que havia sido indicado por um dos líderes da equipe de soldagem, e que, assim como Israel é membro da CCB. Na época, 2011, este meu interlocutor tinha 30 anos de idade, casado há doze anos com Janaina de 26 anos, e formando uma família nuclear com um

[92] Todos os participantes da pesquisa estavam cientes que os dados coletados eram para o desenvolvimento do trabalho científico. Por isto, em sua maioria, os nomes dos interlocutores são os verdadeiros. Optei pela mudança – não porque foi solicitado – de dois dos meus interlocutores (ambos estão neste capítulo), que aparecerão com os nomes fictícios de "José" e "Pedro". Estes nomes estarão acompanhados de suas respectivas notas de rodapé.

filho único chamado Ismael de 09 anos. O que é mais importante: esta família faz parte da Igreja CCB e com eles tive a oportunidade de ter uma das maiores e mais completas experiências de campo no que se refere ao pentecostalismo clássico presente na Congregação Cristã no Brasil.

Nosso relacionamento no trabalho começou meio tumultuado, isto porque além de trabalhar, eu, constantemente estava conversando e procurando estabelecer contato com pessoas que eu sabia que eram membros CCB. Esta situação fez com que Israel algumas vezes ficasse reticente. Todo este distanciamento foi ficando menor a cada oportunidade que tínhamos para dialogar. Então, depois de oito meses fui convidado para participar de um "Culto Especial de Coleta[93]" em sua "Comum[94]" com sua "irmandade[95]".

O evento seria realizado no sábado dia 03 de março de 2012, em uma pequena Vila de agricultores situada entre às cidades da Lapa e São Mateus do Sul. O horário da cerimônia estava marcado para iniciar às 19:30h e terminaria em torno de 21:30h. Logo aceitei o convite, mas nos dias em que antecederam comecei refletir e entendi que ficaria um tanto cansativo retornar de carro, naquela mesma noite. Tive uma ideia! Dormir lá. Mas, como? Pessoalmente, eu só conhecia aquele que me convidara e como pernoitar na casa que eles têm "lá nos mato" sendo eu homem? Tive outra ideia, mas dependia de envolver minha esposa. Conversei com ela que aceitou. Então fui novamente falar com Israel, dizendo que seria um tanto cansativo retornar no mesmo dia e, além disto, minha esposa também estava querendo ir ... (o que era verdade). Perguntei se seria possível passar a noite lá? Ele disse que sim.

Dito isto, tentarei narrar de forma satisfatória nos termos de Gilberto Velho: "quando um antropólogo faz uma etnografia, uma de suas tarefas mais difíceis, como sabemos, ao narrar um evento, é transmitir o *clima*, o *tom* do que está descrevendo". (VELHO, 1994, p. 13).

O dia era sábado, 03 de março de 2012. Nós nos encontramos em uma rodovia movimentada que liga a cidade de Araucária a São Mateus do Sul. Ele havia me dito que me esperaria às 12:30h no acostamento da estrada em frente ao hipermercado Condor. Quando cheguei, encostei nosso carro atrás do dele, que logo saiu do seu e veio em direção ao nosso, todo sorridente. Chegou na janela do nosso automóvel, me cumprimentou e em seguida falou para segui-lo, porém disse que precisaria passar antes em um Posto para abastecer.

[93] Trata-se de uma cerimônia, não ordinária com a finalidade específica de se angariar voluntariamente renda financeira para se aplicar em uma finalidade específica, que neste caso era para finalizar construção do novo templo de alvenaria, que serviria para substituir o pequeno templo de madeira.
[94] Diminutivo de comunidade e análogo à Igreja.
[95] Termo êmico, relativo ao grupo de pessoas (Irmãos) unidas em torno da mesma crença presente na CCB.

Rapidamente, apresentei minha esposa a ele. A viagem durou aproximadamente 90 minutos e depois da parada no Posto tivemos outra escala no local onde eles estavam construindo a nova igreja. Quando chegamos, encontramos sete homens trabalhando na construção. Dentre eles o pai de Israel e o Cooperador Jonas, que é o responsável pela igreja local. Prontamente, Israel foi me apresentar aos "irmãos". Minha esposa e a esposa de Israel ficaram conversando e quando olhei, elas já estavam conversando como se fossem velhas amigas.

A uma distância de aproximadamente 30 metros, em uma casa, estavam reunidas algumas mulheres, preparando o almoço para os trabalhadores que estavam na obra. Fomos apresentados, tomamos um pouco de água e seguimos para a casa de Israel. Esta ficava próxima à Igreja que seria substituída pela nova construção. Chegando lá foi possível entender por que se fala "os mato". O sentido é literal e não figurado. Sua casa, as de outros moradores e a própria igreja se perdem em meio à floresta de araucária. Quando chegamos lá, ao entrar na casa, percebi que a sala tem proporções maiores que os outros cômodos. Nela dois grandes sofás e alguns bancos de madeira. Não havia estantes, ou televisão e não foi porque estávamos em uma casa no campo, e sim porque constantemente eles afirmam não se "contaminar com coisas mundanas", cuja televisão ganha destaque.

Dentro da casa, Israel me mostrou qual seria o nosso quarto. Colocamos nossas malas em cima da cama e logo depois ele convidou para conhecer sua chácara. Ele me mostrou as instalações de sua antiga produção de fumos (segundo ele, o comércio tinha fins medicinais), enquanto andávamos e conversávamos, por aproximadamente duas horas. Era já 17:00h, quando ele em chamou para irmos até a casa de seu pai, que fica 1km da sua. Ao chegar lá fomos convidados por sua mãe para nos sentarmos na varanda. Ela pegou algumas cadeiras, e iniciou conosco outra série de assuntos. Seu pai estava tomando banho, já se preparando para o "culto", mas seu irmão mais velho já estava pronto e todo empolgado em buscar o dono da venda para ir ao culto naquela noite. Assim que seu pai acabou de se arrumar, uniu-se a nós, alimentando o circuito de diálogos. Depois de uma rodada de conversas, ele me chamou para conhecer sua casa. Era bem planejada e espaçosa, com uma cozinha sob medida que havia sido instalada há pouco tempo, e, segundo ele, precisava de alguns ajustes. A sala, assim como na casa de Israel, possuía dimensões mais extensas se comparada com outros cômodos. Depois deste momento, voltamos para a casa de Israel para tomar banho e nos arrumarmos para o evento.

Vesti meu terno e gravata. Minha esposa colocou seu vestido (mesmo habitualmente usando mais calças) e um colar cheio de pontas e cores. Mas, logo em seguida retirou do seu

pescoço, deu um sorriso e disse: “já tem coisas demais” – ela estava se referindo a suas unhas pintadas e batom.

Israel também se aprontou com seu terno e gravata, sua esposa com vestido e cabelos presos em forma de “coque”, mas a atenção maior foi para o pequeno Ismael com seus 1,20 metros de altura. Ele também estava vestido de terno e gravata. Estávamos prontos para irmos ao “culto”.

A igreja não era longe. Fomos todos juntos no carro de Israel, por um percurso de dois quilômetros no meio da mata. Ao chegarmos lá, ao contrário do que possa expressar o senso comum em relação a uma igreja na mata, a visão era de homens muito bem vestidos, a maioria com ternos e gravatas. As mulheres em seus vestidos e saias abaixo dos joelhos. Carros novos e luxuosos dividiam espaço com alguns poucos carros comuns. Estes últimos se diluíam frente aos outros. A igreja era de madeira, pintada nas cores cinza e branco (padrão da CCB). Dentro dela, bancos de madeira de excelente acabamento e uma limpeza e organização dignos de nota. O contingente de pessoas era bem maior do que a igreja comportava. Depois fiquei sabendo que era um “culto especial de coleta”, por isto pessoas de outras igrejas da Congregação Cristã no Brasil, neste caso da cidade de Curitiba e região, estavam lá para “congregarem” e levar suas “ofertas voluntárias”.

De acordo com que as pessoas iam chegando, eu era apresentado a elas. Aos líderes da Igreja que vieram de Araucária para presidirem aquele culto em especial, meu interlocutor me apresentou como sendo eu pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular. As pessoas começam a entrar para o local, e eu fui conduzido pelo Israel para ficar no primeiro banco. Isto já havia acontecido em outras vezes que estive em outros campos da CCB, mas foi neste dia em especial que percebi, e depois perguntando, tive confirmação que os primeiros bancos são reservados para aqueles que possuem “ministério”. Ou seja, anciães, cooperadores e diáconos. A igreja se encheu. Dentro duas amplas fileiras de bancos divididas por um corredor. Sentados do lado direito de frente para o “altar”, os homens. E, do lado esquerdo, as mulheres. Na frente à mulher de Israel com um “véu” branco sobre a cabeça, igualmente todas as mulheres que são da Congregação Cristã. Minha esposa, assentada em um dos bancos do lado feminino, não estava com sua cabeça coberta. Este elemento compõe a liturgia do culto, mas não de uma pessoa que é visitante.

Quando a igreja alcançou sua lotação, os mais jovens que não eram músicos – músicos obrigatoriamente precisam ficar dentro da instalação para tocarem seus instrumentos – se posicionavam do lado de fora da igreja, porém mantendo o padrão, direita para homens e esquerda para mulheres.

Quando o culto estava prestes a começar era possível perceber que a maioria das pessoas que estavam dentro da igreja, não conversavam e quando fizeram foi em meia voz. Até mesmo as crianças mantinham o padrão, sendo comum vê-las dentro da igreja no colo de adultos, provavelmente os pais. Na liturgia do culto, a primeira parte começou com a organista tocando a introdução ao "hino de silêncio". Naquele dia era a esposa do meu interlocutor. Após este momento solene, as etapas que se seguiram foram as que fazem parte da liturgia dos cultos na CCB. Nesse sentido, como já sabemos qual a ordem e a forma que se desenvolvem, quero dar atenção ao momento das coletas com objetivo de angariar fundos para a construção. Esta responsabilidade repousa sobre os líderes. Começou com um ancião da Igreja de Araucária que foi à frente do "altar", elogiou o trabalho, o avanço da construção, a organização da obra (realmente não se via um prego fora do lugar), e por fim a necessidade de dar continuidade à construção. Em seguida, ele chamou um diácono, (também da Igreja de Araucária), para falar especificamente da parte financeira. Sua fala e eloquência envolvendo o assunto prenderam a atenção e produziram resultados. O fato é que, passado o culto, como a família de Israel faz parte da liderança tive acesso aos valores e alguns assuntos relacionados ao contexto. Naquela noite foram arrecadados R$ 4.300,00 (quatro mil e trezentos reais), mais R$ 750,00 (setecentos e cinquenta reais) de uma pessoa que estava no culto, membro da CCB, que foi levar o cheque no domingo, dizendo que "Deus falou com ele a noite toda". É possível dizer que o resultado foi significativo, considerando que entre homens, mulheres, jovens e crianças tinha aproximadamente 85 pessoas.

Outra parte que gostaria de destacar foi a escolha do pregador daquela noite. O grupo afirma sempre que possível o fato de nunca saberem quem "Deus vai usar para trazer a Palavra". Na noite em questão estavam presentes 01 ancião e 01 diácono de Araucária que vieram especialmente para "dirigir" aquele culto, o Cooperador Jonas que é o responsável pela igreja local, e o pai de Israel que é diácono. Então, das 85 pessoas, temos apenas quatro habilitadas para tal. Mas podemos refinar ainda mais. Vamos nos deter nos dois de fora, ou seja, os que vieram de Araucária para presidirem o culto, pois seria quase uma condição de respeito dar ao visitante a oportunidade de expressão. Nessa lógica, agora por questões hierárquicas, era possível prever quem seria o pregador naquela noite, ou seja, o ancião visitante que estava presidindo o culto. Foi ele quem fez a "oração" pedindo que Deus revelasse "a Sua Palavra a quem Ele reconhecesse naquele momento como o canal". O que eu não esperava é que não fosse ele e sim o diácono visitante. Mesmo assim, dois detalhes me chamaram a atenção naquele quadro: primeiro, o intervalo entre o fim da "oração" e a "revelação", que foi bem maior que das outras vezes que estive participando de outros cultos.

Segundo, a posição do ancião na frente do púlpito, dando um pequeno recuo para trás. Sabe-se que expressões corporais são formas de comunicação tão hábil quanto à linguagem oral propriamente dita. Mesmo não havendo exatidão na interpretação por minha parte, continuou sendo alguém devidamente habilitado, porém de fora e não da igreja local. Também não foi uma pessoa sem as qualificações conhecidas pelo grupo.

Outro dado do campo que gostaria de resgatar ocorreu um pouco antes de meu desligamento da grande empresa metalúrgica do ramo de estruturas metálicas e alguns meses depois da conclusão do mestrado. Este dado mostra que o ambiente privado/industrial, também é um local importante na circulação de discursos. Neste ambiente ouvi muitos relatos a respeito de um de meus interlocutores na dissertação, Maycon. No período de minha coleta de dados, ele não era da Congregação Cristã, mas sim um interlocutor que afirmava que: "Eu não sou crente, mas sei como funciona". Pouco tempo depois de minha defesa ele se converteu.

Mas antes de sua conversão, dentro da empresa, em um momento de confraternização, ouvi de seu próprio pai, que também é da Congregação Cristã, algo sobre o Maycon que me chamou a atenção. Naquela noite, enquanto estávamos assando um churrasco, ele me disse que existia uma "profecia" envolvendo meu principal interlocutor, o Maycon. De acordo com o Sr. Aparecido, esta profecia se cumpriria algum dia. Um dos anciães, em um momento de êxtase, havia dito ao Maycon: "eis que Deus colocou um anzol em sua boca!".

Pouco tempo depois desta conversa, Maycon precisou fazer uma série de exames para quebrar pedras em seus rins. Nestes exames dos rins, o médico percebeu uma alteração na vesícula. Realmente, havia uma não conformidade que o levou a fazer outra bateria de exames, apresentando um problema na tireoide. Com os exames na tireoide apareceu outra anormalidade. Era um tumor, ainda em início, e o laudo da biópsia apontou como "maligno". Este acontecimento circulava dentro da empresa. O pai dele, concluiu que "o peixe bem fisgado, é aquele que o anzol se prende na garganta", se referindo ao câncer na tireoide (na garganta). Maycon passou por cirurgia, se recuperou, e antes mesmo de voltar ao trabalho, ele e sua esposa se converteram na Congregação Cristã (quase nove anos se passaram, e em 2021 Maycon permanece saudável sem sequelas).

Na época, eu mesmo tive oportunidade de acompanhar de perto os desdobramentos deste processo e cheguei até a visitá-lo no Hospital Sugisawa em Curitiba, próximo à Rodoferroviária. Hoje, nem eu, nem o Maycon e nem seu pai, trabalhamos na grande empresa metalúrgica do ramo de estruturas metálicas. Mas Maycon, sua esposa e suas duas filhas seguem em frente na sua crença dentro da Congregação Cristã no Brasil, na mesma Igreja que

o Sr. Aparecido frequenta. Além disso, após um longo período distante destes meus primeiros interlocutores, foi possível retomar o contato com Maycon em agosto de 2019.

Se refletirmos sobre os acontecimentos envolvendo Maycon, situando-os em linha com o que foi previsto pelo ancião, podemos comparar todo o processo e o seu resultado com o conceito de "carisma", desenvolvido por Weber. Sabe-se que em termos weberianos, carisma não necessariamente está vinculado apenas a contextos metafísicos do tipo religioso. Um guerreiro, um rei, um político pode ser visto pelo grupo a que faz parte, ou que está em contato direto, como alguém portador de atributos vistos como supranaturais, conferindo ao portador deste dom sua legitimidade carismática. Porém é mais comum ver este tipo de qualidade envolvendo religiosos como magos, feiticeiros, profetas etc. Assim, nesta relação há espaço para inserir também os anciães. Que neste caso, de certa forma, atuam como um profeta. Não obstante, ao longo desta tese, sempre que possível foi sinalizado que a Congregação Cristã no Brasil possui características racionais em forma acentuada. Como religião ela tem uma racionalidade. Mas, ao mesmo tempo, ainda como religião, ela não pode abrir mãos de elementos tipicamente religiosos, de cunho supranatural, extraordinários. Assim o ancião depende também daquilo que produz antecipadamente no sentido de gerar no grupo algo que faz parte da clareza de seu chamado e de sua ligação íntima com a Deidade. Porém, o ancião não é um herói que guerreia contra inimigos visíveis ou invisíveis, mas é um porta-voz que antecipa acontecimentos, por receber de antemão a revelação do Espírito Santo. Cabe dizer que a cada acerto de previsão, o líder religioso fundamenta sua relação hierárquica com seus liderados.

> O carisma autêntico baseia-se na legitimação do heroísmo pessoal ou da revelação pessoal. Não obstante, precisamente essa qualidade do carisma como poder extraordinário, supranatural, divino, o transforma, depois de sua rotinização, numa fonte adequada para aquisição legítima de poder soberano pelos seus sucessores do herói carismático. O carisma rotinizado continua, assim a funcionar em favor de todos aqueles cujo poder e posse são garantidos por essa força soberana, e que dependem, portanto, da existência continuada de tal poder. (WEBER, 1982, p. 302; 303).

Em casos de não confirmação de uma profecia, espera-se por períodos de tempos, seja a médio ou longo prazo, ou então, até cair no esquecimento. Mesmo assim, erros não são bons para a imagem daquele que profere palavras que não se cumprem, e mesmo que a estrutura eclesiástica conte com o modelo gerontocrático, ou com um modelo que entendemos ser também racionalizado, eles não eliminam a necessidade de comprovação carismática. Basicamente isto ocorre porque:

> Em oposição a toda espécie de organização administrativa burocrática, a estrutura carismática não conhece nenhuma forma e nenhum procedimento **ordenado de nomeação ou demissão, nem 'carreira' ou 'promoção'; não conhece nenhum**

> **‘salário’, nenhuma instrução especializada regulamentada do portador do carisma ou de seus ajudantes e nenhuma instância controladora ou à qual se possa apelar; não lhe estão atribuídos determinados distritos ou competências objetivas exclusivas e, por fim, não há nenhuma instituição permanente e independente das pessoas e da existência de seu carisma pessoal, à maneira das autoridades burocráticas.** Ao contrário, o carisma conhece apenas determinações e limitações imanentes. O portador do carisma assume tarefas que considera adequadas e exige obediência e adesão em virtude de sua missão. Se as encontra ou não, depende de seu *êxito*. Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante ‘provas’. Mas, neste caso, não deduz seu ‘direito’ da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o *dever* daqueles aos quais se dirige sua missão. [...]. (WEBER, 2015, 2: 324, itálico do autor, grifo nosso).

Aqui, nesta citação, gostaria de chamar a atenção para dois fatores que estão em negrito, e que vão para além dos já apontados no tocante à eficiência e ao reconhecimento coletivo do portador do carisma. Primeiro, gostaria de mencionar os aspectos presentes na forma de administração burocrática, que por sua vez é orientada pelo tipo de dominação racional apresentada por Weber. Realmente, quando observamos a forma de administração presente na Congregação Cristã no Brasil, vemos a presença de valores racionais. Mas, também é possível verificar outros valores que se alinham ao modelo carismático. Ou seja: o líder religioso não é nomeado, portanto não pode ser demitido. Sua inserção no ministério é, nos termos de Léonard, por iluminação (LÉONARD, 1951; 1952; 1953). Ele não possui função de carreira, nem pode ser promovido, ter salário, ou formação especializada para o exercício de sua liderança como ancião, cooperador, diácono, ou quaisquer outras atribuições eclesiásticas. O trabalho é em sua totalidade voluntário, pois não se pode pagar por algo que é percebido como transcendental.

Mas, o alinhamento e as semelhanças que corroboram o modelo presente na CCB, através do típico modelo carismático, ganham outros contornos dentro da mesma citação que está em destaque em negrito. Quando se fala de instância controladora, ou órgão ao qual se possa apelar, esses estão presentes na administração burocrática, porém não na liderança carismática. Estão presentes na administração burocrática a formação de distritos que estejam vinculados a uma central e que por sua vez possuem competências específicas. Aqui podemos ver na CCB que mesmo contando com a participação de elementos vinculados a fatores carismáticos é possível encontrar também elementos da administração burocrática. Dito de outra forma, a Congregação Cristã no Brasil está centralizada em sua Sede no Brás, com pontos administrativos em todos os estados da federação, e com regionais em todas as cidades de maior porte. Todos estão interligados, prestam contas e não possuem autonomia nas tomadas de decisões. Uma forma de pensar este fato é a própria posição de Weber de que

nenhum modelo tipificado é totalmente rígido. Ou seja, ele pode ter mais elementos de um e menos dos outros, sem que deixe de ser quem ele é. Assim, pode-se dizer que a CCB vem construindo ao longo dos anos, um modelo próprio, que é composto tanto por elementos carismáticos, quanto racionais burocráticos, quanto tradicionais.

Conhecer uma religião como a Congregação Cristã no Brasil não é algo simples, não só pelas dificuldades de inserção, mas também por ter características particulares que a coloca em vários momentos como uma denominação distinta de outros segmentos de mesma linha. Talvez estes sejam um ponto contra e um a favor, que tem seus resultados representados no volume e na qualidade de pesquisas sobre este segmento religioso. Assim, nos próximos parágrafos, gostaria de propor uma reflexão em um ponto pouco observado, possivelmente em decorrência de, pelo menos, três fatores: primeiro, o reduzido período de tempo dedicado à pesquisa empírica por parte dos estudos já realizados, ocasionando limitações nas observações e interlocuções, ou seja, a interferência na coleta substancial de dados a médio e longo prazo. A de se considerar a aparente escassez de material escrito produzido pela própria denominação. Logo, a produção de material para atender apenas às necessidades da demanda interna, compõem esta primeira deficiência. Em segundo lugar, uma tendência das pesquisas em reproduzir o que foi produzido em pesquisas anteriores. Os resultados das primeiras pesquisas são tomados como algo dado, um caminho a que todos os estudos subsequentes estão condicionados a seguir. O terceiro são as nossas próprias percepções e conceituações acerca da CCB, usualmente baseadas em nossas próprias visões de mundo.

Por um bom tempo eu mesmo interpretei a Congregação Cristã no Brasil como uma denominação pentecostal que rejeitava valores que julgava necessários à sociedade em geral, sobretudo os construídos sobre a esfera dos conhecimentos técnicos e científicos, acreditando que estes tipos de conhecimentos eram por eles rechaçados veementemente. Na melhor das hipóteses, considerava que estes valores eram por eles tolerados e condicionados a uma escala mínima de acesso. Vários dados foram corroborando esta perspectiva, dos quais cito a desvalorização dos estudos por parte de alguns adeptos em conversas no primeiro ambiente eclesiástico da CCB que eu tive contato; o mesmo se deu com meus interlocutores durante a pesquisa de mestrado, adeptos da CCB, e soldadores de uma indústria metalúrgica, tendo apenas um único interlocutor com o ensino médio e os outros, em sua maioria, com o ensino fundamental.

As pesquisas Miguel (2008), Leite (2008) e Foerster (2009) já apontadas aqui, trouxeram para o cenário da pesquisa a presença de adeptos da CCB, transitando nas esferas acadêmicas. Mas meu contato com Maria Pressuto em 2017, o ancião Celso em 2018 e

posteriormente o contato como doutor Mairon Escorsi Valério, e o doutorando Leonardo Marcondes Alves, os dois em 2019, me despertou para outra realidade, que vai além da rejeição, ou aceitação do conhecimento intelectual por vias humanas. Hoje, posso afirmar que dentro da CCB há adeptos que consideram que os conhecimentos priorizados pela religião e conhecimentos científicos se completam, e sempre que necessário um pode ser posicionado a serviço do outro.

Para fundamentar este assunto, gostaria de utilizar três transmissões orais que mostram o que acabo de apontar. As duas primeiras referem-se à interlocução com o Cooperador responsável pela CCB de Santos Dumont, em Minas Gerais. Estes relatos serão reproduzidos praticamente na íntegra, contando com alguns poucos ajustes para melhor nitidez e compreensão:

> Eu vou contar só um testemunho[96] pra você. Lá em Barueri tem muitas Igrejas da Congregação que são grandes e não é igual aqui, com 100, 150 membros[97]. Lá são 500, 600, 800. Por isso nem todo mundo conhece todo mundo. Tinha um irmão que sempre frequentou os cultos, e o diácono de lá precisava de alguém da Igreja para tomar conta dos banheiros. Ele viu aquele irmão, foi lá, e perguntou: 'Irmão, você não teria prazer em zelar pelos banheiros da Casa de Deus aqui pra nós?'. Aquele irmão falou: 'Ô irmão, Deus abençoe, Deus abençoe!'. Só que aquele diácono não conhecia direito aquele irmão. Mas, se tratando de apoiar, não se liga para estes detalhes. Quando pensa que não, outro diácono chamou aquele irmão diácono[98] e disse: 'Irmão, puxa vida, você chamou aquele irmão[99] pra tomar conta dos banheiros? Aquele irmão é cirurgião cardíaco, irmão. Doutor[100]!'. Aí ele pegou e foi lá e conversou com o irmão: 'Ô irmão, você me perdoe, eu coloquei o irmão para tomar conta dos banheiros, e fiquei sabendo que o irmão é doutor, é cirurgião cardíaco'. Aquele médico falou: 'irmão, nunca me tire isto que você colocou em minhas mãos. Foi Deus que me colocou aqui! Eu nunca senti tanta alegria na minha vida. Nem mesmo no tempo da faculdade quando eu fui diplomado eu nunca senti tanta alegria como tomar conta e limpar o lugar onde os pés dos santos do Senhor pisam'. (Cooperador João: entrevista realizada em 29/12/2018).

Neste primeiro relato, é possível considerar que houve uma sobreposição dos valores religiosos em comparação com valores profissionais, construídos academicamente. Neste quadro, se existe um início de tensão entre diáconos sobre o lugar que ocupa o conhecimento humano adquirido, ou seja, o *status* equivalente ao título de "doutor", é o próprio médico que estabelece a ordem de valor, quando compara as alegrias (a alegria obtida na sua formação acadêmica, a alegria de cuidar da limpeza do banheiro da Igreja).

---

[96] Testemunho é o mesmo que narrar um acontecimento compartilhado com pessoas da própria comunidade religiosa, mas também pode ser direcionado à pessoas fora religião.

[97] Possivelmente, a CCB de Santos Dumont, o número de membros seja realmente de 100, pois nesta denominação, a Santa Ceia é servida e registrada apenas uma vez por ano. Portanto, cada líder religioso sabe bem quantos membros estão rolados em suas Igrejas.

[98] O diácono que havia pedido ao membro da Igreja para limpar os banheiros.

[99] O membro solicitado.

[100] Isto não quer dizer que tenha doutorado, pois é comum no Brasil algumas classes de pessoas que possuem formação superior, serem nominados doutores, dentre os quais se destacam médicos e advogados.

O segundo exemplo recortado na interlocução vem na mesma linha e além de corroborar o anterior, apresenta um elemento novo, a saber, o uso do lugar ocupado na defesa da religião:

> Antigamente, juntavam 10, 20, 30 irmãos e vinham trabalhar. Aqui mesmo em Santos Dumont, esta igreja aqui, veio 52 irmãos. O que era para fazer em dois anos, foi feito em três dias: sábado, domingo e segunda. Terça-feira passaram a régua no que era para fazer em dois anos. Cinquenta e dois irmãos, entendeu?[101] E, lá em São Paulo, sempre fez estes movimentos. Um dia lá em São Paulo, um irmão anunciou que iria construir no norte de Minas, uma igrejinha, e que estavam com bastante necessidade. E, lá tinha um Juiz congregado[102]. E, na Congregação ele é visto simplesmente como um servo de Deus. Não muda nada. Eu não vou tratar na Congregação, você melhor porque é um magistrado. Jamais! Você assentou no banco, você é um testemunhado ouvinte, ou é um servo de Deus domesticado[103]. Somente! Não é porque você é Juiz que você tem que ter um tratamento diferente de um analfabeto. Não muda nada, você entendeu? E, este irmão Juiz que estava congregado, ouviu anunciar e disse: 'Ô irmão, eu não podia ir com vocês lá nesta missão?'. O irmão falou: 'Ó irmão, já está cheio, mas se o irmão quiser ir com o seu carro, vamos juntos!'. O Juiz se alegrou. Olha o que é o testemunho do milagre: Este Juiz pegou e foi atrás dos irmãos. Chegou na obra, muito combatida pelo movimento católico que não queria, aí os irmãos estavam trabalhando, chegou uma viatura com um dito policial que disse: 'Pode parar com isto aí! Aqui não tem autorização para crente fazer igreja, não!'. Os irmãos, coitadinhos. Um parou, outro parou, e quem estava lá. Aí sim. Aí sim apareceu o Juiz, está entendendo? Este Juiz, sabe o que ele estava fazendo? Ele não sabia fazer nada, um daqueles irmãos que estava ali, responsável pela obra, disse: 'Ô irmão Zé, você quer puxar aquela areinha daqui pra ali?'. Só pra dar um servicinho pra ele. Aí, ele foi puxando devagarzinho, carregando aquele carrinho, puxando. Quando ele viu aquele movimento, viu a viatura, ele observou que o policial chegou todo autoritário e mandou o pessoal parar. Aí, aquele Juiz parou aquela função, chamou os policiais e perguntou: 'vem cá, a nossa Constituição brasileira determina que vocês tenham esta autoridade?' O policial começou tratar o irmão como se fosse um Zé Mané qualquer. Está entendendo? Quando pensou que não, ele só arrancou a carteirinha dele!!!! 'Ô meritíssimo, o senhor me desculpe [falou um dos policiais]!'. '[O juiz disse]: Por gentileza, todos dois, pra delegacia agora que eu passo lá, já, já'. Você viu, por que um Juiz Federal?
> Os policiais foram fazer uma coisa que não era função deles. Eles foram arbitrários. Você entendeu como é? Pronto, ele chegou lá, chamou o delegado, passou a sentença, e aí, quando ele voltou para a obra, Deus disse para ele: 'meu filho, você não precisa fazer mais nada aqui, sua missão era só esta'. O Juiz pegou o carrinho dele, despediu dos irmãos e foi embora. Está entendendo? (Cooperador João: entrevista realizada em 29/12/2018).

Assim como no exemplo anterior, em um primeiro momento aponta para uma incerteza do que é prioridade. Se são os valores religiosos, ou os valores inerentes ao cargo intelectual de cunho acadêmico. Se no primeiro momento, na narrativa do cooperador João, o Juiz é um homem comum e dispensável, a ponto de ter que ir com seu próprio meio de

[101] Realmente a Igreja foi construída em um período muito reduzido de tempo. Na época da construção, o pesquisador não havia dado nem mesmo os primeiros passos em direção à formação acadêmica. Nem mesmo em direção a graduação, quanto mais a pesquisa. Porém, foi possível acompanhar a construção (realizada na década de 90), pois esta ficava próximo da casa de seus pais. Tecnicamente, sabe-se que na construção civil, o tempo é parte do processo, sobretudo, os trabalhos que envolvem concreto, que pode levar até quinze dias para secagem completa de Lages, colunas e vigas. Três dias, impensável.

[102] Que fazia parte do rol de membros daquela igreja.

[103] No sentido de doméstico da fé, ou seja, uma pessoa que faz parte da casa.

locomoção, mais à frente os irmãos, exceto o Juiz, são os "coitadinhos". Na mesma narrativa a possibilidade de contribuição do Juiz não é valorizada, quando se diz que ele não sabia fazer nada e a única forma de inseri-lo entre os outros era lhe dando um "servicinho", puxando matéria-prima para o trabalho. Ele foi reduzido a menos que um ajudante no trabalho da construção civil. Seu *status* ganha um novo sentido quando o guarda o vê como um "Zé Mané qualquer", mas o Juiz dá uma carteirada do tipo "Você sabe com quem está falando?" e encerra sua participação quando de volta da delegacia: com as pendências resolvidas ele escuta de Deus que poderia retornar para seu local de origem, porque sua missão já havia terminado.

Fatos como este, cada vez que são narrados e compartilhados, atuam na formação de comportamentos que serão reproduzidos pelos adeptos todas as vezes que estiverem em situações semelhantes, ou seja, possui características pedagógicas. Mas, ao mesmo tempo, transmitem significados, ordenam valores, criam tendências individuais e coletivas. Esses modelos de transferência teórica podem ocorrer em situações restritas, ou seja, direcionado a um único ouvinte. Mas também pode ser direcionada ao grupo de sectários e visitantes.

O terceiro exemplo foi uma pronúncia para um grupo formado por centenas de pessoas, composto por semelhanças e diferenças em linha com os exemplos anteriores, mas contam com a mesma conclusão:

> Lá em São Paulo nós temos um irmão que é promotor de justiça. É um homem muito estudado, cabeça boa e ele tinha o desejo de ser pregador. Os irmãos estavam precisando de um porteiro, oraram a Deus e sentiram de colocá-lo como porteiro. Quando ele ficou sabendo que ele ia ser colocado como porteiro, ele se revoltou. Ele era crente novo, com dois anos de crente, nunca ninguém ofereceu nem a palavra pra ele e quando convidaram para porteiro, ele disse: 'não quero de maneira nenhuma! Eu que sou autoridade, vou ser porteiro na Igreja? Não, porteiro não!' Aí ele foi pra casa e o Senhor deu a ele uma visão, que se não fosse pra servir a Deus naquilo que eles estavam requerendo dele, então, que o seu lugar no Céu não existia, o nome dele seria riscado. Aí ele ficou aflito, não conseguiu falar com os irmãos, e passou uns dias. Na primeira oportunidade ele procurou os irmãos pra poder ir correndo para o lugarzinho dele na porta. Aí os irmãos falaram: 'Ah, nós já colocamos outro. Não tem mais vaga'. 'Não tem vaga?' 'Não tem'. 'E qual serviço que tem?' 'Só tem vaga no banheiro pra lavar os vasos do banheiro'. 'É meu, tá fechado!' Até hoje ele cuida dos vasos do banheiro. É promotor de justiça. Santo é o Nome do Senhor. Está obra é santa, essa obra é de Deus. (Preletor no Culto da CCB Central de Manaus/AM em 09/02/2020).

As reproduções das três transmissões contam com uma unidade comum entre elas e nem mesmo a distância de mais de 4.000 Km (quatro mil quilômetros) e as chances praticamente nulas entre os propagadores de se conhecerem, ocasionam o desalinhamento dos pontos reproduzidos pela religião. Em momento algum o elemento intelectual permaneceu como o pilar fundamental da denominação, ou da crença religiosa, e sim como auxiliador quando necessário. Neste terceiro exemplo, nota-se que, no momento em que a posição

decorrente de um lugar visto como imponente, mas humano, ganha projeção, Deus entra cogitando inclusive com sanções, passíveis de exclusão no por vir. Além disso, quando se relata a entrada e permanecia de um promotor de justiça como zelador dos banheiros da igreja, não só se coloca a ordem de prioridade para a religião, mas ao mesmo tempo justifica a situação dos que já foram inseridos e também daqueles que serão incluídos no futuro. Entre as mensagens transmitidas ao grupo fica a de que se Deus, através de seus representantes pode escolher um promotor para limpar os banheiros, qualquer um pode ser escolhido, sem que se sinta constrangido, desvalorizado, perseguido ou prejudicado. Outra referência que não pode sair de vista é a ordem das coisas. Ao que parece, aqui a ordem das coisas, altera sim o produto. Por isso é possível perceber entre tudo que foi dito, uma forte manutenção sistematizada de tudo aquilo que está definido.

Em paralelo com o que foi mencionado acima é possível dar seguimento a outras duas características que compõem a visão de mundo e o estilo de vida religiosa dentro da Congregação Cristã no Brasil. Sendo que ambas possuem um forte apelo dogmático, ou seja, que não se deve mexer. Falo da percepção que esta denominação tem sobre fidelidade e humildade. Nesse sentido, se houver um esforço na análise dos dados empíricos coletados, assim como das falas dos interlocutores, é possível perceber comportamentos e reproduções através dos testemunhos e mensagens que vão corroborar tais fundamentos. Por exemplo: ao inserir um Cirurgião Cardíaco, um Juiz Federal e um Promotor de Justiça em atividades tidas como triviais em âmbito geral, porém especiais quando o assunto é o estar a serviço de Deus, não só fornece uma inversão de valores, mas também exige dos envolvidos uma demonstração de fidelidade e de humildade. O relato abaixo pode subsidiar o que foi sinalizado, e somados aos anteriores podem ampliar mais um pouco o panorama de reflexão sobre esta religião:

> Existe muita fidelidade não só para com Deus, que é o principal, mas de um servo para com o outro. Os irmãos se honram, se estimam, se respeitam muito. Eu vou contar apenas uma particularidade, uma coisa que passou. Em 1962, mais ou menos, o meu pai [Miguel Spina] estava em uma missão em Portugal e pediram batismo na Espanha, e meu pai foi fazer o batismo na Espanha. Conforme chegou na Espanha para fazer o batismo, cruzou a fronteira de Portugal com a Espanha, ele foi preso pela imigração. E o companheiro dele de viagem, que saiu do Brasil para ir para a Europa com o meu pai, o Irmão Francisco Gonzáles. Ele era diácono na Congregação e foi acompanhando o meu pai. Chegando lá o meu pai foi preso e esse Irmão Francisco Gonzáles ele era espanhol, então a imigração não prendeu ele, deixou ele livre e como, na época do Franco[104], ditador, não podia fazer cultos evangélicos, então meu pai foi conduzido para a penitenciária e o Irmão Francisco, chamado Irmão Chiquinho falou: 'Não! Se meu amigo, meu Irmão foi preso, eu estou com ele, eu quero ficar com ele!'. *Não senhor, ele vai ficar no cárcere! O senhor pode ir embora!* Ele falou: 'Não! Eu vim em missão com ele e estou em

[104] Confere: Francisco Franco foi Chefe de Governo da Espanha entre 1938 e 1973.

> missão com ele. O que ele passar eu vou passar também!'. E fez questão de dormir na cadeia com o meu pai. Depois de alguns dias, o meu pai passou por todos os interrogatórios, aí eles falaram: 'olha, nós vamos soltar o senhor, mas não faça batismo!'. A resposta do meu pai: 'Não! Eu vim aqui para fazer o batismo, eu vou fazer o batismo. O senhor me perdoe, com todo respeito às leis, com todo respeito as autoridades, mas eu vim aqui para uma missão. Eu preciso fazer esse batismo, é uma alma que quer ser salva e é minha responsabilidade!'. Aí o delegado falou: 'Então, o senhor vai embora daqui, então!'. E soltou o meu pai, com o Irmão Chiquinho. O meu pai foi direto na casa da pessoa que estava interessada em se batizar, fez o batismo, foi apedrejado, mas fez o batismo. E o Irmão Chiquinho, apedrejado com ele. Pra você vê o que é fidelidade entre os conservos. (Sr. Miguel Lysias Spina: entrevista realizada em 06/05/2020).

Aqui, neste relato também é possível perceber que essa fidelidade pode ser levada até às últimas consequências, inclusive envolvendo certo nível de sofrimento, ou de prejuízo físico e emocional. A fidelidade a Deus, a sua Igreja e ao seu "Irmão" de fé, na maioria dos casos são colocados acima dos próprios interesses. Creio que um dos mais emblemáticos exemplos disto envolve o casamento e seu gerenciamento.

As lutas, conquistas e as transformações na vida social das mulheres na atualidade vêm dando cada vez maior autonomia a muitas delas para que sigam suas próprias vidas nos casos em que se vejam em situação de risco. É cada vez mais comum os casos em que elas podem se manter financeiramente, adquirindo maior confiança em seguir uma trajetória própria. Por sua vez, também aos homens há menor pressão em se manter preso a um relacionamento que deixe de corresponder às suas expectativas. Dentro de um quadro como este, o que poderia manter uma relação vista com insalubre? A fidelidade por um lado e o medo da perda de direitos reais, simbólicos e metafísicos de outro. É isto que podemos observar no relato do Sr. José[105], que foi um de meus interlocutores, somado a um segundo relato, o de Fabiana. Ambos são de mesma ordem, mas os percursos seguiram por caminhos distintos, justamente porque as escolhas destas pessoas foram diferentes. Vamos iniciar pela contribuição do Sr. José:

O Sr. José, adepto da Congregação Cristã no Brasil desde sua infância, permaneceu ligado a um casamento visto por todos como conflituoso. Sua esposa, cujos pais eram da CCB, e lhe forneceram um ambiente religioso pentecostal de educação, tinha uma personalidade forte, e de difícil relação interpessoal. Mas ninguém era mais penalizado que o esposo, visto até hoje como um "irmão" manso, educado, querido por todos, incapaz de revidar qualquer ataque, de quem quer que seja. Este, mesmo capaz de absolver os impactos desta relação, e as ocorrências de anos, sempre que possível, recorria aos filhos e aos "irmãos". Pedia que intercedessem por ele, conversando com esposa e assim, amenizasse seu

[105] Neste caso, optei por um nome fictício.

sofrimento. Não poucas vezes, passou por sua mente abandonar tudo e "sumir no mundo". Mas isso nunca aconteceu e ele foi fiel até o fim de sua "prova". O Sr. José, quando sua esposa faleceu, disse: "sabe de uma coisa, **eu estou liberto**! Porque ela me prendia muito. Não estou falando mal, não. Era o sistema dela" (grifo nosso). Ele complementa:

> Eu sofri[106]. Não sei, mas espero que o meu nome esteja escrito lá no Céu. Comer na mesa, irmão! Colocava na mesa as panelas de feijão, arroz, carne. Ela era caprichosa, asseada, qualidade maravilhosa. A hora que eu pegava a concha para colocar a comida no prato ela ficava olhando. Deus me livre se aquela concha relasse na vasilha[107] que eu estava comendo, ou no garfo. Ela jogava na pia. [...]. Isto era a vida cotidiana das mais terríveis. Irmão, quantas vezes o telefone tocava lá na Empresa: *Alô, alô,* que alô o que. Nada! Eu sofri até. [...]. Era pra saber se eu estava lá, porque se eu dissesse alô, eu estava lá, se eu não dissesse alô é porque eu não estava. Que sofrimento, viu! Sofri, quarenta e cinco anos deste jeito, irmão. Desse jeito. Mas, o pior de tudo isto era esconder a minha roupa para eu não ir pra Igreja. [...]. Eu passei mais ou menos uns seis meses. Eu chegava do serviço que era sujo, porque mexia com caminhão na obra e andava na roça. Chegava do serviço, tomava banho e não tinha roupa pra vestir. Tinha vezes que eu vestia aquela roupa suja de novo. Pelado eu não ia ficar. Tinha vez que eu tinha uma calça e uma camisa tão desgastada, que eu vestia pedindo a Deus que não chegasse ninguém em casa, para não me ver naquela situação, né? Nosso Deus. (Sr. José: entrevista realizada em 26/10/2018).

O Sr. José permaneceu casado, mesmo passando por dificuldades por quarenta e cinco anos, recorrendo sempre que possível a algumas pessoas de confiança para que conversassem com ela, na tentativa de resolver, ou amenizar a situação. Algo que jamais trouxe os resultados esperados. De acordo com o meu interlocutor, este quadro nunca se alterou e só foi resolvido com a morte de sua esposa em decorrência de uma série de fatores relacionados à diabetes, mas, sobretudo, outras complicações decorrentes de "pressão alta e sistema nervoso", segundo ele.

Ao longo destas quatro décadas e meia de casamento, ele passou por inúmeras dificuldades, pensou em se separar: "eu pego um dinheirinho e sumo, mas não vou dar endereço pra ninguém, isto porque eu tinha medo de me separar e ficar por aí e que ela mandasse me matar. Tinha medo mesmo!". E, nem mesmo a possibilidade de se ver em risco de morte, fez com que ele rompesse o relacionamento, visto como insalubre.

> Um dia eu acordei, irmão (eu não sou um crente de fé[108], penso que não). Um dia eu acordei e ela estava com uma gilete na mão. Aí ela falou: 'tentei fazer um negócio, mas não deu certo!'. Eu podia perguntar: mas por que não deu certo? O que te empatou[109]? Eu podia ter falado, mas fiquei quietinho. O irmão sabe o que é gilete, né? (Sr. José: entrevista realizada em 26/10/2018).

[106] Sinais claros de emoção, com olhos lacrimejando moderadamente.
[107] Prato.
[108] Uma pessoa sem o carisma weberiano.
[109] Impediu.

Quando questionei se era gilete de fazer barba, ele complementou mais um pouco dizendo: "Tava na mão dela, eu acordei, aí ela falou 'tentei fazer um negócio, mas não deu certo'". Ainda para esclarecer melhor o assunto, tirando ao máximo as possibilidades de uma interpretação equivocada, eu segui perguntando: "Mas o senhor achou que ela ia fazer algo contra o senhor, ou fazer contra ela mesma?". Ele me respondeu convicto: "Não, não, com ela não. Era comigo! Se fosse com ela, ela tinha feito. Nosso Deus do céu!" (Sr. José: entrevista realizada em 26/10/2018).

É perceptível que estamos diante de um exemplo atípico de tensão conjugal, mas que sinalizam parte das dificuldades que pessoas que fazem parte da Congregação Cristã possuem em finalizar uma relação, mesmo quando esta é insalubre e perigosa.

Em 2005, conheci e fiz amizade com o Pedro[110]. Ficamos alguns anos sem nos ver, mas em 2020, retomamos o contato. No primeiro ano de nosso relacionamento, foi possível através dele, acessar um caso de real risco físico e de morte envolvendo uma adepta da Congregação Cristã no Brasil. A história envolvia a cunhada dele. Ela era membro da Congregação Cristã no Brasil, em uma igreja na região metropolitana de Curitiba, e corria risco de morte dentro de um casamento arriscado com um marido que não era religioso. Ele (o marido) passava boa parte de seu tempo em bares. Infelizmente o fim foi o pior possível, resultando no assassinato mulher (cunhada de Pedro), ocasionando um trauma insuperável para a família e, também, uma revolta contra a Igreja, por atuar na manutenção da relação, mesmo diante de um risco eminente.

Tentando resgatar este assunto, conversei com Pedro no final de 2020. Pedro não é membro da CCB, e está entre à parte dos familiares revoltados. Atualmente, já aposentado, seu maior objetivo é cuidar da melhor forma possível de sua esposa, com depressão. Ela é irmã da vítima. Agora como pesquisador e não como amigo, sabendo que esse é um assunto caro e traumático para ele e sua família, procurei retomar o tema que tive acesso há aproximadamente 15 anos, com o maior cuidado possível. Procurei respeitar seus limites – se é que isso é possível em um caso destes – e deixei claro que ele poderia rejeitar responder o assunto. A introdução e o desenvolvimento da pergunta foram estas:

> Pedro[111], eu estou concluindo o doutorado em ciências sociais pela Universidade Estadual Paulista, pesquisando a Congregação Cristã no Brasil. Gostaria de conversar com você sobre este tema e entrevistá-lo se possível sobre sua cunhada que era da CCB. Sei que é um assunto delicado e doloroso para você e sua família, mas ajudaria na composição de minha tese. Se for possível eu agradeço, mas se não quiser falar sobre o assunto, eu entendo? (Contato por WhatsApp, em 08/11/2020. Resposta dentro fiel ao contexto, com algumas correções).

[110] Nome fictício.
[111] Nome fictício.

Imediatamente, após ele ter lido, a resposta dele foi: "Olhe irmão[112], este assunto para nós, ficou no passado. Creio que não gostaríamos de olhar para trás e sim, seguir em frente. Vou ficar te devendo." (Contato por WhatsApp, em 08/11/2020. Resposta fiel ao contexto, com algumas correções).

Diante desta resposta e na tentativa de minimizar a dureza do quadro eu escrevi a ele novamente: "Compreendo Pedro, e é nobre sua decisão. Tem assuntos que o melhor é que ele esteja no passado mesmo". E concluí: "Mas, mudando de assunto, como você está aproveitando sua aposentadoria?". Sua resposta foi:

> Olhe companheiro, foi difícil de acostumar, mas se eu não tivesse parado, minha esposa já teria morrido. Hoje é só eu e ela, e ela e eu. Eu cuido dela e ela cuida de mim. Melhorou 100 por cento, não toma mais remédio e é outra pessoa. Aí eu pergunto: tem horas que temos que escolher. Deus deixa em nossas mãos... (Contato por WhatsApp, em 08/11/2020. Resposta fiel ao contexto, com algumas correções).

A respeito da escolha, anteriormente ele já havia tocado no assunto dizendo que "tem horas que a gente tem que optar: dinheiro ou família" (Contato por WhatsApp, em 08/11/2020. Resposta fiel ao contexto, com algumas correções).

Ao final de nossa conversa ele me disse: "Sabe irmão, foi um grande prazer falar com você. Peço desculpas por não poder te ajudar" (Contato por WhatsApp, em 08/11/2020. Resposta fiel ao contexto, com algumas correções).

Talvez diante destes dois quadros apresentados – o do Sr. José e o da cunhada do Pedro – fica a pergunta: Por que dar manutenção em relacionamentos com tamanha infelicidade e, acima de tudo, marcados por elevados riscos de morte? Quais seriam as razões que justificariam o fato de uma pessoa viver toda uma vida infeliz e incompleta, sem romper com aquilo que não lhe faz bem, ou que reiteradamente sinaliza uma possível tragédia? Creio que a resposta não é simples e precisamos retomar elementos relativos a algumas regras defendidas pela denominação. Tais regras são levadas a sério pelos adeptos da CCB e muitas vezes até às últimas consequências por parte dos envolvidos.

A primeira regra propagada pela Congregação Cristã no Brasil, e talvez a mais importante, é não se unir com pessoas que não façam parte do grupo, ou seja, os "estranhos na fé". Isto vale para todas as relações, como sociedades em negócios, relações interpessoais, e é claro, casamentos. Porém isso não quer dizer que não existem exceções. Há casos em que a pessoa, membro da Congregação Cristã, inicia o namoro com alguém fora do grupo, que as vezes evolui para noivado, mas o casamento mesmo, só ocorre após a conversão da parte não

[112] Por ser adepto de uma denominação evangélica – Igreja do Evangelho Quadrangular –, assim que entrei na Empresa, me colocaram o apelido de irmão. Alguns poucos me chamavam de pastor.

"crente". Nestes, a demora em marcar a data do casamento, deixa claro o que está impedindo a conclusão do processo matrimonial. Outros desfechos para este tipo de cenário é o rompimento do relacionamento por falta de adesão à Igreja e aos valores propagados por ela. Ou ainda, a decisão pode ser por conta e risco de seguir para o casamento com uma pessoa que não tenha os mesmos objetivos religiosos. Aqueles que optarem por esta escolha, além de carregarem integralmente a responsabilidade, assumem a responsabilidade de quaisquer cobranças. Portanto, tudo o que der errado em sua vida, ou dentro do casamento, e até mesmo dos infortúnios sofridos, repousará sobre seus ombros. Ele ainda pode sofrer sanções imediatas, sobretudo na liturgia do culto, deixando de ter acesso às oportunidades que contemplem sua relação com Deus.

Neste sentido, dentro da Congregação Cristã no Brasil, a união com uma pessoa de fora não é resultado de um "iluminismo religioso". Ou seja, não se baseia em uma série de orações, pedindo resposta a Deus quanto à aprovação ou reprovação. Porquanto, os legitimados à união são de antemão estabelecidos por critérios de outra ordem. São desdobramentos de cunho muito mais racionais e objetivos: o critério fundamental é ser um "irmão ou irmã de fé". Eles não são, por princípio, transcendentes, emocionais ou tradicionais. Neste último caso, os critérios que são repassados para a sociedade religiosa, antes de serem vistos como uma tradição, visam dentre outras coisas, o não enfraquecimento do grupo. Assim, eles procuram garantir a coesão além de minimizar as possíveis tensões, inclusive as que podem resultar em casos de violências. Em Assembleia, a definição quanto às formas de união são estas:

> Moços e moças que casam com estranhos à nossa fé, costumávamos, aqui no Estado do Paraná, a cortar da comunhão da Igreja, não os considerando mais como irmãos. Anunciava-se isso perante a irmandade. Para este critério notava-se, entretanto, um inconveniente. Posteriormente o Senhor dava lugar de arrependimento ao faltoso ou a faltosa, chamando a esta graça o cônjuge que não era crente, e às vezes batizando até a ambos com a promessa do Espírito Santo. Éramos então obrigados a recebê-los novamente na Igreja. Tal critério ocasionava confusão. Deliberam os servos de Deus que, a partir desta data, não mais serão cortados da Igreja os que se casarem com estranhos à fé: TIRAM-SE-LHES TOTALMENTE AS LIBERDADES NA CONGREGAÇÃO. Não poderão mais chamar hinos, orar, testemunhar, levantar com a palavra, nem exercer ministério algum ou ocupar qualquer cargo. Mas continuam com a liberdade de se congregar. Não podemos tirar-lhes o hinário, a Bíblia ou o véu, pois tais objetos lhes pertencem. E com referência a Santa Ceia, não podemos negar a tais irmãos e irmãs. Participar da comunhão da ceia do Senhor é caso de consciência. [...]. Quando em nossa Congregação surgirem casos de moços ou moças que estão namorando com estranhos à nossa fé, podemos orar ao Senhor e chamar estes irmãos ou irmãs a conselhos, exortando-os a esperar no Senhor que Ele tudo prepare. Aconselhamo-los dentro da Palavra de Deus a não se unirem com um jugo desigual com os infiéis. Se estão realmente namorando pessoas não crentes, peçam forças ao Senhor e cortem prontamente o namoro, pois certamente Deus se agradará disso e abençoará grandemente quem se colocar dentro da obediência. Se a pessoa atender louvado seja Deus. Se não atender e o casamento vier a se realizar, faz-se então como foi ensinado nesta Reunião: Corta-se a liberdade da pessoa

> faltosa. Mas continua a ser considerada irmão ou irmã, podendo se congregar. Convém, os servos de Deus, sempre que o Senhor ponha isso adiante para falar, exortarem a mocidade a não se prender com jugo desigual com os infiéis. Que procurem um santo ou santa de Deus para se unir em matrimônio, clamando a Deus e esperando nele para dar um passo tão importante como esse. Os moços têm mais responsabilidade do que as moças, pois há mais moças do que moços e as moças esperam que os moços as peçam. Se estes, que são em menor número, [ao] procurarem pessoas não crentes, a situação se agravará ainda mais (Assembleia Geral de 02 e 03 de novembro de 1968).

Em 2013, com surgimento no século XX dos meios digitais, e avanços sem precedentes, sobretudo no século XXI, a Congregação Cristã reforça os valores religiosos acima, e também aborda o tema – namoro e casamento – incluindo aquele que é uma das mais importantes invenções presentes no mundo atual, ou seja, a Internet. Esta trouxe uma preocupação a mais em relação aos possíveis desdobramentos indesejáveis:

> Tem se observado que persiste a prática de relacionamento via internet. Essa prática tem trazido sérios problemas para muitas famílias onde pessoas se conheceram por este meio, namoraram e casaram-se, porém não foram felizes, e isso ocorreu por falta de conhecimento das suas verdadeiras origens, as quais, pessoas mal intencionadas usaram essa prática provocando a infelicidade matrimonial. Em se tratando de casamento, é necessário conhecer a pessoa quanto à sua vida passada, seu caráter e testemunho, antes de assumir o compromisso de um possível matrimônio. O ministério exorta a irmandade e a mocidade a evitar essa prática (Assembleia Geral de 26 a 30 de março de 2013).

Se por um lado, a ordem é fechar a porta de entrada para relacionamentos externos, após o casamento a regra é tão ou mais dura que esta quando o assunto é a separação, que só é permitido em casos de adultério do cônjuge. E mesmo assim, estes produzem estigmas futuros, como por exemplo, a não aprovação de casamento entre um ancião, cooperador ou diácono com uma mulher que seja divorciada, mesmo se esta tenha sofrido traição do marido e decidido se separar legitimamente deste. Nestes casos, se o membro do ministério optar pela união, ele precisa renunciar seu cargo, o que resulta em um tipo de punição, mesmo nos casos em que o divórcio é permitido.

Fora os casos de adultério, à pessoa divorciada não lhe é permitido contrair um novo matrimônio, mesmo que o relacionamento anterior tenha sido insalubre, perigoso, infeliz, ou com algum tipo de incompatibilidade. Em tese, nada justifica a separação, embora em alguns casos de risco real, as lideranças orientem o rompimento com o perigo, e nestes casos, a separação. Não obstante, a reprovação e consequentemente as sanções ficam nítidas quando as pessoas nestas condições partem para outro relacionamento, mesmo que tenham se divorciado legalmente, e casado novamente de acordo com as leis vigentes no país. Estes, além de passarem a ser considerados adúlteros, perdem a liberdade de acessar totalmente os bens e serviços religiosos, deixando de ter liberdade, sendo privados, como já dito anteriormente, de “chamar hinos, orar, testemunhar, levantar com a palavra, nem exercer

ministério algum, ou ocupar qualquer cargo". Poucos conseguem suportar estas sanções. Um exemplo disto é Fabiana Zarbano.

Fabiana conheceu o marido dentro da Igreja e começaram a namorar. Em um ano estavam casados. O namoro não foi marcado por problemas, transcorrendo sem muitos conflitos, e dentro do padrão exigido pela Congregação Cristã, envolvendo muito temor em relação ao pecado. Durante o percurso do namoro, segundo ela, vinha sempre em sua mente à frase: "A alma que pecar, essa morrerá!" (Fabiana Zarbano: entrevista realizada em 07/04/2020). Este fato contribuiu para o casamento precoce. Com o casamento, ele, o marido, se mostrou uma pessoa "boa, trabalhadora, porém era uma pessoa muito ciumenta, muito imaturo" (Fabiana Zarbano: entrevista realizada em 07/04/2020), o que ocasionou episódios de conflitos e consequentemente a separação, mesmo com o aumento da família, que já contava com duas filhas. O casamento durou pouco menos de dez anos:

> Quando a minha filha mais nova tinha aproximadamente três aninhos, eu decidi que não queria, que não dava mais, porque era muitas coisas que ele me falava, me magoava e eu não conseguia mais gostar dele, eu não conseguia mais olhar na cara dele, não conseguia mais dormir com ele. Desgostei! Então eu falei que queria o divórcio. Ele na verdade no começo não queria, mas depois aceitou e eu saí de casa. Eu fui cuidar das minhas duas filhas, fui trabalhar limpando casas de outras pessoas e ainda assim ia na Igreja de vez em quando. [...]. Mas antes disso, os irmãos foram lá em casa e falaram: 'Olha, como é que está o negócio, vocês vão se separar mesmo, você sabe que se vocês se separarem, vocês não vão ter mais liberdade na Igreja, que significa que você não vai poder mais tocar, não pode mais pedir hino, nem levantar e ir lá na frente para testemunhar e nem orar. Você pode ir congregar na Igreja, porém você não terá mais essa liberdade. Eles vieram na minha casa, disseram que já haviam falado com ele, e ele também dizia que não tinha jeito mesmo, que era uma incompatibilidade de gênero e como não era por conta de uma das partes ter cometido adultério, que os dois ficariam sem liberdade. Uma coisa que eu não posso deixar de falar, é que quando eu estava passando por muito aperto, quando eu estava trabalhando pouco, com as duas meninas, sem pensar ou imaginar, as irmãs da Obra da Piedade, que tem um departamento dentro da congregação que supre quem está em necessidade. Não sei como, eles ficaram sabendo porque eu já não congregava muito tempo, eu acredito que foi revelação de Deus mesmo, porque tudo que eu comprava (as minhas meninas eram muito chatas com o negócio de comida), veio. Tudo que a gente comprava! Como se elas soubessem?[113] Tudo, tudo, tudo de dentro da minha casa. (Fabiana Zarbano: entrevista realizada em 07/04/2020).

Quando olhamos para os exemplos anteriores, e somamos com este de Fabiana é possível encontrar elementos que justifiquem a permanência no casamento que se alinhe com a fidelidade a Deus, a Igreja e a família, pois o rompimento de um relacionamento pode provocar o que os religiosos da Congregação Cristã chamam de "escândalo". Mas o fato é que certamente, para alguns, o receio de perder o acesso a alguns bens simbólicos fornecidos pela religião é muito maior do que o sofrimento decorrente de uma vida infeliz, ou até mesmo em

[113] O atendimento realizado a Fabiana Zarbano foi apenas por uma vez. Além das Irmãs da OP ter levado alimentos, segundo Fabiana, elas também deixaram uma quantia significativa de dinheiro para outras despesas.

relação ao risco de morte. Além disso, está presente a conceituação religiosa de ser melhor se sujeitar ao sofrimento no mundo presente, para ter direito a uma vida eterna em um mundo por vir. A falta de fidelidade a Deus e a Igreja, ou a inexistência de medo da perda de privilégios religiosos aqui e agora ou supranaturais, pode ocorrer em rompimento religioso e uma possível exclusão. Exclusão que é muito mais pela aplicação de mecanismos psicológicos, do que de forma pública e explícita. Esta escolha de atuação é muito mais para se evitar futuras exposições e ações judiciais, do que por valoração do outro. Seja como for, este contexto pode ser visto também como outra forma de como a Congregação Cristã no Brasil mantém seu padrão.

Uma leitura atenta dos três casos citados indica que, quando estamos falando de parte da tradição presente na CCB, percebemos que não estamos falando de perspectivas legalistas ou progressistas. A denominação representa, e se assemelha a segmentos de nossa sociedade que construíram seus valores em torno de uma tradição levada às últimas consequências. Este tipo de conjuntura acaba coibindo – muitas vezes através de meios psicológicos – possíveis mudanças. Quando pensamos e aplicamos está lógica de preservação de algumas tradições presentes na CCB em outras esferas da nossa sociedade, é possível perceber que algumas das atitudes da denominação retratam também outras conjunturas sociais. Elas se alinham com aquelas estruturas que impedem ou retardam possíveis emancipações. São estas esferas que muitas vezes resistem à independência das mulheres, combatem os direitos das minorias sociais, promovem a perpetuação de grupos que historicamente já são privilegiados, rejeitam diferentes formas de pensar e, muitas vezes, deixam de dar a devida atenção às minorias sociais que historicamente são tão penalizadas.

Dito isto, aproveitando os relatos da Fabiana, gostaria de abordar um tema relevante na estrutura da Congregação Cristã no Brasil, retomando parte do relato da interlocutora, quando esta menciona as “irmãs da Obra da Piedade”. Agora, voltando-me para a atuação prática feminina, que ocorre, muitas vezes, sem o devido reconhecimento merecido. Acredito ser esse mais um pilar na compreensão desta religião. Portanto, a seguir, gostaria de falar do lugar da mulher em um dos departamentos mais importantes na equidade da Congregação Cristã: as “irmãs da Obra da Piedade”. Este departamento procura dar a atenção necessária àqueles que estão em situação de vulnerabilidade. Estas pessoas são alcançadas através de um grupo de mulheres especialmente escolhidas. Aqui, será possível perceber como elas são impedidas de um protagonismo institucional, em detrimento de um lugar priorizado aos homens. Nos parágrafos que se seguem, procuro dar a essas mulheres um merecido reconhecimento, partindo de uma pontuação de Willems sobre a Obra da Piedade.

Emilio Willems, como antropólogo, pesquisou, entre outros objetos de estudo, algumas denominações pentecostais. Ao comparar a Congregação Cristã com outras denominações na década de 1960, concluiu entre outras coisas que a CCB possui uma forma de atendimento exclusivo ao grupo. Esta rede de atendimento realmente funciona de forma ordenada, mobilizando através de seus religiosos os recursos necessários. Todos os componentes do grupo que ajudam, o fazem sem que ninguém receba méritos destacáveis. Para isso, o conceito que é utilizado pelo grupo religioso é o de "piedade", que substitui o conceito de "caridade", utilizado por outras agências pentecostais. De acordo com o Willems,

> [...] dados consideravelmente comparativos, chegamos à conclusão de que, de todas as seitas pentecostais a Congregação Cristã do Brasil provavelmente adotou a atitude mais intransigente no que diz respeito à prática da caridade. A palavra caridade parece não existir no vocabulário da seita. A Obra de Piedade é usada em vez disso, e tudo é realizado pelo ministério da piedade, um tipo de departamento que é operado principalmente por mulheres.
> A obra está centralizada na cidade de São Paulo e todos os negócios são realizados em uma das várias dependências do templo principal. Nas reuniões semanais participam aproximadamente cem mulheres que exercem funções comparáveis às de assistentes sociais. Muitos deles apresentam casos que requerem algum tipo de assistência. Todos os candidatos devem ser membros da seita; a decisão final sobre se um candidato é digno de ajuda é deixada ao Espírito. Os diáconos presidentes, buscam inspiração em orações silenciosas e consultam-se antes que o caso seja decidido. Dessa maneira, alguns candidatos são recusados e outros são atendidos, após um exame cuidadoso das circunstâncias em que a pessoa se encontra (WILLEMS, 1967, p. 148, tradução nossa)[114].

Ele ainda complementa suas observações:

> Às vezes, os membros necessitados recebem alimentos, roupas, combustível ou utensílios domésticos; Às vezes, pequenas somas de dinheiro para ajudá-los durante períodos de desemprego ou doença. Em casos específicos, o conselho pode achar aconselhável ajudar um membro financeiramente a estabelecê-lo em algum tipo de negócio modesto. Membros doentes sem família recebem atenção pessoal imediata. [...]. Todas as despesas para fins beneficentes são cobertas por doações especiais cujos doadores são mantidos em anonimato. (WILLEMS, 1967, p. 148, tradução nossa)[115].

---

[114] […] basis of considerable comparative data, we reached the conclusion that of all the Pente costal sects, the Congregação Cristã do Brasil has probably taken the most uncompromising attitude so far as the practice of charity is concerned. The word caridade (charity) does not seem to exist in the vocabulary of the sect. Obra de piedade (work of piety) is used instead, and all of it is carried out by the ministério da piedade (ministry of piety), a sort of department which is operated mostly by women.
The obra is centralized in São Paulo City, and all business is trans acted in one of the several dependencies of the main temple. The a weekly meetings are attended by approximately one hundred women who perform duties comparable to those of social workers. Many of them present cases requiring some sort of assistance. All applicants must be members of the sect in good standing; the ultimate decision of whether an applicant is worthy of help is left to the Spirit. The presiding deacons seek inspiration in silent prayers, and consult each other before a case is decided upon. In this manner, some applicants are turned down, and the others are attended after a care ful scrutiny of personal circumstances.

[115] Sometimes the needy members receive food, clothes, fuel, or house hold items; sometimes small sums of money to help them over periods of unemployment or sickness. In particular cases the board may find it advisable to assist a member financially to establish him in some sort of modest business. Sick members without family receive prompt personal attention. [...]. All expenditures for charitable purposes are covered by special gifts the donors of which are kept anonymous.

E, faz uma prévia sobre o assunto com algo que nos chama à reflexão sobre nossos próprios modelos a assistência:

> [...]. Membros antigos e inválidos da seita são tratados individualmente. Muitos dos voluntários da obra de piedade aceitaram idosos em suas casas onde são atendidos como se fossem membros da família. A obra mantém um 'serviço de colocação' e paga subsídios se uma família for incapaz de custear os gastos causados por tais acréscimos domésticos (WILLEMS, 1967, p. 149, tradução nossa)[116].

E finaliza com a seguinte análise:

> O ponto que estamos tentando enfatizar aqui é que as seitas pentecostais encontraram meios e maneiras de mobilizar seus vastos recursos humanos até o último homem. Não importa quão humilde, não qualificado ou sem instrução, o indivíduo convertido sente imediatamente que pode confiar se precisar; ele é respeitosamente chamado de 'irmão', seus serviços são solicitados por pessoas que falam seu próprio idioma, compartilham seus gostos, preocupações e interesses, que trabalham com ele nas mesmas tarefas e compartilham com ele a certeza de pertencer ao 'povo de Deus', como os pentecostais costumam se chamar (WILLEMS, 1967, p. 149, tradução nossa)[117].

Para tentar entender melhor essas contribuições de Willems, é necessário que se faça uma abordagem mais profunda do que é este trabalho desenvolvido no interior deste segmento religioso, problematizando este ministério que é desenvolvido por homens e mulheres, estrategicamente escolhidos para atuarem como agentes cuidadores. Para isso, vamos iniciar por elas.

Todas as mulheres candidatas ao trabalho na Obra da Piedade (OP) são indicadas em Reunião por diáconos que devem antes da indicação verificar se ela é casada de acordo com a lei vigente. Ou seja, casada no civil. Além disso, é necessário que o marido seja membro da Congregação Cristã no Brasil, verificando discretamente a possibilidade se ele, o marido, aceitaria o trabalho voluntário da esposa. Outro requisito básico é a boa reputação da candidata frente à sociedade geral, na comunidade religiosa que faz parte, em sua família nuclear, parentes e amigos. Este processo de verificação pode levar longos anos, e na maioria das vezes, não se trata de uma investigação à procura de uma candidata talentosa, mas sim reflexões do que se observa cotidianamente dentro das relações de convivência. Duas outras considerações necessárias envolve residir próximo ao local que atenderá e, a mais importante, que ela se sujeite à vontade Divina. Sem dúvidas trata-se de um grupo seleto e ao mesmo

[116] Old and invalid members of the sect are cared for on an individual basis. Many of the volunteers in the obra de piedade have accepted old people in their homes where they are cared for as if they were members of the family. The obra maintains a "placement service" and pays subsidies if a family is unable to de fray the expenses caused by such household additions.

[117] The point we are trying to make here is that the Pentecostal sects found means and ways to mobilize their vast human resources to the last man. No matter how humble, unskilled or uneducated, the in dividual convert immediately feels that he is needed and relied upon he is respectfully addressed as "brother," his services are requested by people who speak his own language, share his tastes, worries, and interests, who work with him at the same tasks and share with him the certainty of belonging to the "people of God" as the Pentecostals often call themselves.

tempo restrito, pois a candidata não pode ser solteira, mãe solteira, desquitada ou divorciada. Ela não pode ser unida ao seu cônjuge por contrato, concubinato, ou casada pela segunda ou mais vezes, exceto se era viúva de um único casamento. Não deve ter filhos pequenos, que precisem de cuidados. De preferência que já sejam adultos ou jovens. Diferentemente de Irmãs de Caridade, como as existentes na Igreja Católica e que devem ser celibatárias, as Irmãs de Piedade devem ser casadas.

As escolhas das novas irmãs da Obra da Piedade devem ser realizadas na Reunião Ministerial Regional com a presença de homens da liderança da Igreja: anciães, diáconos e cooperadores. O nome da candidata é apresentado aos líderes presentes, que em seguida se colocam em oração esperando uma confirmação positiva, por parte do Espírito Santo. Se não houver confirmação, a candidata não é comunicada. Na verdade, nestes casos, ela nem mesmo fica sabendo que foi indicada ao ministério.

Quando uma Irmã tiver seu nome confirmado na Reunião Ministerial Regional, o diácono responsável pela localidade (que é sempre o homem mais antigo de ministério, mas pode se dizer que é o mais velho em idade) a que ela pertence, deve convocar outra reunião, mas agora, nas dependências da igreja onde congregam e atuam, com todas as irmãs que já trabalham na OP e os diáconos envolvidos. Neste momento em específico, na presença do cônjuge, a aprovada passa por um processo de legitimação quando lhe é comunicada oficialmente a decisão e todas as responsabilidades que envolvem seu trabalho. O marido, muito mais que ser testemunha, assume indiretamente uma coparceira, ao ouvir com ela as atribuições e responsabilidades de seu cargo. Ele não é desconhecedor do que a espera, nem mesmo pode cobrar da esposa dedicação exclusiva à família nuclear, mas por sua vez pode cobrar possíveis exageros, caso haja negligência em seus deveres domésticos. Dentro deste contexto, um ponto importante remete as mulheres de líderes da denominação: Evitam-se esposas de anciães, diáconos ou cooperadores para o trabalho na OP. Uma das razões é eliminar possíveis conflitos, por entender que existe o risco destas serem propensas, pelo *status* que detém, a passarem a pressionar as outras. Retornando ao cônjuge da indicada e aprovada para o trabalho na Obra da Piedade, este marido – que não é líder – dificilmente participará de outra reunião, a não ser o próprio culto.

Ordenadas, as irmãs da OP devem estar sujeitas hierarquicamente aos diáconos, mesmo quando elas sejam reconhecidamente respeitadas pela sociedade religiosa, ou bem mais velhas que eles. Tudo que acontece relacionado ao trabalho da piedade deve ser comunicado aos diáconos a que estão subordinadas, e elas não têm autonomia para agir por conta própria, mesmo em casos urgentes.

Desde o início essas irmãs passam ter contato com as etapas do trabalho na Obra da Piedade. A primeira delas é o trato com as demandas. Todos os possíveis atendimentos devem passar por um minucioso processo de averiguação e em geral, são as irmãs da OP que tem o melhor acesso ao que está acontecendo. Elas devem transmitir cada caso para o diácono que é responsável pela localidade, que antes de levar o assunto para a reunião que define os atendimentos a serem realizados, deve conhecer os casos em particular. Ou seja, antes mesmo da demanda ir para a pauta principal, a questão já passou por um filtro, que é resultado de uma pré-seleção do(s) candidato(s) e da situação em que se encontra(m). Neste contexto, as demandas apresentadas nas reuniões não podem ser expostas, principalmente os casos que são colocados em pauta, mas que não são atendidos por falta de confirmação Divina.

Quanto aos atendidos, existe consenso que estes só podem ser contemplados, se for por direção Divina. Em suma, os casos devem ser apresentados em reunião do departamento, que acontecem regularmente, mas podem acontecer casos de caráter excepcional, exigindo uma reunião extraordinária. Nestas, após um período de oração dos integrantes, existe um sentimento quanto a atender o necessitado. A liberação não vem, pela confirmação da metade mais um, ou por influência/autoridade deste ou daquele. Ela precisa ser unânime e caso um atendimento seja negado (por Deus), não ocorrem discussões ou brigas. Além disso, o ocorrido na reunião não pode ser comentado fora: nem para a família não atendida, nem para outros, inclusive anciães e cooperadores, nem com seu marido, que não deve saber das decisões tomadas dentro de departamento da Piedade. Caso o necessitado, por alguma razão saiba da possibilidade de ser atendido pela OP – por exemplo, a percepção de sondagem, somados a atual conjuntura envolvendo suas necessidades –, não sendo, ele(a) entende que prevaleceu a vontade de Deus, o que reduz significativamente, possíveis sentimentos de revoltas. Um exemplo do que foi colocado é o relato de Fabiana Zarbano. Em uma de minhas primeiras conversas com ela, eu já sabia que ela e suas filhas haviam sido atendidas pelas irmãs da OP e que o atendimento ocorreu uma única vez. Ao longo da pesquisa, houve a necessidade de aprofundar o assunto sobre este atendimento. Assim pedi a ela mais detalhes, quanto as suas expectativas e sua visão sobre este tipo de socorro. De acordo com Fabiana:

> Elas foram na minha casa uma vez só. E, realmente não surgiu em mim nenhuma expectativa, porque eu, na época, lembro que eu estava com muitas dificuldades. Então aquela ajuda, já veio já me tirou do sufoco. Então eu acredito que a Obra da Piedade é isso mesmo. Ela vem simplesmente pra aquele momento que você precisa. E, eu jamais fiquei esperando que elas fossem voltar, nem nada. Eu achei aquilo como se fosse um tipo de resgate de Deus, em uma hora que eu estava realmente assim. Não tinha mais onde recorrer. E foi aquela ajuda que veio do céu e me atendeu. (Fabiana Zarbano: entrevista realizada por WhatsApp em 17/02/2021).

Retornado às “irmãs da Obra da Piedade”. A segunda etapa, assim como a anterior, depende de sua dedicação quase exclusiva, pois ela não pode se ocupar com outro trabalho, seja dentro ou fora da Igreja. Exceto sua família, que não deve ser negligenciada em hipótese alguma, sua dedicação a OP deve ser integral. Na atuação, ela não deve fazer visitas ou atendimentos sozinha. Ela também não pode estar acompanhada do marido, ainda que este faça parte da liderança. As visitas devem ser feitas em equipe, preferencialmente só de irmãs. Mas, em casos que se precise de proteção, para evitar más interpretações resultando em problemas de calúnia e difamação, maculando o trabalho e a Igreja, elas podem contar com a presença de um ou mais diáconos, mas estes devem estar sempre acompanhados de suas esposas, mesmo que estas não façam parte do ministério da OP. Uma regra básica é: casos que envolvem visitas e atenção a pessoas do gênero masculino, são atendidos por diáconos. Casos do gênero feminino são de responsabilidade das irmãs da OP.

Os atendimentos realizados pelas irmãs da OP podem envolver necessidades básicas como alimentação e vestuário, levando em consideração a configuração familiar (incluindo as necessidades de crianças e/ou idosos). Em casos pontuais elas também são orientadas a deixar certa quantia em dinheiro, para eventuais necessidades, para além destas que são básicas, porém justificáveis, como por exemplo, pagar uma fatura de energia ou a compra de GLP (Gás Liquefeito de Petróleo).

Falamos delas (irmãs da OP), pois são fundamentais para a execução dos trabalhos. São elas que têm os melhores acessos qualitativos, de proporções quantitativas, as que chegam ao íntimo dos problemas familiares dos membros da “Comum” que estão em situação de vulnerabilidade. Em virtude das atividades que executam, elas são dotadas de uma sensibilidade acima da média. Ao se aproximar delas foi possível perceber a existência de outro trabalhador chave no tocante ao trabalho da Obra da Piedade, ou seja, os diáconos. É sobre eles que será tratado agora.

O ministério da piedade é fundamentado em um acontecimento bíblico que está em Atos dos Apóstolos (Capítulo 6), quando se percebeu a necessidade de se escolher entre os cristãos primitivos, homens de boa reputação. Estes homens eram dotados de espiritualidade e inteligência, para cuidar dos domésticos da fé em situações de vulnerabilidades, sobretudo, os órfãos em idade não produtiva e sem familiares, e as viúvas sem filhos, ou com filhos menores e sem familiares que as mantivessem. Estes assistentes dos Apóstolos receberam o título de diáconos.

Na Congregação Cristã no Brasil, assim como as mulheres, existem pré-requisitos para que um congregado masculino seja candidato ao trabalho de voluntário na Obra da Piedade.

Antes mesmo que seu nome seja apresentado como candidato ao trabalho como diácono, ele deve ser objeto de uma criteriosa análise prévia. Além dos requisitos padrões que são uma vida positivamente destacável e irrepreensível, os avaliadores precisam levar em consideração outras questões que podem interferir na desenvoltura de seu voluntariado: uma questão é a de ter um trabalho secular com horários e condições que não restrinja sua capacidade de atender a demanda de necessitados do grupo; não ser neófito na fé (mesmo que seja uma pessoa socialmente respeitada e com amplo conhecimento dentro da rede social do grupo religioso). É preciso antever se existe, ainda que remotamente, um desejo subliminar de se chegar ao posto de ancião, utilizando o cargo de diácono como um patamar; verificar se ele não possui limitações ou enfermidades que o impeça de desenvolver seu trabalho na igreja e fora dela, quando estiver nos atendimentos; identificar se tem aptidão para lidar com pessoas e atendê-las imparcialmente, sujeitando-se à vontade Divina.

Portanto, aos diáconos compete o atendimento material aos necessitados e não a pregação como prioridade. Está última é vista pelos adeptos como "o dom da Palavra", enquanto o trabalho no diaconato é percebido como dom de serviço. A "Palavra" é de responsabilidade dos anciães e cooperadores. Porém há casos que o diácono possui ambas as qualificações, podendo transitar entre as esferas. Dito de outra forma, não existe impedimento ao diácono comissionado por Deus, no trato com a "Palavra", desde que este saiba com clareza qual o seu lugar (chamado).

Há um princípio que prevalece quando se trata de diáconos e anciães: pode acontecer de o diácono ocupar, em certas situações, o lugar do ancião, pregando a Palavra. Mas um ancião deve evitar ocupar o lugar do diácono no que se refere ao trabalho que esse último executa na Obra de Piedade. Muito embora não exista impedimento de transitar entre as respectivas esferas de trabalho para nenhum deles. O ancião ou cooperador, em casos de necessidades urgentes, pode ajudar um membro, ou família que esteja passando por dificuldades. Da mesma forma como um diácono pode ser dirigido ao Altar por Deus, para ser preletor do dia. Mas para os envolvidos é preciso que esteja bem definido qual o local de atuação de cada um e as responsabilidades inerentes a eles como atores sociais, dentro da sua religião. Não obstante, a maior responsabilidade do diácono é atender aos necessitados.

Para ficar explícito o lugar do ancião e do diácono, creio que seja importante apresentar a hierarquia presente na Congregação Cristã no Brasil. À ordem é esta: Ancião, Diácono, Cooperador do Ofício Ministerial, Cooperador de Jovens e Menores, Irmãs da Obra da Piedade. No interior de cada um destes na hierarquia, é possível fazer outra classificação. Esta classificação leva em conta a faixa etária e tempo de ministério. Em linhas gerais estes

dois critérios estão intimamente relacionados. Sendo assim, o ancião mais velho tem maior autoridade que os outros. A voz do diácono mais velho ecoa além dos mais novos. Esta diferenciação vale para todas as outras categorias. Além disso, em todos estes cargos devem ser priorizadas pessoas casadas. Solteiros, em raríssimas exceções vão preencher tais lugares. E geralmente quando ocorre, trata-se de alguém avançado em idade, com notória experiência de vida, que por alguma razão justificável e relevante não tenha contraído matrimônio. Tenho conhecimento apenas de um Cooperador de Jovens (já morto), que se encaixou neste perfil. Nesta elite ministerial, ao que não existe exceção é a participação de pessoas divorciadas, mesmo que ocorridos antes da conversão. A estes – fora as mulheres –, não existe impedimento quanto ao trabalho na Administração, desde que se encaixe nas regras de boa reputação e reconhecimento positivo dos que estão dentro e fora do grupo.

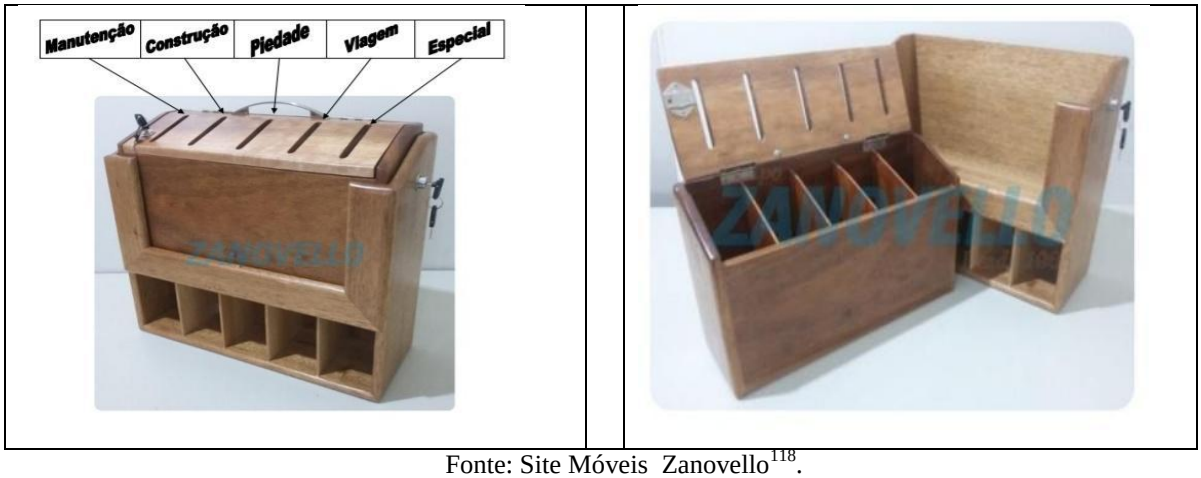
A partir desta apresentação, creio que ficou claro que anciães e diáconos estão no topo da hierarquia, os cooperadores – de Ofício Ministerial e de Jovens e Menores – em uma posição intermediária e as irmãs da Obra da Piedade estão na base. Mas, existe um sexto especialista que atua na Congregação Cristã. São os administradores. Embora sejam importantes no conjunto, eles transitam em outra esfera: a esfera material. Não que os diáconos e as irmãs da OP não lidem com dinheiro, ou elementos físicos, mas seus trabalhos possuem, assim como os dos anciães e cooperadores, conotação espiritual. O fato de esses cargos (anciães, cooperadores e diáconos) serem vistos como espirituais trata-se de uma justificativa para a não aceitação de estes serem divorciados, mesmo que a separação tenha ocorrido antes da sua conversão (período das trevas). Já um administrador pode ser divorciado desde que sua separação tenha ocorrido antes de sua conversão e, mesmo assim, só nos casos onde o motivo da separação tenha sido o adultério da esposa. Não tendo esta "mácula" ele pode ser visto como legítimo ao trabalho como administrador (agora que está andando na Luz), sendo um "escolhido de Deus" no zelo de sua Obra.

Um momento importante, no qual anciães, diáconos, cooperadores, irmãs de Piedade e administradores estão juntos são as chamadas reuniões de Ensinamento. Estas reuniões são fechadas a qualquer outro tipo de pessoa, inclusive a membros da CCB que não exerçam uma dessas funções. Essas reuniões envolvem todos aqueles que trabalham em uma região eclesiástica e tem por objetivo alinhar diretrizes. Partes dos assuntos tratados nestas reuniões são repassados para as igrejas locais a que pertencem, em um segundo momento. Estes assuntos repassados são aqueles que precisam ser incorporados pelo grupo e aplicados dentro e fora da Igreja. Dentro dos assuntos tratados nas reuniões temos como exemplo, os recursos financeiros destinados a viagens missionárias. Em casos que esta seja uma demanda para

aquele momento mais imediato, o assunto apresentado em reunião ganha os púlpitos e assim alcança o grupo religioso como um todo. Em resumo, pode-se considerar que os temas tratados nas reuniões de Ensinamento são práticos e objetivos.

Já posicionados os papéis que os diferentes membros da Igreja podem exercer dentro da CCB, a próxima etapa é apresentar as fontes de receita que funcionam como mecanismos de fomento. Para atender todas as necessidades, a Congregação Cristã conta com três tipos de coletas oficiais: Construções (que envolve também reforma e manutenção), Obra da Piedade e Viagens Missionárias. Em casos específicos, pode haver também um campo para Ofertas Especiais. Assim, no momento da doação, que é feita geralmente em espécie (raramente em cheque, porque se evita deixar público quem é o doador) e, depositada em local específico dentro do Templo, o ofertante pode contribuir com aquilo que ele entende como mais importante no momento, ou ainda onde Deus determinar.

Figura 15 – Caixa de coletas



Fonte: Site Móveis Zanovello[118].

[118] Disponível em: https://www.moveiszanovello.com.br/214/produtos/acessorios-para-igreja/caixas-de-coleta-balcao-fundo-biblico/ Acesso em: 06 fev. 2021

Figura 16 – Gazofilácio de ofertas Específicas da CCB (localização na Igreja)

Fonte: Site Móveis Zanovello [119].

Uma particularidade deste modelo de caixa de oferta adotado pela Congregação Cristã é que ele proporciona aos adeptos a oportunidade de investir no lugar que ele quer dar a maior atenção. Se alguém entende que o cuidado com os necessitados de seu grupo deve ser o papel fundamental de sua igreja, ele tem total liberdade de direcionar parte de seus recursos a esta finalidade. Se o destino é investir em missões, ele vai direcionar suas verbas para Viagens Missionárias. E, cabe dizer que, o lugar onde são encaminhados os recursos, ali eles são aplicados. Especificamente, no tocante à Obra da Piedade, os recursos destinados a este departamento não podem ser utilizados em outros objetivos como construções de novas igrejas, ou reformas das antigas, compras de terrenos, ou em outras finalidades que não sejam os atendimentos aos necessitados domésticos.

Portanto, quem fomenta o ministério da Obra da Piedade são os próprios adeptos, através de ofertas específicas para tal finalidade. Estas são a soma de ofertas específicas oriundas da igreja, em geral, e das ofertas da mocidade[120], no particular. O envolvimento destes últimos pode ter caráter pedagógico, visto que estão próximos da idade adulta e laboral, por isso, muito próximo do ganho de seu próprio dinheiro, que em certa medida pode ser compartilhado espontaneamente com aqueles que precisam. Nunca é demais relembrar que a CCB não adota o sistema de dízimos – o que a diferencia de outras denominações evangélicas

[119] Disponível em: https://www.moveiszanovello.com.br/214/produtos/acessorios-para-igreja/caixas-de-coleta-balcao-fundo-biblico/ Acesso em: 06 fev. 2021

[120]"Mocidade": trata-se de um grupo dentro da CCB, formado por pessoas solteiras de ambos os sexos. A faixa etária destes vai de 17 a 23 anos aproximadamente. Mas, os solteiros são considerados parte da mocidade mesmo que ultrapassem os 23 anos.

– e que as receitas são oriundas de ofertas voluntárias dos congregados, mas não descarta contribuições de pessoas que não fazem parte do grupo, desde que queiram investir espontaneamente, sem exigir contrapartidas.

Além das ofertas em espécie oriundas dos próprios membros adultos e da mocidade, a OP pode agregar outras doações como alimentos e roupas em bom estado de conservação. O departamento pode ainda aceitar sem problema os mesmos tipos de doações vindas de pessoas "não salvas" da sociedade geral (criaturas) e também daqueles que já fizeram parte do grupo de religiosos, mas que deixaram de fazer parte (desviados), desde que também sejam voluntárias, sem contrapartidas, vinculações, ou propagandas. Estas doações de alimentos ou roupas, seja por domésticos da fé ou externos, devem ser devidamente documentadas, contando com notas fiscais em nome da pessoa (física ou jurídica), que devem ter em anexo a elas o termo de doação voluntária assinado pelo responsável pela doação, direcionado à Congregação Cristã.

Sabemos como se dá a entrada de recursos para manutenção da Obra da Piedade, agora vamos tratar de como se realizam as saídas. Ou seja, onde e como os recursos são aplicados. Já vimos que o Ministério da OP é composto de homens e mulheres escolhidos pelos líderes e pelo Sagrado. Sua função básica é atender demandas internas, ou seja, as necessidades dos próprios adeptos que estão em situação de vulnerabilidade momentânea, ou crônica. Mesmo assim, cabe ressaltar que são priorizados os casos em que a família biológica, ou as instituições governamentais não podem atender.

Os registros dos relatórios da OP devem ser feitos pelos diáconos que fazem parte dos grupos de trabalho. Os anciães, cooperadores e até mesmo quem compõe o Conselho Fiscal da Igreja não estão autorizados ao exame da documentação, tendo em vista que o "atendimento da Obra da Piedade é sigiloso, conforme diz a Palavra de Deus e o Estatuto" (Assembleia Geral, abril de 2000, Tópicos da Obra da Piedade e Viagens Missionárias). Toda documentação deve ser arquivada pelos diáconos responsáveis, em arquivos próprios, e não devem ser disponibilizados a ninguém, a não ser as autoridades legais em casos de fiscalização. O departamento administrativo terá acesso à movimentação da OP e das viagens missionárias a trabalho eclesiástico, quando estes registros forem inseridos na contabilidade geral, "através do relatório contendo os valores globais de entradas e saídas, que será entregue mensalmente" (Assembleia Geral, abril de 2000, Tópicos da Obra da Piedade e Viagens Missionárias). Estes relatórios de movimentações financeiras referentes à OP são assinados pelo menos por três diáconos, que são responsáveis pelos balancetes, inclusive no âmbito legal.

A OP não deve assumir gastos que possam ser custeados pelo governo, como, por exemplo, os casos de casamentos no civil de pessoas de baixa renda. Regularmente, surge na demanda alguns casais ora amasiados, que precisam regularizar sua atual situação para se batizar, porém não possuem recursos para isso. Mesmo nestes casos (pois o casamento no civil é uma condição exigida pela própria denominação para aqueles que já possuem uma vida conjugal, mas não unidos formalmente) a orientação é que a pessoa busque regulamentação através das prefeituras. Mas não é uma regra inflexível, pois, em casos de idade avançada do casal, ou em enfermidades com possibilidades de não se ter tempo hábil, a questão deve ser colocada em pauta na reunião, buscando o aval de Deus em orações. Aprovada, deve ser custeada e o casamento realizado o quanto antes.

Outro exemplo são os casos de morte de membros da Congregação Cristã. A Igreja entende que ela não é responsável pelo custeio de funerais dos seus adeptos, mesmo aqueles com menor poder aquisitivo. Estes casos devem ser de responsabilidade da família, mesmo nos quadros em que a pessoa falecida é membro da instituição e os parentes não fazem parte. A orientação é que o diácono dê todo apoio à família neste momento de dificuldade e, se realmente for necessário que o departamento da OP assuma as despesas do funeral, o departamento deve assumir. Mas os serviços contratados nestes casos devem ser aqueles de plano básico, porém digno.

Nos casos de atendimentos com alimentação, vestuários, medicamentos, moradia, cuidados com a pessoa em vulnerabilidade e outros de mesma ordem, antes que eles aconteçam, o grupo da OP deve averiguar se a família possui condições de assumir as responsabilidades e os custos com o necessitado. Da mesma forma que na relação com os casamentos, em que órgãos governamentais são acionados, ou de mortes em que a família ou mesmo as prefeituras devem assumir a responsabilidade antes da Igreja, para a denominação, a família da pessoa necessitada é quem, antes de todos, realmente deve assumir o cuidado de seu familiar. Se a pessoa em situação de vulnerabilidade é membro da Igreja (e com isto, sob a responsabilidade também da denominação) e os familiares não, os integrantes da OP procuram orientar a família sobre seu papel e responsabilidade com seu ente familiar. Mas em última instância, caso não exista concordância, o membro não fica desamparado e a situação é colocada em pauta na reunião de Ensinamento. Se avalizado por Deus, ele é atendido. Mesmo assim, atendimentos só devem ser feitos por tempo determinado. Caso precise ser estendido o tempo de atendimento, estes não devem configurar aproveitamento da situação por parte do amparado ou familiares, que devem priorizar o próprio sustento. Caso toda a família faça parte do grupo de congregados, os rumos a serem seguidos não são muito diferentes.

Existe clareza que o público a ser atendido é o interno, e há situações de pessoas que, assim que são batizadas, entram em contato com o departamento da Piedade à procura de ajuda. Aos responsáveis pelo trabalho na Obra da Piedade e dos líderes maiores, não falta o conhecimento de que são muitas as mazelas que afligem a sociedade brasileira, como: desemprego, dificuldades em subsidiar os custos familiares, doenças que necessitam acompanhamento. Dificuldades, sejam pelos custos com a própria enfermidade, ou pela impossibilidade de poder trabalhar em decorrência do fato de ser ou estar doente. Estas novas demandas são analisadas particularmente, buscando separar os oportunismos dos casos entendidos como de responsabilidade social privada que compete a sua religião. Nestes casos, a orientação é a de "pedir a Deus a iluminação e a guia para atender os realmente convertidos, caso contrário a Obra da Piedade transformar-se-á em assistência social e ninguém mais buscará a salvação da alma, mas somente os meios de assistência e sobrevivência" (Assembleia Geral, abril de 1983, Pauta dos assuntos da Obra da Piedade). Aqui, está uma demonstração da distinção do que é "Piedade" e que é para eles "Assistência Social". Neste contexto, a Obra da Piedade deve se dedicar aos "salvos" e não ao "assistencialismo".

O foco do trabalho desenvolvido pela Obra da Piedade se difere do trabalho da Assistência Social em um sentido básico: seu público. A OP conta com recursos oriundos das ofertas dos próprios membros e destina atenção apenas aos adeptos da denominação que estão alinhados com os valores da Igreja. Ou seja, que não estão sofrendo consequências de castigo Divino e que sua condição seja algo relacionado com os cuidados de Deus para com o necessitado. Neste sentido, a conjuntura que torna a pessoa necessitada naquele momento não esvazia os valores predestinatórios que estão presente na CCB. Estes valores são herança do presbiterianismo e, também, do calvinismo. Nem mesmo coloca em xeque a Salvação do atendido, pois, o fato de ser uma das provas da predestinação o sucesso neste mundo, ter a atenção e os cuidados por parte de Deus, por outro lado, é análogo a muitos personagens bíblicos. Um exemplo disto é o Apóstolo Paulo, que é um dos maiores inspiradores para este segmento religioso.

Já assistência social, quando está é institucionalizada e vinculada a um órgão público, os atendimentos tendem abarcar qualquer pessoa que esteja em situação de vulnerabilidade, seja ele religioso ou não. Os envolvidos no trabalho social não priorizam um grupo em específico.

No ano de 2017, estive trabalhando na Prefeitura Municipal de Porecatu, no Paraná em um cargo comissionado. Fiquei apenas 09 meses e sai, priorizando o doutorado. Mas, este período foi suficiente para ver na prática, o funcionamento do CRAS (Centro de Referência

de Assistência Social). A equipe do CRAS, neste pequeno município do norte paranaense, na época era composta por três assistentes sociais, um psicólogo e outros servidores, se desdobravam para atender cidadãos porecatuenses em situação de vulnerabilidade: abandono de incapaz; maus tratos ou negligência envolvendo crianças adolescentes e idosos; atenção à grupos de assentamentos (sem terras); cuidado com pessoas em trânsito, precisando de passagens para seguir sua viagens, dentre outros. Ficou claro que os atendimentos não eram para apenas um grupo em específico (como ocorre na CCB), e sim para todos (inclusive adeptos da CCB).

Outra forma de compreender melhor esta distinção entre o que é uma assistência social e o que é a piedade é o caso de pessoas que estejam passando por grandes infortúnios. No caso da CCB, pessoas que estejam nesta situação, e que são percebidos como estando sendo penalizados pelo castigo Divino, só podem ser amparadas pela OP se o Espírito Santo determinar. Porém, a função deste socorro é atender aqueles que não são culpados, mas que sofrem a situação como vítimas dos efeitos colaterais, sendo este um critério de atendimento. Um exemplo hipotético: esposa e filhos obedientes a Deus e a "Doutrina", padecendo pelo tratamento disciplinar dado por Deus, ao marido/pai. Acredita-se que, nesse caso, isso acontece "porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a que recebe" (Hebreus 12:6), ou ainda: "Porque o SENHOR, repreende a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem" (Provérbios 3:12).

Os próprios diáconos e irmãs da Obra da Piedade conhecem bem os mecanismos de atendimento estatais, e sempre que necessário orientam os membros a utilizar estes recursos fornecidos pelos governos. Em suma, pode se dizer que a Obra da Piedade e a Assistência Social são dois círculos. A última é o grande círculo que abrange toda a sociedade, inclusive os religiosos da CCB. A primeira refere-se a um pequeno círculo que só tem responsabilidades com o que está em seu interior. Ou seja, "com os Salvos".

A Obra da Piedade se diferencia também da Caridade. A caridade, tal como conhecemos, seja no senso comum ou na prática, nos condiciona psicologicamente ao pensamento de dois universos distintos. Um superior e outro inferior. São as migalhas que caem das mãos dos senhores. Não por acaso que dentro do catolicismo institucional se observa um esforço intenso em reduzir a distância entre o necessitado e quem oferece ajuda.

Em 2017 entrevistei o Sr. Adeli José de Souza, que na época estava com 54 anos. Ele, que é morador em situação de rua, em sua infância e mocidade frequentou com seus pais a Congregação Cristã no Brasil. Na entrevista, deixei claro que o material seria utilizado na pesquisa e que suas falas estariam dentro desse contexto. O recorte que segue abaixo tem

relação com o que acabamos de falar sobre um tipo de caridade exercido pelo catolicismo, e que pode exemplificar o assunto. O Sr. Adeli, questionado quanto a forma como se deslocava de uma cidade para outra dentro do estado do Paraná e também entre outros estados brasileiros, ele me apontou três formas. Através do "Passe Livre", que ele utiliza para viajar dentro do estado do Paraná (pois possui enfermidade crônica); através do CREAS para viagens interestaduais; e através da ajuda de religiosos. É este que nos interessa aqui:

> Ah, eu vou pra onde meu pensamento me dirige. Muita gente me ajuda. Quem sempre me ajuda são os padres. Dão R$ 100,00. Eles têm muito! Agora não falando mal dos crentes, mas pra dar R$10,00 tem que ajoelhar, rezar, falar de onde veio, pra onde vai. Às vezes vou pedir pra comprar um sabonete, uma pasta de dente. E passagens? Eles vão lá na rodoviária e me compram a passagem. Nunca dão o dinheiro na mão. Às vezes quer comprar uma coisa diferente, comer um salgado[121]. Eu, chegando em Rosana eles me dão passagem até Nova Andradina, me dão até Campo Grande, Rondonópolis, Cuiabá[122]. (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017).

Na perspectiva da Congregação Cristã, quem pede esmolas está fora do projeto. O fato de "nunca ver o justo mendigar o pão" significa que ele é um predestinado. Ao contrário, viver mendigando pode significar que não é um escolhido.

Obra da Piedade não é Obra de Caridade, nem mesmo Assistência Social, mas não há impedimentos a nenhum dos membros da Igreja ao exercício da caridade, ou da cidadania. Ou seja, todos são livres para ajudar os necessitados particularmente ou coletivamente, mas existem pontos que mostram que o ministério da piedade é de outra ordem. Um exemplo prático: Em casos que tenham sido apresentados, cuja resposta tenha sido negativa quanto ao atendimento, o diácono ou irmã da OP não devem atender, mesmo que utilize seus próprios recursos para isso. Nesse sentido, o trabalho da OP, mais uma vez se distancia da caridade. Na caridade, seja por íntima emoção, compaixão, simpatia, empatia ou até mesmo por pressão, há a liberdade de atendimento a partir dos próprios recursos. Na OP, não se pode ultrapassar os limites estabelecidos por Deus, pois esses limites já ganharam *status* de "Ensinamentos". Na prática, o apoio só deve ser dado àqueles que são escolhidos, e por isso merecem eternamente os cuidados de Deus, portanto, alvos de sua Piedade. A OP também pode ser diferenciada da

---

[121] Está é uma das táticas de se conseguir dinheiro, falando que a finalidade é a viagem, quando na verdade é outra. O pesquisador já presenciou casos em que, mesmo com a passagem sendo nominada e com o número do RG, a mesma foi vendida pela metade do preço para outra pessoa.

[122] Aprofundando esta fala do sujeito de pesquisa, foi possível ver mais uma vez a coerência de suas narrativas. Outro ponto de atenção é a rapidez mecânica de sua fala, demonstrando que este percurso lhe é familiar. Portanto, a distância entre as cidades de Rosana no Estado de São Paulo e Cuiabá no Mato Grosso é de 1085 Km. O interlocutor mencionou as escalas necessárias, sendo: Rosana/SP, Nova Andradina/MS, Campo Grande/MS, Rondonópolis/MT e por fim, Cuiabá/MT. De acordo com estas escalas as distâncias são: Rosana/SP para Nova Andradina/MS (88 Km); Nova Andradina/MS para Campo Grande/MS (302 Km); Campo Grande/MS para Rondonópolis/MT (493 Km); Rondonópolis/MT para Cuiabá/MT (220 Km). A soma de todas as distâncias, totalizam 1.103 Km, ou seja, apenas 18 Km de diferença para mais, em relação a um trajeto direto, portanto, sem escalas.

Assistência Social quando observamos o Art. 5º de nossa Constituição: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...”

Com estes apontamentos acima creio ser possível ver alguns elementos importantes presentes na Congregação Cristã no Brasil, como segmento religioso e que fogem ao que estamos familiarizados, sobretudo quando comparamos com outras denominações evangélicas. Trago a seguir mais alguns outros pontos que, somados às abordagens anteriores, se ligam às mesmas, demonstrando o quanto a CCB se diferencia de outras denominações pentecostais e protestantes.

Primeiro, trata-se de uma situação que pode ser trivial aos olhos de muitos, mas que fere os costumes da CCB e que transgredido resulta em punições. A saber, falamos do corte de cabelos das mulheres no geral, mas atenciosamente às irmãs da Obra da Piedade. A orientação é que mulheres não devem cortar seus cabelos, e muitas levam tal prática às últimas consequências. Mas, quando esse corte acontece em uma dessas trabalhadoras, a transgressora deverá ser afastada de suas funções até que seus cabelos cresçam e atinjam um tamanho aceitável. Em casos que as reincidências sejam elevadas, ela pode até perder a oportunidade de exercer seu ministério. Além disso, proíbe-se o uso de pinturas nos cabelos, o uso de maquiagens, e esmalte nas unhas, sobretudo as cores vermelhas. Aparentemente o caráter pedagógico destas proibições é ensinar a partir do exemplo de vida. Acredita-se que as adolescentes, jovens moças e mulheres mais novas, aprenderão a se comportarão de forma semelhante às mais velhas. Por mais intransigente que possa parecer, não são muitas as ocorrências, e a aceitação coletiva a este dogma é relativamente comum.

Os homens também não estão livres destes tipos de cobranças. Em relação aos cabelos, enquanto as mulheres precisam mantê-los longos e sem cortes, os cabelos de todos os homens são curtos. Eles também não podem ter barba. No máximo os bigodes são aceitos, mesmo assim, hoje em dia são casos raros. Eles estão impossibilitados de usar publicamente bermudas e camisas de malhas, ainda que residam em cidades com altas temperaturas. Essa regra vale para todos os adeptos, mas para aqueles que ocupam cargos, em caso de quebras de regras, eles ficarão passíveis de punições.

Em caso de faltas cometidas, seja por algum diácono, ou pelas irmãs da OP, o caso deve ser levado ao conhecimento de pelo menos dois dos diáconos mais velhos e experientes da igreja local. Se for algo mais grave, e que necessite chamar a atenção de alguém do ministério, o assunto problema deve ser apresentado em Reunião Ministerial Regional para

que a questão venha a ser colocada em oração. Estes avaliadores devem ser imparciais e com capacidade de analisar o ocorrido. Nessa altura, o processo conta a presença do(s) acusado(s). Se não for falta grave, ou seja, se o ministério da Piedade e/ou a doutrina da Igreja, não sofrerem danos, o caso deve ser resolvido ali mesmo. Porém se for grave, deve ser levado para outra instância, ou seja, à reunião de anciães e cooperadores. São eles que darão o parecer final, que pode inclusive resultar em desligamento do ministério da OP, e até exclusão da Igreja. Um ponto fundamental é o fato do diácono, mesmo que os mais antigos, não possuírem autoridade punitiva. Somente os anciães têm autorização para executar penalidades.

Um segundo ponto, refere às situações que envolvem transferências de localidades geográficas. Em casos de mudanças de cidade, estado ou país, seja em caráter definitivo ou temporário, o caso do requerente diácono, assim como o ancião ou cooperador, se diferem significativamente das mesmas situações em torno das irmãs da Obra da Piedade. Lembrando que estes formam parte da liderança da Igreja. No tocante à liderança masculina, o pedido de transferência deve primeiramente ser apresentado em reunião local e havendo aval dos anciães daquela localidade, o pedido deve ser apresentado na reunião ministerial regional, para que seja analisado pelos anciães mais velhos e colocado em oração. "Sendo aprovada a mudança, o servo irá com ministério. Se a mudança não for aprovada, irá sem ministério. Quem muda por conveniência, interesse próprio ou motivo financeiro, também irá sem ministério" (Reunião de Ensinamento, 1983; 2006).

A irmã da OP em caso de mudança de localidade, mesmo que seja obrigada a acompanhar o marido, cuja mudança é tida como justificável, diferente dos homens (anciães, diáconos e cooperadores), ela seguirá sem ministério. Embora estes casos sejam colocados em pauta, a deliberação é para oficializar sua mudança, seguido de carta pedindo afastamento do ministério da OP. Mas, se a mudança não for por motivações aceitáveis, ela deve assinar carta de renúncia do ministério. Na primeira situação, existe a possibilidade de retorno ao ministério, caso retorne para a cidade de origem. Ou ainda, com o passar dos anos, consolidada na nova comunidade em que congrega, ela pode ser reintegrada ao trabalho. Na segunda situação, as chances de retomada de suas atividades, seja retornando a sua cidade, ou mesmo em outra comunidade com o passar do tempo, são praticamente nulas. Acredito que pelo menos duas razões interligadas entram nesta conjuntura. Primeiro porque deixam de priorizar o trabalho para Deus colocando os valores deste mundo na frente das coisas relativas ao Reino de Deus. Segundo o esvaziamento do lugar da mulher dentro da denominação. Dito isto, a forma delas se desligar é esta:

> O desligamento do ministério de irmãs da Obra da Piedade, quer por renúncia ou afastamento, deve ser feito por carta e apresentado primeiramente ao ancião, diácono e cooperador que atendem a igreja, para ciência e assinatura na carta. Em seguida o caso deve ser apresentado na reunião regional ministerial para consideração e, posteriormente, encaminhado à reunião dos diáconos para registro em ata. (Reunião de Ensinamento, 1983, 2006).

Finalizando, o trabalho das Irmãs da Obra da Piedade, em alguns momentos, se assemelha aos trabalhos desenvolvidos, por exemplo, por Irmãs de Caridade no contexto católico, sobretudo no amor e dedicação ao necessitado. Em ambos os casos, elas, embora sejam o pivô que garante o equilíbrio de todo um conjunto, são reduzidas a papeis coadjuvantes, de bastidores e em alguns casos, por trás dos bastidores. No caso das Irmãs da Obra da Piedade, além de não terem oportunidade de manutenção do seu ministério em casos de mudanças, elas não podem ter seus nomes divulgados, sob a justificativa:

> Os servos primitivos acharam por bem tomar esse cuidado a fim de não abrir a porta aos espertalhões e também não alertar os irmãos novos na graça, os quais começam com lamentações e exigências, As irmãs também não deverão ter seus nomes publicados nas listas de batismos e devem ser aconselhadas a não testemunhar dizendo que pertencem a Obra da Piedade. Apresentá-las somente nas reuniões de atendimentos e ensinamentos. (Reunião de Ensinamento, 1983, 2006).

Se por um lado dentro da hierarquia, as mulheres que trabalham na Obra da Piedade parecem estar na base, por outro, a figura do ancião está no topo. Quanto mais velho em idade e tempo de ordenação, maior o reconhecimento de sua elevação, isto porque o regime eclesiástico em vigor dentro da Congregação Cristã no Brasil é o gerontocrático.

Ademais, um detalhe importante na escolha de um ancião não é necessariamente a idade avançada. Embora esse seja um critério, não é exclusivo. Existem exceções que precisam ser consideradas. Um exemplo disto é o do ancião Miguel Spina (1910-1993), um dos pioneiros da Congregação Cristã no Brasil. Ele foi ordenado para atuar como ancião da Igreja do Brás, com apenas 28 anos. Outro exemplo mais atualizado é do ancião Celso, da cidade de Porecatu, no Paraná. Hoje com 52 anos, foi ordenado ancião em 2009 com apenas 41 anos de idade.

Um ponto importante, e que gostaria de revisar, é a posição que o ancião ocupa na estrutura da denominação e que vem sendo usado, a título de comparação, frente a outras denominações, com o objetivo de um melhor entendimento. Trata-se da comparação do ancião com o pastor. Mas um ancião e um pastor não são a mesma coisa. E muitas vezes, ao se comparar um ancião com um pastor, a compreensão do que é o primeiro fica prejudicada.

O primeiro a comparar o ancião com o pastor foi Emile-G. Léonard. Na sua leitura, a organização da Igreja "repousa no 'ancião' com **funções pastorais**" (LÉONARD, 1951; 1952, p. 437, grifo nosso). Semelhante a isto, William R. Read, quando vai falar sobre a

comissão de anciães responsáveis pelas maiores decisões, ele diz que a "comissão lida com toda a administração das igrejas dentro de sua jurisdição, incluindo finanças, construção e **ministério pastoral não remunerado**, com a exceção de selecionar e ordenar novos anciãos, o que é feito na assembleia anual" (READ, 1965, p. 38, grifo nosso, tradução nossa)[123]. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa vai dar a seguinte definição:

> ANCIÃO é a função mais elevada. **Corresponderia ao pastor das Igrejas protestantes** tradicionais. Segundo declaração colhida na Igreja central de São Paulo, para tornar-se ancião é preciso que o fiel (sempre do sexo masculino) tenha boa conduta, experiência, maturidade, possua o dom da palavra e tenha conhecimento da Palavra (da Bíblia) O Ministério se reúne e esse fiel participa da reunião de oração, sem saber que está sendo avaliado. 'Se o Espírito Santo se manifestar, ele é reconhecido como ancião; se não for reconhecido, o fiel não fica nem sabendo' explicou-nos o ancião entrevistado. Cabe ao ancião presidir o culto, pregar a Palavra de Deus, fazer unção, ministrar o sacramento do batismo e da santa ceia (comunhão). Devem também vigiar o rebanho, tentando impedir a entrada de qualquer elemento que possa vir a ser um agente perturbador. (CORRÊA, 1986, p. 13; 14, grifo nosso).

Nilceu Jacob Deitos disse que o "**ancião, equivale a pastor**, sendo este o cargo mais importante na hierarquia da Igreja" (DEITOS 1996, p. 60; 61, grifo nosso). E, nem mesmo Iranilde Ferreira Miguel que além de pesquisadora é membro da CCB, conseguiu se desvencilhar desta concepção. Para ela: "**Ancião cargo que equivale ao de pastor** ou do padre. Na CCB, não se usa o termo pastor" (MIGUEL, 2008, nota de rodapé 05, p. 17, grifo nosso).

A escolha de um ancião é antes de tudo a escolha de alguém totalmente alinhado com as tradições que a religião defende. Ele é também avaliado por sua conduta de vida exemplar dentro e fora da Igreja, por vários anos, além é claro, de ser reconhecido pela sociedade religiosa como portador de qualidades carismáticas. O escolhido tem um perfil fora da média, sendo provado e aprovado com excelência ao longo de sua trajetória de vida. Seguindo esta linha, quando se compara um ancião com pastor ou um padre, defendo não serem análogos por algumas destas distinções, porém acrescenta-se a estas, outra que é das mais relevantes. Falo do número reduzido de anciães em comparação com o número de igrejas.

Ao dar atenção não só a formação de um ancião, mas também para a parte do Relatório Estatístico nº 83[124], no campo que trata do total geral do ministério, ao comparar os valores numéricos de anciães e cooperadores, com o número de igrejas que a CCB possuía em

---

[123] […] commission handles all the administration of the churches with in its jurisdiction, including finances, construction, and the unpaid pastoral ministry, with the exception of selecting and ordaining new *anciãos*, which is done in the annual assembly.

[124] Anualmente é publicado o livro de balanços estatísticos da referida denominação contendo várias informações atualizadas sobre a denominação. O último publicado foi o de número 83, contendo o fechamento até 2018. Além do relatório físico, impresso pela própria editora da CCB e acessível apenas ao grupo, é possível ter acesso a um aplicativo digital que pode ser baixado no Google Play Store. Esta forma eletrônica é acessível a todos.

2018, concluí que não são os anciães que devem ser comparados com pastores ou padres, e sim os cooperadores. O total de igrejas da denominação em 2018 era de 20.283, para um total de 19.973 cooperadores, o que é equivalente. Já o número de anciães estava em 4.326 naquele mesmo ano. Além deste número reduzido, em Igrejas Centrais de grande porte como, por exemplo, a CCB de Curitiba com três anciães, ou a Central de Porecatu com dois anciães, mostram que são ainda mais seletas as pessoas que compõe este tipo de liderança religiosa. Somam-se aos cooperadores e os diáconos que, embora tenham como função auxiliar no trabalho das igrejas, em casos de pequenas comunidades, eles podem ser convocados para atender os cultos. Assim, quando se trata de um ancião, pode-se pensar nele como uma espécie de gestor religioso: o número reduzido em relação às igrejas, a responsabilidade de tomar as maiores decisões, inclusive com direito à palavra final, ser o guardião da tradição oral e o valor que carrega em si, traduzido no sentimento que se expressa todas as vezes que visita igrejas da denominação e ministra a Palavra, sobretudo nas pequenas comunidades, são demonstrações do lugar que ocupa dentro da hierarquia religiosa da Congregação Cristã.

Em linhas gerais, para se chegar a ser um ancião, ele passa anteriormente pelo trabalho como cooperador. Há casos que antes de ser cooperador, ele pode iniciar como diácono, mas não existe uma garantia que as etapas vão seguir está lógica. O certo é que, como disse, para alcançar este patamar existe uma relação íntima de confiança.

Ser bem sucedido fora da religião pode ser uma prova de predestinação, mas não é condição para se alcançar o lugar em questão. Isso pode justificar a existência de anciães com pouca formação escolar e podendo até mesmo contar com a presença de analfabetos (o que não se configura um problema). Ter uma vida exemplar, somados aos dogmas humildade e fidelidade, formam os componentes indispensáveis a um ancião. Estes dois últimos funcionam como uma eliminação de sentimentos de poder ou de supremacia sobre o grupo. O gestor religioso, embora tenha o privilégio de estar no topo, ele deve se ver e ser visto como alguém que está a serviço do grupo e não o contrário. Um reflexo é a sua acessibilidade. Ele, sempre é visto no meio do povo, sempre que solicitado em casos de necessidade, ou quando iluminado, ele vai atender uma de suas igrejas, mesmo as mais simples, com o mesmo entusiasmo e atenção que tem pela Igreja Central a que faz parte. Outro ponto relevante de ser reafirmado é a questão da contrapartida dos trabalhos realizados por aqueles que atuam na CCB. O ancião, assim como quaisquer outros na hierarquia da Igreja, não recebe dinheiro como pagamento pelo seu ministério, nem pode obter privilégios pelo lugar que ocupa. A crença está na recompensa oriunda de Deus, “abençoando” a vida daqueles que priorizam dar

o seu melhor para o seu Senhor e a Sua Obra, mas entendendo que a melhor recompensa está no Por Vir.

Além das especificidades já apontadas existe outra que também deve ser colocada em pauta, caso o pleito seja a compreensão desta denominação. A forte tradição oral por parte de seus membros, através dos chamados "testemunhos". Como já vimos, o autor Manuel Luiz Gonçalves Corrêa (1986) foi quem desenvolveu com propriedade o assunto, aliás, fornecendo em seu texto uma série de falas e interlocuções de seus sujeitos de pesquisa. Para o autor, os "testemunhos" ocupam um lugar central na liturgia do culto, tendo como função, envolver os ouvintes, através de quem testemunha, numa espécie de engajamento. O locutor deve demonstrar que possui ligação com Deus e por Ele é visitado. Além disto, deve compartilhar com os congregados as dádivas recebidas como uma forma de pagamento ao Ser transcendente, mostrando assim, gratidão a Deus, embora o convencimento esteja em um segundo plano. Nas palavras do autor:

> Em nosso caso, a busca da envolvência supera a necessidade de convencer, pois o orador conta com um 'engajamento' prévio do auditório, ou seja, com a sua adesão às teses defendidas. Em outras palavras, há uma conotação mística, emergente do ritual, que desloca a noção de verdade para um plano divino. Essa passagem se dá pela fé, admitida como favor divino concebido ao homem. O discurso do fiel em testemunho é um discurso que provém da fé, sustenta-se nela e aponta para o seu despertamento nos que ainda estão por alcançá-la. (CORRÊA, 1986, p. 63; 64).

Na transmissão de discursos pelo grupo, os "testemunhos" devem ser vistos como veículo no qual circulam os acontecimentos, cujos destinatários podem ser pessoas do próprio grupo, seja da igreja local ou igrejas de outras cidades, mas também fora delas, como por exemplo, o local de trabalho e locais semelhantes. As transmissões de discursos estão sempre relacionadas com o contexto, podendo assumir múltiplas histórias, como revelações, curas milagrosas, empreendimentos bem sucedidos, trabalhos em empresas de ponta, e, também histórias e episódios de infortúnios, geralmente interpretados pelo grupo como castigo Divino.

Ao chegar ao fim deste capítulo, espero que o leitor tenha mais alguns subsídios para compreender a CCB como denominação pentecostal que possui características racionais que resultam em sua organização, transparência na prestação de contas, funcionamento dos departamentos. Mas ela também possui outras características metafísicas que se vinculam intimamente com as características anteriores. Falo da crença no governo Divino e na direção dada por Deus como base das ações. Quanto a isto, percebe-se o reconhecimento e legitimidade do carisma de sua liderança, seja nos momentos de iluminação para tomadas de decisões, seja na transmissão da Palavra, como porta-voz de Deus e canal do Espírito Santo. Entretanto, não são apenas os líderes que estabelecem este tipo de vinculação com Deus. Os

congregados também possuem legitimidade para acessar a Deus e ao Espírito Santo, além de se sujeitarem ao senhorio do Senhor Jesus, assim como os líderes. As orações respondidas que se transformam em obrigação de pagar os votos através dos testemunhos, mostram isto. Espero ainda que este capítulo tenha mostrado também a força da tradição. Da tradição oral.

No próximo capítulo (o quarto), busco apresentar como a Congregação Cristã no Brasil estabelece processos de exclusão. Serão apresentados relatos de interlocutores que voluntariamente disponibilizaram informações relevantes para essa reflexão.

CAPÍTULO 4 – PROCESSOS DE EXCLUSÃO E EXCLUÍDOS PELA CCB

Ao longo da pesquisa e da coleta de dados, foi possível ter acesso a um montante considerável de interlocutores e congregados dentro e fora da Igreja. Portanto, de alguma forma, todos eles vinculados à Congregação Cristã no Brasil. Este fato decididamente pavimentou o caminho para chegar a uma série de informações relacionadas a esta denominação. Estive participando de cultos e reuniões, mas também entrevistei adeptos no seu local de trabalho e em suas casas. Chegar a estes adeptos demandou um grande esforço para acessá-los, mas o fato de estarem dentro de um ambiente que eu, como pesquisador tinha acesso, acabou tornando a coleta de dados produtiva.

Entretanto, neste capítulo, quero apresentar especificamente três casos de pessoas que entrevistei em 2017. Todos fizeram parte da Congregação Cristã no Brasil, porém deixaram de frequentar a denominação há muito tempo. Estas pessoas foram aos poucos sendo desligadas do grupo religioso, portanto sendo excluídas. Dois deles seguiram para Igrejas menos rígidas e o terceiro não frequenta mais nenhuma Igreja ou religião. Quanto a esse terceiro, não sei se ele pode ser encaixado no grupo em crescimento denominado "sem religião", presente nos dados censitários, pois seu caso é muito peculiar. Se a maioria das pessoas pesquisadas veio de um ambiente acessível (dentro de igrejas e dentro da empresa do ramo de metalurgia onde fiz pesquisa de campo), estes outros casos representaram para mim um novo tipo de esforço: estar alerta e aberto a interlocutores menos prováveis, oriundos de ambientes não convencionais (como era o caso das Igrejas e da indústria metalúrgica).

Os três casos têm, em comum, a passagem pela Congregação Cristã no Brasil e a exclusão estrutural por não se encaixarem ao modelo presente na Igreja. Nenhum deles foi expulso formalmente, ou impedido de frequentar os cultos. Entretanto, não conseguiram se ver como parte do coletivo religioso e aos poucos foram se afastando. Mas, em certa medida, ainda mantinham características e certas formas de agir onde era possível perceber seu vínculo original com a CCB. Ou seja, mantinham parte da visão de mundo e do estilo de vida dos congregados. E, sobretudo, absorveram, para si, boa parte da responsabilidade de ter saído da Igreja.

Estes casos foram mais difíceis de serem alcançados, justamente por estarem fora deste ambiente religioso que venho pesquisando nos últimos anos. Assim, cabe pontuar que todos estes contatos ocorreram, em um primeiro momento, sem que eu soubesse que eles haviam frequentado a denominação. Foi conversando sobre outros assuntos que cheguei ao

ponto de tê-los como interlocutores. Todas as conversas foram gravadas com autorização prévia e voluntária, sob a responsabilidade de utilizá-las dentro de seu contexto de fala.

Cabe ressaltar que parte das narrativas dos interlocutores a seguir, e de outros que foram apresentados até aqui, é uma tentativa de dar a eles uma voz que muitas vezes eles não têm. Mas também é importante ter em mente, que esse "dar voz" – dentro desta tese – é algo que está sendo mediado por minhas interpretações (GEERTZ, 1978). Faço isto porque acredito que o esforço de dar aos interlocutores o direito de "falar por eles mesmos" – ainda que suas narrativas estejam sendo interpretadas e sendo recortadas em benefício da construção do texto e temas levantados – é também uma forma valoriza-los. Digo isto também como uma forma de reconhecer que muito do que apresento, longe de ser um *insight* pessoal, são informações, interpretações e colocações que me foram generosamente oferecidas por esses interlocutores.

O primeiro caso de interlocutor que apresento neste capítulo é o Val. Na época da entrevista, em outubro de 2017, ele estava próximo de completar 40 anos de idade. O mesmo possui uma trajetória de vida diferenciada, contando com uma passagem pela Congregação Cristã no Brasil. Este interlocutor batizou-se e frequentou à Igreja entre os anos 2002 a 2005. A presença dele aqui se dá por duas razões que devem ser destacadas: Sua ligação com a CCB e, também, por ele ser homossexual.

Aos dezesseis anos ele compartilhou com os pais o que até então era uma particularidade de sua vida. Nas palavras do meu interlocutor, "quando eu contei pro meu pai que eu era homossexual, meu pai falou assim: '*Uai*! Você acha que eu não sabia? Você é meu filho, eu te conheço'". Quanto a sua mãe, esta sim demonstrou surpresa e ficou impactada com a revelação. "Mas entre as nossas conversas, teve uma coisa que ela falou que foi bem marcante mesmo: 'Olha, eu te amo, eu te aceito, você é o meu filho, mas a sua vida é do portão pra fora!'" (Val: entrevista realizada em 10/2017).

No curso de sua vida, o período em que esteve participando como adepto da referida denominação foi, também, marcado pelo esforço de rejeição de sua homossexualidade:

> Quando eu me converti, pastor, eu me converti pra salvação da minha alma, eu estava disposto pegar minha orientação sexual e colocar dentro de uma caixinha e deixar ali, porque eu não acredito em ex-gay [...]. Homossexualidade é algo que está na minha natureza, é algo que eu nasci com isto. Eu posso estar equivocado também, porque a verdade absoluta, não pertence a ninguém, mas na minha leitura, nas minhas memórias e no meu autoconhecimento da minha identidade. [...]. Agora, uma coisa eu não, um aspecto que eu não nego, talvez eu tenha descoberto a minha sexualidade de maneira errada, porque quando eu descobri a minha sexualidade, eu descobri com outro menino, mas eu também já ouvi dizer que muitos meninos fazem isto com outros meninos e não se tornam homossexuais. [...]. Quando eu descobri minha sexualidade, foi tomando banho com outros meninos. *Daí* que eu fui vendo o corpo de outros meninos, mas também não tinha atração (na tenra idade). Eu tinha

> uns 08 ou 09 anos. Aí foi quando eu descobri com outro menino que me disse e que me ensinou que se eu massageasse meu pênis, eu ia sentir um prazer. [...]. Mas, assim: desde muito pequeno, desde muito pequeno, o meu desejo foi sempre direcionado aos meninos e não às meninas. As meninas eram como se fossem as minhas amigas, algo que eu achava muito bonito e que eu, de certa forma, queria me aproximar daquilo[125]. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Diante desta colocação eu perguntei ao meu interlocutor se durante sua trajetória de vida, ele nunca teve um relacionamento heterossexual. Meu objetivo foi verificar possibilidades, como por exemplo, a de meu interlocutor "sufocar" o que ele chama de "natureza", em detrimento de permanecer como integrante do grupo religioso. Neste caso ele poderia, por exemplo, se manter celibatário, ou assumir uma relação heterossexual.

Quanto à possibilidade de ser celibatário, conhecendo meu objeto de pesquisa o suficiente, posso afirmar que na formação moral (no sentido de regras) presente na CCB, não existe espaço para homens em idade adulta permanecerem solteiros por todo tempo. Em algum momento ele precisará formar uma família nuclear, que é composta de pai, mãe e filho(s). Assim, não é o suficiente eliminar a prática homossexual – o que ele chama de "pecado da carne".

Um detalhe a mais está relacionado aos possíveis modelos de família. Sabemos que na nossa sociedade, na atualidade, existem diferentes formas de configurações familiares. Como, por exemplo, casais sem filhos, famílias formadas por casais em segunda união, famílias homoafetivas, dentre outras. Na Congregação Cristã, mesmo a configuração do casal sem filhos não encontra espaços entre os adeptos, a não ser quando justificada pela infertilidade de um dos cônjuges. Mesmo assim, nestes casos, a esperança em uma intervenção Divina permanece presente e a realização de uma gravidez é vista e testemunhada como um milagre.

Mas retornando ao meu interlocutor, a resposta sobre este questionamento de uma possível relação heterossexual foi esta:

> Eu tive, quando eu morei em Arapongas [PR], eu morei uma época em Arapongas com outro amigo meu, homossexual[126] e *daí*, quando você está na adolescência, que é uma fase em que a gente quer provar e quer experimentar, o meu amigo me disse assim: 'Val, eu sou gay, mas já fiquei com mulheres. Eu consigo ficar com mulheres'. E *daí* isto ficou. E, é assim, pastor, quando a gente se sente desafiado! E, justamente neste contexto, tinha uma menina, uma moça, ela tinha até dois filhos, mãe solteira e eu percebia que ela tinha uma atração por mim como homem, não como amigo. E, eu alimentei a situação. Eu fui e dei, dei, dei, dei vazão a isso. Aí foi quando nós combinamos, teve um beijo e o beijo tudo bem. O beijo e tal. Aí pastor, foi quando nós fomos para vias de fatos. Então foi assim, naquela situação e foi também a única vez que eu tentei. Eu não posso ser hipócrita. Foi a única vez. [...]. Ela veio só embrulhada da toalha, quando ela tirou, parecia que o meu corpo com o dela não dava uma química. [...]. Então foi a única experiência que eu tive. Mas,

[125] Neste caso e dentro do contexto da entrevista, estar próximo de, é se vestindo e se comportando de forma semelhante.
[126] O sujeito de pesquisa suspirou, e a interpretação foi a de ter que tocar em um assunto desconfortável.

> assim: experiência de beijo, de ficar, de beijar eu já tive com outras meninas, mas a experiência pra, pra, pra consumação do ato sexual que é o que masculiniza a gente, que a gente se sente o macho Alfa, eu não consegui. Mas, também esta foi a única tentativa com esta moça. Logo depois eu já voltei [pra minha cidade] e eu perdi o contato. Naquela época não tinha Face, Orkut, não tinha nada disto. Então, eu perdi o contato com ela. Mas assim, teve esta situação, esta única situação de tentativa, mas assim, quando eu fui pra Igreja, eu fui com o desejo de anular isto, porque é assim. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Sabemos que este tema é um tema complexo, melindroso, controverso e polêmico. Sobretudo quando envolve o universo de Igrejas Evangélicas. Mas também é um tema muito caro, pois envolve questões importantes, que dizem respeito à vida de pessoas como a do meu interlocutor.

Desde o início de nossa entrevista, meu interlocutor tinha conhecimento da pesquisa sobre a Congregação Cristã e sobre a utilização do material, cujas partes poderiam ser recortadas, porém mantidas dentro do contexto original. Quanto a sua orientação sexual, ele a conduz de forma transparente, contando com o respeito da ampla maioria das pessoas do município onde mora com seus pais. É nesta mesma cidade que ele trabalha como gestor municipal de educação, pedagogo e congrega em uma das Assembleias de Deus. Dentro da Igreja evangélica que faz parte, ele também tem o respeito da comunidade.

O contato de meu interlocutor com a Congregação Cristã no Brasil aconteceu antes de 2002. De acordo com ele, desde sua infância já conhecia pessoas que faziam parte da denominação. Estas pessoas eram vizinhos próximos da casa que morava com seus pais: “a Congregação Cristã sempre esteve presente na minha vida. Sempre chamou minha atenção. Eu, desde a tenra idade, já percebia que eles eram um povo diferente, e que se posicionavam socialmente diferente” (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Cabe dizer que o que ele chama de “povo diferente” e “socialmente diferente” estão intimamente ligados com características presentes nas religiões sectárias, no que Max Weber identifica como seitas (WEBER, 1982). Características próprias de seitas, e que estão voltadas para uma vida exemplar, fazem parte do comportamento dos membros da Congregação Cristã no Brasil. Seu contato com o estilo de vida e visão de mundo da Congregação aconteceu quando ele e o irmão mais novo frequentavam a casa de um casal de idosos, adeptos da CCB. O que ele observou, ao conviver com a família de congregados, chamou sua atenção. Este referencial de conhecimento, anos mais tarde, serviu para ele como parâmetro de comparação com outras denominações evangélicas.

O casal de idosos também mantinha hábitos dentro de sua casa que faziam parte do comportamento dos congregados nos cultos. Segundo meu interlocutor, o marido e a mulher sempre que oravam o faziam de joelhos. A esposa nos momentos de oração utilizava seu véu

para cobrir a cabeça. Esta era uma prática realizada até mesmo antes das refeições. O casal também dava "glórias a Deus" constantemente e procuravam fazer o bem aos outros.

Mas foi com a doença da mãe que o Val, meu interlocutor, viu na prática a ação da Igreja e não apenas a do casal de adeptos. Ele também percebeu o que para ele diferenciava a CCB de outras Igrejas:

> Então, quando a minha mãe ficou doente, outras Igrejas visitaram a minha família, visitaram minha mãe, mas minha mãe gostava desta[127], porque ela dizia que não era uma Igreja muito barulhenta, que era um povo mais discreto. E é um povo assim. O pastor conhece um pouco. Se eles forem te fazer uma visita, eles são bem discretos. Tem uma.... uma.... na verdade, não é um código de ética, eles usam outro nome. 'Da ordem', 'a manutenção da ordem'. Então, eles têm que orar baixo, eles não oram com imposição de mãos, eles não oram sobre uma água. Eles ficam de joelhos, fazem a oração e foram coisas assim que acabaram atraindo mais a minha mãe. Então, minha mãe se converteu pra esta religião e que ela é até hoje. Como minha mãe ficou acamada, e eu e minha irmã éramos os solteiros dentro de casa, mas a minha irmã era uma menina. Então, quando a minha mãe ia para à igreja era eu que tinha que levar, buscar, por conta da cadeira. Foi assim que eu comecei a ter uma intimidade maior em conhecer, ver como é o culto e foi quando eu fui 'chamado também na graça'[128] e *daí* eu fui chamado na graça em 2002. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Este relato traz informações que devem ser interpretadas. Quero abordar dois pontos. O primeiro é a conduta dos adeptos. Ela, a conduta, transmite informações para quem está fora da religião, de forma tal que é possível a esta pessoa verificar se ele se identifica ou não com o que se observa. Nos casos de identificação com o estilo de vida do congregado, existe a possibilidade deste que se identificou, em fazer parte do círculo de amigos – já falamos que a CCB prioriza a inserção de novos adeptos através de sua rede social de parentes e amigos íntimos. Os primeiros contatos ocorrem em ambientes da vida cotidiana, podendo ser em locais de trabalho, dentro de escolas e como apresentado neste caso, dentro da esfera doméstica. Em linhas gerais a identificação acontece antes mesmo do contato com a Igreja. Deve-se ainda considerar que, mesmo que o primeiro contato não seja dentro da igreja, ele é realizado em um espaço controlado. Ou seja, ele permanece direcionado a um público específico dentro de um local específico. Ele não é aleatório, alcançando quem quer que seja. Dito de outra forma, o proselitismo presente na Congregação Cristã no Brasil é um proselitismo pessoal e seleto; ele não é um proselitismo de massa. É um proselitismo com critério de escolhas restritas. E neste sentido é muito diferente do que encontramos em outras Igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais presentes no campo religioso brasileiro.

---

[127] CCB.
[128] Ponto em que a pessoa entende que deve fazer parte do grupo religioso.

O segundo detalhe que julgo importante, trata-se da ação da Igreja fora do círculo religioso. Como vimos no capítulo 3, o cuidado com os "domésticos da fé"[129] é uma das marcas da Congregação Cristã no Brasil e, também, representa uma racionalidade específica presente na denominação. Ela é racional na medida em que busca atender pessoas de seu grupo. Com isto não investe tempo e dinheiro com outros grupos, garantindo assim que os recursos disponíveis fortaleçam o próprio grupo. É racional também porque reduz os atendimentos sistemáticos em longo prazo. Por meio do conceito de predestinação direciona seus adeptos e os estimula a superar as dificuldades enfrentadas. Um predestinado à salvação prova sua eleição sendo bem sucedido. Logo, atendimentos de longo prazo por parte de Obra de Piedade é um contrassenso ao princípio da predestinação, ao fato de ser um eleito de Deus.

O caso do atendimento da mãe de Val, contudo, abre algumas perspectivas novas quando pensamos no trabalho da Obra de Piedade, pois ela não era membro da Igreja no momento do atendimento. Além disto, chamo a atenção para o fato de que o atendimento dado não foi de coisas materiais. Foi um atendimento emocional, no qual estava incluso o acompanhá-la por meio de orações. Neste sentido, a narrativa acima mostra a forma e a capacidade da Igreja em atender pessoas que não são do grupo religioso, e sim candidatas ao grupo. Este é um detalhe relevante dentro do que está sendo trabalhado nesta pesquisa.

Aqui, as "irmãs da Obra da Piedade" que atuam originalmente no atendimento dos necessitados da própria denominação, sinalizam que elas, aparentemente, podem exercer ações fora do grupo religioso, inclusive exercendo proselitismo.

> Então, neste tempo que minha mãe ficou acamada, as irmãs da obra da piedade[130] e que eram nossas vizinhas e amigas, começaram a intensificar as visitas na minha casa. Começaram a levar a palavra[131], a fazer visitas. Depois eles pediram se nós podíamos deixá-los fazer um culto em nossa casa e tal. Nesta situação, a minha mãe se converteu. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Mas, se por um lado, existe uma rede de apoio, solidariedade e cuidados dentro da Congregação Cristã, foi possível perceber em meio aos relatos de meu interlocutor, que nem tudo funciona para gerar aproximação.

Ao longo da entrevista ficou claro que o grau de exigências e cobranças presente da CCB, aparece como um ponto crítico para aqueles que não são capazes de se adaptar ao conjunto de regras. Neste sentido, existem algumas regras que ao serem quebradas, provocam

[129] Este é um termo êmico, utilizado dentro da CCB (mas não só dela) que remete as pessoas que fazem parte de seu grupo religioso. É semelhante a dizer que ele é alguém de casa, da mesma família.
[130] Sabemos que são mulheres que fazem parte da CCB, cuja responsabilidade é fazer visitas aos membros de sua Igreja, sobretudo, quando estes estão passando por alguma dificuldade. Porém, existem casos em que o mesmo grupo realiza visitas a pessoas que não sejam membros de sua Igreja. Entretanto, estas visitas, jamais acontecem a pessoas desconhecidas a elas.
[131] Fazer leitura de um texto bíblico e em seguida comentar este mesmo texto.

automaticamente o rompimento com a denominação. Este processo de pressão coletiva sobre o infrator pode ser seguido de rejeição velada, quando, por exemplo, deixa de ser dada atenção à pessoa (passa-se a ignorá-la). Ou explícita, quando impede a pessoa de participar dos bens simbólicos fornecidos pela Igreja. Por exemplo, dar testemunhos.

Nas narrativas de Val também foi possível verificar a existência de um senso comum presente dentro da denominação: pecados relacionados à esfera erótica, como adultério e relações homoafetivas, são considerados desvios de conduta inaceitáveis. Nestes casos a rejeição é tamanha que aqueles que infringem essas regras deixam de ser considerados "irmãos". E, consequentemente, deixam de ser integrantes do grupo. Estes, ao romperem esses tabus, são vistos como infiéis a Deus, ao cônjuge e à Igreja.

No caso de adultério, como já mencionamos anteriormente, aquele ou aquela que estabeleceu a relação extraconjugal é considerado excluído do grupo, enquanto a parte tida como lesada tem o apoio da comunidade. Aquele que foi lesado, inclusive tem o direito de se casar novamente sem ser excluído. No caso de relacionamentos heterossexuais onde ocorrem conjunções carnais entre pessoas solteiras, como por exemplo, casais de namorados ou noivos, o risco de exclusão permanece presente. Mas, nestes casos, não se descarta a possibilidade de reparação do erro. Entretanto, permanece o fator punitivo, sendo que o mais comum é a "perda da liberdade". Aqui, a reparação da falha geralmente vem através do casamento. Com o tempo, a ordem e a relação com o grupo tendem a se restabelecer. Já nos casos de relações homossexuais, todos os envolvidos pertencentes à Igreja, são vistos como excluídos, e na maioria das vezes, carregando sobre seus ombros a responsabilidade de ter perdido a "Salvação" de suas almas.

Quanto ao meu interlocutor, seu caso não se tornou conhecido pela liderança da Igreja. Ou seja, ele não foi excluído diretamente e sim indiretamente. Mas é interessante que ele também não se vê como alguém que perdeu a Salvação. Ao se desligar, mesmo depois de tantos anos frequentando a Igreja, ele sentiu fortemente o que é não fazer mais parte do grupo: "Eles já não te saúdam mais. Você já não recebe o "Ósculo Santo"[132]. Eles não te mencionam mais" (Val: entrevista realizada em 10/2017).

O resultado deste tratamento de invisibilidade e exclusão são sentidos a curto, médio e longo prazo. Ele estabelece uma fronteira, pode-se dizer intransponível. Mas ao que parece, o contexto sofrido foi capaz de provocar reflexões e elaborações na vida de meu interlocutor. Isto não quer dizer que o mesmo resultado serve para outros casos:

[132] Beijo no rosto: homens beijam homens e mulheres beijam mulheres. Jamais acontece está forma de manifestação, entre sexos opostos.

> É um fator que te desestimula ainda mais. Eu tenho a minha cabeça muito bem feita em relação a isto. Então, é assim: quando eu quero buscar uma palavra, é lá que eu vou. Porque eu preciso de uma palavra, e o jeito em que a Igreja Congregação está instituída, a verdade seja dita, pastor, esta é a minha verdade, não é uma verdade universal, mas é o modelo de Igreja que eu acredito, é o modelo de Igreja que eu acho, que eu gostaria de ter tido forças de ter seguido, que eu gostaria de ter conseguido. Porque, quando eu saí da Igreja, pastor, ficou mais forte em mim. Ficou mais forte em mim a frustração de não ter seguido, do que o medo de ter perdido a salvação. Por eu sei que eu não perdi. Eles não conseguiram. Eles não conseguiram plantar isto na minha cabeça. Eu creio em um Deus misericordioso, então eu sei que eu não perdi a minha salvação. Por conta disto, a minha frustração de não ter dado conta do recado, que era uma coisa que eu gostaria muito, falou mais alto do que do próprio dizer deles que eu havia perdido minha salvação[133], porque eu tinha cometido o "pecado da carne". Então foi assim, a minha conversão!!! Só que assim, pastor, pelo fato (agora eu vou entrar na minha orientação sexual), pelo fato da minha orientação sexual e eu também assumo isto, quando eu entrei na Igreja, eles não ficaram muito em cima de mim, não fizeram uma campanha[134]. Eu fui por minha livre e espontânea vontade. Eles não fizeram um cerco de Jericó em cima de mim, como fizeram no caso específico da minha mãe. Então, quando eu fiquei ali, eu percebi que (e a gente percebe, a gente pode até estar equivocado), teve muitos irmãos que ficaram bem felizes deu estar ali e a partir dali trabalharam para a minha conversão, porque a conversão ela se dá no dia a dia, mas teve também aqueles irmãos que eu percebi que ficavam ali dizendo: 'vamos ver até onde ele vai aguentar' (mas, isto também eu não asseguro, porque eu estou falando do outro). (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Com tantos elementos e variáveis, não se pode esperar um resultado homogêneo em contextos como este. Sua complexidade aparece na própria narrativa de meu interlocutor, e percebe-se uma relação de ambiguidade entre frustração pela rejeição da Igreja, mas ao mesmo tempo, o reconhecimento e valorização por parte dele, depositado na CCB. Ela aparece como uma Igreja onde a presença da Deidade é mais acentuada do que em outras Igrejas. É o lugar que Deus fala.

É ambíguo porque ele se mostra desapontado por não ter sido capaz de se encaixar nos parâmetros presentes na denominação. Por outro lado, há clareza por parte do interlocutor sobre o tema salvação, entendendo que a Igreja não conseguiu incutir nele a possibilidade de perdê-la, mesmo que dissonante do apregoado pelo grupo. A ambiguidade permanece quando ele compara a forma como se deu a entrada de sua mãe e a sua inserção ao grupo. Se no caso de sua mãe parece ter sido algo desejado por ela e pela Igreja, com ele não foi assim. Ele se voluntariou a fazer parte do grupo. A Igreja não foi voluntária em aceitá-lo. Por isso sua saída não foi sentida:

> Quando eu saí da Igreja não deu muito ibope[135]. Eles não ficaram, porque é assim. Eu já presenciei irmãos caírem da graça e a Igreja ficar profundamente abalada, e não é pela situação que levou a saída: 'Ah, o irmão tal, adulterou e caiu da graça!'. Então, eu percebi que não era só pelo pecado, mas era pela pessoa, em que eles tinham aquele afeto, aquele carinho, aquela ligação. Eu não percebi isto quando eu

[133] Talvez seja possível pensar na tentativa de se incutir o pensamento de não salvação, fora da CCB.
[134] Um investimento para transformá-lo em um converso.
[135] Não teve muitas repercussões.

> saí. Mas, isto é mais problema meu do que da irmandade. Porque a salvação ela é individual e então, ela é minha e eu não vou querer que todo mundo chore, que se lastime, que venha atrás de mim, porque não é assim que a banda toca. Mas, comigo se deu desta forma, pastor. Então, quando eu pequei, quando eu fui lá e cometi o pecado da carne com outro homem[136], eu também já não fui mais na igreja. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Na sua saída, ele percebeu que não estava vinculado ao grupo, ao comparar e refletir a partir de outras ocorrências. Ele mais uma vez reafirma a intolerância da denominação com os casos de adultérios e o que estes casos provocam nas relações interpessoais no interior do grupo. Nestes casos, uma percepção é a de que o afeto por alguém que descumpre determinadas regras, não é capaz de manter a validade da relação, por mais desejável que seja. Ainda relacionado à sua condição e a relação com a Igreja, ao envolver na mesma conjuntura os elementos salvação e relação homoafetiva, embora ele se veja fora do grupo, ele não se vê descredenciado ao valor religioso e simbólico. Isto pode sinalizar uma espécie de emancipação. Não obstante, percebem-se nas mesmas colocações alguns pontos de incerteza:

> Um dos regulamentos é que se você perdeu a salvação, não tem mais volta, não tem mais volta. Então é isto aí. Eles são bem pontuais e bem rigorosos. Mas, porque que eu consegui uma desenvoltura muito maior pela Assembleia [de Deus] do Éden, embora também não me assuma como um assembleiano. Hoje pastor, eu não levanto bandeiras, eu não digo que eu sou assembleiano. Também não tomo posse, me intitulando como desviado[137], porque eu não me sinto um desviado. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Dentro do modelo presente na CCB, ao que parece, a maior parte do ônus está para aqueles que não conseguem seguir as regras da denominação. As sanções impostas sobre os infringentes, ao mesmo tempo em que os pressiona para fora, deposita sobre eles a responsabilidade de não ter conseguido cumprir com o que está previamente estabelecido. Dito de outra forma, as regras criadas, ao mesmo tempo em que garantem a coesão do grupo, acabam expurgando quem pensa e age de forma distinta. Além disso, não é incomum a responsabilidade pela falta de êxito ser assumida pela pessoa que se desliga do grupo.

Nos termos de meu interlocutor:

> A Congregação Cristã no Brasil é uma Igreja para os fortes, porque lá é assim: uma saída não tem mais volta. Se você comete adultério é pecado de morte! Não tem mais..., normalmente, eles não te acolhem. Igual no meu caso foi assim: eu fiquei lá na Congregação de 2002 a 2005, efetivamente mesmo, sem interrupção. Depois que eu me desliguei, eu já vou só pra visitar, ou acompanhar minha mãe, mas sabendo como está a minha posição ali dentro. Eu já fui, como que eu posso dizer: desencantado! Mas é assim, de 2002 a 2005 foi que eu segui regularmente a Igreja. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

---

[136] Relacionamento homossexual.

[137] Desviado no meio evangélico pentecostal, é uma pessoa que saiu da trajetória estabelecida pelo Sagrado, para seguir um caminho oposto a este, geralmente, marcado por padrões vistos pelo grupo de religiosos como mundano.

Ainda, conforme meu interlocutor, "se eu fosse heterossexual, o senhor pode ter certeza que eu seria um membro da Congregação. E eu tenho que falar se eu fosse, porque sendo homossexual, eu já fui lá e perdi a minha vez. Vamos dizer assim" (Val: entrevista realizada em 10/2017). Esta apropriação da responsabilidade e da culpa presente nas narrativas de meu interlocutor, não é um caso isolado e nem mesmo raro. É possível verificar esta condição em outros exemplos, assim como é comum estes excluídos sociais migrarem para outras Igrejas Evangélicas. Estas são Igrejas com regras mais flexíveis em relação a estes temas, podendo migrar até mesmo para as Igrejas Inclusivas[138].

Em linhas gerais, existe uma percepção de que quanto mais difíceis são as regras, e consequentemente exigindo maior sacrifício, mais próximo se está da vontade de Deus e do seu plano de Salvação. Quanto mais próximo se está dos valores e comportamentos tidos como "mundanos" – dos quais a liberdade sexual está entre eles – mais distante se está de Deus. Ou seja, quanto menor o sacrifício dos envolvidos, maior o risco de se perder a Salvação.

Chama a atenção que, nesta visão religiosa do mundo presente na CCB, a Igreja passa a ser o espaço de inclusão de iguais e, ao mesmo tempo, exclusão de diferentes. Mas, em relação à maioria dos casos que tive acesso relacionado aos excluídos da Congregação Cristã, ao mesmo tempo em que está presente a frustração de se ver fora do grupo religioso, está presente o reconhecimento e valorização da Igreja. O que não deixa de ser um paradoxo. Creio que uma prova desta ambiguidade seja a permanência dos pais na denominação – quando estes são membros da CCB – mesmo com a partida do(s) filho(s).

Retornando ao meu interlocutor, mesmo havendo momentos que se percebe sua dificuldade em lidar com o assunto, é possível ver também a presença de mecanismos para lidar com estas tensões. Considero a possibilidade de que estes sejam mecanismos de superação ou de sobrevivência, mantendo assim sua vida religiosa, sua crença em Deus e na Salvação da alma:

> Mas, em relação a Igreja, se hoje o senhor me perguntar: 'Val, você é uma pessoa esclarecida em relação a isto? Você já tem todas as respostas que você precisa?'. Eu não vou ser hipócrita em dizer que tenho, porque eu não tenho. Eu só procuro não me desequilibrar. Igual tem pessoas que saem da Igreja e por um motivo ou outro se descabeçam, e danam fazer burradas na vida e se perdem a tal ponto de não conseguirem mais voltar, ou quando querem voltar já se embananou tanto que fica difícil este retorno. Eu, pastor, não tive este problema porque quando eu percebi que não era todo mundo que estava muito interessado em mim, eu reforcei o meu interesse em mim mesmo. Eu sabia, pastor, que não era todo mundo que estava

[138] A etnografia de Marcelo Natividade (2010) sobre uma comunidade inclusiva pentecostal permitiu ao antropólogo social verificar que nesta igreja a questão da homossexualidade não é um problema, desde que o relacionamento sexual seja baseado em um compromisso entre as partes.

> interessado em mim, que não era todo mundo que gostava de mim, que aceitavam a minha presença. Então, eu pensei isto comigo mesmo. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Ao ouvir esta resposta, não foi possível ficar sem falar que todos nós, sem distinção, precisamos encontrar formas de superar situações, conjunturas e contextos que nos desagradam. Lidamos, ou pelo menos devemos lidar em contextos de diminuição de quem somos – ou nos momentos, ou ambientes de confronto que ocorrem simplesmente por pensarmos, ou nos posicionarmos de forma diferente – com a coragem necessária, mesmo que esta nos falte. Não restam dúvidas que os grupos minoritários, mesmo aqueles que possuem um percentual elevado de componentes, mas com pouca representatividade, costumam sofrer e pagar um preço muito mais alto. Mas ninguém está imune de passar pelas situações acima pontuadas, assim como ninguém está exposto o tempo todo.

Portanto, dentro de nosso diálogo minha replica foi: "Mas, isto não é só em questão de homossexualidade: na questão de ser negro, na questão de ser pobre. Em vários momentos de nossas vidas, nós temos que criar mecanismos para equilibrar as tensões".

Sua tréplica em seguida foi:

> Só que por incrível que pareça, pastor, as pessoas, elas elencam por tópicos e no meu caso, a questão da homossexualidade sempre foi mais evidente que o fato de ser negro. Se o pastor me falar 'Val, fala pra mim uma situação que você sofreu preconceito por ser negro?'. Eu vou ter que parar, vou ter que ficar horas tentando lembrar uma ocasião, pelo fato de ser negro. Mas, por eu ser gay, pastor, eu não preciso parar um segundo pra responder pro senhor. Meu amigo que brinca (meu amigo também é homossexual. Muitas vezes, a gente aceita a brincadeira de outro homossexual, mas se um hetero falar isto, pra gente é a morte. Mas temos também que romper com isto. Né?). Mas ele fala: 'Val, você é a tríplice da minoria: negro, gay e gordo'. Aí eu falo assim, na perspectiva desta piada, que pode ser pertinente com o que eu estou querendo dizer: a questão da homossexualidade, sempre foi a mais evidente e talvez pelo fato de ser afeminado. E fica tão evidente, que as pessoas esquecem estas outras questões. Porque as pessoas querem aquilo que é mais evidente, pois esta evidência é o que reforça o preconceito delas. (Val: entrevista realizada em 10/2017).

Isto que meu interlocutor destaca como sendo três possibilidades de se sofrer preconceito é real e deixa marcas profundas na vida das pessoas. Houve nas últimas décadas avanços nos tratamentos desses temas, sobretudo pelos esforços de grupos minoritários em se fazem vistos e representados. Mas, os preconceitos e as marcas geradas ainda acontecem e continuam gerando sofrimento.

Atualmente está muito evidente em algumas pautas de discussões o tema do racismo estrutural. Mas este não é o único problema que nossa sociedade precisa enfrentar, embora seja de extrema relevância. O que as contribuições de Val me levam a refletir é que, assim como esta questão, a homossexualidade é um tema caro, cujo preconceito precisa ser desnaturalizado. Não estou querendo dizer que grupos religiosos que defendem seus valores

devem abandoná-los e assumirem uma postura contrária àquilo que faz parte de sua crença. Porém, é preciso que estes temas sejam colocados em discussão de forma respeitosa entre as partes. Digo, porque em geral, a questão da homossexualidade é pouco ou nada debatida dentro das Igrejas cristãs no Brasil, e muito menos com outros segmentos da sociedade, como por exemplo, um diálogo envolvendo esse tema entre Igreja e Academia. O caso de Val, contudo, demonstra que esta questão, mais do que uma questão isolada, é uma realidade presente nas próprias Igrejas. Ela também é uma questão presente na sociedade brasileira, e, vem marcada por uma série de tabus, preconceitos e tipos diversos de violências.

Questões como família nuclear formada de pai, mãe e filho(s), antes mesmo de ser uma visão religiosa da Congregação Cristã no Brasil, é uma construção da tradição judaica e cristã ocidental. O que a CCB vem fazendo ao longo dos anos é construir sua própria crença com base nestes referenciais. Assim, da mesma forma que o tipo de família visto como modelo tem origem na cultura judaica e cristã, a questão da homossexualidade também o tem. No judaísmo antigo o homossexual deveria ser morto. No cristianismo primitivo não poderia ser um cidadão dos céus. Mas se eles não podem ser cidadãos dos céus, não faz sentido serem privados de serem cidadãos nesta terra.

Esta narrativa de meu interlocutor sinaliza que o preconceito contra o homossexual vai além da CCB. Ele também é estrutural dentro da sociedade brasileira e não apenas em uma determinada denominação religiosa. O que venho constatando ao longo destes anos, no desenvolvimento de minha pesquisa, é que a CCB não vai mudar sua posição quanto a isto, mesmo que seja exigido por lei. Isto porque a perspectiva é a de que a lei dos homens não sobrepõe os preceitos Divinos. Por outro lado, nosso próprio interlocutor indica um caminho que pode ser seguido por outros que se sentem penalizados dentro da denominação pesquisada: migrar para outras denominações menos rígidas – embora esta tensão quanto à homossexualidade faça parte das Igrejas cristãs no geral. E, atualmente, ainda pode contar com as Igrejas Inclusivas.

O segundo caso a ser estudado e apresentado nas próximas páginas, contará com elementos, narrativas e interpretações a partir de um ex-morador de rua. Ele foi alcançado por um Projeto chamado "Gadareno"[139]. Este projeto faz parte de uma iniciativa da Primeira

[139] O nome do projeto, tem seu referencial teológico e prático no Evangelho de Marcos 5: 1-20. O projeto se baseia na passagem bíblica envolvendo um homem em situação de vulnerabilidade extrema, com sérios problemas espirituais e em situação de rua. Seu contato com Jesus o transforma de forma tal que ele se torna missionário, responsável por proclamar as grandes maravilhas de Deus. Seu campo de atuação foram dez cidades ao longo do Rio Jordão, situadas nas proximidades do Mar da Galileia e o Mar Morto. Em Curitiba, o objetivo do projeto é resgatar moradores de rua e ressocializá-los. Existe também a possibilidade destas pessoas atuarem

Igreja do Evangelho Quadrangular de Curitiba, que visa atender e auxiliar pessoas em situação de rua. Na época da entrevista ele também era membro da Igreja. A presença dele em nossa pesquisa ocorre porque ele, antes de ser adepto da Quadrangular, teve uma passagem pela Congregação Cristã no Brasil.

Anilton, ex-morador de rua, na época da entrevista, realizada no final de julho de 2017, estava com 40 anos de idade. O referido interlocutor passou grande parte de sua trajetória de vida em situação de vulnerabilidade, basicamente em decorrência de dependência química, iniciada ainda na infância. Sua presença neste capítulo decorre de sua passagem pela CCB e, também, por sua exclusão, mesmo que não direta, da referida denominação. Conforme nos conta o interlocutor em entrevista: "Quando eu nasci meus pais já serviam[140] na Congregação Cristã no Brasil, e eu ia com eles na igreja. Mas, infelizmente eu comecei usar drogas, já muito criança. Com 07 anos de idade eu já usava drogas, já fumava maconha" (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Além disso, de acordo com Anilton, seus pais se separaram, e a relação depois disto foi sendo marcada por distanciamentos sentimentais e, também, físico/geográficos. Meu interlocutor passou a sua infância, adolescência e parte da juventude morando nas ruas de Curitiba, e de cidades do estado de Santa Catarina. Mesmo assim, quando estava em contato com o pai, era convidado por ele para visitar a igreja e participar dos cultos.

Na sua adolescência, Anilton teve algumas passagens pela polícia, mas nunca chegou a ficar preso. Dois eventos interligados, e possivelmente uma terceira razão o fez abandonar este percurso de vida: "Depois que eu passei a ser de maior[141] eu não me envolvi. Mas na minha adolescência eu fazia assaltos" (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017). O primeiro fator foi um encontro com uma mulher em um assalto realizado dentro de um ônibus. De acordo com meu interlocutor, o ocorrido mexeu profundamente com seu emocional. Ele acredita que naquele evento, uma mulher crente fez a diferença naquele dia.

A mulher fez uma oração e analisando o teor desta (oração) eu percebi que há indícios que esta (mulher) faça parte da Congregação Cristã no Brasil. Quando perguntei a ele se lembrava da oração, sua resposta foi esta:

> Lembro que ela falava assim: 'Senhor, tem misericórdia desses meninos! Senhor, eles podiam ser músicos na tua casa e essas armas poderiam ser instrumentos. Senhor, livra-os de todo mal, guarda-os'. Foram palavras assim. E, eu não conseguia. Falei para ela: *Cala boca, mulher*, mas ela continuou, não calou, continuou orando. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

---

como missionários leigos (sem formação formal), ou especializados, realizados por instituições de ensino da própria denominação. (verifique se não falta algo nessa última frase, o final dela me parece sem sentido).

[140] Mesmo que fazer parte ou ser adepto.

[141] A partir de 18 anos de idade.

A colocação “eles podiam ser músicos na tua casa e essas armas poderiam ser instrumentos” pode remeter a outras Igrejas evangélicas, mas não a todas. Porém quando o assunto é a Congregação Cristã no Brasil, a relação com a música instrumental é uma regra comum a todas as igrejas da denominação. Ou seja, existe música orquestrada no meio evangélico fora da Congregação Cristã, mas não é regra e sim exceção. Entretanto, não existe Congregação Cristã sem música orquestrada e isso é regra, sem lugar para exceções.

O fato de a mulher haver mencionado de imediato a música, sinaliza que dentro de seu imaginário religioso a música ocupa um lugar latente. Pensando no campo, sobretudo aqueles que envolveram cultos, a liturgia desenvolvida pela CCB possui etapas bem definidas. Dentre elas, os momentos em que são cantadas as músicas acompanhadas pelos instrumentos musicais, faz o quadro como um todo, marcar a vida dos adeptos e, também, dos visitantes. Portanto, não se trata de um momento comum, sobretudo por não fazer parte do cotidiano da maioria de nós, brasileiros.

Poucos dias depois daquele assalto no ônibus, de acordo com o Anilton, ele participou de outro assalto, com resultados que corroboram o evento anterior:

> Depois disto, os camaradas chamaram pra ir [assaltar] e eu fui. Isto aconteceu na mesma semana. A polícia me pegou [...]. Eu com 17 anos, passei por essa experiência nada agradável, mas saí dali e falei: não quero mais saber deste negócio. Aí, fui embora pra São Paulo, para o interior. Em São Paulo eu trabalhava em um parque de diversões, destes que vão de cidade em cidade. Fiquei um ano, mas aí, fiz 18 anos, saí do parque e comecei trabalhar em um Bordel. Lá, trabalhava de garçom e ali fiquei até os 19 pra 20 anos. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Portanto, o segundo fato está intimamente ligado ao primeiro. Ser surpreendido e preso pela polícia na mesma semana que esteve diante de uma mulher orando e falando do que ele poderia ser (músico na casa se Deus) funcionou como prova de carisma. Aqui é possível perceber que o meu interlocutor estabelece uma leitura de ambas as ocorrências como sendo eventos supranaturais. Neste sentido, a fala da mulher parece ter um caráter profético, mas o fato dele ter reconhecido e ligado os fatos, mostra seu reconhecimento pelo caráter extraordinário do agente da fala.

Uma terceira variável deve ser somada às outras anteriores. Esta terceira fonte está relacionada com a realidade presente no modelo de Justiça vigente no país. É do conhecimento da maioria dos brasileiros e infratores que o nosso modelo de justiça é bem mais rígido após a maioridade de um indivíduo. Sendo assim, mesmo que não relatado pelo interlocutor, esta é uma realidade presente, mesmo que não dita. Cometer algum delito após os 18 anos é responder pelo feito na totalidade de suas consequências.

Aos 20 anos, Anilton retornou para Curitiba, e, mesmo não cometendo mais delitos, ele ainda vivia de forma pouco convencional, se comparado com os valores defendidos pela religião da qual seu pai sempre fez parte. Nas palavras do meu interlocutor: "*Daí*[142] quando eu saí, eu voltei para Curitiba. Com 20 anos, era aquela vida louca, muito regada de drogas, bebidas, prostituição, brigas. Esta era minha vida! Este era meu mundo! *Daí* em [19]97 eu levei essas facadas[143]" (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Um contexto de discussões, brigas, violências físicas e o uso de armas parece ter deixado marcas na vida de meu interlocutor. A experiência extraordinária no coletivo público indica um momento de ressignificação do modelo vivido por ele, e o que emerge naquele momento são os valores religiosos de sua infância. Ou seja, as referências religiosas da CCB. Neste sentido, é possível considerar que a cultura religiosa transmitida para as pessoas que frequentam a denominação, marca profundamente a vida de quem os recebe. E, mesmo que uma pessoa deixe de frequentar a Igreja, aquilo que aprendeu no tempo em que esteve lá continua fazendo parte de sua vida, mesmo estando fora da Igreja. Vimos no caso anterior (o interlocutor Val) que mesmo fora da Igreja, o que ele incorporou quando frequentou a Congregação Cristã, serviu para ele pensar, em termos comparativos, outras Igrejas. No caso da CCB percebe-se que tão forte quanto a perspectiva escatológica de uma vida eterna no porvir, é a crença em um castigo Divino para os pecadores.

Anilton, ao desconsiderar a tentativa de aproximação por parte de Deus, negligenciando a voz profética da mulher, dá abertura para ser castigado dentro de uma relação de amor e temor a Deus – "Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho." (Hebreus 12:6). Portanto, evidencia-se a possibilidade de sofrer infortúnios em casos de desobediência a Deus. Neste sentido, passar por situações críticas logo após contrariar, ou desobedecer a uma ordem Divina tem significado e pode marcar mudanças radicais no sentido da vida.

Dito isto, segundo Anilton:

> No dia que eu levei estas facadas, era um sábado. Meu pai tinha convidado eu e esse meu irmão mais velho pra gente ir na Congregação, e nós topamos[144]. Meu irmão sentiu alegria, mas para mim, estava meio forçado. Eu falei para o meu pai que precisava cortar o cabelo, que me deu o dinheiro (pra cortar o cabelo), mas me escondi no bar, até dar o horário dele ir pra Igreja, pra eu não ir (pra Igreja). E, neste bar, chegou um amigo entre aspas[145]. Ele me convidou para ir a um baile, mas eu

[142] Daí é um vício de linguagem muito utilizado em Curitiba. Geralmente, como a palavra aí, parece ter objetivo de substituir as vírgulas no transcurso das falas.
[143] No momento da entrevista, Ailton me autorizou a tirar fotos. As cicatrizes me causaram muita impressão.
[144] Aceitamos o convite
[145] Este entre aspas significa que não é um amigo, cujo envolvimento desdobre em ações bem vistas pela sociedade comum. É deste contexto que surge o jargão: "Quem tem amigos assim, não precisa de inimigos"

> relutei um pouco porque nunca gostei de baile e essas coisas. Ele insistiu. Chegando lá, nós discutimos e como ele era maior, tinha certeza que ia me bater. Só que ele apanhou. Aí ele pegou uma faca, e eu, era muito tinhoso[146]. Quando alguém falava que ia fazer algo comigo, tinha que fazer. Se falasse que ia me dar uma paulada, tinha que dar. Uma facada, tinha que dar. Foi a pior besteira, eu ter falado: *Agora você vai ter que matar, e se eu tomar essa faca da sua mão, você vai morrer*. Foram várias facadas. As que acertaram foram sete, mais foram dadas várias". (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Dentro desta narrativa, outro símbolo que pode ser mencionado, é o dia de sábado. Embora a Congregação Cristã no Brasil não potencialize dias como sábados ou domingos, o dia de sábado na cultura judaica da qual as Igrejas protestantes e pentecostais são herdeiras, produz significados. O sábado é o dia que Deus santificou após concluir sua Criação. Além disso, é visto por alguns como o dia em que, na medida do possível, eles (os religiosos que acreditam neste valor simbólico) devem reservar para Deus. Em seis dias Deus criou todas as coisas e ao sétimo Ele descansou. Chama também a atenção que a narrativa sobre o assunto do infortúnio seja iniciada com facadas em um sábado e termina com um total de sete facadas efetivadas nele. Neste sentido, a narrativa, implicitamente, mostra que tanto para quem narra quanto para quem escuta (ou a lê), esses pontos fazem sentido e dão caráter extraordinário aos acontecimentos. O que ocorre após a facada também reforça a crença no governo e intervenção Divina:

> Quando eu fui para o hospital, chegando lá, foi tirado rim, cortou baço, furou um pulmão, cortou estômago, fígado. O médico me deu como morto [...], mas lá na UTI, eu voltei. O médico e todo mundo ficaram assustados na UTI. [...]. Ele perguntou se estava tudo bem? Eu dei sinal que estava. Ele me mandou apertar a mão dele, eu apertei. *Daí*, ele tirou os aparelhos tudo, perguntou nome, endereço. Eu respondi normalmente, porque para mim, eu estava normal. Ele perguntou pra mim: 'Você sabe o que aconteceu com você?' eu disse: Sim! Aquele babaca me deu umas facadas (Já tinha passado alguns dias. Foi no sábado e eu acordei na quinta feira). Mas, *daí* ele falou: 'dê uma olhada'. Eu me assustei, porque eles não tinham dado pontos. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Esta narrativa representa um acontecimento e a crença no ocorrido. Aqui não há lugar para se questionar se foi assim que ocorreu ou não foi desta forma. Não se pode ser incrédulo. Também se acredita não existir espaços para mentiras. Quem testemunha crê no que fala. Quem escuta toma como verdade. Assim, a crença no poder de Deus se constrói. A coesão do grupo em torno desta crença se forma. E o que se fala tem entre as finalidades alcançar mais pessoas.

Anilton também fala sobre o que aconteceu após sua hospitalização. Ele deixa claras as dificuldades em se manter distante das drogas. Quiçá sua dificuldade em permanecer

[146] Mesmo que habilidoso para se livrar de possíveis golpes deferidos.

dentro de uma Igreja com um conjunto de regras tão numerosas e rígidas, mesmo sendo recebido e inserido ao grupo.

> Então! Aí, na verdade, eu não tinha experimentado o amor do meu pai ainda. Meu pai apesar de ser um servo de Deus, ele era muito secão[147]e o mesmo com minha madrasta. Eu era um cara que vivia muito jogado. Meu negócio era só bebida, eu não tinha convívio familiar, eu não vivia com a família, e quando eu saí do hospital, que eles me levaram pra casa meu pai me abraçando, foi diferente. Aquilo foi me mudando, eu que era um cara de coração de pedra. Aquilo foi me mudando. Meu pai me chamou: 'você não quer ir pra igreja comigo? *Daí*, eu me lembrei da outra vez que eu não fui, o que aconteceu. E, quando chegamos na Congregação Cristã (para o senhor ter uma ideia pastor), não sei o que aconteceu na minha mente. E tinha esquecido que existia a Congregação. Mesmo meu pai sendo da Congregação e tudo, eu não lembrava. Eu ia no centro de macumba, em outras Igrejas, mas a Congregação foi deletada da minha mente e quando eu voltei na Congregação novamente, os hinos mexeram muito comigo. Eu me lembrei do culto de jovens e comecei me animar. Eu, estava indo muito bem, minha recuperação foi muito rápida, com 15 dias fui tirar os pontos. Foi rápido demais, porque quando Deus faz, Ele faz bem feito. Eu não estava mais doente, só estava com aqueles pontos. Depois comecei a trabalhar em um restaurante, fui me firmando, aí me batizei. Comecei namorar uma irmãzinha, mas infelizmente, a fissura das drogas e aquelas coisas todas, eu acabei voltando usar drogas. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

De acordo com meu interlocutor, mesmo depois de recair nas drogas, ele ainda tentou manter sua vida dentro do contexto religioso e do convívio familiar. Mas teve dificuldades para superar esta conjuntura. Diante disto, ele mesmo se reprovou e se afastou do grupo:

> E aí, eu não tinha mais forças, falava: *estou errado e não tenho força*. Eu não tinha coragem de falar para os irmãos, pedir ajuda, não tinha coragem de falar. Aí, me afastei, e voltei para as drogas. Aí começou tudo de novo. Já não voltava pra casa, ficava nas ruas. Não era como antes! *Daí*, fui embora pra Santa Catarina. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Durante a entrevista aberta, quando meu interlocutor tocou no assunto de seu afastamento da Igreja, eu fiz a ele uma pergunta semelhante a que fiz ao outro interlocutor, o Val. Embora a entrevista com Val tenha ocorrido meses depois do Anilton, esta pergunta já fazia parte de meu escopo, antes mesmo de entrevistá-los. Assim, perguntei ao Anilton como a igreja reagiu com o seu afastamento? Se ele sentiu apoio? A resposta a esta pergunta foi: "Olha, eu sempre fui muito fujão da família. Quando alguma coisa acontecia comigo, eu me distanciava de todo mundo e não queria ouvir ninguém. Nesta época, eu me distanciei de todo mundo, eu não dei oportunidade pra ninguém me ajudar, na verdade" (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017). Portanto, não é possível afirmar a falta de contato ou aproximação, ou ainda que a igreja tenha rejeitado, pois ele mesmo criou obstáculos. Mas ele também disse: "comecei me sentir acusado, e não tive coragem de comentar com ninguém, simplesmente me afastei", na sequência ele afirmou que "não tinha jeito de ir mais na igreja, porque já começa

[147] Muito fechado e com pouca, ou nenhuma manifestação e carinho.

pela doutrina da Igreja que ela é muito séria. Então já tinha um pouco de cabreragem[148]. Aí, quando me afastei da Igreja, já voltei de cabeça para o mundo" (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Regras fazem parte de quaisquer grupos e na CCB não é diferente. Entretanto, as regras presentes nessa denominação e que a acompanha ao longo dos anos podem ser mais difíceis de ser seguidas para uma parcela da população. Por exemplo, os músicos – utilizando como exemplo, o mesmo tema apontado pelo interlocutor. Ser músico na Congregação Cristã no Brasil, desde sua entrada, está condicionado ao que a denominação determina e não à vontade do aspirante. Quando a pessoa (homem) decide ser um músico, ele deve procurar o encarregado de música, explicitar seu desejo e ver qual é o instrumento que ele pode tocar. Se ele deseja o instrumento "X", mas este já está com o número de músicos completo, resta a ele ser direcionado para compor a orquestra onde existe carência. Mas antes disso, o candidato precisa ter uma vida exemplar, passando pelos mesmos crivos que passam outros trabalhadores voluntários. Falo dos anciães, cooperadores, diáconos, irmãs da Obra da Piedade. A CCB como uma Igreja sectária, exige esta qualidade de todos os seus adeptos. Porém, quando se trata de alguém que vai ascender no ministério, estas qualidades são investigadas a fundo. No exercício prático, o músico precisa cumprir outras regras e, sobretudo, ser disciplinado. Ele precisa frequentar os ensaios locais (na igreja que congrega) e regionais. Geralmente, ele precisa estar vestido a rigor (terno e gravata) mesmo para participar dos ensaios. Em dias de cultos (em média 3 a 4 cultos por semana) nos respectivos horários, sua dedicação deve ser exclusiva. Assim, ao mesmo tempo em que é uma honra "tocar para Deus" é também cumprir com um conjunto de regras e obrigações. E, nem todos estão preparados para seguir uma disciplina destas.

Retornando ao meu interlocutor. Fora da Igreja e do convívio com o pai, Anilton afirma ter iniciado um processo de fuga e degradação:

> Me envolvi de novo com as drogas, aí veio também as brigas, tudo aquilo que eu fazia antes e mais um pouco (porque sempre vem um pouco mais[149]). Aí fui embora lá pra Santa Catarina, eu fui pra Guaramirim. Fiquei na rua lá e sempre morei na rua, mas sempre fui um cara de trabalhar. Não era de ficar à toa, só que a minha escravidão pelas ruas era tão forte que eu trabalhava, ganhava meu dinheiro, mas não conseguia alugar uma casa, morar numa casa. Mesmo eu estando sozinho, eu sentia que estava sendo pressionado por alguém, e tinha necessidade dessa tal liberdade[150]. Não queria ter o compromisso de ir pra casa. Era dormir onde fosse

[148] Desconfiança.

[149] Existe um entendimento no meio evangélico pentecostal que, caso uma pessoa se afaste do convívio sociorreligioso, suas ações erradas antes praticadas, passam a ser potencializadas sete vezes mais em comparação com as do período anterior à conversão. Atribui-se isto a ações espirituais de origem negativas.

[150] Esta liberdade mencionada por este sujeito de pesquisa, foi também pontuada pelo senhor Adeli em outra entrevista, mesmo distantes geograficamente a aproximadamente 480 Km. Além disto, já no tocante ao objeto de

> melhor. Onde que caia eu deitava, pagava para pessoas lavar minhas roupas e era na rua que eu queria ficar. Fui pra lá, comecei trabalhar em uma Fábrica de pré-moldados, que faz esses galpões. Aí nós viajávamos Santa Catarina inteira. Mas o que acontecia? Por exemplo: estávamos em Guaramirim, e íamos lá pra Curitibanos. Fazíamos o serviço, recebia e eu não voltava pra Guaramirim, eu ficava lá pras ruas, gastando o dinheiro. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Em meio a esta narrativa, ficam explícitas as dificuldades de meu interlocutor em se relacionar com as mesmas regras que são comuns dentro da Congregação Cristã no Brasil. Estas regras fazem parte da vida de seu pai como membro da denominação, portanto, possivelmente atuando como um reprodutor dos mesmos conceitos. Não por acaso a fala "necessidade dessa tal liberdade" aparece na narrativa, porquanto pode ser contraposta a um sentimento de estar preso. Ou condicionado a um conjunto de regras e comportamentos que ele não criou e que ao ser pressionado ao cumprimento, não concordando, resta optar pelo afastamento.

Sua liberdade – embora seja fora da maioria dos padrões presentes em nossa sociedade – estava condicionada em trabalhar e morar por um tempo determinado em uma empresa e alojamento, até receber um valor que mantivesse suas necessidades particulares e sua dependência química. Em momentos mais críticos trabalhava e morava nas ruas em situação de vulnerabilidade. O período envolvendo este estilo de vida foi de 1999 a 2001, segundo Anilton.

Como a empresa que ele trabalhava era sediada em Guaramirim/Santa Catarina, mas prestava serviços em várias cidades do estado catarinense, a título de curiosidade fiz uma pergunta. A pergunta foi sobre como fazia para comprar drogas, visto que não conhecia os lugares em que trabalharia. Portanto, não conhecia ninguém.

> Eu tinha uma facilidade. Quando eu chegava em algum lugar, a primeira coisa a se fazer, com todo respeito, era saber onde tinha mulher e droga. A minha preocupação maior, não era de onde tem um hotel, um restaurante, o que todo mundo faz. A minha preocupação era: eu cheguei na cidade, ficava ali conversando com alguém, mais já tava de olho, no que estava passando na rua. A prioridade minha era droga, então, eu perdia um dia de serviço pra achar à biqueira[151]. Aí eu estava tranquilo. Então, toda cidade que eu chegava à prioridade era saber onde estava as drogas. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

De acordo com meu interlocutor, após este período em Santa Catarina, ele retornou para Curitiba, esteve internado em várias Clínicas de desintoxicação e Casas de Recuperação. Depois de anos, recuperado, ele decidiu ir para Jaú, cidade do interior paulista. "Lá, eu recaí,

---

pesquisa que é o Pentecostalismo Clássico da CCB, o fato de ser uma religiosidade com fortes mecanismos de imposição e fiscalização de regras, faz com que aquilo que é percebido como normal, aceitável e em alguns casos necessário para uma determinada pessoa e/ou grupo de pessoas, seja visto como uma grande barreira ou expurgatório para outros .

[151] Outros também chamam de Boca de fumo.

voltei para as ruas e fiquei nas ruas até 2014. Dia 31 de julho de 2014 (mas, eu morava nas ruas, mas ia na Igreja, buscar Deus)".

Ele complementa:

> Eu estava tão escravizado que, se eu não usasse, eu tinha convulsões. Com isto, eu vivia depressivo. Já ouviu falar em comer pão com lágrima? Eu tomava pinga com lágrimas, eu fumava crack chorando. Eu sentia a necessidade do corpo pedindo, mas eu não queria mais aquilo. Era o dia inteiro cuidando de carros, limpando quintal dos outros e fazendo coisas a troco de um prato de comida. Comia comida do lixo, vida de mendigo, podridão, do jeito que o diabo queria. A parte mais sofrida foram os últimos anos. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Foi no Estado de São Paulo que Anilton viveu um dos momentos mais críticos, quando perdeu o controle da situação. Mas, foi também no mesmo estado que ele encontrou um novo sentido para a vida. Ele encontrou as condições necessárias para transpor sua realidade, alguns deles espiritualizados pelo interlocutor:

> Não conseguia pagar ninguém pra lavar minhas roupas, já andava todo sujo, fedendo. Acabou aquela vaidade, já não conseguia mais. Andava todo barbudo, todo fedendo. Aí, como eu tinha trabalhado um mês naquele ano, eu tive direito ao PIS para receber. Uma semana antes, eu dormi numa marquise e sonhei com minha mãe falado pra mim (e já fazia uns 04 anos que eu não via minha mãe), ela falava assim: 'Anilton, Deus me mostrou uma coisa tão linda. Me mostrou que você era missionário[152]'. Eu acordei, mas aquilo ficou na minha mente, porque juntou a saudade da minha mãe, e esta palavra, missionário. Mas, esta palavra não tinha grande valor, porque eu não sabia o que era um missionário, mas alguma coisa era real. Eu comecei a sentir o Espírito Santo me constranger. Todas as vezes que eu ia beber eu sentia mal, mas eu tinha convulsão se eu não bebesse. Aí, eu fui consultar o negócio do PIS sobre o que eu tinha para receber no dia 31 de julho de 2014. Passei a noite fazendo um castelo: vou pegar isso de crack, isso de cocaína, pegar uma mulher, bebidas. Era a vida do mundo em que o diabo fez a listinha de compra dele, mas Deus fez a Sua. Eu acordei cedo na marquise. Geralmente não demorava e já me dava convulsão se eu não bebesse. Eu acordei e já me deu. Eu tava indo para o bar tomar uma pra não dar convulsão e já deu. Naquele dia eu estava com um temor muito grande, medo e o companheiro ali falando: 'é hoje que vamos pegar aquela droga', mas meu coração mudou. Naquela noite meu coração mudou. Fui na Caixa [Econômica Federal], peguei o dinheiro e falei para ele: Vai lá e pega R$ 50,00 de crack e eu vou ver uma parada aí. Fui nestas lojas em que tudo custa R$ 10,00 comprei uma muda de roupa, paguei uma hora num hotel, tomei um banho e me vi novamente. Falei meu Deus! Eu estava com aquele coração apertado, meu companheiro chegou com a droga, mas eu não quis usar. Dei pra ele e fui pagar o bar, porque todo dia eu começava com dívida. Eu não fechava o dia, sem dever. Sempre ficava devendo uma pinga, uma pedra para o outro dia. Aí, no outro dia pagava aquela e começava outra. Sempre pagando! Eu fui pagar o cara do bar. Passei o dia com o dinheiro no bolso, andando pra lá e pra cá, desesperado não conseguia usar nada e com aperto no coração. Procurei a moça que hoje é minha esposa (infelizmente a gente está se separando), falei pra ela que ia sair dessa vida e ela falou: 'vem em casa e a gente conversa' Aí, liguei pro pastor Jorge, falei com o Maicon que queria sair, que queria ajuda. Isto foi numa quinta-feira, mas o pastor só podia ir me buscar no sábado. Fiquei de quinta até sábado com o dinheiro no bolso, sem conseguir usar nada. Aquele aperto, aquela aflição. Quando o pastor Jorge foi lá, me pegou e me levou pra casa de recuperação, eu fiz um propósito com Deus.

[152] No contexto evangélico, missionário é uma pessoa que foi comissionada pelo Sagrado à missão de levar o Evangelho a outras pessoas. Mas, não está condicionada necessariamente a outros países, podendo ser apenas em outras cidades ou mesmo à outras igrejas de uma mesma cidade.

> Falei: Senhor eu não quero simplesmente parar de usar droga, eu quero servir a Deus, mas quero servir direito. Eu quero fazer sua vontade, eu quero saber falar Sua palavra, eu quero ter ousadia, quero ser um servo de Deus. E, foi a partir daí que Deus tem me sustentado. Ontem[153] fez 3 anos. (Anilton: entrevista realizada em 31/07/2017).

Neste segundo caso estudado, é possível verificar que Anilton não é apenas uma pessoa que teve dificuldades de se encaixar nas regras presentes na Congregação Cristã no Brasil. Ele também teve dificuldades em seguir outras regras. Não obstante, durante as narrativas, ele mostra que consegue seguir algumas. Os trabalhos no parque de diversões e na fábrica de pré-moldados, em certa medida sinalizam sua capacidade de seguir regras (dias e horários de trabalho, permanência em uma cidade definida por outros como local de trabalho). Além disso, o período em que esteve na Congregação Cristã demonstra que ele, pelo menos por um tempo determinado, conseguiu se encaixar no que estava posto.

Pensando a CCB a partir destes dois primeiros casos (Val e Anilton) vemos que eles têm pontos em comum. Ambos não são resultados de proselitismo tal como o que está presente na denominação. Não se encaixavam no perfil daqueles que os membros enxergam como um possível "eleito". No primeiro, o vínculo surge pelo fato de que a mãe passou a fazer parte da CCB. No segundo, o pai que era membro da Igreja. Estes sim internalizaram e viviam de acordo com os valores presentes na religião. Daí o porquê os filhos destes não serem o resultado de um proselitismo que busca pessoas que já possuem qualidades semelhantes às que estão presentes na denominação. Um vai espontaneamente, entretanto já sabendo de sua orientação sexual e tentando anulá-la como condição de pertencimento. Mas chega ao limite entendendo que não ser possível esta anulação. Após um tempo, depois de deixar a CCB, passa a fazer parte de outra denominação evangélica. O outro, não espontaneamente, após um momento traumático, que envolvia uma situação crítica com risco de morte, decide acompanhar o pai. Mas também não consegue seguir o estilo de vida comunitário da CCB. Ele também se desliga da Igreja. Retoma sua vida nas ruas e, depois de muitos anos, passa por uma experiência espiritual que o leva a ingressar em uma outra Igreja evangélica. Nos dois casos, são Igrejas pentecostais, mas com perfil significativamente diferente da CCB, destacando-se o fato de serem Igrejas mais flexíveis quanto aos usos e costumes e cobranças em relação determinadas regras.

Diferente de outras Igrejas pentecostais, a Congregação Cristã no Brasil parece não investir em pessoas que estejam distantes de seus ideais. Não investe em um proselitismo mais aberto e não investe na tentativa de moldar pessoas que pensem, ou ajam diferente do

[153] Dia 31 de julho de 2017.

que eles têm como padrão. A doutrina e as reuniões de ensinamentos servem para trabalhar algo que já está presente nos novos adeptos. Não é para converter pessoas no sentido de mudança de direção. Em parte, isto pode justificar não haver um esforço em impedir a saída, ou de resgatar os afastados. Também em parte, a concepção de predestinação justifica a saída como não sendo estes os escolhidos de Deus para fazer parte da Congregação Cristã.

Quanto a estes dois interlocutores, chama a atenção que mais de 450 quilômetros os separam. Além disso, eles não se conhecem. Mesmo assim, mais uma vez – como é padrão na CCB – as condições religiosas surgem como idênticas. Suas "Comuns" atuam da mesma maneira, seguindo o princípio de não manter como integrantes do grupo pessoas que não se encaixem no perfil vigente. Outro ponto é que, em perfis como os de Val e Anilton, o afastamento do coletivo religioso surge como a única alternativa possível, sem possibilidade de retorno, restando apenas, quando a escolha é seguir em frente vinculado a uma religião, migrar para outras Igrejas menos rigorosas.

Isto não quer dizer que estas Igrejas menos rígidas aceitem tais práticas, como a homossexualidade, ou o uso de drogas. Mas, ao contrário da CCB, Igrejas evangélicas menos rígidas costumam investir na "conversão" (ou "resgate") de pessoas que "se desviaram do caminho". Um exemplo deste tipo de perspectiva adotada por uma Igreja menos rígida é o "Projeto Gadareno". Ele é financiado e desenvolvido com recursos da Primeira Igreja do Evangelho Quadrangular de Curitiba. Foi este projeto, desta Igreja, que atendeu Anilton. No momento da entrevista ele estava vinculado ao Projeto e à Primeira Igreja de Curitiba.

O terceiro e último dos casos selecionados para o capítulo é o do Sr. Adeli. Este interlocutor, assim como os outros apresentados nestes parágrafos, também esteve em contato com a Congregação Cristã no Brasil, através dos pais. E, assim como os outros dois casos deste capítulo, também se distanciou da denominação. Seu caso talvez seja o mais crítico de todos, pois no período da entrevista ele estava em situação de vulnerabilidade e de rua, sem perspectiva de mudanças neste cenário.

O senhor Adeli, na época da entrevista, realizada em maio de 2017, estava com 54 anos. Encontrei este interlocutor em uma de suas passagens pela cidade de Porecatu, no norte do Paraná. Nossas interlocuções ocorreram em dois dias consecutivos e foram gravadas. Em um primeiro momento, suas narrativas e as escolhas de vida, tudo que ele dizia ter feito, me geraram estranhamento. Minha reação inicial foi de desconfiança, pois pareciam surreais e até mesmo fantasiosas. Mas – atento em não me deixar levar pelas minhas próprias impressões – escutei com atenção cada uma delas, e ao longo do diálogo fui percebendo que os fatos narrados faziam sentido e mantinham sua coerência. A posteriori cheguei até mesmo a checar

algumas das informações. Todas essas informações checadas – não todas que foram faladas – foram corroborando o que ele havia dito.

Nascido no interior do Paraná, em uma pequena cidade situada a aproximadamente 50 quilômetros de Maringá, mudou-se para São Paulo com seus pais ainda muito jovem. Seus pais, que eram membros da Congregação Cristã no Brasil, se esforçaram em educar a ele e seus irmãos dentro da Igreja. De acordo com meu interlocutor, seus pais foram relativamente bem sucedidos em um primeiro momento, quando moravam em Alto Paraná. Mas perderam o controle sobre os filhos, quando se mudaram para São Paulo. Conforme o Sr. Adeli, a vida em São Paulo propiciou a ele, algumas possibilidades que comprometeram sua trajetória:

> Foi uma devassa. Foi uma desgraça muito forte. Né? Porque aqui não tinha drogas, não tinha armas, nada! Passei a conhecer uns (não estou culpando eles não, não estou julgando meus parceiros de jeito nenhum) a gente passa a conhecer um, passa a conhecer outro, passa a conhecer um baseadinho. Né? Quando se pensa que não, já está afundado. (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017).

Em São Paulo, principalmente após a morte dos seus pais (ele não explicitou as razões), o distanciamento da Igreja se consolidou. Aos poucos ele foi se afastando do estilo de vida daquele vivido por ele na infância até se afastar quase completamente. Nas palavras do Sr. Adeli: "... nós mudamos pra Jabaquara. Eu trabalhei em quatro empresas em São Paulo e de repente fui fazer um assalto que deu certo. Queria que não tivesse dado certo o primeiro, mas deu certo. Aí deu certo o segundo, deu certo o terceiro, deu certo o quarto" (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017). Resumindo, foi esta modalidade que levou meu interlocutor a cumprir pena por vários anos e ao sair da prisão, ele não conseguiu se adaptar a sociedade, também, não conseguiu se vincular novamente aos familiares. Desde então passou a viver em situação de rua, embora se mantenha bem apessoado, bem vestido e asseado.

> A gente tem que se preservar. Não é porque mora na rua que tem que andar igual um doido. Até porque, eu venho de família evangélica. Né? Eu venho de família evangélica. Nós éramos da Congregação Cristã. Eu fui músico, aí nós fomos, foi para São Paulo e me envolvi com o crime. Fiquei 20 anos preso. Né? Fiquei 20 anos em débito, recolhido da sociedade. (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017).

Não é nosso interesse abordar aqui a veracidade de alguns fatos, como por exemplo, se ele ficou ou não preso, se cumpriu ou não vinte anos de prisão, ou algo semelhante a isto. Embora eu tenha dedicado alguns esforços na verificação de algumas informações coletadas após a entrevista, o dado que mais me interessava foi possível verificar em tempo real. Falo de sua procedência religiosa dentro da Congregação Cristã no Brasil. Graças ao meu conhecimento acumulado sobre a denominação ao longo dos anos, foi possível compará-lo com o ele que dizia sobre a CCB. Assim foi possível confirmar que realmente ele conhecia a fundo a CCB, e o que era ser um congregado.

Ao pedir ao Sr. Adeli para que relatasse um pouco sobre sua adolescência e juventude dentro da Congregação Cristã no Brasil, ele me respondeu:

> Pra ser sincero com o senhor, se fosse pra entrar nas águas hoje eu não entraria. É claro que eu não vou escolher placa, mas é claro que vou querer saber o que eu vou seguir, não adianta entrar nas águas da Congregação Cristã, eles não ajudam ninguém, a não ser entre eles. Se eu sou crente da Congregação e vou falar com o cooperador, eles dão mantimentos, paga uma conta de água, de luz. Nestes termos, eles conseguem ajudar, mas não ajudam o próximo. (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017).

Aqui, é possível ver que ele está falando da "Obra da Piedade", mas não apenas. Ele está relatando parte da identidade da Igreja, na atenção e cuidado do próprio grupo a partir de uma rede de ajuda mútua. Entretanto, esta mesma rede desconsidera aqueles que estão à margem de sua sociedade religiosa.

Além deste ponto apresentado, foi possível comparar outros três assuntos (Sr. Adeli em entrevista realizada em maio de 2017), através de minhas experiências e conhecimento do campo. O primeiro ponto remete à explanação de meu interlocutor sobre os músicos da CCB. De acordo com o Sr. Adeli: "De vez enquanto, nós fazíamos reunião de músicos, vinha os maestros e organizava as orquestras, pra ver se 'tava' tudo certinho os instrumentos" (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017). Realmente a música na CCB passa por constantes supervisões. O segundo ponto é sobre a Igreja: "É bonita, é gostosa, mas é uma Igreja individual" (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017). Aqui estamos diante de uma fala que faz sentido quando pensamos no caráter fechado da denominação. A CCB não participa de eventos ecumênicos, não adere a projetos coletivos a não ser os de seu próprio grupo religioso. Eles não se envolvem politicamente, não fazem sociedade com pessoas fora do círculo. Com raríssimas exceções, pois em linhas gerais é assim que eles se comportam. A terceira pontuação retrata particularidades, mas é resultado de sua interpretação sobre a Congregação Cristã. Para o Sr. Adeli, a CCB "é uma Igreja rica. Até as crianças vão de terno e gravatinha" (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017). Embora esta afirmação do Sr. Adeli já representa uma interpretação, gostaria de oferecer minha própria interpretação, e o farei em duas partes. Parte 1: Embora tenha frequentado alguns lares de adeptos da CCB, e participado de momentos da vida privada de sectários, nunca tive acesso a elementos que me proporcionasse afirmar a classe social e econômica destes. Porém posso dizer que através dos templos construídos é possível problematizar o assunto. Devemos primeiramente partir do princípio que a construção desses templos é realizada apenas com investimentos financeiros de seus membros. Também devemos pensar que as igrejas representam o esforço de um grupo que vai além da mobilização dos trabalhos voluntários na construção. Somando ambas as

formas de investimento (mão de obra qualificada e recursos financeiros) chego à conclusão que o resultado do conjunto diz algo: só se pode dar aquilo que se tem. O resultado concreto são milhares de templos espaçosos, bem acabados, contando com uma ótima estrutura em todos os estados da federação. Parte 2: a meu ver a menção "até as crianças vão de terno e gravatinha" em meio à fala de "Igreja rica" está muito mais conectada a uma visão de senso comum sobre classes sociais, do que efetivamente à um dado empírico que possa corroborar a ideia de que a CCB é uma "Igreja de ricos". Pessoas que utilizam ternos e gravatas são vistos por muitos como aquelas que possuem melhor poder aquisitivo e muitas vezes representam uma elite social. Mas isto não é uma regra. Nem mesmo é verdadeiro. Neste sentido, a fala do meu interlocutor pode ser tomada como um posicionamento controverso. Mas se é controverso, esse é um tipo de percepção muito comum.

Um quarto ponto, narrado pelo Sr. Adeli é sobre a chamada "Carta de Apresentação" (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017). Dentro da Congregação Cristã esta carta serve como documento de comunicação confirmando a veracidade e a idoneidade da pessoa como membro da Igreja. Ela também representa a integridade do portador em relação à sociedade ampla a que também faz parte. A carta é pessoal, conta com um padrão impresso de acordo com o modelo CCB. Ela deve ser assinada pelo ancião da Igreja da qual a pessoa faz parte. Caso o responsável pela Igreja seja um cooperador, é ele quem deve assinar tal carta. Portanto, o documento deve ser disponibilizado somente pelo líder religioso e este líder deve conhecer muito bem a vida e a reputação daquele que precisa da carta. É o ancião/cooperador que vai avalizar a pessoa em trânsito, garantindo que seu comportamento dentro e fora da Igreja é digno de nota. Ao disponibilizar a carta assinada, o líder assume total responsabilidade em apresentar a pessoa transferida como apto a ser integrado na nova igreja da denominação. O documento, embora remeta a transição de uma cidade para outra e de uma igreja para outra, é antes de tudo uma comunicação entre iguais no topo da hierarquia. De acordo com a Assembleia Geral de 25 a 27 de março de 1964, no tópico que trata o assunto, a condição impreterível é esta: "Somente se declara que o irmão tem bom testemunho". Para aqueles que têm "Ministério" (músicos, diáconos, porteiros), é o documento que vai legitimar sua atuação na mesma função na outra igreja. Sem esta carta a pessoa não poderá ser integrada ao trabalho ministerial, por melhor que seja no exercício do trabalho, ou por maior que seja a carência deste tipo de mão de obra voluntária.

Sobre o assunto, a narrativa do meu interlocutor foi esta:

> Quando a gente ia viajar pra outra cidade, a gente andava com a carta pra poder tocar lá, tem que apresentar a carta que o ancião [assinou], lá[154]. Vou viajar pra São Paulo, tem uma família lá, vou congregar lá, levar uma carta pro ancião. É! Levar a carta assinada pelo ancião, que você é músico da cidade, e assim levar a 'Paz de Deus'[155]. Assim, você está autorizado a tocar. (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017).

Feitas as considerações, uma colocação do Sr. Adeli sobre a Congregação Cristã, logo após ele mencionar os temas de música e carta de apresentação, é uma das que mais nos interessa para pensarmos como a Congregação Cristã no Brasil lida com aqueles que se distanciaram do coletivo religioso. De acordo com meu interlocutor, "a Congregação é rígida, e ela tem um grande defeito: É tipo as 99 ovelhas! Eles não correm atrás daquela perdida. Eles não acham diferença se está faltando uma ovelha" (Sr. Adeli: em entrevista realizada em 05/2017). Sem entrar muito no mérito teológico da questão, o que meu interlocutor está dizendo aqui se refere ao conceito de "Ovelha Perdida", muito comum entre as Igrejas evangélicas, exceto a Congregação Cristã. Em linhas gerais o contexto remete à preocupação do responsável ao perceber a falta de uma das suas 100 ovelhas. Ele deixa o grupo em segurança, e sai à procura daquela que se desgarrou do grupo. Ele não descansa enquanto não a encontra e a leva de volta. O texto bíblico está diretamente ligado à figura de Jesus Cristo, mas ele serve de modelo para aqueles que estão à frente dos grupos de religiosos. Tal conjuntura, para além de garantir o caminho de volta para aqueles que se distanciaram, confere ao líder religioso a responsabilidade de ir atrás e trazer de volta. Independente das condições que ela se encontre.

Neste sentido, todos os casos presentes ao longo destes parágrafos, mesmo que não se conheçam pessoalmente, explicitam uma mesma realidade vivenciada por eles. Suas colocações sobre este assunto possuem uma característica comum. Trata-se de uma espécie de exclusão religiosa para aqueles que não se encaixam nos valores centrais da Igreja, e que está presente nas narrativas de cada um deles. Portanto, as narrativas se completam, e o que eles falam, falam a partir de suas próprias experiências.

O esforço neste capítulo é o de mostrar que a Congregação Cristã no Brasil produz no interior de seu grupo uma coesão racionalmente construída. Ela garante a unidade do grupo através de uma rede social doméstica, e a unidade do grupo é resultado da força de suas regras, sistematicamente construídas desde seu passado. A tradição na manutenção destas regras não está separada dos resultados racionais esperados. Ou seja, se existe uma tradição

[154] Outra conformidade. É uma prática comum entre estes religiosos, viagens para participar de cultos da mesma denominação em outras cidades. As cartas de recomendação, também fazem parte das práticas na CCB
[155] Forma de cumprimentar, característica da CCB.

sendo seguida, antes, o que se segue (as regras) foi resultado de uma construção racional colocada em prática. Creio que ficou claro neste capítulo que a ação de buscar pessoas para dentro do grupo, entre aqueles que fazem parte de suas redes sociais de parentes e amigos, demonstra a finalidade última de crescimento controlado. Controle aqui não se trata de quantidade e sim de qualidade. As pessoas que serão inseridas no grupo serão aquelas que já mantinham um estilo de vida próximo ao que está presente nesta Igreja. Neste sentido o retorno do tipo de proselitismo feito pela CCB na busca de novos congregados, em seu sentido amplo, é quase imediato e demanda menor esforço e investimento. Há crescimento numérico de adeptos sim, mas segundo o padrão CCB. Este modelo também contribui para o aumento do montante de mão de obra voluntária tanto para atender os cultos, quanto para construção de novos templos. Expandem a rede de negócios e serviços envolvendo apenas as pessoas do grupo. "Irmãos" priorizam a compra e venda entre "irmãos". "Irmãos" se associam à "irmãos", garantindo assim a promoção do próprio coletivo religioso – isso vale para casamentos dentro de grupo.

Mas, o esforço maior é mostrar que toda esta coesão não deixa margem para pessoas que pensam e/ou agem diferente do grupo. Estas pessoas são pressionadas pelo conjunto de regras e valores pouco flexíveis, presente na maioria dos adeptos e reconhecido como verdadeiros comportamentos a ser seguidos. Não há espaço para revoluções ou modificações significativas porque a entrada ao grupo é voluntária, assim como a aceitação do grupo também é espontânea. Não há obrigação em entrar, não há obrigação em aceitar a entrada. O que existe é a obrigação em seguir o que está posto. Neste sentido, a dificuldade em seguir as regras representa a exposição a forças que atuam pressionando de dentro para fora. E estando fora o retorno é improvável.

Mesmo com esta pressão para saída, um ponto particular parece ter marcado a vida destes interlocutores aqui apresentados. Isto se remete a forte tradição oral presente da CCB. Para este capítulo, selecionei parte das falas, mas acredito que mesmo com estes recortes seja possível ver que suas narrativas carregam em si esta tradição. Ou seja, o fato de terem sido excluídos, não retirou deles a capacidade de testemunhar suas experiências de vida.

Cabe ainda dizer que, embora eu tenha marcado presença em todas as regiões geográficas do Brasil fazendo etnografia – menos no Distrito Federal – em um país com dimensões continentais como o nosso, e com uma diversidade cultural tão ampla, afirmar que todas as filiais funcionam exatamente da mesma forma é um erro. Mas não é um erro afirmar que a Congregação Cristã no Brasil se organiza de tal forma que, a partir de sua Sede no Brás,

são minimizadas significativamente as margens para as diferenças entre as “Comuns”, presentes em diferentes partes do Brasil.

No próximo capítulo, busco conduzir a reflexão para sua finalização, no tocante a condição da Congregação Cristã no Brasil como uma denominação racionalizada. Esta característica racional, quando somadas à fundamentos dogmáticos e à tradição religiosa, propiciam uma condição de cristalização dos valores religiosos, reduzindo possíveis mudanças na própria religião.

CAPÍTULO 5 – RAZÃO E DOGMA DENTRO NA ESFERA RELIGIOSA DA CCB

Este derradeiro capítulo, longe de esgotar a discussão sobre a Congregação Cristã no Brasil, é um esforço final na definição dos objetivos propostos. Para isto, dois pontos essenciais devem ser considerados ao longo dos próximos parágrafos: as questões que envolvem o tema racionalidade e, também, outras que remetem ao termo dogma. Dito isto, tratando do tema da racionalidade, tomo como ponto de referência e partida contribuições de Max Weber.

Um dos pontos importantes, dentro dos argumentos que desenvolvo neste capítulo, envolve a noção de "racionalidade da vida", de Max Weber (2002, p. 101; 102). Racionalidade da vida, na perspectiva de Weber, pode ser entendida com uma construção racional e metódica que resulta em um estilo de vida específico. No que se refere às religiões – ou Igrejas evangélicas, como é o caso aqui tratado –, a racionalidade da vida não é peculiar a uma única tradição ou denominação religiosa. Neste sentido, podemos dizer que Weber ao comparar, por exemplo, o luteranismo e o calvinismo, ele entende que a racionalidade da vida está presente em ambos. Nestes casos, não obstante, desenvolvidas em rumos opostos.

Partindo desta noção da racionalidade da vida, pode-se dizer que existe um ponto comum entre as religiões de origem cristã desenvolvidas no mundo moderno a partir da Reforma e que ganham novos capítulos ao longo dos anos. Este ponto comum é a presença do tipo de racionalidade moderna que é reproduzida na vida individual e coletiva, mas que assume múltiplas formas, tal qual o que entendo ser a forma já citada do luteranismo e a do calvinismo. Dito de outra maneira é no contato do indivíduo com a religião e no interior desta que é construído, nele, um tipo particular de racionalidade. Esta racionalidade vai moldar não só a visão de mundo e *ethos* do grupo, mas também a do indivíduo, definindo as ações que serão realizadas a partir desse referencial racionalmente formado.

A racionalidade e os processos de racionalização do mundo, é algo que vem ocorrendo no decorrer dos processos históricos. Weber chama a atenção, por exemplo, para mudanças de paradigmas – em termos de racionalidade – que já ocorriam antes mesmo da Reforma. Portanto, são anteriores até mesmo ao que ocorreu na Idade Média, ou ao cristianismo primitivo como religião de salvação. Em termos de racionalidade, que aqui é objeto de meu interesse, o germe deste tipo de razão e que geraram essas transformações são heranças do judaísmo antigo, com o surgimento dos profetas.

> O mágico foi o precursor histórico do profeta, do profeta e salvador tanto exemplares como emissários. Em geral, o profeta e salvador legitimaram-se através da posse de um carisma mágico. Para eles, porém, isto foi apenas um meio de

> garantir o reconhecimento e conseguir adeptos para a significação exemplar, a missão, da qualidade de salvador de suas personalidades. A substância da profecia do mandamento do salvador é dirigir o modo de vida para a busca de um valor sagrado. Assim compreendida, a profecia ou mandamento significa, pelo menos relativamente, a sistematização e racionalização do modo de vida, seja em pontos particulares ou no todo. Esta última significação tem ocorrido geralmente com todas as verdadeiras 'religiões da salvação', ou seja, com todas as religiões que prometem aos seus fiéis a libertação do sofrimento. Isso é ainda mais provável quanto mais sublimada, mais interior e mais baseada em princípio é a essência do sofrimento, pois então é importante colocar o seguidor num estado permanente que o proteja intimamente contra o sofrimento. Formulado abstratamente, o objetivo racional da religião redentora tem sido assegurar ao que é salvo um estado sagrado, e com isso o hábito que garante a salvação. Isto toma o lugar de um estado agudo e extraordinário, e com isso sagrado, alcançado transitoriamente por meio de orgias, ascetismo ou contemplação. (WEBER, 1982, p. 375; 376)

De acordo com Weber (1982), a relação que as religiões proféticas e as religiões de salvação mantêm com o mundo e os seus valores é de vitalícia tensão. E quanto maior for a prioridade pela busca redentora, maior será a tensão.

> Os postulados religiosos podem entrar em conflito com o 'mundo' de diferentes pontos de vista, e o ponto de vista em questão é sempre de grande importância para a direção e a forma pelas quais a salvação será buscada. Em todos os tempos e todos os lugares, a necessidade de salvação – cultivada conscientemente como a substância da religiosidade – resultou da tentativa de uma racionalização sistemática e prática das realidades da vida. Na verdade, essa conexão tem sido mantida com graus variados de evidência: nesse nível, todas as religiões exigiram, como pressuposto específico, que o curso do mundo seja, de alguma forma, significativo, pelo menos na medida em que se relacione com os interesses dos homens. [...] Essa pretensão surgiu naturalmente como o problema habitual do sofrimento injusto, e, daí, como o postulado de uma compensação justa para a distribuição desigual da felicidade individual no mundo. Daí, a pretensão tendeu a progredir, passo a passo, no sentido de uma crescente desvalorização do mundo. Quanto mais intensamente o pensamento racional ocupou-se do problema da compensação justa e retributiva, tanto menos pareceu possível uma solução totalmente interior e tanto menos provável, ou mesmo significativa, uma solução exterior. (WEBER, 1982, p. 404)

Neste contexto, o significado do que é entendido como salvação, passa por um processo de desenvolvimento e sistematização da crença até chegar a produção e reprodução de ensinamentos religiosos. O resultado alcançado neste caso, como já foi dito acima, é uma ética particular, que envolve a construção de um *ethos* religioso específico. Esse *ethos* avança em direção à sua formalização, seguido de registro, produzindo assim os pilares fundamentais do que, numa dada religião, serão legitimados através de estatutos.

Trazendo a perspectiva de Weber que vem sendo aqui apontada para meu objeto de estudo, um primeiro ponto a ser destacado é que a salvação propagada no interior da Congregação Cristã no Brasil é muito mais escatológica, voltada para um mundo que ainda está por vir, do que a salvação neste mundo, ou para este mundo. Nesta denominação a salvação é vista, antes de tudo, como resgate pessoal dos escolhidos por Deus, através de Jesus Cristo, mas também representa a libertação dos poderes do maligno e das influências

mundanas. Isto não é exclusivo da CCB, mas existe uma forma particular de como é promovido este pensamento religioso pela denominação, que reitera significativamente a necessidade de resistência ao mal e ao mundo de forma mais acentuada que outras denominações evangélicas. Na CCB a resistência ao maligno e ao mundo, mais que legitimar a salvação, dando provas de sua eleição, atua como mecanismo de preservação. Dito de outra forma: resistir ao mal e ao mundo é resistir ao pecado; resistir ao pecado é prova de sua eleição; quem não peca mantém sua salvação.

Na CCB, a propagação mais intensa é aquela que envolve os chamados "pecados de morte". Já falei de alguns deles no capítulo anterior (adultério, prostituição, homossexualidade, imoralidade sexual). Estes tipos de pecado estão relacionados com a esfera erótica e geralmente são os primeiros a serem citados e combatidos. Já foi dito, que em linhas gerais, não há tolerância por parte da denominação em relação a estes temas. Pecados de morte, que envolvem os "pecados da carne" são aqueles que não têm perdão, gerando tanto no indivíduo quanto no coletivo, preocupações. Na CCB estas preocupações forjam parte da identidade individual e coletiva, orientando as ações dos congregados. Estas preocupações definem os limites que não devem ser ultrapassados e ao mesmo tempo produzem uma expectativa em uma vida supranatural. Esta concepção religiosa presente na CCB molda o estilo de vida religioso em sua relação com os "domésticos da fé" e também em alguma medida com aqueles que estão fora da religião. Falo dos que, mesmo não sendo um congregado, estão em contato regular com estes religiosos, porquanto, estão sujeitos a serem influenciados.

Entre os entrevistados, além do Val, foi possível obter informações sobre o tema das práticas sexuais com mais de um interlocutor. Uma delas é Fabiana, já citada no capítulo 3. Na época da entrevista, realizada em abril de 2020, ela estava com aproximadamente 35 anos de idade. A entrevista foi realizada através do aplicativo WhatsApp, e tive acesso a ela por meio de um pastor da Quadrangular que a conhecia e sabia de suas raízes na CCB. Foi ele quem fez a aproximação.

Fabiana nasceu em um lar de adeptos da CCB e casou-se com uma pessoa que também foi criada dentro da Congregação Cristã. Ela conheceu, namorou, noivou e se casou em pouco mais de um ano. O que ela fala sobre o sexo na vida do membro congregado indica um pouco do que ocorre a partir do que é ensinado e vivido pelo coletivo religioso. Diz algo sobre o lugar que o sexo ocupa; o que a Igreja ensina e como isto gera temor nas pessoas; e como o desejo da prática sexual, somados ao medo do pecado, resulta em uniões aparentemente precoces.

Assim de acordo com Fabiana:

> Eu acho que na vida de todo ser humano sexo é uma coisa importante. Quando você está novo, igual nós dois que tínhamos 23 anos, você tá naquele hormônio, naquela coisa, naquela curiosidade de experimentar, de saber como que é. Mas você também não quer fazer algo que você foi ensinado que é um pecado mortal. Então acaba assim, é levando você ao casamento mais rápido por esse motivo. (Fabiana Zarbano: entrevista realizada por WhatsApp em 08/04/2020).

Estando os indivíduos casados, a vida íntima presente na Congregação Cristã no Brasil parece não contar com grandes restrições. Parece poder ser vivida dentro de um padrão de menor rigor. Digo parece porque, embora esses sejam dados relevantes e confiáveis, reconheço que o ideal é que fossem comparados com muitos outros interlocutores e em várias regiões geográficas. Também levando em conta que sou um pesquisador, homem, entrevistando uma mulher. Eu mesmo fiquei surpreso em ter me respondido. Possivelmente ajudou o fato de a entrevista ter sido remota, através de troca de áudios, pelo aplicativo WhatsApp.

Ainda no campo das aparências (isto é, do que se pode apenas acessar partes, ainda que problematizando) a vida sexual de um casal de adeptos, parece que é algo semelhante a como a Igreja trata os assuntos relacionados a bebidas alcoólicas, ou seja, não proibindo o consumo, mas restringindo o excesso. Ou ainda pensando como a denominação coloca a frequência nos cultos, onde não há a obrigação de estarem na igreja todos os cultos ou todos os domingos, mas sim, a necessidade de se adorar a Deus fielmente. É isto que faz a pessoa frequentar a igreja com regularidade, mas sem a pressão quando não se pode ir, desde que a(s) razão(ões) seja(m) relevante(s) e justificável(eis). Por exemplo, fazer horas extras no domingo. Também não há restrições ao trabalho realizado em determinados dias vistos como santos. A exemplo, o sábado. Dito isso, outra resposta importante e que tem relação com o tema voltado para a questão sexual, decorreu da pergunta: falar de sexo na CCB é um tabu ou não? Quanto a isto, Fabiana disse:

> Sexo realmente não é um tabu. Nunca também se prega sobre sexo dentro da Congregação. A gente só sabe que não se pode fazer antes do casamento. Não pode fazer se você é casado, com outra pessoa. Não pode ter adultério. Então não é falado muito de nada. Eu até lembro que quando eu casei, eu tinha muitas dúvidas do que podia fazer com seu marido. Se podia fazer certas outras coisas. Se podia fazer, éééé. Eu lembro que eu tive que conversar com a minha sogra. Eu falei ah, seu filho quer fazer isso e isso. Ah eu não sei se Deus se agrada de certas coisas. Eu acho que é suposto fazer desta forma, tal tal. E ela falou assim pra mim: 'olha, sinceramente Fabiana, pra minha vida eu vogo assim: é entre você e seu marido. Isso não tem nada a ver. É uma coisa carnal e você não coloca Deus dentro disso. É entre você e ele'. Pronto! Aí então eu me liberei um pouco, de algumas coisas. (Fabiana Zarbano: entrevista realizada por WhatsApp em 08/04/2020).

A visão que a Igreja tem sobre a natureza humana (se me permite usar o termo natureza) quando o assunto é sexo, não sofre restrições quando realizada dentro do casamento.

As barreiras são levantadas fora da união legal e não dentro dela. Quanto a isto, a Igreja coloca para seus fiéis condições para manutenção dos valores morais – morais como conjunto de regras. A pressão para não se praticar sexo antes do casamento visto como "pecado mortal" é um exemplo, mas não o único. O fato de se manter separados homens e mulheres durante os cultos, além de contribuir para a execução das músicas, separando as vozes, a prática também visa reduzir o contato entre ambos os gêneros. Da mesma forma ocorre com a prática do "ósculo santo"[156], apenas entre pessoas do mesmo sexo. Estes são alguns exemplos da construção de barreiras protetoras.

Mas existem outros "pecados" que fazem parte deste quadro e que são menos citados que as relações sexuais antes do casamento, o adultério e as relações homossexuais. Falo das inimizades, disputas, facções, brigas, invejas, ciúmes. Principalmente dentro do grupo. Estes temas, quando pontuados, têm por finalidade garantir a harmonia interna. Ou seja, reduzir possíveis atritos e tensões que podem comprometer a coesão do coletivo.

A unidade interna da Igreja pode ser vista como uma das particularidades desta denominação. Esta unidade reflete na vida entre adeptos, quando priorizam, se preciso, até as últimas consequências, a integração entre pares religiosos. Esta integração ocorre nos negócios, nos casamentos, entre as Igrejas da denominação e, também, na igreja local. Em caso de sociedade entre "irmãos de fé", não pode haver injustiça, disputas, brigas, ciúmes, inimizades. Isso, da mesma forma, vale para o casamento entre adeptos de mesma denominação e, também, para as famílias unidas não só pelos laços de fé, mas também familiares. Elas devem estar unidas em torno dos mesmos propósitos, sendo que o fato de pertencerem à mesma denominação já contribui em parte para as mesmas perspectivas. Isto não quer dizer que não existam atritos ou tensões, entretanto permanece a mensagem que brigas, disputas, invejas inimizades, ciúmes são atitudes que desagradam a Deus. Nessa esteira, o fato de compartilhar os mesmos valores, em alguma medida, reduz a possibilidade de conflitos. Esta união pode ser vista quando, por exemplo, se constrói novos templos. Todos se unem para o trabalho. Não se aceita disputas, brigas, invejas e ciúmes. Todos estão ali para aprender uns com os outros e se ajudar mutuamente. Uma das provas desta integração é o fato de os canteiros de obras se transformarem no local para aprender uma profissão e/ou exercitá-la. A unidade também reflete na igreja local e é vista na liturgia dos cultos, quando todos sabem seu lugar, respeitam o lugar de outros e atuam para que o culto seja uma junção das partes. O objetivo maior é o de glorificar a Deus e não aos homens. Podemos verificar isto de

[156] Beijo no rosto.

forma mais clara, nos testemunhos, quando uma narrativa, cujo objetivo é o de "pagar os de votos" completa as outras narrativas e não disputa com elas. Ou quando no momento da mensagem, a pessoa escolhida pelo Espírito Santo como preletor não se vê como quem venceu a disputa, e sim como alguém que deve ser humilde e fiel a Deus e a Igreja de Cristo.

Além e ligado a isto, está a Bíblia como uma das principais fontes, ao lado do Espírito Santo. A Bíblia é a base e o único referencial teórico utilizado pela Congregação Cristã. Ela é vista como infalível e inspirada pelo Espírito Santo. É a base da crença religiosa dos congregados, aquela que fornece a teoria da salvação e também aquela que promove as condições necessárias para os adeptos acreditem na possibilidade de uma vida direcionada a Deus e/ou por Deus. Neste contexto, a Bíblia aparece como materialização racionalizada pela presença de textos escritos, sobretudo os livros do Novo Testamento. São estes textos que são utilizados para moldar a identidade religiosa. E no caso da Congregação Cristã no Brasil, estes textos são os únicos aceitos como legítimos.

A salvação é algo que a pessoa deve perseguir através do cumprimento das regras que estão diretamente ligadas a temas, como a crença na Trindade, o batismo apenas por imersão em água, a resistência às tentações, o esforço em adquirir e manter uma vida exemplar. A salvação é vista como uma dádiva Divina e está no centro da crença como um valor essencial. Porquanto, o Batismo no Espírito Santo, evidenciado pela glossolalia, embora faça parte da própria religião em sua linha pentecostal, ele atua como potencializador da salvação da alma e não com uma condição para a salvação. A salvação se destaca também, sobre doenças e problemas crônicos de todas as formas. Dito de outra maneira, uma pessoa salva pode não ter sido batizada no Espírito Santo ou pode enfrentar dificuldades.

Se as dificuldades enfrentadas, ou a falta do selo do Espírito não são resultados de pecados de morte, o congregado pode passar parte de sua vida doente, ou toda ela, e mesmo assim ser visto como salvo. Neste sentido, ele é percebido como alguém que está sendo provado. Da mesma forma que ele está sendo provado sem tirar os olhos da salvação, o congregado ao enfrentar dificuldades, ou ficar sem resolver os problemas por longos períodos, permanece com seu nome escrito no Livro da Vida. A expectativa é a de que sendo aprovado, Deus o recompensará neste mundo e, também, em última instância, na vida por vir. Ou seja, na nova Jerusalém.

A palavra de ordem neste segmento religioso é que a salvação só pode ser alcançada através de Cristo Jesus. A Salvação não é acessada através de Deus, ou do Espírito Santo. Ela também não vem por meio de outras divindades. A salvação da alma ocorre por meio do "Senhor Jesus" e o batismo nas águas complementa este processo salvífico. Porém, na CCB

batismo por imersão nas águas é condição priorizada para o batismo no Espírito Santo. E ambos são necessários para atuação nos trabalhos eclesiásticos.

A segunda Pessoa da Deidade (Jesus) ocupa um lugar diferenciado na perspectiva da Congregação Cristã no Brasil. Isto não quer dizer que seja maior que a Primeira (Deus), justamente porque a crença é a de que a Segunda é menor que a Primeira e incondicionalmente obediente a este, como seu Pai Criador. Jesus na CCB aparece como Senhor da vida dos congregados e, ao mesmo tempo, como exemplo de obediência a Deus. Da mesma forma Jesus não se sobrepõe a Terceira (Espírito Santo). E, no caso da CCB e de outras denominações pentecostais, é Ela (a terceira Pessoa da Trindade) que fundamenta o próprio pentecostalismo.

De acordo com a orientação sobre o assunto na Assembleia Geral de abril de 1984,

> [...] os que pregarem, quem não recebe a Promessa do Espírito Santo com evidência de línguas não está salvo, deverá reprovar tal pronunciamento perante todos. Não foi o Espírito Santo Quem morreu por nós. Quem morreu por nós foi Jesus Cristo. A salvação está em Cristo. Quem crer Nele tem a salvação.

O diferencial se dá na relação da Segunda Divindade com os homens, que segundo a crença, neste segmento religioso está dividido em dois grupos de pessoas: os salvos e os não-salvos. Com os primeiros a relação é de senhorio. E, com os segundo são de ordem comum, ou seja, apenas foram criados por Deus (criaturas). Mas, parte dessas criaturas podem obedecer ao chamado de Deus e assim alcançar a salvação. Neste sentido a frase presente no interior de cada templo da Congregação Cristã "EM NOME DO SENHOR JESUS", mais que uma frase é um símbolo, agregando valores de salvação, de pertencimento e, até mesmo, de segregação religiosa.

> A diferença no emprego destas expressões no Novo Testamento 'EM NOME DE JESUS' é frase usada na apresentação da salvação ao pecador e sempre que a expressão é dirigida a pessoas não crentes, conforme podemos ver claramente nos seguintes pontos: Atos 2:38; 3:6; 4:10 e Romanos 6:3. 'EM NOME DO SENHOR JESUS' é frase usada quando a palavra se dirige aos salvos, aos crentes, conforme os capítulos Atos 8:16; 19:5; Colossenses 3:17 e I Coríntios 5:4. O filho de Deus veio a este mundo tendo duas naturezas. A natureza humana e a natureza Divina. Por isso Ele é chamado verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Como homem padeceu na cruz, para remir a humanidade. Como homem conheceu a morte e desceu ao sepulcro. Nós, quando cremos em Jesus Cristo e o recebemos por fé, ao sermos batizados, na semelhança do sepultamento morremos com Cristo. Mas o Senhor Jesus desceu à morte. Esta não o pôde reter. Ele ressuscitou ao terceiro dia, triunfante e glorioso. Depois da ressurreição é que Deus o fez Senhor e Cristo. E nós quando saímos das águas do batismo ressurgimos em novidade de vida, tendo em nós a vida de Cristo. Temos a natureza de homem glorificada em nós mesmos. O primeiro batismo na Igreja apostólica foi feito em nome de Jesus Cristo. E não em Nome do Senhor Jesus. Na Convenção que Deus nos deu de realizar em 1936 ficou deliberado que quem não se conforma com as palavras de batismo não tem o Espírito de Cristo, e não pode ter ministério. Nesta reunião aprendemos doutrina que não é ponto de vista deste ou daquele, mas a Santa verdade encontrada na Palavra de Deus. (Assembleia Geral da Congregação Cristã no Brasil, 1969).

Reforçando, a ênfase depositada em Jesus Cristo não é a de um Cristo sacrificado. Também não é a de um Cristo que voltará. Embora ambas as figuras estejam presentes e façam parte da crença religiosa na CCB, a ênfase maior que está presente é a que reforça a figura de um Cristo como Senhor. Reforço também que a porta de entrada deste pertencimento é o batismo por imersão nas águas. Portanto, nesta formulação o batismo pode ser entendido como um rito de passagem. O batismo marca a transição de alguém sendo elevado a um grau de filho de Deus. Assim, esse pertencimento a Jesus e a forma como a centralidade de Cristo como Senhor é construída dentro da Congregação Cristã, reflete diretamente na visão de mundo e na ética dos adeptos da denominação. Eles vivem entre os valores da predestinação calvinista (mesmo sem defendê-la abertamente) e uma vida devotada ao seu Senhor (Jesus). Espelham-se na obediência de Cristo a Deus e procuram fazer o mesmo, agora obedecendo a Cristo. Esta perspectiva de Jesus como Senhor e a obediência a Ele, produz resultados na vida religiosa aqui e agora, cujo pensamento na vida por vir entra como a consagração de algo que precisa ser realizado no presente. Ou seja, a necessidade de ser íntegro e fiel.

Novamente, repito, há de se considerar a Congregação Cristã no Brasil como um modelo de Igreja racionalizado, destacadamente definido e organizado. Neste ponto, como quaisquer segmentos racionalmente construídos e legitimados, a CCB se destaca pelo registro fiel das definições de suas Assembleias anuais, em Ata. Neste sentido racional a denominação não fica presa a condições metafísicas, mesmo que estas contribuam e avancem em direção a uma racionalidade prática.

Estes documentos são a materialização, ou registos de assuntos discutidos em reuniões ordinárias e extraordinárias. São documentos internos e dificilmente disponibilizados a pessoas fora do grupo. Parte destes documentos pode ser acessada pelas vias legais. Ou seja, as publicações em Diário Oficial, como aconteceu com o Estatuto original e todas as suas modificações ocorridas ao longo dos anos[157]. Além dos Estatutos, as Atas da Assembleia Geral de cada ano, das Reuniões Extraordinárias e, também, das "Reuniões de Ensinamentos" são registrados e remetem à definição de temas colocados em pauta. Estes temas são debatidos entre aqueles que têm poder de decisão dentro da denominação. Ou seja, os anciães.

[157] Iniciada em Junho de 1910, com Estatuto regularmente aprovado em 04 de março de 1931 e reformado em 30 de março de 1936, 23 de abril de 1943, 29 de novembro de 1944, 04 de dezembro de 1946, 08 de fevereiro de 1956, 21 de abril de 1962, 12 de abril de 1968, 23 de abril de 1975, 04 de abril de 1980, 13 de abril de 1995, 10 de abril de 2004 e 05 de junho de 2013 (Capítulo I, Artigo 1º, Estatuto de 2013).

Porquanto, deliberado os assuntos, estes, após serem registrados, vão servir de orientação para tratar outros casos semelhantes.

Além das formas de registros citados acima, que podem ser vistos como a formalização racional de aspectos da própria religião pentecostal vigente na Congregação Cristã no Brasil, existe uma quarta forma de registro. Falo dos "Hinos de Louvores e Súplicas a Deus". Trata-se de um hinário – que pode ser visto em um livro impresso de canções – utilizado pela CCB. Ele é o único aceito pela denominação e contém 480 hinos e 06 coros. Neste sentido, seja nos cultos, nos ensaios, ou mesmo em reuniões das redes sociais domiciliares, não existe espaço para nenhuma música a não ser estas 486 composições[158].

Ainda relacionado ao símbolo de Jesus como Senhor e da Salvação a partir deste mesmo Cristo, dentro da perspectiva dos hinos, percebe-se pontos de racionalidade. Ou seja, enquanto registros (letras) que atuam na formação da visão de mundo e no estilo de vida dos congregados. As letras dos hinos mais que cantados nos cultos, transcendem para as relações cotidianas e podem ser vistos nas ações práticas dos adeptos. Estas canções impressas são reproduzidas nas vozes dos congregados e nos toques dos instrumentos musicais, construindo uma identidade religiosa própria da Congregação Cristã.

Dentre os 480 hinos, selecionei dois deles para este momento. Estes hinos representam esta condição de Jesus como Senhor da vida dos congregados que está sendo pontuado. Esta visão provoca nos adeptos, agirem de forma que suas vidas estejam condicionadas à vontade Divina. Portanto, os religiosos da CCB ficam sujeitos a anular suas próprias vontades, incorporando o que determina o seu Senhor Jesus. Neste ponto, se as pregações transmitem oralmente esse tipo de valor, os hinos e coros vêm com o mesmo objetivo, mas por meio da forma escrita. Estes dois hinos aqui apresentados transmitem aos congregados o sentimento de estarem protegidos diante das mazelas do dia a dia. Eles ainda provocam nos adeptos a expectativa da promessa escatologia em um mundo por vir. Dito de forma objetiva, estes hinos provocam nos sectários da CCB as diretrizes como vão agir aqui e agora (racionalidade prática), a proteção emocional para as incertezas da vida (levando certeza aqui e agora) e gerando expectativas certas em uma esfera metafísica (morar com Deus em um lugar celeste).

[158] Os hinos marcam o início, o meio e fim de cada culto. O hino de silêncio – que deve ser iniciado às 19h25min – é apenas instrumental. Ou seja, sem o acompanhamento das vozes. Já os que estão na parte central da liturgia, eles contam com a orquestra e as vozes dos participantes do culto. Ao final, um último hino é tocado, encerrando assim o trabalho eclesiástico. Em casos que o culto avançou muito, comprometendo o horário de término do, para que não haja um atraso ainda maior, quem está presidindo o culto geralmente indica um dos 06 coros. Estes coros em média ocupam 1/3 do tempo de um hino. Em suma, os hinos têm seu desenvolvimento em torno de três a quatro minutos, enquanto um coro é cantado em apenas um minuto. E, a execução pode ser com ou sem a orquestra. Assim, na prática, o tempo de execução é a diferença entre hinos e coros.

Assim os valores esperados são: obediência, humildade, fidelidade e fé. Seguem os hinos 441 e 121.

Eu sou um cordeirinho – Hino 441

Eu sou um cordeirinho, Jesus é o meu pastor
Desfruto seu carinho e seu sublime amor
Nasci no seu rebanho por graça divinal
Não sigo a voz do estranho, mas só a paternal

Eu sou um cordeirinho, Jesus é meu pastor
Sou um feliz menino nos braços do Senhor
A Sua voz conheço, também o Seu querer
A Ele obedeço, disposto e com prazer

Sozinho no deserto jamais eu posso andar
Jesus está bem perto a fim de me guardar
É grande o cuidado que ele tem por mim
O meu pastor amado me guia até o fim

O meu socorro vem do Senhor – Hino 121

O meu socorro vem do Senhor
Que é do universo o Criador
Tudo que se move por Seu poder
Sempre por Ele, hei de vencer

É Deus quem guarda a sua Igreja
Não adormece, nem tosqueneja
Não deixará teu pé vacilar
Nas lutas que tens de enfrentar

Em todo o tempo ando com Deus
Que me promete vida nos céus
Se eu for humildade me guardará
Para a glória me levará

Eu glorifico ao Criador
Por ter mandado o Salvador
Para me dar fé, vida e perdão
E no Seu reino, o galardão

A Congregação Cristã no Brasil, assim como outras religiões de salvação individual, cria uma necessidade de salvação para a alma. E, diante desta demanda criada procura satisfazer seus sectários com seus bens e serviços religiosos (espaço para oração dentro da liturgia dos cultos, dar testemunhos, pedir hinos, participar da Santa Ceia, conviver com os membros do grupo). A Congregação Cristã é uma entre as denominações de origem cristã nesta abordagem (direito à salvação e acesso a bens e serviços). Mas o seu tratamento com ênfase na vida extramundana a difere da maioria das denominações pentecostais, cuja perspectiva intramundana (ser um instrumento de Deus para agir sobre o mundo e transformá-lo) está presente. Na Congregação Cristã no Brasil, não se tem a pretensão de mudar o mundo, mudando as pessoas. O que se pretende é preparar os escolhidos para um outro mundo que não é este em que vivem – ou que vivemos. Aqui, mais uma vez é possível verificar porque as pregações são baseadas nos textos do Novo Testamento e não no Antigo Testamento. Percebe-se novamente que o tema extramundano e o no porvir via mensagens compõe parte de sua tradição oral, enquanto os hinos abordam o mesmo assunto a partir da escrita. Neste quesito envolvendo uma abordagem escatológica, a CCB vem mantendo a validade deste tipo de visão, ao longo dos anos. E, se comparada com as Assembleias de Deus, sua contemporânea de fundação, percebem-se mudanças significativas nestas AD e menos

mudanças na CCB. Por exemplo, a entrada da AD na política institucional em uma tentativa de mudar o mundo mudando a política. Ou pela crença em defender a Igreja e as famílias se fazendo presente na política. Entretanto, a CCB permanece com seus olhos muito mais nos céus e não na terra. Diante disto é possível dizer que estamos frente a um modelo em que a manutenção deste pensamento e todas as suas implicações é eficiente, reduzindo assim possíveis modificações. É possível dizer que nos deparamos com um processo que mesmo sendo metafísico com abordagens escatológicas, também é racionalizado. Esta racionalização é também uma forma de resistência a possíveis transformações do que está registrado. Neste caso aqui, registrado nos hinários.

Dois outros hinos corroboram esta percepção na vida por vir. São eles os hinos 364 e 283. Existem outros hinos, mas estes quatro figuram entre os mais pedidos durante os cultos.

Os tempos já chegados são – Hino 364

Os tempos já chegados são
Os dias Deus abreviou
Bem perto está a consumação
Das promessas que Deus anunciou

O nosso rei não tardará
Virá do céu com resplendor
O povo santo, ao vê-lo, lhe dirá
Sim vem, amado senhor

Os que servirem ao senhor
Com glória aparecerão
No reino eterno de amor
Como o sol eles resplandecerão

Quem tem ouvidos para ouvir
Atenda o espírito de Deus
Que fala do feliz por vir
Preparado aos santos lá nos céus

Quero, ó Senhor, ir contigo ao céu – Hino 283

Tenho em meu coração, real certeza
De que, no céu, com Cristo habitarei
Pois minha sorte e eternal riqueza
Então no céu, onde a desfrutarei

Quero, ó Senhor, ir contigo ao Céu
E contemplar Teu Esplendor
Sei que me darás, na Eternal Sião
Grande e avultado galardão

Bom testemunho levarei comigo
Se neste mundo eu manifestar
Que Jesus Cristo é o verdadeiro amigo
Por quem a paz eu pude encontrar!

Vivendo sempre em doce Esperança
Em Cristo sinto divinal prazer
Receberei no Céu a minha herança
Que Deus irá, na Glória, conceder

Estes são alguns exemplos e pontuações que correspondem à própria construção e propagação do tipo particular da racionalidade da vida presente no nosso objeto de pesquisa. Assim, no caso da CCB, embora haja uma herança calvinista do presbiterianismo de seu fundador e, também, dos primeiros adeptos oriundos da Igreja Presbiteriana de São Paulo, esta herança passa por um processo de ressignificação. Ou seja, o ascetismo intramundano composto pelo pensamento de estar no mundo sem ser do mundo, e que conseguia imprimir nos sectários valores que os motivava a agir sobre as esferas mundanas, é em parte substituído e em parte transformado. No caso da CCB, como vimos, o olhar está para além deste mundo. Com isto não estou afirmando que não existam pessoas que desejem tal transformação. Nem

mesmo a inexistência de adeptos da CCB acreditando na conversão de pessoas como um mecanismo de transformação do mundo. Esses aspectos fazem parte do pentecostalismo como religião de conversão e salvação. O que quero dizer é que na Congregação Cristã esta forma de atuação sobre a esfera mundana não ganha destaque, e sempre que possível é combatida. Uma prova prática do que estou falando é a não preocupação da CCB com conversões em massa. Portanto, os critérios defendidos pela própria denominação, seja pela tradição oral, sejam pelos hinos (forma escrita) e que por sua vez estão alinhados com o sectarismo presente nas denominações calvinistas, sobretudo as de linha puritana, remetem à vontade de Deus que de antemão tem os seus escolhidos.

Outra prova do que está sendo falado (perspectiva futura no além) e que foi pontuado dois parágrafos antes é o envolvimento político. Este tema faz parte da agenda de boa parte das denominações pentecostais e neopentecostais. Utilizando o exemplo, as Assembleias de Deus, que no passado resistiam tal envolvimento, mas que há muito tempo não pensa assim. Além destas, a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus, que possui um forte apelo político. Ao contrário, a CCB do passado, a CCB do presente, e tudo levam a crer que a CCB do futuro remoto, têm a política como um tabu. A denominação como instituição religiosa se mantém afastada desta esfera, e orienta seus adeptos a fazerem o mesmo. A única diretriz positiva que os membros recebem em relação a isto, refere-se ao exercício de sua cidadania, votando. Quanto ao voto, a única observação fundamental é a de "nunca devemos votar em partido que negue a existência de Deus e a sua moral" (Reunião de Ensinamento, 1948; Assembleia Geral, 1969; Assembleia Geral, 1977).

Este afastamento relacionado à política também não é novidade e nem mesmo é peculiar apenas a CCB. Weber ao relacionar a racionalidade com a ética vai dizer que a racionalidade ética (WEBER, 1982, p. 386; 387) está presente na forma com que as religiões se conectam ou reagem ao envolvimento político. Os níveis de conexão podem ser distintos. Eles podem marcar diferentes escalas de ligação e até mesmo podem representar repulsa com este tipo de poder. Nesta conjuntura, a racionalidade ética envolve valores sagrados e/ou um tipo de autonomia lícita. Em alguns casos, esta condição religiosa pode produzir uma ideia de vocação. E, quando a ideia de política é vista como vocação religiosa, esta vocação funciona como incentivo para a ação racional que vai além da esfera religiosa. Aqui, a perspectiva racional na união entre religião e poder não religioso corresponde também a um comportamento racionalizado e específico. Mas, a rejeição em níveis extremos também é uma possibilidade.

É neste cenário de rejeição que a Congregação Cristã no Brasil se posiciona abertamente, inclusive se apresentando como uma denominação "apolítica"[159]. E, muito mais que um ponto externado publicamente, este tema é estatutário. Um detalhe que chama a atenção sobre este assunto é que o tema política não foi inserido na denominação nos primeiros anos, e quando surgiu, surgiu como um tema restrito. Após sua inserção, a CCB vai se ajustando conforme as necessidades, vitalizando seu afastamento deste segmento.

Embora a CCB tenha sido plantada por Louis Francescon em 1910, sua ata de fundação formal é de 1928. Nesta ata, o tema política não apareceu como uma preocupação, e nem mesmo apareceu nos primeiros Estatutos da Igreja. Somente vinte anos depois de sua constituição, em 1948 é que o tema política foi tratado e registrado em seu Estatuto. Nesta época, a política já apareceu como um marcador de fronteiras. Ou seja, não se permitia o envolvimento da Igreja com Partidos Políticos para aqueles que fazem parte do Ministério (anciães, diáconos, cooperadores, porteiros, músicos, irmãs da Obra da Piedade). Também era vetada a aceitação de cargos políticos (assessores e cargos comissionados). Além disto, não era e continua não sendo permitido que candidatos utilizem os templos para fazer campanhas (entregar "santinhos" e pedir votos).

Na Assembleia Geral de 1965 o tema surge novamente na seguinte afirmação: "O povo de Deus é livre para votar em quem desejar, sem nossa interferência. Não tratamos de política na Congregação". Já na Assembleia Geral de 1969, no tópico 43, a liderança deixa explícita a posição de distanciamento político. E, embora ainda não tenha surgido o conceito apolítico, os anciães são taxativos, inclusive em relação às sanções:

> O servo de Deus não pode se envolver em política. Esta advertência é feita a todos que participam do ministério; será empregada toda a energia na repreensão a tal erro. Sempre se aconselha aos irmãos do ministério a se conservarem afastados da política, no entanto se tem conhecimento que alguns irmãos cooperadores do interior deste Estado e também de outros Estados, tomam parte ativa na política fazendo campanhas eleitorais, tornando-se assim cabos eleitorais e filiando-se a partido e alguns candidatando-se. Não permitiremos tal cousa; tomaremos medidas severas contra esses cooperadores que menosprezam o conselho e se rebelam contra uma determinação doutrinal desta obra. Quem quiser insistir e continuar na política, será tirado do ministério. A pessoa terá que escolher: ou o ministério ou a política. Os que desprezarem o ministério estarão desprezando o trabalho para o Rei da glória e abraçando a vanglória deste mundo.
>
> Não são dignos de serem considerados como nossos irmãos na fé. A Congregação e os que pertencem ao ministério e a administração devem se conservar neutros, quanto à política. Honramos as autoridades constituídas e ensinamos a irmandade a cumprir com o dever cívico, votando livremente no candidato que preferir. Não é permitido influir ou forçar a irmandade votar neste ou naquele candidato. Somente doutrinamos a irmandade a agir segundo a consciência, não votando em candidato

[159] O termo é incorporado na denominação em 2001, mas o posicionamento sobre o assunto está presente desde o final da década de 1940.

> do partido que nega a existência de Deus. (Assembleia de 31 de março a 04 de abril de 1969).

O termo "apolítica", aparece pela primeira vez na Reunião de ensinamento em 2001. O termo divide espaço com outros assuntos tratados no tópico nº 32. Mas é a definição que nos interessa neste momento, que segue: "A Congregação é uma entidade apolítica, isto é, não tem qualquer envolvimento com política". O tema "apolítica" também está presente no último Estatuto. Conforme o Estatuto da Denominação de 2013, Capítulo I, Artigo 1°:

> A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL é uma comunidade religiosa fundamentada na doutrina apostólica (Atos 2:42 e 4:33), organizada nos termos do artigo 44, inciso IV da Lei 10.406/02, **apolítica**, sem fins lucrativos, constituída de número ilimitado de membros, sem distinção de sexo, nacionalidade, raça, ou cor, tendo por finalidade propagar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor a Deus, tendo por cabeça só a Jesus Cristo e por guia o Espírito Santo (São João, 16:13).

Assim, pode-se dizer que os desdobramentos voltados para o tipo de racionalidade ética envolvendo política, dentro da Congregação Cristã no Brasil, seguiram e se catalisaram em torno do afastamento político sem nenhuma pretensão de aproximação.

Creio ser possível defender que sim, racionalidade faz parte da denominação de forma clara na trajetória da Igreja. Mas em linhas gerais, o tipo de racionalidade que mais aparece é aquele que está ligado com a racionalidade prática. Ou seja, as ações que são resultados do sectarismo da denominação. Dito isto, gostaria de trazer para reflexão mais uma forma de racionalidade, também presente na Congregação Cristã no Brasil. Esta racionalidade é mais especializada e objetiva. Assim, agregando formas de racionalidades presentes na denominação Congregação Cristã no Brasil, vai-se incorporando outras informações ao objeto pesquisado, de forma tal que seja possível problematizá-lo cada vez mais.

Para isto, recorro duas formas de racionalidade que se alinham e que foram pontuadas por Weber. A primeira é a racionalidade lógica. De acordo com Weber (2015, v. 2, p. 12; 13), neste tipo de racionalidade considera-se a construção de um quadro, que geralmente se desenvolve através da apropriação de um conjunto de regras rígidas sem possibilidades de questionamentos. Estes são princípios fixos e/ou inegociáveis. Em seu sentido mais restrito, ou seja, em sua qualidade lógico-metódica, este tipo de racionalidade trama, abarca e conquista uma jurisprudência de direito para si, e que busca, sobretudo, alcançar legitimação (WEBER, 2015, v. 2, p. 13).

A segunda trata-se da racionalidade formal (WEBER, 2015, v. 1, p. 52). Embora não necessariamente desconsidere a presença religiosa, ela possui caracteres especificamente voltados para o secular e não para o religioso. Porquanto as ações racionais buscam finalidades específicas, calculadas sistematicamente e desenvolvidas com base em técnicas

claras. Isto envolve as etapas do processo construído que ficam claras e bem definidas. Da mesma forma são claras e bem definidas o que se espera de cada uma destas etapas (que cumpram com seu papel, que se saiba como as etapas funcionam, que seja possível recorrer ou intervir em cada uma das etapas com o objetivo de manter sua eficiência, dentre outros pontos semelhantes a estes). Além disto, todo o processo de racionalidade formal deve ser chancelado juridicamente. Ou seja, é o resultado racional de algo construído que passa a ser protegido por Lei (WEBER, 2015, v. 1, p. 146; 147).

É a união destas duas formas de racionalidade (racionalidade lógica e racionalidade formal) que coloco em linha com os Estatutos, as Reuniões de Ensinamentos e as Atas produzidas ao longo dos anos pela CCB. Certamente, o desenvolvimento e a forma como estes documentos são produzidos pela denominação, atuam e se encaixam em ambas as racionalidades apresentadas acima. Trata-se de documentos que marcam formalmente as definições e as regras a serem aplicadas pela denominação, seja dentro da esfera religiosa, seja na relação com a ampla sociedade. Porém, gostaria de seguir mais adiante, com esta reflexão, mas antes, gostaria nos próximos dois parágrafos, situar sinteticamente a CCB dentro do contexto de sua fundação.

A chegada de Louis Francescon no Brasil em 1910, para lançar os alicerces de fundação da Congregação Cristã, se alinha com um contexto nacional propício para o desenvolvimento e fundamentação da referida religião. A CCB, assim como a própria nação, estava sendo formada a partir de uma perspectiva voltada para a modernidade. O processo de industrialização e a formação das grandes metrópoles com todas as suas implicações, fazem parte tanto dos acontecimentos e propostas do Brasil, quanto da CCB. Neste sentido, dois pontos podem ser destacados: um deles é o período histórico do início da CCB no Brasil, em um momento em que a nação estava se desenvolvendo como República – final do século XIX e início do século XX. O segundo ponto volta-se para desenvolvimento sem precedentes das metrópoles brasileiras, com destaque para a Capital paulista como a maior entre os maiores centros de desenvolvimento industrial do país. São Paulo, Capital, também pode ser pensada como um dos berços do pentecostalismo no Brasil.

Assim, pode-se dizer que a Congregação Cristã nasce como uma Igreja urbana, dentro de um país recém-republicano e de uma metrópole em acelerado processo de crescimento. Esta conjuntura envolve uma denominação que inicialmente tinha como objetivo primário, atender uma população étnica italiana que chegava para realizar seus sonhos e a esperança de prosperar. Este grupo de imigrantes italianos, somados a outros grupos de imigrantes oriundos de outros países e migrantes do próprio Brasil, ajudaram na construção da metrópole paulista.

Portanto, a Congregação Cristã como uma Igreja urbana, se no primeiro momento recebeu imigrantes, sobretudo italianos, em um segundo momento serviu como porto para migrantes. Estes grupos de pessoas vinham de todas as regiões brasileiras, mas com destaque para o Nordeste. Assim, boa parte de seu crescimento, disseminação e abrasileiramento como denominação pentecostal, se deu por estas vias.

Retornando às racionalidades, acredito que um dado referente à racionalidade lógica e sua evolução para a racionalidade formal dentro da Congregação Cristã são os Estatutos e as Atas. Como documentos registrados internamente e publicados em Diário Oficial são de ordem legal tanto na esfera religiosa como na adequação às leis brasileiras. Em parte, isto mostra o reconhecimento e o alinhamento existente entre a Igreja e os órgãos seculares.

Ao longo dos anos, a CCB publicou oficialmente 13 Estatutos. Todos estão interligados e são aperfeiçoamentos, incorporações e revisões a partir do primeiro Estatuto. Todos são resultados de debates de anciães em reuniões ordinárias e extraordinárias. Todos os Estatutos são resultados de votação e aprovação unânime dos participantes com direito a voto. O primeiro Estatuto é o de 04 de março de 1931. Este foi reformado em março de 1936, seguidos dos de 1943, 1944, 1946, 1956, 1962, 1968, 1975, 1980, 1995, 2004 e 2013. O último dos Estatutos é o de 2013. Entretanto, bem antes destes Estatutos como vimos, foi realizada uma reunião de constituição da denominação em 1928. O texto desta reunião foi registrado em Ata no dia 23 de maio de 1928 e publicado no "Diário Official" de São Paulo em 31 de maio do mesmo ano. É a partir desta Ata que pretendo desenvolver uma argumentação envolvendo o tema racionalidade e religiosidade dentro da CCB.

Em 1928, as vésperas de completar 18 anos da chegada de Louis Francescon ao Brasil, a Igreja, que começou no Bairro do Brás em junho de 1910, reuniu um pequeno grupo de líderes, todos eles homens, para constituir como Igreja a "Congregação Christã do Brasil". Nesta ocasião, estavam presentes 20 dos influentes membros para decidir o futuro da Igreja, dos quais o nome do senhor Luiz Pedroso ganha destaque. Ele foi eleito como o primeiro Presidente da denominação no país. Além dele, outro personagem importante neste evento foi Nicolino Spina, (pai de Miguel Spina). Nicolino Spina atuou diretamente na Comissão que formou os primeiros documentos e estatutos.

A reunião de constituição da CCB aconteceu no dia 23 de maio de 1928 em sua Sede que na época estava situada à Rua Anhaia, nº 141.

> Aos vinte e três dias do mez de Maio, do anno de nosso Senhor Jesus Christo de 1928, à rua Uruguayana Nº 45, nesta Capital[160], as 22 horas, presentes as pessoas que se enumeram e se assignam no final desta acta, realizou-se a Assembléa constitutiva da Congregação Christã do Brasil. (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

Nesta Ata é verificável o elevado grau de racionalidade e organização para um segmento religioso interpretado por vários pesquisadores – Emile Léonard (1951; 1952; 1953), Francisco Cartaxo Rolim (1987), Célia Maria Godeguez da Silva (1995), Nilceu Jacob Deitos (1996) e outros – como uma denominação pentecostal com notório iluminismo religioso e nada muito além disto. Cabe ratificar que este tipo de iluminismo apresentado pelos pesquisadores, nada tem a ver com o iluminismo racional tal como conhecemos, ou seja, o que marca a transição da Idade Média para a Idade Moderna. Porquanto são conceituações distintas de iluminismos.

Sem desconsiderar o iluminismo religioso presente na Congregação Cristã no Brasil – não podemos reduzi-lo como totalidade – e sim considerá-lo como participante lado a lado com a racionalidade forjada em níveis mais especializados, a ótica sobre a CCB ganha novos contornos. Para isto, acredito que é possível apresentar pontos relevantes deste tipo de racionalidade, presente ao longo da Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil. Nesta Ata, foi registrado que na referida reunião, os presentes elegeram por aclamação os Senhores Luiz Pedroso e José Francisco da Silva nos respectivos cargos de Presidente e Secretário.

> Tomando assento na mesa o Snr Presidente, declarou aos presentes que conforme deliberação tomada com os demais membros da Congregação de proceder a organização da Congregação Christã do Brasil, havia convocado a presente Assembléa afim de serem apresentados e discutidos os Estatutos, eleição da Directoria tratados e resolvidos outros assumptos de interesse geral. (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

O documento também é o responsável por fornecer oficialmente o conceito do que é a Congregação Cristã como instituição religiosa, em vias de legitimação de acordo com as Leis brasileiras. Talvez seja desnecessário em parte dizer que o pentecostalismo que veio para o Brasil no início do Século XX, embora conte hoje com vários textos que datam os acontecimentos históricos, sabemos que entre os fatos e os registros existe uma janela. Muitos destes fatos foram construídos posteriormente e não em tempo real.

> A Congregação Christã do Brasil é uma communidade religiosa, existente no Brasil desde Junho do anno de 1910, com sede central na capital de S. Paulo, composta de

[160] Ao final desta mesma Ata de constituição da CCB, o Presidente eleito, o Sr. Luiz Pedroso retificou o endereço da Sede da Igreja para Rua Anhaia, nº 141. A distância entre ambos os endereços é de pouco mais de 05 quilômetros.

> membros de ambos os sexos, de qualquer nacionalidade ou cor, crentes em nosso Senhor Jesus Christo, organizado de conformidade com a sua revelação na Sagrada Bíblia, tendo por fim adorar a Deus em Espírito e verdade, e como fim especial propagar o Evangelho .(artigo 1º da Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

Existem alguns pontos desta definição que podem ser problematizados aqui, outros pontos que podem ser desnaturalizados pelo leitor e/outros pesquisadores. De nossa parte destaco três pontos. Primeiro, fala-se de uma Igreja "do Brasil", "existente no Brasil" com Sede em uma capital brasileira. Entretanto esta mesma denominação é composta por pessoas de "qualquer nacionalidade". Isto eleva CCB a um patamar de denominação de agremiação internacional, sobretudo étnica italiana, mas também portuguesa e outros grupos de imigrantes. Ela consegue reunir em um mesmo grupo, brasileiros e pessoas de várias outras nações. Ou seja, a CCB conseguiu reunir pessoas em nível global em torno de uma proposta religiosa pentecostal.

O segundo ponto. De acordo com o documento, a CCB trata-se de uma denominação que agrega pessoas sem distinção de cor. Mas, na prática o que se vê na sua origem, e mesmo ao longo de seu desenvolvimento, é uma denominação majoritariamente branca, sobretudo na região sudeste que faz fronteira com a região sul do Brasil e no sul do país. Esta questão racial ganha destaque se comparada com outras denominações pentecostais e muito mais ainda se comparada com religiões de matrizes africanas.

Por fim, a terceira pontuação é a de ser "composta de membros de ambos os sexos". Se nos templos verifica-se a presença feminina massiva, o mesmo não se pode dizer de outros espaços, sobretudo nas esferas de poder e de tomadas de decisões. A reunião de maio de 1928 é uma demonstração disto, quando se tem apenas homens decidindo as bases da Igreja. Mas, não se trata de um caso isolado. São apenas os homens que têm direito de acessar os púlpitos nas pregações. São eles que têm direito a voz. Ou que tem autoridade nas decisões, mesmo na Obra da Piedade, um departamento em que as mulheres são tão necessárias. Portanto, o que se vê na realidade é uma denominação com gestão e priorização de governo masculino em detrimento de uma desconsideração das mulheres como atrizes sociorreligiosas.

Na Ata de 1928, já era possível verificar que a Congregação Cristã havia constituído parte de seu patrimônio, e assim como qualquer organização racional criou regras para reger e para administrar seus bens. De acordo com os Artigos 2º e 3º da Ata de Constituição da denominação, seu patrimônio contemplava bens móveis, imóveis, "Títulos de sua propriedade", além de uma renda flutuante proveniente de ofertas dos domésticos da fé. Havia recebimento de aluguéis de imóveis que era propriedade da própria denominação e de

“quaisquer outros rendimentos supervenientes” (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

Estes elementos representam as entradas e o que se constrói a partir delas. Do outro lado da contabilidade, estão as saídas. Elas ocorrem dentro de um regime administrativo formal, cujas saídas são reguladas, segundo necessidades básicas, como despesas com a compra de produtos de limpeza e manutenção dos templos. Da mesma forma, acontecem despesas específicas e de grande porte como compra de terrenos e construção de templos, por exemplo. Neste processo, as decisões, até mesmo as mais triviais, jamais são confiadas a uma única pessoa, mesmo que esta seja o Presidente da Igreja. Embora haja uma hierarquia, nem mesmo quem está no topo desta possui autonomia para decidir sozinho. As decisões mais importantes envolvendo a aplicação de recurso dependem, segundo o Artigo 4º da Ata de 1928, da aprovação da Diretoria da Igreja.

Quanto a este assunto envolvendo a contabilidade das igrejas que formam a denominação Congregação Cristã no Brasil, não houve modificações contrárias. O que vem ocorrendo é a soma de mais elementos com as mesmas finalidades[161]. Assim, desde o início as entradas e saídas, as decisões tomadas pelos grupos de responsáveis e a prestação de contas seguem a mesma organização e lógica racional apresentada na fundação da Igreja. Atualizando tais informações, de acordo com um interlocutor, Micael: “As coletas passam por um registro sistemático em livro (diário), vão para acerto nas secretarias (mensal) e submetem-se a auditoria interna (verificação, anual)” (Ir. Micael: Dados coletados em 05/02/2021).

Como qualquer Organização racional, a Congregação Cristã considera a necessidade de Assembleias Gerais, que por definição acontecem anualmente em reuniões ordinárias. Mas também ocorrem reuniões extraordinárias em casos de necessidades urgentes, em que a demanda não pode esperar até uma reunião ordinária. Nas assembleias, existe a prestação de contas e de relatórios contábeis, conforme os artigos 5º, 6º e 7º. Além disso, fica claro quem é que tem o poder de decisões. Ou seja, em quem é depositada autoridade e legitimidade para delegar responsabilidades àqueles que fazem parte da estrutura hierárquica. De acordo com o artigo 8º da Constituição da Congregação Christã do Brasil: “Cabe exclusivamente às Reuniões da Directoria proceder a nomeação de Presbyteros[162], Diáconos ou Administradores, de accôrdo com a Palavra de Deus conforme revelação na Sagrada Bíblia” (Ata de

[161] “...há muita burocracia de 2015 pra cá. Antes havia, mas se intensificou com a implantação de um sistema online (SIGA). Há manuais para tudo. E mesmo as construções seguem rigorosas regras de segurança do trabalho...” (Ir. Micael: Dados coletados em 05/02/2021).

[162] A titulação de Presbytero no passado da CCB é a mesma que a de ancião atualmente.

Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

Se é no interior das Reuniões de Diretoria que se legitimam os componentes que atuarão nos trabalhos das igrejas locais, são estes mesmos legitimados que em um outro momento vão compor a própria Diretoria. Em casos que seja necessário substituir algum membro da Diretoria, é a liderança da denominação, sobretudo anciães, que vão votar pela aprovação ou não do(s) candidato(s). Nestes casos, de acordo com a Ata de Constituição, no artigo 9º, caberiam apenas aos Presbíteros (anciães) e Diáconos ocuparem tais cargos. Um ponto importante é a de que um candidato ao cargo não pode indicar a si mesmo.

À Diretoria fica a responsabilidade de gerenciar a denominação em um primeiro escalão. São estes que têm o poder de indicar pessoas de confiança da própria denominação para atuarem dentro de um segundo escalão. Os nomes indicados, sendo aceitos, serão nomeados nas Assembleias Gerais, que acontecem anualmente. Estes homens do segundo escalão são escolhidos para atuarem na área administrativa. De acordo com a Ata de 1928:

> A Directoria da Congregação Christã do Brasil compões-se de 3 membros: Um Presidente, Um Secretário e Um Thezoureiro, que só poderão ser escolhidos dentre os Presbyteros [anciães] e Diáconos, que terão como auxiliares cinco administradores incumbidos de cargo de que trata o disposto do art. 14º. (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

Nos termos do artigo 14º da Constituição da Congregação Christã do Brasil, é de responsabilidade dos administradores: "Administrar os bens móveis e immoveis da Congregação, zelando para a conservação dos mesmos, induzindo os melhoramentos que se tornarem necessários, e procurar os interesses da Congregação na acquisição de outros"[163] (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

Retornando às competências da direção da Igreja, conforme o artigo 10º, cabe também a diretoria, responder legalmente pela denominação fora da esfera eclesiástica e é claro dentro dela. Inclusive, é de responsabilidade dos diretores julgar questões relacionadas ao sectarismo religioso presente na Igreja. E, se for necessário, punindo infratores. Nestes casos é de competência da Diretoria "excluir membros indesejáveis de accôrdo com o que trata no art. 22º" (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23/05/1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

[163] Atualmente é de responsabilidade também dos administradores a organização e controle de todo patrimônio da denominação. Todo patrimônio é etiquetado com códigos de barras e estão vinculados as respectivas notas fiscais de compras. Outro detalhe racional da Igreja é que de tempos em tempos a parte administrativa das igrejas locais passam por auditorias interna.

De acordo com o artigo 22º da Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23 de maio de 1928:

> Todo e qualquer membro da Congregação Christã do Brasil terá destituição de classe, que for julgado indesejável pela Directoria, por praticar actos indecorosos ou que transgredir a sã Doutrina de nosso Senhor Jesus Christo, será excluído da Congregação, perdendo assim todos os direitos à mesma e sem interpor recurso algum.

Consoante a Ata de 1928, cabe aos membros da diretoria (Presidente, Secretário e Tesoureiro), em conforme com os artigos 11º, 12º e 13º da denominação, as seguintes ações: Ao Presidente fazer as convocações para participação da liderança nas Assembleias Gerais, nas Reuniões Ordinárias, nas Reuniões Extraordinárias e nas Reuniões da Diretoria. Nas Assembleias Gerais anuais é ele que apresenta o "relatório financeiro e moral da Congregação, organizado com o Secretário". É de responsabilidade do Presidente responder também pela Congregação Cristã em Juízo.

Ao Secretário, segundo a Ata de 1928, cabe lavrar as atas de reuniões de assembleias gerais, reuniões de diretoria, reuniões ordinárias e reuniões extraordinárias. Ele deve cuidar das correspondências da Igreja e substituir o Presidente quando não for possível que este atue dentro de suas competências.

Ao tesoureiro, compete realizar toda gestão financeira. Primeiro, recebendo os recursos doados pelos fiéis, recursos estes que se resumem apenas em ofertas voluntárias e nada além disto. Não obstante, a Congregação apresenta-se como uma denominação contrária à prática de pagamento de dízimos, ou seja, 10% da renda dos fiéis. Ao Tesoureiro, além de receber valores, é de sua responsabilidade fazer todos os pagamentos de despesas da Igreja, que devem ser previamente aprovadas e autorizadas pela diretoria, da qual ele faz parte. Ele também fica responsável por fazer os depósitos em Bancos oficiais, dos valores recebidos. Em havendo necessidade de saques destes valores depositados, ele não tem autonomia para fazê-lo sozinho. Os saques só podem ser realizados com a assinatura dele e do Presidente da Igreja. Portanto, ele depende da assinatura do Presidente da Igreja ou do Secretário, em casos de ausência do Presidente. Ainda, conforme o § único do 13º artigo da ata de Constituição da Congregação Cristã de 1928, em casos de ausência ou impedimento do tesoureiro, "as ordens para retiradas, poderão ser assignadas somente pelo Presidente juntamente com o Secretário" (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23 de maio de 1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31 de maio de 1928).

Em situações relacionadas ao patrimônio imobiliário da denominação, de acordo com o artigo 15º, cabe aos cinco Administradores escolhidos: administrar, comprar e vender

imóveis, desde que estejam em consonância com a Diretoria e desta tenham a autorização prévia. Assim, a Diretoria avaliza o grupo de administradores na efetivação do negócio imobiliário, e ao mesmo tempo confia a eles toda à parte técnica da área em que atuam.

Dentro desta conjuntura, o Estatuto piloto da Congregação Cristã também contemplava os casos relacionados com as Igrejas de cidades distantes de sua Sede em São Paulo, ou seja, suas filiais. De acordo com a Ata de 1928, artigo 16º, nestas situações, as Igrejas Locais geograficamente mais afastadas contarão com três administradores da localidade. Este grupo da igreja local deve seguir fielmente o mesmo modelo de administração da Sede. Porém estes três administradores locais serão nomeados pela Diretoria central, e por esta Diretoria todas as operações de compra e venda de imóveis devem ser chanceladas. Porquanto, "nada terá effeito legal sem procuração da citada Directoria" (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23 de maio de 1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31 de maio de 1928).

Já em relação à parte religiosa propriamente dita, nos termos do artigo 17º, cada filial "será dirigida por um ou mais Presbyteros [anciães] e um Diácono" tendo o mesmo Estatuto como regra a ser seguida. Ainda relativo ao contexto de expansão da denominação, cada filial "terá no interior do Estado de S. Paulo, como em qualquer Estado do Brasil Congregações filiadas, tantas quanto for exigindo o constante progresso da mesma, tendo os seus membros os mesmos direitos e deveres dos congregados à Sede desta Capital" (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, artigo 18º de 23 de maio de 1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31 de maio de 1928).

O 19º artigo da Ata de Constituição da "Congregação Christã do Brasil" de 1928, fornece os critérios e as orientações para os casos de cismas. As diretrizes definem que havendo divisão em partes, os bens acumulados através das ofertas voluntárias devem permanecer com o grupo que continua alinhado com os valores invioláveis presentes na denominação. Assim, de acordo com a ata: "A Congregação Christã do Brasil não poderá ser dissolvida por motivo algum, porém no caso de divisão entre congregados e que se venha formar duas partes, os bens, quer móveis ou immoveis, ficarão pertencentes à parte que permanecer fiel à Congregação" (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, artigo 18º de 23 de maio de 1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31 de maio de 1928).

Os dezenove primeiros artigos são de ordem racional, cuja objetividade trata os assuntos relacionados à Igreja nos termos das Leis como quaisquer personalidades jurídicas. Cabe ressaltar a CCB como denominação pentecostal clássica, desde sua origem produz

documentos e procura fazê-lo com mão de obra própria. Evita-se ao máximo recorrer a pessoas fora de seu grupo, e na maior parte das vezes são bem-sucedidos no que fazem.

Dito isto, o artigo 20º trata-se de um artigo que inicia transição entre o racional e o religioso. Isto não quer dizer que exista uma separação radical entre ambas as esferas, pois na CCB uma interage com a outra. Porém a esfera religiosa, vista como espiritual, ganha destaque e prioridade dentro do grupo:

> Os membros da Congregação Christã do Brasil devem crer na inteira Bíblia Sagrada, porém, acceitando como base fundamental de sua fé o Novo Testamento, como sendo a infallivel Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo: constitui a sua única e perfeita guia e conducta, na qual nada se poderá augmentar ou diminuir sendo Ella todo o poder de Deus em salvação a cada fiel. (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23 de maio de 1928. Publicada no Diário Official de São Paulo em 31/05/1928).

A partir do artigo 21º, os artigos que se seguem são muito mais voltados para assuntos da crença e das práticas que definem a própria identidade religiosa peculiar à denominação. Neste sentido, o artigo 21º é um referencial teórico da crença congregacional cristã, cuja base bíblica, conta apenas com textos neotestamentários. Portanto, embora seja divulgado o reconhecimento de toda a Bíblia como de uma mesma origem (revelação Divina), na prática, os livros do Antigo Testamento não são priorizados. Portanto, na maioria das vezes, os textos do Velho Testamento não são requisitados. Neste sentido pode-se dizer que o tipo de pentecostalismo presente na Congregação Cristã no Brasil é um pentecostalismo de origem cristã e não judaico-cristã. Isto que acabo de dizer fica mais claro quando se observa os textos bases escolhidos e presente na ata da formação da denominação:

> Para os effeitos do artigo 18º, entende-se fiel a Congregação todo o membro que tiver como base fundamental de sua fé o Novo Testamento da Bíblia Sagrada, o observar rectamente a sua sã Doutrina. Dão-se a seguir algumas das principais partes da Bíblia Sagrada, que bem interpretadas devem ser empregadas pelo verdadeiro membro fiel à Congregação: Cap. 16, Romanos, verso 17 e 18 – Cap. 1º, Gálatas, verso 8 e 9 – Cap. 15, Actos dos Apóstolos, versos 28 e 29 – Cap. 22, Apocalypses, versos 15 e 19 – Cap. 1º, 2º S. João, versos 6, 7, 8, 9 e 10 – Cap. 13, Hebreus, verso 4 – Cap. 7, 1º Corinthos, verso 39 – Cap. 19, S. Matheus, versos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 – Cap. 2, 1º S. Pedro, verso 21 – Cap. 3, 2º Timotheos, verso 16 e 17 – Cap. 1º, Romanos, verso 16 – Cap. 4, Ephesios, verso 6 – Cap. Cap. 28, S. Matheus, verso 19 – Cap. 5, 1º S. João, verso 14 – Cap. 1º, S. Lucas, verso 27 – Cap. 3, 1º S. Pedro, verso 18 – Cap. 25, S. Matheus, verso 41 – Cap 3, Romanos, versos 24 e 25 – Cap. 5, 2º Corinthos, verso 17 – Cap. 1, 1º Corinthos, verso 30 – Cap. 28. S. Matheus, verso 18 e 19 – Cap. 2, Actos dos Apóstolos, verso 4 – Cap. 10, Actos dos Apóstolos, versos 45 e 47 – Cap. 19, Actos dos Apóstolos, verso 6 – Cap. 22, S. Lucas, verso 19 – Cap. 11, 1º Corinthos, verso 24 – Cap. 15, Actos dos Apóstolos, verso 28 e 29 – Cap. 16, Actos dos Apóstolos, verso 4 – Cap 21, Actos dos Apóstolos, verso 25 – Cap. 18, S. Matheus, verso 17 – Cap. 5, Thiago, verso 14 – Cap. 4, 1º aos Thessalonicenses, versos 16 e 17 – Cap. 20, Apocalypses, verso 6 – Cap. 24, Actos dos Apóstolos, verso 15 – Cap. 25, S. Matheus, verso 46 – Cap. 2, S. João, verso 10. (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23 de maio de 1928).

Chama a atenção que não existem livros do Antigo Testamento na ata de fundação da CCB em 1928. E, não se trata de uma situação desprovida de sentidos. Ou seja, possui significados e estes significados atuam na formação de uma visão de mundo e um estilo de vida dos congregados. Um exemplo deste esforço teórico é a Bíblia. A Bíblia Protestante é composta de 66 livros. É este o tipo de Bíblia utilizada na CCB. Destes 66 livros, 39 formam o Cânon do Antigo Testamento e 27 compõem o Cânon do Novo Testamento. Ou seja, o volume de textos relativos ao judaísmo, do qual o cristianismo se origina, é muito maior. Assim a escolha de textos neotestamentários não é aleatória. A escolha tem sentido escatológico quando conduz os adeptos para um pensamento no porvir. Mas há também ao mesmo tempo uma relação com valores extramundanos, quando retira ou esvazia a parte significativa do envolvimento dos congregados ou da pretensão de envolvimento com o mundo presente.

Ao longo da pesquisa de campo em cultos da Congregação Cristã no Brasil, foi possível ver empiricamente que as lideranças da denominação, em todas as igrejas que estive, desenvolvem suas mensagens a partir de textos do Novo Testamento. Dos dez cultos em que estive presente durante o período do doutorado, somados aos diários de campo do período do mestrado e as etnografias dos pesquisadores que trabalharam o mesmo objeto de pesquisa, percebi a mesma lógica. Raras formam as exceções. Uma delas aconteceu em uma das igrejas da CCB[164] que participei em Manaus. O texto escolhido pelo pregador naquela noite, na Igreja Central da CCB de Manaus foi o capítulo 1 do livro de Ageu (Antigo Testamento). Mesmo assim, a hermenêutica do texto lido foi neotestamentária. O recorte da fala "o Senhor nos repreende pela palavra do Profeta Ageu e do Espírito Santo de Deus" (Culto da CCB Central de Manaus/AM, 09/02/2020), representa esta interpretação. Ou seja, o Antigo Testamento é monoteísta, assim como é o cristianismo. Porém o Antigo Testamento é conhecido como um compilado de textos que remetem a abordagens voltadas exclusivamente a Deus (Javé). Falar de Jesus Cristo e do "Espírito Santo de Deus" a partir do Antigo Testamento é forçar uma interpretação.

Assim, uma hipótese que não fazia parte da pesquisa em seu início, com o acúmulo de dados e análise destes dados coletados, auxiliou a formulação de mais uma hipótese. Neste caso a hipótese é a de que a CCB utiliza textos do Novo Testamento para construir na vida dos sectários um estilo de vida e visão de mundo escatológica voltada para a vida por vir (Nova Jerusalém). Esta formulação faz sentido ao observar o pentecostalismo clássico

[164] Estive participando de dois cultos em bairros diferentes.

presente da Congregação Cristã no Brasil (extramundano), assim como faz sentido as Igrejas neopentecostais utilizarem textos no Antigo Testamento para fundamentar a busca pelo sucesso, a inserção e a ação sobre o/neste mundo (intramundano).

Os artigos 22º, 23º, 24º e 25º finalizam a Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil. O artigo 22º pode ser retomado no artigo 10º já comentado anteriormente. Assim, dando continuidade, o artigo 23º define que nenhum membro da Congregação Cristã poderá custear sozinho, as contas de qualquer uma das igrejas da denominação. Cabe à diretoria e aos administradores tal responsabilidade e tais compromissos, e não a uma pessoa em particular. Isto vale mesmo para quem faz parte da direção ou da administração, seja da Sede, seja de uma das filiais. O 24º artigo diz que: "Os casos omissos nestes estatutos, serão regulados pelas Leis brasileiras, que rege as sociedades civis". E por fim, o 25º e último artigo da Ata de 23 de maio de 1928 indica que em casos de necessidade, os estatutos podem ser modificados quantas vezes seja preciso, desde que não interfira nos princípios essenciais: "Este estatutos poderão ser modificados em qualquer tempo, desde que a Directoria julgue necessário, não se alterando, porém, o seu carácter em fins Espirituaes" (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23 de maio de 1928).

Assim como ocorre nas organizações e empreendimentos privados ou estatais, a forma com que a Congregação Cristã no Brasil se organiza, mostra uma postura racional e sistematizada. Seu funcionamento demonstra características que são resultados de uma construção pensada, aplicada, ratificada e retificada quando necessário. Mas, no caso da CCB tais referenciais aqui apresentados em sua ata são reproduzidos internamente, garantindo a coesão do grupo. Ela (ata), também orienta seus adeptos nas relações com pessoas fora de seu grupo: relações de aproximação (dos escolhidos), distanciamento (dos mundanos) e de necessidade (neutralidade). Este último ponto envolve funcionários de Bancos, agentes públicos, dentre outros.

Esta Ata de Constituição da denominação, com os seus 25 artigos, diz algo que vai além do religioso quando mostra uma preocupação significativa com vários aspectos formais e racionalizados presentes na própria religião, sem abandonar valores religiosos defendidos exaustivamente. São nas "Reuniões de Ensinamentos", nas "Convenções Gerais", nos Cultos dentro das "Casas de Orações", nos "Ensaios Regionais" e nas reuniões dentro das casas de adeptos que estes valores forjam a religião. Parte destes valores transcende o meio religioso, avançando para locais de convivência destes adeptos fora da esfera religiosa. Ou seja, para dentro de empresas, instituições educacionais (seja na condição de discente ou docente), ou

outros espaços públicos, desde que não estejam em conflito com os valores propagados pela Igreja.

Há de se considerar que para os adeptos da Congregação Cristã no Brasil os anciães, diáconos e cooperadores, são legítimos representantes para falar em nome da religião – embora haja a possibilidade de outros membros homens da denominação o direito de fala envolvendo as homilias, na prática não é isso que acontece, permanecendo o direito a um grupo seleto. O altar é o lugar por excelência de reprodução da crença na forma de pregações. Para o membro comum, os lugares de propagação da crença são outros tipos de púlpitos, com microfones que ficam diante das fileiras de assentos. Um púlpito para as mulheres e um para os homens. Nestes locais, um à direita e outro à esquerda, ambos os sexos possuem legitimidade para dar seus "testemunhos", ou "pagar seus votos". Os acontecimentos são narrados separadamente. Quando um congregado está falando, todos ou outros param para ouvi-lo. Geralmente os fatos narrados estão vinculados à própria trajetória de vida de quem narra. Estes fatos, ao serem divulgados atuam na formação da identidade religiosa, mas também podem servir como demonstração de que o narrador possui características carismáticas pessoais. Apresentar experiências extraordinárias é também tornar público sua intimidade com Deus.

Dentre várias narrativas de atores desta sociedade religiosa, coletadas em diversos momentos no período de pesquisa, foram selecionadas duas narrativas justamente por representar parte significativa do que foi falado nos parágrafos deste capítulo. Nelas, a razão e a crença se misturam, servindo como suporte para experiências pessoais, mas também como representação coletiva. Dito isto, seguem as narrativas apresentadas que estão o mais próximo possível do original.

Narrativa 1:

> Fui músico! Eu com 14 anos já era músico na Congregação, isto no ano de 1982. Quando foi em 2003, eu fui separado para atender os jovens em Florestópolis, e claro que eu aproveitei esta situação sempre aconselhando os jovens a estudar e ser fiel. Por quê? Se nós pegarmos ali na Palavra, Deus nos ensina muito sobre isto. Um exemplo muito claro sobre isto, que eu comento: Salomão com toda a sua sabedoria ele disse em certa ocasião assim, 'Senhor, não me dê riquezas para que eu não venha a te esquecer, e não me deixe na pobreza para que eu não venha roubar o que é dos outros'. Está bem, tem os seus méritos. Mas se nós olharmos também na Palavra, que é a graça de Deus através do Espírito Santo, olha que diferença de pensamento de homens. Paulo disse assim, 'eu aprendi a ter fartura e aprendi a ter necessidade e tudo posso naquele que me fortalece'. Então se nós olharmos estas duas visões, Salomão dependia de coisas exteriores para definir se ele ia bem o mal, diante de Deus. Ao que estava ao seu redor. Paulo já foi diferente, ele disse assim, 'eu estou firmado na Palavra, na Graça do Senhor Jesus Cristo, independente de riqueza ou de pobreza'. Se eu estou no mundo de pecado, ou se eu estou no mundo [risos curtos], eu estou firme. E às vezes eu comentava com os jovens, se for para ser crente e separar do mundo, nós tínhamos que batizar e ir para o Amazonas, ou então ter que batizar e ir lá para o Saara. Aí eu não vou ter pecado. Nós temos que mostrar quem

> nós somos é no meio do pecado. (Ancião Celso da CCB de Porecatu: entrevista realizada em 17/10/ 2018).

Esta narrativa pode abrir várias reflexões, mas escolho uma entre as possibilidades. Optei em abordar parte da trajetória desenvolvida por este interlocutor, quanto a sua inserção como músico. Ser músico na Congregação Cristã no Brasil pode ser visto como uma atividade racionalizada. Ser músico envolve um conhecimento construído metodologicamente, cujo percurso envolvendo sua formação deve ser seguido por quem executa a atividade sem questionamento. Este conhecimento é baseado na técnica de interpretar as partituras musicais e técnica de operar os instrumentos musicais. Neste sentido, o domínio de ambos os elementos propicia ao executor as condições necessárias para o desenvolvimento musical. É um conhecimento racional porque independentemente do local geográfico, ou do relacionamento prévio entre os integrantes, aqueles que possuem tal conhecimento técnico executam a melodia eficientemente. Ou seja, dadas as mesmas condições aos participantes, eles não precisam se conhecer, podendo se encontrar em qualquer parte do mundo – os músicos da CCB afirmam ser a maior orquestra do planeta – e mesmo assim fazer o que precisa ser feito. Portanto, tocar seus hinos. Ainda, ser músico, como toda a construção racionalizada envolve disciplina e capacidade se seguir um rigoroso conjunto de regras construídas.

Outra observação dentro da narrativa está vinculada à questão da liderança religiosa que reconhece os valores científicos e se valem deste tipo de conhecimento. Estes líderes, cujo pensamento intelectual está presente juntamente com os valores religiosos, atuam na formação de parte dos adeptos a partir desta perspectiva. Ou seja, a partir de um alinhamento sem muitos conflitos entre ciência e religião. Além disto, nesta narrativa, nota-se que o público alvo dentro da denominação é uma geração (jovens) que têm menor resistência às transformações. Isto não quer dizer que elas (transformações) ocorrem com frequência, ou que sejam bem-vindas o todo tempo, ou que não encontrem resistência. Porém, inserir entre as gerações mais velhas a adoção do conhecimento intelectual, sobretudo o de nível superior especializado, é mais difícil do que nas gerações mais novas. Mesmo assim, independente das faixas etárias, a presença do pensamento intelectual acadêmico dentro da Congregação Cristã no Brasil é uma realidade, que não é totalmente nova. Da mesma forma que não é novo o esforço da denominação colocar as esferas religiosa e mundana lado a lado, pendulando mais para os valores religiosos e menos para os do mundo. Dentro da narrativa, a comparação realizada pelo interlocutor envolvendo o Rei Salomão e o Apóstolo Paulo, indica isto.

Diante desta colocação, eu perguntei ao meu interlocutor se ele estava querendo dizer algo relacionado com a perspectiva de cristão e mundo ligada ao pensamento de ser luz nas trevas? Pode parecer uma pergunta tendenciosa, mas este conceito é comum no meio pentecostal e diz muito sobre a forma de ver o mundo e de se comportar nele. Dito isto, sua resposta foi:

> Isso! Claro que esta é uma visão que eu tenho e, também, alinha com os anciães mais novos, sempre focando nesta área, nesta parte. O que é? Preparar o jovem, ou o homem, ou a mulher, dentro da graça e dentro da graça, tem que ir para o mundo, ele tem que enfrentar. Ou em Faculdades, ou Universidades, ou dentro de empresas, ou no trabalho, ou nas viagens, onde ele estiver. Digamos assim, não é a situação ou o lugar que vai fazer a minha pessoa. O que vai fazer a minha pessoa é o caráter cristão. Eu sempre falava para os jovens. Cuidado! Porque tem aquele crente (isto também acontece), quando ele está a pé ele é crente, quando ele compra uma bicicleta ele esquece que é crente. Então não é o que está em volta dele que faz mal para ele. O que está prejudicando ele é [a falta de] o caráter cristão. Então se nós tivermos pensamentos de caráter cristão, onde eu estiver eu vou ser cristão. Nesta visão, o que nós temos é assim. E inclusive, com o passar do tempo. Em 2006 eu fui para cooperador oficial, e em 2009, eu fui ordenado ancião. E, sempre com esta visão, diante dos jovens, com a irmandade, mas principalmente com os jovens que são mais vulneráveis, mas sempre com esta visão, enfatizando o caráter cristão. (Ancião Celso da CCB de Porecatu: entrevista realizada em 17/10/ 2018).

Se a narrativa anterior remete à iniciação de meu interlocutor ao quadro ministerial como músico, esta narrativa aqui aponta para a colocação mais elevada que é o lugar do ancião. Ou seja, aquele que está no topo da hierarquia dentro da CCB. E é neste local que o meu interlocutor reproduz o que acredita, sem confrontar o que a denominação defende. Ele faz isto de forma tal que não rompe com os valores da denominação. Reafirmo que este não é um caso isolado e, também, não substitui a tradição presente na denominação. Não obstante, mesmo não sendo um pensamento presente na parte majoritária da denominação, esta forma de pensar vem encontrando espaços dentro da religião. Esta forma de pensar se apoia em parte na perspectiva racional presente na Igreja. Assim, à parte que busca este tipo de comportamento é moldada para que a escolha não comprometa os pontos fundamentais da crença. Neste caso, que não comprometa o seu "caráter cristão". Portanto, que não interfira significativamente em sua identidade. Estes valores estão presentes na vida dentro e fora da esfera religiosa. Porquanto são reproduzidos na prática cotidiana e nas falas de alguns adeptos, sempre que possível.

A próxima narrativa mostra um pouco mais sobre este assunto. Mas, quero destacar o tema fidelidade a Deus e a Igreja. Esta narrativa também vai mostrar a presença dos valores sectários, que somados à racionalidade que estamos defendendo estar presente dentro da Congregação Cristã no Brasil, formam um tipo particular de religioso. Ou seja, aquele que pensa e age segundo padrões racionalmente construídos, mas que também leva a sério sua

relação com Deus, dentro de condições que transcendem a razão. Chamo a atenção que, para o membro da CCB existem valores que são inegociáveis, e o fato de tornar estes valores públicos, também possui objetivos pedagógicos na formação da sociedade religiosa aqui pesquisada.

Narrativa 2:

> Deus seja louvado, irmãos! 'Amém!'
> Dou graças a Deus nesta noite pela bondade e pela misericórdia de Deus por minha alma. Estava assentado, às vezes falta força, mas a força vem de Deus. O Senhor me visitou e eu quero contar uma obra que o Senhor fez. Estando eu aqui em Manaus o ano passado, eu que trabalho com vendas e atendo toda à região para uma empresa de São Paulo, e, muitas vezes irmãos, nós temos que mostrar que somos muito mais crentes lá fora do que aqui dentro. Porque o inimigo nos cerca, mas se nós estivermos firmes na rocha que é Jesus Cristo, nós vamos vencer o mau também irmãos. Tem uma empresa grande de São Paulo que eu atendo, e eu trabalho com uns produtos de panificação e eu fui entregar os produtos aquele homem que recebe tudo, que é o gerente desta empresa me chamou num canto e falou: olha, esta mercadoria, ela toda vai dar mais ou menos oitocentos mil reais (os irmãos me perdoe por eu falar de valores, sabemos que o nosso Deus é o dono do ouro e da prata e que nós não precisamos de nada. Tudo aquilo que nos permite para nós servimos a Ele aqui nesta graça, Deus nos dá, viu irmãos), e aí aquele homem falou o seguinte: 'Eu quero te fazer uma proposta aqui'. Santo Deus. Eu perguntei: que proposta? 'Você tem que entregar oitocentos mil de mercadoria. Você vai me entregar seiscentos e eu vou assinar um papel que dá oitocentos e eu vou dividir isto com você'. Santo Deus! Irmãos, quando nós entramos aqui, dobramos os joelhos, fazemos oração de comunhão, cantamos hinos aqui, porque nós somos crentes. Nós não podemos entrar aqui e ser apontado pelo inimigo das nossas almas não, viu irmãos. Porque quando Deus tiver que nos justificar (o justo não se justifica, é Deus quem nos justifica). É Deus quem nos dá forças pra nós! Eu falei pra quele homem: eu não posso fazer isso. Ele disse: 'Não! Eu nem vou te escutar! Faz o que eu estou te mandando e pode ir!'. E eu saí irmãos. Aquele dia era uma quarta-feira e tinha culto aqui nessa congregação (crente busca a Deus irmãos). Eu falei: Ô Senhor, aquele homem me encurralou e quer que eu faça isto, eu sei que não é certo, eu sei que não é justo. Irmãos, naquele dia que eu estive aqui, o Senhor falou grandemente em minha alma, Ele deu uma palavra, o servo de Deus falava aqui: 'Hoje tem uma alma aqui (santo Deus), que você não vai morrer, você vai perder um direito muito maior que é o da vida eterna. Recusa o que o diabo está te propondo agora, porque eu te dou muito mais'. Irmãos, o Senhor falou grandemente naquele culto. O Senhor falou na minha alma. No outro dia era dia de entregar esta mercadoria, mas já levei a certeza no meu coração (viu irmãos, o inimigo da Babilônia pode até botar uma visão, mas se não é de Jesus Cristo, não coma, como Daniel não comeu. Porque é Deus quem nos justifica. Eu não tinha condições, era valor grande, mas nós somos servos de Deus, irmãos, e devemos fazer o que Deus mandar. E o Senhor falou na sua palavra). Eu voltei naquele dia, e fui entregar aquela mercadoria e quando chegou nos seiscentos mil eu continuei mandando passar. Ele olhou pra mim e falou: 'Eu não falei até aqui?!'. Eu falei: você falou, mas eu sirvo a Deus e eu vou entregar tudo! E irmãos eu entreguei tudo e o inimigo da minha alma não me acusou de nada. E aquele dinheiro não vai me fazer falta e Deus tem aberto muito mais portas e eu tenho ganhado muito mais porque eu creio na palavra. Nós estamos aqui irmãos, não é para servir o homem, mas para servimos a Deus, porque Deus manda no céu e aqui o Senhor nos justifica. (Testemunho no Culto da CCB Central de Manaus/AM em 09/02/2020).

Deus é apresentado como justo, bondoso, misericordioso e que fala particularmente com os seus escolhidos pessoalmente. Ele também pode falar por meio de outras pessoas, que pode ser através de revelações ou de profecias. No outro extremo, dentro de uma perspectiva

dicotômica está o diabo, explicitado nesta narrativa também como "inimigo" e o mau. Os "servos de Deus" estão entre os dois polos e são colocados à prova todas as vezes que lhes é proposto algo que contrariam os valores religiosos. Quando isto acontece, é gerado no adepto da CCB um momento de instabilidade e crise individual, antes mesmo de se tornar coletivo. Quando o narrador diz "eu sei que não é certo, eu sei que não é justo" ele está falando de apreensão de valores coletivos dentro de sua imersão religiosa. Mas ele está falando de si mesmo.

A exposição pública de uma conduta contrária à defendida pela denominação (aceitar se corromper) envolve, e tem caráter metafísico quando remete ao problema da alma. Nesta perspectiva a alma é constantemente colocada em risco. Mas também envolve o tema do "além" ao comprometer a salvação. Aceitar algo visto como ilegal é antes de tudo um problema imediato para o congregado, quando o coloca em situação de risco de exclusão do grupo. Estas sanções vão desde a perda dos direitos de acessar os bens e serviços religiosos (espiritual), até assuntos comerciais (material). Ser excluído, muitas vezes significa não poder mais acessar a Deus, mas também significa não poder comprar ou vender para pessoas ou empresas de pessoas do grupo. O que remete a perda de boa parte (ou de toda ela) das transações comerciais por falta de idoneidade moral. Este posicionamento da denominação tem relação direta com um tipo de racionalidade prática (sectária) e, também, possui implicações diretas.

Portanto, mesmo que se pôr uma fração de tempo forem colocados de lado às condições metafísicas – aqueles que são de caráter transcendente –, permanece o sujeito que racionalmente tende a optar pelo que é mais rentável a médio e longo prazo. Portanto, neste caso, o de poder participar dos benefícios do grupo ao longo dos anos. O sectário busca aquilo que não o coloca em risco. Ele opta em seguir as regras semelhantes àquelas encontradas no sectarismo weberiano, sendo estes e àqueles encontrados em uma pessoa de confiança e que não gera prejuízos aos outros. Ele é honesto e considera que sua honestidade está acima da possibilidade de lançar-se sobre algo que pode ser expressivamente rendoso em curto prazo, mas efêmero, proibido e, sobretudo, nocivo para ele e para o seu grupo. Entretanto, não se pode desconsiderar a força da religião agir psicologicamente na vida dos adeptos, por meio de pressão religiosa. Não por acaso, nas três vezes que o narrador coloca o termo "santo Deus", ele antecede o grande desafio em recusar a proposta que embora pareça tentadora, poderia resultar em perda de um direito escatológico e, também, imediato neste mundo.

Os testemunhos, dentro da liturgia dos cultos, representam também um ponto particular presente na Congregação Cristã no Brasil. Pode-se dizer que, os testemunhos, ao

lado da própria mensagem pregada marcam o ápice de todo o processo religioso da CCB. Ambos (testemunhos e pregações) têm como objetivo solidificar a unidade do coletivo enquanto grupo sociorreligioso, atuando na formação de um estilo de vida próprio e uma visão de mundo coletiva particular. O momento dos testemunhos, que para boa parte dos depoentes trata-se de "pagar os votos" antecede a pregação. Eles (testemunhos) também se diferem do protestantismo e de outras Igrejas Pentecostais.

Nestas denominações o ápice está apenas na mensagem e no pregador. Assim, o resultado prático deste modelo que destaca a mensagem e o pregador é a formação de um quadro de especialistas formados para o exercício deste tipo de atividade. Estes pregadores muitas vezes são vistos como "pregadores profissionais". E, faz sentido quando se observa que nestes grupos, os especialistas passam por um processo rigoroso de formação teológica em nível acadêmico. Além disto, existem salários para os ordenados ao exercício do ministério e as pregações possuem uma refinada elaboração, contando com homilias estruturadas a partir da utilização de técnicas hermenêuticas e exegéticas. Na CCB, ao contrário, esses tipos de pregadores e mensagens não são uma prioridade, como ocorre nas outras denominações. A verdade é que tais perspectivas são marcadas por tabus. Ou seja, não devem fazer parte do ministério da Congregação Cristã no Brasil.

Assim, podemos dizer que o ápice da CCB (testemunhos e pregações) é um momento coletivo dentro da liturgia dos cultos. É o lugar onde os membros comuns, os anciães, diáconos, cooperadores e irmãs da Obra da Piedade se unem com os mesmos objetivos (adorar a Deus, compartilhar suas experiências extraordinárias, atuar na formação coletiva através de sua tradição oral) e ao mesmo tempo se sentem comissionados a serem instrumentos de Deus e do Espírito Santo. É possível que este fato corrobore uma das distinções entre a CCB das outras denominações evangélicas, sobretudo aquelas em que o pastor é a figura central. Ou seja, aquelas em que ele é a autoridade legítima para representar e interceder pelo grupo a que pertence.

Realizadas as considerações que julgo necessárias para afirmar o caráter racional dentro da Congregação Cristã no Brasil, que divide espaço significativo com os aspectos religiosos, gostaria de recorrer a uma citação de Max Weber (2002) como ponte de acesso para outra discussão. Quero a partir daqui abordar assuntos que remetem a uma postura dogmática, sabendo que estamos falando de uma denominação que possui raízes no protestantismo presbiteriano, portanto, herdeira de parte de seus conceitos religiosos:

> Por ora, consideramos apenas o calvinismo, e adotamos a doutrina da predestinação como arcabouço dogmático da moralidade puritana, no sentido de racionalização metódica da conduta ética. Isso pôde ser feito porque a influência deste dogma se

> estendeu, de fato, para muito além de um único grupo religioso, que manteve, de todos os pontos de vista, a observância estrita aos princípios calvinistas, no caso presbiteriano. [...]. (WEBER, 2002, p. 93).

Partindo do princípio que um dogma é algo que não se mexe: ou seja, aquilo que o grupo acredita e que está protegido pela crença, portanto revestido por uma blindagem dogmática. Sua proteção funciona de forma tal que dispensa mecanismos apologéticos. Assim, para além de Weber e da predestinação, gostaria de contar com Malinowski para juntar a nossa reflexão. Em sua obra "Magia, Ciência e Religião" (1988), o termo dogma aparece algumas vezes e gostaria de regatá-lo, para depois retomar algumas das discussões iniciais deste capítulo – envolvendo o tema racionalidade.

Embora Malinowski tenha partido da análise das sociedades primitivas, nada impede que se utilizem suas ideias como referências para pensar religiões presentes em nossa própria sociedade ocidental. Considerando este princípio, para que uma religião se afirme como tal, é preciso que ela se torne pública, em seguida seja incorporada pelo grupo e por fim, vivida irrestritamente pelos participantes. Por outro lado, a religião esforça-se em construir e transmitir um dogma que passa a fazer parte da crença do grupo. Em seguida, a divulgação coletiva do que é entendido pelo grupo como elementos de suas verdades morais, inicia-se um processo que se divide em três etapas: o primeiro e mais importante é a necessidade do reconhecimento de algo revelado como sendo uma espécie de mito sagrado de origem da religião. Este mito deve incorporar a crença em seres sobrenaturais. Tais pontos vão servir de referência para as ações individuais e coletivas ao lidar com as demandas da vida social. Assim, "a religião postula a maneira correta de pensar e proceder, e a sociedade aceita tal veredicto e o repete em uníssono" (MALINOWSKI, 1988, p. 69; 70).

A segunda etapa envolve a necessidade de se estabelecer celebrações públicas da crença religiosa. Este é um momento particular e por excelência. É onde a propagação e manutenção dos valores religiosos se consolidam. Ou seja, a moralidade como tal, passa a fazer sentido e ao mesmo tempo ser vivida pelo grupo religioso. Mas, de acordo com Malinowski (1988, p. 70) "para a moralidade ser ativa, ela deve ser universal" de forma que cada pessoa que compõe a sociedade religiosa saiba qual o seu papel social e haja de acordo com ele.

A terceira etapa completa todas as outras duas. É também esta etapa a que mais nos interessa para nossa discussão no tocante ao termo dogma. A soma destes pontos define, fornece, dá garantia, vitalidade e proteção da religião. Nesta conjuntura o dogma ocupa lugar destacável.

De acordo com Malinowski,

> [...] a transmissão e conservação da tradição sagrada implicam o caráter público ou, pelo menos, coletivo da celebração. É essencial para toda religião que seu dogma seja considerado absolutamente inalterável e inviolável. O crente deve estar firmemente convencido de que o que é levado a aceitar como verdade terá que ser mantido da mesma forma que foi recebido e colocado acima de qualquer hipótese de falsificação ou alteração. Qualquer religião deve ter as suas salvaguardas palpáveis e fiéis, pelas quais a autenticidade de sua tradição seja garantida. Sabemos como é extremamente importante, nas religiões superiores, a autenticidade das sagradas escrituras e a suprema preocupação com a pureza do texto e a veracidade de sua interpretação. As raças nativas têm que se basear na memória humana. Porém, por não possuírem livros, inscrições ou corporações de teólogos, ficam menos atentos à pureza de seus textos ou menos resguardados contra sua alteração ou formulação errônea. Apenas um fator pode evitar o rompimento da linha sagrada: a participação de um grupo de pessoas na manutenção da tradição. A observância pública do mito em certas tribos, os relatos oficiais de histórias sagradas em determinadas ocasiões, a personificação de partes da crença em cerimônias sagradas, a tutela de partes da tradição conferida a grupos especiais de homens – sociedades secretas, clãs totêmicos, conselhos de anciãos – são meios de salvaguardar a doutrina das religiões primitivas. Vemos que sempre que essa doutrina não é inteiramente pública em uma determinada tribo, acontece que existe um tipo de organização social que serve ao propósito de sua preservação. (MALINOWSKI, 1988, p. 70).

Podemos verificar a presença de alguns pontos abordados por Malinowski dentro desta citação, como fazendo parte da Congregação Cristã no Brasil. Mesmo a CCB fazendo parte de uma religião ocidental e que surgiu para atender às necessidades de uma demanda envolvendo um mundo capitalista industrializado e moderno, parte das abordagens de Malinowski fazem sentido. O exemplo disto é a semelhança das religiões ditas primitivas com a CCB quando ele fala sobre a falta de um grupo de teólogos. Mas, quando o assunto são os livros especializados, se existe esta falta nas religiões primitivas, o mesmo não se pode dizer da CCB. Estes documentos escritos para consolidação da crença existem, mas o detalhe importante é que na Congregação Cristã no Brasil os registros escritos parecem não existir. Outros pontos comuns entre a religião primitiva e da CCB são: a participação efetiva no grupo; o cuidado com a manutenção da tradição; a observação e aplicação fidedigna aos valores e regras da religião; uma liturgia dura que garante a originalidade da religião.

Dito isto, gostaria de reafirmar que em tese defendo que a Congregação Cristã no Brasil apresenta fortes elementos racionais que não podem ser negligenciados. Seu referencial teórico é exclusivamente retirado dos textos bíblicos, em sua grande maioria dos Evangelhos e das cartas dos apóstolos, sobretudo do apóstolo Paulo.

Além disto, ao longo deste capítulo, ao lado de várias problematizações sobre nosso entendimento a respeito deste caráter racional, apresentamos a condição de Jesus como Senhor. Esta condição de Jesus como Senhor surge dentro da denominação pesquisada como um dogma.

Nos quatro hinos selecionados para esta tese e que representam menos de 1% do total de hinos do hinário (480 hinos) é possível ver Jesus como Senhor. Da mesma forma é possível verificar este tipo de colocação de Jesus como Senhor na Ata de constituição da denominação. Em vários momentos o termo "Senhor Jesus", cujo símbolo – mesmo que seja questionado, ou mesmo desconhecido em sua formação como referencial a ser seguido – faz parte da própria construção deste tipo de pentecostalismo, aparece ao lado das formas de racionalidades presentes. Assim, defendo que, perceber Jesus Cristo como Senhor é defender o dogma central da Congregação Cristã no Brasil.

Se, ao entrar em um templo católico nos deparamos com uma Cruz e nela um Cristo crucificado, este símbolo diz algo significativo sobre esta religião. Da mesma forma, ao adentrarmos em um templo da Congregação Cristã, vamos observar a frase em letras maiúsculas e destacáveis escrito "EM NOME DO SENHOR JESUS". Esta frase carrega em si um significado peculiar para os congregados da CCB.

Partindo destes dois pontos de reflexão (racionalidade e dogma) é possível pensar um pouco melhor sobre a Congregação Cristã no Brasil, para além da racionalidade prática de caráter sectário. É possível considerar que CCB é uma denominação composta por princípios bem elaborados e mecanismos que garantem o equilíbrio da religião. Racionalmente, os Estatutos, as Convenções anuais e as Reuniões de Ensinamentos, consolidam a forma de comportamento religioso. Eles também atuam como resultado de regras escritas e registradas em atas, que na maioria das vezes fogem ao conhecimento externo, mas que são muito bem divulgadas internamente. A própria racionalidade herdada do protestantismo presbiteriano, e outras denominações como batistas e metodistas, desde sua origem compõem um capítulo especial na história da Congregação Cristã. Graças ao próprio Francescon e àqueles que abandonaram o protestantismo e seguiram em direção do pentecostalismo congregacional cristão, valores passaram por ressignificação (a ótica sobre o papel do Espírito Santo, a eliminação do ministério pago, a abertura para um leigo acender no ministério são alguns exemplos). Outros foram incorporados integralmente à nova crença (a organização da Igreja em termos de reuniões, prestações de conta, registro em atas, por exemplo).

Já relacionado ao dogma, entendo que o núcleo deste realmente é a figura de Jesus Cristo como Senhor. Porém este ponto central está distribuído em três outros pontos dogmáticos que se completam. O primeiro é a **obediência**, cuja característica principal envolve integridade plena aos valores religiosos. O segundo trata-se de **humildade**, que deve ser demonstrada com excelência, na mesma medida em que se acende dentro e fora da esfera religiosa. Neste sentido, ser um empresário bem-sucedido ou um ancião, é sufocar toda

sensação de poder relativo ao *status* que estes lugares podem provocar. Uma das provas mais contundentes é a de estar a serviço de todos e dar atenção a todos de forma equânime. O terceiro ponto dogmático é a **fidelidade** à Deus aos seus pares religiosos e, também, relacionada aos contextos fora da religião, a exemplo fidelidade nos negócios.

É problematizando esses dogmas, que se torna possível entender a recusa da denominação em se envolver, por exemplo, com a esfera política institucionalizada. Esta esfera, na perspectiva deste grupo religioso, representa o oposto dos valores que eles acreditam e que são intocáveis. Ou seja, dogmáticos. Portanto, a política é percebida pela grande maioria dos congregados como o lugar em que faltam obediência, humildade e fidelidade. E, ao contrário de outros grupos evangélicos que defendem seu chamado político, a CCB o rejeita. A CCB não reconhece como missão Divina atuar na sociedade, nem a obrigação de agir sobre o social na criação de Leis para o governo de homens. O dogma de Jesus como Senhor e seus desdobramentos esvazia quaisquer possibilidades de inclinação política, mesmo afirmando a necessidade do exercício de cidadania por parte dos membros. O contato dos adeptos da CCB com a política, em sua maioria, se limita em votar em candidatos que não neguem a existência de Deus. E, eles não precisam ser necessariamente representantes do meio evangélico.

Outro ponto de confronto com os pensamentos da Congregação Cristã no Brasil e a política é o nosso modelo de política democrática. Nele, a oposição é peça fundamental para equilibrar a gestão do governante vencedor. E, mesmo que este governo tenha sido eleito por meio de uma esperança messiânica, ou como um tipo de salvador da pátria, este(a) vencedor(a) nas urnas vai ser legitimado(a) pela maioria absoluta dos votos. Ele(a) também, por melhor que seja seu governo, não vai ser capaz de permanecer por longos períodos. Além disso, ao que parece, em uma democracia, mesmo o opositor mais ferrenho, poderá ter sua oportunidade de governar, contribuir, ascender e por fim sair de cena. Aqui é possível entender que a esfera política tem características contrárias às adotadas pela Congregação Cristã. Aqui, fora as questões que envolvem a obediência, humildade e fidelidade nas tomadas de decisões na CCB, o que prevalece não é a maioria absoluta dos votos, mas a unanimidade dos votos. Outro ponto é a oposição, vista como uma falha não aceitável. Oposição é algo visto como maligno.

Estes mesmos dogmas (obediência, humildade e fidelidade) levantam fronteiras que barram quaisquer formas de sociedades nos negócios com pessoas de fora de seu grupo religioso. Agem impedindo a união com os “estranhos na fé”. Criam condições de segregação entre crentes congregacionais cristãos e aqueles que não são membros da denominação, que

podem ser inclusive pentecostais de outras Igrejas Evangélicas. Esta segregação vale também para os excluídos de seu meio religioso. Nestes casos implica geralmente na dissolução da sociedade nos negócios.

Estes valores dogmáticos, assim como a racionalidade presente na denominação catalisam a crença religiosa presente nesta. Esses valores perpassam todas as esferas da vida social dos adeptos da Congregação Cristã no Brasil e por eles são levados a sério (racionalidade), e na maioria das vezes às últimas consequências (dogmas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CCB, UMA DENOMINAÇÃO DESENCANTADA

No Brasil, os adeptos do pentecostalismo(s) podem ser encaixados em uma das linhas pentecostais da primeira, segunda e terceira "onda" (FRESTON, 1994, p.70; 71), também conhecidos como "pentecostalismo clássico", "deuteropentecostalismo" e "neopentecostalismo" (MARIANO, R., 1999, p. 23). Mas o pentecostalismo brasileiro não se resume a estas três vertentes, pois o contexto brasileiro pentecostal conta atualmente com uma multidão de Igrejas e denominações. Estes diferentes grupos de evangélicos – incluindo aqueles que Antônio Mendonça denomina de protestantes – são tantos que segundo ele "deviam ser colocados sob a rubrica de cristãos não-católicos" (MENDONÇA 2004, p. 75). Neste sentido, o Brasil, se não é um país para todos os gostos, é uma nação que, no que se refere ao universo cristão, atende a muitas preferências.

Essa diversidade no cenário brasileiro está presente em todas as esferas, das quais o pentecostalismo é uma destas presenças. Neste ponto, as Igrejas e denominações pentecostais possuem características próprias que as distingue, mas também marcam a entrada e permanência de grupos específicos de indivíduos formando uma unidade. Portanto, a entrada e permanência desses indivíduos estão condicionadas ao que as Igrejas oferecem, mas também remete ao que o indivíduo espera receber em sua Igreja. Assim, no caso do pentecostalismo, o grau de sectarismo; de suas exigências doutrinárias – "doutrina"; e dos chamados "usos e costumes", pode ser atraente para algumas pessoas que se identificam com estes valores religiosos. Outros, mesmo que se identifiquem, são impedidos de participarem destes grupos com regras mais acentuadas, porém, exercem sua crença pentecostal em denominações menos rigorosas. Outros, o próprio rigor de uma determinada denominação é o que os afasta. Nestes casos, a identificação acontece com Igrejas pentecostais com regras mais amenas, sem deixar de ser pentecostal.

Neste cenário pentecostal brasileiro, é possível posicionar a Congregação Cristã no Brasil (CCB) entre as denominações mais sectárias e exigentes do contexto religioso evangélico. Menos exigente um pouco são as Assembleias de Deus (AD), que ao longo dos anos vem flexibilizando algumas de suas regras e adotando uma postura distante de suas origens. O reflexo desse afrouxamento de algumas regras é o fato de parte dos adeptos mais antigos da AD, falarem do passado da Igreja com certa nostalgia. A Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), denominação que abre a segunda onda do pentecostalismo, adota desde sua fundação um conjunto de regras, exigências e cobranças relacionadas à vida de seus adeptos com menor rigor que as duas pentecostais de primeira onda. Mas isto não quer dizer

que esta seja uma característica do deuteropentecostalismo. Isto porque a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA), que entrou na tipificação da segunda onda, possui um conjunto rígido de regras que muitas vezes ultrapassa a própria CCB em termos de rigor (FRESTON, 1994, p. 127; 128). A terceira onda do pentecostalismo, em particular a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), possui características de maior tolerância, com menos exigências e controle quanto à conduta de seus adeptos na relação com a esfera mundana (CAMPOS JUNIOR, 1995, p. 56). Esta personalidade religiosa faz com que adeptos das outras denominações aqui já citadas tenham dificuldades em reconhecer a IURD como uma Igreja comprometida com os valores pentecostais – exceto, é claro, os adeptos da IURD.

Dentro desta moldura religiosa pentecostal brasileira, os congregados da Congregação Cristã conseguem suportar a pressão da moral religiosa com suas implicações. Muitos até valorizam isto. Outros não conseguem suportar, e mesmo valorizando tais posicionamentos acabam migrando para denominações menos rígidas. E, nestes casos, geralmente as Assembleias de Deus absorvem esta demanda de "desviados" da CCB. Uma segunda possibilidade é o trânsito religioso em direção da Igreja do Evangelho Quadrangular ou a Igreja O Brasil para Cristo. Outro caminho que pode ser seguido, porém com raríssimas exceções acontece é a Igreja Universal. São casos raros porque a IURD é vista como uma Igreja mundana. Há ainda casos em que a saída da Congregação Cristã pode resultar na fundação de uma nova Igreja. Mas isto nada se compara ao caso da Assembleia de Deus com suas muitas cisões. No caso da Congregação Cristã no Brasil, atualmente, pelo menos dois grupos se originaram da CCB. Um exemplo é a "Congregação Cristã no Brasil – Ministério Jandira". O outro é a "Assembleia Cristã".

O percurso de saída de uma Igreja com regras mais rígidas é possível, porque existe um mercado religioso pentecostal que disponibiliza bens e serviços religiosos para estas demandas em trânsito. Mas, o trajeto contrário também é possível e pode chegar até a Congregação Cristã no Brasil – desde que, como já apontei, esta pessoa não tenha sido excluída da CCB. Há casos em que a pessoa convertida ao pentecostalismo em uma Igreja pentecostal com regras mais flexíveis, tenha sido alvo do proselitismo de adeptos de Igrejas mais rígidas. Nestas ocorrências, o discurso religioso é que o candidato está participando de uma Igreja que está distante dos planos de Deus. Portanto, os frequentadores dessas "Igrejas de portas largas" precisam repensar sua trajetória religiosa porque onde eles estão membrando "não tem diferença das pessoas do mundo".

Há quem migre religiosamente da IURD, para a IEQ; da IEQ para a AD; e da AD para a CCB. Há também outras configurações possíveis, e até mesmo radicais, como o trânsito

religioso de uma IURD para uma CCB. O fato é que o campo religioso brasileiro sofreu e vem sofrendo importantes transformações nas últimas décadas, resultando em uma fragmentação institucional, acompanhada de uma intensa circulação de pessoas pelas novas alternativas religiosas (ALMEIDA; MONTERO, 2001).

Dois pontos se destacam no contexto religioso pentecostal brasileiro e suas muitas possibilidades. O primeiro trata-se do pentecostalismo: adeptos de Igrejas pentecostais dificilmente migram para denominações protestantes tradicionais. O fato de não haver "liberdade" para se orar em "línguas estranhas" é visto pelos pentecostais como um pecado contra o Espírito Santo. E mesmo aqueles que não foram "selados com a promessa do Espírito", mas que se converteram em uma Igreja pentecostal, dificilmente abrem mão deste valor religioso pentecostal. O segundo ponto está relacionado à Congregação Cristã no Brasil. Novos adeptos, ao darem entrada na CCB são batizados, independente de já terem passado por este processo em outras Igrejas pentecostais.

Dentro do pentecostalismo brasileiro, mas também em outros segmentos religiosos, o trânsito de ida e vinda de adeptos é possível e é uma via de mão dupla. Quase não existem impedimentos quanto à migração de um extremo a outro. Esta realidade pode ser observada empiricamente por leigos atentos e pesquisadores no curso de sua pesquisa em quaisquer destas denominações pentecostais. Dentre os motivos para isto está o fato de que o Brasil, por mais que existam preferências ou tradições religiosas mais ou menos estabelecidas, mais ou menos preponderantes, é um país laico, no sentido de não haver uma religião oficial do Estado. Laico, não no sentido de desconsideração da crença religiosa. O Brasil é um país de preponderância cristã desde sua colonização (MONTERO 2006; PIERUCCI 2006). Uma predominância cristã que tem suas origens no catolicismo que é dominante no Brasil colonial e imperial, mas no qual também está presente um tipo de cristianismo em transformação no contato com os protestantes de imigração, protestantes de missão (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990). Somam-se a estes, os pentecostais de origem estrangeira (década de 1910 e 1950) e pentecostais de origem brasileira (a partir de 1955). Isto sem deixar de considerar a importância da religiosidade e das religiões de origem indígena e de matriz africana. Sem dúvida este quadro faz parte de um processo histórico, mas também sociológico e antropológico. Paula Montero (2006) e Antônio Flávio Pierrucci (2004; 2006), podem nos ajudar a compreender um pouco desta moldura em construção.

Com base nas pontuações de Paula Montero (2006), a liberdade religiosa e o direito à privacidade, embora sejam pilares, não servem para definir de forma simples o que acontece em uma sociedade moderna como a brasileira. Servem sim para problematizar o que pensar

no que se refere ao que acontece em nossa sociedade em termos de secularização, e do tipo de laicização desenvolvida aqui.

No processo de secularização e constituição do Estado moderno e republicano brasileiro, embora a separação entre Estado e Igreja apareça como uma condição necessária, essa separação não aconteceu de forma clara e bem definida. Ela aconteceu em parte porque sempre conviveu com a presença da Igreja Católica, em decorrência da sua influência nas esferas pública, política e, também, privada. Porquanto, a Igreja Católica, presente desde a colonização sempre serviu como ponto de partida, de referência e de modelo para definir o reconhecimento de como o Estado brasileiro deveria se posicionar em relação a própria Igreja Católica, e também em relação a outras Igrejas de linha cristã, e a outros tipos de credos ou de configurações religiosas como legítimas religiões dentro da sociedade brasileira.

Este cenário em construção, desde o Brasil República do final do século XIX, teve em um primeiro momento a Igreja Católica exercendo influência e sendo beneficiada pelo lugar antes consolidado no Brasil colonial e imperial. Por isso, no Brasil, a Igreja Católica jamais precisou provar sua condição como religião. Na verdade, a separação que foi conduzida pelo Brasil República nunca foi capaz de retirar a Igreja Católica do Estado, mas conseguiu tirar parte de seu poder sobre ele. Com isso o maior dos ganhos foi possibilitar outros grupos a alcançar reconhecimento legal para o exercício de suas crenças. Assim, foi possível as Igrejas protestantes e pentecostais passar por um caminho pavimentado pelo Estado republicano brasileiro. Este caminho também influenciou na busca por reconhecimento como religião dos grupos religiosos minoritários ligados à religiosidade de matriz africana e, também, ao espiritismo. Este processo de legitimação e reconhecimento como religião para as minorias religiosas, na maioria das vezes perseguidas, foi e ainda é um processo caro. E, nesse, nenhum grupo religioso foi mais penalizado e encontrou mais resistência que aqueles ligados às religiões de matriz africana, cujas manifestações eram classificadas como sendo ligadas de forma negativa à magia. Mas, estas práticas, antes mesmo de entrarem na agenda do Estado moderno republicano, já faziam parte da vida cultural brasileira desde a colonização com a chegada dos primeiros escravos, e antes mesmo da colonização através das manifestações de origem indígena.

De acordo com Montero (2006) “o processo de diferenciação das esferas sociais não implicou a erradicação da magia, mas uma forma particular de enquadramento daquilo que era percebido como ‘magia’ naquilo que se convencionava chamar de ‘religião’, cujo modelo de referência era o cristianismo” (MONTERO 2006, p. 50). Montero aponta para o fato de que o processo de definição da distinção entre magia e religião no Brasil “não redundou na

retirada das religiões do espaço público: ao contrário, resultou na produção de novas formas religiosas, com expressão pública variável conforme o contexto e as suas formas específicas de organização institucional" (MONTERO, 2006, p. 50).

Ainda de acordo com a autora, o Estado moderno republicano brasileiro desde sua constituição em 1891, vem procurando estabelecer a separação da Igreja do Estado e desvincular a religião do ensino público. Mas a Igreja Católica não aceitou estas ações de afastamento e perda de privilégios. Ela "começou desde cedo a se mover em diversas frentes, procurando influenciar os meios pensantes, os escalões governamentais e as elites por meio da criação de colégios católicos" (MONTERO, 2006, p. 52).

Já os grupos minoritários que formavam as "associações religiosas" que no primeiro momento da Constituição foram impedidas de se organizar como religião, mas que ao longo dos anos foram se organizando e conquistando espaço, conquistando reconhecimento. Assim, segundo Montero (2006, p. 52), os primeiros grupos religiosos minoritários a se organizar no sentido de ganhar reconhecimento legal como religião foram os espíritas e depois, na esteira do reconhecimento, seguindo os passos dos espíritas, foi à vez dos segmentos religiosos de matriz africana (MONTERO, 2006, p. 53).

Foi forjado na perseguição, no conflito, no enfrentamento, e até na desvalorização, que grupos de minorias religiosas se organizam em busca de sobrevivência e legitimação para atuarem dentro da sociedade brasileira. E, em relação a este processo de legitimação quem auxiliou este reconhecimento para o espiritismo foram os médicos e juristas. Estes o fizeram reivindicando os direitos legais do grupo e a ciência médica estabelecendo a distinção entre hipnotismo (ciência) e espiritismo (religião). No caso dos segmentos de matriz africana no Brasil, a legitimidade foi sendo construída por meio do debate nas ciências jurídicas, "relacionando-se a crimes contra pessoas ou patrimônio" (MONTERO, 2006, p. 55). E, também, construída a partir das ciências sociais, mais especificamente, da antropologia.

Esta garantia legal e conquista de reconhecimento social parece não dar conta do que vem acontecendo com o cenário religioso no Brasil, sobretudo nos últimos anos. As religiões de matriz africana, embora conquistando reconhecimento legal, pode-se dizer que permanecem sendo marginalizadas, atacadas por outros grupos religiosos e alvos de proselitismo evangélico, sobretudo, das denominações pentecostais. E certamente, isso tem consequências. Talvez por isso Pierucci tenha iniciado "Religião como solvente – uma aula" (2006) dizendo:

> Ultimamente tenho andado cismado com o abalo demográfico que a umbanda sofreu nas décadas finais do século XX. O decaimento numérico da umbanda foi de tal modo significativo entre 1980 e 2000, que o desempenho demográfico das religiões

> afro-brasileiras no agregado ficou seriamente atingido por ele. (PIERUCCI, 2006, p. 112)

Uma preocupação teórica central neste texto de Pierucci (2006) é saber o que está acontecendo no Brasil, propiciada pela liberdade do exercício religioso que é cada vez maior. Neste contexto brasileiro, qual forma de religião pode ganhar mais espaço? Para ele, levantar esta informação é possível distinguindo quem é quem nos diferentes tipos de grupos de religiões e classificá-los. Pierucci (2006) entende que o recurso metodológico para compreender diferentes religiões é classificá-las em termos de sua função.

Pierucci traz em seu texto "A classificação funcional das religiões apresenta utilidade para explicar o crescimento diferencial de formas religiosas" (CAMARGO; *et al*. 1973, p. 23 *apud* PIERUCCI, 2006, p. 114) . Esta classificação deve ser realizada em pelo menos dois grandes grupos. Aquelas "que preservam determinado patrimônio étnico-cultural, favorecendo a autoidentificação de um grupo social" (CAMARGO; *et al*. 1973, p. 23 apud PIERUCCI, 2006, p. 114) e aquelas que possuem "caráter universal, abertas para a conversão de todas as pessoas". É preciso "classificar e comparar" (CAMARGO; *et al*. 1973, p. 23 apud PIERUCCI, 2006, p. 114).

Na classificação proposta por Pierucci a Congregação Cristã no Brasil está colocada como uma "religião de caráter universal". Também estão ali as Igrejas Católicas, Batista, Presbiteriana, Luterana e as Igrejas pentecostais: Assembleia de Deus; [...] Igreja do Evangelho Quadrangular; Evangélica Pentecostal 'O Brasil para Cristo'" (PIERUCCI, 2006, p. 116). Estão também religiões não cristãs como o Espiritismo Kardecista, a Umbanda e a Teosofia. Repetindo, as religiões universais, nesta classificação são aquelas que são abertas a todos que desejam fazer parte.

Já entre as "religiões com função de preservação do patrimônio étnico-cultural" estão o Judaísmo, Islã, Budismo, Candomblé, Xangô, Religiões Indígenas. Estas religiões estão classificadas entre aquelas que não têm interesses prosélitos, e sim em se manter intactas o máximo possível, seus valores e a sua originalidade como grupo (PIERUCCI, 2006, p. 116).

Ambas as classificações contam com outras religiões. E dentro de ambas as classificações com base funcional, parece ser possível reclassificar uma denominação ou uma religião em um grupo diferente da que ela estava anteriormente. Portanto, uma religião pode deixar de lado sua preservação patrimonial, para adotar uma postura universalista, na tentativa de salvar o maior número de indivíduos, alcançando novos prosélitos. Neste cenário, para Pierucci (2006, p. 120) "o protestantismo é por excelência, e radicalmente, uma religião de conversão individual". Mas, o protestantismo divide terreno, e até mesmo perde espaço, para

o pentecostalismo de forma geral quando este se posiciona como uma religião universal de salvação individual para todos.

Entendo que o caso da Congregação Cristã vai numa direção diferente desta que está sendo apontada por Pierucci. Como já demonstrado nesta tese, a Congregação Cristã no Brasil não tem interesse em inserir dentro do grupo, entre seus membros, pessoas que não se encaixem no perfil presente na denominação. Ela, a CCB, que começou suas atividades no Brasil atendendo uma demanda étnica italiana, mas que ao longo dos anos foi se abrasileirando, vem mantendo contínuos esforços de preservação de sua racionalidade, sua tradição e de seus valores religiosos. Me parece que o sucesso dessa preservação passa pelo fato justamente de que a CCB não é uma religião de caráter universal. De forma mais direta, podemos dizer que – se pensarmos em termos do que está sendo posto pela Congregação, na sua própria forma de ser, enquanto Igreja – a salvação não é para todos. Esta é a razão porque entendo que ela não pode ser classificada como uma religião de caráter universal.

No texto "Secularização e declínio do catolicismo" (2004), Antônio Flávio Pierucci aponta para as mudanças sociais ocorridas no Brasil a partir do século XIX. Ele coloca que estas mudanças são resultado do processo global de modernização e secularização, no qual o Brasil está inserido. Essas transformações têm provocado mudanças em todas as esferas da vida social brasileira, das quais a esfera religiosa é uma destas.

Quanto à esfera religiosa, Pierucci (2004) chama a atenção para o que vem acontecendo na sociedade brasileira, e aponta para o que pode provocar o processo de modernização na maior de nossas religiões, o catolicismo. Sua tendência é de perder a hegemonia: "Qualquer religião tradicional, majoritária, numa sociedade que se moderniza, estará fadada a perder adeptos". Ele ainda complementa dizendo que "toda religião tradicional ou majoritária tende a andar para trás" (PIERUCCI, 2004, p. 14).

Coube à sociologia e à antropologia da religião compreender e interpretar estes desdobramentos, além da tarefa de fazer a pergunta correta, diante de um contexto de compreensão, também conjuntural, da sociedade brasileira. Neste sentido, Pierucci não está preocupado em perguntar o que está acontecendo com o catolicismo brasileiro. Pierucci (2004), como sociólogo, está preocupado em questionar "o que está acontecendo com o Brasil" (PIERUCCI, 2004, p. 15). Quanto a isso, o pesquisador diz que:

> O país está se transformando, de verdade, numa sociedade livre, com uma cultura cada vez mais plural. A depender só do Estado brasileiro, hoje se respira no país liberdade religiosa a plenos pulmões, como nunca – e não só de direito, de *jure*, como no início da vida republicana, mas também *de facto*. E as pessoas, nesse clima de descompressão, podem ir e lá vão elas, mudando de religião, à vontade. [...]. (PIERUCCI, 2004, p. 15)

Aqui temos uma variável importante dentro do que vem acontecendo com as religiões de origem cristã no Brasil, mas não somente estas. Este processo de transformação da sociedade brasileira em uma sociedade onde há cada vez mais espaço para liberdade de credo religioso, proporciona oportunidades para diferentes formas do indivíduo exercer sua religiosidade, inclusive, volto a afirmar, garantido por Lei.

Dentro dessa nossa sociedade, com esse maior tipo de liberdade, a Congregação Cristã é, portanto, uma das opções religiosas. Sendo que, em nossa sociedade, a CCB se apresenta como uma denominação que vem construindo uma crença racionalizada de desencantamento do mundo. Ao mesmo tempo, dentro disto se destaca seu lado dogmático, que envolve uma forma de tradição religiosa peculiar. E essas duas partes – a da racionalidade e da tradição – encontram um ponto de equilíbrio e até mesmo se completam. E se essa forma de ser da CCB é possível, é porque ela encontra no Brasil de hoje um tipo de liberdade religiosa que a torna possível. E que torna possível os tipos de demandas na conduta de vida que ela termina por exigir de seus adeptos. Ou seja, é no tipo de espaço de liberdade religiosa que temos na sociedade brasileira hoje, no tipo de distinção e diferenciação religiosa que a sociedade brasileira permite, que a CCB encontra seu lugar para existir.

Na CCB, o grau de desencantamento do mundo e de racionalização dentro da esfera religiosa, pode ser visto, por exemplo, na Santa Ceia. Este sacramento, que é um dos mais relevantes da religião cristã, é realizado na CCB apenas uma vez por ano. Muito diferente da Igreja Católica, onde pode ser até mesmo diariamente, ou diferente das pentecostais nas quais acontece mensalmente. Nesta perspectiva, uma leitura possível – da frequência com que ocorre a Santa Ceia na CCB – é que nela há um menor distanciamento da razão. Isto se considerarmos que este é um tipo de ritual cristão que, usualmente, envolve a busca pelo transcendente e pelo supranatural (transubstanciação ou consubstanciação), por meio de elementos materiais simbólicos: o pão e o vinho. No caso da CCB, entendo que este momento tem por principal finalidade a confirmação da vinculação religiosa e da unidade do grupo. Por isto trata-se de um momento que conta com a presença apenas dos congregados. Ou seja, apenas dos que fazem parte. Portanto, o indivíduo (enquanto membro ativo da Igreja) e a coletividade (de indivíduos salvos) é o que de fato é relevante. Nesta perspectiva a Santa Ceia tem como principal finalidade lembrar ao indivíduo seu pertencimento ao grupo e – o mais importante – seus compromissos para com o grupo e uns para com os outros (entre si, como “irmãos”).

Isto que estou apontando como uma racionalidade presente na Santa Ceia surge também na maneira como essas celebrações são organizadas. A palavra organizada pode ser tomada aqui num sentido literal. Isto porque busca-se ter o conhecimento e controle do maior número de detalhes possíveis, como, por exemplo, quantas pessoas participaram da Santa Ceia (quantos comeram do pão compartilhado e do cálice de vinho compartilhado). A denominação figura entre as mais organizadas Igrejas de linha cristã, quiçá a mais organizada. Sua organização é tamanha que é possível – claro, se houver acesso – saber o número real de adeptos. Isto é possível porque, como colocado, a participação na Santa Ceia é anual, e está condicionada apenas aos membros ativos, cada um em suas respectivas Congregações. O número de participantes é contabilizado e devidamente registrado. Este modelo, além de pressionar os adeptos a participarem diante de uma única oportunidade que não pode ser desperdiçada, também propicia uma avaliação anual da quantidade de congregados. Obtém-se, desta forma, o que eles tomam como um dado empírico.

Observando o que seria a contagem do número de participantes da Santa Ceia, com o que me foi informado por fontes da CCB sobre o que seria o número de membros ativos, percebi que esses números convergiam. O que me levou a considerar que o número de participantes é uma forma deles chegarem ao número de membros ativos da CCB. Esse número, segundo minhas fontes, seriam "mais de 4 milhões de pessoas" – números que estão muito além dos 2.289.634 adeptos, segundo dados do último Censo, o de 2010.

Um dos poucos momentos coletivos em que a razão é colocada de lado trata-se daqueles que envolvem as orações, sobretudo as que são seguidas de glossolalia. Nestes episódios, o que para observadores externos pode parecer algo de exótico – principalmente porque aparentemente retratam um conjunto de palavras e frases aparentemente sem sentido – para o congregado refere-se a um dos momentos mais altos e marcantes da própria religião pentecostal. Ter a presença do Espírito Santo em um culto é entendido individualmente e coletivamente como estar posicionado no centro da vontade de Deus.

Ao longo do processo de pesquisa, questões ligadas à racionalidade e dogma sempre estiveram presentes. Embora os acontecimentos que envolvem esses temas nem sempre são muito claros, chega-se ao final deste trabalho percebendo que, entre as questões que envolvem racionalidade, a forma como a teoria vem sendo inserida na vida social religiosa é uma das marcas desta denominação. As mensagens, geralmente dos púlpitos – mas não só nestes, pois o chão de uma Fábrica, ou a casa de um religioso, ou um ambiente escolar, dentre outros espaços e lugares – vêm sendo reproduzidas através de palavras e ações. Portanto, o que se aprende é aplicado pelos sujeitos que compõem a sociedade religiosa em suas práticas

cotidianas. Há, desta forma, uma forte ênfase para que o congregado afirme seu pertencimento à Congregação Cristã através de sua ética religiosa, no cotidiano, nos mais diferentes momentos de sua vida e do seu dia a dia.

Já o dogma, neste contexto, mesmo que em parte represente algo de cunho tradicional, também representa pensamentos metafísicos da experiência religiosa. Ele representa a crença, ou seja, a fé naquilo que se acredita. Esta crença pode ser direcionada ao Sagrado, ou pode envolver uma experiência pessoal espiritualizada. Em ambos os casos, os valores religiosos presentes no interior da religião são inegociáveis e intocáveis. O dogma, por excelência, da CCB é o de que "Jesus Cristo é o Senhor". Portanto, é aquele a quem se deve obedecer. E isto se reflete em três dos valores mais centrais para a CCB, em termos do que se espera na conduta de seus membros ativos: obediência, humildade e fidelidade.

É possível perceber que razão e dogma, quanto mais equilibrados e alinhados estejam, menores são as chances de sofrerem abalos significativos. Quanto mais desalinhados, maiores as chances de gerar instabilidades. Nesta mesma direção, ao pesquisar a Congregação Cristã foi possível entender que, quanto maior for o grau de racionalidade de uma religião, menor será seu grau de dogmatismo e quanto menor sua capacidade de racionalizar, maior será sua necessidade de mecanismos dogmáticos de preservação. É importante considerar que, nenhuma religião é totalmente racionalizada a ponto de poder dispensar os mecanismos dogmáticos, e, nenhuma religião é totalmente dogmática sem contar com aspectos de racionalização no interior da crença.

Partindo do princípio que uma construção teórico-religiosa, como a ocorrida na Congregação Cristã no Brasil, teve início a partir de escolhas teóricas, esta mesma construção passa por um processo de fundamentação e aprimoramento da crença todas as vezes que os pilares religiosos são confrontados. Desta forma, temos que no confronto, a religião vai se racionalizando por um lado e dogmatizando por outro, de forma que ela (religião) se consolide ou se proteja por meio de apologias construídas. Um exemplo disso é o fato de que nem Ancião, nem Diácono, nenhum daqueles que prestam algum tipo de serviço na Igreja recebem algum tipo de remuneração pelo trabalho realizado. Dentro da CCB e para a CCB, todo trabalho feito por um congregado é voluntário. E é possível perceber que os membros da Congregação veem isso como algo que os distingue de outras Igrejas. E, por conseguinte, uma confirmação da verdade do que acreditam e preconizam, também, por seus dogmas. Destacando-se, como já apontei, o dogma de que "Jesus é o Senhor".

Diante disso, a CCB, através de Louis Francescon e seus pioneiros contemporâneos, se solidificou de tal forma que poucas foram as alterações sofridas ao longo dos anos. Mas, o que pode justificar a eficiência da CCB em se manter próximo de sua origem?

Acredito que a eficiência é resultado de um conjunto de fatores que, volto dizer, se apoiam na razão e dogma. Ambos se reforçam na tradição, completando assim uma espécie de tripé de sustentação da religião em questão. A soma destes três pontos – pontos que se completam, pois é possível começar de qualquer um deles para chegar a mesma conclusão – resulta em eliminação de possíveis inovações pela rigidez de suas regras construídas com finalidades específicas. Isto porque sua tradição, e até mesmo seus dogmas em boa medida fazem parte de uma construção racional.

Louis Francescon, no início de sua vida ministerial, ainda quando fazia parte da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, ajudou na implantação e foi um dos integrantes do Conselho da Igreja. Ele vivenciou e confrontou o maior problema enfrentado pelo grupo da época, cuja dificuldade foi manter em dia os salários do pastor. Além disto, o salário do líder religioso protestante era muito acima do salário médio de um trabalhador comum. E, eram estes que sustentavam o pastor.

Francescon, por exemplo, ao sair da Igreja Presbiteriana, sempre adotou uma postura firme contra a prática de ministério assalariado. Esta postura contém elementos racionais, quando entende que todos (sem distinção) precisam prover seu próprio sustento, pois um eleito por Deus tem o trabalho como prova de sua eleição (WEBER, 2002). Mas, também contém elementos dogmáticos, pois envolve obediência, humildade e fidelidade a Deus e a Igreja. Esta escolha envolve tradição. Porquanto, vem sendo seguida em sua forma original há mais de um século.

Francescon, ao fim de sua vida e ministério, chega sem haver conquistado nenhum patrimônio significativo, mesmo tendo como profissão o trabalho em mosaico e, também, sendo o fundador de uma das maiores denominações religiosas no mundo. Seu exemplo serve para inibir os congregados ao apego exacerbado a bens materiais e ao investimento descontrolado em suas próprias vidas. O que Francescon faz é condenar a ganância. Um dos resultados práticos é mais investimentos na própria Igreja, configurando a construção de templos de excelentes arquiteturas e acabamentos. Portanto, posso dizer que as transformações reduzidas na CCB são resultado do equilíbrio entre estas esferas, muitas vezes vistas como distintas.

De um lado a racionalidade presente na Congregação Cristã no Brasil pode ser vista nas etapas da liturgia dos cultos, na construção dos templos, na administração eficiente das

Igrejas, nos relatórios estatísticos etc. E por outro, o dogma, por ser entendido como uma construção sobre os pilares da obediência, fidelidade e humildade ao "Senhor Jesus" e a Igreja. Além disso, a tradição ajuda a solidificar o que foi construído.

Em 1910, antes de Louis Francescon ir para o Paraná, ele teve uma revelação especial de Deus. Mais tarde, em setembro de 1910, ele disse a seu pequeno grupo de congregados em São Paulo, que o Senhor havia lhe revelado uma grande colheita de pessoas na capital e em todo o Brasil. Mas, isto só aconteceria se o grupo de seguidores permanecesse fiéis e humildes (READ, 1965, p. 26).

Aqui, além da junção entre razão e dogma, é possível perceber a presença de mecanismos carismáticos da forma como apontada por Max Weber. Ou seja, o reconhecimento de algo visto como supranatural que é validado por cumprir o que foi dito; e a legitimidade do reconhecimento de quem disse ou fez algo extraordinário, como alguém que detém o carisma. No caso aqui, Louis Francescon. Este poder é rotinizado nos anciães que se mantêm fiéis à doutrina da Igreja. Estes passam a ser os legítimos representantes de Deus. Porém, além do carisma, a força da tradição e dos dogmas, produzem resultados práticos no interior da religião, freando as possíveis transformações ou mudanças significativas. Algumas até ocorrem, mas existe um esforço em mantê-las no anonimato. Um exemplo é a questão do uso da televisão. É sabido que alguns adeptos da CCB já mantêm em suas casas aparelhos de televisão. Porém, quem tem, não fala abertamente sobre o assunto. Ele ainda, quando recebe visitas dos "irmãos", esconde seu aparelho. Além disso, não se fala da liberação de uso pelos congregados. E, quando se toca no tema é reforçando o quanto os aparelhos podem ser nocivos para os adeptos.

Mas, a consolidação da CCB não deve ser pensada apenas por estas vias. Me parece que muito mais relevante que o carisma, a tradição e os dogmas é a forma racionalizada e organizada com que se conduz as "Comuns" e a vida dos congregados, somado à crença no Espírito Santo. A crença no Espírito Santo se destaca por produzir resultados psicológicos de forma que haja uma organização ainda maior em relação à administração eclesiástica e o comportamento do congregado como um todo. O que se faz na Igreja (os trabalhos voluntários), e o que se faz no trabalho secular (trabalhos remunerados) não são realizados para homens (lideranças religiosa e empregadores) ou para si próprios. Trata-se de trabalhos realizados antes de tudo para Deus. Este quadro pode ser entendido como uma releitura do calvinismo protestante (WEBER, 2002), mas também indica como pode ser complexa a interpretação desta denominação.

Há uma particularidade da CCB em comparação com a IURD. A Congregação, ainda que não seja de forma teórica e metódica, resgata parte do que está presente no calvinismo, sobretudo, a doutrina da predestinação. A maior parte dos congregados vive isto, se posicionando como um povo escolhido, rejeitando ao mesmo tempo outros grupos religiosos evangélicos, outras esferas religiosas e pessoas que negam a existência de Deus. Isto chama a atenção porque a CCB como denominação pentecostal clássica, fundamenta sua eleição com base no Novo Testamento. É a partir dos Evangelhos e Cartas Paulinas que ela vai construindo racionalmente seu estilo de vida e visão de mundo. Comparando a CCB com a denominação neopentecostal IURD, esta última apresenta uma doutrina próxima dos fundamentos envolvendo eleição. Porém a Igreja Universal do Reino de Deus se baseia majoritariamente no Antigo Testamento. A Igreja utiliza boa parte dos textos veterotestamentários, elementos e símbolos que apresentam Deus como único e diferenciado em relação a outros deuses. Mas, também se mostram como um povo escolhido e separado, representado na teologia da prosperidade (MARIANO, R., 1999). A IURD, a partir dos textos da religião judaica, constrói uma visão de mundo intramundana, justificando com isto a ação sobre o mundo e ao mesmo tempo, com bases de individualismo, legitimando cada adepto a superação dos obstáculos como prova de sua intimidade e filiação com Deus. Esta forma de interpretação faz com que os legítimos filhos se vejam como aqueles que prosperam conquistando o mundo, e no mundo, se envolvem em esferas tipicamente mundanas.

O pentecostalismo clássico da CCB tem seus fundamentos mais baseados nos valores da cultura cristã neotestamentária, pois, como dito, se apropriam muito mais do Novo Testamento, sobretudo, os Evangelhos e as cartas paulinas. Já o neopentecostalismo, como o da IURD, lança suas bases na teologia e cultura judaico-cristã com ênfase veterotestamentário. E, inclusive, se apropriam de símbolos judaicos, para fundamentar seu sistema de crenças.

A CCB também se difere da IURD no que se refere à falta de elementos que remetem à magia. Se em alguma medida elementos mágicos fazem parte do campo religioso brasileiro, inclusive em Igrejas de linha cristã, ao longo da pesquisa não encontrei na Congregação Cristã no Brasil tais elementos ou indícios que eles possam existir em algum momento. Me deparei repetidas vezes foi com elementos racionais e uma postura de intenso desencantamento do mundo, presente na denominação.

É possível dizer que uma herança do judaísmo para o pentecostalismo clássico presente na CCB é o caráter de preservação da crença e da unidade do grupo com base na manutenção de valores religiosos. Também não há uma preocupação exacerbada em fazer

prosélitos, mas recebem aqueles que por razões específicas se convertem. Ou seja, o esforço é muito maior em manter a unidade, e não em agregar mais pessoas ao grupo.

Outra especificidade da Congregação Cristã no Brasil é o fato da Igreja manter os congregados ocupados a maior parte do tempo, envolvidos em muitas atividades laborais. Um deles são os trabalhos produtivos. É através desta fonte de renda que a estrutura eclesiástica é financiada, e a manutenção da renda familiar é garantida. Nos padrões nacionais estamos falando de 40 horas semanais ou mais. Seja para aqueles que trabalham como autônomos, ou aqueles que têm empresas, ou mesmo para aqueles na condição de funcionários assalariados, que não perdem uma oportunidade em fazer horas extras. As horas vagas são preenchidas com a participação em cultos diários dentro de uma construção cultural-religiosa de presença nos cultos. Os congregados, sobretudo os homens, costumam frequentar assiduamente os cultos de sua "Comum", e também visitam outras igrejas da denominação. Os músicos que participam da orquestra acreditam que é um privilégio trabalhar para Deus tocando nos cultos. Além dos cultos oficiais, eles também participam de ensaios de músicos. Na maioria das vezes, estes eventos envolvem um período de tempo, maior e mais intenso que o próprio culto. Se os cultos não ultrapassam 90 minutos de duração, divididos em etapas litúrgicas como os testemunhos, avisos e pregação, os ensaios duram horas dedicadas somente à música.

A partir das orquestras e da dedicação voluntária de seus músicos, é possível conjecturar que a Congregação Cristã no Brasil é um nicho brasileiro extremamente disciplinado. A disciplina dos músicos, dos ensaios, das notas, cifras musicais e das apresentações, demonstram repetidas vezes esta disciplina. Disciplina é algo que está presente na racionalidade dos congregados, como também está presente em suas escolhas dogmáticas.

A Congregação Cristã no Brasil é uma denominação com alto grau de racionalidade não só prática, mas em toda a sua estrutura eclesiástica e administrativa. A Igreja, antes mesmo de sua fundação, já carregava em seu fundador Louis Francescon construções racionais. Mas ele não lançou esta base racional sozinho. Francescon contou com a ajuda dos primeiros adeptos, em sua maioria, imigrantes italianos, muitos deles vindos de Igrejas protestantes. Esta construção racional, ou esta racionalidade presente na CCB é a tese central desta pesquisa e houve um esforço ao longo deste trabalho em pontuar sempre que possível este tema.

Em boa parte dos discursos dos congregados, o que eles reproduzem é o que está registrado nos Estatutos e nos Ensinamentos da denominação. Neste ponto, valores vistos como espirituais ganham destaque. A Bíblia é a única fonte escrita confiável na vida de um congregado, e o Espírito Santo é o único professor (ROLIM, 1987, p. 33). E, as orações em

busca da iluminação do Espírito Santo são uma realidade nas tomadas de decisões. Léonard (1951; 1952; 1953) já apontava isto. Quanto a essa perspectiva, o historiador expressou sua preocupação com este tipo de pensamento presente na Congregação Cristã no Brasil como sendo algo que poderia resultar em consequências complicadas. Mas, se no discurso de parte dos congregados e na interpretação de Léonard este iluminismo religioso ganha destaque, na prática diária dos adeptos da CCB, percebe-se também outra realidade. Percebem-se ações na vida cotidiana dos congregados que são tipicamente racionais, inclusive subsidiadas por referenciais e interpretações bíblicas. Não estou querendo afirmar que na CCB o iluminismo religioso não existe ou deixou de existir. Ele está presente e sempre esteve. O que estou defendendo é que existe também uma racionalidade na Congregação Cristã antes mesmo da denominação obter estatuto e registro jurídico. E, esta racionalidade é tão significativa quanto o próprio pensamento da iluminação religiosa. Este tipo de racionalidade não só elimina as possibilidades de exageros decorrentes de um suposto desconhecimento profundo dos referenciais bíblicos, como rege a própria denominação. E, consequentemente, orienta a vida dos congregados. Neste sentido, dar a devida atenção para "o iluminismo num protestantismo de constituição recente" deve ser também acompanhada de uma atenção na mesma medida da forma como é constituída a racionalidade presente neste mesmo segmento religioso. Ou seja, na Congregação Cristã no Brasil.

Outro ponto levantado ao longo da pesquisa trata-se de uma hipótese central. Falo da tradição como mecanismo de barreira para mudanças no estilo de vida e visão de mundo dos adeptos da referida denominação. Concluo que esta hipótese se confirmou, mas que as catalisações ocorrem através de uma conjuntura com variáveis que se completam. São elas: tradição + razão + dogma = blindagem religiosa *da* Congregação Cristã no Brasil em relação a influências externas. E, blindagem religiosa *na* Congregação Cristã no Brasil em relação a pressões internas, por mudanças. Esta hipótese está diretamente ligada com a segunda hipótese.

A segunda hipótese surgiu já com a pesquisa em andamento e como dito anteriormente, verificada *in loco*. Falo da padronização litúrgica dos cultos da denominação em escala nacional. Entretanto, estes fatos não querem dizer que não haja violações ou modificações. Porém, quando ocorrem, são lentas ou pouco volumosas, quase imperceptíveis a um olhar menos atento.

Uma terceira hipótese que também surgiu ao longo da pesquisa foi a de que a Congregação Cristã no Brasil prioriza quase em sua totalidade os textos do Novo Testamento. Esta realidade pode ser vista na ata de formação da Igreja em 1928, nos Estatutos, nas

Reuniões de Ensinamentos e nas pregações. Além do que, esta realidade neotestamentária também aparece nos testemunhos dos congregados. Isto indica que esta escolha teórico-metodológico e bíblica foi capaz de construir na mentalidade dos adeptos um estilo de vida e uma visão de mundo muito mais voltada para eternidade em um mundo por vir, do que uma perspectiva para o mundo aqui e agora. Isto a diferencia das Igrejas neopentecostais em que os textos do Antigo Testamento fazem mais sentido, justamente porque a perspectiva nestes segmentos religiosos é a de estabelecer conquistas aqui neste mundo e agora. Ou ainda de ação sobre este mundo. Assim, nestes últimos casos, a vida eterna em termos escatológicos fica em um plano secundário.

A quarta e a quinta hipóteses se baseiam em uma pontuação de Paul Freston (1994, p. 68) sobre a Congregação Cristã. Respectivamente as duas últimas hipóteses são: a CCB como uma Igreja com poucas fontes escritas e a dificuldade em conseguir entrevistas com congregados.

Próximo de concluir esta pesquisa – mas não de esgotar as possíveis novas abordagens sobre a CCB, diante de um campo ainda pouco explorado – posso dizer que, em ambas as colocações de Freston (1994) existem realidades que fazem sentido. Realmente em um primeiro momento parece que as fontes são escassas, e que a preocupação da denominação não é produzir registros escritos. As próprias informações disponibilizadas por Louis Francescon em junho de 1952, que é um esforço de deixar registrado a partir de seu fundador o "Histórico da Obra de Deus, revelada pelo Espírito Santo no Século atual" (século XX) tem apenas 31 páginas, em um livreto de bolso. A título de comparação, a CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus – publicou em 2010 uma edição especial para comemoração do centenário da Assembleia de Deus no Brasil, que contou com as Obras dos fundadores da Assembleia de Deus: Gunnar Vingren, "Diário do Pioneiro" [1973] (2010) conta com 287 páginas; a de Daniel Berg, "Enviados por Deus: memórias de Daniel Berg" [1959] (2010), com 240 páginas. Soma-se a esta, a Obra de Emilio Conde "História das Assembleias de Deus no Brasil" [1960] (2010) composta por 360 páginas. Diante desta realidade primária em relação à Congregação Cristã no Brasil, não é difícil de considerar a possibilidade baixa de fontes escritas.

Mas, ao longo da pesquisa, e com o aumento da rede de interlocutores e agentes ligados à Congregação Cristã no Brasil e outros que já fizeram parte da denominação aqui pesquisada, foi possível entrar em contato com um volume de fontes escritas, que, embora sejam difíceis de acessar, existem e são muitas. Trata-se de cartas escritas por Louis Francescon destinadas a liderança da Igreja brasileira, Estatutos da denominação,

Assembleias Gerais, Assembleias extraordinárias e Reuniões de Ensinamentos. Todas essas atividades passam por um processo de formalização e documentação quando são registrados em Atas. Portanto, estas fontes escritas representam muitas centenas de páginas.

A quinta e última hipótese é a extrema dificuldade de entrevistar congregados. Esta é uma realidade enfrentada por quem pesquisa a Congregação Cristã no Brasil. Porém não é impossível contornar esta barreira. Creio que os anos de contato com a CCB como objeto de pesquisa, e os esforços deste pesquisador em aumentar a rede de interlocutores aparece ao longo desta tese. Algumas formas de contornar esta dificuldade foram a aproximação e estreitamento de relacionamento com o ancião responsável, para depois acessar os congregados. Outra ponte de acesso foi levar a esposa para o campo de pesquisa, mesmo ela não sendo pesquisadora. Outra travessia foi trabalhar com adeptos da CCB dentro de uma grande empresa do ramo metalúrgico. E ainda, estar atento ao surgimento de possíveis interlocutores que já fizeram parte da denominação. Assim, chego ao fim desta etapa laboral tendo realizado dezenas de entrevistas produtivas e entendendo que contornar os obstáculos para acessar as matérias primas para realização do trabalho, faz parte da própria pesquisa e é essencial para o resultado final do processo realizado.

Fechando as reflexões, gostaria de encerrar o texto com uma abordagem sobre "descrição densa" de Clifford Geertz (1978) em "a Interpretação das Culturas". Esta tese sobre a Congregação Cristã no Brasil também é um esforço contínuo de apreender informações, aprender com os nativos, interpretar dados coletados e descrevê-los densamente para meus pares na academia e fora dela, desde que haja intenção em conhecer melhor o objeto aqui pesquisado. Neste sentido, tomando Geertz (1978, p. 15), para compreender uma cultura é preciso ter em mente uma direção bem definida e em seguida segui-la o mais fiel possível. Entender uma cultura cientificamente envolve "uma ciência interpretativa, à procura do significado" (GEERTZ, 1978, p. 15).

Seguindo suas diretrizes, se você quer saber algo significativo sobre uma cultura, você precisa dar atenção à ação desenvolvida por aqueles que são seus alvos de pesquisa e que são os verdadeiros representantes da cultura pesquisada. É preciso estar atento às suas práticas cotidianas. É preciso dar atenção especial aos significados que os pesquisados dão a suas ações. E, é preciso saber distinguir diferentes formas de ações com seus diferentes significados. Saber distinguir diferentes ações e os significados destas ações é ser capaz de realizar um elaborado processo de pesquisa. Saber explicar separadamente as diferentes ações e seus significados é ser capaz de fazer uma "descrição densa" (GEERTZ, 1978, p. 15).

"Descrição densa" envolve variadas formas e possibilidades de se apreender o que seu objeto de pesquisa pode dizer de si mesmo. Assim, descrever densamente trata-se dos esforços em tentar interpretar a maior parte do que ocorre no interior do seu objeto de pesquisa, visto que conseguir observar e interpretar todas as ações é algo impossível.

Seguindo a linha de pensamento de Geertz (1978) sobre uma "descrição densa", conhecer uma cultura distinta da nossa não é algo simples, mesmo que se tenha um profundo conhecimento prévio (revisão bibliográfica). Devemos sempre encarar a empreitada como sendo um verdadeiro enigma, com a humildade de afirmar que a princípio não os compreendemos e nem mesmo temos o direito de estar entre eles (GEERTZ, 1978, p. 23). O empreendimento científico nas ciências sociais consiste na formulação de bases imaginadas e estar sempre bem situado em relação a seu campo. Mas, estar bem situado, ou imergir profundamente no campo, é também reconhecer que existem limites que devem ser respeitados. Um dos mais importantes é o lugar que o pesquisador ocupa, como pesquisador.

Para Geertz a pretensão de se tornar um nativo ou mesmo imitá-los não faz sentido. O que faz sentido é alcançar uma profundidade de relacionamento tal, que a partir deste relacionamento seja possível conversar com os nativos em um nível próximo do que eles estão. Isto é até mesmo mais relevante do que na condição de cientista social, ser capaz de falar sobre seu objeto de pesquisa (GEERTZ, 1978, p. 23; 24).

Neste longo período de pesquisa sobre a Congregação Cristã no Brasil, sempre esteve bem claro qual a altura que eu poderia ir respeitando tanto meu objeto, composto por vários interlocutores, quanto a mim mesmo. Estive participando de duas cerimônias de batismo, mas nunca me deixei levar a ultrapassar esse limite, mesmo que pudesse abrir mais portas para a pesquisa. Por várias vezes, como pastor fazendo pesquisa, e não como simples pesquisador, tive o privilégio de me assentar nos primeiros bancos ao lado de líderes da denominação, para participar de cultos. E, mesmo sendo qualificado para pregar para um grupo de pessoas (não da CCB), nunca me senti iluminado pelo Espírito Santo para pregar o Evangelho para os congregados. Ao longo dos anos ouvi vários testemunhos de pessoas "pagando seus votos". E, muitas vezes, fui envolvido com as narrativas. Mesmo assim, jamais subiu ao meu coração que eu mesmo estava habilitado para pagar meus votos, mesmo tendo muito para agradecer a Deus. Estive visitando o canteiro de obras na construção de duas igrejas, acompanhado do ancião Celso. Em uma destas oportunidades até almocei entre os irmãos. Mas, nunca me senti no direito de oferecer minha mão de obra como profissional, mesmo quando estavam fabricando e soldando a grade da fachada da Igreja (especialidade com a qual sustentei minha família por mais de 25 anos).

Por outro lado, jamais deixei passar em branco uma oportunidade de participar da vida dos congregados e da liturgia dos cultos. Frequentei os lares de alguns, almocei e tomei café. Eu até dormi na casa de um deles, o Israel. Depositei minha oferta voluntária para a construção, peguei o Hinário emprestado e cantei todos os hinos junto com os irmãos e irmãs da CCB. Nunca pedi um hino, mas cantei todos eles como se fosse um congregado ou um nativo. Fui participar de todos os cultos vestidos como um adepto da Congregação Cristã no Brasil. Ou seja, vestido com um de meus ternos e gravatas. Depois de algum tempo, já familiarizado com a prática, saudei os irmãos (homens) com o "santo beijo". E antes de estar familiarizado, também pratiquei o "ósculo santo", mas um pouco constrangido. Fui até onde me era permitido, sem ultrapassar fronteiras éticas e morais (como conjunto de regras) com base em uma conexão íntima e respeitosa entre pesquisador e seu objeto.

O antropólogo deve se preocupar com a profundidade de sua descrição, que só pode ocorrer se ele for bem sucedido em seu empreendimento quanto aos dados coletados. Coletar dados, interpretá-los e descrevê-los são etapas que se completam, mas nem sempre uma etapa significa que a outra será realizada com sucesso. Dito de outra forma, uma descrição densa depende das etapas anteriores que devem ser realizadas integralmente e com responsabilidade (GEERTZ, 1978, p. 33; 34). E isso depende do engajamento do pesquisador com a pesquisa. Depende de seu comprometimento com a verdade. Sabendo que a verdade, seja ele qual for, passa por constantes provas; a verdade passa por transformações, aperfeiçoamentos e revisões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Valéria Esteves Nascimento. **Da Casa de Rezas à Congregação Cristã no Brasil:** O pentecostalismo Guarani na Terra Indígena Laranjinha/PR. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2003.

BERG, Daniel. **Enviado por Deus**. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 2010.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BEZERRA, Paulo. Matrizes protestantes do pentecostalismo. In: PASSOS, João Décio (org.). **Movimentos do Espírito**: matrizes, afinidades e territórios pentecostais. São Paulo/SP: Editora Paulinas, 2005.

BIANCO, Bianco. **Italianos Pentecostais.** Quatro Barras-PR: PROTEXTO – Editora Zamoner Ltda, 2008.

BITTENCOURT FILHO, José. Pentecostalismo. Uma terapia religiosa na cidade, in: **Revista Tempo e Presença**, Cedi, n° 225, nov. 1987.

BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M. Goftts de classe et styles de vie. In: Anatomie du goftt. **Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales**, n° 5, out. 1976, p. 18-43. Disponível em: http://www.unifra.br/professores/arquivos/8547/89602/gostos%20de%20classe%20e%20estilos%20de%20vida%20(pierre%20bourdieu).pdf Acesso em: 15 abri. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo-SP: Editora Perspectiva, 2009.

BRAZ, Polyanny Lilian do Amaral. **Corpo Santo:** Construção e performance do corpo religioso das mulheres da Congregação Cristã no Brasil. Dissertação de mestrado em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2015.

CAMPOS JUNIOR, Luis de Castro. **Pentecostalismo:** Sentido da palavra divina. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. In: **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, dezembro, 2008, p. 9-47.

_____. Pentecostalismo e Protestantismo 'Histórico' no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. In: **Revista Horizonte,** Belo Horizonte, v. 9, n. 22, jul./set. 2011, p. 504-533.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em: 22 abri. 2020.

CHAVES, Oscar. **Alguns Erros dos Glória.** Varginha-MG: Gráfica Kerus, 1955.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac, 2003.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. **Edição Unificada**. São Paulo, 2002.

_____. **Hinos de Louvores e Súplicas a Deus**. São Paulo – SP: Ed. Geográfica, 2002.

CÔRREA, Manoel Luiz Gonçalves. **Ritual e Representação:** O discurso religioso da Congregação Cristã no Brasil. Dissertação de mestrado em Linguística, Instituto de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1986.

DAVIS, Merle J**. How the Church Grows in Brazil**. New York and London: Department of Social and Economic Research and Counsel. International Missionary Council, 1943.

DE CARO, Louis. **Our Heritage:** The Christian Church of North America. Sharon-Pensilvânia, 1977.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Representações Pentecostais no Oeste Paranaense:** A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel 1970-1995. Dissertação de mestrado em História do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo-SP: Martins Fontes Editora Ltda., 1996.

_____. **As Regras do Método Sociológico.** São Paulo-SP: Editora Martin Claret, 2002.

FAUCONNET, Paul & MAUSS, Marcel. "Sociologia (1901)". In: MAUSS, Marcel. **Ensaios de Sociologia**. São Paulo, Perspectiva, 1999, p. 3-33.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph. **A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social no ABC paulista:** aspectos de sua tradição e transmissão religiosa – a instituição e os sujeitos. Tese de doutorado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo-SP, 2009.

FRANCESCON, Louis. **Ecco l' anima di colui.** Chicago, 1946.

_____. **Histórico da obra**. São Paulo, Ed. IGAL, 1977.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). **Nem anjos nem demônios:** interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1994, p. 67-159.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro-RJ: Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

HOLLENWEGER, W.J. **The Pentecostals.** London: SCM Press, 1972.

JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe. **Religião e território no Brasil**: **1991/2010.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013. http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/ebook_religiao_e_territorio_no_brasil_1991-2010.pdf. Acesso em: 22 abri. 2020.

KNIBBE, Kim; DROOGERS, André. Methodological Ludism and the Academic Study of Religion. In: **Method and Theory in the Study of Religion** 23,2011, p. 283-303.

LEITE, Sérgio Araújo. **Entre o Rito e o Cotidiano:** As Mulheres da Igreja Congregação Cristã no Brasil da cidade de Carapicuíba. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2008.

LÉONARD, Émile-G. O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social. In: **Revista de História**, USP, São Paulo, maio de 1951 a Dezembro de 1952, p. 105-157; 403-443.

_____. **L'Illuminisme dans un Protestantisme de Constitution Récente (Brésil).** Paris Ed. Press Universitaires de France, 1953.

LYRA, Jorge Buarque. **Orientação Evangélica.** Niterói-RJ: Editora Lyra, 1960.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo-SP: Editora Abril Cultural, 3ª ed., 1984.

_____. **Magia, Ciência e Religião.** Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Magia, Ciencia y Religión.** Planeta-Agostini, sem data.

MARIANO, A.L.C. **Pentecostalismo Clássico:** Histórias, memórias e trajetórias sociais. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2012.

MARIANO, Ricardo. O crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. In: **Revista de Estudos da Religião.** Dezembro, 2008, p. 68-95. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 21 ago. 2020.

MARTINS, Gabriela Pereira. "Auguste Comte e a Religião da Humanidade". **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá-PR, Vol. 3, nº 9, 2011 http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST9/003%20-%20Gabriela%20Pereira%20Martins.pdf Acesso em: 21 ago. 2020.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil.** São Paulo-SP: Editora Loyola, 1990.

MIGUEL, Iranilde Ferreira. **Gênero, pentecostalismo e formação de professores na construção da cidadania:** as professoras da Congregação Cristã no Brasil. Dissertação de mestrado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-SP, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. In: **Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro, 30 (2), 2010, p. 90-121.

NELSON, Reed Elliot. Análise Organizacional de uma Igreja Brasileira: A Congregação Cristã no Brasil. In: **Revista Eclesiástica Brasileira.** Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1984, p. 544-558.

O'DEA, Thomas F. **Sociologia da Religião.** São Paulo-SP: Livraria Pioneira Editora, 1969.

PEREIRA, João Baptista Borges. Emilio Willems e Egon Schaden na história da Antropologia. In: **Estudos Avançados.** 8(22), 1994, p. 249-253.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINHO, Luís Mauro Sá (Orgs). **Sociologia da Religião e mudança Social:** católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo-SP: Editora Paulus, 2004, p. 13-21.

READ, William R. **New Patterns of Church Growth in Brazil.** Michigan-EUA: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1965.

READ, William; MONTERROSO, Victor; JOHNSON, Harmon. **O crescimento da Igreja na América Latina.** São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1969.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil:** uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1985.

_____. **O que é pentecostalismo.** São Paulo-SP: Ed. Brasiliense, 1987.

_____. **Pentecostalismo:** Brasil e América Latina. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1995.

SHRIVER, W. P. **Adventure in Missions**: The Story of Presbyterian Work with Italians. New York: Board of Missions, Presbyterian Church, 1946.

SIEPIERSKI, Paulo D. A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil. In: BRANDÃO, Sylvana. (org). **Histórias das Religiões no Brasil.** Recife: Ed. UFPE. Vol. II, 2002, p. 541-582.

SILVA, Célia Maria Godeguez da. **Tentativa de compreensão da instituição religiosa Congregação Cristã no Brasil.** Dissertação d mestrado em Ciências da Religião, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 1995.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p. 11-25.

SIMPSON, A. B. **Michele Nardi, the Italian Evangelist:** His life and work. New York: Blanche Nardi, 1916.

SOUZA, Beatriz Muniz de. Tipologia das Igrejas Pentecostais. In: SILVA, Ana Amélia; CHAIA, Miguel (Orgs.). **Sociedade, cultura e política:** ensaios críticos. São Paulo-SP: Ed. EDUC, 2003, p. 205-216.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINHO, Luís Mauro Sá. A compreensão de um paradoxo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINHO, Luís Mauro Sá (Orgs). **Sociologia da Religião e mudança Social:** católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo-SP: Editora Paulus, 2004, 07-10.

SOUZA, Jessé. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. In: SOUZA, Jessé (Org.). **O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira.** Brasília-DF: Ed. UnB, 1999, p. 17-54.

_____. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte–MG: Ed. UFMG, 2009.

_____. **Os batalhadores brasileiros.** Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 2012.

TAVOLARO, Douglas. **O Bispo:** a história revelada de Edir Macedo. São Paulo-SP: Editora Lafonte, 2007.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura.** Rio de Janeiro-RJ: Ed. Zahar, 1981.

_____. **Projeto e Metamorfose.** Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. Estilo de vida urbano e modernidade. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 08, nº 16, 1995, p. 227-234.

_____. Observando o Familiar. In: VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (Orgs.). **Um antropólogo na cidade:** ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Zahar, 2013, p. 69-79.

_____. Projeto, emoções, orientações em sociedades complexas. In: VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (Orgs.). **Um antropólogo na cidade:** ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Zahar, 2013, p. 87-124.

VELHO, Otávio. O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil:** afirmação de uma área acadêmica. 2ª Edição, São Paulo-SP: Editora Paulinas, 2008.

VILELA, Maria Luzia. **História da Igreja.** Curitiba, Ed. SGEC, 2003.

VINGREN, Ivar. **Diário do Pioneiro:** Gunnar Vingren. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 2010.

WEBER, Max. **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1982.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo-SP: Ed. Martin Claret, 2002.

_____. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, Vol. 1, 4ª ed. 4ª reimpressão, 2015.

_____. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, Vol. 2, 4ª ed. 4ª reimpressão, 2015.

WESTON, John. **Evangelizing Chicago:** The Church at Home and Abroad. Philadelphia, Abril de 1892, p. 342-344.

WILLEMS, Emilio. **Followers of the New Faith:** Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile. Tennessee-Nashville: Vanderbilt University Press, 1967.

YUASA, Key. **Louis Francescon:** a theological biography, 1866-1964. Edição Revisada. Tese de doutorado em Teologia apresentada da Faculté Autonome de Theologie Protestante de l'Université de Genevè. Genebra: Université de Genevè, 2001.

ANEXO I – OS PRIMEIROS TRABALHOS DE PESQUISA SOBRE A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL: POR QUE O INTERESSE DE PESQUISADORES ESTRANGEIROS?

A semelhança do que ocorreu com o pentecostalismo no Brasil, ou seja, o início a partir de estrangeiros, coincidentemente aconteceu com os estudiosos e pesquisadores sobre tal segmento religioso no país. Assim, como já dito, em se tratando da Congregação Cristã no Brasil (CCB), as primeiras informações, dados e interpretações vieram através de Léonard (1951; 1952; 1953), Read (1965) e Willems (1967). Portanto, este anexo I vai dar uma atenção especial a estes pesquisadores e para isto, procuro manter o sentido e ordem de abordagens das obras originais.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL INTERPRETADA POR ÉMILE-G. LÉONARD

O historiador francês Émile-G. Léonard, o pioneiro na pesquisa sobre a Congregação Cristã no Brasil, atuou como professor de História da Civilização Moderna e Contemporânea pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre os anos de 1948 e 1950. Ele também foi Diretor de estudos na Escola de Altos-Estudos em Paris na área de Ciências Religiosas.

Especialista em protestantismo, mas com uma consciência bem definida sobre a necessidade de aprofundamento nas pesquisas, viu na Congregação Cristã e na Assembleia de Deus uma oportunidade de compreensão destes segmentos como uma espécie de desdobramento do protestantismo. Dito de outra forma, em tese tratava-se para ele de uma das variações de um novo tipo de protestantismo frente a um velho protestantismo (LÉONARD, 1951; 1952).

Um ponto importante na forma de fazer pesquisa para Léonard é a busca incansável das fontes históricas formais e informais em raios longos bem como em curtos e, também, em diferentes momentos temporais em que os acontecimentos ocorrem. Além disso, ele mostra o caminho das pedras para aqueles que estão imersos no saber científico através da pesquisa envolvendo religiões. De acordo com Léonard,

> [...] documentos devem ser procurados como ‘arquivos’: a) das igrejas locais: listas de membros, deliberações de conselhos paroquiais e peças anexas; b) dos Presbitérios, ou de organismos semelhantes representando igrejas de uma determinada região: deliberações, correspondência e anexos; c) de instituições federativas ou supremas tais como sínodos, conselhos e convenções: ibidem; das Igrejas-Mães ou das Missões, no próprio Brasil ou no estrangeiro: ibidem. Insistamos sobre este último ponto: assim como o estudo do catolicismo brasileiro

> obriga à consulta dos Arquivos do Vaticano, ou das Congregações Pontifícias, da mesma forma a história das Igrejas Luteranas impõe a consulta de arquivos das organizações centrais da Alemanha, e o conhecimento da história das comunidades de origem anglo-saxônica, dos Comitês de Londres, de Glasgow, de New York, de Nashville, de Richmond, de Dallas, etc.; a história das 'Assembleias de Deus' não se poderá fazer sem a documentação histórica do centro deste movimento, na Suécia. E embora inorganizadas como se pretendam as 'Congregações Cristãs do Brasil', o seu fundador Luigi Francescon deve ter, certamente, em Chicago, arquivos a elas referentes. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 112; 113).

Émile-G. Léonard, como especialista em protestantismo, percebe que no Brasil estava ocorrendo uma forma particular de protestantismo voltado mais para a evangelização e conquistas de novos adeptos, em detrimento de um protestantismo mais de estruturação interna de seus grupos, com destaque para um conhecimento bíblico e teológico profundo. Não houve negligência dos líderes religiosos deste novo modelo, mas o afã de expansão dava sinais claros da falta de pessoas bem preparadas, ou seja, o reduzido número de especialistas para atender uma demanda que vinha sendo construída por várias razões, dentre elas as imigratórias, migratórias, sociais e culturais, que adentram em um universo característico, o do proletariado urbano.

> Nos países que não permitem constante recrutamento e um avanço ininterrupto, uns e outros experimentam a necessidade de refazer-se, e, assim, a épocas de intensa atividade, sucedem-se períodos de aparente inércia, que podem constituir períodos de meditação e enriquecimento espiritual. Os países novos permitem, se assim podemos dizer, uma evangelização 'a fogo contínuo', pelo fato de oferecerem, constantemente, novos campos de trabalho e novos obreiros, recentemente convertidos e tomados pela flama do primeiro amor. É o caso do protestantismo brasileiro, nas regiões e zonas sociais e eclesiásticas que ainda não se encontram esgotadas, nem mesmo propriamente abertas à cultura. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 404; 405).

Léonard acreditava que em países que estão em plena expansão, como era o caso do Brasil do final do século XIX e início do século XX, tal conjuntura proporcionava as condições necessárias para o surgimento de novos movimentos e com eles a implantação de processos de evangelização. Este quadro também facilitava a adesão de novos obreiros aproveitando o estado de motivação pessoal por um lado e a facilitação por parte das instituições religiosas de outro, quando deixava de exigir formações mais profundas dos novos líderes religiosos, o que poderia resultar em grandes problemas.

É claro que esta era uma preocupação social do historiador, pois o surgimento de movimentos no Brasil, arrastando multidões não era incomum. Neste contexto, mesmo dentro das próprias denominações que ele utilizou como referências, ou seja, as Igrejas protestantes Metodista, Batista e principalmente Presbiteriana, que em boa parte de seu texto aparecem com uma defasagem de pastores em relação aos adeptos, foram se estruturando na formação de seus pastores chegando a nossos dias com uma estrutura administrativa, patrimonial,

intelectual e teológica que nada deixa a desejar a quem quer seja. Instituições de Ensino Superior como a Universidade Metodista de São Paulo com vários cursos de Graduação e Especialização Lato Sensu e Stricto Sensu a nível de Mestrado e Doutorado, ou das Faculdades Batistas encontradas em vários estados brasileiros, ou ainda a Universidade Presbiteriana Mackenzie e dos muitos Seminários Presbiterianos, contribuem para uma formação de qualidade não só de seus futuros especialistas, mas também de pessoas de outras denominações, inclusive pentecostais.

Entretanto se existia uma fragilidade em relação ao topo das pirâmides eclesiológicas dessas denominações protestantes, na base o trabalho era realizado com eficiência, através das chamadas "Escolas Bíblicas Dominicais", cujo tripé é a "Conversão, instrução e evangelização", levada a cabo pelos integrantes. Aos membros comuns, como parte no processo, cabe a eles fazer os convites evangelísticos, enquanto aos pastores e professores cabe a instrução e os fundamentos necessários para conversão e estruturação dos religiosos novatos e veteranos. Assim,

> [...]. O primeiro dever do prosélito e do filho de família protestante é levar ouvintes à sua Escola, ou 'visitantes' como se diz, que receberão os ensinamentos, pelo menos uma vez. Todo 'o pretexto é bom, ou melhor, todo pretexto é necessário. As crianças menores da Escola são convidadas, através de sua revista-programa, a levarem seus pequenos amigos e os pais destes, o leiteiro ou açougueiro que lhes serve: em uma palavra, todos aqueles que possam ser convidados e que, sem dúvida, não resistirão à gentileza de tal convite. Instituem-se concursos, com prêmios e publicação das fotografias dos vencedores nos jornais religiosos. Temos notícia de uma criança pertencente ao 'Departamento das Crianças', que, em três domingos, levou à Escola da Primeira Igreja Batista de São Paulo, 65 visitas, e de outra, vencedora do 'Departamento Juvenil' que conseguiu 57 visitantes: o Departamento de Adultos, mais tímido, ficou bem na retaguarda. No total, 769 visitas no mês. O 'Dia da Escola Dominical' obteve um resultado de 8.364 visitantes, para 65 escolas de 10.706 alunos. Todas as Igrejas progressistas possuem, a esse respeito, estatísticas encorajadoras: assim, a Escola Dominical da Quarta Igreja Presbiteriana Independente de S. Paulo, em 1949, com um número de alunos inscritos que, durante o ano, se elevou de 121 a 176, teve domingos de 60 a 170 visitantes. Presentes estes à Escola, é dever de todos acolhê-los da maneira mais fraternal, despertando-lhes o desejo de voltar. Compete ao pastor, ao superintendente e ao professor dirigir-lhes palavras que poderão torná-los convertidos, alunos e novos recrutadores para a Escola Dominical. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 405-408).

Em linhas gerais, talvez seja possível dizer que este protestantismo brasileiro com pressa de crescimento conseguiu, e ainda consegue fazer sua construção de forma mais ou menos balanceada entre crescimento numérico e intelecto-teológico. No caso do protestantismo brasileiro é notório os resultados teológicos e intelectuais, mas e no caso do pentecostalismo, que também foi objeto de pesquisa de Léonard?

Émile-G. Léonard refere-se ao pentecostalismo como a

> [...] grande primavera atual do 'espiritualismo' nos meios protestantes do mundo inteiro, que pretende nele criar Igrejas 'do Pentecostes', com graças extraordinárias,

> efusão ou batismo do Espírito Santo, curas pela fé, profetismo e testemunho decisivo da inspiração – essa glossolalia, esse 'falar em línguas estrangeiras' (ou melhor, estranhas), onde o fiel em êxtase tem expansões intraduzíveis, mas reconfortantes para si e seus companheiros de fé. Reaparecida com grande intensidade há cinquenta anos essa forma da fé cristã, tão velha quanto o cristianismo se bem que posta à sombra pelas Igrejas oficiais, ganhou extensão considerável entre os meios protestantes, não encontrando mais, diante de si, um Lutero ou um Calvino que denunciassem os perigos de uma revelação pessoal que se sobreporia à Revelação Escrita, à Bíblia. [...]. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 434).

Esta apresentação de Léonard sobre o pentecostalismo traz em si, grandes possibilidades de reflexão, como por exemplo, um certo desconforto com essa forma de manifestação religiosa. Sem querer colocar palavras em sua conta, quase se pode afirmar seu desejo de oxalá Lutero e Calvino estivessem vivos para defender a Sã Doutrina. Mas não estavam e com isso a mesma citação de Léonard fornece outro exemplo de reflexão, ou seja, seu lugar, naquele momento. Trata-se de um lugar privilegiado, pois ele consegue olhar para o passado em cinquenta anos, proporcionando um retrato importante. E, hoje há a oportunidade de acrescer a este retrato, mais outros setenta anos. Assim, vemos que esse movimento contemplado por ele em 1950 já não era efêmero, em 2021 já deu inúmeras demonstrações que veio não só para ficar, mas também com fome e sede de expansão.

No passado, Léonard já percebia a Assembleia de Deus como uma denominação pentecostal, porém não era por ela que ele se interessava, nem mesmo com a qual se preocupava. Basicamente, porque em sua leitura, a postura desta Igreja não se distanciava muito das encontradas nas Igrejas protestantes. De acordo com Léonard (1951; 1952), as Assembleias de Deus eram apenas "uma nova denominação protestante, eclesiasticamente bastante semelhante às demais, com seus problemas e procurando manter com elas relações as mais fraternais. [...]" (LÉONARD, 1951; 1952, p. 435). Seus fundamentos reconheciam que a nova denominação possuía doutrinas próprias, mas a base que a ligava às denominações protestantes era o trato com a teoria bíblica, como algo central para o ensino e a conduta de vida de seus seguidores. Assim para Léonard, "[...] a Bíblia toda, sinceramente explicada aos fiéis e seus filhos, nas Escolas dominicais, nos cultos e nas 'Semanas de Estudos Bíblicos' e 'Escolas Bíblicas', organizadas no plano local, ou por ocasião das Convenções regionais ou nacionais [...]" (LÉONARD, 1951; 1952, p. 435). Sua conceituação sobre esse assunto estava tão consolidada que ele, embora tivesse abordado o assunto, chega a afirmar que não se deteria nele. A verdade é que sua preocupação estava mais voltada para a Congregação Cristã no Brasil:

> Esse pentecostismo, organizado e bíblico é, em suma, uma nova manifestação do protestantismo brasileiro, e será, sem dúvida, um de seus carismas, do mesmo modo que as outras denominações. O problema, análogo ao da Igreja Evangélica Brasileira e do espiritismo é constituído por um outro ramo do pentecostismo, o das

> ‘Congregações Cristãs do Brasil’. Sua história é particularmente interessante, pois é a história da criação, por um homem apenas, de um vasto movimento espiritual que constitui verdadeira vitória sobre o passado: esse homem, o operário italiano Luigi Francescon, teve a glória de realizar, no mundo inteiro, essa Reforma Italiana que o século XVI vira surgir cheia de promessas, para logo em seguida desaparecer. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 435).

Este é outro parágrafo de Léonard rico em informações para olharmos o passado e observarmos como as histórias, os saberes científicos e os conceitos vão sendo construídos, aperfeiçoados ou mesmo confrontados. Portanto, o termo pentecostalismo, que parece estar bem definido agora, com reconhecimento acadêmico e social, surge com o pesquisador de forma embrionária. Nota-se que o termo “pentecostismo” aparece aqui por intermédio de um renomado pesquisador, professor e Diretor do Departamento de Ciências Religiosas da Escola de Altos Estudos em Paris e também professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo no início da década de 1950. Outro ponto relevante foi o lugar em que Léonard coloca Francescon, como o responsável por implementar uma Reforma italiana no mundo.

De acordo com Léonard, as razões que causaram a expansão da crença defendida por Francescon na Itália foram os vínculos que o fundador e seus amigos imigrantes italianos que moravam, trabalhavam e se pentescostalizavam nos Estados Unidos mantinham com seu país de origem. A partir de um intenso ir e vir munidos de objetivos evangelísticos o pentecostalismo foi implantado e disseminado no país de origem, sobretudo nas “províncias do sul e na Sicília, onde sua enérgica resistência às injunções fascistas lhe concederam extraordinário prestígio, fazendo dele o mais importante de todos os agrupamentos religiosos não católicos. [...]”[165] (LÉONARD, 1951; 1952, p. 436).

Além da Itália e, é claro, dos Estados Unidos, sobretudo na região de Chicago do início do século XX, Francescon, como se sabe, fundou a Igreja no Brasil. Neste cenário, uma das contribuições de Léonard foi explicitar quando e por que no Brasil, a Congregação Cristã que tanto defende ser uma denominação voltada para o Espírito começa a adotar e exercer com maestria uma notável organização administrativa. Nas palavras de Léonard a Congregação Cristã

> [...] por volta de 1916, para obedecer às autoridades organizou-se com seus estatutos que foram muitas vezes reformados e completados e, em 1936, começou a publicar um *Relatório e Balanço* anual cuja série nos permite aquilatar seus progressos, graças à precisão com a qual são apontadas as novas adesões e as comunidades organizadas [...]. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 436).

[165] Léonard não aprofundou sua abordagem sobre a presença e o crescimento da Congregação Cristã na Itália. Ele também não deu maiores informações sobre o comportamento da igreja com o fascismo ou vice versa. Sua preocupação estava voltada para o ramo pentecostal brasileiro e fora esta menção a título de contextualizar a igreja, ele não retomou nem o tema.

Atualmente o livro de balanços da referida denominação está em número 83, contendo o fechamento até 2018. Além do relatório físico, impresso pela própria editora da CCB e acessível apenas ao grupo, é possível ter acesso a um aplicativo digital que pode ser baixado no Google Play Store. Este fornece informações detalhadas e atualizadas a nível nacional, como o número de igrejas, de adesões por batismo, bem como de anciães, cooperadores e diáconos e, também, o endereço de cada igreja da denominação situada em todo território. Além disso, ela fornece ainda a localização das Congregações Cristãs em todos os países em que estão presentes e vinculadas a Igreja Sede no Brás. Ou seja, além do Brasil, 72 outros países possuem filiais da CCB. Este mesmo relatório digital possibilita o acesso do número de pessoas batizadas e ao total de igrejas a cada ano, desde 1930 até 2018. Ambos os últimos, são referentes apenas ao Brasil. Nada mal para um segmento religioso que a organização humana não é valorizada, ou pelo menos não tanto quanto a espiritual.

Outro ponto importante que pode ser analisado a partir das informações de Léonard é a expansão da denominação para o Norte do Brasil ao longo dos últimos setenta anos.

> De origem paulista, as Congregações Cristãs do Brasil são, sobretudo, numerosas no Estado de São Paulo e sua dependência, o Norte do Paraná; são representadas em Minas, Goiás, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Nas regiões do norte, naturalmente, ressentiram-se da falta de bases italianas e da presença do outro ramo pentecostal, o das Assembleias de Deus. De modo que é sobretudo, a região paulista que constitui seu apanágio. [...]. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 436; 437).

Portanto, se antes, o Norte e Nordeste brasileiro, outrora reduto apenas das Assembleias de Deus, enquanto a Congregação se fazia presente no Sudeste, em uma parte pequena do Sul e no Centro-Oeste, hoje, o quadro se totalizou. Ou seja, tanto das Assembleias de Deus se expandiram para a região Sudeste e Sul, quanto da Congregação Cristã no Brasil veio fortemente em direção à região Norte, sobretudo, Nordeste.

Entretanto, segundo os dados do Censo de 2010, a Congregação Cristã no Brasil pela primeira vez experimentou um decréscimo deste a sua fundação em 1910. Estes dados chamam a atenção não só neste sentido, mas também pelo seu crescimento em algumas regiões que no passado ela não estava presente. Em contrapartida houve decréscimo, em alguns casos até mesmo significativos, em Estados que ela sempre foi forte. Os dados a seguir, fazem parte do Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA, e podem ser acessados pelo Site: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137. Nas tabelas abaixo vão estar representados alguns dados necessários para ajudar na discussão sobre esse assunto. No quadro abaixo estão os estados em que houve crescimento da CCB como denominação pentecostal na comparação com os Censos de 2000 e 2010:

Quadro 1 – CCB Estados em crescimento 2000/2010

Congregação Cristã no Brasil – Crescimento da População Religiosa			
Região do País	**Estado da Federação**	**2000**	**2010**
Norte	Amazonas	6.022	6.822
Norte	Roraima	2.334	2.379
Norte	Tocantins	14.217	16.429
Nordeste	Maranhão	13.594	13.826
Nordeste	Ceará	21.514	24.440
Nordeste	Piauí	11.863	15.716
Nordeste	Rio Grande do Norte	4.104	4.665
Nordeste	Paraíba	8.826	9.828
Nordeste	Pernambuco	30.081	35.259
Nordeste	Alagoas[166]	10.707	16.043
Nordeste	Sergipe	9.543	10.354

Fonte: quadro desenvolvido a partir de dados IBGE[167].

[166] Em oito dos nove estados do Nordeste houve um aumento no número de adeptos da Congregação Cristã. Destes, o estado de Alagoas chama a atenção para um crescimento bem maior que os outros totalizando um percentual de 49,85% em 2010 se comparado com os dados censitários de 2000.

[167] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.

Já aqui estão os estados em que houve decrescimento da CCB como denominação pentecostal também na comparação com os Censos de 2000 e 2010:

Quadro 2 – CCB Estados em crescimento 2000/2010

Congregação Cristã no Brasil – Crescimento da População Religiosa			
Região do País	**Estado da Federação**	**2000**	**2010**
Nordeste	Bahia[168]	117.115	110.706
Norte	Amapá[169]	1.719	907
Norte	Pará	29.670	27.496
Norte	Acre	6.731	6.221
Norte	Rondônia	49.682	38.235
Centro-Oeste	Distrito Federal	15.449	14.051
Centro-Oeste	Mato Grosso	63.395	61.916
Centro-Oeste	Goiás	86.467	82.567
Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	48.387	46.821
Sudeste	Minas Gerais	227.394	211.881
Sudeste	Espírito Santo	9.377	8.524
Sudeste	São Paulo[170]	1.309.130	1.182.360
Sudeste	Rio de Janeiro	49.947	36.061
Sul	Paraná	295.774	270.167
Sul	Santa Catarina	29.182	28.434
Sul	Rio Grande do Sul[171]	16.890	7.525

Fonte: quadro desenvolvido a partir de dados IBGE[172].

[168] Entre os estados nordestinos, o estado da Bahia foi o único a decrescer de 2010 para 2000.
[169] Na região Norte do país, quatro dos sete estados decresceram, mas o destaque está no estado do Amapá, que decresceu quase 47% em 2010.
[170] A Congregação Cristã no Brasil decresceu no estado de São Paulo em torno de 9,5%. Esse decréscimo certamente possui variáveis que podem e devem ser levantadas. Destas, o possível retorno de pessoas demitidas, ou que terminaram seu ciclo de trabalho no estado paulista e retornaram para seus estados de origem deve estar entre eles. Em tese, esta variável pode justificar o crescimento desta denominação no nordeste do Brasil.
[171] Entre todas as perdas sofridas pela CCB de 2010 comparado com 2000, a mais significativa foi a do estado do Rio Grande do Sul. Neste, o êxodo foi acima dos 55% em dez anos.
[172] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.

Compreender um pouco melhor este ramo de religiosidade brasileira sempre será um desafio para as ciências sociais e o que acontece internamente, mesmo se tratando de dados quantitativos, só aumenta a dificuldade de entendimento. Um exemplo desta dificuldade é o número de novos adeptos inseridos na denominação no período em que o censo registrou um decréscimo a nível nacional de 199.479 pessoas. No mesmo período, ou seja, entre janeiro de 2001 a dezembro de 2010, segundo dados da administração eclesiástica da Igreja, foram batizadas o expressivo montante de 1.048.465 pessoas. Isso mesmo, esses valores foram checados! Um milhão quarenta e oito mil quatrocentos e sessenta e cinco novos membros. Esses dados se agravam mais se somados ao montante de pessoal de janeiro de 1991 até dezembro de 2000. O total neste período é de 1.076.932 pessoas batizadas em dez anos. Se somarmos estes dois períodos, ou seja, de janeiro de 1991 a dezembro de 2010, o número de pessoas batizadas em vinte anos será de 2.125.397 pessoas. O problema é que de acordo com os dados censitários de 2010, o número total de adeptos da Congregação Cristã no Brasil é de 2.298.634 pessoas em todo território brasileiro. Portanto, a diferença entre o total segundo o Censo, que é uma Instituição renomada e reconhecida, e os valores apresentados pela denominação – que para muitos podem não retratar a realidade – é de 173.237 membros para menos.

Sabe-se que pessoas morrem, transitam para outras religiões e denominações, param de frequentar suas respectivas igrejas, ou se tornam "sem religião", mas a contabilidade não fecha. Afinal, o que fazer com os oitenta anos que compõe o período de 1910 a 1990 que não estão sendo computados? Se esta for uma realidade dentro da Congregação Cristã no Brasil, se o número de pessoas batizadas nestas duas décadas for tão alto, hipoteticamente, a porta de saída precisa ser quase do mesmo tamanho da porta de entrada. Ou os dados dos censos não retratam a realidade desta denominação? Neste momento a única contribuição que se pode dar a este respeito são empíricos. Pois em meados de 2019 e início de 2020, como já informado em outro momento, estive etnografando cultos nas Igrejas Centrais da CCB das capitais, Porto Alegre, Recife e Manaus. Embora meu objetivo tenha sido outro, ou seja, o de observar a uniformidade litúrgica de um tipo próprio de racionalidade exercido pelos líderes, bem como pelos adeptos dentro dos cultos, tal campo me proporcionou ver em Porto Alegre uma bela igreja espaçosa, mas relativamente vazia – fato que me chamou a atenção – e, as igrejas de Recife e Manaus com cultos volumosos em relação ao número de pessoas. Estes fatos apresentados são apenas alguns que mostram a tamanha dificuldade em conhecer e interpretar esta religiosidade pentecostal, seja qualitativamente, seja quantitativamente. E por isso,

também, é tão importante abrir frentes de pesquisas, compostas de recortes e concentrar-se neles.

Mas, voltando a Léonard e suas contribuições, outro ponto importante que gostaria de resgatar trata-se da administração eclesiástica desenvolvida pela Congregação Cristã. Nos termos de Léonard (1951; 1952),

> [...]. Organização e recursos financeiros: isso parece estar em contradição com um movimento que pretende ser o menos organizado possível e que recruta seus membros apenas nos meios populares. A recusa à organização humana é o ponto de separação entre as Congregações e as Assembleias de Deus. Não se trata apenas de uma diferença eclesiástica, mas de uma questão de princípios. Enquanto as Assembleias possuem missões, missionários, pastores, convenções, jornal, receita certa, as Congregações afirmam que vivem apenas do Espírito Santo, e sua organização – que repousa em 'ancião' com funções pastorais, em 'encarregados'[173] que são os evangelistas, em 'presbíteros', e em convenções anuais – é constituída, sobretudo, por um ato de obediência aos poderes públicos. Fornecendo todas as informações que estes solicitam, deixam de lado tudo o que, fora esses imperativos, arriscaria materializar e circunscrever a obra do Espírito Santo este apenas é Senhor, manifesta-se onde quer, e os planos de direção humana são uma heresia. Realmente, acontece que ele se manifesta particularmente sobre este ou aquele privilegiado, e aqui também a inspiração dá origem a uma teocracia bem definida [...]. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 437).

Com certeza, Émile-G. Léonard apresenta com propriedade o que acontece na Congregação Cristã, e em linhas gerais suas pontuações são corroboradas através de outros pesquisadores que se dedicaram ao tema, inclusive essa pesquisa. Parte de meus esforços têm sido estabelecer um diálogo com a literatura disponível, procurando dentro de uma perspectiva original, unir parte do que já foi dito ao longo dos anos e montar um inédito mosaico – em alusão mais uma vez a profissão de Francescon. Mas não só isso, pois, este recurso é uma ferramenta para facilitar o acesso e a interpretação de dados do passado, presente e futuro. Assim, retornando à citação anterior, realmente a administração eclesiástica da CCB possui uma característica peculiar que a diferencia das Assembleias de Deus, ao buscar esvaziar ao máximo as ações centralizadas em pessoas. Dentro de uma perspectiva material, as decisões mais importantes como as etapas de compra de terreno – que só é adquirido se estiver com as documentações em dia – a aprovação da planta arquitetônica e a execução da construção de um templo, passam antes por uma comissão de liderança da central a nível local, antes de ser levada à reunião da comissão regional. Nestes casos a decisão final deve ser tomada em caráter unânime, mas a posição do ancião mais velho, nestes contextos, é respeitada e serve de referência para aqueles que estão abaixo nesta hierarquia. Quanto maior

[173] A posição de encarregado em Léonard é a mesma que cooperador. Na hierarquia ministerial da CCB o cooperador está abaixo do ancião e acima do diácono. Todos estes cargos são exercidos exclusivamente por homens. Além disso, fora os anciães que devem ser casados ou viúvos, em raríssimas exceções pode haver um cooperador solteiro.

a idade, o tempo de ministério e o local que atua como ancião – se na Sede do Brás, nas regionais ou nas centrais – maior é a legitimidade e o eco de sua voz nas tomadas de decisões. Isso não impede de os mais novos opinarem ou apresentarem ideias, mas sempre precisarão ser chanceladas pelos mais velhos. Porquanto, na Congregação Cristã, um dos aprendizados primários é o respeito pelos mais velhos. Esta condição, somada à unanimidade nas tomadas de decisões, seguidas da crença na direção do Espírito Santo, reduz em muito as possíveis tensões e insubordinações por se tratar de um modelo a ser seguido e, ao mesmo tempo, fortalece a unidade do grupo. Assim, acertando ou errando, as escolhas seguidas dos bônus ou dos ônus, são integralmente compartilhadas, com o aval supranatural. Nesse sentido, Léonard foi feliz em sinalizar que o tipo de administração deste segmento religioso é o teocrático e em nada se assemelha à administração episcopal adotada pelas Assembleias de Deus.

Outro ponto importante nas abordagens do pesquisador faz menção ao capital financeiro convertido em imponentes construções, possível através de finalidades bem definidas para expansão imobiliária, sem desvio de finalidade. O ancião rico, este enriqueceu as suas próprias custas e não pode contar jamais com o dinheiro da Igreja como fonte de renda. Durante estes anos de pesquisa, tive contato e estabeleci interlocuções com quatro líderes da Congregação Cristã no Brasil e todos tinham suas próprias fontes de renda. O ancião João Taborda da igreja do bairro Portão em Curitiba é aposentado; o ancião Celso em Porecatu no Paraná é administrador de empresa; o cooperador José, responsável pela CCB de Santos Dumont/Minas Gerais é caminhoneiro autônomo; e o ancião Eurípedes da Igreja de Itumbiara/Goiás, é representante de uma empresa funerária. Todos eles, além de receber seus salários para manutenção de suas famílias, investem também financeiramente, e de forma voluntária, na própria denominação. Todos eles são unânimes no posicionamento de um único destino para os valores arrecadados, o "Reino de Deus". Nesse sentido, a observação de Léonard foi:

> Com relação ao dinheiro, os privilegiados da fortuna, que o são devido ao seu trabalho, são pouco numerosos nas Congregações. Não sendo, entretanto, pagas, nenhuma espécie de ministério nem outra atividade, nem mesmo a da guarda das salas de culto ou a dos 'anciãos' ou dos 'encarregados', as despesas das congregações são bem pequenas. Ora, a generosidade dentro delas é grande, não porque o dízimo seja obrigatório (isso seria organização e um recurso a Lei ofensivos ao Espírito), mas porque os fiéis são dedicados e pertencem a esses meios populares onde se sabe dar tanto quanto dar-se. No total, as Congregações possuem muito dinheiro líquido nas mãos, o que lhes permite construir capelas que não são absolutamente ranchos disfarçados, e o templo que irão construir em São Paulo, num quarteirão da rua do Hipódromo, no Braz, que é um dos seus domínios (um pouco talvez devido ao fato de ser a sede das Indústrias Reunidas Irmãos Spina), terá capacidade para 5.000 lugares. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 437; 438).

Qualquer pesquisador que tenha entrado em uma das milhares igrejas construídas pela Congregação Cristã no Brasil percebe o zelo e ao alto investimento da comunidade na construção de seus templos. Eu mesmo, em 2012 estive na inauguração de uma Congregação Cristã, cujo apelido é uma espécie de sobrenome carinhoso de Congregação "nos mato", uma referência a sua localização no meio da floresta de araucárias no município paranaense da Lapa a 80 quilômetros de Curitiba. Toda a construção foi com mão de obra voluntária dos membros do próprio grupo e com um acabamento de primeira linha. Mas aqui, na citação de Léonard, gostaria de trabalhar um pouco sobre a possível participação dos Irmãos Spina na promoção da CCB Sede, no Brás em São Paulo, e acredito que uma breve apresentação do que foi as Indústrias Spina seja importante para seguir adiante. As informações a seguir, foram construídas a partir de um antigo funcionário, o Sr. Leonello Tesser.

O Sr. Leonello Tesser tem 85 anos e reside em São Paulo. Ele trabalhou na empresa "Despachos IRIS Ltda" – IRIS: Indústrias Reunidas Irmãos Spina – durante 13 anos onde começou como office-boy, ascendendo até ao cargo de Chefe de Exportação. Seu trabalho era cuidar da parte burocrática de todo setor de cabotagem marítima através do Porto de Santos, atendendo portos e empresas brasileiras de Norte a Sul do país. O escritório de despacho em que atuava ficava no centro de São Paulo, na Rua Líbero Badaró nº 651, bairro Bom Retiro (prédio que já não existe mais). Esta filial inicialmente foi registrada com o nome de "Estabelecimento Graphico Irmãos Spina", mas mudou sua razão social para "Comissária e Mercantil Iris S/A". Neste trabalho, entre os sócios proprietários, o Sr. Leonello Tesser era diretamente subordinado ao Sr. Paschoal Spina e o Sr. Nicolino Spina, com os quais mantinha mais contato. Ele também era gerenciado pelo Sr. João Colonelli e pelo Sr. André Amato. Este escritório de despachos que havia sido criado para tratar dos serviços de importação e exportação dos produtos produzidos pela indústria – A IRIS participou do lançamento no Brasil do primeiro caderno com espiral e também da cartilha Método ABC para o curso primário, produtos estes que levavam a marca DE LUXE – e foi seu local de trabalho até a década de 70, quando se desligou da empresa em decorrência de mudanças internas e, também, pela queda do movimento de exportação por via marítima. Além destes diretores e gestores, o Sr. Tesser trabalhou também com Nicolino Spina Junior. De acordo com Sr. Leonello Tesser: "Foram anos de grande aprendizado e para mim foi uma grande satisfação em ter convivido com essas pessoas, a quem devo a maior parte de meu sucesso profissional" (entrevista realizada e revisada por meio eletrônico, entre os dias 02 e 07 de maio de 2020).

Outra contribuição importante do Sr. Leonello Tesser sobre a empresa trata-se da estrutura administrativa das Indústrias Reunidas Irmãos Spina. Em seus termos, a

> [...] última formação diretiva da IRIS que me lembro era assim composta: Paschoal Spina (Diretor Presidente); Nicolino Spina (Diretor Gerente); Francisco Paulo Spina (Diretor Técnico); Isaias Spina (Diretor Comercial). Funcionavam ainda como diretores sem designação específica Rubens Spina, Paschoal Spina Jr. e Nicolino Spina Jr. Havia ainda um outro sócio de nome Miguel Spina, que se não me falha a memória, fazia parte de uma entidade religiosa denominada Congregação Cristã do Brasil. (Sr. Leonello Tesser: entrevista realizada por meio eletrônico, entre os dias 02 e 07/05/2020).

Diante de suas novas informações, somadas às que se tem até o momento, talvez seja possível pensar que a participação dos Spina na consolidação da Igreja em São Paulo, e de sua Sede no Brás, pode ser resultado de dois fatos interligados. Primeiramente a posição que Miguel Spina, um dos sócios das IRIS, ocupava dentro da Congregação Cristã. Ele era membro da denominação e em 1938 foi, também, ordenado como um dos anciães da Igreja do Brás. Assim, a empresa iniciada em 1924 com seus irmãos Paschoal, Nicolino, Francisco e, também, associada a Miguel e Isaías[174], que ao longo dos anos foi prosperando através da produção de derivados de papel, alcançou os mercados interno e externo com o auge no ano de 1933, quando a empresa dos Irmãos Spina lançou no Brasil o primeiro caderno espiral. Portanto, ainda que não se tenha tornado público o apoio da família Spina, pode sim, considerar que eles foram um suporte indispensável na construção e administração da Igreja. Portanto, temos aqui um dos prósperos empresários atuando como ancião dessa Igreja. Uma informação à parte é a desconstrução de uma imagem que muitos têm sobre o perfil de um ancião. Com Miguel Spina e possível entender que não necessariamente o ancião seja uma pessoa idosa. A prova prática foi à ordenação de Miguel Spina com apenas 28 anos de idade. Outro fato que não está desconectado do anterior é a localização da Igreja Sede a aproximadamente 800 metros da empresa dos Spina, que estava situada à Rua Hipódromo nº 720, enquanto a igreja na Rua Visconde de Parnaíba nº 1616, ambas no Brás em São Paulo. Hoje, o local em que se situava a empresa deu lugar a um grande conjunto residencial.

Tendo dito isto, ou seja, ao resgatar fatos históricos, indicar possibilidades, e tendo discorrido um pouco sobre a importância dos irmãos descendentes de imigrantes italianos, os Spina, visto que além de Émile-G. Léonard, William R. Read (1965, p. 24), menciona os Spina, retomo o diálogo com Léonard. O autor também faz uma abordagem e interpretação comportamental e, também, da moral religiosa dos adeptos da Congregação Cristã no Brasil. Para Léonard (1951; 1952):

[174] Possivelmente, Miguel Spina e seu Irmão Isaías Spina só foram incluídos como sócios após seus 18 anos, pois Miguel, o penúltimo dos filhos homens do casal Liberato Gregório Spina e Anna Bizarro Spina, nasceu em 1910. Ou seja, quando a empresa foi iniciada ele tinha apenas 14 anos de idade, e seu irmão Isaías, o caçula dos homens bem menos.

> A doutrina pregada por eles é a do pentecostismo, por isso não nos deteremos mais sobre esse ponto. Será mais interessante ressaltar, aqui, os traços que sua lógica e sua intransigência dão à propaganda e à vida moral das comunidades. Teórica e oficialmente não há propaganda, sempre porque o Espírito se manifesta onde quer: realmente, os fiéis, individualmente, dão prova de um vivo proselitismo, e o exemplo de sua vida tanto quanto, creiamos, o das curas que proclamam, atraem muitos curiosos simpatizantes, alguns dos girais rapidamente se tornam convertidos. Por outro lado, um estranho qualquer, atraído por esse meio ardente, não esbarra em muralhas de legalismo ou puritanismo. As Congregações não conhecem outras ordens senão as do Espírito. Rejeitam as prescrições da antiga Lei judaica, mantidas e modificadas pelas Igrejas cristãs. Assim, nelas não há o problema da 'guarda do domingo', tão severa em muitas denominações protestantes, e essa liberdade de trabalhar no Dia do Senhor é de grande utilidade para muitos trabalhadores que a isso são obrigados e para os quais essa proibição acarretaria grave problema de consciência. Não há rigorismo de princípios. As mulheres têm direito de cortar os cabelos e de se enfeitarem; nenhuma regra de moral é imposta aos jovens, como imperativo categórico. As 'filhas do Espírito' sabem que não lhes convém adotar os costumes do século, e, trazem sempre, durante o culto, o véu recomendado pelos apóstolos; e o moço 'crente' que se conduzisse mal, saberia que o Espírito o obrigaria a confessar sua falta em plena Assembleia. Assim, fora de todo puritanismo de princípio, estabelece-se entre os convertidos uma moral comumente elevada e um rigorismo de fato, bem conhecido pela opinião pública: com os 'glórias' ou os 'línguas de fogo', como são eles chamados, não há discussões, a palavra dada é respeitada, e as jovens empregadas pertencentes a esse grupo são de toda confiança. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 438; 439).

É interessante a propriedade da explanação que Léonard sobre a moral dentro da CCB. Porém tão interessante quanto essa, é observância por parte do pesquisador do legalismo. Neste caso, ainda que exista uma crença sólida na ação do Espírito Santo sobre as pessoas, existe também uma cobrança rígida por parte dos líderes e dos próprios adeptos, inclusive com sanções pesadas aos que cometem erros reprovados por eles.

Eu, como pesquisador deste segmento religioso e, também, tendo acessado várias dissertações resultados de pesquisas envolvendo a Congregação Cristã no Brasil, posso afirmar que tanto o campo quanto a literatura disponível sobre a CCB mostram o contrário do que foi visto pelo historiador francês em nossas terras. Neste sentido, existem fortes indícios de deficiência de informações para uma melhor análise por parte de Léonard quanto a este tema, ou uma falha por parte do observador[175] – que em tese, é suscetível mesmo aos melhores e mais treinados olhares humanos de observadores. Outro adendo nesta citação de Léonard, e que se pensa ser pertinente uma retificação no que refere-se aos termos "glórias" e "línguas de fogo". Ambos os termos não são particulares a Congregação Cristã no Brasil, pois são termos que estão presentes nas Assembleias de Deus, contemporânea da CCB.

[175] Léonard não menciona sua presença no campo, mas indica que "pesquisas pessoais" consistiam em uma importante fonte e que o método estava dando seus primeiros passos neste caminho. Seus dados mais substanciais vieram de arquivos públicos, arquivos eclesiásticos protestantes e católicos, além de documentos familiares ("O protestantismo brasileiro: Estudo de eclesiologia e de história social" [Introdução], 1951; 1952, p. 112; 113).

Diante disso quero propor a substituição dos termos “glórias” e “línguas de fogo” por outro termo, o de “Igreja do Véu”. Este sim é peculiar a Congregação Cristã no Brasil, além de ser popular, mesmo para aqueles que são de fora. Basta apenas perguntar a qualquer um: Você pode me informar onde fica a Igreja do Véu?

Outro ponto importante refere-se à solidez da Congregação Cristã no Brasil. Na década de 1950, quando Émile-G. Léonard, fez sua pesquisa, ele já havia constatado que se tratava de uma religiosidade consolidada. Do momento de sua abordagem até hoje, se passaram mais de 70 anos e o referido grupo religioso continua demonstrando sua força. Portanto,

> [...]. A prova de que se trata de um movimento sério nos é dada pelo fato de que muitos crentes a ele pertencem há longos anos, algumas vezes durante vidas inteiras, e há famílias onde se é ‘glória’ de pai a filho – e também ao fato de que as ‘Congregações’ são muito menos instáveis do que afirmam observadores pouco simpatizantes e mal informados. (Basta comparar sua relação, de um ano a outro, para ver que o número de comunidades que desaparecem não é particularmente grande). (LÉONARD, 1951; 1952, p. 439).

Não tenho dúvidas quanto ao esforço, a capacidade de coletar e interpretar dados, portanto, das intensas contribuições de Émile-G. Léonard em relação ao objeto ora pesquisado. Na verdade, quaisquer pesquisadores que venham aprofundar suas pesquisas neste segmento religioso têm a seu favor não só os muitos anos que se passaram, mas também alguns trabalhos de pesquisa já realizados, inclusive deste pioneiro. Por isso, se for justo, gostaria de discordar do pesquisador, em sua interpretação que segue:

> Parece-nos, entretanto, haver nas Congregações uma profunda fraqueza, que faz com que não as possamos considerar absolutamente protestantes (o que, aliás, elas não pretendem, mantendo-se afastadas de todas as Igrejas), mas que nos faz desejar que o protestantismo brasileiro se interesse pelo problema que elas apresentam. Não se trata de nada relativo ao Espírito ou a essas manifestações que atraem a atenção, e sobre as quais não insistimos: as curas miraculosas, a glossolalia, os êxtases, e eventualmente as convulsões. Aqui não há nada desconhecido, anticristão ou antibíblico. Muitas outras denominações protestantes tiveram essas manifestações, nos seus primeiros tempos, e lamentam secretamente, não serem mais privilegiadas. Entretanto, tal como na Igreja Evangélica Brasileira, o papel da Bíblia aqui também parece bem pequeno. Os fiéis parecem considerá-la mais um livro de oráculos que se abre para encontrar a resposta do Espírito a uma questão ou a uma necessidade, do que o relato de uma Revelação que deve ser conhecida e meditada sistematicamente. [...]. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 439).

Nestes anos que venho pesquisando a Congregação Cristã, tive o privilégio de participar de muitos cultos, seja como uma espécie de convidado especial, me assentando nos bancos da frente ao lado de anciães e cooperadores, seja como um desconhecido visitante assentado do lado masculino no meio da igreja. Além disso, venho buscando uma forma de entender como minha formação teológica podia me auxiliar nas ciências sociais. Creio que este é um momento adequado para expressar isto.

Na arte da preparação de uma boa homilia, um ponto fundamental é a utilização de uma técnica chamada homilética. É ela que vai auxiliar na preparação e organização das mensagens. Além dela, outra ferramenta, a hermenêutica, cuja finalidade é interpretar o texto bíblico, e atualizá-lo para os ouvintes. Dentro destas duas técnicas que se unem como metodologia, os resultados podem chegar a três tipos de sermões ou mensagens: temático, textual ou expositivo. Dentro do protestantismo os sermões expositivos são os preferidos. Estes demandam mais tempo de preparação para cada mensagem, além de uma sólida formação teológica, pois conta com dados históricos, análise contextual, dados geográficos, conhecimento cultural, além, é claro, o conhecimento bíblico. No outro extremo estão os sermões temáticos, que na maioria das vezes, desconsideram pontos relevantes se comparado com a mensagem expositiva. Nota-se que os sermões temáticos são muito suscetíveis às formações de desvios teológicos. Ou seja, heresias. E por fim, a mensagem textual, que embora nem sempre conte com as inúmeras argumentações do sermão expositivo, este modelo não é superficial como os sermões temáticos, pois necessitam de um profundo conhecimento bíblico e de memorização sistemática do texto. Além disto, a técnica reduz em muito as possíveis distorções e heresias, pois conforme o preletor vai discorrendo suas falas sobre o texto, ele precisa fazer simultaneamente sua hermenêutica de forma que, sua mensagem seja reconhecida, aceita, legitimada e chancelada a ser praticada. É esse modelo de sermão, o textual, que é o utilizado na Congregação Cristã no Brasil, envolto muitas vezes em calorosas e empolgadas colocações por parte daqueles que são os escolhidos pelo Espírito Santos como a voz a ser ouvida no culto.

Dadas às considerações, segue-se em frente dialogando com o pesquisador Léonard, agora discorrendo sobre a forma de ensino vigente na Congregação Cristã no Brasil e as razões que o autor entende como causais para uma consciência teórica fazendo com que não haja excessos nocivos aos participantes. Para Léonard a solidez vem pelo profundo conhecimento bíblico seja de protestantes ou pentecostais, cujo objetivo é o de fornecer o referencial teórico tão importante. Além da Bíblia outros textos os auxiliam, como os livretos de teologia bíblica dentro das Escolas Bíblicas Dominicais. Este tipo de aprendizado obtido dentro de salas de aula presente na pentecostal clássica Assembleia de Deus não existia na CCB do passado e não existe na de hoje. Conforme Léonard,

> [...]. As Escolas dominicais são substituídas pelos ‘cultos para menores’, cópia dos cultos comuns, com os três cânticos de início, os testemunhos, as orações (nas quais se manifestam os fenômenos de glossolalia), o sermão, novas preces e a bênção final. O conhecimento bíblico que as crianças possuem, reduz-se muitas vezes a um certo número de passagens ou versículos particularmente comentados. Os próprios guias espirituais declaram, sem embaraço, que não leram toda a Bíblia. Suas

> prédicas, feitas apenas sob a inspiração do Espírito, sobre textos que lhes são 'dados' naquele momento, não são preparadas. Não possuem livro algum, nem jornal de edificação, nem cultura alguma religiosa, considerando ilegítima toda literatura humana o que é para eles, aliás, motivo de glória o mesmo acontecendo com todos os seus fiéis. Pode-se dizer que: todos os conhecimentos bíblicos mais ou menos sistemáticos que existem nas Congregações, provém de prosélitos recrutados nas denominações protestantes. Felizmente eles são numerosos, pois certas comunidades evangélicas perdem importantes frações que passam para a comunidade vizinha. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 439; 440).

Talvez Léonard, em decorrência de sua formação intelectual, para quem as salas de aulas e as Instituições de ensino ocupam um papel diferenciado na legitimação do profissional, tenha sido impossibilitado de pensar que o modelo praticado pela Congregação Cristã é o de aprender fazendo. Este modelo adotado pela CCB é muito parecido e pode ser comparado com o nosso modelo de ensino profissional leigo como é o caso dos pedreiros, por exemplo.

Neste sentido, dentro de uma sociedade plural como a nossa, para que haja harmonia social é preciso tanto dos que pensam, quanto dos que fazem. Um não esvazia ou se sobrepõe ao outro, mas se completam. Nesta perspectiva, é possível entender porque estes números de protestantes que mudam de lado, e que embora se pense serem estes a causa necessária para levar algum juízo teológico àqueles que estão com as suas cabeças no outro mundo, em vez de promover um processo de intelectualização dentro da Congregação Cristã, na verdade passem a se apropriar dos valores inerentes ao grupo de pentecostais clássicos congregacionais cristãos – isso é interessante, porque, mesmo eles tendo bagagem não conseguem interferir na estrutura existente. Dito de outra forma, em vez de se criar a médio e longo prazo uma cultura de busca pelo profundo conhecimento, adota-se a curto prazo uma cultura de mãos à Obra, o trabalho começa em você, aqui e agora.

Mas como Léonard não pensou essa possibilidade e sim a possível deficiência de profundidade da CCB, ele questiona sobre o que seria dos milhares de indivíduos diante de um futuro incerto e nada otimista. Para Léonard (1951; 1952),

> [...]. O movimento 'glória' é um fato, e fato considerável, que possui, certamente, centenas de milhares de batizados e simpatizantes. Por importante que seja o recrutamento entre protestantes, a grande maioria deles provém de meios católicos, e desses meios proletários perante os quais não se encontram muito comodamente, não obstante toda sua boa vontade. Há, aqui, um grande: problema. Essas almas serão abandonadas apenas às manifestações do Espírito, num conhecimento insuficiente da Revelação, da Bíblia e, através dela, do Salvador e de Sua Cruz? (LÉONARD, 1951; 1952, p. 440).

Em seguida ele faz a seguinte colocação:

> Em caso afirmativo, é necessário lembrar que elas estão abandonadas a um perigo tão grande quanto o do espiritismo. Certamente, as Congregações Cristãs são dirigidas (ainda que essa palavra seja, para elas, uma blasfêmia) atualmente, por homens de grande valor, profundamente cristãos, e de vontade firme, o que as salva,

> do mesmo modo que à Igreja Evangélica Brasileira, das tentações da loucura ou da possessão. Mas esta direção e orientação podem desaparecer aqui ou lá, principalmente nas dissidências, cujos membros serão abandonados, sem bases bíblicas, a todos os perigos da inspiração pessoal e do fanatismo de algum mentor improvisado. (LÉONARD, 1951; 1952, p. 440).

Retomo a questão temporal requisitada anteriormente. Émile-G. Léonard não contou com os setenta anos que temos hoje, porém pôde contar com os quarenta anos de existência da Congregação Cristã no Brasil, o que fornecia a ele dados para pensar que se tal abandono a toda sorte não havia acontecido durante todos aqueles anos, por que aconteceria no futuro? Hoje, contamos com 110 anos de história, e mesmo que possa faltar simpatia ou vontade de pensar de forma otimista, não é comum existir na literatura acadêmica ou midiática, relatos de escândalos sociais, ou algo do gênero envolvendo a CCB. Na verdade, eles vêm ao longo dos anos passando discretamente, em alguns momentos, quase imperceptíveis, mesmo contando com mais de dois milhões de seguidores.

Isto não quer dizer que não existam ocorrências de problemas dentro do grupo, pois não posso ser inocente a ponto de pensar que um coletivo religioso composto por milhares de pessoas funcione como um todo organizado sem apresentar tensões conflituosas e desdobramentos significativos decorrentes destas. Quanto a isto, as reflexões sobre esse assunto presentes no capítulo 4 cuja temática envolveu os "processos de exclusão e excluídos pela CCB" a partir de sujeitos de pesquisa que já fizeram parte da denominação pesquisada, auxiliam em uma melhor compreensão e interpretação sobre o que ocorre na Congregação Cristã no Brasil, como denominação de origem pentecostal.

Creio que através do diálogo com Émile-G. Léonard, foi possível ter uma dimensão do comportamento mais voltado para o estilo de vida e a visão de mundo dos adeptos da Congregação Cristã no Brasil. Ele também apresentou suas preocupações com a possível falta de estruturação teológica, cuja fragilidade poderia trazer consequências negativas para o futuro da Igreja, e a partir dos seus apontamentos como pioneiro no assunto, foi possível trazer algumas contribuições ora ratificando, ora retificando, mas nada que ofuscasse a grande contribuição do pesquisador. Na sequência, William R. Read pode fornecer mais alguns elementos importantes, pois além de ter trabalhado pontos históricos e comportamentais, ele faz uma apresentação da forma com que a Congregação Cristã no Brasil é administrada internamente, o que ajudará a compreender um pouco mais deste segmento religioso. Além disso, é possível perceber na forma com que expõe seu objeto, que existe um domínio profundo do assunto, pois em vários momentos ele relata seu envolvimento como exímio observador, assim como sua intimidade com alguns sujeitos de pesquisa. Isto, e também o

fato de ter acesso à obra de Émilie-G. Léonard, acabou respaldando seu percurso como investigador. Dito em outras palavras, sua dedicação na pesquisa de campo, e as ferramentas de pesquisa dadas a ele por outro pesquisador que havia iniciado a trilha antes dele, foram elementos fundamentais para os seus resultados.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL INTERPRETADA A PARTIR DE WILLIAM R. READ

Mais uma vez gostaria de repetir que a Congregação Cristã no Brasil vista a partir de sua disciplina e organização de forma sistematicamente racionalizada, se contrapõe em relação a uma percepção de denominação vista como estando na total dependência do espiritual. Esse aspecto organizacional fica nítido em muitos acontecimentos públicos como os próprios cultos, as orquestras, os vestuários masculino e feminino, a disposição de ambos os sexos dentro das igrejas, sendo estes alguns exemplos. Não obstante, quando se trata da administração eclesiástica, está se falando de algo mais relativo aos bastidores do grupo e acessar tais informações, demanda maior esforço.

Talvez seja relevante que se pense inicialmente as bases que podem fundamentar a implantação da Igreja Congregação Cristã no Brasil. Primeiramente, sabe-se e é do conhecimento de todos – até mesmo para o mais incrédulo ou racional dos homens – que a relação deste religioso, possui um apelo central em aspectos transcendentais. Se o metafísico, o supranatural, o sobrenatural, o contato com o além, as manifestações teofânicas ou quaisquer outros conceitos sinônimos a estes não estiverem presentes, pode-se dizer que está faltando o germe tão necessário ao início, ou iniciação, envolvendo a respectiva religião. No caso de Francescon, este contato com o Sagrado sempre foi reconhecido pelo grupo, mesmo quando esse ainda estava em estágio inicial.

De acordo com Read (1965), Francescon ainda em 1910, antes mesmo de viajar para o Paraná, recebeu uma revelação por parte de Deus, sobre os valores fundamentais para o sucesso do empreendimento a médio e longo prazo. Estes valores seriam fidelidade e humildade:

> Em 1910, antes de Louis Francescon ir ao Paraná, ele recebeu uma revelação especial do Senhor. Mais tarde, em setembro de 1910, ele disse a seu pequeno grupo de crentes em São Paulo que o Senhor havia revelado a ele que haveria uma grande colheita de pessoas na capital e em todo o Brasil se os crentes continuassem fiéis e humildes. O Senhor lhes enviaria no devido tempo, aqueles que ‘obedeceriam’ e

> participariam da mesma graça que haviam experimentado [...]. (READ, 1965, p. 26, tradução nossa)[176].

Fidelidade, sobretudo a Deus, mas não só a Ele: fidelidade à Igreja, às pessoas que compõe o grupo (aos Irmãos) e também às pessoas fora dele, como por exemplo, fidelidade nos negócios. Fidelidade à moral religiosa – diretrizes das convenções, estatutos, doutrina, ensinamentos, usos, costumes, proibições – levada em muitos casos ao pé da letra. O segundo valor é humildade. Humildade que não deve ser pensada como uma vida simples, desprovida de bens duráveis e de alto valor agregado, ou de investimentos financeiros significativos. Basta visitar qualquer templo, mesmo aqueles situados em localidades rurais, ou mesmo em bairros onde se encontram pessoas em situação de vulnerabilidade, para perceber que há investimentos significativos na construção destes espaços. Basta olhar a forma alinhada dos vestuários dos seguidores, mesmo quando vão para os Ensaios Regionais de músicos, ou do trato com tudo aquilo que está em suas mãos. Pode-se afirmar que aquilo que envolve estas pessoas se encaixa num padrão elevado de investimentos. Humildade aqui é se colocar em lugar de servo. Mas não um servo generalizado, comum. Trata-se de um serviço inerente ao próprio grupo, sem limitações geográficas, seja a nível nacional ou internacional. Um exemplo desta base é a figura do ancião. Ele não se vê, ou se posiciona, sendo servido pelo grupo. Ao contrário, ele se coloca a serviço de todos e mesmo estando na mais elevada posição, ele se esforça para se fazer igual a todos.

Em uma apresentação panorâmica, pelo menos três acontecimentos de cunho revelatório legitimam a apostolado francesconiano. Este anteriormente mencionado; a revelação primária em que o próprio Deus apresenta a Francescon o batismo por imersão; e finalmente, a revelação que coloca a Congregação em nível de registros escritos, ocorrida entre 1935 e 1936. "[...] quando a Igreja teve que incorporar personalidade jurídica para manter legalmente suas propriedades, o fundador recebeu uma revelação especial do Senhor. A Congregação teve que manter registros sistemáticos para obedecer às leis do país. [...]" (READ, 1965, p. 26). Desde então, a Congregação passou a registrar seus dados e torná-los públicos internamente em suas Assembleias Ordinárias. Estas reuniões ocorrem todos os anos no período da Páscoa. Nestes eventos, dados como o número de pessoas batizadas no ano anterior a reunião, bem como o número de novos templos concluídos e de novos "Obreiros" – anciães, cooperadores e diáconos – que formam o quadro ministerial, somados aos dados

[176] In 1910, before Louis Francescon went to Paraná, he had a special revelation from the Lord. Later in September of 1910, he told his little group of believers in São Paulo that the Lord had revealed to him that there would be a great harvest of people in the capital and in all of Brazil if only the believers would remain faithful and humble. The Lord would send to them, in due time, those who would "obey" and participate in the same grace they had experienced.

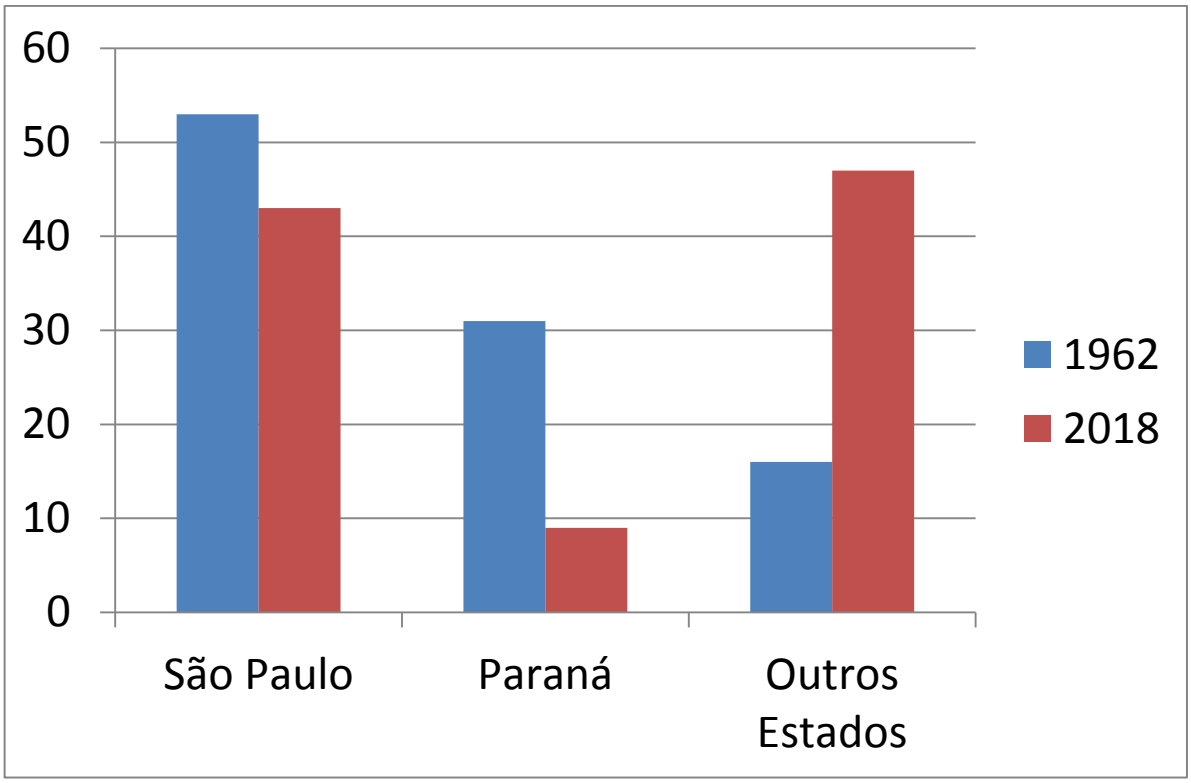
estatísticos, que são os montantes de pessoas batizadas ano a ano, e do total de igrejas a cada ano, informando se de um ano para o outro, ou até mesmo de uma década para outra os resultados de seu proselitismo estão evoluindo ou não. Estes se alteram de um ano para outro para mais, indicando que estão no caminho do crescimento; ou para menos, sinalizando a necessidade de acentuar as investidas em novos adeptos. Já em relação ao crescimento do número de igrejas, este vem sendo regularmente ascendente. Nestas reuniões também são apresentados os dados de contabilidade financeira informando quanto, onde e como foram aplicados os recursos advindos das ofertas de voluntários anônimos. E, fora este último apontamento, ou seja, o financeiro, estes relatórios são publicados também na forma impressa, mas não disponibilizados sem controle. Nestes, além dos dados estatísticos, estão os endereços os telefones e o nome dos responsáveis de cada Congregação Cristã, no Brasil e no exterior.

A título de esclarecimento, em uma Assembleia Geral Ordinária, os relatórios estatísticos e financeiros apresentados são do ano anterior. Já os Relatórios impressos são duplamente anteriores ao ano da reunião. Assim, o último relatório impresso a que se tem acesso (maio de 2020) é o de número 83, referente ao ano de 2018. Logo, pode-se afirmar que o primeiro relatório é de 1935.

A partir destes dados, é possível verificar a expansão da Igreja no país. Em 1962, a partir dos dados disponibilizados pela denominação, Read chegou aos seguintes percentuais em relação ao número de batizados naquele ano: “Cinquenta e três por cento dos batismos são do estado e da cidade de São Paulo. Trinta por cento vem do estado do Paraná e o restante, dezesseis por cento, vem do restante dos Estados. [...]” (READ, 1965, p. 30). Atualmente, fazendo um levantamento nos mesmos moldes é possível verificar as mudanças no cenário.

Em um total de 122.974 novos adeptos no ano de 2018 em todo o país, 53.825 vieram do Estado de São Paulo e da cidade de São Paulo – Cidade de São Paulo: 10.192; Grande São Paulo: 10.746; Interior de São Paulo: 32.887. No Estado do Paraná o montante foi de 10.867 pessoas batizadas. Assim, é possível chegar ao seguinte percentual e compará-lo com o anterior: Se em 1962, um total de 53% vinha do Estado de São Paulo, em 2018 esse número cai para 43,769%. Ou seja, uma queda de quase 10%. No Paraná, o Estado que somava 31% dos adeptos em 1962, passou para apenas 8,836% em 2018. Portanto, uma expressiva queda de mais de vinte e dois pontos percentuais. Em contrapartida, os outros 23 Estados brasileiros, mais o Distrito Federal que totalizavam 16% em 1962, sobem para 47,395% em 2018, confirmando uma mudança significativa de cenário a nível nacional.

Gráfico 1 – Percentual de novos adeptos São Paulo, Paraná, Outros Estados: 1962/2018



Fontes: gráfico desenvolvido a partir de dados de READ, 1965; e aplicativo CCB.

Decididamente, o quadro vem mudando ao longo dos anos e em 1965 Read já sinalizava uma possível alteração neste cenário:

> [...]. O fato desta Igreja ter sido sempre forte na cidade e no estado de São Paulo e ter sido capaz de evangelizar aqueles que se mudaram para lá, vindos de outros Estados, poderia explicar o fato de igrejas estarem surgindo agora nos diferentes Estados. A Congregação parece levar o Evangelho de volta aos lugares de onde vieram muitos dos membros, ao passar por São Paulo. Será importante ver o que acontecerá nos próximos cinco anos, principalmente nos outros Estados. Se os membros aumentarem nos Estados, isso mostrará a vitalidade missionária e evangelística dessa jovem Igreja fora da fronteira. (READ, 1965, p. 30; 31, tradução nossa)[177].

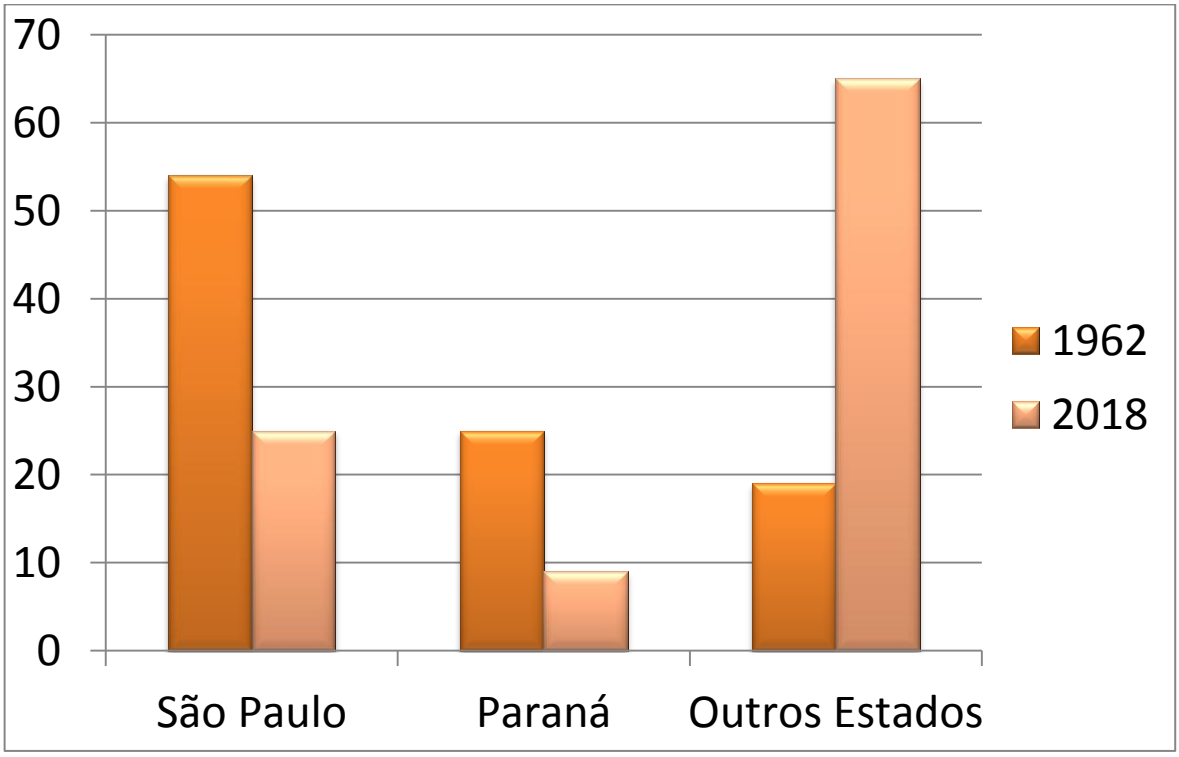
Embora em alguns momentos nos sintamos pressionados a fazer previsões, nós cientistas sociais, historiadores, cientistas das religiões, teólogos e outras ciências humanas, não estamos totalmente habilitados a isso. Assim, devemos a partir do acréscimo constante de referenciais teóricos, dados qualitativos e quantitativos, além de sensibilidade e intuição em alguma medida, compreender, comparar, interpretar, historicizar e trabalhar dados coletados, nos apoiando em hipóteses, que precisarão ser testadas e aprovadas continuamente.

[177] The fact that churches are now springing up in the different states. The Congregação appears to be taking the Gospel back to places from which many of the São Paulo members came. It will be important to see what will happen in the next five years, especially out in the states. If members increase in the states, it will show the missionary and evangelistic vitality of this young Church out on the frontier.

Um segundo dado trabalhado por Read (1965), que é relevante a retomada é a relação que o pesquisador faz com o percentual geral de igrejas da denominação, subdividido entre os Estados de São Paulo, Paraná e os outros Estados, com os pontos percentuais de batizados nestes mesmos Estados, no ano de 1962. Nesse sentido é possível comparar tais valores (de Read) com os últimos dados do relatório da denominação em 2018.

Como já foi dito, em 1962, o número de pessoas que foram batizadas correspondeu a 53% em São Paulo, 31% no Paraná, e 16% nos outros Estados brasileiros. De acordo com Read (1965, p. 31-34), neste mesmo período, o número de igrejas estava na ordem de 1770, distribuídas em pontos percentuais de 54,46% no Estado de São Paulo; 25,76% no Estado do Paraná; e 19,77% no outros Estados. Em 2018, o total de igrejas no Brasil é de 20.283, resultado de um crescimento de mais de 1.145% em 56 anos. Já relacionado à distribuição por Estados, nos mesmos períodos comparados, ela teve uma movimentação ainda mais significativa do que os números de pessoas batizadas. Em 2018 o percentual de igrejas distribuídas representava 25,39% em São Paulo; 9,04% no Paraná; e 65,57% nos outros Estados.

Gráfico 2 – Percentual de igrejas São Paulo, Paraná, Outros Estados: 1962/2018



Fontes: gráfico desenvolvido a partir de dados de READ, 1965; e aplicativo CCB.

Estes números, explicitados nos gráficos, mostram realmente que houve um avanço significativo da Congregação Cristã para outros Estados fora do eixo São Paulo e Paraná. Read (1965) apontou para o retorno de pessoas que, após a conversão nesses Estados, imbuídos de uma concepção missionária voltariam para os seus locais de origem para propagar a nova crença. O crescimento do número de adeptos representa esta realidade, mas o aumento acentuado do percentual de igrejas pode indicar a inclusão de outras variáveis a esta, como o esgotamento de cidades sem pelo menos uma igreja, nos Estados de São Paulo e Paraná, enquanto os outros Estados fora estes, necessitavam abrir igrejas em muitas de suas cidades onde não tinha nenhuma. Por exemplo, as cidades Porecatu e Florestópolis, no interior do Paraná na divisa com o Estado de São Paulo. Ambas são cidades de pequeno porte com menos de 15.000 habitantes em cada uma delas. Estas, mesmo contando com um reduzido espaço geográfico e a presença de templos da denominação que atendem a população de religiosos, já estão sendo construídos uma segunda igreja em cada uma destas cidades. Ou seja, se estão construindo novas igrejas onde já existe uma, maiores são as motivações e os esforços para plantar uma igreja nas cidades nas quais não existe nenhuma. E não se pode pensar que estes Estados estão perdendo espaço, porque não estão. É só considerar que o Paraná, contava com 1.835 igrejas em 2018 para um total de 399 municípios. Somente o número de igrejas da CCB no Estado paranaense atualmente é mais que as 1.770 que existiam em todo o país em 1962.

A partir destes dados é possível entender que a expansão para outros Estados brasileiros, foi fomentada pelo retorno de muitos conversos em São Paulo que seguiram de volta para seus locais de origem. Mas, também, é graças à força da concepção envolvendo a ideia de chamado missionário incutido em cada novo convertido.

Voltando ao Estado do Paraná, através de Read (1965), foi possível perceber também que o Estado do Paraná perdeu mais potência se comparado com o Estado de São Paulo, que continua ditando o ritmo da marcha, e isto tem razões objetivas. Uma delas é a posição que a capital ocupa na história da Igreja: é o local em que seu fundador colocou os pés pela primeira vez; a cidade onde ele mais permaneceu fora de Chicago; o lugar onde Francescon discipulou mais pessoas; o lugar em que seu ministério teve reconhecimento apostólico; e talvez, a mais explícita de todas as possibilidades, o lugar onde a imponência desta denominação se materializou, na força da contribuição anônima e coletiva de seus seguidores. A saber, a Sede Central do Brás, também conhecida como Igreja Mãe. Na década de 1960, Read faz a seguinte apresentação:

> Os membros da Congregação que vivem em outras partes do Brasil pensam na Igreja Mãe com muito orgulho e profunda emoção. É o seu santuário, lar espiritual e sede da autoridade religiosa. Qualquer sacrifício será feito para visitar a Igreja Mãe. Para muitos, é o centro físico de onde sua fé no Salvador chegou a eles através das viagens missionárias e itinerários evangelísticos daqueles que lhes trouxeram as boas novas. A Igreja Mãe é importante no pensamento dos membros e a descentralização não parece prejudicar sua imagem. De uma maneira peculiar e certa, esta igreja pertence a eles e eles estão orgulhosos e felizes por estarem conectados a ela. Recentemente, foram feitos planos para ampliar a Igreja Mãe, para acomodar as multidões que procuram assistir a seus serviços. Provavelmente acomodará 10.000 nos próximos anos[178]. (READ, 1965, p. 36, tradução nossa)[179].

Alguns a chamam de Igreja Central do Brás, Read a apresentou como Igreja Mãe, mas gostaria de colocá-la como a Sede Mundial da Congregação Cristã, pois a denominação que teve seu início na América do Norte e que veio para o Brasil ainda na primeira década do século XX, cresceu no país, muito mais do que nos Estados Unidos, na Itália ou em quaisquer partes do planeta, o que a posicionou como o centro da representação de poder, ainda que não se reivindique abertamente esta autoridade. É neste cenário que o imponente templo, passa a receber não só os milhares de adeptos para prestar sua adoração a Deus, mas também recebe anualmente, anciães de todo o Brasil e, também, dos países em que ela foi plantada. É neste espaço físico que os principais anciães recebem as diretrizes, que depois devem ser repassadas para cooperadores e diáconos nas reuniões regionais, que por sua vez as aplicam nas Igrejas Locais. O mesmo acontece em outros países. Anciães que vieram ao Brasil participar da Reunião Geral que tem a duração de uma semana, retornam aos seus países e lá, repassam o que foi definido para os líderes que não foram, e esses respectivamente transmitem os mesmos valores religiosos apreendidos para os membros. Com isso, a CCB consegue manter um alinhamento entre a cúpula e a base.

Outro ponto que chama a atenção e que reflete a organização da denominação é o fato de que tamanha estrutura física (o templo) e administrativa foi construída, são mantidas sem investimentos externos ou ajuda entidades governamentais. Chama também a atenção o fato de se preservar a identidade dos investidores e quanto cada um investiu na construção do templo. De acordo com Read:

---

[178] O Templo, que na época em que Read fez sua pesquisa tinha a capacidade de 4.000 pessoas assentadas, realmente foi ampliado, mas não da forma como apresentado pelo pesquisador. Atualmente ele pode atender a 6.675 pessoas em seus assentos. Além dele as instalações contam com o prédio da administração e mais um templo menor, para 2000 pessoas, que serve para reuniões de liderança – anciães, cooperadores e diáconos.

[179] Members of the Congregação who live in other parts of Brazil think of the Mother Church with great pride and deep emotion. It is their shrine, spiritual home, and seat of religious authority. Any sacrifice will be made in order to visit the Mother Church. For many it is the physical center from which their faith in the Savior has come to them through the missionary trips and evangelistic itinerations of those who first brought them the good news. The Mother Church is important in the thinking of the members and decentralization does not seem to damage its image. In a peculiar and certain way, this church belongs to them and they are proud and happy to be connected with it. Recently plans have been made to enlarge the Mother Church, to accommodate the multitudes seeking to attend its services. It will probably seat 10,000 within the next few years.

> Quando a Congregação construiu seu grande templo no Brás, que é a Igreja Matriz, não precisou emprestar dinheiro em nenhum momento. A construção era paga semana a semana e, com a dedicação do domingo, tudo era pago integralmente. Esta é a admirável política financeira usada em toda a construção de igrejas feita pela Congregação. Nesse ponto, as igrejas do Brasil originadas pela missão e suas missões de assistência terão dificuldade em se sentir superiores. (READ, 1965, p. 37, tradução nossa)[180].

Em entrevista, o Sr. Miguel Lysias Spina, filho do ancião Miguel Spina, fez uma colocação que reforça esta citação de Read sobre a construção do templo e ao mesmo tempo fornece mais um exemplo desta forma de associação anônima e voluntária presente na visão de mundo da Congregação Cristã. Conforme o Sr. Spina:

> Naquela época, a necessidade do momento era a construção do Templo. Foi construído o Templo, com o dinheiro do Povo. Os Spina, contribuíram como todos os outros contribuíram. Nem a mais, nem a menos. Não se sabe. Cada um deu o quanto sentiu sem que ninguém soubesse quanto foi. Era depositado o dinheiro dentro de uma caixa, depois pegavam essa caixa, abriam e estava misturado o dinheiro que todos haviam posto. E, assim é até hoje. (Sr. Miguel Lysias Spina: entrevista realizada em 06/05/2020).

Este recorte da entrevista com o senhor Miguel Lysias Spina (73 anos), serve não apenas para corroborar o que Read disse em 1965, mas também para dar personalidade a nossos interlocutores. São os nossos solícitos informantes que nos dão muitas de nossas maiores, e melhores informações, inclusive que podem ser checadas e compartilhadas com outros pesquisadores, por isso, para além de dar voz a estes, é possível adotar esta prática como uma ferramenta de pesquisa. Não é justo apresentar a formatação de um tema, conceito, acontecimento, ou coisas semelhantes a estas, como se houvesse algum tipo de onisciência por parte do pesquisador, mesmo que se tenha autonomia para fazê-lo.

Dando sequência ao diálogo com Read, ele faz uma apresentação relevante sobre a forma com que a Congregação Cristã no Brasil é administrada, apontamentos que inclusive são historicamente importantes, portanto, serão resgatados. Segundo o pesquisador:

> A ideia de organização da Igreja Mãe foi usada até que a Igreja se tornou tão grande que a administração centralizada se tornou incômoda. Recentemente, na tentativa de descentralizar, uma nova organização distrital foi inaugurada. O novo plano prevê a criação de comissões de nove homens, onde houver membros, oficiais e igrejas suficientes. Isso parece fornecer procedimentos administrativos suficientemente flexíveis para o crescimento da Igreja. (READ, 1965, p. 37, tradução nossa)[181].

---

[180] When the Congregação built its large temple in the Brás, which is spoken of as the Mother Church, it did not have to borrow any money at any time. Construction was paid for week by week, and upon the dedication Sunday, everything was paid up in full. This is the admirable financial policy used in all church construction done by the Congregação. At this point the mission-originated churches of Brazil and their assisting missions will find it difficult to feel superior.

[181] The Mother Church idea of organization was used until the Church became so big that centralized administration became cumbersome. Recently, in an attempt to decentralize, a new district organization has been inaugurated. The new plan provides for nine-man commissions to be set up where there are sufficient members, officers, and church buildings. This seems to provide sufficiently flexible administrative procedures for the growth of the Church.

Ele ainda complementa:

> A comissão de nove homens é composta por anciãos que tenha anos de experiência no ministério e administração da Congregação. Dentro de cada comissão, um presidente é escolhido junto com um secretário e um tesoureiro, na reunião anual realizada na Igreja Mãe. A comissão é algo como o presbitério da Igreja Presbiteriana. Cada comissão lida com toda a administração das igrejas dentro de sua jurisdição, incluindo finanças, construção e ministério pastoral não remunerado, com a exceção de selecionar e ordenar novos anciãos, o que é feito na assembleia anual. (READ, 1965, p. 38, tradução nossa)[182].

Ao acessar o trabalho de Read é possível ver que os anos em que ele fez pesquisa de campo na Congregação do Brás foram 1963 e 1964[183]. Em 1965 sua obra foi publicada. Até esta altura, foi possível mostrar algumas reestruturações por parte da denominação como forma de se adaptar ao crescimento da Igreja, quando percebeu a necessidade de descentralização e a intenção seguida de tentativa da criação de um distrito administrativo. Além disso, ele apresenta o projeto por parte da cúpula em criar comissões de nove homens – e ele disse bem, porque, esta função jamais é confiada às mulheres. Dito isto, gostaria de problematizar as pontuações acima e assim como em Émile-G. Léonard foi possível olhar de uma distância temporal mais ampla, partindo do aqui e agora. Com Read não será diferente. Volto afirmar que, quanto a isso, certamente a posição é privilegiada não só em relação ao tempo, mas também à teoria disponibilizada por outros pesquisadores e que estão a serviço da pesquisa.

Em 1964, já havia passado dois anos da reforma do Estatuto da Congregação Cristã no Brasil, ocorrida em 21 de abril de 1962. Portanto, todas as possibilidades de modificações apresentadas por ele, ainda eram projetos. Já foi mencionado anteriormente que somente em 1935 a Congregação Cristã se vê condicionada a manter registros de suas atividades, a fim de se adequar como personalidade jurídica, o que explica a primeira reforma estatutária em 30 de março de 1936.

Relativo à administração, o Estatuto de 1936 realmente mostra que o número de membros da diretoria era inferior ao desejado por eles em 1964. De acordo com o Artigo 6º do Estatuto de 1936: "A Administração é composta de sete membros eleitos em assembleia

[182] Each nine-man commission is composed of anciãos who have had years of experience in the ministry and administration of the Congregação. Within each commission, a president is selected along with a secretary and treasurer, at the annual meeting held at the Mother Church. The commission is something like the presbytery of the Presbyterian Church. Each commission handles all the administration of the churches with in its jurisdiction, including finances, construction, and the unpaid pastoral ministry, with the exception of selecting and ordaining new anciãos, which is done in the annual assembly.

[183] Conforme páginas 25; 26 (quando presencia a leitura de uma carta enviada por Francescon à Igreja brasileira em 1964); página 27 (quando em sua etnografia participou de um Batismo em novembro de 1963); e página 38 (quando registra o número de seis anciães ordenados em 1963, sabendo que as reuniões anuais sempre correm no período da Páscoa de cada ano).

geral por cinco annos e dentre elles serão escolhidos: um presidente, um secretário, um vice-secretário e um thesoureiro e os três demais farão parte de um conselho fiscal". Após o campo de Read, o Estatuto passou por uma nova reforma em 12 de abril de 1968. Nele a administração já aparece descentralizada e com a possibilidade de ter em sua composição nove integrantes, conforme Artigo 9º do Estatuto de 1968: "Em cada localidade a Congregação Cristã no Brasil terá uma administração composta no máximo de nove membros de acôrdo com a necessidade da Obra de Deus, os quais serão indicados pelo Conselho de Anciães local devidamente guiado da parte de Deus". Nota-se que além dos nove componentes, aparece o termo "Conselho de Anciães local", que substitui o termo "Assembleia geral". Outra mudança entre o Estatuto de 1936 e 1968 é a periodização dos membros administrativos. Em 1936 eles poderiam atuar por um período cinco anos. Já a partir de 1968 os membros da administração poderiam atuar por tempo indeterminado, conforme o Artigo 10º do Estatuto de 1968.

No total, o Estatuto original de 1931 foi reformado, seguido de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica, doze vezes: a primeira em 30 de março de 1936, seguidas de 23 de abril de 1943, 29 de novembro de 1944, 04 de dezembro de 1946, 08 de fevereiro de 1956, 21 de abril de 1962, 12 de abril de 1968, 23 de abril de 1975, 04 de abril de 1980, 13 de abril de 1995, 10 de abril de 2004 e a última reforma em 05 de junho de 2013. Creio que essas mudanças daqui para frente ocorrerão cada vez menos, com períodos cada vez mais longos entre um e outro. A periodicidade entre as reformas já mostra isso, talvez indicando que estão chegando ao limite de transformações. Aqui também defendo que tal fato é resultado muito mais do processo de racionalização, do que da preservação da tradição. Ou seja, são resultados do aperfeiçoamento racional dos Estatutos.

Feitas pontuações, cabe explicitar o que são estes nove membros administrativos que aparecem estatutariamente em 1968 e está presente ainda no último Estatuto, além de uma alteração no período que estes membros podem atuar. Sendo assim, segue a composição dos nove membros, conforme Artigo 5º do Estatuto de 2013: os três primeiros são Presidente, Secretário e Tesoureiro. Os três outros são (casos haja o entendimento da necessidade) seus respectivos Vices. E, finalmente, os três últimos são os que compõem o Conselho Fiscal, de acordo com o Artigo 40 do mesmo Estatuto: "Compete ao Conselho Fiscal, podendo ser assessorado por um contabilista, o exame de todos os documentos contábeis, financeiros e patrimoniais, emitindo o competente parecer para ser transmitido à Assembleia Geral". Quanto aos membros da administração, eles que em 1938 poderiam atuar por cinco anos e em

1968 por tempo indeterminado, em 2013 passam ter um mandato de três anos, com possibilidade de recondução aos cargos.

Para concluir o tópico sobre administração na CCB, como foi visto, as Igrejas que compõe a denominação possuem caráter descentralizado estatutariamente, desde 1968, porém, em 1964, quando Read fez sua pesquisa, já existia um protótipo deste modelo funcionando. Atualmente, em linhas gerais, as administrações funcionam de nível Local ao Geral. Ou seja: Administração Local, podendo ter no máximo uma administração por cidade; Administração Regional, não tendo limitações, mas só são abertas novas regiões quando o número de comunidades religiosas passa a sobrecarregar uma determinada região eclesiástica, condicionando a necessidade de uma nova administração regional para otimizar os trabalhos; Administração Estadual, não ultrapassando uma unidade administrativa por Estado; e finalmente a Administração Geral, cuja Sede é no Brás. Neste modelo, algumas decisões podem ser tomadas na base (administradores locais): como a compra e venda de imóveis ou terrenos (devidamente regularizados); decisão da planta arquitetônica (seguindo o padrão Congregação); construção ou reforma de igrejas (em sua maioria construída e/ou reformada com mão de obra voluntária dos próprios adeptos), mas elas precisam ser chanceladas pela administração regional a qual está subordinada. Os dados envolvendo todas as administrações e suas ocorrências durante o ano, devem encerrar seus balanços em 31 de dezembro daquele ano. Na sequência, devem ser apresentados à Assembleia Geral no máximo até 31 de março do ano seguinte. Cabe ressaltar que embora haja descentralização por um lado, e prestação de contas de tudo que foi comprado e movimentado por outro, a autoridade máxima e a palavra final diante de quaisquer não conformidades repousa sobre a Assembleia Geral da Congregação Cristã no Brasil, e não sobre a administração estadual, regional ou local.

William R. Read (1965), além de ajudar a entender a parte administrativa dentro da Congregação Cristã no Brasil, também aborda mais dois outros assuntos importantes, e que não devem ficar de fora. Um destes volta-se para o olhar externo, crítico/preventivo e apologético de um pastor Presbiteriano chamado Oscar Chaves. Também é possível referir a algo como uma observação de fora para dentro. O Reverendo Oscar Chaves assumiu e atuou como pastor da Igreja Presbiteriana de Santo André de 1952 até 1982. Ele, desde o início teve que conviver com as possíveis perdas de membros para sua maior concorrente, a Congregação Cristã no Brasil, do Brás, em São Paulo, situada a aproximadamente 20 quilômetros da cidade que pastoreava. Lembrando que Francescon não só teve uma passagem significativa pela Igreja Presbiteriana na América do Norte, mais também teve boa parte de seus primeiros prosélitos oriundos da Igreja Presbiteriana do Brás, criando assim um vínculo para além do

espacial, mas não sem fronteiras. Estas fronteiras, de acordo com a conjuntura poderiam aumentar ou reduzir sua intensidade. Em decorrência disto, Oscar Chaves publica em 1955, o livro "Alguns Erros dos Glória" pela Gráfica Kerus. Quanto a esta obra do Reverendo Chaves, nada melhor do que o resumo dos tópicos apresentados por Read. Nas palavras do pesquisador:

> Este é o título de um tratado polêmico escrito por um brasileiro, Oscar Chaves, para alertar seu povo (presbiterianos) aos perigos de se associar com os 'Glórias', apelido recebido no Brasil por suas práticas e pregações 'de outro mundo'. Ele cita seus erros nesta ordem: (1) Eles só oram na posição ajoelhada: Ele cita as escrituras para mostrar que estão errados. (2) Eles falam em línguas sem intérpretes: Ele cita 1 Coríntios 14:1-2 e outras escrituras para provar seu argumento. (3) As mulheres usam o véu: A necessidade disso é refutada. (4) Eles não têm pastores em suas Igrejas: Este ponto é muito contestado. (5) Eles fazem uma saudação especial para os crentes: Chaves diz que, segundo as escrituras, eles devem cumprimentar todos os homens da mesma maneira. (6) O batismo deles está errado: Chaves tenta provar que eles ensinam a regeneração batismal e insistem em imersão. (7) Eles são como espíritas, porque têm alguns as mesmas práticas e métodos usados pelos seguidores do espiritismo no Brasil. (READ, 1965, p. 38; 39, tradução nossa)[184].

Vamos tentar discorrer e problematizar estes sete pontos do tratado de Chaves, a partir de algumas observações, experiências e interpretações do campo de pesquisa na CCB. O primeiro ponto, a oração somente ajoelhada. Este comportamento não deve ser visto como uma desqualificação, pois este tipo de posicionamento em momentos de orações faz parte do cotidiano da religião cristã, seja no catolicismo, protestantismo, ou em todas as ondas do pentecostalismo brasileiro. A distinção aqui na Congregação Cristã está em sua totalidade e não apenas em momentos específicos.

No dia 26 de julho de 2018, participei de um ofício fúnebre em Porecatu, no Paraná, realizado pela liderança da Congregação Cristã daquela cidade. Na época não conhecia ninguém da Congregação Cristã. Nem mesmo a jovem senhora que havia falecido naquela ocasião. A minha ida ao local foi em apoio à irmã biológica morta, que era membro da Igreja em que pastoreava, situada também na mesma cidade. O espaço da funerária, destinado às pessoas que participam e apoiam os entes, estava superlotado, com pessoas do lado de fora, impossibilitadas de entrar no ambiente. Não me prendi a contar, mas com facilidade o número superava o montante de uma centena de pessoas dentro daqueles aproximados 150 m². Sem

[184] This is the title of a polemic tract written by a Brazilian, Oscar Chaves, to alert his people (Presbyterians) to the dangers of associating with the Glórias, who have been given this nickname in Brazil for their "other-worldly" practices and preaching. He cites their errors in this order: (1) They only pray in the kneeling position. He cites scripture to show they are wrong. (2)They speak in tongues without interpreters. He cites I Corinthians 14:1-2 and other scripture to prove his point. (3) The women use the veil. The necessity of this is refuted. (4) They have no pas tors in their churches. This point is hotly contested. (5) They have a special greeting or salutation for believers. Chaves says that according to scripture they should greet all men the same way. (6) Their baptism is wrong. Chaves tries to prove that they teach baptismal regeneration and insist on immersion. (7) They are just like Spiritualists in that they have some of the same practices and methods used by followers of Spiritual ism in Brazil.

dúvidas se tratava de uma pessoa muito querida. Ao término do emocionante e reflexivo ofício, houve um momento de oração. Fiquei surpreso com homens de ternos, e mulheres com suas cabeças cobertas por véus brancos, se ajoelhando para orar. Neste momento foi possível ver *in loco* que a prática da oração de joelhos se dá em qualquer ambiente. Além disto, ficou clara a distinção entre quem era membro da CCB e quem não era. Mesmo que estes últimos fossem cristãos, dificilmente se ajoelhariam naquele lugar, ainda que impelidos em reproduzir automaticamente a ação do grupo. Eu mesmo, como participante e observador, por não ser da CCB, fiquei de pé, ainda que realizando minhas orações silenciosamente pela família, fragilizada pelo acontecimento.

Uma sugestão a futuros pesquisadores quando em seus campos. Ao entrar em uma igreja da Congregação Cristã no Brasil, seja por reverência, por respeito, ou para dar seguimento a sua pesquisa, é de bom tom se posicionar de joelhos nos momentos de oração, ou como parte da liturgia do culto. Isto vale inclusive na chegada antes de tomar o assento. A primeira ação antes de sentar deve ser dobrar os joelhos no genuflexório, fechar os olhos, e fazer silenciosamente sua prece.

Figura 17 – Bancos da madeira

Fonte: Móveis Zanolello[185].

O segundo ponto no tratado de Oscar Chaves, aborda o falar em línguas, sem intérprete. Ao que parece, o trecho da Primeira Epístola do Apóstolo São Paulo a Igreja de Corinto, é à base da construção de Chaves sobre o assunto, visto que os outros textos bíblicos, embora mencionados, não são citados. Partindo deste texto, o primeiro apontamento é que o assunto abordado no capítulo 14, vai além dos versículos 1 e 2[186]. Precisa ser abordado

[185] Disponível em: https://www.moveiszanovello.com.br/bancos-para-igreja/ Acesso em: 02 fev. 2021.
[186] 1 Coríntios 14: 1-2 "Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. Porque o que fala em língua desconhecida não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala mistérios".

minimamente até o versículo de número 25[187]. Não é o desejo aqui preparar um sermão, muito menos uma exegese do texto, apenas dizer que se com os dois primeiros versículos, Oscar Chaves tenta refutar a glossolalia praticada por suau concorrente, se estes versos forem contextualizados, mostrarão que tal prática serve apenas para o conhecimento individual e só seria eficiente para transmissão coletiva, se houvesse ao mesmo tempo, alguém qualificado para traduzir simultaneamente o que estava sendo falado. Neste contexto paulino, o melhor mesmo seria falar de uma forma que diretamente, todos pudessem ouvir e entender em primeira mão, o que aconteceria através da profecia, ou seja, falar no idioma do nativo, palavras que ele possa ouvir, entender e agir segundo o que foi explicitado. Para ilustrar o que foi dito aqui, nada melhor que um exemplo simples e objetivo: Em 2002 quando fazia a graduação em Teologia, nosso professor de Filosofia em um dia aparentemente comum, chegou à sala de aula levando em suas mãos dezenas de jornais que distribuiu a turma. Logo em seguida olhando para nossos rostos espantados, disse: "É assim que se sente um analfabeto!". Todos os jornais eram em alemão. Um impacto para nós brasileiros, diante de parágrafos e mais parágrafos de notícias que não faziam sentido, a não ser a grande lição daquela aula.

O terceiro ponto, o uso dos véus entre as mulheres, também não é uma descaracterização em se tratando da Congregação Cristã no Brasil. Ela faz parte de sua

[187] 1 Coríntios 14:3-25 "Mas o que profetiza fala aos homens, para edificação, exortação e consolação. O que fala em língua desconhecida edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja. E eu quero que todos vós faleis em línguas, mas muito mais que profetizeis; porque o que profetiza é maior do que o que fala em línguas, a não ser que também interprete para que a igreja receba edificação. E agora, irmãos, se eu for ter convosco falando em línguas, que vos aproveitaria, se não vos falasse ou por meio da revelação, ou da ciência, ou da profecia, ou da doutrina? Da mesma sorte, se as coisas inanimadas, que fazem som, seja flauta, seja cítara, não formarem sons distintos, como se conhecerá o que se toca com a flauta ou com a cítara? Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha? Assim também vós, se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? porque estareis como que falando ao ar. Há, por exemplo, tanta espécie de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação. Mas, se eu ignorar o sentido da voz, serei bárbaro para aquele a quem falo, e o que fala será bárbaro para mim. Assim também vós, como desejais dons espirituais, procurai abundar neles, para edificação da igreja. Por isso, o que fala em língua desconhecida, ore para que a possa interpretar. Porque, se eu orar em língua desconhecida, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto. Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. De outra maneira, se tu bendisseres com o espírito, como dirá o que ocupa o lugar de indouto, o Amém, sobre a tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes? Porque realmente tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado. Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos. Todavia eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida. Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia, e adultos no entendimento. Está escrito na lei: Por gente de outras línguas, e por outros lábios, falarei a este povo; e ainda assim me não ouvirão, diz o Senhor. De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis; e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis. Se, pois, toda a igreja se congregar num lugar, e todos falarem em línguas, e entrarem indoutos ou infiéis, não dirão porventura que estais loucos? Mas, se todos profetizarem, e algum indouto ou infiel entrar, de todos é convencido, de todos é julgado. E, portanto, os segredos do seu coração ficam manifestos, e assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está verdadeiramente entre vós."

identificação e é levada a sério. Qualquer pesquisador que deseje fazer campo na CCB vai se deparar com este elemento da identidade congregacional. O que eles não sabem é como os milhares de véus são idênticos em qualquer parte do Brasil e do mundo, onde as Igrejas estão vinculadas a Sede do Brás. A resposta é justamente esta, a Sede. Todos os véus são encaminhados para suas distribuidoras situadas em pontos chaves, vinculados à própria denominação, a partir da sua Sede no Brás. Estes são vendidos sem atravessadores a preço único.

O quarto ponto do tratado de Chaves, "Eles não tem pastores". Este ponto também é alvo de questionamentos por parte da liderança da Congregação Cristã no Brasil em relação às Igrejas protestantes e pentecostais. Se Chaves, como pastor protestante, tenta descaracterizá-los por não ter pastor, a liderança da Congregação Cristã no Brasil, também faz uma crítica análoga a esta, pois é comum os anciães e cooperadores dizerem que as Igrejas evangélicas estão erradas, em adotar título de pastor entre o ministério eclesiástico. Para eles só existe um pastor, Jesus Cristo. Aqui, não faz muita diferença se é utilizada a nomenclatura de Padre, Pastor, Ancião ou Cooperador. Todas representam diferentes formas de abordar o mesmo assunto: Autoridades religiosas de linha cristã.

O quinto ponto, refere-se à forma de cumprimentar dentro do grupo, sendo esta diferente do tratamento destinado à sociedade geral. A forma de cumprimentar internamente na Congregação Cristã no Brasil, também compõe sua identidade. Eles, ao se encontrarem na igreja, ou em qualquer outro lugar, utilizam a frase: "Paz de Deus". Neste sentido não há diferenças significativas em relação à Assembleia de Deus, que utiliza a frase "Paz do Senhor", ou da Igreja do Evangelho Quadrangular, cuja frase é "Paz seja contigo" quando destinado a um indivíduo do mesmo grupo. Em todos os casos trata-se de identidade, portanto significa também as diferenças entre os grupos de pentecostais.

Em seu sexto tópico, o Reverendo Oscar Chaves atribui erro à forma com que a Congregação executa seu batismo. Sociologicamente, o batismo significa um rito de passagem e este está diretamente ligado aos parâmetros da religião em particular. Ou seja, basicamente, o erro ou estranhamento é visto por aqueles que estão de fora. De dentro, o modelo praticado faz sentido e carrega em si a legitimação necessária que o valida. Neste cenário, as Igrejas Católica, Metodista e a própria Presbiteriana que adotam o batismo por aspersão, são alvos de críticas de denominações pentecostais de todas as linhas, cuja prática é o batismo por imersão, mas não deixa de marcar uma passagem e integração ao grupo.

O sétimo ponto do tratado de Oscar Chaves, é o mais polêmico e controverso de todos, ao posicionar analogamente, algumas práticas dos adeptos da Congregação Cristã no Brasil,

ao espiritismo. Antes dele, Émile-G. Léonard já havia sinalizado sua preocupação quanto a esse assunto. Basicamente, a razão central para Léonard era a falta de formação teológica por parte dos líderes da Congregação Cristã, traduzida da rejeição de quaisquer formações intelectuais objetivas em detrimento de orientações espiritualmente subjetivas. Neste caso, um dos resultados era a forma como para ele, os adeptos da Congregação lidavam com a Bíblia, como se fosse um livro de oráculos que se abre à procura de respostas, sem que haja um conhecimento profundo de seu conteúdo. De acordo com Léonard (1951; 1952, p. 440): "Suas prédicas, feitas apenas sob a inspiração do Espírito, sobre textos que lhes são 'dados' naquele momento, não são preparadas". Para fundamentar sua tese, Léonard se vale de um episódio isolado e sem precedentes, de um homicídio ritual em uma pequena comunidade chamada "Irmandade Evangélica Apostólica de Jesus Cristo", ocorrido em maio de 1950, quatro meses antes da finalização de seu texto, em 18 de setembro de 1950. Este episódio, além de ter sido dramático e impactante, certamente não teve tempo suficiente para que Léonard o problematizasse. E o que é pior, sem que houvesse uma relação direta ou indireta com a Congregação Cristã[188]. Mesmo assim, ele projetou hipoteticamente algo perigoso que hoje, sabemos, jamais aconteceu. Neste contexto, os participantes da Congregação Cristã no Brasil diriam que o Reverendo Presbiteriano Oscar Chaves (1955, p. 39), com tamanho entendimento, ocorreu em heresia ao afirmar que "[...]. Eles são como espíritas, porque têm alguns as mesmas práticas e métodos usados pelos seguidores do espiritismo no Brasil".

Nas palavras de William R. Read: "O pequeno panfleto de Oscar Chaves é a única escrita polêmica que eu já vi [...]." (READ, 1965, p. 39).

Feitas as sete abordagens destes que podem ser entendidos como o olhar de fora para dentro, Read (1965), cabe agora apresentar o caminho oposto, ou seja, de dentro para fora. Portanto, outro assunto relevante para além da abordagem sobre a administração eclesiástica da Congregação Cristã no Brasil e do olhar de fora para dentro, é a forma como CCB confronta seus concorrentes, ao mesmo tempo em que se define dentro de uma atmosfera de exclusividade peculiar, isto porque boa parte dos integrantes do grupo "sentem que não há salvação fora de sua Igreja e, portanto, seguem uma política de não associação com outras Igrejas evangélicas. Eles não se associam nem a outras Igrejas pentecostais" (READ, 1965, p. 39). Dentro deste quadro, o pesquisador utiliza também sete pontos, mas como parâmetro

[188] Este episódio foi retirado por Léonard de um artigo publicado pelo "Diário da Noite" de São Paulo em 16/05/1950, e também do "Cruzeiro", artigo de 10/06/1950 e 17/06/1950. Embora a comunidade "Irmandade Evangélica Apostólica de Jesus Cristo" não ter relação com a Congregação do Brasil, Léonard faz à compara com a CCB, pelo fato de não haver nestas igrejas nenhuma formação teológica e nem um grupo de teóricos especializados para dar suporte aos adeptos.

comparativo na perspectiva da CCB para com sua correspondente direta, a Assembleia de Deus:

> Os Glórias dizem que não se associam à Igreja das Assembleias de Deus porque: (1) Tem pastores que recebem dinheiro por seu trabalho pastoral. (2) Suas mulheres não usam o véu. (3) Seus membros não se ajoelham quando oram, (4) nem observam o Santo Beijo. (5) Eles fecham a porta quando estão orando. (6) Além disso, as Assembleias têm uma saudação diferente. (7) Eles ensinam o batismo do Espírito Santo de uma maneira diferente. (READ, 1965, p. 39; 40, tradução nossa)[189].

Aqui, nestas sete pontuações, é possível ver mais uma vez que tais diferenças são caracterizações identitárias, que, isoladamente ou em conjunto, não vão interferir significativamente em sua personalidade eclesiástica. Nestes quesitos, embora se tente afirmar a existência de distanciamentos, se estão presentes, suas fronteiras estão mais próximas do que se imagina. O mesmo não vale para a temática política institucionalizada, hoje muito presente no meio evangélico, mas não no passado. Aqui sim, é possível afirmar a existência de uma fronteira fechada. Segundo Read (1965):

> A Congregação não se associa ao movimento 'Brasil para Cristo' porque seu líder, Manoel de Melo, tem os dedos na política e a Congregação acredita que os fiéis não podem participar de política de qualquer maneira (exceto para votar) sem comprometer-se ou contaminar-se. Além disso, para eles, o 'Brasil para Cristo' parece muito mundana e orgulhosa, seguem a liderança humana, e não as revelações do Senhor, enquanto sua direção, chega através do Santo Espírito. (READ, 1965, p. 40, tradução nossa)[190].

Sociologicamente, é na política – e não apenas em Manoel de Melo, o pioneiro a entrar no campo político entre as denominações pentecostais – que está uma das grandes distinções entre a Congregação Cristã no Brasil e a maioria das outras religiões de linha cristã. Se Manoel de Melo largou na frente entre o meio pentecostal, antes dele o catolicismo e o protestantismo presbiteriano já haviam demonstrado suas intenções. E depois dele, denominações como a própria Assembleia de Deus, seguidas da Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Universal do Reino de Deus seguem à procura destes espaços antes disputados apenas pelas "pessoas do mundo". A Congregação Cristã, não! Ela, além de não se envolver, reforçou suas fronteiras quanto a este tema, tornando-o praticamente intransponível.

A temática Política, não aparece no Estatuto da Congregação Cristã no Brasil de 1936. Mas o tema surge na Reunião de Ensinamentos de 1948, já como um tabu. Detalhe: muito

[189] The Glórias say they do not associate with the Church of the Assemblies of God because: (1) It has pastors who receive money for their pastoral work. (2) Its women do not use the veil. (3) Its members neither kneel when they pray, (4) nor observe the Holy Kiss. (5) They shut the door when they have prayer. (6) Further, the Assemblies have a different salutation. (7) They teach the Baptism of the Holy Spirit in a different way.

[190] The Congregação does not associate with "Brasil para Cristo" movement because its leader, Manoel de Melo, has his fingers in politics and the Congregação believes that the faithful cannot participate in politics in any manner (except to vote) without compromising or contaminating themselves. Further, for them, "Brasil para Cristo" appears to be too worldly and proud, following human leadership rather than the revelations of the Lord and His leading which comes to them through the Holy Spirit.

antes da fundação da Igreja O Brasil para Cristo. Este é um ponto importante, pois elimina qualquer possibilidade de afirmações que este posicionamento ocorreu como uma forma de defesa contra líderes evangélicos que tentavam encorajar outros grupos a se unirem na defesa do reino de Deus através da administração pública. Em suma, antes mesmo de haver Igrejas pentecostais com pretensões políticas, a CCB já se mostrava uma denominação "apolítica"[191].

Na Reunião, ocorrida nos dias 25, 26 e 27 de março de 1948, período que Louis Francescon esteve no Brasil – em sua última viagem ao país, acompanhado de sua Esposa Rosina, de outubro de 1947 a outubro de 1948 –, entre os assuntos tratados estava o tema política. Em 2002, a Igreja publicou um livreto cuja tiragem foi de 300.000 unidades com o título "Congregação Cristã no Brasil: Resumo da convenção realizada em fevereiro de 1936 e Reuniões e Ensinamentos realizadas em março de 1948". O resumo das reuniões e ensinamentos de 1948 diz sobre política:

> Nas Congregações não são admissíveis partidos de espécie alguma; cada um é livre, cumprindo o seu dever de votar, que é uma determinação da lei. Todavia nós, remidos pelo Sangue do Concerto Eterno, nunca devemos votar em partido que negue a existência de Deus e a sua moral. (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2002, p. 21).

E ainda complementa: "Quem ocupar cargos no ministério não deve aceitar encargos políticos. Não deve permitir que candidatos a cargos políticos venham fazer propaganda ou visitar às Casas de Oração com esta finalidade." (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRAIL, 2002, p. 21).

O ápice deste fechamento fronteiriço está presente no último Estatuto, o de 2013. Nele já não é um Ensinamento, mas uma incorporação legal, em seu Artigo 1º:

> A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL é uma comunidade religiosa fundamentada na doutrina apostólica (Atos 2:42 e 4:33), organizada nos termos do artigo 44, inciso IV da Lei 10.406/02, apolítica, sem fins lucrativos, constituída de número ilimitado de membros, sem distinção de sexo, nacionalidade, raça, ou cor, tendo por finalidade propagar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor a Deus, tendo por cabeça só a Jesus Cristo e por guia o Espírito Santo (São João, 16:13). Iniciada em Junho de 1910, com Estatuto regularmente aprovado em 04 de Março de 1931 e reformado em 30 de Março de 1936, 23 de Abril de 1943, 29 de Novembro de 1944, 04 de Dezembro de 1946, 08 de Fevereiro de 1956, 21 de Abril de 1962, 12 de Abril de 1968, 23 de Abril de 1975, 04 de Abril de 1980, 13 de Abril de 1995, 10 de Abril de 2004 e 05 de Junho de 2013.

Explicito como está, e também por meio de interlocuções com anciães, cooperadores, e membros comuns, é possível afirmar que não existe possibilidade de mudanças em relação à política dentro da Congregação Cristã no Brasil, ou pelo menos da forma como percebemos a denominação até aqui. Se alguém dentro do grupo desejar algo diferente do proposto, deve

[191] Termo utilizado por eles.

fazê-lo em outro lugar. Para concluir o que acabou de ser afirmado, e refutar críticos quanto a isto, o Artigo 16 do Estatuto de 2013 diz que:

> Dar-se-á a extinção da CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL quando for comprovado que não mais existam fiéis que sigam a mesma Fé e Doutrina, em todo Território Nacional. Dissolvida a CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, far-se-á a sua liquidação de conformidade com as leis em vigor, destinando-se o seu patrimônio a asilos, orfanatos, escolas e hospitais públicos.

Este artigo, por sua vez, possui caráter muito mais escatológico do que de radicalismo. E, quanto à postura de rejeição política, para uma denominação em que valores dogmáticos como humildade e fidelidade são fundamentais, não precisa fazer parte de uma Igreja sectária – utilizando o termo weberiano – para entender que a forma de fazer política não possui muita afinidade com tais valores. Dito isto, cabe agora seguir para o terceiro pesquisador chave, Emilio Willems.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL INTERPRETADA A PARTIR DE EMILIO WILLEMS

O antropólogo cultural Emilio Willems, nasceu na Alemanha que 1905. Em seu país de origem, iniciou sua formação acadêmica em Ciências Econômicas na Universidade de Colônia e em seguida foi para Universidade de Berlim onde teve contato com as teorias weberianas e também com estudos sobre etnologia. Em 1931 ele se mudou para o Brasil, na cidade de Brusque, Estado de Santa Catarina, passando a lecionar em um Seminário Católico e, também, como professor secular. Ainda atuou como professor no Estado do Paraná, mas em 1936, segue para São Paulo onde passou a atuar como professor de sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política da USP. Em 1941, Willems torna-se professor pioneiro na disciplina de antropologia, e passa a lecionar a disciplina na Universidade de São Paulo, ajudando consolidar a disciplina, que em 1947 passa a contar com a especialização em Antropologia e em seguida, em 1948 se torna disciplina obrigatória de Antropologia sob a Cadeira nº 49, tendo Emilio Willems como regente. No outro ano, em 1949, Willems se muda para a América do Norte, onde atuou como professor na Universidade de Vanderbilt até se aposentar em 1974. Um ponto importante é o fato de Willems, mesmo atuando como professor da Universidade de Vanderbilt, retornou várias vezes ao Brasil, contribuindo intelectualmente e também fazendo pesquisa. Entre seus pares brasileiros estão Egon Schaden, que foi seu primeiro assistente e aquele que herdou sua Cadeira na USP em 1950, e também o Sociólogo Florestan Fernandes. De acordo com Pereira (1994, p. 250): “[...] A

Willems devem-se pesquisas de campo e reflexões que tiraram a Antropologia feita no país de seu interesse apenas pelo biológico e pelo tribal e a colocaram como ciência preocupada com a análise e a interpretação de aspectos cruciais da sociedade complexa brasileira. [...]".

Uma das obras de Willems e a que nos interessa para essa pesquisa é "*Followers of the new faith: culture change and the rise* of Protestantism in Brazil and Chile", publicada pela Vanderbilt University Press em 1967. Esta é peça fundamental para a abordagem sobre a Congregação Cristã no Brasil e como vimos, o pesquisador passou boa parte de sua vida tendo contato com a cultura brasileira e a pesquisar, inclusive o pentecostalismo no Brasil e Chile. No Brasil, embora tenha citado a Assembleia de Deus, seu objeto de pesquisa principal em se tratando da religião pentecostal, foi aquela iniciada por Louis Francescon. Já no Chile, ele se preocupou com o ramo pentecostal que surgiu a partir de um cisma na Igreja Metodista.

O objetivo aqui é estabelecer, assim como foi feito com os dois pesquisadores anteriores, mais um diálogo com um clássico do pentecostalismo congregacional cristão, resgatando as percepções e interpretações deste objeto pesquisado por Willems e, na medida do possível, dialogando com o que vem sendo apreendido até aqui. Neste sentido, com dados atualizados, buscam-se abordar mudanças, permanências e se possível reformular algumas questões apontadas pelo autor.

Entre os pontos importantes em Willems (1967) em sua abordagem como antropólogo cultural que são relevantes apresentar, e que estão para além da inserção de Francescon a colônia italiana de São Paulo, apontam, para várias heranças italianas implementadas na própria religião que, em certa medida, traziam um pouco da cultura praticada na Itália para dentro do Brasil. Sua primeira menção foi sobre a importância dada à música instrumental de estilo operístico no seio dos religiosos imigrantes italianos (WILLEMS, 1967, p. 118; 119, 151); o véu, utilizado pelas mulheres, como uma herança do catolicismo rural italiano (WILLEMS, 1967, p. 151); o distanciamento entre homens e mulheres, também decorrente da tradição católica rural italiana (WILLEMS, 1967, p. 152). Outro entre os pontos importantes é sua comparação entre a Congregação Cristã e outras agências pentecostais e/ou protestantes, em que a CCB aparece como *sui generis* quando se posiciona distante do processo de modernização (WILLEMS, 1967, p. 120; 121); quando não produz material escrito para divulgação externa e com este se promover (WILLEMS, 1967, p. 122); ao reduzir de forma significativa a distância entre os que estão no topo e os que estão na base – igualitarismos diante do Sagrado e dos homens (WILLEMS, 1967, p. 142); quando recusa toda forma de mandato pastoral por ordenação via legitimação em instituições de ensino teológico (WILLEMS, 1967, p. 143; 144); e talvez, a mais controversa delas, ou seja, a permissão de

consumo de bebidas alcoólicas (WILLEMS, 1967, p. 152; 153); e, ainda, embora não seja polêmica quanto a anterior, esta também demonstra tons de permissividade peculiar à Congregação Cristã. A saber, ela não condiciona seus adeptos à preservação dos dias de domingo, comum a outras Igrejas linha cristã (WILLEMS, 1967, p. 153), e podemos acrescentar também o dia de sábado, priorizado maximamente pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Por fim, o derradeiro e relevante ponto, que talvez possa ser considerado histórico, é a utilização do termo "pentecostalismo". Portanto, com o antropólogo Emilio Willems o termo pentecostalismo aparece pela primeira vez como definição (conforme páginas 64; 67; 76; 79; 85; 90; 109-112; 117; 121-123; 134; 139; 140; 145; 157; 216; 233). Lembrando que Léonard utilizou o termo pentecostismo (LÉONARD, 1951; 1952, p. 434; 435; 438; 439). Já Read (1965) não utilizou nem um, nem outro.

Dito isto, é hora discorrer de forma mais ou menos sistematizada as apresentações de Willems. Inicia-se pela constatação do pesquisador sobre práticas comuns à Igreja do Evangelho Quadrangular e que foram utilizadas por parte das agências pentecostais, exceto pela Congregação Cristã no Brasil. De acordo com o autor, todas as

> [...] novas seitas usam com mais ou menos sucesso as técnicas operacionais da Cruzada, a saber, a tenda do avivamento, o rádio e o Evangelho da Salvação Imediata. O último enfatiza que Jesus não apenas salva, mas salva agora e aqui neste mundo. Isso significa que a salvação da doença e dos males sociais de nosso tempo está disponível para os fiéis. A combinação dessas três técnicas teve efeitos quase revolucionários sobre os métodos de evangelização até então utilizados. As transmissões religiosas tornaram-se procedimentos padronizados, não apenas nas novas seitas, mas também nas Igrejas históricas. O único órgão religioso que permaneceu totalmente distante dessa modernização é a Congregação Cristã e, curiosamente, sem avivamentos de tendas, sem transmissões, sem nenhum tipo de exibição pública, essa seita atraiu mais pessoas do que qualquer outro organismo protestante no Brasil, exceto a Assembleia de Deus. (WILLEMS, 1967, p. 120; 121, tradução nossa)[192].

Realmente, na década de 1950 e 1960, as Tendas eram muito utilizadas pela Igreja do Evangelho Quadrangular e pela Igreja O Brasil para Cristo. Mas com a estruturação de ambas as Igrejas, estas tendas foram dando lugar a templos de alvenaria. Já no tocante aos meios midiáticos, as mudanças ocorreram e vem ocorrendo no sentido potencializado, pois além do rádio, hoje a televisão e a internet são importantes instrumentos de divulgação dos trabalhos.

[192] […] these new sects use with more or less success the operational techniques of the Crusade, namely, the revival tent, the radio, and the Gospel of Im mediate Salvation. The latter emphasizes that Jesus not only saves, but he saves now and here in this world. This means that salvation from sickness and the social evils of our time is available to the faithful. The combination of these three techniques has had almost revolution ary effects upon the methods of evangelizing which hitherto had been utilized. Religious broadcasts have since become standard procedure, not only in the new sects, but in the historical churches as well. The only religious body that has remained entirely aloof from such modernization is the Christian Congregation and, interestingly enough, without tent revivals, without broadcasts, without any sort of public exhibition at all, this sect has attracted more people than any other Protestant body in Brazil, except the Assembly of God.

Neste contexto, seguindo em direção à CCB, ela permanece avessa a este tipo de ferramenta moderna e ainda segue produzindo seus prosélitos internamente, a partir de suas redes sociais de parentes e amigos próximos.

Antes de seguir em frente, gostaria de relembrar que o termo "seita", que várias vezes aparece no texto de Emilio Willems não se trata de um conceito com juízo de valor negativo, ou seja, pejorativo. O termo aqui tem sentido weberiano, utilizado com frequência entre os cientistas sociais possuindo características próprias como, por exemplo, a seleção voluntária de seus membros e o acompanhamento sistemático da idoneidade de seus adeptos.

Feitas essas considerações, retorno a Willems. O pesquisador traz um assunto importante para reflexão, que quebra em parte um pouco do que se pensa a título de senso comum sobre o meio evangélico pentecostal. Diferentemente das denominações protestantes que reconhecidamente possuem uma tradição vista como intelectualizada e de produção intelectual, inclusive contando com várias Instituições de Ensino, para muitos, acredita-se que o pentecostal brasileiro se distancia deste modelo. Nesta citação, Willems demonstra que não é bem assim o que acontece dentro do pentecostalismo brasileiro, mas também apresenta a Congregação Cristã como uma configuração à parte. Segundo o pesquisador,

> [...] o movimento pentecostal no Brasil produziu uma impressionante literatura própria. Emilio Conde, da Assembleia de Deus, é autor de pelo menos meia dúzia de livros. Muitos líderes de seitas são escritores talentosos que publicam abundantemente em periódicos e folhetos religiosos que podem ser comprados em bancas de jornais e, em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, em livrarias especializadas. O bispo Eurico Mattos Coutinho, ex-presbiteriano que se tornou fundador e líder de uma seita pentecostal, anotou as revelações que recebeu do Espírito Santo e as publicou em um volume de considerável qualidade literária. Novamente, a única exceção é encontrada na Congregação Cristã que condena, por uma questão de princípio, todas as declarações públicas como manifestações da vaidade humana [...]. (WILLEMS, 1967, p. 122, tradução nossa)[193].

Além disso, assim como as primeiras reflexões sobre o tema, com Émile-G. Leonerd e, também, com William R. Read, as observações e posicionamento de Willems tem mais de 50 anos, o que nos ajuda, como nos pesquisadores anteriores, problematizar o assunto tendo o tempo a nosso favor. Neste contexto, sabemos que as Assembleias de Deus, embora sejam contemporâneas em fundação com a Congregação Cristã no Brasil, há muitos anos vêm mantendo uma postura de inserção sistemática ao conhecimento institucionalizado.

[193] […] the Pentecostal movement in Brazil has produced an impressive literature of its own. Emilio Condé of the Assembly of God is the author of at least half a dozen books. Many sect leaders are gifted writers who publish abundantly in periodicals and religious tracts that may be bought at newspaper stands and, in such cities as São Paulo and Rio de Janeiro, in specialized book stores. Bishop Eurico Mattos Coutinho, a former Presbyterian who became the founder and leader of a Pentecostal sect, wrote down revelations he received from the Holy Spirit and published them in a volume of considerable literary quality. Again, the only exception is found in the Christian Congregation which condemns, as a matter of principle, all public utterances as manifestations of human vanity.

Atualmente, as Assembleias de Deus já contam com um pequeno grupo de pesquisadores com mestrado e doutorado, principalmente nas áreas de teologia e ciências da religião, e com uma legião de adeptos graduados em teologia e em muitas outras áreas de concentração de conhecimento. Ela conta ainda, com várias Instituições de Ensino Superior, como a Faculdade Cristã de Curitiba, na região Sul do Brasil, e a Faculdade Boas Novas em Manaus, na região Norte do país. Ambas contam com os Cursos de graduação e especializações Lato Sensu reconhecidos pelo MEC e têm suas atividades voltadas para a formação de lideranças religiosas, com prioridade para futuros pastores, mas a última vem expandindo seu raio de atuação. Conta além do curso de graduação em Teologia (Ciências Teológicas), com os cursos de graduação em Administração, Ciências Contábeis, Ciências da Religião, Direito, Jornalismo, Pedagogia e Psicologia.

Quanto à Congregação Cristã, realmente o cenário parece ainda o mesmo, pois, mesmo com o passar dos muitos anos, a formação de suas lideranças, bem como as escolhas para atuação dentro da denominação continuam a cargo do Espírito Santo. Digo parece, porque vem surgindo – na verdade já existia, mas não era de meu conhecimento no passado – aos poucos outro tipo de iluminação, mais conhecida de nós pesquisadores. Em 2019 – ano de maior intensidade em minha pesquisa de campo – foi possível através da expansão de minhas redes de contato, conhecer vários adeptos ligados à Congregação Cristã no Brasil, com formação acadêmica e atuando em suas áreas de formação. Neste ano, dois pesquisadores me chamaram atenção para um possível desenho de um novo cenário. Entre estes está o professor Mairon Escorsi Valério, doutor em História pela Unicamp e Leonardo Marcondes Alves, mestre em Antropologia Cultural pela Uppsala Universitet, Suécia e doutorado em andamento em Ciências da Religião pela VID Specialized University, Noruega. Além destes dois, em 2020 conheci o professor Micael Alvino da Silva, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Claro que existem mais que três agulhas neste palheiro, entretanto estes são exemplos que já demonstram um sinal de quebra de paradigma, ou pelo menos a existência de um paradoxo em se tratando da Congregação Cristã.

Como vimos a Congregação Cristã se diferencia por não adotar uma postura de legitimação através dos estudos da forma que grande parte da sociedade entende como dado. Neste contexto, gostaria de dizer que os estudos, sobretudo os teológicos, mas também os acadêmicos, não devem ser pensados como radicalmente combatidos pela liderança e, também, pelos adeptos da referida denominação – mesmo que pareça ser assim. Portanto, para se chegar à altura de aprovação em um curso superior e consequentemente a entrada nestas esferas de conhecimento, é preciso passar pelos ensinos básico, fundamental e médio.

Nenhuma dessas etapas de formação é combatida dentro da Congregação Cristã no Brasil. Ao contrário, faz parte da formação pessoal. Mesmo o ensino acadêmico, não é um tabu, não obstante, não deve servir de reconhecimento valorativo seja pessoal ou coletivo, pois nada pode competir com os valores oriundos da humildade e dependência do Sagrado. Neste contexto, os estudos teológicos não se encaixam como aceitação, porquanto, além de ser percebido como um potencial elemento de arrogância para muitos daqueles que detêm esse tipo de saber, ele também retira parte da dependência do Sagrado, colocando o homem à deriva e sujeito ao mal, segundo essa concepção religiosa.

No Estatuto de 1936 da Congregação Cristã que foi a reforma do Estatuto de 1931[194], aparece pela primeira vez uma relevante citação introdutória, e que se repete em outras reformas de seus Estatutos que diz:

> Jesus é o cabeça da Igreja, o Espírito Santo é a lei para guiá-la em toda a verdade. Sua organização é a caridade de Deus no coração de seus membros, que é o vínculo da perfeição. Onde esses três não governam, é satanaz que governa em forma de homem para seduzir o povo de Deus com sabedoria humana. (Diário Official do Estado de São Paulo, 06/03/1936).

Com esta citação é possível pensar a Congregação Cristã como uma denominação que, em se tratando da espiritualidade eclesiástica, embora haja distinção hierárquica, todos, sem distinção devem estar condicionados à vontade de Deus. Assim, todas as possíveis formas de educação teológica são eliminadas sem que haja resistência. A apreensão do conhecimento bíblico por parte dos anciães e cooperadores é confiada a eles pelo transcendente, e nesta esfera de conhecimento, o que vem do homem capacitado pelos Institutos Teológicos é visto como profanação. Na prática, o que alguns podem entender como improvisação, para aqueles que fazem parte do grupo religioso em questão, trata-se de uma mensagem do alto, revelada aos homens através do Espírito Santo.

Neste sentido, Willems entende que a Congregação Cristã se diferencia de todas as outras por achatar a distância hierárquica. Conforme o pesquisador:

> [...]. Essa seita, que em muitos aspectos ocupa uma posição *sui generis* dentro do movimento pentecostal, reduziu a distinção entre leigos e clérigos quase ao ponto da obliteração. Não há bispos nem pastores. A liderança 'espiritual' da seita é confiada a uma Junta de Anciãos que se perpetua, 'revestida com os dons do Espírito', significando que eles devem ter sido batizados pelo Espírito Santo. (WILLEMS, 1967, p. 142, tradução nossa)[195].

---

[194] Francescon participou ativamente da elaboração do Estatuto de 1931 e, também, da reforma que concluiu o Estatuto de 1936. Em ambos, ele esteve presente na Assembleia Geral (8ª viagem ao Brasil: Janeiro de 1931-Maio de 1932; 9ª viagem ao Brasil: agosto de 1935-maio de 1937).

[195] […]. This sect, which in many respects occupies a position sui generis within the Pentecostal movement. has reduced the distinction between laity and clergy almost to the point of obliteration. There are neither bishops nor pastors. The "spiritual leadership of the sect is entrusted to a self-perpetuating Board of Elders, revested with the gifts of the Spirit," meaning that they must have been baptized by the Holy Spirit.

Nesta citação, para além da possibilidade da relação entre os leigos e os clérigos, dentro da CCB, é possível problematizar a condição do ancião. Ou seja, se por um lado existe a redução entre as classes dentro da religião, a estrutura não entra em conflito porque além deste carisma pessoal necessário ao ancião, existe uma concepção de autoridade por faixa etária. Portanto, quanto mais velho é aquele que tem o título de ancião, maior sua representatividade. Isto impede qualquer um de ter pretensão de poder, pois a única forma de se chegar ao topo é herdando o lugar dos mais velhos que vão morrendo. Logo, também fica explícito que não há ancião jubilado de suas atividades eclesiásticas. Mas, como ocorre esta inserção ministerial?

De acordo com Willems:

> Três requisitos devem ser cumpridos antes que um novato possa aderir ao Conselho. Antes de tudo, a escolha feita pelo Conselho deve ser confirmada pelo Espírito Santo. O noviço é apresentado à assembleia dos Anciãos que buscam iluminação pelo Espírito em orações silenciosas. Se a escolha for confirmada, o novato será 'ordenado' pelo membro mais antigo do Conselho. Finalmente, deve haver um acordo unânime da associação à qual o novo membro pertence. Nem os anciãos nem seus assistentes, os diáconos e cooperadores recebem salários ou qualquer forma de remuneração. Eles devem até arcar com os custos das viagens que podem ser chamados a fazer no interesse da seita. (WILLEMS, 1967, p. 142, tradução nossa)[196].

Em duas oportunidades foi possível escutar um pouco da dinâmica destas escolhas, visto que se trata de uma reunião privada, e ao que nós pesquisadores temos acesso são apenas os relatos de uns poucos interlocutores. Gostaria apenas de contribuir com pequenas informações que estão interligadas e julgo serem importantes neste contexto. A primeira é que não é o noviço a ser apresentado, e sim seu nome. O candidato a ser elevado a ancião, embora seja alguém envolvido com os trabalhos na Igreja, portanto, merecedor do possível cargo, este, passa por um processo de investigação, sem o seu conhecimento. Os investigadores habilitados procuram verificar se o candidato é um bom pai, bom esposo, bom pagador, integro, etc. Ou seja, que ele possua qualificações muito semelhantes com as apontadas por Weber entre os protestantes, e que o coloque como confiável representante da Igreja em que estará à frente. A segunda informação está relacionada com as orações que confirmarão ou não a ele ser um líder. Elas são feitas por um grupo de anciães, todos de joelhos e a confirmação é dada a cada um deles em particular pelo próprio Espírito. Estes, após receber o

[196] Three requisites are to be fulfilled before a novice may accede to the Board. First of all, the choice made by the Board must be confirmed by the Holy Spirit. The novice is presented to the assembly of Elders who seek illumination by the Spirit in silent prayers. If the choice is confirmed the novice is ordained" by the oldest member of the Board. Finally, there must be unanimous agreement of the congregation to which the new member belongs. Neither the elders nor their assistants, the deacons and co-operators, receive salaries or any form of remuneration. They must even defray the cost of travels which they may be called to make in the interest of the sect.

sinal, selam com a palavra: "Amém!". Assim acontece um após outro, até que todos tenham sido iluminados com a resposta, confirmando com a mesma palavra, "Amém!". O ponto alto neste processo é a unanimidade das respostas. Caso haja alguma negativa, ainda que seja a do ancião mais novo entre o grupo, o candidato é recusado. Este processo não gera desconforto ou frustrações, porque a pessoa não toma conhecimento nem da sugestão de seu nome como candidato, ou da investigação de suas condutas e muito menos do que aconteceu dentro do recinto de oração. Ele só toma conhecimento se for aprovado, recebendo a missão com alegria e aceitando as condições inerentes a ela:

> 'Os profissionais da religião estragam tudo', fomos informados quando perguntamos a um Ancião por que não havia pastores assalariados. Quando observamos que o trabalho dos Anciãos era um trabalho de tempo integral e, consequentemente, eles deveriam ser remunerados para libertá-los da obrigação de ganhar a vida, nossos informantes recuaram horrorizados, como se tivéssemos cometido um sacrilégio. Todos os Anciãos pareciam ter alguma ocupação regular. Um era encanador, outro possuía um pequeno estabelecimento de impressão, outros ainda eram pedreiros, carregadores e funcionários de ferrovias. Havia também o coproprietário de uma grande planta industrial que, a pedido de sua família, parecia dedicar a maior parte do tempo à seita. (WILLEMS, 1967, p. 142, tradução nossa)[197].

De fato, todos os trabalhos realizados dentro da Congregação Cristã são voluntários e a melhor forma de corroborar esta decisão inicial de Francescon, que perdura por mais de um século é começar do topo da hieraquia. Além disso, a citação de Willems serve de partida para algumas reflexões. Portanto, nota-se que entre os anciães, podemos ver pessoas comuns dentro da sociedade – e o campo apontou várias vezes – o que mostra que pessoas em melhores condições financeiras não tem prioridade no ministério, mas também não estão impedidas. Por exemplo, este "coproprietário de uma grande planta industrial", citado entre os pedreiros e carregadores é o ancião Miguel Spina, que realmente passou a se dedicar a Igreja em tempo integral, mesmo fazendo parte da empresa dos Irmãos Spina:

> O meu pai trabalhou com os meus tios de moço, e em 1938 quando ele foi ordenado ancião, ele passou a ter alguma função bem de leve na empresa. Apenas algumas assinaturas como procurador da empresa, mas ele tinha a sala dele, como todos os outros quatro irmãos. Meu pai era acionista do grupo, junto com os meus tios, com todos os direitos e obrigações em contrato. Ele tinha o salário igual o salário dos meus tios, retiradas de fim de ano, igual a retirada dos meus tios, ou seja, era sócio deles, com todos os direitos e obrigações. (Sr. Miguel Lysias Spina: entrevista realizada em 06/05/2020).

[197] The professionals of religion ruin everything, we were told when we asked an Elder why there were no salaried pastors. When we remarked that the work of the Elders was a full-time job and, consequently, they ought to be remunerated to free them from the obligation of earning a living, our informants recoiled in horror, as if we had committed a sacrilege. All Elders appeared to have some regular occupation. One was a plumber, another owned a small printing establishment, still others were bricklayers, porters, and railway employees. There was also the Co-owner of a large industrial plant who, at the request of his family, seemed to devote most of his time to the sect.

Voltando à citação de Willems (1967, p. 142), ela mostra também que o trabalho "para Deus", para aqueles que têm oportunidade é visto como honrosa prioridade, estando acima do próprio trabalho secular, mesmo quando este é altamente rentável. Além disso, existe consenso e reconhecimento quanto a isto, mesmo para aqueles que não têm tal privilégio, mas que compõe o grupo religioso.

Dentro destas múltiplas contribuições de Emilio Willems, uma que gostaria de resgatar em especial refere-se à comparação feita por ele a partir de um único exemplo do modelo de ancião nos Estados Unidos e o modelo de ancião no Brasil. Nas palavras de Willems:

> Diferentemente de todas as outras seitas que tivemos oportunidade de investigar, a Congregação Cristã repudia a ideia de um mandato pastoral instituído por ordenação e com base no pressuposto de legitimidade implícita. Os funcionários da seita, independentemente da posição e mérito, devem buscar a validação divina para cada ato individual que são chamados para realizar. De fato, somente o Espírito Santo tem o poder de tomar decisões, e os funcionários da seita são meros executores de Sua vontade revelada. O curso de desenvolvimento que a Congregação Cristã adotou no Brasil constitui claramente uma adaptação regional dos princípios sectários, conforme interpretados, por exemplo, nos Estados Unidos. Nesse país, a pequena Congregação Cristã prefere pastores assalariados, treinados em Seminários. Um visitante americano, um membro piedoso da seita, mostrou surpresa e entusiasmo pela humildade de seus irmãos brasileiros. 'Lá, nos EUA', observou ele, 'nós temos Seminários, e há muita vaidade. Entende? Aqui eles deixam o Espírito trabalhar, e é por isso que a Igreja continua'. (WILLEMS, 1967, p. 143; 144, tradução nossa)[198].

Na medida do possível, problematizar esta comparação não é tarefa fácil, pois existem elementos importantes que devem ser considerados. Primeiro, estamos falando de um antropólogo teoricamente experimentado. Depois, como especialista e cidadão ele teve profundo contato com a cultura brasileira, pois mudou da Alemanha para o Brasil em 1931, residindo no país até 1949, quando se transfere para os Estados Unidos para lecionar na Universidade Vanderbilt. Além destes dois pontos, soma-se o fato de a pesquisa realizada por ele ter ocorrido em 1960, ou seja, mais de uma década de observações e contatos nas culturas sul-americana e norte-americana. Porém, tal comparação me chamou a atenção, justamente por contrariar dois pilares fundamentais e uniformes dentro desta denominação, que é a crença na liderança religiosa forjada através da orientação, confirmação e formação pelo Espírito Santo, sem qualquer intervenção de instituições de ensino, e o tabu ao recebimento de

[198] Unlike all other sects we had opportunity to investigate, the Christian Congregation repudiates the idea of a pastoral mandate instituted by -ordination and based on the assumption of implicit legitimacy. The functionaries of the sect, regardless of rank and merit, must seek divine validation for each individual act they are called upon to perform. In fact, only the Holy Spirit has the power to make decisions, and the sect's functionaries are mere executors of His revealed will. The course of development which the Christian Congregation has taken in Brazil clearly constitutes a regional adaptation of sectarian principles as they are interpreted, for example, in the United States. In this country, the small Christian Congregation prefers salaried pastors, trained in seminaries. An American visitor, a pious member of the sect, showed surprise and enthusiasm about the humility of his Brazilian brethren. "Over there, in the U.S.," he remarked, we seminaries, and there is a lot of vanity. You seep it work and this is the reason why the Church goes on.

pagamentos em dinheiro ou bens. Procurei chegar às informações com pessoas que já fizeram parte da denominação no Brasil e atualmente moram nos Estados Unidos (em Miami e em Boston), onde continuam a frequentar e/ou ter contato com filiais da denominação, vinculadas a Sede do Brás. E o modelo utilizado no Brasil, e que intriga a muitos pela sua diferença, é o mesmo praticado na América do Norte nas Igrejas filiadas à Sede do Brás.

O fato é que a dependência total da aprovação da Divindade[199] nas tomadas de decisões e da voluntariedade dos envolvidos nos trabalhos perpassa toda a estrutura sem qualquer tipo de estranhamento ou críticas, sendo que do topo a base esta visão está bem definida e realmente funciona. Mas, os maiores exemplos vêm daqueles que estão em cima e servem de inspiração para àqueles que estão abaixo da hierarquia:

> Todos os assuntos comerciais da seita são tratados por um Conselho de Administradores em separado, mas as decisões em qualquer nível exigem a aprovação dos anciãos, diáconos e cooperadores. Mas antes de tudo, os assuntos a serem decididos 'devem ser apresentados em oração, ao Senhor'. De fato, descobriu-se que, por mais insignificante que uma decisão possa parecer para alguém de fora, ela é tomada somente após uma invocação formal do Espírito Santo. Até a escolha de uma passagem bíblica para ser lida e comentada na Igreja, é feita somente após o ancião ter orado por inspiração. E nenhum ancião assumiria funções pastorais durante um culto sem primeiro procurar confirmação pelo Espírito. (WILLEMS, 1967, p. 142; 143, tradução nossa)[200].

De antemão gostaria de situar os leitores que se pode afirmar que não houve mudanças ao longo dos anos, relacionadas ao tema, tanto por parte dos participantes assistentes, quanto daqueles que são assistidos. Até hoje, se mantêm o respeito e o reconhecimento hierárquico, e também se busca respostas em orações nas tomadas de decisões.

Mudando um pouco a abordagem, quero resgatar uma citação de Davis (1943, p. 82; 83), que o próprio Willems utilizou para afirmar que a unidade dentro dos grupos pentecostais é construída e reforçada pela música e a adoração coletiva ao Sagrado. A citação que nos interessa retrata uma denominação pentecostal que não é a Congregação Cristã no Brasil, entretanto ela mostra muito do que acontece na litúrgica dos cultos da CCB em que a música ganha destaque:

> Fui convidado para assistir ao culto de domingo num Templo Pentecostal de uma cidade do sul do Brasil. A Igreja tem dois mil membros, mas devido a uma forte tempestade, menos da metade estava presente. O grande salão acomodava 1.400 pessoas. O local do coral estava sentado cem pessoas. Uma orquestra de trinta e duas peças – instrumentos de corda, sopro e percussão – encheu a tribuna. A congregação

[199] Utilizo o termo Divindade em maiúsculo, quando estiver vinculado a Deus.

[200] All business affairs of the sect are transacted by a separate Board of Administrators, but decisions on any level require approval of the elders, deacons, and co-operators. But first of all, the matters to be decided upon "must be presented to the Lord in prayer. In fact, it tumed out that no matter how trifling a decision might appear to an outsider, it is only made after a formal invocation of the Holy Spirit. Even the choice of a Biblical passage to be read and commented upon in church, is made only after the presiding elder has prayed for inspiration. And no elder would assume pastoral functions during a service without first seeking confirmation by the Spirit.

> era em grande parte formada por pessoas de menor status econômico e social; um quinto eram negros. Metade deles eram jovens. Algumas mulheres carregavam seus bebês e levavam crianças pequenas. O pastor, um músico treinado, se virou no púlpito para dirigir o coral e a orquestra. Sua liderança qualificada extraiu da orquestra e do coro uma bela expressão e o melhor que eles tinham a oferecer. Fiquei emocionado com a música. Cada artista parecia derramar sua alma sobre seu instrumento. A orquestra vitalizou a congregação e a elevou a um fervor incomum no canto. Havia oração, leitura da Bíblia, canto de hinos e números musicais especiais da orquestra e do coral, que eram apresentados com entusiasmo e entusiasmo. Seguiu-se um período de oração apaixonada liderada por pastor e membros da congregação. A companhia inteira orou juntos, gemendo, ejacular e repetindo as frases do líder. Havia o som de inúmeras vozes, mas tudo era organizado e controlado, e depois de alguns minutos a oração cessou. O pastor chamou um diácono negro para falar. O homem foi ao púlpito e deu um testemunho inteligente e inspirador do poder de Cristo em sua própria vida, que recebeu a atenção mais próxima da congregação. Essas centenas de pessoas desfavorecidas encontraram uma liberação da monotonia de suas vidas nos vários canais de expressão emocional fornecidos pelo serviço. Através da música, o pastor conquistou a devoção de cem de seus jovens – eles se reúnem para praticar quatro noites por semana – e através de instrumentos e canções, eles não apenas se expressam a serviço do Senhor, mas também proporcionam uma atmosfera e uma programa artística através de uma grande companhia de pobres da cidade que é erguida e inspirada.
>
> Não é por acaso que as manifestações da Igreja no Brasil que estão crescendo mais rapidamente são aquelas que reconhecem a herança emocional do povo e estão dando a ele plena oportunidade de expressão. (DAVIS, 1943, p. 82; 83 *apud* WILLEMS, 1967, p. 150, tradução nossa)[201].

Esta citação é oportunamente rica em informações relevantes, como por exemplo, o registro de uma Igreja no Sul do Brasil, cuja população majoritariamente é de imigrantes de origem europeia com 1/5 de seus participantes de negros[202]. Ou ainda, a presença em massa

[201] I was invited to attend the Sunday evening service in the Pentecostal taber nacle of a southern Brazilian city. The church has two thousand members. but on account of a heavy storm less than half were present. The great hall seated 1,400 people. The choir loft seated one hundred. An orchestra of thirty two pieces-string, wind, and percussion instruments-filled the rostrum. The congregation was very largely of people of the lowest economic and social status; one fifth were Negroes. Fully one half were young people. Some women carried their babies and led little children. The pastor, a trained musician, turned around in his pulpit to conduct the choir and orchestra. His skilled leading drew forth from orchestra and choir a fine expression and the best that they had to offer. I was thrilled by the music. Each performer seemed to pour out his soul upon his instrument. The orchestra vitalized the congregation and lifted it to an unusual fervor in singing. There was prayer, Bible reading, hymn singing, and special musical numbers by orchestra and choir which were rendered with flourish and zest. There followed a period of impassioned prayer led by pastor and members from the congregation. The whole company prayed together, groaning, ejaculating, and repeating the sentences of the leader. There was the sound of innumerable voices but all was orderly and controlled, and after a few minutes the praying ceased. The pastor called upon a Negro deacon to speak. The man came to the pulpit and gave an intelligent, inspirational witness to Christ's power in his own life which received the closest attention of the congregation. These hundreds of underprivileged people found a release from the drabness of their lives in the various channels of emotional expression provided by the service. Through music the pastor has won the devoted following of one hundred of his young people – they meet for practice four nights a week – and through instruments and song they not only express themselves in service to the Lord but provide an atmosphere and an artistic program through which a great company of the city's poor are lifted up and inspired.

It is not an accident that those church demonstrations in Brazil which are growing the fastest are these which are recognizing the emotional in heritance of the people and are giving it full opportunity for expression.

[202] Embora os relatos de Davis (1943) na citação apresentada por Willems (1967) não mencionem qual igreja pentecostal Davis estava falando, as chances de ser a Igreja Assembleia de Deus de Curitiba são grandes. Primeiro porque até a década de 1950 só havia duas denominações pentecostais em atividade no país. A Congregação Cristã e a Assembleia de Deus. Segundo, porque em 1943, ano de publicação é também o ano de

de jovens no culto, dividindo espaço com os adultos. Mas gostaria de concentrar a atenção em alguns aspectos relacionados à música ora apresentada. Portanto, logo na sua chegada ao local, o observador se depara com um Coral de 100 pessoas e também 32 músicos que encheram a tribuna. Assim, é possível entender que estes músicos estavam em um local reservado a eles, provavelmente mais elevado que a igreja. Quando ele diz que o pastor músico se vira no púlpito para dirigir o coral e os músicos, é possível interpretar que estes músicos e o coral estavam atrás dele, talvez em um local mais elevado, mas de frente para a igreja. Ademais em outras ocasiões em que visitei a Assembleia de Deus, foi possível ver cenários semelhantes ao aqui narrado.

É nesse ponto que gostaria de chegar, ou seja, a disposição dos músicos e coral na CCB, comparado com uma orquestra sinfônica e outras Igrejas que formam suas orquestras e corais: Na CCB, os músicos ficam sempre na fileira central da igreja, e aos lados, as fileiras de homens e mulheres, sempre opostos. Todos estão no mesmo nível, exceto o indivíduo que preside o culto e as pessoas que estão nas galerias (quando tem). Fora o presidente do culto, todos se posicionam de frente para o Altar. Nos outros casos, os músicos e corais ficam de frente para o público e de costas para o Altar. Na Congregação Cristã, poderíamos pensar em uma apresentação exclusivamente para o Sagrado (Deus) e nos outros casos para o Sagrado e/ou para os homens? Ou ainda, no primeiro caso a prestação é vertical e nos outros ela é prestação em 90° ou horizontal?

Mesmo quando um visitante entra pela primeira vez dentro da Congregação Cristã com o objetivo de participar de um culto, ele vai ter oportunidade de participar como integrante do grande coral da denominação. Isto porque ele ou ela receberá em mãos um exemplar do livro de "Hinos e Súplicas a Deus". Com este será possível acompanhar as vozes, contando com a marcação instrumental da orquestra. Ele ou ela observará que a separação dos instrumentos por categoria segue uma lógica especializada para que o resultado da apresentação seja em alto nível. Da mesma forma ocorre com a separação das vozes entre homens de um lado e mulheres de outro. Para além de objetivos doutrinários, costumeiros e de ordem, eles ajudam na uniformidade e potenciação de ambas as vozes. Neste contexto não há lugar para plateias, e mesmo o ancião que tem responsabilidade de presidir o culto, também deve ser visto como participante, cuja crença é a de apresentar para a Deus.

---

fundação da Congregação Cristã em Curitiba. As primeiras conversões aconteceram em setembro de 1943. Terceiro porque Davis fala em uma igreja de 2.000 membros e um templo que comportava 1.400 pessoas. Neste período a Assembleia de Deus de Curitiba que havia sido fundada pelo imigrante polonês Bruno Skolimoswski em 1928 se encaixa nesta apresentação. Por fim, há um alinhamento com a presença de uma orquestra em uma igreja pentecostal de uma cidade do sul do Brasil. Em 1934 a Assembleia de Deus de Curitiba fundou sua orquestra.

Saindo da música e entrando na parte física da denominação, mais especificamente na parte arquitetônica, nada melhor do que iniciar por São Paulo, o lugar por excelência e que tanto quanto possível deve fazer parte da agenda de pesquisa, àqueles que desejam se debruçar sobre este objeto é conhecer a Igreja do Brás. Embora Emile-G. Léonard tenha sido o pioneiro pesquisador a apresentar ao Brasil e ao mundo a Congregação Cristã, foram William R. Read, Key Yuasa e Emilio Willems que implementaram profunda inserção ao campo no Brás, participando de cultos, entrevistando pessoas, estabelecendo aproximações que se desdobraram em interlocuções.

> [...]. O templo em si é uma estrutura notável. Construídas em concreto armado, suas linhas moderadamente modernas revelam uma concepção estética que contrasta favoravelmente com as estruturas de celeiro que a maioria das congregações protestantes parece preferir. O templo é grande o suficiente para acomodar cinco mil; é equipado com um poderoso órgão elétrico e luz indireta. Às quartas-feiras, nenhum outro templo da cidade tem serviços agendados para que todos os membros da Congregação Cristã tenham oportunidade de adorar *in corpore*. Aparentemente, esses rituais de quarta-feira foram projetados para preservar e reforçar um senso de força e união corporativa. [...]. Quando entramos no templo, todos os assentos já estavam ocupados e, junto com centenas de outras pessoas, tivemos que ficar nos corredores. Depois de um dia inteiro de trabalho, mais de cinco mil encontraram tempo e energia para desafiar a distância e o sistema indescritível de transporte de uma metrópole congestionada para participar de um ato de culto coletivo. (WILLEMS, 1967, p. 151, tradução nossa)[203].

Dentro do templo, Willems observou três elementos da tradição italiana, sendo que dois deles, além da herança ítalo, tem origens no catolicismo rural. Ou seja, separação entre homens e mulheres e o uso do véu. A orquestra complementa a herança:

> A disposição dos assentos é tal que os homens ocuparam a seção direita do templo, enquanto as mulheres ficaram à esquerda. Este e o véu com o qual as mulheres cobriam suas cabeças podem ser concebidos como uma versão rural do catolicismo italiano. Uma orquestra de aproximadamente sessenta músicos, composta principalmente de instrumentos de cordas e instrumentos de sopro, acompanhou os hinos e tocou solos em um estilo marcadamente operístico de proveniência italiana. [...]. (WILLEMS, 1967, p. 151, tradução nossa)[204].

---

[203] The temple is large enough to seat five thousand; it is equipped with a powerful electric organ and indirect light. On Wednesdays no other temple in the city has scheduled services in order that all members of the Christian Congregation may find opportunity to worship in corpore. These Wednesday rituals are apparently designed to pre serve and reinforce a sense of corporate strength and unity. The actual attendance doubtless bespoke the success of this rather ambitious design, especially in view of the particularistic congregational-, ism of most Protestant sects. When we entered the temple, all seats had already been taken, and together with hundreds of other people we had to stand in the aisles. After a full working day, more than five thousand had found time and energy to defy the distance and the unspeakable transportation system of a congested metropolis to attend an act of collective worship.

[204] The seating arrangement is such that the men occupied the right section of the temple while the women kept to the left. This and the veil with which the women covered their heads may conceivably be carry-overs from the rural version of Italian Catholicism. An orchestra Pof approximately sixty musicians, mostly composed of string and woodwind instruments, accompanied the hymns and played solos in a pronouncedly operatic style of Italian provenience.

Antes de continuar dialogando com Willems, gostaria de abrir um espaço para apresentação de um artigo publicado pelo Jornal "Diário da Noite" do dia 03 de outubro de 1966, com a reportagem sobre a cerimônia fúnebre do Ancião João Finotti, que foi um dos pioneiros fundadores da Congregação Cristã. O artigo mostra a relação entre o catolicismo italiano e a visão de um observador externo sobre o contexto religioso.

O artigo com o título "15 mil pessoas no Funeral de um dirigente religioso: mais de 15 mil pessoas foram dar o último adeus, ao 1º Ancião da Congregação Cristã do Brasil" faz uma narrativa intrigante e concisa, de um evento no mínimo atípico, para os nossos parâmetros. O evento evolvendo o funeral reunia, segundo o autor pessoas dentro e fora do templo com a "capacidade para 6000 pessoas sentadas e 2000 de pé." Além deste espaço interno, "todas as áreas laterais, os galpões e o passeio ficaram empilhados de crentes que choravam a morte de seu querido guia espiritual desaparecido aos setenta e três (73) anos de idade". Em seguida o autor vai falar do local do enterro, da família do ancião e segue narrando o início da denominação. É este fato que nos interessa aqui, ou seja, a relação da Congregação com a religiosidade italiana. Nas palavras do autor:

> A Congregação Cristã do Brasil foi fundada em 1910, nesta Capital pelo norte-americano Sr. Luiz Francesconi, natural de Chicago, que juntamente com João Finotti e outros brasileiros organizaram a Igreja, que como nome indica, segue o ramo cristão tendo algumas características em seu ritual da Igreja Apostólica Romana, como por exemplo a oração de joelhos e cobertura das cabeças das mulheres dentro do templo, ou rezando, o dogma da Virgindade da Nossa Senhora Mãe de Jesus Cristo e Santíssima Trindade, mas é considerada uma religião Evangélica, que segue segundo seus dirigentes, os princípios de Moysés, daí o título de 'Ancião', aos seus mais elevados dirigentes. (Jornal Diário da Noite, dia 03 de Outubro de 1966, autor desconhecido).

Retornando a Willems, ele, após participar de um culto, relata um encontro familiar dos adeptos que mostra sua percepção e capacidade de inserção como pesquisador que vai além dos limites comuns. Com esta apresentação Emilio Willems fornece mais subsídios no tocante à ligação com a cultura italiana:

> Após o culto, houve uma breve reunião social no vestíbulo do templo. Numerosos irmãos foram vistos se cumprimentando com o ósculo santo, o 'beijo sagrado' que a seita instituiu como símbolo de harmonia e amor fraterno, de acordo com o modelo bíblico. O ósculo santo, no entanto, não é permitido entre homens e mulheres, nem é permitido a uma mulher ficar sozinha em uma sala com um homem que não é nem seu marido nem parente dela. Mais uma vez, essas restrições podem ser transitadas da zona rural da Itália. Tais reuniões são apenas conversas entre amigos que, de outra forma, não têm muita oportunidade de se ver. [...]. (WILLEMS, 1967, p. 152, tradução nossa)[205].

[205] Following the service, there was a brief social gathering in the vestibule of the temple. Numerous brethren were seen to greet each other with the ósculo santo, the "sacred kiss" which the sect instituted as a symbol of harmony and brotherly love according to the Biblical model. The ósculo santo however is not permissible between men and women, nor is a woman allowed to be alone in a room with a man who is neither her husband

Ainda dentro desta perspectiva, Willems traz uma revelação que me causou surpresa e estranhamento, mas que me forçou a aprofundar o assunto e constatar sua veracidade. Falo da prática de beber vinho entre os adeptos da Congregação Cristã. Mas antes, gostaria de fazer uma ligação com a anterior, portanto a herança italiana. O pesquisador aponta que a prática da denominação está relacionada com a herança do Velho Mundo. De fato, entre as heranças dos países do Velho Mundo que gostaria de destacar e que se somaram a cultura brasileira estão à cerveja dos alemães, o champanhe dos franceses e o vinho dos italianos. Estes últimos, podemos afirmar que a cultura vinícola possui marcas profundas em São Paulo, mas, sobretudo no Sul do Brasil:

> As seitas pentecostais permaneceram inflexíveis, mas há uma diferença notável nesse aspecto entre a Congregação Cristã e todos os outros grupos pentecostais. Muito do que é estritamente proibido e coercivamente aplicado em outros lugares é meramente desaconselhado na Congregação Cristã. O consumo de bebidas alcoólicas, o epítome do comportamento pecaminoso para as Igrejas mais puritanas, contradiz os padrões da Congregação Cristã, somente se for feito imoderadamente. De fato, os comunicantes tomam vinho fermentado, em contraste com o suco de uva preferido pelos grupos mais puritanos. Isso pode ser interpretado como uma concessão à herança da seita do Velho Mundo, mas, ao mesmo tempo, se encaixa em um padrão de comportamento que parece único no universo do protestantismo puritano. (WILLEMS, 1967, p. 152; 153, tradução nossa)[206].

Como disse, esta prática de se consumir vinho entre os adeptos da Congregação Cristã no Brasil, mesmo sendo uma herança da cultura italiana e também um ponto de flexibilidade diante de um segmento religioso com regras tão rígidas, que pode ser visto como atraente a pessoas que queiram aderir ao pentecostalismo. O fato de não haver sentimento de transgressão de regra ao ingerir bebidas alcoólicas, me causou estranheza. Foi por isto que busquei mais informações e encontrando selecionei a que melhor se encaixa no tema:

> Veja bem, a Congregação não proíbe o vinho, assim como não proíbe a ingestão de nenhuma bebida alcoólica, desde que seja feita com moderação. Na Santa Ceia é servido o vinho. Vinho, vinho! Não é suco de uva como é feito os israelitas. É feito com vinho puro. Então não tem essa. Existe um certo pré-conceito: as pessoas novas no caminho, tem aquele medo, alguns chegam até ser fanáticos, mas não se trata disso! Não, não, não. Pode tomar vinho, desde que com limite. Nada de se embebedar. O pecado é se embebedar! Isso sim! Agora, tomar uma taça de vinho, duas, se está dentro do seu limite, dentro daquilo que te deixa sóbrio. Sem problema nenhum. (Sr. Miguel Lysias Spina: entrevista realizada em 24/05/2020).

---

nor a relative of hers. Again, these restrictions may be carry-overs from rural Italy. Such gatherings are merely chats among friends who otherwise do not have much opportunity to see each other.

[206] The Pentecostal sects have remained adamant, but there is a nota ble difference in this respect between the Christian Congregation and all other Pentecostal groups. Much of what is strictly forbidden and coercively enforced elsewhere is merely "advised against" in the Christian Congregation. The consumption of alcoholic beverages, the epitomne of sinful behavior to the more puritanical churches, contradicts the standards of the Christian Congregation only if it is done immoderately. In fact, the communicants take fermented wine, in contrast to the grape juice preferred by the more puritanical groups. This may be interpreted as a concession to the Old World heritage of the sect, but at the same time it fits a pattern of behavior that seems to be unique within the universe of puritanical Protestantism.

Há de se considerar que um dos elementos da eficiente adaptação da proposta de Louis Francescon a seus conterrâneos, sobretudo no Brasil, por sua alta concentração de imigrantes italianos, pode-se acrescentar sua capacidade de adaptar elementos familiares da cultura religiosa italiana, os quais aqueles da primeira geração ainda mantinham muito vivos, reinterpretando um catolicismo tradicional, para um pentecostalismo peculiar. Tudo isto sinaliza que a Congregação Cristã no Brasil, ao mesmo tempo em que possui uma capacidade de se adaptar a novas realidades, também tem mecanismos rígidos que reduzem significativamente algumas modificações e são eficientes nisto.

Para finalizar, gostaria de pontuar que em grande parte do capítulo 1 e agora neste anexo, foram utilizamos autores que podemos afirmar que são os pioneiros e especialistas na abordagem das pesquisas sobre a Congregação Cristã no Brasil. Um fato importante nestes autores é a origem estrangeira e também um despertar externo em conhecer uma denominação que embora tenha sido plantada por um italiano, para um público inicial de imigrantes oriundos da Itália, ela é também brasileira desde sua formação. Exceto o Dr. Key Yuasa, que é filho de imigrantes japoneses e que após a conclusão de seu doutoramento na Universidade de Genebra, na Suíça retornou para o Brasil, residindo atualmente (2021) em Curitiba, no Paraná, Émile G. Léonard, William R. Read e Emilio Willems, deixaram o Brasil e retornaram para o exterior. Outro fato relevante – conforme capítulo 2 – trata-se das pesquisas desenvolvidas por brasileiros, e um estrangeiro vinculado a um Programa de Pós-Graduação nacional. As dissertações apresentadas e uma única tese forneceram dados importantes e relevantes contribuições para nossa pesquisa aqui desenvolvida e também para a compreensão do que é este segmento religioso de difícil inserção e compreensão, portanto desafiador para qualquer pesquisador. A partir deles foi formada uma base para seguir em frente por meio desta pesquisa.

Cabe ressaltar que existe uma carência de pesquisas sobre a Congregação Cristã no Brasil que não pode ser negligenciada, em decorrência de uma série de fatores apresentados nesta tese de doutorado, e outras dificuldades que não foram contempladas nesta pesquisa, seja porque não foram observadas pelo(s) pesquisador(es), ou porque mesmo observadas, não vieram para o texto. Assim, esta pesquisa busca dar sua contribuição em relação a este cenário, com a expectativa de servir de referência e motivação para novos pesquisadores e novas pesquisas sobre a CCB. Portanto, se esta tese, "Congregação Cristã no Brasil: análise antropológica da primeira denominação pentecostal brasileira", defendida em 05 de abril de 2021 é a primeira tese de doutorado, resultado do esforço de um pesquisador brasileiro nato,

vinculado a uma Instituição de Ensino Superior e a um Programa de Pós-Graduação nacional, espera-se que este trabalho e obra possam abrir novas frentes de pesquisa sobre este segmento religioso “pouco pesquisado, pouco conhecido”.

ANEXO II – PENTECOSTALISMO(S) NO BRASIL

A fundação e desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil vem contando com um número significativo de capítulos dos mais variados tipos, atendendo praticamente a todos os gostos. Podemos afirmar que o pentecostalismo presente no país conseguiu, ou tem condições de alcançar pessoas de todas as camadas sociais e já não é mais uma religiosidade das camadas pobres da população e nem mesmo uma religião de pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade. Com o passar dos anos, Igrejas pentecostais foram alcançando pessoas com refinada formação, ou dando para seus adeptos os meios necessários para perseguirem suas próprias formações. Ao mesmo tempo encontram-se Igrejas pentecostais que também reconhecem a legitimidade da liderança religiosa de pessoas com baixa formação, propiciadas pelo reconhecimento do carisma pessoal. Também é possível ver em algumas Igrejas pentecostais um médico e um servente de pedreiro lado a lado atuando como diáconos no mesmo serviço eclesiástico. Ou um ancião analfabeto, à frente do grupo e pregando mensagem com autoridade e reconhecimento coletivo.

No caso da Igreja pentecostal Congregação Cristã, ela se destaca por atender um público presente nas mais variadas camadas econômicas. Esta variedade, no entanto, é quase imperceptível dentro da Igreja. O que se evidencia quando se observa os fiéis é uma homogeneidade e padronização. Homogeneidade e padronização que vem sendo construída ao longo de sua história. História esta que se desenvolve junto com a própria história da sociedade brasileira. Essa história, seu crescimento numérico e sua estruturação como igreja cristã possuem pontos que podem ser pensados, e este é o esforço a ser realizado neste capítulo.

Vimos no capítulo 1 parte da trajetória de Francescon e como ela foi se construindo ao longo dos anos. Vimos que sua chegada ao Brasil marcou um período de transformação na história das Igrejas cristãs com a implantação do pentecostalismo. Também foi descrito nele como Francescon foi o pioneiro deste segmento religioso no país e como ele dedicou boa parte de seus dias para estruturar a Congregação Cristã no Brasil. Além disso, foi mencionado que essa denominação começou em 1910 como uma Igreja étnica italiana, mas que, com o passar dos anos foi se adaptando a realidade da população brasileira. Como já sinalizado, a forma como ocorreram as mudanças nos hinários torna possível perceber que esta transformação foi gradual.

Não restam dúvidas que a CCB, há muito tempo já não é uma Igreja pentecostal italiana. Quando Léonard, Read e Willems pesquisaram a denominação na década de 1950 e

1960 eles já encontraram um grupo religioso composto por pessoas de outros países e de várias partes do Brasil. São Paulo, onde a CCB começou de fato a se estruturar, era uma grande metrópole em expansão, precisando de mão de obra para seu desenvolvimento. Era vista, ao lado do Rio de Janeiro, como uma cidade promissora. Tornou-se destino de milhares de migrantes de outros estados, sobretudo oriundos da região nordeste do Brasil. Certamente, estes grupos de pessoas que chegavam à capital paulista, assim como os imigrantes italianos do início da Igreja, sentiam o impacto de estar em uma terra distante e desconhecida, fragilizados pelas incertezas da nova perspectiva que representava aquela cidade. Muitos desses imigrantes encontraram na religião e no grupo religioso o apoio, a proteção física e emocional para trazer um pouco de segurança àqueles que acabavam de chegar ou que estavam em processo de adaptação.

Antonio Gouvêa de Mendonça e Prócoro Velasques Filho (1990) apontam para esta mudança de perfil de adeptos na Congregação Cristã no Brasil, estando alinhada com as transformações no país e que coincide com as mudanças nos hinários de italiano para língua portuguesa. De acordo com os autores:

> Inicialmente Igreja de imigrantes italianos e crescendo pouco nas primeiras décadas, 'explodiu' na década de 1950, quando os nordestinos passaram a ocupar o lugar dos italianos no Brás. Ainda se vêem muitos nomes italianos em sua liderança, mas a grande massa já não é mais de italianos e seus descendentes. (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 49).

Além deste processo migratório do nordeste do Brasil, outro fato intimamente relacionado com a mudança no perfil do grupo, e que também pode ter contribuído em grande medida para o abrasileiramento da denominação está em uma mudança na diretoria da Igreja em 1942, como exigência do governo brasileiro. Possivelmente trata-se de uma resposta à entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra Mundial.

Em 08 de fevereiro de 1942, se reuniram em Assembleia Extraordinária 715 membros influentes da liderança da Congregação Cristã, na antiga Igreja do Brás, situada à Rua Uruguaiana, nº 163. Neste dia, coube ao Ancião Miguel Spina comunicar que a urgência da Reunião era a reforma da Diretoria da Congregação Cristã:

> Assim, exigindo nossa Lei, que o Presidente e o Secretário sejam brasileiros natos e havendo renunciado o Irmão José Balthazar Affonso, Presidente e Antonio Marques, Vice-secretário e os Irmãos Antonio Brunazzo, Antonio D'Angelo, Anacleto Grenza, membros do Conselho Fiscal, são então propostas, sob a direção do Senhor, as seguintes indicações: para Presidente, Antonio Marques, para Vice-secretário José Balthazar Affonso e para membros do conselho fiscal os Irmãos: Paschoalino Daniel, Caetano D'Angelo, Luciano Carbone (Ata publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo em Sexta-feira em 06/03/1942).

Aqui, foi possível perceber que as mudanças mais relevantes foram as trocas de posições entre José Balthazar Affonso e Antônio Marques, ou entre os cargos de Presidente e Vice-secretário, ou ainda de um estrangeiro para um brasileiro. Neste quadro a nova diretoria ficou na seguinte composição:

> Essa proposta foi unanimemente e aprovada por aclamação, sendo assim eleita a seguinte diretoria: Presidente – Antonio Marques, brasileiro nato; Secretario: Reynaldo Ribeiro brasileiro nato; Vice-secretário: José Balthazar Affonso português; Tesoureiro: Antonio Cardoso Gouvêa, português; Conselho Fiscal: Paschoalino Daniel, brasileiro nato; Caetano D'Angelo, brasileiro nato; Luciano Carbone, brasileiro nato. (Ata publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo em Sexta-feira em 06/03/1942).

Outra mudança foi a entrada de brasileiros no Conselho Fiscal, embora os sobrenomes indiquem que possivelmente sejam filhos de imigrantes italianos, nascidos no Brasil. Cabe dizer que, com a entrada do Brasil na Guerra, a Itália passou a ser inimigo direto do país, e o governo de Getúlio Vargas não subestimou o assunto. Neste contexto, os séquitos da Congregação Cristã sempre adotaram uma postura bem definida quanto à atenção às exigências legais.

A CCB foi fundada em sua maioria por imigrantes italianos adultos que saíram daquele país mediterrâneo e que, como grupo étnico, carregavam uma forte identidade italiana e buscavam construir referenciais de identificação relacionados ao seu país de origem. Agora, contudo, enfrentam demandas por mudanças. Dentre as causas estavam, como já colocado, a chegada de migrantes nordestinos na década de 1950 que aderiram à Igreja e as exigências do governo brasileiro. Mas havia também a presença cada vez mais ativa dos filhos desses imigrantes, uma segunda geração que veio muito pequena, ou que já era nascida no Brasil. Em virtude disto, os pioneiros italianos em terras brasileiras, para garantir um ambiente mais integrado, passaram a dividir espaço com imigrantes italianos que saíram ainda crianças e com menor necessidade de manter seus referenciais étnicos. Mais relevante ainda, na década de 1950 já havia filhos de imigrantes em idade adulta, atuando na Congregação Cristã, e que nasceram no Brasil. Estes são filhos de italianos, mas são também brasileiros natos, o que contribui para o enfraquecimento da presença italiana e a vinculação e identificação da CCB com essa sua origem étnica.

O presente capítulo também pretende situar a Congregação Cristã no Brasil dentro do cenário nacional, assim como mostrar que embora a denominação dê demonstrações claras de transformação, ela também possui elementos que pouco se modificaram ao longo dos mais de um século de fundação. Neste sentido, irá tratar também de particularidades da denominação que a difere da grande maioria das Igrejas pentecostais brasileiras. Uma dessas

particularidades é a de que, se para muitas Igrejas pentecostais um bom culto pentecostal é aquele que não se sabe o que vai acontecer, ou que horas vai terminar, na CCB ocorre o oposto. A CCB é uma igreja pentecostal onde o curso dos cultos segue uma lógica bem definida com sinais de um tipo específico de racionalidade que, dentre outras coisas, é possível prever as etapas seguidas e como elas vão ser finalizadas.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL DENTRO DO CENÁRIO NACIONAL

A Congregação Cristã no Brasil (CCB), quando comparada em seu crescimento com a população brasileira, ou mesmo com os evangélicos no Brasil, parece ser pouco expressiva diante das mais de duas centenas de milhões de brasileiros, ou dos muitos milhões da soma de protestantes e pentecostais de todas as "ondas". A CCB neste macro cenário é quase uma agulha no palheiro.

Neste capítulo apresento seis gráficos com objetivos panorâmicos que se apoiam em dados apresentados por outros pesquisadores, cujo objetivo maior é situar a Congregação Cristã no Brasil dentro do cenário brasileiro e religioso evangélico. O quadro 1 é subsidiado pelos dados do crescimento populacional e de evangélicos no Brasil 1940-2000 apresentados por Leonildo Silveira Campos (2008, p. 14, 22; 2011, p. 512) que se somam aos dados disponibilizados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000-2010[207] que também tratam dos mesmos temas. Quanto às informações sobre o crescimento de adeptos da Congregação Cristã no Brasil entre os anos de 1910 e 1965 elas se baseiam nos dados anteriormente apresentados por William Read (1965, p. 29; 1969, p. 337). Os dados de Read embora sejam valores aproximados, servem de marco inicial. Somam-se aos de Cesar Romero Jacob (2013, p. 15) e novamente pelo site do IBGE[208] que trazem dados mais sólidos.

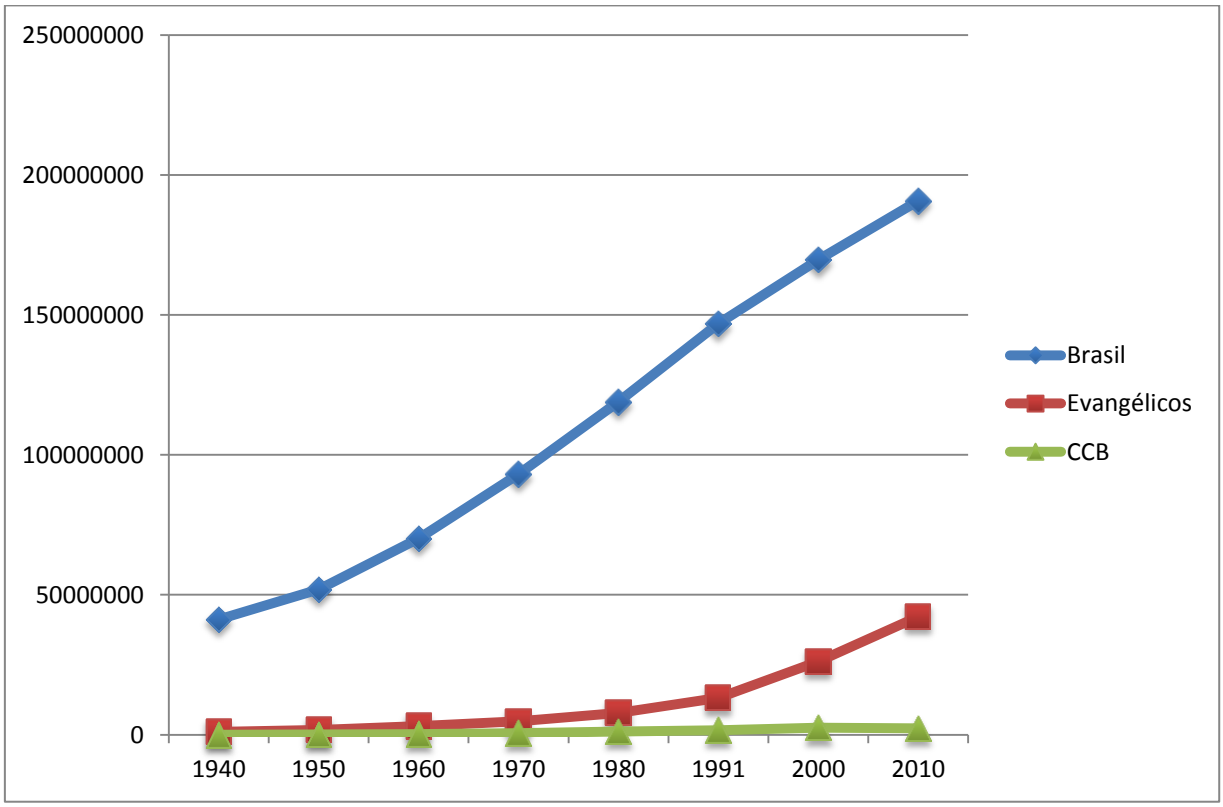
Resumidamente, com base nas informações apresentadas no parágrafo anterior, é possível dizer que em 1940 a população brasileira era de aproximadamente 41 milhões (CAMPOS, 2008, p. 22); em 1970 os brasileiros somavam-se 93 milhões (CAMPOS, 2008, p. 22); e em 2010, segundo Censo o total era de mais de 190 milhões[209]. Neste mesmo período o número de evangélicos era de aproximadamente um milhão de evangélicos em 1940 (CAMPOS, 2008, p. 22); quase 5 milhões em 1970 (CAMPOS, 2008, p. 22); e mais de 42

[207] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137. Acesso em: 27 jan. 2021.
[208] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.
[209] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137. Acesso em: 27 jan. 2021.

milhões de acordo com o Censo de 2010[210]. Finalizando estas informações, o número de adeptos da Congregação Cristã em 1940 era de 50.223 adeptos (READ, 1965, p. 29); em 1970 os fiéis estavam próximo de 280.000 (READ, 1965, p. 29); e em 2010 o número de membros da Congregação Cristã no Brasil totalizou 2.289.634 de acordo com os dados censitários[211].

Dito isto, seguem-se os gráficos que servem como um retrato do cenário brasileiro e dentro dele a presença dos evangélicos em nível geral e a Congregação em específico. Assim é possível verificar a distância, o comportamento numérico de cada um destes referenciais – o nacional, o evangélico geral e CCB como denominação pentecostal clássica.

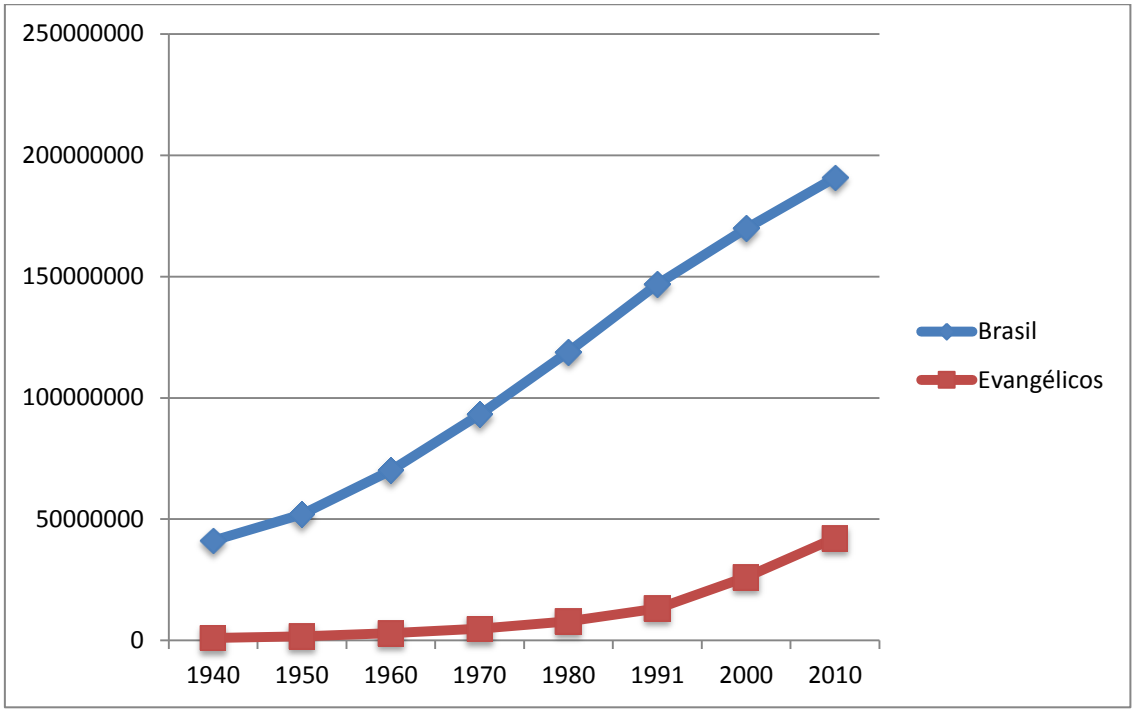
Gráfico 3 – Gráfico populacional brasileiro de Evangélicos de todas as linhas e da Congregação Cristã no Brasil.



Fontes: READ, 1965; CAMPOS, 2008; JACOB, 2013; IBGE[212].

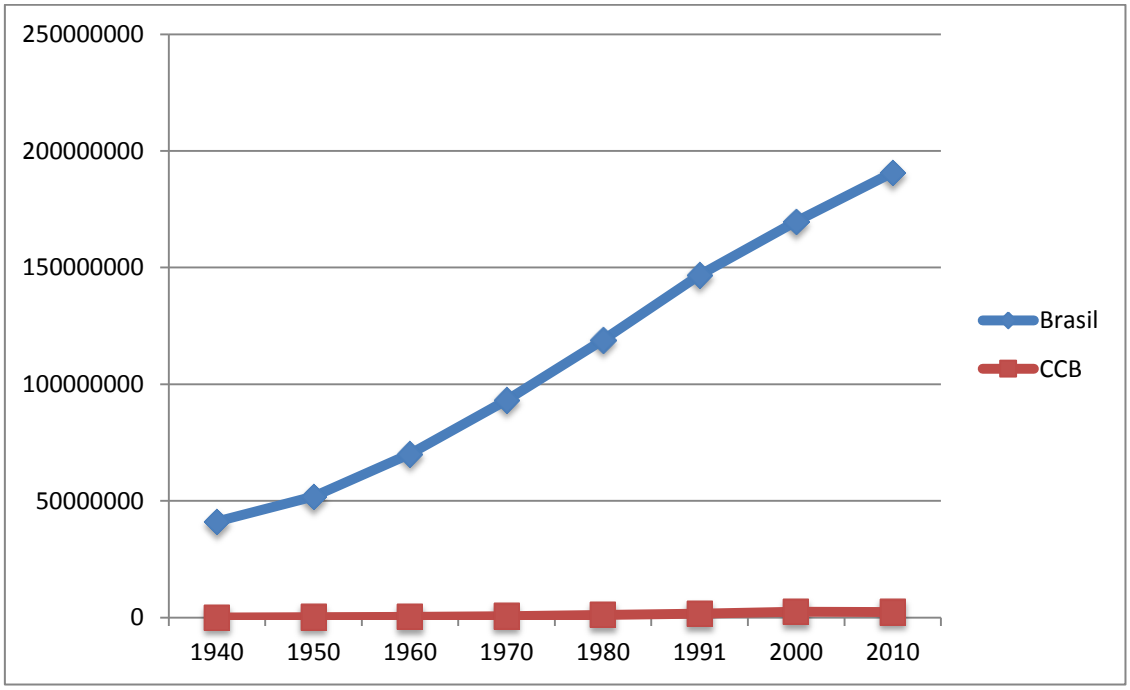
[210] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.
[211] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.
[212] Os gráficos 1, 2, 3, 4 e 5 foram elaborados para esta tese da seguinte forma: utilizou-se como ponto de partida gráfico apresentado por Leonildo Silveira Campos (2008, p 22), Cesar Romero Jacob (2013, p. 15) e foram incorporados dados fornecidos por William Read (1965, p 29) e pelos Censos 2000 e 2010 (vide as cinco últimas notas de rodapé).

Gráfico 4 – Gráfico de Crescimento no Brasil populacional e de Evangélicos de todas as linhas



Fontes: READ, 1965; CAMPOS, 2008; JACOB, 2013; IBGE[213].

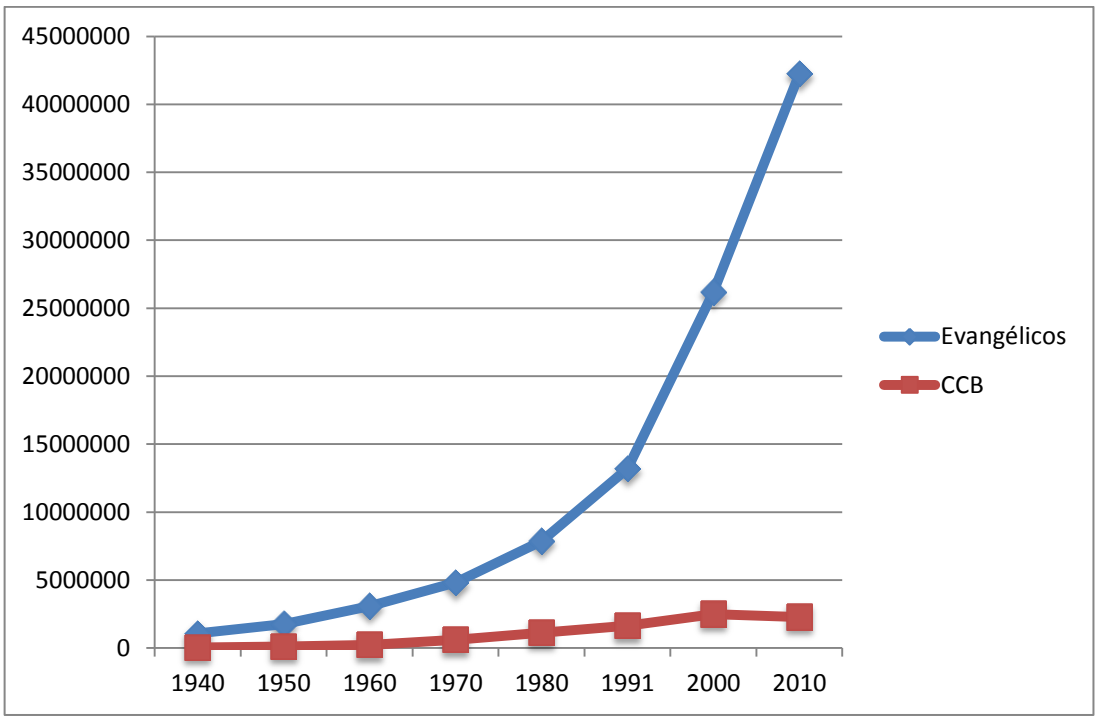
Gráfico 5 – Gráfico populacional no Brasil e da Congregação Cristã no Brasil.



Fontes: READ, 1965; CAMPOS, 2008; JACOB, 2013; IBGE[214].

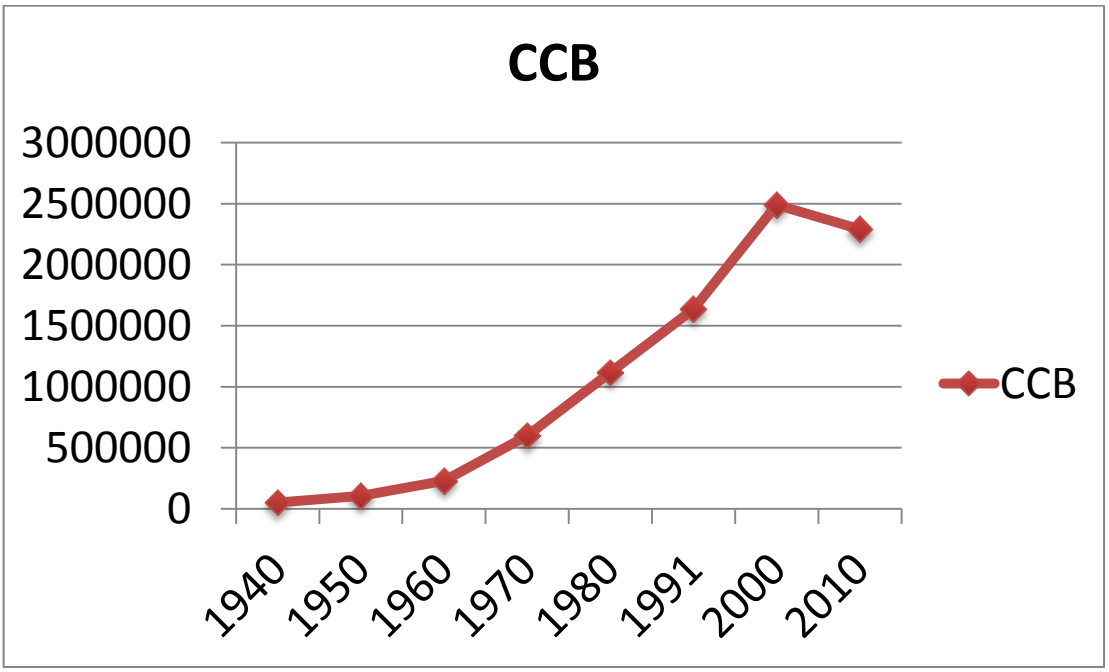
[213] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.
[214] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.

Gráfico 6 – Gráfico da população no Brasil de Evangélicos de todas as linhas e da Congregação Cristã no Brasil.



Fontes: READ, 1965; CAMPOS, 2008; JACOB, 2013; IBGE[215].

Gráfico 7 – Gráfico populacional da Congregação Cristã no Brasil (evolução).



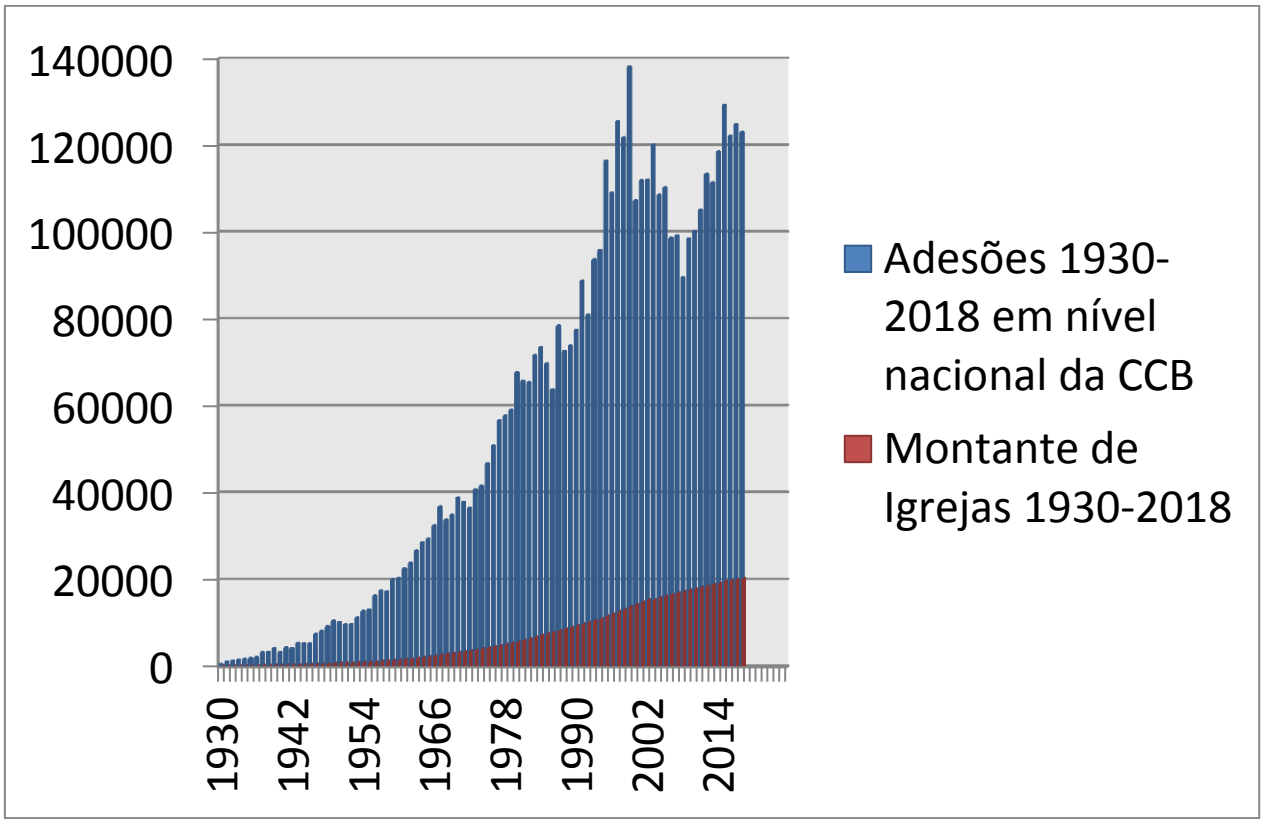
Fontes: READ, 1965; CAMPOS, 2008; JACOB, 2013; IBGE[216].

[215] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.
[216] Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado. Acesso em: 27 jan. 2021.

Antes de passar adiante, gostaria de agregar maiores informações para que ocorra um conhecimento mais sólido sobre a instituição alvo dessa pesquisa, a Congregação Cristã no Brasil. Também busco reduzir quaisquer possibilidades de crença em uma possível queda vertiginosa no número de fiéis neste segmento religioso. Busco reforçar a ideia de que esta não é uma denominação pentecostal efêmera, de pouca duração. A análise que fiz de diferentes dados – e que são coerentes com minha pesquisa de campo – apontam para certa solidez na CCB que permite que ela se mantenha ao longo das décadas. Para isso, o gráfico a seguir traz dados desde 1930 até sua última atualização em 2018 conforme Relatório nº 83 da Congregação Cristã no Brasil. Esses dados contam também com a conferência dos dados de 1930, 1934, 1935 conforme Key Yuasa (2001, p. 197); com os de 1936-1948 conforme Émile-G. Léonard (1951; 1952, p. 436) e com o Relatório nº 74 Edição 2010/2011 da Congregação Cristã no Brasil. Dentro deste quadro, quero adiantar que existe uma divergência entre o relatório número 74 em comparação do relatório 83 em relação apenas ao número de novas igrejas. No relatório nº 83, os valores de 2002 são repetidos novamente no ano de 2003.

Os dados apresentados e informações coletadas mostram um crescimento contínuo até o ano de 2000. Cabe ressaltar que no Brasil os dados censitários sobre religião mostram que em 2000, o número de adeptos da CCB foi de 2.489.113. Já em 2010 o número de membros da CCB era de 2.289.634. Ainda é cedo para dizer se esta queda é uma tendência, um caso isolado, ou se vem ocorrendo um aumento no número de fiéis. O próximo Censo no Brasil – sem previsão de ser realizado, ou pelo menos da forma esperada – poderá ajudar esta compreensão. O uso e cruzamento desses diferentes tipos de dados citados acima é um esforço de se adiantar (mais precisamente, buscar antever uma possível tendência) em relação à adesão de fiéis à Congregação Cristã. Este esforço se justifica pelo fato de que a pesquisa que venho desenvolvendo – no que incluiu a identificação do surgimento de novas Casas de Oração em diferentes lugares do território nacional – sugere um movimento diferente daquele apontado entre os Censos IBGE de 2000 e 2010.

Gráfico 8 – Gráfico populacional da Congregação Cristã no Brasil (Adesões e Igrejas)



Fonte: Aplicativo eletrônico da CCB[217].

REFLEXÃO SOBRE OS DADOS E PROBLEMATIZAÇÃO DO CONTEXTO

Destaco no gráfico 6 as seguintes informações: Em 1930 o número de novos adeptos na CCB foi de 479 pessoas batizadas durante aquele ano. Além disto, para atender as pessoas do grupo, a denominação contava com 45 igrejas. Outra informação relevante, ainda relacionada com o número de conversões e batismos, mostra um crescimento contínuo ao longo dos anos. Mas, de acordo com as informações presentes nos relatórios anuais da própria denominação, cujos dados vão de 1930 a 2018, os primeiros anos foram de crescimento acentuado, mais que dobrando o número de seguidores batizados a cada ano. De acordo com esses relatórios, em 1931 o número de pessoas batizadas foi de 1.060 pessoas. Mesmo quando o crescimento foi em termos percentuais menor, com desaceleração, como ocorreu em 1940, foram batizadas 3.218 pessoas. Número inferior ao ano anterior (1939), quando o número de

[217] Este gráfico foi elaborado com base no aplicativo da CCB: Relatório digital >>>Estatísticas >>> Progresso da Obra de Deus. O aplicativo pode ser baixado no Play Store (CCB – Relatório digital – Social).

batizados foi de 4.065. Este número foi superado no ano seguinte, em 1941, que encerrou com 4.312 novos adeptos. Outro relevante destaque é o ano de 1999, quando o número de batismos alcançou a 138.050 pessoas em um único ano. Este montante não foi superado até 2018, quando foram agregados mais 122.974 novos seguidores, segundo o último relatório.

O ano de 1999, do ponto de vista histórico, traz em si um elemento que precisa fazer parte da pauta. Esse ano marcou a mudança não só de século, mas também de fim de milênio. Em termos globais ocorreram muitas especulações, incertezas e teorias, inclusive escatológicas. Em alguns meios cristãos havia a preocupação com uma possível volta de Jesus, o fim do mundo. Como 1999 foi o ano em que mais ocorreram conversões à CCB, isto leva à hipótese de que essa possa ser uma das causas daquele ter sido um ano de avanço sem precedentes em novas adesões. O fato é que a própria dinâmica da Igreja enfatiza muito mais a vida voltada para o que está por vir, ou seja, a vida eterna ao lado de Deus, do que na vida aqui e agora. Essa dinâmica, me parece, está em sintonia com o clima de incertezas que a mudança do milênio provocava em vários contextos sociais. Eu me lembro de uma frase aterrorizante e muito propagada no meio pentecostal, repetidas vezes: "Mil chegará, mais dois mil não passará".

Neste contexto, em se tratando de uma Igreja cuja visão de mundo é formada para se pensar a vida dentro de uma dimensão voltada para o além, e o fato de ser um grupo onde os novos adeptos entram pelas redes sociais formadas por amigos íntimos e parentes, ganha novos contornos. Há pressa de se alcançar o maior número de salvos diante da possível finalização deste mundo. Porém se de um lado houve motivações que levaram a busca potente pelos conhecidos ora perdidos, na outra ponta estavam pessoas abertas à entrada na própria religião.

Outra pontuação trata dos dados em relação ao número de igrejas da Congregação Cristã em solo brasileiro. Em 1930 a denominação já contava com 45 igrejas. O número saltou para 20.283 igrejas em 2018. O número de "casas de oração" jamais decresceu de um ano para outro, como pode ser observado na parte baixa do gráfico 6, se comparado com à parte alta do mesmo, que traz o número de adesões. Um ponto especial em relação ao número de igrejas é o ano de 1954. Entre as 44 novas igrejas daquele ano, está a Igreja Sede, no Brás, em São Paulo, que na época, com capacidade para 4.000 pessoas, estava sendo inaugurada. Outro ponto que não pode ficar sem menção é a evolução no número de novas igrejas nas últimas décadas. Entre 1998 e 1999 a denominação contou com a abertura de 659 igrejas em um único ano. No ano seguinte, em 2000, os valores de aberturas de novos templos continuam expressivos, tendo sido agregadas mais 512 novas igrejas em comparação com 1999. Duas

observações: a primeira é que o número de 659 novas igrejas ao longo de um ano, ainda não foi superado. E os anos em que houve mais acréscimo foram aqueles que antecederam a entrada do terceiro milênio.